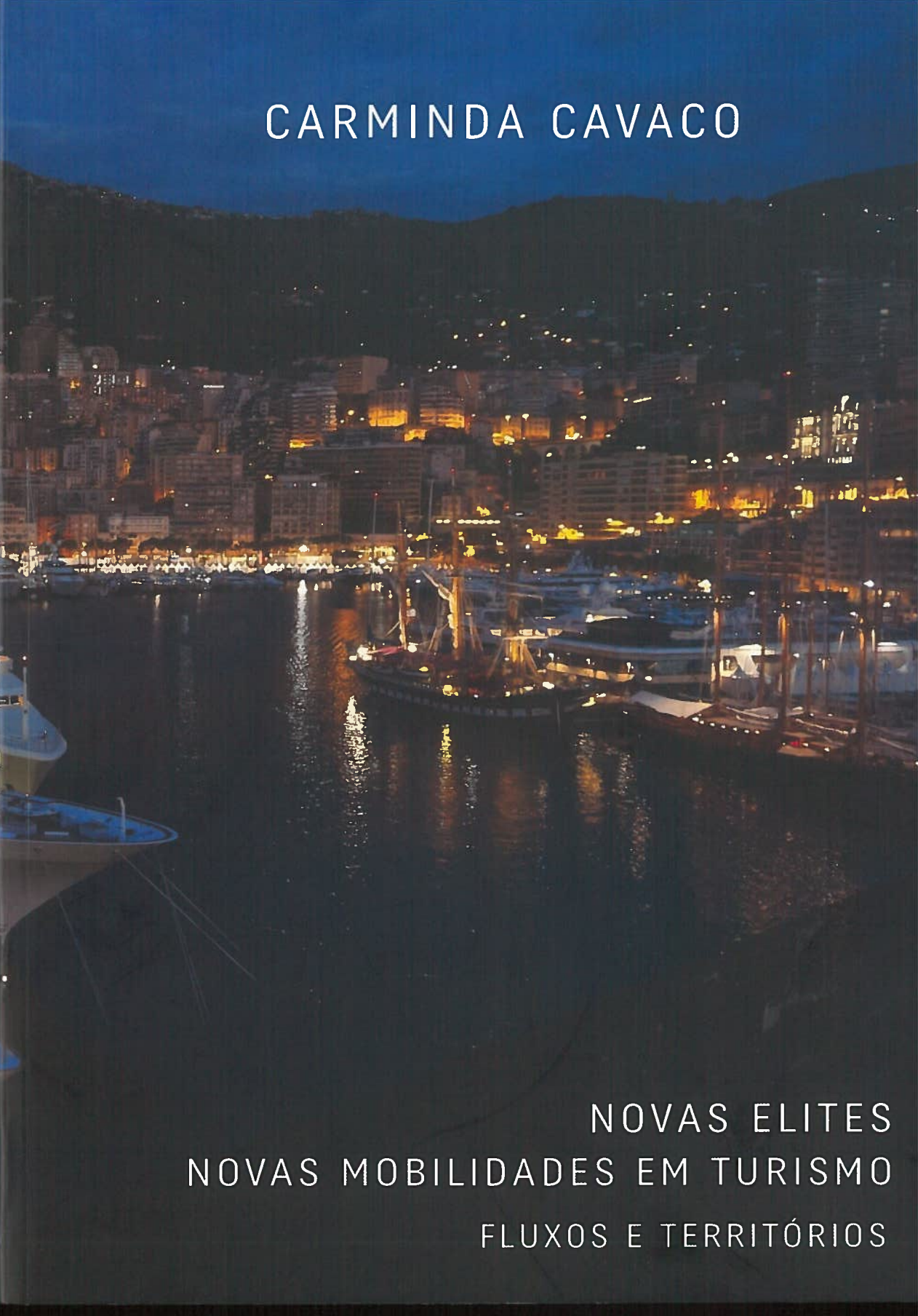
CARMINDA CAVACO



NOVAS ELITES
NOVAS MOBILIDADES EM TURISMO

FLUXOS E TERRITÓRIOS

Novas elites, novas mobilidades em turismo

Fluxos e territórios

Carminda Cavaco

Novas elites, novas mobilidades em turismo

Fluxos e territórios

CEG
Centro de Estudos Geográficos

Ficha técnica

Título
Novas elites, novas mobilidades em turismo

Autor
Carminda Cavaco

Capa
Maria João Raimundo

Edição
CEG – Centro de Estudos Geográficos

Paginação
EuropressLab

Impressão e Acabamento
Europress - Indústria Gráfica, Lda.

Tiragem
250 exemplares

Dezembro de 2016

Depósito Legal
418889/16

ISBN
978-972-636-259-3

Carminda Cavaco escreve de acordo com a antiga ortografia

Índice

Introdução 9

Parte I: Novos turismos, novos e velhos lugares de turismo 15
1. Diversificação e multiplicação de nichos 15
2. Discrição entre as velhas elites ocidentais 21
3. As elites endinheiradas em Portugal: lugares de lazer e férias 30
4. Abandono das elites e «popularização» de velhos destinos 40
   4.1. Climatismo invernal na base dos Pirenéus: Pau 40
   4.2. Vilegiatura estival à beira-mar: saúde e turismo na velha Trouville 45
   4.3. Ao encontro da doçura dos invernos mediterrâneos, em Hyères 50
5. Quando a guerra afasta as elites e compromete os destinos: o caso do Líbano 60

Parte II – Novos-ricos, novas elites, novos valores 75
1. Milionários e bilionários do séc. XXI 75
2. Árabes, russos, chineses e indianos: os novos-ricos do Mundo 82
   2.1. Milionários árabes 82
   2.2. Milionários «russos» 88
   2.3. Milionários na China 93
   2.4. Milionários na Índia 103
3. Exuberâncias dos muito ricos 114
   3.1. Passado e presente 114
   3.2. Consumos ostentatórios 119
   3.3. Desportos elitistas 123
   3.4. Grandes festas milionárias 127
4. Apropriação de bens de distinção social 130
   4.1. Residências senhoriais, residências com história, como as das velhas elites 130
   4.2. Dos automóveis de luxo aos aviões particulares 135
   4.3. Iates como grandes mansões, isoladas e móveis 138

4.4. Ilhas privadas 144
5. **Presenças nos *resorts* insulares exclusivos** 154

Parte III: A Europa Ocidental e a atracção dos novos-milionários 169
1. **Investimentos vultosos, entre prestígio e negócio** 169
1.1. Atracção de Londres 169
1.2. Atracção do «Hexágono» 175
2. **Aquisições de «turismo residencial»** 179
2.1. Novos «mundos» árabes 180
2.2. Novos «mundos» russos 184
2.3. Turismo «residencial» de chineses 189
3. **Novos afluxos de turismo milionário** 192
3.1. Turistas árabes 194
3.2. Turistas chineses 199
3.3. Turistas indianos 202
4. **O regresso dos turistas milionários russos** 205
4.1. A tradição da vilegiatura 205
4.2. Nova «explosão» do turismo russo 210
4.3. A França e a Itália, de novo como destinos de eleição 216
5. **A descoberta e a forte atracção dos turistas russos pela Espanha Mediterrânea** 222
5.1. Turistas russos em Espanha 222
5.2. Dois destinos de relevo no turismo residencial: Lloret del Mar e Marbelha 228
5.3. Destinos que se banalizam: Málaga, Torremolinos, Benidorm 232
5.4. Destinos de elite: Marbelha e Port Banús 236
5.5. Um «brilho» que se esbate? 241
6. ***Resorts* costeiros de Itália muito atractivos para os novos turistas russos** 243
6.1. Rimini e a Riviera Romagnola 245
6.2. Forte dei Marmi, no litoral da Toscânia, entre os mares da Ligúria e Tirreno 249
6.3. Porto Cervo e Porto Rotondo, na Costa Esmeralda 256

Parte IV: As velhas elites e os novos-milionários russos: eleição dos mesmos lugares de férias de grande prestígio histórico 267
1. **Retorno às nascentes termais** 267

1.1. A Boémia como destino: Carlsbad e Marienbad 268
1.2. Estâncias do vale do Reno 274
1.3. Estâncias da Toscânia 281
2. Biarritz, velho destino de turismo russo timidamente redescoberto 284
2.1. O despertar do turismo balnear 285
2.2. Napoleão III, a Imperatriz Eugénia e o lançamento de Biarritz como «estância de reis» 287
2.3. Principais colónias visitantes: espanhóis, ingleses e russos 291
2.4. Criação de uma paisagem urbana-turística 294
2.5. O regresso dos turistas russos 297
3. Reencontros com os Alpes 299
3.1. Lagos e altos cimos: da vilegiatura ao alpinismo e ao esqui 299
3.2. Estâncias alpinas de cura da tuberculose. Davos e os doentes russos 307
3.3. Saint Moritz, das termas ao esqui 315
3.4. O esqui e a forte valorização dos cimos alpinos 318
3.5. Velha familiaridade dos russos com o mundo alpino, através da Suíça 322
3.6. Novos turistas russos nos destinos de esqui dos Alpes 325
4. A Côte d´Azur, destino de eleição das elites russas, hoje como ontem 331
4.1. Presença turística com história aristocrática 331
4.2. Tudo começou em Nice 335
4.3. O desenvolvimento de Cannes: primeiro as elites inglesas, depois também as russas 341
4.4. Menton, principal destino de climatismo de saúde 344
4.5. Além da fronteira, San Remo, na Riviera dei Fiori 347
4.6. A grande viragem: da vilegiatura invernal aos prazeres estivais do mar e da praia 351
4.7. Exclusividades do Cabo de Antibes, Saint-Jean-Cap-Ferrat e Cap Martin-Roquebrune 355
4.8. Por último, a mítica Saint-Tropez 363
4.9. Turismo residencial e da «Terceira Idade» 365
4.10. Os novos afluxos russos: turistas e turismo residencial 370

Remate: Velhas e novas elites turísticas, as mesmas segregações territoriais! 383

Referências bibliográficas 403

Introdução

As elites do passado inventaram práticas de lazer e turismo, diferenciadas mas no essencial ainda dominantes, e criaram novos lugares. Stéphane Lecler (2008) ao traçar uma história do turismo, acentua a sua evolução de um luxo de ricos a um lazer de massas, admitindo que os ricos de hoje se misturam nas massas nos seus tempos de lazer e nas suas práticas de turismo, democratizando os respectivos territórios. Desde os finais do século XVII e a partir da Inglaterra, houve difusão do turismo cultural, turismo termal, turismo de descoberta, do mar e da montanha, frequentação invernal dos litorais, de clima mais ameno que o das terras do interior (países do norte e orientais), e ar menos poluído que o das cidades (smog nas industriais; aquecimento e cozinha na base do carvão e da lenha), sobretudo nas situações de debilidades físicas, mais ainda nos casos de tuberculose, movimentos e estadas sazonais algo prolongadas que valorizaram os litorais e a alta montanha, privilegiando os mais acessíveis, seja por mar ou através da difusão do caminho-de-ferro (duração, segurança e comodidade das viagens por terra). Lugares como Bath face a Londres, Vichy em França, Baden na Alemanha, Montecatini em Itália ou Marienbad na Europa Central, beneficiados pelas suas águas termais; igualmente Blackpool na zona de Manchester, Brighton, Trouville e Deauville no canal da Mancha, Ostende no Mar do Norte, Biarritz na costa basca, San Sebastian e Santander no norte da Espanha, também a Côte d'Azur, a Riviera lígure e mais além Opatja e Corfu, no Adriático e no Egeu, e por último o sudeste da Crimeia e Sochi, ambas nas costas do Mar Negro, sem esquecer as ilhas da Madeira e Canárias, em particular Tenerife, em todos os casos de invernos amenos, por comparação com os de origem dos afluxos. Encontros das aristocracias europeia e russa e da grande burguesia ocidental, sobretudo britânica (revolução agrícola, industrial e financeira; império e comércio mundiais); modos de vida repousantes, regulados pelos tratamentos, mas também recepções mundanas entre pessoas do mesmo «mundo», em villas luxuosas por entre parques arborizados, nos Palaces e Grandes hotéis, nos teatros e casinos, nos espaços desportivos (campos de ténis, pólo, críquete, golfe, futebol, caça); quotidianos animados por eventos regulares, como concursos de vela, corridas de automóveis, desportos sobre os lagos gelados e mais tarde nas pistas de esqui da alta montanha, corsos de carnaval, e mesmo participação em festas religiosas...

Desde os anos 1930s, turismo também das classes trabalhadoras com acesso a férias e turismo social, na base de novos modos de alojamento (camping, colónias de férias, albergues de juventude, pensões familiares, aluguer de casas particulares) e de deslocação: densificação da oferta ao nível dos comboios; afirmação da oferta rodoviária, espacialmente bem mais flexível; aquisição particular de automóvel; depois também transporte aéreo, encurtando consideravelmente as distâncias-tempo; novos espaços e novos destinos, ressaltando as velhas aldeias de pescadores e os pequenos portos, mas também os campos onde continuaram a residir as famílias que alimentaram o êxodo para as cidades e as regiões industriais. Ultrapassados os impactos da Grande Depressão e da IIGG, a generalização institucional das férias, o aumento progressivo do nível de vida, a grande difusão do automóvel, multiplicam-se e massificam-se os destinos então eleitos, os de praia e banhos de mar, com os correspondentes condicionamentos estivais. Mas também se afirma a construção de novas estâncias a partir do nada, em altura ou com dispersão de unidades individuais de alojamento, e múltiplos equipamentos e serviços, nuns casos clubes de férias com um certa triagem social, noutros segregando pelos preços (piscinas e clubes desportivos pagos, tal como certas zonas de praia concessionadas, as discotecas, os casinos, os novos campos desportivos, sobretudo ao nível da equitação, do golfe, e ainda as marinas de suporte dos novos desportos náuticos). Ao mesmo tempo valorizam-se formas de turismo alternativas, respeitadoras do ambiente e solidárias com as populações residentes (ecoturismo, turismo social, turismo solidário, turismo de base local, slow turismo), que não ofuscam todavia as do turismo patrimonial, do turismo urbano e cultural, do turismo de negócios, dos lazeres da moda e do turismo de compras, privilegiando as marcas de maior renome, os modelos únicos, os actos personalizados, os eventos com maior visibilidade...

A crise do mundo financeiro afectou o universo dos super-ricos, mas não todos nem com a mesma intensidade e sensibilidade. A UNWTO (World Tourism Organization) previa um crescimento da indústria turística da ordem de 4% ao ano entre 2012 e 2017, quando o maior número de viagens para o estrangeiro caberia à China, Rússia e India, seguidos pelos EUA, ao mesmo tempo que a Europa continuaria como destino largamente preferencial: turistas milionários, das classes alta e média-alta, novos-ricos à descoberta do Ocidente, dos seus velhos luxos, dos seus quotidianos idealizados, de liberdade e de qualidade, sofisticados, aristocratizados, e das suas práticas e lugares de turismo mais prestigiados, mundanos e exclusivos, urbano-culturais, de praia, de esqui, de saúde e bem-estar, a par das compras das grandes marcas, que no retorno assegurará elevado *status* social. Consumos, práticas e lugares da moda, ontem e hoje, visitados pelas novas burguesias muito ricas em férias na Europa ocidental, a que dedicaremos as nossas análises e

reflexões, norteados por um conjunto de interrogações e privilegiando uma perspectiva essencialmente territorial.

Quais as novas formas de ostentação, luxo, calma e discrição e quais os paraísos secretos dos ricos, os lugares onde se escondem e se encontram os príncipes, os grandes do mundo da finança, dos negócios, da política, da televisão, do showbiz, nos seus lazeres?

Como se difundem entre as novas elites endinheiradas as diferentes práticas, em contextos de propagação social e espacial do turismo, de massificação e mundialização dos fluxos, de inovação e invenção das práticas e dos lugares, de multiplicação de nichos indutores de Guetos?

Como se traduz em turismo a valorização da exclusividade no mundo de hoje? Ou seja, como se comportam em termos de práticas e lugares de turismo as elites, as de raiz e em particular as dos novos países ricos (BRICs), desde logo as destacadas nas listas anuais da Forbes?

Será que nos seus tempos de lazer contrariam as tendências de segregação social e espacial manifestadas no quotidiano, desde logo com a gentrificação de certos bairros urbanos e a multiplicação dos condomínios fechados e ultra-vigiados, nas áreas nobres ou nas periferias?

Será que se diferenciam das velhas elites, nas práticas e nos lugares que privilegiam?

Retenha-se desde logo que se repete no turismo a exclusividade que marca outros campos da vida social, inclusivamente em redes reservadas a milionários, gestores de grandes empresas ou celebridades, clubes virtuais ligados ao mundo dos negócios, ao luxo, ao *glamour* e à fama, ao alcance apenas de uma pequena minoria, que tem de passar por várias avaliações financeiras, curriculares e profissionais: clubes em que a entrada de um novo membro terá de ser sempre validada pela equipa que gere a rede, após convite, jóia de inscrição e quota anual bastante caras; gente que partilha as suas colecções de Ferraris, eventos exclusivos em cidades europeias como Paris, viagens exóticas e a locais paradisíacos, sempre personalizadas, fins-de-semana em hotéis de grande luxo e prestígio, acesso a bares exclusivos, conferências sobre variados temas, jantares e cocktails privados, festas com estrelas de Hollywood (The Sphere, Inner Circle Asmallworld, ELEQT e outras redes sociais exclusivas).

Nesta análise, centramo-nos nos fluxos turísticos e nos territórios europeus mais frequentados pelos novos-ricos do Próximo Oriente, da ex-URSS, da China e da Índia, em busca de distinção social, por várias razões:

1) os multimilionários da América Latina espalham-se pelo seu continente, são fortemente atraídos pela América Central e pelos EUA e visitam a Europa por motivos culturais, patrimoniais, de descoberta e de retorno às

origens, como muitos outros dos EUA e do Canadá; os de África são ainda pouco numerosos e bastante ligados à Europa, na continuidade das relações coloniais prolongadas até meados do passado século;

2) os ricos do Próximo Oriente são muito recentes e muito ricos (recursos de petróleo e gás, que nos últimos decénios os inundou de dólares), valorizam a liberdade de costumes da sociedade ocidental, em contraste com os das suas sociedades tradicionais, familiarizam-se com os mesmos aos serem educados nos seus melhores colégios e universidades, para além de uma história com passados comuns e influenciadores (sucessões de velhos impérios e religiões, travessias das rotas comerciais entre a Europa e o Oriente, da rota da seda aos fluxos coloniais entre o Reino Unido e a Índia, construção do canal de Suez entre o Mediterrâneo e o Mar Vermelho, inaugurado em 1869 e envolvendo a França e o Egipto, depois também o Reino Unido, ao assumir as dívidas egípcias, desagregação do Império Otomano e protectorados ingleses e franceses);
3) para a ex-URSS, o retorno à Europa ocidental evoca um passado comum em matéria do turismo, quando as elites imperiais do Continente, de Londres, Paris, Viena ou Saint-Petersburgo, se cruzavam através de relações familiares e frequentavam os mesmos lugares de turismo, das termas aos destinos de vilegiatura (invernal, mas também estival), e de descoberta e encontro civilizacional (Grand Tour, com destaque para a Itália); acresce que a Europa ocidental é de certo modo um destino de proximidade mas não banal (Turquia, Chipre, Egipto, Bulgária, Península Balcânica), com as novas ligações aéreas directas e económicas, quando servidas por voos *charters* e companhias *low cost*, para além de espaço de exílio de muitos oligarcas, de investimentos rendíveis e tidos como seguros e prestigiantes, de liberdade e de consumos ostentatórios, como nos bons velhos tempos do Império russo;
4) a Índia impõe-se pela intensidade das relações com o Reino Unido (económicas, culturais e históricas) e pela dimensão do mercado, com muitos novos-ricos, milionários e bilionários, que fazem turismo no Sudeste asiático, nos destinos do Golfo Pérsico e cada vez mais nas grandes cidades europeias (viagens de negócio e de lazer e prestígio) e nos Alpes, por motivos familiares (diáspora), culturais, paisagísticos, climatéricos (monção estival), cinematográficos (paisagens alpinas como as dos Himalaias), mesmo de compras de luxo;
5) a China ganha destaque pelo seu forte enriquecimento, pela recente abertura ao Ocidente, às trocas comerciais e às viagens, de negócio, de formação e de turismo, pelas condicionantes e inseguranças internas, que levam à

valorização da mundialização dos afortunados (investimentos, formação, afirmação social através de compras de produtos caros e de marcas internacionais de prestígio, oportunidades de residência e circulação no exterior, em segurança e com total liberdade); acresce a sua afirmação mundial como um grande mercado emissor de turismo, mesmo limitando-nos aos milionários, no país e por todo o sudeste asiático (além da própria península de Hainão, Macau, Hong-Kong), no quadro dos fluxos regionais, sempre dominantes, mas igualmente pela Europa e os EUA.

A centralização das nossas análises no continente europeu deriva desde logo da familiarização com os territórios turísticos em questão e as suas dinâmicas em tempo longo, por ser o continente com maior intensidade de turismo internacional (uma parte todavia intra-europeu pela fragmentação estadual e a correspondente multiplicação de fronteiras) e pela força persistente dos seus atractivos turísticos ao longo dos últimos séculos, os do desenvolvimento das diferentes práticas e dos destinos a elas associados, embora ao lado de áreas tocadas pela democratização e massificação, como nos cabos da Côte d´Azur, face a Nice, Cap d'Ail, Menton ou mais além Sanremo.

Parte I: Novos turismos, novos e velhos lugares de turismo

1. Diversificação e multiplicação de nichos

Como escrevemos noutros lugares (C. Cavaco, 2003, 2006 e 2010), o turismo, forma de ocupação dos tempos livres, tempos libertos do trabalho, dos cuidados pessoais e das obrigações familiares e sociais, é hoje considerado um direito, quase uma necessidade básica, vital, entre as populações do mundo desenvolvido. Combinam-se níveis de rendimentos elevados, tempos de trabalho reduzidos, férias anuais e feriados pagos, por vezes também subsídios de férias, segurança social, e sobretudo facilidades de deslocação e de circulação, acesso a informação e a ofertas turísticas múltiplas e diversas: populações portadoras de valores culturais de liberdade individual, democratização, «direito à preguiça», ao repouso e ao prazer, encontro com o Outro e reencontro consigo próprias, realização pessoal, descanso, recreio, evasão, animação, aventura, busca do tido como autêntico, insólito, inédito, único e, também, desejos de vazio, de isolamento e solidão, mesmo se no meio de multidões desconhecidas e anónimas. O turismo tende a envolver algo de forte valor simbólico, de natureza intangível, uma fantasia, um sonho, uma esperança, uma expectativa, uma ilusão; também um projecto, uma intenção individual, livre, independente, muitas vezes sem recurso ao mercado do alojamento, do transporte e mesmo da restauração: casas de familiares e amigos e residências secundárias, que hoje, como nos tempos áureos do climatismo, se dispersam por espaços, ambientes e paisagens tidas como amenas, aprazíveis ou prestigiantes; automóvel próprio; preparação doméstica das refeições, o cozinhar com calma e segundo receitas novas, sofisticadas e até exóticas...

É certo que nem toda a gente parte de férias anualmente, nem mesmo uma só vez: à escala mundial, as partidas de férias são ainda um privilégio de uma pequena fracção da Humanidade. Jean Viard (2002) sublinha que os tempos livres tomaram um tal lugar nas nossas vidas e na organização da sociedade, que os que são excluídos de tempos livres de qualidade, de férias e de viagens são excluídos das nossas sociedades. A possibilidade de fazer turismo pressupõe, além de tempo livre, capacidade económica. Depende também de uma certa «competência espacial», que por sua vez depende claramente da educação, da informação, da frequência de viagens profissionais e familiares e da própria experiência turística

acumulada, a intensificação da difusão da informação levando por si só ao agudizar da curiosidade e dos desejos de partida. Para alguns destinos estrangeiros, distantes, desconhecidos, diferentes e exóticos, e para segmentos da procura com menor «competência espacial» ou sénior, as viagens organizadas são as mais procuradas, na medida em que são mais fáceis, seguras, acessíveis. Muitos turistas de hoje são cada vez mais sensíveis aos custos: crise económica, empobrecimento de largas camadas da população, níveis elevados de desemprego, despesas inerentes às viagens; e na continuidade, afirmação do turismo doméstico, tendências para viajar menos, por períodos mais curtos e com soluções mais económicas, nomeadamente quanto a alojamento e refeições.

De sublinhar desde logo, diferentes práticas. O turismo não é uma simples reacção às condições de vida das cidades, tidas por repulsivas por alguns, nem uma fuga e evasão compensatórias de modos de vida sentidos como alienantes, com ritmos quotidianos repetitivos e esgotantes. Exprime uma nova relação com o tempo, com o espaço, com os lugares e com o corpo, novas estruturas e relações sociais, novas liberdades, incluindo a de escolha dos lugares de vida, mesmo se temporários. Identifica-se com a deslocação – desejada e escolhida livremente – relativamente ao lugar de residência habitual para um outro lugar mais ou menos afastado, com vista à concretização dum projecto pessoal de recriação baseada no repouso, no «jogo» ou na descoberta, ou ainda numa combinação complexa destas diferentes práticas (Equipe MIT, 2002). O repouso deverá permitir o reequilíbrio do corpo e da mente: dormir, não fazer nada, estar na praia, contemplar a paisagem, bronzear, mas também a festa e o espectáculo, práticas que podem ocorrer em diferentes tipos de espaços, embora sobretudo em lugares de algum modo familiares. O jogo é acção livre, voluntária, fictícia, sem interesse material, realizada num tempo e num espaço circunscrito, mesmo se com regras precisas e consentidas: desporto não competitivo, apenas de utilidade lúdica e autonomia individual (golfe); jogos de azar (casinos), simulação/representação (teatro); vertigem/velocidade. A descoberta tem estado na base da evolução do turismo, desde o Grand Tour até aos turismos cultural e da natureza actuais: descoberta da história comum e universal, descoberta de outras sociedades e seus patrimónios, edificados e imateriais, descoberta de outros meios geográficos, diferentes dos habituais, embora não necessariamente muito distantes.

Um mesmo turista pode ter comportamentos diferentes em diferentes ocasiões, num mesmo destino ou em outros destinos, umas vezes banais e outras específicos, alternativos, singulares, de nicho, únicos. Por um lado, largo predomínio dos turistas cêntricos e das procuras de massa, do turismo dito «industrial». Por outro, busca de algo menos tradicional, mais direccionado, personalizado, diferente, nas paisagens, na vida social, nas arquitecturas, nos equipamentos, na

animação, no exotismo, nas tradições, nos valores, nos modos de vida, algo centrado na qualidade, na cultura e no ambiente, com valores intangíveis e domínio da economia super simbólica; turistas que buscam o hedonismo, o poli-sensualismo, a aventura, as origens pessoais, experiências emocionais, de auto-realização, individuais e personalizadas. Por fim, alguns outros turistas exprimem necessidade de experiências de lazer realmente inéditas, activas e radicais, criativas e também tecnológicas, de acordo com o desenvolvimento e a invasão da tecnologia nos quotidianos de trabalho e de lazer, como nos parques temáticos de maior sofisticação e em todas as novas *ludopolis,* no sentido de cidades lúdicas, como as Disney. Um turismo dependente da criação de ambientes artificiais bem controlados: espaços-cenário e destinos totalmente fechados, bem equipados, assépticos, sem assimetrias sociais, sem tensões religiosas e culturais, sem manifestações de violência, seguros e sustentáveis. Alguns destinos tradicionais integram nas suas ofertas componentes criativas mais ou menos técnicas, mesmo se modestos no universo mundial dos destinos de férias, caso de Zadar, na costa dálmata: concerto permanente de «música aquática» sempre diferente no anfiteatro do passeio marítimo, proporcionado pelo órgão que funciona através do movimento do ar nos seus tubos impulsionado pelas vagas e pequenas marés do Adriático.

As práticas turísticas são complexas e renovam-se constantemente, muitas vezes por reinterpretação de práticas anteriores. Como lembra a Equipe MIT (2002, p.50), não há um turismo mas turismos: diversidade de turistas, de práticas e de lugares turísticos. O turismo é uma invenção dos próprios turistas, que criam a moda e os lugares da moda (idem, p.114). Afirmam-se ou reafirmam-se alguns princípios e valores civilizacionais com reflexos no próprio turismo: conciliação entre economia e ecologia; compatibilização do desenvolvimento com a preservação do ambiente; e compatibilização da internacionalização e da própria globalização com a protecção das identidades sociais e culturais. Em suma, busca de férias mais activas, mais personalizadas, mais respeitadoras do ambiente, mais de descoberta; férias mais individualizadas, de realização pessoal; férias de afirmação de valores não materiais; de contactos entre culturas em cenários naturais, no respeito dos espaços de vida das populações locais; regresso ao durável, ao simples, ao natural, ao autêntico; regresso também ao espiritual e ao simbólico, ao místico, ao esotérico e ao passado.

A diversidade de nichos é quase ilimitada. Sérgio Molina (2003) precisa que o «viajante de vanguarda» busca a realização interior e dá ênfase ao ambiente e à compreensão da cultura e da história de outros lugares, quer conhecer povos e se enriquecer culturalmente. Percorre roteiros não visitados e elabora os seus próprios itinerários: vai ao encontro de sociedades primitivas, sociedades cam-

ponesas, o bom selvagem, a harmonia com a Mãe Terra; viaja pelo Expresso do Oriente, segue a Rota da Seda ou a Rota Histórica 66 de Chicago a Los Angeles e a Santa Mónica, uma rota de aventura e silêncios; desce o Nilo, visita velhos lugares das Missões Jesuíticas e outros não menos simbólicos. Busca o étnico: o étnico entrou na moda, no vestuário, no calçado, no mobiliário, nas decorações, na alimentação e também nas viagens de lazer; modos de vida de povos não evoluídos, pelo menos no sentido ocidental, pequenos grupos indígenas, primitivos, autênticos, com forte identidade; o índio, o bom selvagem, com o exotismo da nudez dos seus corpos pintados, das suas vestes, das suas danças rituais, com suas coreografias originais, dos seus artefactos, da sua arte (plumária, bijuteria, cerâmica, cestaria, construção), dos seus idiomas, dos seus quotidianos singelos, dos seus saberes artesanais (caça, pesca, medicina com base nas plantas...), das suas estruturas sociais, crenças, com idealização de comunidades, tidas como intocadas, puras, virgens, originais, sem contaminações socioculturais e perda da sua ingenuidade.

Muitos dão preferência ao ecológico: procuram orquídeas, pássaros, borboletas, peixes, pelas selvas da Costa Rica, Amazónia, Pantanal, pelos Andes, os Himalaias ou o Kilimanjaro e pelas matas e savanas africanas; mergulham no Caribe, no Mar Vermelho, nos mares orientais; combinam o eco e o etno num ecoetnoturismo, como no turismo aborígene na Austrália, no turismo étnico-cultural em Cuzco, ou no turismo rural comunitário na América Latina. Trabalham com as comunidades visitadas na resolução de problemas básicos de abastecimento de água, saneamento, habitação, saúde, escola: turistas que querem ser actores responsáveis e solidários em seus intercâmbios com outros mundos.

Os turistas de hoje praticam desportos mais ou menos radicais, com exigências de serviços de excelência (profissionalização, segurança, certificação). Combinam viagens de fé, cultura e lazer: não mais ou apenas as viagens espirituais a longa distância, mesmo com sofrimento físico, ao encontro de lugares sagrados, onde viveram os santos (Terra Santa e Jerusalém); não mais ou apenas as viagens em busca de relíquias com poderes milagrosos, de conforto espiritual, santidade pessoal, bênçãos e curas especiais, como em Fátima, Aparecida (Brasil) ou Nossa Senhora del Rocio, junto de uma pequena aldeia do sul de Espanha (importante lugar de romaria); acrescem as viagens de turismo espiritual, místico e esotérico. Valorizam cultivos e produções de prestígio como no Enoturismo na Europa vinhateira e no Novo Mundo, da Califórnia à Austrália, passando pelo sul do Brasil, Argentina e Chile, por vezes em grandes domínios, com acesso às explorações por helicóptero e adegas muito modernas, mesmo sumptuosas ou artísticas, como a do Marques de Riscal em Rioja (Espanha) (Frank Gehry). Reorientam o turismo de saúde e bem-estar para o rejuvenescimento e beleza, em estâncias termais

renovadas ou em spas de cadeias de renome mundial, localizados em unidades hoteleiras e *resorts* de prestígio, onde se multiplicam as inovações em termos de técnicas, produtos, marcas, ambiências, sofisticações e simbolismos, com destaque para a talassoterapia; e efectuam viagens em função de cuidados médicos (odontologia, oftalmologia e especialidades inovadoras, para além das marcadamente estéticas: Brasil, Cuba, África do Sul, Tailândia, Índia, Hungria, antes também o Líbano), mesmo cruzeiros médicos.

Recordam tempos históricos, feiras medievais ou apenas ceias alusivas, por exemplo, aos Descobrimentos; visitam velhas minas, como as de sal-gema de Wieliczka, que datam do século XIII, uma «autêntica cidade, talhada na rocha de sal», com um sanatório, um teatro, uma igreja e onde tudo, das escadas aos candelabros, é feito de sal; viajam em comboios a vapor, nuns casos percursos regionais e mesmo locais, noutros viagens algo históricas, nacionais e continentais, mantendo luxos e vivências do século XIX ou dos princípios do seguinte, casos do Palace on Wheels, na Índia, como um «magnífico palácio luxuosamente decorado», ao serviço do turismo do Rajasthão desde 1982, do velho Expresso do Oriente, do Transiberiano, com percurso pela Rota Clássica, de Moscovo a Vladivostok, do Transcaspiano, ao longo da Rota da Seda, de Moscovo a Pequim, ou o Rovos Rail, da cidade do Cabo a Dar-es-Salam, ou ainda do «novíssimo e luxuoso» (camarotes com banho; spa) Transpacífico, de Santiago do Chile a Varas...

Os turistas de hoje também vão ao encontro de cenários e paisagens divulgadas pelo cinema, televisão, publicidade, como nos casos de O Código da Vinci para França, Memórias de África para o Quénia, Gandhi para a Índia, O Último Imperador para a China ou O Senhor dos Anéis para a Nova Zelândia. Buscam companhia ou novos relacionamentos sociais, mantendo a sua individualidade, no turismo de pessoas sós. Experienciam novas sensações, como cheiros, sons, toques, paladares, no caso da descoberta de Alfama com olhos vendados, jantares às escuras em restaurantes de cozinha molecular ou simplesmente o andar descalço por cima de materiais diversos. Não descuram o «desgosto recreativo», consumido «como um acontecimento agradável» (exéquias de Michael Jackson, em Los Angeles); nem os cenários de guerra ou de tragédia, os lugares de crimes e destruições violentas ou de lutas sociais, casos de antigas prisões-fortaleza, calabouços dos escravos, Auschwitz, Tchernobil, World Trade Center; também não os desastres naturais, como o Catrina e os *tsunamis* asiáticos; e o encontro com a pobreza, como em bairros de lata de Bombaim ou Joanesburgo e nas favelas do Rio de Janeiro.

Uma constante secular: a valorização turística das paisagens, grandiosas, marítimas, lacustres ou simplesmente rurais. O veraneio no campo remonta às cidades romanas, foi retomado na Renascença, reforçado com o naturalismo e a crença na

capacidade da Natureza em fazer regenerar a moralidade dos homens, depois pelos impressionistas. Afirmaram-se outras práticas e outros lugares de lazer e férias, os veraneantes trocaram as estadias de vilegiatura por estadas diversificadas, mas não abandonaram os espaços rurais, aonde retornam e onde encontram possibilidades de repouso, de jogo e de descoberta múltiplas e diferenciadas, hoje como ontem: paisagens rurais tradicionais (não as deixadas ao abandono), tidas como serenas, belas, românticas, pitorescas, «dignas de ser pintadas»; paisagens grandiosas, excepcionais, exóticas; paisagens vazias, infinitas, «brancas ou verdes», ou próximas do Céu. Para alguns turistas, sem dúvida a grande maioria, os silêncios, os vazios humanos, a dureza do meio e a degradação das paisagens, a ausência de vida social, de animação, de Mundo, são tidas como insuportáveis; para alguns outros, uma pequena minoria, estes espaços são um mundo novo, de descoberta e aventura, de isolamento, retiro, introspecção, encontro consigo próprio, reavaliação do sentido da própria vida.

Idealização da vida rural tradicional, não a dos campos que se modernizam: no geral, os campos modernos não satisfazem as recordações camponesas nem as exigências de paisagens pitorescas, como as imortalizadas pelos impressionistas. Exemplifique-se com a atractividade de regiões de êxodo rural e emigração da Europa do sul, mesmo para estrangeiros, sobretudo reformados: pela amenidade do clima, em particular no Inverno e nas estações intermédias; pela disponibilidade de espaço e o seu baixo custo, mesmo se de terra cultivável; pelos custos de vida, bem inferiores aos das suas regiões de origem; pelo ambiente de segurança e o bom acolhimento das comunidades residentes, mesmo quando é grande a barreira da língua; pelas facilidades de acesso a serviços básicos, dada a ocupação ainda intensa do território, apesar das regressões demográficas do último meio século; pela ruralidade viva e bem tradicional de muitas aldeias, algo estranho nas sociedades há muito quase totalmente urbanas e em países de campos trabalhados com as melhores técnicas, ou pelo menos as mais sofisticadas, onde os arcaísmos só se encontram nos museus.

As suas escolhas quanto a espaços de vida, permanente, sazonal ou em alternâncias complexas, inserem-se num processo mais largo de mobilidade: do norte para o sul, em busca de sol; de meios de vida excessivamente urbanos e caros para outros tidos como mais acolhedores e bem mais baratos, até no que respeita a impostos sobre a propriedade; de sociedades muito técnicas para outras bem mais tradicionais, mesmo com sobrevivências camponesas, com as quais se aprende a fazer alguns cultivos, sobretudo de lazer e conservação da ambiência envolvente da própria casa. Claro que num artificialismo de sonho, talvez mítico, próprio de quem não tem problemas de sobrevivência mas apenas de ocupação do tempo livre, estranho aos nativos que trabalham para viver com dignidade, enganador aos

olhos de jovens urbanos que vêem os campos e os trabalhos agrícolas com o romantismo dos teóricos do ar condicionado.

Em suma, a terra como destino. O mundo turístico de hoje foi alargado a toda o planeta, mesmo se com grandes diferenças de densidades de presenças turísticas. A procura e o consumo turísticos nacionais são muito mais importantes que o turismo internacional, mas tende a valorizar os mesmos lugares, como o turismo das novas gerações de emigrantes de regresso em férias. No turismo internacional dominam as deslocações regionais de curta e média distância, que no quadro de grandes países serão turismo interno e no duma Europa politicamente fragmentada, com muitos pequenos países e múltiplas fronteiras, são fluxos internacionais. As lógicas predominantes são meridianas, em busca do sol, das fachadas marítimas e das cidades patrimoniais. Ou seja, «turismos de ricos entre ricos», nos fluxos dominantes intra-regionais e inter-regionais, com contiguidade espacial ou pelo menos civilizacional; turismos intercontinentais, com fluxos dirigidos ao Sul menos desenvolvido, na continuação das velhas relações coloniais, reforçadas pelo exotismo dos territórios e das populações; turismos polarizados por ofertas novas, atractivas e competitivas, favorecidas pelo encurtar das distâncias-tempo, pela «charterização» e pela organização estandardizada, fordista, e por último pelas *low cost*; e também ofertas diferenciadas, de produção flexível, alternativas e algo elitistas. É justamente neste quadro geral que procuraremos situar os novos fluxos de turismo internacional dos milionários e das classes média-altas dos países recentemente enriquecidos e abertos à saída em férias dos seus naturais.

2. Discrição entre as velhas elites ocidentais

Há um nicho do turismo de ofertas raras, prestigiosas, personalizadas e exclusivas, em família ou entre amigos, que passam pelo recurso a villas de muito luxo em lugares de forte prestígio, hotéis de muitas estrelas, praias paradisíacas, spas e complexos de talassoterapia sofisticados, novos destinos algo exóticos e inacessíveis às classes médias, viagens excepcionais, a áreas pouco conhecidas e isoladas, de exploração, descoberta e mesmo aventura, sem prejuízo de serviços personalizados e sofisticados, indiferentes aos custos ou mesmo ostentatórias, sem esquecer as actividades anexas, como o desporto, as compras, o bem-estar, a diversão. No mundo do luxo parece não haver limites para a novidade e a afirmação pessoal: pequenas ilhas privadas, grandes e modernos iates, jactos particulares, mansões como palácios, grandes festas, satisfação das paixões e caprichos, aventura, experiências não comuns, e até viagens e estadas espaciais; tranquilidade, comodidade,

conforto, privacidade, disponibilidade, modernidade tecnológica, mordomias, autenticidades, exotismos, emoções, aventuras.

Exemplifiquemos desde logo com as viagens nos comboios históricos na África do Sul: o Rovos Rail é um dos comboios a vapor mais luxuosos do mundo (estilo, decoração, conforto, comodidades, formalidades, mordomias, requinte britânico, tudo algo intimista), que atravessa cinco países (África do Sul, Botswana, Zimbabué, Zâmbia e Tanzânia), da cidade do Cabo a Dar-es-Salam (17 dias), passando por Kimberley (finais do século XIX, período áureo de exploração de diamantes), com safaris, visita às Quedas de Vitória e panorâmica do Vale do Rift; o Blue Train, também de luxo, de Pretória a Cape Town, frequentado por reis, presidentes e executivos, com suítes amplas, salões, restaurante gourmet, decorações com mármores, objectos banhados a ouro, e mesmo butique de jóias. Paralelamente, na Índia, o Expresso dos Marajás, de Nova Deli a Mumbai, com grandes suítes climatizadas, banheiras douradas e mordomos exclusivos, salões com grandes janelas proporcionando vistas panorâmicas, decorações originais e artesanais, e espaços de encontro e convívio com privacidade, a par de serviço de restaurante muito sofisticado.

Exemplifiquemos também com certas ilhas, como Moustique (ilha privada, 6km2), do arquipélago das Grenadines (Caraíbas), comprada em 1958 por Lord Glenconner para lugar de vilegiatura, onde em 1960 a princesa Margarida fez construir uma villa que frequentou (Les Jolies Eaux) e onde desde 1989, com a «Mustique Company» formada pelos residentes, foram criadas as infra-estruturas (estradas, água, electricidade, aeroporto) e quase uma centena de villas para alugar a clientes com meios, e um hotel de charme numa velha casa colonial. Ou Skorpios, ilha privada de Onassis desde 1963, lugar de férias luxuoso, onde decorreu o seu casamento com Jacqueline Kennedy, em 1968, depois frequentada por Madonna e recentemente vendida por Athina Roussel Onassis (única herdeira), a Ekaterina Rybolovlev, filha do multimilionário russo Dmitry Rybolovlev, residente habitual no Mónaco.

Exemplifiquemos igualmente com lugares de «retiro» algo discretos, por vezes vizinhos de outros de grande prestígio, como Deauville, Nice, Cannes, casos de Saint-Jean-Cap-Ferrat, um mundo de luxo, calma e discrição, ou do cabo de Antibes, com o novo porto para grandes embarcações de recreio (Port Vauban, dos maiores da Europa, com 2 mil lugares para iates de mais de 50m, e o seu «cais dos milionários», lugar de atracação habitual dos maiores e mais luxuosos iates do mundo), procurado desde Maupassant, com o seu iate Bel Ami. Ou Biarritz, na Costa Basca: gente fina, gostos clássicos, golfe e depois também surf (Joël de Rosnay, pioneiro e vencedor de campeonatos de França nos primeiros anos 60, cientista de renome, com raízes familiares no local) e ambiente menos

show-off que o da Côte d'Azur; sem esquecer Portofino, a costa amalfitana, mesmo Porto Cervo (Sardenha) e Marbelha, estes muito frequentados pelos ricos russos e dos países petrolíferos do Próximo Oriente mas igualmente visitados pelos empresários e actores dos reality-shows, motivados pelos potenciais impactos publicitários.

Lugares reservados às elites, algo inacessíveis, permanentemente vigiados e longe dos paparazzi, como Les Parcs de Saint-Tropez ou o vizinho Ramatuelle e seu parque da Quessine, com baixas densidades de ocupação, residências exclusivas, com piscinas, largos, jardins e acesso a praias privadas, pertença de grandes empresários, gente das finanças, dos seguros, do imobiliário, do comércio de luxo, da grande distribuição, longe das estrelas do cinema, da televisão e da canção, do mundo do showbiz que procura Saint Tropez, as suas butiques de luxo e o seu porto, repleto de embarcações de recreio e rodeado de esplanadas. No mesmo sentido, valorizam-se as pequenas villas de Port-Grimaud: cidade lacustre criada por François Spoerry nos anos 60, como uma aldeia de pescadores, tornada refúgio de patrões de grandes empresas, que compram e fundem várias unidades e restringem os acessos a certas zonas novas do aglomerado, onde o luxo é o de viver sem horários, nem sinais exteriores de riqueza, na máxima simplicidade, ao lado do seu veleiro, único símbolo do seu sucesso económico e financeiro. Alguns continuam a privilegiar os seus grandes e luxuosos iates como lugares de encontro e convívio entre iguais, também de negócio, símbolos do sucesso económico e financeiro, sem abandonar espaços lendários como o Club 55 ou o VIP Room na vizinha Saint Tropez, destino ideal para as estrelas e os milionários do cinema, como Stéphane Courbit, dono da Endemol até 2007, depois da Banijay Entertainement, de produção audiovisual.

Em contexto de crise económica e social, que reduziu o universo dos muito ricos e as respectivas fortunas, tanto entre certas velhas elites como nas classes médias, tende-se a fugir a banhos de multidão, a valorizar o anonimato, os lugares discretos, calmos, as casas de familiares e amigos, mesmo o campismo rural com tendas climatizadas e Hi-fi, os passeios na praia ao pôr-do-sol, no campo e nas pequenas ilhas, sobretudo entre os intelectuais e os ricos de há muito, os das rendas, da produção e comércio, mas também entre um certo mundo do espectáculo. Contrastam com as novas clientelas afortunadas em busca de férias de «prestígio», algo indiferentes aos custos (fortunas da exploração do petróleo e gás, novas tecnologias, mão-de-obra intensiva na produção em massa e sobretudo especulação financeira global; novos segmentos sociais, novas nacionalidades, BRICs e países emergentes), muito embora também se observem estilos menos ostentatórios entre os novos-ricos da segunda geração da Rússia, da China ou da Índia, mais educada e culta, mais global e bem mais discreta, sem os excessos dos Ferraris, dos

4X4 de vidros fumados e grandes pára-choques metálicos e das grandes festas com muito champanhe e fogo-de-artifício.

Muitos afortunados franceses privilegiam a Bretanha, com suas aldeias piscatórias: ambientes mais familiares, de maior privacidade, desportivos (vela), refrescantes, simples, sem grandes automóveis desportivos, sem grandes iates, sem paparazzi, anti-*bling-bling*, por mais fina, rica e famosa que seja a clientela, desde os velhos tempos, a natural ou a de adopção geracional: Jean-Jacques Aillagon, Alain Decaux, os Modiano, Sabine Azéma, mesmo Alain Resnais. No início do século XX e do turismo na Bretanha, sobretudo intelectuais, como Marie Curie, depois Frédéric Joliot e Paul Langevin, na ponta de Arcouest, no Finisterra («Sorbonne-Plage»), igualmente empresários como Eugène Schueller, fundador da L'Oréal, nos anos 20 (visitas de Georges Pompidou, então no banco Rothschild), os Bettencourt, os Guerlain, os Seydoux, os Bouygues, Lesieur, Michelin ou Cabri-Wilzer (imobiliário), Jean-Guy Le Floch (Armor Lux), Vincent Bolloré (automóveis eléctricos Batscap, Quimper), Louis Gallois (aeronáutica EADS) em Belle-Ilhe, François Pinault (também villa em Saint Tropez), Bertrand Meheut (Canal +), Sven Boinet (Pierre et Vacances); também políticos como Jean-Jacques Aillagon (ex. ministro) e Jean-Claude Trichet (BCE) em Saint-Malo, grandes famílias de advogados, médicos, notários parisienses (com suas belas villas), actores como Hugh Grant.

As costas do Noroeste são frequentadas pelos grandes nomes do CAC 40 (Cotation Assistée en Continu, índice bolsista que reúne as 40 maiores empresas cotadas em França), alguns com propriedades locais, como Patrick Le Lay (presidente de TF1 e de TV Breizh), perto de Saint-Brieuc (Saint-Malo), família de Liliane Bettencourt (grupo L'Oréal) em La Pointe, residência secundária em Ploubazlanec (Côtes-d'Armor), família Bouygues (construção, energia) em Rothéneuf e família Decaux (publicidade) em Pouliguen, na Loire-Atlantique; Vipes e ex-ministros como Jean-Jacques Aillagon (Cultura, praias de Perros-Guirec) e Brice Lalonde (ambiente), ou Patrick Poivre d'Arvor (jornalista, audiovisual). Em Belle-Ilhe-en-Mer, encontramos Georges Kiejman (advogado de negócios), Louis Gallois (presidente da SNCF), Pierre Richard (banco Dexia), Jean-Marie Dru (publicitário), Jean-Pierre Chevènement (político de esquerda, como antes François Mitterrand), Alain Souchon e Laurent Voulzy (canção); na ilha de Hoedic desde há anos a estilista Agnès B; em Groix, Dominique Voynet (dos Verdes) e Jean-Christophe Cambadélis (socialista); na ilha de Bréhat (Côte d'Armor), apelidada de Neuilly-sur-Mer, o escritor Erik Orsenna (Neuilly-sur-Seine, bairro residencial rico e elegante de Paris).

Outras burguesias dão preferência a outras praias atlânticas: a de Bordéus, à baía de Arcachon, a de Paris à ilha de Ré, onde se juntam figuras conhecidas do

mundo económico, da política e da cultura, casos de Nicolas Sarkozy (em Arcachon e antes em La Baule), Bertrand Bélinguier (presidente do PMU), Gérard Rameix (finanças), perto de Pyla, Dominique Bussereau (ex-secretário de estado do Orçamento), em Royan, ou Patrick Kron (Alstom), Ernest-Antoine Seillière (Wendel Investissements) no Cap Ferret (Gironda), Philippe Starck (designer), Julien Clerc (cantor) ou Fabrice Lucchini (cinema). Em Ars-en-Ré (ilha de Ré), encontramos as famílias Jospin, Vincent Lindon (actor) e Sandrine Kiberlain (actriz e cantora), Sónia Rykiel (estilista) ou o escritor Philippe Sollers. Mais a sul, em Biarritz (lugar de vilegiatura lançado pela imperatriz Eugénie), Karl Lagerfeld (criador da Chanel, que trocou o Mónaco por Biarritz, muito mais calmo), Frank Riboud (Danone), Alain Prost (piloto da Fórmula 1), com residências secundárias em Arcangues (país basco), ou Jean-Philippe Thierry (AGF); e em Saint-Jean-de-Luz, os ex-ministros Philippe Douste-Blazy, Michèle Alliot-Marie, Dominique de Villepin, Martine Aubry, bem como algumas estrelas do show-business: Virginie Ledoyen, Laurent Ruquier, Alain Delon e Mazarine Pingeot.

A própria Córsega, a «ilha da Beleza», vem sendo procurada pelo *jet-set* parisiense como Laetitia Casta, Karl Zéro, Michel e Anne-Marie Sardou, ou o escritor Jean d'Ormesson. Em Sperone, no sul, marcam presença Jacques Séguéla e Bernard Roux (publicitário), Jean-Marie Boulet (realizador), o casal Kouchner-Ockrent (médico, ex-ministro), Bruno Roger, do Banco Lazard (Paris), Marcel Frydman, da Marionnaud, Alain-Dominique Perrin, da Richemont (Cartier), ou Jean Bousquet, da Cacharel (casa desenhada por Norman Foster), François Pinault Júnior, do império Pinault, Thierry Breton, da France Telecom, Jean-Marc Espalioux, do grupo Accor (villa Isolella, no golfe de Ajácio), ou ainda Michel Rocard (ex. primeiro-ministro), Jean Glavany (deputado do PS), Jean-Louis Borloo (ex-ministro) ou Claude Goasguen (deputado da UDF), amantes de vela.

Algumas grandes fortunas, empresários do CAC 40, muitos políticos, estrelas de cinema e um certo *jet-set* (também ingleses e americanos) refugiam-se periodicamente em Marraquexe, tornada um verdadeiro gueto de turismo de elite, um pouco como uma nova Saint-Tropez, um lugar para se viver mas também para se ser visto (mesmo para residir, para milhares de europeus: preços e impostos prediais e sobre as reformas generosamente reduzidos, além da proximidade, a 3h de Paris e outros aeroportos). A cidade atrai pelo clima (300 dias de sol, férias de inverno e sobretudo na Páscoa), património, cultura, autenticidade, privacidade e segurança, sem lugar para paparrazes, também pelo seu Festival internacional de Cinema (Francis Ford Coppola, Catherine Deneuve, David Lynch, Paul McCartney, Sarah Jessica Parker....) e a Feira de Arte Contemporânea (coleccionadores ricos). Na lista dos seus visitantes famosos e regulares figuram Yves St Laurent e Jean-Paul Gautier, os Rolling Stones ou os Beckhams, Sting, Brad Pitt e

Jennifer Aniston, Naomi Campbell (modelo), David Bowie (cantor) e Colin Farrell (actor), mesmo o bilionário russo Roman Abramovich (festas famosas), e também Winston Churchill, Jacques Chirac, Nicolas Sarkozy, Jean-Louis Borloo e muitos outros políticos, uns mais atraidos pelos *souks*, a Medina e os velhos riades, outros pelos modernos hotéis, spas, restaurants, discotecas e o comércio de luxo, com ofertas de qualidade e cunho tradicional e local. Nos finais de Dezembro, encontra-se em Marraquexe todo o Gotha da política, dos negócios, do cinema, do show-business...Muitos vêem também na Páscoa.

Os anos 70 foram, com efeito, marcados pela moda dos riades, lançada por John Paul Getty, multimilionário (petróleo) e filantropo américo-britânico com a aquisição do palácio da Zahia, perto do palácio real, que nos anos 1980 foi de Alain Delon e Mireille Darc (Mireille Christiane Gabrielle Aimée, actriz e realizadora de cinema e televisão, sua companheira) e depois de Arielle Dombasle (actriz franco-americana) e Bernard-Henri Levy, jornalista-repórter de guerra (Bangladesh contra o Paquistão), filósofo e escritor francês (judeu natural da Argélia), de família milionária (villa em Saint-Paul de Vence), amigo de Nicolas Sarkozy, onde Carla Bruni (ex-modelo, cantora e compositora franco-italiana) se enamorou de Raphaël Enthoven (genro do próprio Bernard-Henri e filho Jean-Paul Enthoven, romancista, e de Catherine David, jornalista e escritora). Também na proximidade e desde 2000, o riade de Anne Sinclair e Dominique Strauss-Kahn (DSK, então do FMI), antes clientes habituais do sumptuoso e mágico hotel La Mamounia (1923, remodelado em 2009, 136 quartos e 71 suites); os riades de Dimon Xavier Guerrand-Hermès (um dos mais belos riades no bairro de Guéliz, no centro da cidade, com piscina na cobertura), de Driss Segueni (Palais Soleiman, familiar; restaurante), Urs Schwarzenbach (bilionário suíço, com o palácio vizinho), o de François-Marie Banier, o de Thierry de Beaucé (escritor e político, frequentado por Ridley Scott, director e produtor de cinema inglês), e Betty Lagardère (Elizabeth Pimenta Lucas), ex-modelo brasileira casada com Jean-Luc Lagardère (conglomerado de empresas de diversas áreas como aviação, média, tecnologia aeroespacial e equipamentos de defesa).

Muitos outros visitantes frequentavam os hotéis de luxo da Medina, como o Royal Mansour (os mais ilustres, convidados de Mohammed VI, no trono desde 1999, uma Medina reconstituída com meia centena de riades e meio milhar de empregados), ou o Naoura Barrière (26 riades), não longe da praça Jemaa El Fna, assim como os modernos hotéis situados para lá das muralhas, com seus parques e jardins, como o Mansion, o Selman Marraquexe, com meia centena de quartos e 5 riades, piscina privativa, jardins e coudelaria com mais de dezena e meia de cavalos puro-sangue árabe, o Es Saadi Palace (bairro de Hivernage, parque de 8ha, 90 suites, preferido de Liliane Bettencourt), ou mais além o Ksar Char-Bagh

(2002, 12 suites, campo de ténis, pomar), um palácio privado reservado a hóspedes privilegiados, o Dar Ayniwen Villa Hotel (2005, 7 suites, piscina no meio do parque de palmeiras), também exclusivo, ou o Grace Marrakech, no campo, no meio de 15 hectares, e mais tarde o Four Seasons (2011, numa área de 16ha, perto da muralha da Medina e dos jardins de La Menara). Entretanto foram estruturados novos *resorts* em torno de campos de golfe (Palmeraie de Marrakech), com seus hotéis de luxo (Palmeraie Golf Palace & Resort, 1994, 368 quartos e 22 suites, Centro de Conferências; Taj Palace, 2012, 161 quartos e 25 suites) e seus aldeamentos de villas, adquiridas por uma alta burguesia, como Jean-René Fourtou (Vivendi, comunicações: luxuoso riade de 10 quartos, num domínio de mais de uma dezena de hectares). Simon Xavier Guerrand-Hermès também promoveu um complexo de 100 mil m2, 110 apartamentos de prestígio, um hotel (Radisson Blue, de 200 quartos) e um centro comercial com grandes marcas (Guess, Adidas ou Lacoste), frequentado pelos novos-ricos marroquinos e franceses (clientes de luxo), mesmo depois da «primavera árabe».

Referem-se como possuindo casa em Marraquexe: políticos como Dominique Strauss-Kahn (FMI) com a companheira Anne Sinclair, jornalista; Jean-Louis Borloo e Béatrice Schoonberg, jornalista; Alain Carignon e Thierry de Beaucé, ex-ministros, Paulette Brisepierre, política, e também homens de negócio como Jean-René Fourtou (Vivendi), Pierre Guillermo (Grupo Telemedia), Jean Poniatowski (Vogue), Simon Xavier Guerrand Hermes (Hermès), Daniel Hechter (pronto-a-vestir), Christophe Leroy (restauração), Serge Lutens (perfumes, fotografia), Claude Challe (discografia), Richard Branson (Virgin), Pierre Bergé (grandes fortunas de França, desde 1966), costureiros como Yves Saint Laurent ou Jean-Paul Gaultier, escritores como Bernard-Henri Lévy, e comediante no caso de Arielle Dombasle; Gérard Darmon, Jamel Debbouze, Pascal Greggory, Jean Lefebvre ou Gérard Lanvin, actores; Jacques Doillon, cineasta, Mireille Dumas, produtora de televisão, Jean Claude Darmon, do desporto, Zinédine Zidane, futebolista, Daniel Hourès, jornalista e escritor, Juan Goytisolo, escritor, etc. Pierre Bergé e o companheiro Yves Saint Laurent, salvaram em 1980 os jardins do pintor Jacques Majorelle, onde se situa o museu berbere (700 mil visitantes por ano, 73 jardineiros).

Uma outra elite europeia refugia-se nas suas próprias ilhas, não necessariamente paradisíacas, de sonho, mesmo pequenos domínios mas de acesso exclusivo: a posse integral de ilhas é símbolo de riqueza e estatuto também na Europa, no presente como no passado, e assegura privacidade, discrição e afastamento das massas. O armador Aristóteles Onassis, então com Maria Callas, comprara em 1962 a ilha Skorpios, onde criou pequenas praias de areia (East Beach, areia importada das ilhas Salamis), uma floresta de espécies introduzidas, três residên-

cias, cais e um pouso para helicópteros, e onde teve lugar o casamento em 1968 com Jackie Kennedy. Em 2013 (apenas dois habitantes, em 2001) Skorpios foi vendida por Athina Roussel-Onassis (filha de Christina Onassis e de Thierry Roussel e sua herdeira, casada com Álvaro Afonso de Miranda Neto, cavaleiro brasileiro residente em São Paulo) a Ekaterina Rybolovleva, filha do multimilionário russo Dmitri Rybolovlev (grupo Uralkali, minas de potássio, indústria de adubos, acções no Banco de Chipre, importantes investimentos imobiliários: villa na Flórida que fora de Donald Trump, *loft* no Mónaco, casa no Havai que antes pertencera ao actor Will Smith, apartamento em Nova Iorque, a oeste do Central Park), mais conhecido como proprietário do clube de futebol AS do Mónaco. Por sua vez, Rodolfo Nureyev possuiu durante 26 anos a ilha Li Galli, na costa amalfitana, entre Positano e Capri, com 3 villas, torre de pedra, 13 quartos no conjunto, piscina de água salgada, capela, heliporto, pequena marina, praia, riqueza e exotismo das decorações e convidados famosos, como Sophia Loren e Greta Garbo, depois adquirida pelo hoteleiro Giovanni Russo.

Vejamos outros exemplos. Tom Farmer, empresário escocês de Edimburgo, que fora criador e proprietário da cadeia Kwikfit (garagens de reparação do sector automóvel, 1971, vendida em 1999 a Ford), possui a Ilha de Inchkeith em Firth of Forth, na região de Edimburgo, com farol de 1802, acesso de barco na maré alta (porto no lado oeste, restos de antigas casas, construções defensivas, das duas GG). Peter Ogden com enorme fortuna na informática (Computacenter) adquiriu em 1991 a Ilha Jethou (Grande Bretanha/La Manche), como residência secundária e apoio para regatas com o seu iate Spirit of Jethou. Os irmãos Frederick e David Barclay (nobres desde 2000) com fortuna no comércio retalhista (Shop Direct Group), jornais e hotelaria (hotéis Ritz e Cavendish Intercontinental e grupo Telegraph Media), são donos desde 1993 do Rochedo e castelo de Brecqhou (neogótico, em granito, vintena de canhões, ponte-levadiça, arribas altas), na costa ocidental da ilha anglo-normanda de Sercq (5km², casa senhorial do século XVI, como um museu barroco, mármores, tapeçarias, chaminés, tectos à imagem da capela Sistina, sumptuosa sala de banquetes, jardins à Giverny, lago com carpas, campos, pastos e agora também vinhas, e 600 habitantes na viragem do século), no meio do canal da Mancha, a 30km das costas do Cotentin perto de Guernesey, com heliporto e câmaras de vigilância. A família Poilâne (padeiros) é dona do Forte des Rimains, pequena ilha fortificada (Vauban) nos finais do século XVIII para defesa da baía do Monte Saint Michel, ao largo de Cancale, enquanto a família Heidsieck (champanhe Piper-Heidsieck) possui a Ilha Illiec, das mais belas de Penvenan (Côtes d'Armor, La Manche, Bretanha), que fora do compositor Ambroise Thomas e do aviador americano Charles Lindbergh.

No golfe do Morbihan, Yves Rocher (cosmética) possui a Ilha Berder, de 23ha, solar do século XIX, acessível na maré-baixa (alugada desde 1981 a LVT, associação de Loisirs vacances tourisme*);* Stéphane Mulliez, fundador dos armazéns de brinquedos Picwic, a pequena Ilha de Jument, no mesmo golfe, rochosa (máximo 8m de altitude), com praia a sudeste, que fora propriedade do barão Kremer e lugar de vilegiatura desde o início do século XIX (casa de 300m2, água da chuva tratada, painéis solares, acesso por mar a partir de Larmor-Baden) e de eventos familiares, mas aberta ao público para seminários profissionais. Exemplar é também o caso de Olivier Metzner, advogado parisiense (penalista; casos de Dominique de Villepin e de Liliane Bettencourt; apaixonado por vela, ópera e decoração) que adquiriu, nos finais de 2010, a um modesto comerciante de Laval, a Ilha de Boëdic, com muitas outras pequenas ilhas próximas, em zona litoral protegida, para residência de fins-de-semana: 7,5ha, casa principal dos finais do século XIX, capela, outras construções anexas então muito degradadas (900m^2), que recuperou, convertendo a capela em salão de música com piano de cauda (introduziu sistemas de aquecimento, de difusão de música clássica por toda a ilha e de acesso informático).

A venda de ilhas privadas tende aliás a intensificar-se em contexto de crise económica e aumento de impostos, permitindo novas aquisições. Assim, o Emir do Qatar, Hamad bin Khalifa Al Thani, comprou um grupo de 6 pequenas ilhas do arquipélago das Echinades, a sul de Corfu, no golfo de Patras/Mar Jónico, verdes, pobres em praias, muitas desabitadas: desde logo Oxia, de 5 km^2, não longe de Ítaca, para lugar de vilegiatura familiar estival (palácio para as 3 mulheres e os 24 filhos, a construir), assegurando o abastecimento de água pela construção de uma conduta vinda da Grécia continental. Para mais tarde as restantes ilhas do grupo, num total de 18, com vista ao seu desenvolvimento turístico, como lugares exclusivos: investimentos a par de outros grandes projectos imobiliários, como em Hellinikon (620ha, região do aeroporto de Atenas) ou o Astir Palace Hotel, à beira-mar e a sul da capital. O contexto é de diversificação dos investimentos (e dos rendimentos) pessoais e estatais dos fundos do petróleo e gás do Emirado (um dos países mais ricos do mundo:11.500 km2, 1,7 milhões de habitantes, cerca de 85 % imigrantes), nomeadamente no Ocidente (minas de ouro, banca, PME, na Grécia; imobiliária de alta-gama, hotelaria histórica de luxo, grandes empresas em França e no Reino Unido, mesmo a Volkswagen na Alemanha, etc.). Por parte da Grécia, as dificuldades financeiras do Estado motivam as cedências de uso a longo prazo de muitas outras pequenas ilhas quando integradas em projectos de desenvolvimento turístico, estratégia posta em causa no novo quadro dos refugiados da Síria e de toda a emigração clandestina de África, que antes penalizara sobretudo as pequenas ilhas a sul da Sicília (Lampedusa, Linosa, mesmo Pantellaria).

3. As elites endinheiradas em Portugal: lugares de lazer e férias

A maioria dos milionários portugueses herdou e ampliou a sua riqueza, mas outros são novos-ricos, que enriqueceram em poucos anos. As listas das maiores fortunas, de milionários e multimilionários, raramente de bilionários, incluíam habitualmente a família Espírito Santo (geração de banqueiros, com origem numa antiga casa de câmbios fundada no século XIX), Américo Amorim (Corticeira Amorim, com século e meio de história, imobiliário, turismo), Alexandre Soares dos Santos (Jerónimo Martins, distribuição alimentar e indústria, com presença em Portugal, Polónia e Colômbia), Belmiro de Azevedo (Sonae, Portucel e Soporcel), as famílias Guimarães de Mello (Brisa, José de Mello Saúde ou os hospitais CUF), Alves Ribeiro (Banco Invest), Mota (Mota Engil, construção civil e obras públicas, 1946, Amarante), António da Sila Rodrigues (Simoldes), Fernando Figueiredo dos Santos (também da Jerónimo Martins), Fernando Campos Nunes (Visabeira), Humberto Pedrosa (grupo Barraqueiro, TAP), Manuel Alfredo de Mello e família (Nutrinveste), os irmãos Violas (cordoaria; Solverde casinos no Continente; casinos também em Moçambique, o Sollibombos; hotéis e imobiliário), os irmãos Pereira Coutinho, herdeiros de Diogo Pereira Coutinho (Somafel, construção, renovação e manutenção de infra-estruturas ferroviárias, constituída em 1956; linhas de caminho-de-ferro em Angola e Moçambique, Metropolitano de Lisboa; criação de cavalos de desporto), Vasco actuando no imobiliário de luxo (possui a Quinta de Mata Mouros, com 120ha, vinha e adega, e o Forte de São João do Arade/Castelo do Arade, com acesso exclusivo ao rio) e João na importação de automóveis (SAG, Soluções Automóvel Globais/Volkswagen, Audi, Skoda, Bentley, Rolls Royce e Lamborghini; herdade no Alentejo), e vivendo menos em Portugal e mais no Brasil (onde intervém no imobiliário, tal como em Miami, nas águas, saneamento e em centros comerciais) e também na Argentina, onde adquiriu uma vasta fazenda (cerca de 125 mil hectares); a família Champalimaud (António de Sommer Champalimaud figurou vários anos nas listas dos multimilionários da revista Forbes; império empresarial construído durante o Estado Novo e nacionalizado com o 25 de Abril; velha nobreza, com bens fundiários de prestígio/vinhas no Douro; ligações familiares aos Mellos da CUF; Empresa de Cimentos de Leiria, depois também Carvões e Cimentos do Cabo Mondego; urbanização da Quinta da Marinha; Banco Pinto & Sotto Mayor; seguros, siderurgia, celulose; grande fortuna também no Brasil, no pós-25 de Abril, agro-pecuária e cimenteira; por testamento, a Fundação D. Anna de Sommer Champalimaud e Dr. Carlos Montez Champalimaud presidida por Leonor Beleza).

Importa ter presentes as fortes ligações entre a alta burguesia portuguesa, na primeira metade do século XX: Mello, Alfredo da Silva (CUF), Sommer Champa-

limaud, Ulrich, d'Orey, Pinto Basto, Moniz Galvão, Bensaúde, Burnay, João Pereira Coutinho, Francisco van Zeller. Famílias que continuam a se cruzar e a encontrar, nomeadamente nas festas de casamento, mas que também passaram a convidar políticos destacados, menos a grande nova burguesia bilionária. Nesta ressaltam Soares dos Santos, Belmiro de Azevedo (também eles com sucessores directos), Américo Amorim, com lugares nas listas da Forbes, e também outros novos-ricos, menos «educados» e menos milionários, como Sousa Cintra, «rei» da água e da cerveja» (Unicer e Centralcer) ou José/Joe Berardo (garimpeiro, minas de ouro e diamantes, participações accionistas e financeiras, coleccionador de obras de arte, Quinta Monte Palace, que fora hotel, no Funchal, Quinta da Bacalhoa/Palmela e Quinta dos Loridos, com o seu Buda Eden, na zona do Bombarral).

As extravagâncias das elites nacionais não têm paralelo com a dos novos multimilionários habituais das listas da Forbes. No geral evitam a exposição pública, os eventos sociais, os lugares da moda e das multidões, com os habituais fotógrafos; dão preferência à frequência das casas dos amigos, a festas e jantares particulares, sem mistura com outras classes. Muitos preferem coleccionar arte (pinturas, mobiliário, porcelanas) e mostrá-la ao público (Fundação Ricardo Espírito Santo Silva e o Museu-Escola de Artes Decorativas, no Palácio Azurara, em Alfama; museu Berardo de Museu de Arte Contemporânea): o prestígio e a distinção social muito mais afirmados pela cultura do que pelo dinheiro, o que também entre nós e à nossa escala tende a opor os novos-ricos/fortunas de primeira geração (excluímos o mundo do futebol), aos simplesmente ricos por herança; por outro lado, a filantropia, os contributos para as causas sociais, não são estranhos aos homens mais ricos do país, como é comum no velho mundo (apoios sociais diversos, estímulos à educação, com bolsas de estudo, e à formação, etc.).

A maioria das grandes famílias não tem ilhas privadas, avião próprio, nem grandes iates: encontramos referências sobretudo a alguns carros pretensiosos (Hipólito Pires, da Hertz Portugal, com o seu Bugatti), a veleiros (Patrick Monteiro de Barros, apaixonado da vela, e o seu Seljm, de 37m de comprimento e uma tripulação de seis elementos, como um pequeno hotel flutuante com computador, telefone e fax, ou o seu Etecétera) ou a «modestos» iates. Todavia, Vasco Pereira Coutinho tem um iate a motor (transatlântico); João Pereira Coutinho tem um jacto particular e uma pequena ilha, a ilha do Capítulo, em Angra dos Reis, a cerca de 150km do Rio de Janeiro, no conjunto de outras, muitas delas privadas e com casas de sonho, com pista para o seu Falcon); alguns alugam pequenos jactos nalgumas deslocações, sobretudo para fora do País, nomeadamente para férias de família, até Palma de Maiorca ou a Sardenha. Mais raramente se dedicam a festas sumptuosas, embora haja excepções: Vasco Pereira Coutinho e a festa na Quinta de Mata-Mouros, próxima de Silves, ou os encontros no Forte de Ferragudo. Sem

esquecer a festa do casamento do seu filho em 2009 com 600 convidados, na luxuosa Quinta de Mata Mouros, entre eles Ricardo Salgado, D. Duarte Pio de Bragança, Durão Barroso: grande banquete, concerto privado, espectáculo de fogo-de-artifício, à maneira dos novos-ricos russos no Cap d´Antibes; Stefano Saviotti, hoteleiro italiano radicado em Portugal e no Brasil (hotéis Dom Pedro, na Madeira, desde 1978, também no Algarve/4 hotéis, em Lisboa desde 1998, e no Brasil desde 2008: o Dom Pedro Laguna e o Dom Pedro Laguna Beach Villas & Golf Resort, *resort* ecológico de luxo, sempre na praia de Marambaia, no Ceará, composto por *villas, algumas com acesso apenas por água, garante de privacidade – a Veneza Tropical –, e campo de golfe, a 35Km do aeroporto de Fortaleza)*, com as festas anuais do champanhe (glamour; colaboradores, clientes, convidados, fornecedores); acresce a promoção de regatas (equipa de regatas, com participação do próprio Stefano Saviotti).

Mas há lugares de encontro habitual destas elites. Desde logo, ao nível da residência, privilegiando bairros urbanos de prestígio como a Lapa e o Restelo em Lisboa, outros com ambientes algo privados e verdes, perto das grandes cidades (Lisboa e Porto), mesmo condomínios fechados: empreendimentos com impermeabilidade física dos seus perímetros, forte vigilância, controlo da acessibilidade/circulação; propriedade privada colectiva (e/ou usufruto) de espaços exteriores, a par da propriedade privada e individualizada de fracções ou unidades de habitação autónomas; usufruto de amenidades, com destaque para os equipamentos e os serviços de uso comum. Assim sucede na Quinta do Patino, no Estoril, criada por Antenor Patino, nos anos 50 (magnata boliviano do estanho), vendida em 1988 ao grupo Espírito Santo, e urbanizada como condomínio privado, garantindo tranquilidade, privacidade, luxo, serviços de portaria e forte segurança, exclusividade e discrição: 50ha murados, espaços de pinheiro manso e olival, campos de ténis, ginásio, piscina, campo de futebol com relvado sintético, um parque infantil, um lago, jardins e piscinas privadas; palacete de Patino de 1957, depois de Stanley Ho; 150 famílias, de forte poder de compra; portugueses, brasileiros e alemães; empresários, gestores, políticos, banqueiros e advogados. Entre os condóminos: Diogo Vaz Guedes (Gespura), Vasco Rocha Vieira, Manuel Dias Loureiro, Nuno Vasconcelos (Ongoing), Stefano Saviotti (hotéis D. Pedro), Humberto Barbosa (Clínica do Tempo), Simão Sabrosa (futebolista), José Maria Richiardi (BES), Simões de Almeida (Villa Galé), ou João Rendeiro (BPP). Assim sucede também na Quinta da Marinha, cerca de 900ha entre Cascais e a praia do Guincho: meio século antes, espaço inóspito, arenoso e quase desértico do conde de Moser, comprada (anos 1920s) por Carlos Montez Champalimaud (médico-cirurgião e empresário), com objectivos de a transformar em zonas residenciais, de lazer e turismo, com qualidade mas não necessariamente de grande luxo e sofisticação, e projecção internacional; em 1922 teve início a fixação das areias e a plantação da

floresta mais para o interior, na base de pinheiro bravo e de pinheiro manso; a urbanização efectiva foi retardada pelas crises que se sucederam e as disputas entre os herdeiros.

Nos dois casos, estamos perto de Cascais e dos Estoris, e não longe de Sintra. Lugar de prestígio residencial entre as velhas elites do Reino e mesmo de intelectuais de renome de origem externa, Sintra ganhou uma «paisagem cultural», recentemente reconhecida pela UNESCO (1995). Na segunda metade do século XVI, destacou-se pela presença da nova aristocracia de então, com seus novos solares e quintas. Desde logo, D. João de Castro, que fora vice-rei da Índia, a partir de 1542, na Quinta da Penha Verde. Em seguida a Vila é afastada dos circuitos régios e aristocráticos: no período filipino a Casa de Bragança dá preferência a Vila Viçosa (Palácio, casa de férias dos reis da Dinastia de Bragança, depois essencialmente residência de caça – grandes caçadas na extensa Tapada Ducal – e de algumas visitas oficiais, como a do Rei Afonso XIII de Espanha a D. Manuel II, em Fevereiro de 1909). Com a Restauração afirmam-se Mafra (construção do Palácio-Convento) e Queluz (construção do novo palácio-real, com início em 1747, para residência de verão de D. Pedro de Bragança, rei consorte de D. Maria I). Mas desde os meados do século XVIII Sintra ganha nova atractividade: construção do Palácio de Seteais para o cônsul holandês Daniel Gildemeester, depois do Marquês de Marialva; novas obras no Paço da Vila; compra do Mosteiro da Pena em 1838 por D. Fernando II; aquisição da Quinta e do Palácio do Ramalhão por D. Carlota Joaquina, no princípio do século XIX; construção do Palácio da Pena, romântico, por D. Fernando II, marido da rainha D. Maria II, no lugar de um velho mosteiro do século XVI, como residência estival substituindo o Palácio da Vila, e abandonada em Setembro e Outubro, a favor de Cascais (D. Luís I e D. Carlos I); construção do Palácio de Monserrate, para residência de Verão de Francis Cook, visconde de Monserrate, com seus jardins, em 1858, reforçando o exotismo da sua paisagem e a atractividade para a aristocracia e os viajantes estrangeiros: velha mansão do comerciante inglês Gérard de Visme, concessionário em Portugal da importação do pau-brasil, arrendado a William Beckford em 1793 (a quem se deve parte do jardim), hóspede do 5° marquês de Marialva (Seteais); magnatas estrangeiros em palácios, palacetes e chalés.

Sintra destacava-se como lugar de veraneio e residência de aristocratas e de milionários, que adquiriram quintas e fizeram construir os seus solares. Exemplifiquemos com António Augusto Carvalho Monteiro e o Palácio da Regaleira, que fora da baronesa da Regaleira, depois conhecido como Palácio do Monteiro dos Milhões, com seus jardins, lagos, grutas: lugar privilegiado por músicos como Viana da Mota, músicos-pintores como Alfredo Keil, pintores como João Cristino da Silva, escritores como Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão ou Isaac Bashevis Sin-

ger, romancistas como Henry Fielding (1757), poetas como Robert Southey, Samuel Taylor Coleridge ou William Wordsworth, Lord Byron (1809), Alfred Tennyson. Todos atraídos pelas suas paisagens românticas, servidas desde 1887 por caminho-de-ferro de ligação a Lisboa.

A vizinha Cascais assumira-se desde 1870 como «praia da moda», já que praia da Corte: a rainha D. Maria Pia escolhera a vila para a prática dos banhos de mar, a partir de meados de Setembro, mês menos afectado pela nortada, após a passagem do verão em Sintra; a ligação entre as duas vilas beneficiou da reconstrução da estrada entre as mesmas; a antiga casa do Governador da Cidadela foi adaptada a Paço sazonal; surgem novos espaços públicos (Parada, com o Sporting Club de Cascais em 1879, depois o Casino da Praia, junto à foz da Ribeira das Vinhas), novas actividades de recreio (vela, remo, natação, ténis, futebol), a ligação por caminho-de-ferro a Lisboa (1889), novos hotéis, habitações de vilegiatura, para a aristocracia e a burguesia abastada, as elites sociais de então, que marcaram a paisagem e o prestígio do lugar (casas dos duques de Palmela, dos duques de Loulé, dos viscondes da Gandarinha), que se prolongava pelo Monte Estoril, onde a rainha D. Maria Pia ocupava o antigo chalé de João Henrique Ulrich.

Estoril nos finais do século contava Casino Internacional (1891), Grande Hotel (1898), Grande Hotel de Itália (1899), a que se seguiu o Hotel Paris, e algumas casas de veraneio de relevo junto da praia do Tamariz, como as dos Barros, Schröter e S. Roque, mesmo o edifício termal (1894) dos Banhos da Poça, em S. João (existiam, então, dois estabelecimentos de acolhimento, inaugurados em 1880 e 1894). À semelhança das termas do Estoril, os Banhos da Poça (Santa Casa da Misericórdia de Cascais) conduziram desde os anos 1880, à edificação de habitações na vizinhança e ao Hotel Bijou, em 1901. Pouco depois, Fausto Cardoso de Figueiredo iniciava o desenvolvimento do Estoril como uma elegante estação marítima, climatérica, termal e desportiva, um destino de férias das elites europeias, sobretudo a partir de 1914 (Hotel Palácio, Casino, paragem do Sud-Express, ligando a Paris e ao centro da Europa), depois lugar de refúgio das realezas exiladas (Costa do Sol, depois Costa do Estoril, a Riviera Portuguesa), como durante a Guerra Civil de Espanha, a II Guerra Mundial (neutralidade portuguesa no conflito; vigilância, recolha de informações, espionagem e contra-espionagem) e no pós-guerra.

Recordemos: os duques de Windsor, após a renúncia ao trono, em 1936; a família real espanhola/ D. Juan de Battenberg e Bourbon, Conde de Barcelona, herdeiro de Afonso XIII (1946, Villa Giralda, no Estoril); Rei Carol II da Roménia (residência Marisol, no Estoril), desde 1947; Rafael Ascenso Humberto II de Itália, em exílio desde 1946 (primeiro, ainda em 1946, em Sintra, na Villa Bela Vista, da duquesa de Cadaval, depois na casa do Conde Monte Real, em Cascais, a partir

de 1947 e até aos anos 60 na Villa D'Este, de Eduardo Luís Pinto Basto, das Porcelanas da Vista Alegre); Josef von Habsburgo, em 1948 (onde permaneceu por longos períodos); os condes de Paris desde 1947, após curta passagem por Sintra; e ainda os arquiduques da Áustria-Hungria, a família real dinamarquesa e a grã-duquesa do Luxemburgo. E muitos outros aristocratas, empresários, generais, romancistas, bailarinas, actores e espiões, alguns em trânsito: Robert Rothschild, Calouste Gulbenkian, Renoir, Antoine de Saint-Exupéry, Isaiah Berlin (filósofo e político britânico), Ian Fleming, Vinícius de Morais, Thomas Mann, John Maynard Keynes (economista britânico; ciclos económicos), Edward Murrow (jornalista estadunidense), Leslie Howard (actor e cineasta britânico, judeu), Alexander Alekhine (campeão mundial de xadrez franco-russo), Indira Nehru-Gandhi (primeira-ministra da Índia) ou Isabel de Orleães (filha do príncipe Filipe, conde de Paris). Entretanto a ligação a Lisboa fora favorecida pela construção da nova Estrada Marginal.

A Costa do Sol tornava-se lugar de veraneio e de residência internacional e de prestígio, que mantém até hoje (C. Cavaco, 1983). Este ambiente aristocrático e burguês justifica a sua atractividade sobre as elites nacionais e estimula a expansão residencial com altos padrões de qualidade, procurados pelas sucessivas gerações dos milionários portugueses. No antigo Parque da Gandarinha (cedros, plátanos, eucaliptos, araucárias, palmeiras, tamarindos, pinheiros), a oeste da Vila de Cascais, ao longo da estrada da Boca do Inferno e para o interior, parte da Câmara Municipal de Cascais e parte do Conde dos Olivais e Penha Longa, José Pinto Leite, dava-se início à sua urbanização nos primeiros anos 20. Desde logo a casa de Charles Henry Bleck (um dos fundadores da Companhia Shell), num dos maiores lotes, depressa vendida a Ricardo Espírito Santo Silva (Banco, Sacor), para residência de verão, lugar de passagem dos Duques de Windsor, Wallis Simpson e Eduardo VIII em 1936, e mais tarde de grandes festas com as famílias reais presentes e grandes homens de negócio (no resto do ano, a família residia em S. Domingos à Lapa, em Lisboa, num palacete do séc. XVIII). Depois a vila Itália, ocupada pelo rei Humberto II, de 1961 a 1983, lugar de encontro das velhas realezas e de intelectuais (Júlio Dantas, Egas Moniz, ou Joaquim Paço d'Arcos, Aquilino Ribeiro e António Sérgio), e de grande projecção internacional aquando do casamento de Maria Pia de Sabóia com o príncipe Alexandre da Jugoslávia (dezenas de cabeças coroadas, milhares de convidados, jornalistas e fotógrafos dos quatro cantos do mundo), actualmente Grande Real Villa Itália Hotel & Spa (2007). Também a Casa D'Orey, ou dos Marqueses de Olhão, mandada construir por Frederico Guilherme Mouzinho de Albuquerque d'Orey, utilizada pela família d'Orey como residência de verão; e antes, na estrada da Boca do Inferno, o chalé dos Viscondes da Gandarinha, viscondes e condes dos Olivais e da Penha Longa,

Sebastião Pinto Leite, grande proprietário e capitalista, com interesses comerciais em Lisboa, Londres e Manchester, que remonta a 1873; a Casa do Conde Arnoso ou Casa de Santa Maria, pertença de Manuel do Espírito Santo Silva de 1928 a 2004, e então comprada pela Câmara Municipal de Cascais.

Mais além, na Quinta da Marinha, com a morte do seu promotor em 1936, Carlos Champalimaud, e a prolongada disputa entre os herdeiros, a urbanização só ganha ritmo a partir dos anos 70, após a sua divisão em quatro empresas: Guia, Raso, Abano e Euronova (actual Quinta da Marinha, SGPS, ainda da família Champalimaud). Desde 1980, multiplicam-se vivendas, hotéis de bom nível (5*), aldeamentos turísticos, campos de golfe de 18 buracos, campos de ténis, mesmo hipismo... Afirma-se a componente turística, mas também a residencial, de nacionais e de estrangeiros, algo discreta, embora sem dispensar os luxos modernos, nomeadamente nos interiores e respectivas decorações. Prestígio internacional turístico e residencial que também encontramos no Resort Penha Longa, desenvolvido na antiga quinta da Penha Longa (um pouco mais de 200ha na serra de Sintra), lugar histórico, com o convento da Ordem de S. Jerónimo ou Convento da Penha Longa, do século XIV, e que nos séculos XV e XVI foi refúgio estival da família real. O convento foi mandado edificar por frei Vasco Martins, num terreno baldio com casas, azenhas, vinhas, pomares e matas, adquirido e doado por D. João I, que também terá apoiado a sua construção. D. Manuel mandou erguer as «hospedarias» ou «paços reais», D. João III financiou obras no claustro e no jardim, D. Luís (pai de D. Sebastião) a construção de novos edifícios necessários à comunidade. O conjunto compreendia igreja, dormitório, claustro, refeitórios, hospedaria, jardim com capelinhas, fontes e grutas. Desde 1834, com a extinção das ordens religiosas, vendido a João Carlos de Saldanha de Oliveira e Daun, 1º conde, marquês e duque de Saldanha, como bem da Fazenda pública, depois (1842) também a igreja, e mais tarde (1879) adquirido como exploração agro-pecuária pelo conde da Penha longa, Sebastião Pinto Leite (título nobiliárquico criado por D. Luís I de Portugal, em 1886), também Visconde da Gandarinha, grande proprietário e capitalista; em 1905, a propriedade passou para Luís Soromenho e em 1963, para Francisco Correia de Campos. O Resort da Penha Longa, na Reserva Natural de Sintra-Cascais, engloba actualmente um hotel de luxo (194 quartos e suites), um palácio do século XIX, Spa Six Senses (terapias orientais), 2 campos de golfe, campos de ténis, centro equestre, *country club*, vários restaurantes, piscina exterior e piscina para crianças, lagos, jardins, fontes, ermidas, e conjuntos de grandes moradias, muitas com as suas próprias piscinas (Village do Marquês), tudo formando um condomínio fechado com privacidade e segurança 24 horas.

Alguma discrição igualmente entre os multimilionários do Norte, gente trabalhadora e educada, que não se deslumbra com o dinheiro e recusa a ostentação

(exibicionismo apenas entre certos pretensos novos milionários, como fora visível entre os industriais do Vale do Ave, cheios de dívidas mas igualmente de Ferraris): BMW e Mercedes mas não automóveis vistosos, nem mansões sumptuosas ou etiquetas da Prada ou da Yves Saint Laurent. Mas claro, alguma distinção ao nível das residências, principais e de férias: se Américo Amorim habita o palacete do século XIX, que fora de Miguel Quina, Ilídio Pinho ocupa uma moradia com grande jardim, semelhante a muitas outras de Vale de Cambra, os Viola uma casa algo comum em Espinho, José Alexandre Oliveira um apartamento no Porto, Belmiro de Azevedo vive na foz do Douro, João Pereira Coutinho em Carcavelos (com heliporto), Soares dos Santos na Lapa (Lisboa), tal como Vasco Pereira Coutinho (palacete), mas no verão na Quinta de Mata-Mouros e no seu «castelo» de Ferragudo, o velho Forte de São João do Arade, tendo como vizinha a família real portuguesa na antiga casa de D. Filipa de Bragança, sua tia.

Muitos herdaram solares rurais ou adquiriram outros, bem como herdades e quintas, onde recebem amigos e familiares mais ou menos próximos. Em termos recreativos, acrescem os fins-de-semana em Londres, em Monte Carlo, durante o rali, em Saint Moritz (Diogo Vaz Guedes), Courchevel (Vasco Pereira Coutinho) ou mesmo em Aspen no Colorado, em Salzburgo, pelos festivais de música. As práticas desportivas são ocasiões de encontro comuns: a de golfe faz-se sentir especialmente em Cascais, pelo número de campos, mesmo se outros preferem o Lisbon Sports Club, entre Belas e Pêro Pinheiro. No Porto, alguns milionários encontram-se em velhos clubes de elite (algo intelectuais e burgueses), fechados, como o Clube Portuense e sobretudo o Oporto Cricket and Lawn Tennis Club (fundado em 1855; críquete, piscina e campos de ténis em Campo Alegre; muitos ingleses ligados ao comércio do vinho do Porto; Américo Amorim e Belmiro de Azevedo; fundido com o Oporto British Club em 1968). Em Espinho, o destaque vai para o Oporto Golf Club (o mais antigo campo de golfe da Península Ibérica, aberto em 1890, frequentado por Artur Santos Silva, Ilídio Pinho e a família Violas), reservado apenas aos seus membros, como o Lisbon Sports Club, em Belas; e na Póvoa de Varzim, o Estela Golfe Clube, de encontro das famílias Manuel Gonçalves, Quintas (que fundou o campo em 1989), Oliveira, da Riopele...

Destaquemos igualmente as caçadas no Alentejo, nas grandes herdades de alguns dos milionários nacionais, nomeadamente do Norte, que as adquiriram após a reversão da reforma agrária, como antes do 25 de Abril na herdade do Belo, dos Champalimaud, e na herdade do Peral, dos Mello, sempre sem ostentação nem exibicionismos. Exemplifiquemos: Américo Amorim e o Monte do Peral, que fora de Jorge de Mello (5.500ha, 40km a sul de Évora; cortiça, campos de cultivo, coutada; veados, gamos, javalis, coelhos e perdizes), com seu pequeno hotel rural, e como convidados habituais, os filhos de António Champalimaud,

Vasco Mello, Patrick Monteiro de Barros, os irmãos António Manuel Gonçalves e Fernando Manuel Gonçalves, Ilídio Pinho, Joaquim Carlos Silveira, Diogo Vaz Guedes, José Manuel Espírito Santo, Adalberto de Oliveira e Jorge Quintas (ambos da família Quintas), Fernando Guedes ou Ricardo Salgado, gente da banca, da indústria e do imobiliário, alguns viajando de avião (aeródromos e heliportos locais), mas também apenas gestores, advogados, políticos. Igualmente Ilídio Pinho e a herdade da Espargosa, perto de Castro Verde (1.200ha), Champalimaud e a herdade do Belo, Mário Vinhas (criador de cavalos) e a herdade do Zambujal, José Roquete e a herdade do Esporão, Espírito Santo e a herdade da Comporta (12.500ha, dunas, 12 km de praias, florestas, vinhas, arrozais, várzea e sapal, aldeias), que fora desde 1836 até 1925 da Companhia das Lezírias do Tejo e do Sado, comprada depois pela The Atlantic Company e adquirida pela família nos anos 60, mas objecto de nacionalização (1975) e apenas devolvida pelo Estado em 1991.

Esta herdade foi recentemente objecto de um programa de desenvolvimento como destino turístico de alta qualidade, sustentável (vasta extensão de praias; projectos semelhantes aos das herdades do Pinheirinho e Costa Terra); e entretanto muito mediatizada pelo «turismo de pobrezinhos», no sentido de turismo das elites, em ambiente de certa simplicidade e rusticidade, com presenças da família Espírito Santo, das famílias reais espanhola e monegasca, também de Philippe Labro (realizador, escritor e jornalista), Jacques Grange (designer de interiores com loja no Carvalhal), Christian Loubotin (modelos de sapatos), o médico Monchicurt, e tantos outros (franceses, polacos, checos, russos, americanos, belgas, irlandeses e escoceses, alguns portugueses). As antigas aldeias foram renovadas e ampliadas (Comporta, Carvalhal, Carrasqueira, Brejos da Carregueira de Baixo), surgiram novas vivendas privadas e vigiadas (cancelas com câmaras de vigilância), também casas de colmo, algum comércio de luxo, as praias são cuidadas (acessibilidades, parque de estacionamento, toldos de colmo, casas de banho, cinzeiros, apoios de praia, limpeza do areal, restaurante e café), oferecem-se passeios a cavalo para adolescentes (Cavalos na Areia), alugam-se boxes para cavalos de outros, além de bicicletas e canoas.

Mas a Quinta do Lago (principal resort turístico, no Algarve) é também frequentada, pelos mais ricos de Portugal, sobretudo nas férias de verão, a par de celebridades do mundo do desporto, nomeadamente do golfe (Academia de Golfe Paul McGinley, Clubes de golfe exclusivos dos seus sócios, torneios nacionais e internacionais, estrelas do golfe mundial), mas igualmente do ténis e equitação, da música e do cinema, gente da política e dos negócios (em particular da construção civil e obras públicas, que foram altamente rendíveis na primeira década do século): investidores portugueses, ao lado de outros, europeus ou dos

EUA, mesmo dos BRICs, que aí adquiriram mansões de sonho mais ou menos isoladas, com jardins e piscinas, e apartamentos, como casas de férias ou de residência (Colégio Internacional de Vilamoura, Escola Internacional de Porches, aeroporto de Faro), nomeadamente para a reforma (invernos amenos), enquanto outros optam pelos seus hotéis de muitas estrelas ou por alugueres temporários: compradores do Reino Unido, Holanda, Benelux, Alemanha, França, Escandinávia, e também Rússia, China e África do Sul.

Integrada no «Triângulo Dourado», que inclui Vale do Lobo e Vilamoura, é uma das mais luxuosas zonas do Algarve, a mais exclusiva (centenas de hectares de floresta de pinheiros e lagos; Quinta dos Ramalho e a Casa Velha, que em 1972 passou a restaurante, frequentado desde logo por ricos e famosos), reconhecida internacionalmente pelos seus campos, clubes e escolas de golfe (destacado destino de golfe a nível europeu), restaurantes com estrelas Michelin, clubes nocturnos sofisticados, lojas elegantes, praias de areia dourada, parque natural da Ria Formosa (dois mil hectares, solos arenosos, pinhal, aves; baixas densidades de ocupação e de tráfego no interior, caminhos pedonais, política ambiental responsável, reconhecida e certificada, flora autóctone), proximidade do aeroporto de Faro, dunas, vastos areais e praias com privacidade. Este complexo residencial e recreativo luxuoso, sofisticado, cosmopolita e muito exclusivo, de renome nacional e internacional remonta a 1970, foi inaugurado em 1972 (Casa Velha e ponte de madeira sobre a Ria, dando acesso à praia, estruturação do lago, construção do primeiro campo de golfe, o Quinta do Lago Sul, ainda em 1974), mas o seu desenvolvimento foi perturbado pela Revolução do 25 de Abril, com suas instabilidades políticas e sociais, e retomado a partir dos anos 80, multiplicando os campos de golfe e os aldeamentos mas mantendo condições de privacidade, descontracção e anonimato. O Restaurante Gigi (1986), simples, em madeira, um antigo bar de Bernardo Reino, é um dos mais famosos do Algarve, e durante o Verão, um dos principais lugares de encontro mundano: empresários, banqueiros, políticos, mesmo Carolina do Mónaco e Ernst de Hanôver, para além de gente da televisão, do espectáculo, das revistas «cor-de-rosa». O vizinho Vale do Lobo remonta ao início dos anos 60 (hotel de luxo D. Filipa, capitais internacionais; depois intervenção de um empresário holandês, aquisição de 4 centenas de hectares), tal como Vila Moura (antiga quinta de Quarteira, com mais de um milhar de hectares), são aldeamentos um pouco menos exclusivos, mas igualmente com forte componente residencial, nacional e europeia, e de golfe de qualidade (investimentos que se rendibilizam e valorizam).

As elites portuguesas parecem bem mais discretas que as que encontramos em Saint Barth ou na ilha Moustique, nos festivais de Salzburgo ou de Edimburgo, em Gstaad e outras estâncias da moda (Courchevel, Megève ou Saint Moritz), em

Cannes, Portofino ou Corfu; também das habituais em Marbelha, Ibiza, Saint-Tropez, Porto Cervo (Sardenha), Punta del Este (Uruguai), o Saint-Tropez da América latina: grandes soirées mundanas, como a que promovem anualmente em Ibiza, Cathy e David Guetta, reunindo 6 mil pessoas na discoteca Pacha ou Tony Murray em Saint Tropez para 1500 pessoas, no verão, na sua villa sumptuosa, próprias dos jet-setters verdadeiramente ricos, grandes estrelas do cinema e da televisão, e dos que os pretendem imitar nas suas velhas transumâncias festivas (facilitadas com a difusão dos aviões privados e dos grandes iates). Nada de verdadeiramente comum com o baile promovido por Simon Iturri Patiño (Bolívia, «rei do estanho») em 1968 na Quinta Patiño, a 3km do Estoril, com 700 convidados, a nata da sociedade europeia, americana e alguns asiáticos, intenso movimento de jactos e iates privados, rivalizando com o do Marquês de Cuevas em Biarritz, o de Charles de Beistégui no Palácio da Lábia, em Veneza, e o Baile Astor na Inglaterra, as festas lendárias de Marie-Hélène de Rothschild, com convidados do mundo inteiro, ou as de Warren Buffet ou de Gilberto Scarpa, milionário brasileiro, não menos extravagantes; ou ainda as de Valentino (com casa em Capri, chalé em Gstaad, castelo em França, hotel particular em Londres, o palácio Mignanelli em Roma, um iate de 60m); sem esquecer as festas dos Agnelli, Rothschild, Aristóteles Onassis, Stavros Niarchos, Marlene Dietrich, Greta Garbo, Gary e Rocky Cooper, Céline Dion, Jack Nicholson ou Michael Douglas, que muitas vezes ganham projecção mundial e objectivos humanitários.

4. Abandono das elites e «popularização» de velhos destinos

4.1. Climatismo invernal na base dos Pirenéus: Pau

Pau, a cerca de 120 km do Atlântico e a 200m de altitude, é uma porta de entrada para os Pirenéus (colo do Somport, a 1631m, e correspondente túnel; e colo do Pourtalet, a 1794m), apenas a meia centena de quilómetros, que nos princípios do século XIX, mas sobretudo a partir dos anos 30, inicia uma clara viragem económica no sentido do turismo, um turismo internacional algo aristocrático e luxuoso. Napoleão Bonaparte passou por Pau em 1808, encantou-se com o panorama das montanhas mas não com a cidade: actividade comercial e tecelagem do linho; casas degradadas, ruas estreitas, sujas e mal cheirosas; uma praça, a Place Royal, dos finais do século XVII (exaltação do culto do Rei Sol); fortaleza medieval, o castelo de Pau, outrora residência dos Condes de Foix, de grande influência regional, e que funcionava como prisão. Ordenou então o melhoramento e embelezamento urbanos, nomeadamente o alargamento da praça Bonaparte, trabalhos

de recuperação do castelo (em 1838, com Luís-Filipe, são reforçados os seus traços medievais e da Renascença – mobiliário, tapeçarias – e mais tarde com Napoleão III, é acrescentada uma torre dupla enquadrando uma entrada falsa a oeste), e a melhoria da acessibilidade, com abertura da ligação por estrada de Paris a Madrid, passando por Pau e Saragoça.

No final do período napoleónico chegam e instalam-se em Pau, as tropas aliadas (espanhóis, portugueses e ingleses), comandadas pelo general irlandês Wellington (1814) e seus oficiais, que ficam encantados com a suavidade do clima, o ar puro, a paisagem e as vistas para os Pirenéus, a própria cidade, limpa e arejada, a fertilidade dos campos e as possibilidades de caça, e anos depois, aquando da reforma, retornam como residentes, iniciando uma futura colónia inglesa. Esta foi reforçada quando em 1837, Alexander Taylor, médico escocês, procura Pau para convalescença e na continuidade, publica em 1842 o seu livro sobre as virtudes curativas do clima de Pau e das águas minerais dos Pirenéus, promovendo definitivamente Pau como estância climática invernal em Inglaterra (atestam-no as campas com cruz celta no cemitério local e a própria toponímia urbana, com a «rue des Anglais»). Entretanto, difundira-se entre os ingleses abastados, a moda de viajar para os Pirenéus, como para os Alpes.

Dos anos 1830 à Belle Époque, Pau afirma-se como estância mundana, das mais reputadas da Europa ocidental, de cura mas sobretudo de vilegiatura, também desportiva, para toda uma clientela afortunada da região parisiense e do estrangeiro, atraída pela paisagem, pelo clima, pelo mundanismo, a que não foram indiferentes as novas acessibilidades através do caminho-de-ferro que chegou a Dax em 1854 e alcançou Pau em 1863, e mesmo a realização dos primeiros voos de balão, que nos princípios do século XX dão lugar à actividade aeronáutica: quase ausência de vento; primeiro voo de avião em 1909 por Wilbur Wright; escola militar de aviação em 1911, confirmando Pau como capital mundial da aviação, com presença de muitos americanos. Também a primeira realização do Grand Prix de França decorreu em Pau, ainda em 1901.

Nos meados do século XIX, cruzavam-se continuamente em Pau os transportes individuais e personalizados e a vida económica local passa a girar em torno do alojamento, ocupação e bem-estar desta clientela afortunada: aristocracia, luxo. De Outubro a Março, reis e rainhas, duques e princesas, homens de negócio, magnatas da indústria e da imprensa, e também aeronautas de renome; parisienses, ingleses, russos, americanos, brasileiros e tantos outros. Entre os visitantes famosos: Alfred de Vigny, poeta romântico francês de origem aristocrática; Frantz Liszt; Lamartine, que de Pau escreve a Stendhal, lembrando as rosas no seu jardim em pleno inverno; o próprio Charles XIV-Jean, rei da Suécia e da Noruega, de 1818 a 1844, aliás natural de Pau. A velha Place Royal então renovada reafirma-se como

o centro mais mundano da cidade: rodeada de edifícios de prestígio, como o hotel de France ou a sede do Município, e plantada de tílias. De 1878 a 1899, constrói-se o passeio/esplanada sobre a cornija, virado a sul e aos Pirenéus, ao longo de quase 2km, com mármores regionais de Arudy: boulevard dos Pirenéus, lugar de encontro, lugar para ver e ser visto, pretensamente equivalente à Promenade des Anglais, de Nice, e à Promenade de la Croisette, de Cannes, e da responsabilidade de um arquitecto da escola do barão Haussmann. Em 1894, surge a rede de *tramways* puxados por cavalos, e eléctricos na viragem do século. Em 1908, um funicular liga a cidade alta/Place Royal à gare do caminho-de-ferro, através de jardins exóticos, onde dominam as palmeiras, ao mesmo tempo que as Galerias Modernas ocupam o terreno de antigo Hotel Central.

Entretanto assegurara-se o saneamento básico (redes de abastecimento de água e esgotos), o alargamento das ruas e a sua iluminação a gás, o embelezamento geral urbano, e a oferta comercial de móveis, mercearia fina, vinhos, material de equitação e bens da moda, como em Paris ou Londres. E muitos parques e jardins, de espécies exóticas: palmeiras, iúcas, cedros do Líbano e do Atlas, sequóias gigantes, magnólias, plátanos, tílias, bananeiras e flores diversas, nos diferentes jardins (jardim japonês, jardim renascença, jardim mexicano). «Pau cidade-verde, Pau cidade-jardim»: 750 hectares de espaços verdes públicos e muitos jardins privados. A cidade como um jardim ao ar livre, com espécies tropicais dos diferentes continentes, não longe dos Pirenéus, testemunhando a relativa amenidade dos seus invernos.

Multiplicaram-se paralelamente as villas sumptuosas, muitas com seus parques à inglesa, algumas albergando actualmente instituições públicas, muitas outras tendo passado a unidades de alojamento turístico ou a lares da Terceira idade, enquanto alguns dos seus parques foram parcelados e urbanizados: villa Caplane, irlandesa; villa Sainte Odile, francesa; villa Béatrix; villa Lassensàa; villa Challe (*art deco*); villa do actual Banco de França; villa Navarre; villa Nitot, acastelada; villa Beit Rahat; villa Saint Hélène (estilo anglo-americano, do conde Grant de Longueil, canadiano); villa Formosa, estilo neogótico; villa Ridgway, inspirada nas casas coloniais do sul dos Estados Unidos, testemunhando a presença em Pau, nos finais do século XIX, da grande burguesia dos Estados Unidos e do Canadá, etc.

Sucedera-se também a construção de hotéis, uns mais comuns como o Hotel France ou o Hotel des Postes, de 1900 (em 1971 passa a Hotel Gramont), outros verdadeiros Palaces de nível internacional, majestosos e mundanos, com seus ambientes de luxo, onde decorriam concertos e recepções, como o Grande Hotel Beausejour, demolido em 1969, e sobretudo o Hotel Gassion, inaugurado em 1872 e ampliado em 1878, como uma residência real, com elevador de acesso aos quar-

tos, anormalmente grandes, com a respectiva casa de banho privativa, e «pessoal falando as línguas comuns nesta grande estância invernal dos Pirenéus, nomeadamente inglês, espanhol, português, holandês, alemão, russo». Funcionou como hotel até à grande crise dos anos trinta, sendo então vendido, tal como muitos outros Palaces, e dividido em apartamentos. Na estação 1878-1879, nos 6 mil invernantes que passaram de alguns dias a várias semanas em Pau, 1760 ficaram no Hotel Gassion: destes 1049 eram franceses, 301 ingleses, 109 espanhóis, 96 da América do Norte, 57 belgas, 32 russos, 27 suíços, 26 alemães, 20 holandeses, 15 austríacos, 10 suecos e alguns outros brasileiros, polacos, húngaros, romenos, italianos e dinamarqueses.

Deve-se à forte presença habitual dos ingleses em Pau (200 em 1830 e 250 em 1863) a construção de duas igrejas anglicanas (1841 e 1862), a do hipódromo do Pont-Long (1842: desportos equestres, como corridas de cavalos, concursos hípicos, polo) e a do golfe de Billère (1856), junto daquele, bem como de campos de ténis e de críquete, pista de ciclismo, também no Bois-Louis, a difusão da caça à raposa, outro dos seus desportos preferidos, a instalação de médicos e farmácias inglesas e ainda o Cercle Anglais (clube, templo da arte de viver das elites), de 1859, tornado Hotel de Espanha e depois Residência de Espanha. A influência inglesa no campo da equitação veio reforçar a promovida pelo imperador Napoleão Bonaparte em 1808, no Haras Nacional de Pau, em Grelos, a sul da cidade, num domínio do século XVIII, com sua residência senhorial, actualmente especializado na reprodução equídea. A presença de ingleses no Sudoeste da França fora aliás habitual, nomeadamente em Bordéus: a cidade floresceu do século XII ao século XV, no seguimento do casamento da duquesa Eleanor da Aquitânia com o conde Henri Plantagenet, futuro rei Henry II de Inglaterra, e do comércio de vinho. Retornada ao reino da França nos finais do século XV, juntou aquele comércio tradicional e o de distribuição do açúcar e escravos das Índias Ocidentais, e ganhou riqueza e urbanismo, substituindo Paris como capital em momentos de crise (1870, aquando da guerra franco-prussiana e durante as I e II GG).

Habitual também a presença dos aristocratas e grandes burgueses da Rússia imperial, sobretudo desde o Segundo Império (Napoleão III), atestada pela construção da igreja ortodoxa em 1867, pouco depois da igreja Saint Nicolas de Nice em 1859 (ainda antes da sua integração na França em 1860), e da catedral de Saint Alexandre Newsky de Paris, de 1861: igreja discreta, sem as cúpulas tradicionais da ortodoxia, no canto de um jardim, rodeada de palmeiras. Entre essas presenças, a princesa Kougouchef, os condes Sherbakoff, a princesa Narichkine, no seu castelo em Gelos, a sul de Pau, Vladimir Nabokov, em férias em casa do tio, Michel de Chrouschoff, homem de negócios, cuja presença é assumidamente justificada por motivos de saúde. Com a Revolução de Outubro, muitos refugiados russos, de

todas as origens, fixaram-se na região (ensino do russo; associações de amizade franco-russa): russos brancos fugindo dos russos vermelhos, revolucionários, de Paris e dos seus táxis... Daí o ensino local do russo, as viagens destes estudantes a cidades da Rússia, o acolhimento local de outros estudantes da Rússia. Permutas também com estudantes de música (École Nationale de Musique e Conservatório Sviridov de Saint-Petersburgo). Sem esquecer o festival da cultura russa desde 2003: «Pau Ville Russe».

O mundanismo local era claro no Palais d'Hiver, casino municipal, centro da vida social de Pau: teatro, festas, jogos de fortuna e azar; um mundo de elegância, jóias, perfumes e diversões; localização num parque de 12 hectares, oásis de verdura no coração da cidade, onde dominam as palmeiras; propriedade adquirida em 1834 pelo visconde de Beaumont e comprada pela cidade em 1878 ao seu herdeiro, a condessa Anna de Noailles; a anterior villa Beaumont fora destruída em 1897 para dar lugar em 1899 ao Palais d'Hiver, com seu jardim de inverno, com palmeiras, fontes e flores exóticas sob uma cúpula de vidro; posterior remodelação, com uma longa fachada meridional de uma centena de metros, em estilo neoclássico, e os dois anteriores torreões laterais. Actualmente Palais Beaumont, funciona também como centro de congressos certificado (QualiCongrés. Historic Conference Centre of Europe/L'Historic Conference Centre of Europe, HCCE).

Muitas das velhas clientelas tenderam a trocar Pau, lugar de vilegiatura invernal (de Outubro a Abril), pela costa basca, em particular Biarritz, novo destino de vilegiatura estival, igualmente internacional, aristocrática e mundana (sobretudo depois da primeira e mais ainda da segunda Grande Guerra). O turismo tornava-se bem menos sedentário e a economia local ganhava outras bases e novo dinamismo: desde os anos 50 do passado século, a exploração de gás no próximo jazigo de Lacq. A população da comuna entretanto evoluiu: 8756 habitantes em 1793, 16196 em 1851, 34268 em 1901, 48320 em 1954 e 82763 em 2009, segundo o INSEE, os de 65 e + anos representando 16,4% dos homens e 23,7% das mulheres; 92, 2 % dos activos trabalhavam então no comércio e serviços; aos reformados cabiam 30,6 % das famílias segundo a categoria socioprofissional da pessoa de referência e 26,7 % da população de 15 e + anos; apenas 0, 7 % das residências eram secundárias, contra 2,6% dez anos antes; em 2012 contavam-se 27 unidades hoteleiras em actividade, com 1133 quartos, dos quais 388 de 3* e apenas 110 de 4-5*, bem como um parque de campismo com 67 lugares.

Pau continua todavia a oferecer um clima repousante, a grandiosidade dos Pirenéus como pano de fundo, um quadro de qualidade de vida, um ar de prestígio, uma tonalidade inglesa; e continua a ser procurada pelos britânicos, alemães e holandeses em férias, obviamente também pelos nacionais e pelos vizinhos espanhóis. Pau está a menos de uma hora dos Pirenéus e das suas estâncias de

esqui alpino (Gourette, já centenária, Artouste e La Pierre Saint-Martin) e de esqui de fundo (Issarbe, Somport, Le Braca), de espaços de turismo verde (Parque Nacional dos Pirenéus) e desportivo (caminhadas, escalada, desporto de águas vivas) e de estâncias termais (Eaux-Bonnes, para cuidados ginecológicos e anti envelhecimento, ou seja, reumatologia, traumatismos osteoarticulares, fibromialgias, *remise en forme*; e Eaux-Chaudes, para tratamentos das vias respiratórias e asma; e mesmo Salies de Béarn) e não longe de Lourdes, santuário Mariano, e dos caminhos de Saint-Jacques-de-Compostela. Na cidade, o MICE ganha algum peso: congressos, colóquios, nomeadamente no Palais Beaumont, onde também funciona um casino, com seus jogos de fortuna e azar. Não é menos importante a vertente de turismo cultural e de diversão: Museu das Belas-Artes, Museu dos Paraquedistas, Zénith de Pau (1990-1992, 7.500 lugares, junto do Hipódromo do Pont-Long, para grandes concertos, festivais e outros eventos), Palais des Sports. Mas «défice de imagem para lá do Sudoeste e de notoriedade, por falta de um grande evento de alcance nacional», segundo o Atlas 2010 do Grand Pau, que mantenha destacada uma função turística internacional equivalente à dos meados do século XIX.

4.2. Vilegiatura estival à beira-mar: saúde e turismo na velha Trouville

Com a Restauração e a Monarquia de Julho (1815/1830/1848), o desenvolvimento da vilegiatura nas margens sul do canal da Mancha, e depois nas costas atlânticas, os litorais não são mais «territórios do vazio» (pescadores, apanhadores de marisco, marinheiros): a condessa de Boigne, da nobreza normanda d´Osmond, lembra que nos finais do século quase fez escândalo ao banhar-se em Dieppe mas que, dez anos depois (1806), contavam-se localmente centenas de banhistas, a prática de banhos tendo-se tornado banal e deixando de surpreender, à imagem do que se passava do outro lado do Canal (1907). Em jogo, por um lado, expectativas terapêuticas dos banhos e do ar marítimo, amenidades climáticas, amplas marés e vastos areais («frescura, salinidade e turbulência do mar»); por outro, contemplação, encontro, convívio como num salão, conversação, mesmo leitura, mas pouca diversão na água ou na areia; no conjunto, apenas as elites aristocratas e burguesas, primeiro inglesas, depois francesas, de toda a Europa, da Rússia e da América do Norte. Como nas estâncias termais, resposta a uma nova necessidade e uma nova sociabilidade, envolvendo a construção de hotéis de luxo (Grande Hotel, Palaces), hipódromos, campos de golfe, casinos, teatros, passeios para peões à beira-mar, alguns em madeira, pontões ou estacadas (*piers*), passeatas de barco, regatas. Todas as estâncias tinham o seu hotel de luxo, ao encontro das exigências da sua clientela abastada: Hotel Les Roches Noires em Trouville, Grand

Hotel de la Terrasse em Deauville, Grand Hotel em Cabourg, Grand Hotel também em Biarritz ou em Nice...

A procura foi alimentada pelas sensibilidades românticas do século XIX, expressas nomeadamente por pintores e escritores, e pela moda difundida de Inglaterra, primeiro para a costa a leste do estuário do Sena, depois com o Segundo Império (1852) desviada definitivamente para oeste do mesmo; e viabilizada pelas novas facilidades de comunicação, nomeadamente navegação a vapor e rede de linhas de caminho-de-ferro (Paris-Rouen-Le Havre/Sainte-Adresse, em 1847; estação Trouville-Deauville inaugurada em 1863, ficando a apenas 5 horas de Paris). Procura sempre em expansão até aos anos 30 e sobretudo com a democratização das férias, pós IIGG.

No caso do litoral francês do Canal da Mancha, merecem destaque as elites económicas, das finanças, da indústria, do caminho-de-ferro, da navegação e comércio, de Paris ou do Havre, a par da sociedade parisiense das artes, das letras, da comunicação: pintores, escritores, músicos, comediantes; Eugène Boudin, Corot, Delacroix, Isabey, Edouard Manet, Turner, Edgar Degas, Paul Gauguin, Paul Huet, Pierre-Auguste Renoir, Camille Pissarro; Maupassant, Gustave Flaubert, Marcel Proust (A la recherche du temps perdu, 1913, escrito em parte em Cabourg), Marguerite Duras; Alphonse Karr (Le Fígaro), primeiro em Sainte--Adresse, de 1834 a 1852.

Cada estância teve o seu descobridor ou o seu promotor: Marie-Caroline Berry (cunhada de Charles X), com a sua corte, no caso de Dieppe, desde 1822; o duque de Morny, meio-irmão de Napoleão III e homem de negócios no caso de Deauville, desde 1859 (Gustave Courbet, hóspede em 1865 do duque Choiseul); George Dufayel, grande comerciante de Paris, no de Saint- Adresse, onde fez construir em 1906, um complexo pretensamente concorrente de Deauville, dotado de villas elegantes, de estilos exóticos, protegidas dos ventos do Norte, o «Nice do Havre», a que não faltou um pontão pintado por Raoul Dufy e jardins-esplanadas com vistas para o mar (Monet e o *Garden*, em Sainte-Adresse).

Trouville, pequeno porto de pesca medieval na foz da Touques, junto da margem direita, com uma vasta praia de areia fina, descoberta por Charles Mozin (ainda em 1825), seguido por Corot (1828), popularizada depois por Boudin, Monet e Pissarro, quando Huet, Eugène Isabey e Xavier Leprince exploravam a zona de Honfleur, Claude Monet (*Plage à Trouville* e *Hotel des Roches Noires*), escritores como Alexandre Dumas, Gustave Flaubert, Marcel Proust e Marguerite Duras, ou o Conde D'Hautpoul, o Barão Clary e Schlesinger (editor de música), de início procurada por banhistas de Dieppe, onde a vida era muito cara (Alphonse Karr, 1855), ou de Saint-Adresse, junto do Havre, bem mais movimentada e de acesso muito mais fácil. Na identificação da sua clientela estival do passado encon-

tram-se dezenas de marqueses, condes, viscondes, duques, barões, muitas outras de proprietários vivendo dos seus rendimentos, negociantes, alguns médicos, arquitectos, engenheiros, religiosos e alguns estrangeiros, de Manchester e Londres a Berlim, Leipzig e Saint-Petersburgo

O acolhimento de banhistas por Trouville remonta aos princípios do século XIX: pequenos albergues familiares, como o da Mère Oseraie ou o de Godreuil, referidos em 1834; regras respeitantes a ordem, decência e segurança desde 1790, retomadas pelo município em 1837 (referência aos Banhos de Trouville no jornal Pays d'Auge de 1837) e de novo em 1857; a praia foi dividida por decreto em 3 zonas, a dos homens à direita, a das mulheres à esquerda e a mista ao centro, todas dotadas de cabanas, e desde 1868, dispondo de um balneário no meio do jardim da Town Hall para banhos quentes e hidroterapia, quando se começava a fazer sentir a concorrência de Deauville. A expansão foi rápida durante os primeiros vinte anos: 50 a 60 casas e duas a três ruas, por ano; novas villas, hotéis de luxo, casinos e outras infra-estruturas, sobretudo com o caminho-de-ferro, que a coloca apenas a 5-6 horas de Paris (1855, Lisieux; 1858, Pont-l´Êvêque; 1863, Trouville, quando foi inaugurada a estação de caminho-de-ferro de Trouville-Deauville, reduzindo a viagem de Paris a apenas 5 horas, com os comboios rápidos); ponte Trouville-Deauville de 1861. Bem mais tarde, os parisienses chegavam de comboio ao Havre, depois seguiam de barco até ao dique-passeio des Roches Noires (1890), desaparecido durante a IIGG. A publicação de jornais confirma a procura estival do lugar na 2ª metade do século XIX: Jornal de Trouville e de Deauville, aos domingos e quartas, de 1857 e 1871, de Junho a Setembro; La Plage de Trouville, aos domingos, de 1859 a 1904; Le Baigneur, aos sábados, desde 1868...Nos meados do século XIX, contavam-se 60 ruas, uma centena de barcos de pesca, 2 barcos de recreio, pelo menos 600 marinheiros, 3504 habitantes (628 habitantes em 1800; fusão com a aldeia de Hennequeville, em 1847, formando Trouville-sur-mer), mas 6137 habitantes em 1901 e 6190 em 1911; novo máximo em 1946, com 7585, seguido de decréscimo contínuo. O prestígio da «rainha» das praias do século XIX cedeu à concorrência da vizinha Deauville, embora em favor de uma ambiência bem mais familiar.

Além do Auberge de l'Agneau d'O onde se alojou, em 1836, o jovem Gustave Flaubert, os hotéis de La Plage, d´Angleterre, de Paris (entre os clientes habituais, Sarah Bernhardt e Gabrielle Réjane, actriz francesa quase tão célebre quanto aquela ou Eleonora Dus, e todo o *jet-set* artístico da capital), de France, do Brás d'Or, do Quai Vallée ou o Hotel Bellevue, todos existentes em 1853; acresce a construção de novos hotéis, com destaque para o Hotel des Roches Noires (1866), na extremidade das Planches, como um Palace (de início, 75 quartos mas 300 em 1913, iluminados com electricidade desde 1904, e o anexo Les Roches Normandes), pintado por Monet no verão de 1870, durante a Guerra franco-prússica

(nuvens, bandeiras marcando a ambiência internacional, elementos predominantemente femininos, quando muitos homens ficavam em Paris e vinham apenas nos fins-de-semana), frequentado por todo o Gotha, a aristocracia russa, milionários americanos (ligação Havre-Nova Iorque), alta finança inglesa, industriais alemães, aristocratas franceses, Marcel Proust desde 1880 (em 1894, fez notar a existência de sala de armas, spa de hidroterapia e salas de jogo, e em 1907, troca-o pelo novo Grand Hotel de Cabourg, mais confortável e adequado aos seus problemas de saúde) e o conde René de Obaldia (teatro, Academia Francesa). O Hotel des Roches Noires foi convertido em apartamentos em 1950, habitado por Marguerite Duras, e classificado como monumento histórico. Dezenas de anos depois, destaque igualmente para o Trouville Palace, um Palace Hotel inaugurado em 1910, mas apenas terminado em 1918, com duzentos quartos, conforto moderno, elevadores, que também fechou em 1950, convertido em residências privadas.

A leste deste hotel, ao longo da praia tendo como pano de fundo colinas verdes, muitas villas com uma profusão de estilos, neo-normando, neogótico (como a do pintor Charles Mozin), neo-mourisco, persa (caso da villa da princesa de Sagan), renascença (villa Les Flots), exuberantes, imaginativos, pretensiosos e diferenciadores: villa Sidonia, manoir Normand, villa Masselin, Maisons Normandes, Maison Persane, Tour Mallakoff, ou a vila Clos des Mûriers (mandada edificar em 1893, por Geneviève Strauss, viúva de Georges Bizet), e mais além, a villa do conde de Barbantanne, actualmente Hotel La Taverne, a villa do marquês de Rozan (no centro) ou a villa Montebello (tornada museu). Sempre ao longo da praia, desde 1868, a Promenade des Planches e junto desta, cabines de praia, quando já se observavam multidões no areal (pintadas por Eugène Boudin desde 1860); de 1868 data igualmente a edificação do centro de hidroterapia nos jardins da Town Hall.

A par dos hotéis, os casinos. Desde logo em 1844, construção do Salon-des-Bains, simples pavilhão de madeira à beira-mar com Sala de Leitura, Sala de Jogos, Grande Salão de Música, salas de estudo de música e dança, bilhar, ginástica, esplanada e espaço de jogos ao ar livre; seguida pela do Casino Salon (1845), também junto da praia, muito maior e mais luxuoso, aberto de Junho a Setembro, e lugar de encontro da clientela estrangeira, com concertos na esplanada durante todas as tardes (1903, incêndio nos salões do primeiro andar, seguido de renovação total, e destruído em 1927). Entretanto fora edificado o casino municipal (1912), na extremidade do cais, em estilo neoclássico, cuja actividade foi dificultada pelos dois conflitos mundiais, mas totalmente renovado em 1992 (Casino Barrière, salas de jogo e *slot machines*), e não menos pela inauguração triunfal do novo casino de Deauville, igualmente em 1912, que desviou a sua clientela abastada. Acresce o teatro Éden, também espaço de concertos.

Na actividade recreativa referem-se desde 1878, as regatas internacionais organizadas pela Sociedade das Regatas de Deauville-Trouville, desde 1899, as corridas de automóvel Paris-Trouville, grandes concertos, espectáculos de ballet, teatro, ópera, bailes com orquestra, corridas de cavalos, pólo, eventos afastando veraneantes menos afortunados, como os encontros no Yacht Club. A construção (1890) do pontão-passeio, ao lado do Hotel des Roches Noires, como elemento de prestígio e de facilitação do acesso directo deste pelo vapor de ligação ao porto do Havre, de Março a Novembro, em 1901 com ligação directa a Brighton (ida e volta diária do vapor Brighton Queen com capacidade para trezentas pessoas), iluminado a gás desde 1893, então também com café-restaurante na zona de embarque, e concertos diários no mês de Agosto: espaço afectado por um incêndio em 1917, em 1920 substituído por um simples bar e anulado durante a IIGG, quando perdera funcionalidade face à generalização do automóvel e à valorização dos acessos rodoviários, e utilidade turística imediata, mesmo como lugar de passeio, encontro, uma extensão do passeio na direcção do mar com a riqueza de novas vistas e panoramas, á imagem dos *piers* das estâncias inglesas.

Face à concorrência de Deauville, mais faustosa, Trouville declina com destino de férias, mantendo a riqueza e o exotismo patrimonial das villas do passado século: o declínio foi-se acentuando e em 1936, Trouville conta apenas 6.000 habitantes, menos que em 1881 (novo máximo em 1946, com 7585 mas somente 4836 em 2009; 6618 em 1975 e 6429 habitantes em 1968). Nos anos 30, houve de facto algum progresso (generalização das férias): novos hotéis como o hotel Flaubert e o Palais Normand, de estilo neo-normando, um novo estabelecimento de banhos com piscinas, junto do casino, em estilo moderno, um novo mercado neo-normando ao longo da Touques (1935, «la poissonnerie»), perto do velho mercado de peixe coberto (monumento histórico desde 1922), alimentado por dezenas de barcos de pesca, o museu Montebello (1972, numa antiga villa mandada edificar pelo marquês Montebello), AquaTium Vivarium, o Clube Náutico de Trouville-Hennequeville, 5 km a norte de Trouville (CNTH), festival anual de cinema de curtas-metragens, concertos, exposições, e na proximidade campos de golfe e hipódromos (ocupação alemã em 1940).

Trouville atrai uma nova clientela mais discreta, popular e familiar, sem as celebridades nem o *jet set* de outrora. Polariza como lugar de residência secundária (200km de Paris) muitos escritores (René de Obaldia, Christine Orban, Patrick Rambaud), jornalistas (Louis Pauwels e Marie-Claire Pauwels), publicitários (Savignac), realizadores de cinema (Jacques Rouffio), comediantes e actores (Cecile Sorel, Annie Girardot Emmanuelle Riva, Gérard Depardieu, Jean-Paul Belmondo, Antoine de Caunes, José Garcia), cantores (Johnny Hallyday). Em 2009, 1/3 dos residentes tinha 60 e + anos, o número de alojamentos quase dupli-

cava o da população, dominando as residências secundárias, que quase duplicaram desde os anos 60: 63% residências secundárias ou ocasionais. Ao mesmo tempo, o número de apartamentos duplicou o de casas, mesmo se a construção de grandes imóveis modernos não perturbou decisivamente a velha paisagem balnear, nem os correspondentes afluxos saturaram as vastas extensões de areal descobertas na maré baixa.

4.3. Ao encontro da doçura dos invernos mediterrâneos, em Hyères

Antes de descobrimos Hyères e a sua história como um dos principais lugares de vilegiatura invernal e de saúde (sanatórios litorais para adultos e crianças desde os finais do século XIX) no litoral sul de França (note-se que Nice estava para lá da fronteira), importa recordar a forte atracção das paisagens da Provença, sobretudo a partir do século XVIII, nomeadamente para poetas, escritores e pintores, locais ou vindos do Norte (naturalistas e impressionistas, mesmo pintores do cubismo), que as celebraram e promoveram, através das suas obras: a luminosidade, o sol, o céu sempre azul, as cores fortes e contrastantes, a doçura do clima, os odores da flora, os largos horizontes marítimos, os recortes litorais e a sua beleza, a diversidade e notoriedade dos campos de alfazema e do maquis (política de criação de espaços verdes, com Napoleão III); uma natureza serena, melancólica, também selvagem, depois claramente humanizada e social, a que se impõe a força da luz e das cores, com estilização das formas; a multiplicação de pequenos portos e lugarejos como Estaque, Cassis, La Ciotat, de um e outro lado de Marselha, etapa no caminho para Itália e tornada «porta do Oriente» com a abertura do Canal de Suez em 1869. Lembremo-nos para o século XVIII, Jean Honoré Fragonard (Grasse; exuberância e hedonismo) ou Claude Joseph Vernet (Avinhão; paisagens portuárias), e para os meados do século XIX, as paisagens rurais e naturais de Paul Cézanne (Aix-en-Provence; montanha Sainte-Victoire) e de Vincent Van Gogh e Gauguin (Arles); anos mais tarde, pintores do fauvismo, com as suas cores intensas (princípios do século XX, e início do cubismo), como as de Saint-Tropez por Signac e Matisse (residiu em Nice, no hotel Le Beau Rivage, com praia privativa de prestígio); também Georges Braque, André Derain, Raoul Dufy (Estaque), Claude Monet e Auguste Renoir (em Antibes desde 1860), Picasso (no velho château dos Grimaldi em Antibes, entre 1948 e 1955 na vizinha Vallauris, a oeste daquela, e desde 1958 no seu château de Vauvenargues, a alguns km de Aix-en-Provence), com fortes ligações a Arles e a Saint- Paul de Vence, preferida por Marc Chagall; mesmo pintores norte-americanos como Thomas Cole e James Wilson Morrice, com passagens curtas, além dos pintores das escolas locais (Catálogo da exposição «Le paysage en Provence, du classicisme à la modernité: 1750-1920, Montreal, 2005).

Hyères (Var) exemplifica o *resort* climático mais antigo da Riviera Francesa, situado 15km a leste de Toulon, 84km de Marselha e 50km de Saint-Tropez, num quadro paisagístico igualmente digno de ser pintado: cidade velha, em torno do castelo de Saint Bernard, numa colina a 4km do mar, com muralhas do século XIV, e como pano de fundo, a extremidade ocidental do maciço cristalino dos Maures, sucessão de cristas este-oeste (Maurettes) culminando em torno de 300m (Monte des Oiseaux 241m; Costebelle 101m); zona de contacto entre a Provença cristalina e a Provença calcária; diversidade de paisagens, relevos e planície lagunar, área continental e insular; ponta de Giens (118m), com praias na costa norte, arribas na costa sul (centro de talassoterapia), ligada ao continente por duas restingas arenosas, limitando uma área pantanosa; sítios pitorescos; ilhas e ilhéus cristalinos (Porquerolles, a maior, Port-Cros e Le Levant: as ilhas d'Or; Parque Nacional de Port-Cros); abrigada dos ventos do Norte (mistral) e doçura excepcional do clima (temperaturas e pluviosidade de inverno mais favoráveis do que em Nice); flora e agricultura mediterrâneas, de sequeiro e de regadio (drenagem e rega pelo canal do Béal a partir de 1458 e desde 1975 pelo canal de Verdon; primores, citrinos e flores, desde o século XVI enviados diariamente para Paris); palmeiras decorativas, pela aclimatação de espécies tropicais, cultivo e exportação das mesmas desde o século XIX (cerca de 100 mil por ano de Hyères Les Palmiers), e mais de 20 «palmeiristas» no início do seguinte; terras baixas a sul (pastos de ovinos e cabras) e mesmo salinas até finais do passado século, com exportação de sal por navios de Génova (concorrência decisiva do sal do Languedoc e de Espanha), e na costa alguma pesca (armação de atum ou Madrága de Giens).

Desde meados do século XVIII, Hyères afirma-se como estância climática de inverno, frequentada pelas elites de então. Com acessos fáceis por estrada a partir de Toulon, porto militar e cidade de passagem para quem vem de Aix-en-Provence e Marselha a caminho de Itália, invernos amenos e soalheiros, ar puro e seco, situação um pouco no interior e ao abrigo das brumas, Hyères foi desde cedo frequentada pela realeza e a aristocracia europeias, sobretudo inglesas, e valorizada em termos terapêuticos (doentes respiratórios, mesmo pulmonares), em concorrência com a Madeira e depois com Tenerife, como atestam as recomendações de Duluc de Genève (cientista) desde 1775, recordadas por Geneviève Négrel; estadias (desde 1760) da baronesa de Chaintré (Dijon), que mandou construir (numa parcela que fora do convento dos Franciscanos) uma grande casa, cedida em 1768 a Victor Riquetti, marquês de Mirabeau; da condessa Diana de Vichy (conde Gaspard), o seu secretário e 4 empregados no inverno 1767-1768 (seis meses, por conselho médico); de Albermarle e Prevost, oficiais ingleses, no mesmo inverno; mais tarde, da condessa de Carlisle, do reverendo Notte, capelão do rei, de Anne Pitt (irmã de William Pitt, primeiro ministro da Grã-Bretanha) em

1787-88 e 1788-89; do príncipe Auguste Frederico, duque de Sussex e filho do rei Jorge III (Reino Unido) e da rainha Carlota; de Frederico VI da Dinamarca (filho de Cristiano VII e de Carolina Matilde, filha mais nova do príncipe de Gales e da princesa Augusta de Saxe-Gota); também do príncipe de Galles, futuro Georges IV, em 1788 e 1789; Arthur Young, agrónomo inglês, esteve em Hyères em 1789, a convite de Lady Craven (filha do conde de Berkeley, casada com o barão William Craven, escritora, viajante, residente na Provença de 1766 até à morte, que ocorreu em 1781 justamente em Hyères), que em «Travels in France» (1814) sublinha a presença de muitos ingleses e refere o Hotel de Necker; igualmente Pauline Bonaparte, irmã de Napoleão Bonaparte (princesa em 1806 e duquesa de Guastalla por casamento), no Château Farnous, depois Hotel do Parque.

Em 1780 além dos franceses, contava-se meia centena de famílias invernantes estrangeiras de renome: muitos ingleses, mas também suíços e alemães; e pelo menos dois hotéis, o hotel de Saint-Pierre, depois hotel de Inglaterra, e o Hotel de Necker. Estes afluxos aristocráticos foram interrompidos com a Revolução Francesa e retomados desde 1815, como testemunha a presença desde 1820 do barão Georges Stulz (natural de Kippenheim, grão-ducado de Baden, instalado em Londres; barão d'Ortenberg), ainda por conselho médico, que restaurou em 1825 o antigo domínio do marquês de Mirabeau, adquirido ao convento dos Cordeliers em 1768, e onde morreu em 1832 (Château Denis, hoje museu); ou desde os meados do século, as de William FitzRoy, duque de Grafton, e sua mulher Marie Anne Louise Baring, filha de Francis Baring, barão Ashburton, a do príncipe Charles de Hohenzollern e a da rainha Marie-Christine, de Espanha, por convite de Alphonse Denis. A componente terapêutica para doentes pulmonares afirma-se por aconselhamento de médicos ingleses, embora em concorrência com Nice e Cannes e sobretudo Menton (Edwin Lee, 1857): de 1834 a 1896, o número de médicos em Hyères passou de 7 a 14, e por quase todo o século pesou nos óbitos dos invernantes os jovens dos 15 aos 35 anos, vítimas da tuberculose, entre eles um irmão de Tolstoï (em 1860). O afastamento da beira-mar garantia boas vistas, sem os inconvenientes das brumas e insalubridades.

O desenvolvimento de Hyères como estância de vilegiatura desde os anos 1830, decorreu sob impulso de Alphonse Denis, erudito parisiense instalado localmente desde 1825, e ligado por casamento à família do barão Shultz, atrás referido: loteamentos do lado nordeste, nas colinas do Venadou, e o novo bairro do Oriente (1848); urbanismo na base de villas com grandes jardins; vida cultural (biblioteca pessoal), teatro, primeiro templo protestante (1854); visitantes ilustres (Jules Michelet, 1858); fixação residencial de elites endinheiradas. Relevem-se: Olivier Voutier no Castelo Saint Claire, em 1840, que fez construir nas ruínas de um antigo convento, em estilo neogótico, adquirido em 1917 por Edith Whar-

ton e actualmente sede do parque nacional de Port-Cros; barões de Prailly, desde 1841, numa exploração agrícola arrendada a Dominique Peillon, depois a Ernest Desclozeaux, também por motivos de saúde (fuga ao clima da Lorena), entre o monte des Oiseaux e a colina de Costebelle, mais tarde murada (5ha) e em 1857, lugar da construção da «Villa des Palmiers», de arquitectura neo-paladiana (renascimento veneziano; monumento histórico), com largas vistas para as salinas, cisterna central de recolha da água da chuva, capela e parque de espécies exóticas e raras (carvalhos, cedros, coqueiros, palmeiras, piteiras, medronheiros, cactos...), como um jardim de aclimatação – Plantier de Costebelle, desde a sua aquisição em 1896 por Paul Bourget («Jardin remarquable» desde 2009), inspirado no jardim do Château Denis (Hyères) e à semelhança da villa Victoria em Grasse, villa Hanbury no cabo da Mortola (Ventimiglia), villas Thuret e Eilenroc no cabo de Antibes, villas Vigier e Les Tropiques em Nice, villas Valetta e Camille-Amélie em Cannes, e Domaine des Cèdres em Saint-Jean-Cap-Ferrat; conde Léautaud-Donine desde 1873, após aquisição da *bastide* de Ernest Desclozeaux/Villa Léautaud (1853) ou villa Costebelle, acastelada, também por motivos de saúde da mulher, que com o domínio da Font des Horts, dos Arène (grandes proprietários locais, da colina do castelo à de Costebelle, enriquecidos com o comércio das laranjas), encravavam o pequeno Plantier.

Hyères também atraía grandes industriais, militares, cientistas, homens de letras, arquitectos, e desde os meados do século, investidores e promotores hoteleiros e imobiliários como Alexis Godillot (fortuna como fornecedor do exército no tempo de Napoleão III), Charles Lebouc, Richard Corbett (capitão do exército das Índias), Peyron e outros. Crescem novos bairros, villas com jardins e parques, e «castelos», sobretudo fora das muralhas. São exemplos os castelos de Hoïrs Filhe, de Despine, de Casimir Valeran, o de Saint Pierre des Horts, de fachada medieval (1858), mandado construir pelo médico Germain ou a villa acastelada do duque de Luynes, também proprietário do castelo de Dampierre (arqueólogo, Villa Tholozan, 1858). No Segundo Império, Hyères saiu definitivamente das muralhas, onde ficou a gente mais pobre: novos bairros, novas avenidas (Avenida des Palmiers), novo hospital (1863), grandes hotéis, pequeno Casino (1864), novas estações de caminho-de-ferro (em 1876, gare da ligação Hyères a Toulon, servido pelo Paris-Lyon-Méditerranée; pouco depois a do Macaron, dos Chemins-de-fer-du-Sud, criados pelo barão Jacques de Reinach, e seguindo pelo litoral do Var, de Toulon a St-Tropez), bancos, cafés, correio, galerias comerciais, mesmo um estabelecimento de banhos algo orientalista, para além de novas igrejas dos credos das diferentes colónias.

A expansão urbana de Hyères fez-se primeiro na direcção este-oeste, sempre ao abrigo da colina, depois para sul, na direcção do sol, do mar e da praia (Alma-

narre, antes quase despovoado, se excluirmos algumas cabanas de pescadores), mas evitando as planícies inundáveis e insalubres: colina do Vénadou, a leste, como zona de vilegiatura a partir de 1850, ou bairro Chateaubriand, nome da grande propriedade que fora loteada, desde 1879; Praça da Rade e Praça das Récollets, depois praça das Palmeiras, com a sua plantação em 1836, lugar de passeio e de festa, como a Promenade des Anglais de Nice (1884: jardim, fonte monumental e quiosque de música); expansão também pelas colinas de Costebelle (anos 70), entre pinhais, como na Ville d´hiver de Arcachon – ainda a 3km do mar e 100m de altitude, como uma pequena estância climática, valorizada pela construção de importantes complexos hoteleiros, e preferida pela colónia inglesa, como um anexo de Londres, com um campo de golfe de 18 buracos, piscina e desde cedo electricidade. Desde 1885, Hyères beneficiava de uma sociedade publicitária para atrair os estrangeiros.

Na clientela invernante dominavam nos meados do século XIX os franceses, mas os ingleses, principalmente de Londres, representavam mais de um quinto, a que se juntavam belgas, russos, polacos, alemães: sociedade aristocrática rendeira e nobre e gente de saúde débil, mesmo doentes. Nos invernos de 1857 a 1861, contam-se 72, 88, 95 e 93 famílias inglesas, sobretudo em casas alugadas, entre 388, 429, 514 e 414 famílias, ou seja 18,5 %, 19,3 %, 18,4 % e 22,6%. O número de famílias invernantes eleva-se em seguida a 600 em 1863, 1500 em 1880 e 2610 em 1886-87. A presença inglesa justificou aliás a edificação de uma igreja anglicana em 1867, no boulevard des Palmiers, substituída em 1884 pela nova igreja Saint Paul, utilizada até 1950, e mesmo escolas para crianças protestantes, residentes e invernantes, também por volta dos anos 60: ingleses invernantes e ingleses «residentes», uns como hoteleiros e mesmo promotores imobiliários e outros participando na oferta terciária local, como médicos, dentistas, farmacêuticos, agentes bancários, de entreposto, animadores da vida cultural (concertos, saraus, bailes...) e de apoio aos mais desfavorecidos.

Em 1855-56, 42% dos invernantes alojava-se nos hotéis mas em 1892, mais de 80%. Nos anos 30 do século XIX existiam o Hotel da Europa, no bairro das Récollets, o Hotel dos Embaixadores, e ainda na ilha de Porquerolles o Hotel de M. Thollon com seu jardim, todos elegantes, espaçosos, limpos, e muitas villas de gente abastada (alugueres mobilados (P. N. Fellon, 1834). Nos anos 1850-60, surgem o Grande Hotel das Ilhes d'Or (1850), depois transformado em Palace, o Grande Hotel do Parque (1866), o Hotel dos Ambassadeurs (1869), o Hotel do Oriente e o Hotel das Hespérides (no total, mais de 600 quartos); depois, em 1875, também o Hotel Ermitage, em 1880 o Hotel Beausejour e o Hotel des Palmiers, em 1881 o Grande Hotel d'Albion (os dois últimos bombardeados e demolidos com a IIGG), e ainda o Hotel Continental (destruído em 1979), em 1883 o

Hotel de Costebelle (transformado em liceu) e o Hotel Chateaubriand (finais dos anos 1880, aquando do loteamento do domínio de Van Bredenbeck de Chateaubriand), no cimo de uma colina, orientado a sul, com vistas para as Ilhes d'Or e o mar, num parque de pinheiros, eucaliptos e mimosas, com 90 quartos, decorações neo-Luís XVI no salão e na sala de jantar, colunas «jónicas» em mármore, elevador, aquecimento central, campo de ténis, como convinha à clientela inglesa de então, e que abria de Outubro a meados de Maio (subsiste como centro médico e de reeducação e convalescença da M.G.E.N.). Na viragem do século contavam-se 4 Palaces (Golfe Hotel com 300 camas e 3 hotéis em Costebelle: o Albion com 280 camas, o Ermitage e o hotel de Costebelle, ambos com mais de 200 camas), 6 hotéis de elevado nível (Grande Hotel do Parque com 120 camas, Hotel des Palmiers, Hotel des ilhes d'Or, Hotel des Ambassadeurs...) e muitos outros mais modestos, como o Beau Rivage.

E também muitas villas, a maioria construídas entre 1865 e 1880 e adequadas à vilegiatura invernal e familiar, umas de uso pessoal mas a maioria destinadas a aluguer: conforto, modernidade, capacidade de acolher famílias com os seus serviçais numerosos; estilos variados, e mesmo fantasistas e exóticos (paladiano, mourisco, como nos casos das villas Mauresca e Tunisina); villas rodeadas de jardins e no meio de parques com palmeiras (jardins dos conde de Léautaud, duque de Luynes, barão de Prailly, barão de Bonstetten, Alexis Godillot, Alphonse Denis, Olbius Riquier...), que contrastam com as dos anos 20 do século XX, bem mais pequenas e com estilos mais regionais. Marcaram a modalidade da urbanização dos bairros Chateaubriand a leste, Godillot a oeste, Jardin du Roi a sudeste, e depois Costebelle. Alguns outros apropriaram-se das ilhas: Charles-Albert Costa de Beauregard, político e historiador da Sabóia, a de Port-Cros em 1890; François Joseph Fournier (fortuna nas minas de ouro do México) a de Porquerolles em 1912. Aos hotéis e villas juntaram-se capelas e igrejas, além de espaços desportivos e de animação: croquet (derivado do golfe e inventado na Irlanda por volta de 1830, como passatempo de aristocratas), hipismo (provas hípicas desde 1865; hipódromo em Pesquiers desde 1877), recepções e bailes nos grandes hotéis, Grande Casino, inaugurado em 1903, corso de carnaval e desde 1905, também campo de golfe de 18 buracos, em quase quatro dezenas de hectares.

Os ingleses «vilegiantes» privilegiam nos anos 1870-1880 as novas urbanizações das colinas de Costebelle e do Ermitage, como proprietários de villas e como residentes temporários dos novos hotéis, de muitos quartos, com todo o conforto, grandes salões, capelas, campos de ténis, mesmo estábulos e serviço de ligação às estações ferroviárias próximas. Muitos frequentavam o Castelo Sainte Claire de Edith Wharton (romancista americana, locatária e desde 1927 sua proprietária), muitos outros a villa «Le Plantier de Costebelle», adquirida em 1896 pelo roman-

cista Paul Bourget, que o habita regularmente no inverno até 1935 e recebe personalidades ilustres, gente das letras e das artes, da música, da igreja, da política, médicos, militares, como André Gide, Rudyard Kipling (1921 e 1930), David Herbert Lawrence (1928, na ilha de Port Cros), na continuidade de Robert Louis Stevenson (1883 e 1884), Joseph Conrad (1874 e 1921) e tantos outros.

Em 1892 a rainha Vitória visita Hyères, relançando a estância entre os britânicos: comitiva composta por lorde Ponsomby, seu secretário, vários membros da família real, uma numerosa corte, num comboio especial com 7 carruagens e dois vagões; ocupação plena dos hotéis de Costebelle e do Ermitage (21 de Março-25 de Abril) e de muitas villas, desde logo a villa des Palmiers, dos condes de Guichen (herdada dos barões de Prailly em 1879), pela própria rainha. Nessa ocasião foram postas à disposição da Coroa de Inglaterra, do príncipe Henri de Battenberg, dos duques de Rutland e dos duques de Connaught, além dos castelos de San Salvadour (Edmond Magnier) e de Saint-Pierre-des-Horts (botânico Germain de Saint-Pierre), a villa des Palmiers, a villa Costebelle (condes de Léautaud Donine, bastide construída em 1853 na proximidade do castelo, sucessivamente remodelada e com três torres), a villa Sylvabelle (duquesa de Decazes), a villa Montclair (duquesa de Grafton), a villa Sainte-Cécile (Ambroise Thomas), a villa des Oiseaux (flautista Taffarel), a villa La Boccage (Charlotte Smith-Barry), a villa Almanarre (Clowes), Villa Luquette (major Ellis), e ainda a casa de M. Arène na Font des Horts.

A presença da rainha Vitoria reforçou a atracção de Hyères e a tonalidade inglesa da oferta turística local, mesmo se aquando das novas estadas na Riviera (1897, 1898 e 1899) privilegia Nice e a colina de Cimiez, com o novo hotel Excelsior Regina Palace, inaugurado em 1897, com todo o conforto moderno e vasto parque privativo. Para Marc Boyer (2002), o decénio 1890-1900 foi de euforia: no inverno de 1892-1893, os hotéis Ermitage, Hespérides e Albion estavam plenamente cheios de ingleses, o Hotel des Palmiers e o Hotel des Ilhes d'Or a ¾ e o hotel Chateaubriand a metade. Hyères era então quase exclusivamente frequentada por ingleses, entusiasmados por passearem nos caminhos de Costebelle, como o fizera a sua rainha. Todavia, a partir dos anos 80, já se constatava a diversificação da colónia, mais burguesa e criando interesses locais, nomeadamente imobiliários, e a afirmação clara da vilegiatura de lazer em detrimento da vilegiatura terapêutica, não obstante a multiplicação de sanatórios da beira-mar, desde logo orientados para crianças (estância hidromineral e climática desde 1913).

Refiram-se o hospital Renée-Sabran na península de Giens, inaugurado em 1892, e que nos meados dos anos 1930 acolhia 700 crianças; o hospital San Salvadour (1902); o Instituto Hélio-Marinho da Côte d'Azur (1904) para filhos do pessoal da Pechiney, e o do Mont-des-Oiseaux (1906) para adultos, depois o sanatório

para crianças órfãos da IGG, e nos anos 30, o hospital interdepartamental héliomarinho (actualmente Leon-Berard) da Oeuvre Lyonnaise des Tuberculeux, sanatórios readaptados funcionalmente desde os anos 60, com o recuo da tuberculose (actualmente, cerca de três mil activos no sector da saúde). A componente termal foi secundária e durou pouco tempo: nascentes de Almanarre, em San-Salvadour (Termas romanas de Pomponiana), exploradas desde 1903; hospital marinho com cuidados de hidroterapia; estância termal com um hotel de luxo de uma centena de quartos, frequentada por curistas, sobretudo durante o inverno.

Em 1765 Hyères contava 5.350 habitantes, um século depois, no fim do Segundo Império, 10 mil, na viragem do século 17.659 e em 1911, 21.339, mas apenas 17.476 em 1921 e 23.654 a seguir à IIGG (51.417 habitantes em 1999 e 54.600 em 2010, já com tendência regressiva; população relativamente idosa e feminina): o acesso por caminho-de-ferro em 1859 através de Toulon colocara Hyères a 26 horas de Paris, em vez de 4 dias e meio (presença de 396 famílias no inverno 1861-1862 e 575 no seguinte). A evolução demográfica exprime a função de estância climática invernal, em concorrência com outras da Riviera, com as suas especificidades clima-terapêuticas, ambientes elitistas, vida mundana, privilegiadas pela própria rainha Vitória: Cannes desde 1834, Menton desde 1860, Monte-Carlo desde 1865, além de Nice, integrada na França e ligada a Paris por combóio desde 1864; e também com novos lugares da Costa des Maures e os portos de Saint--Tropez e Lavandou. Hyères era bem diferente de Nice e beneficiara desde o início da proximidade de Toulon, com serviços diários regulares de diligências (duas horas), e das ligações por barco às ilhas próximas: alojamentos confortáveis, boa alimentação, prazeres simples, passeios pelos arredores, caça e pesca, vida tranquila, algo rústica, como convinha a quem buscava repouso ou melhorar a saúde. Mas os valores da população exprimem igualmente o desaparecimento das elites invernantes, com a IGG e mais tarde, a grande crise económica e a valorização das estadas estivais à beira-mar e os hotéis próximos das praias, como aconteceu também em Nice, onde o próprio Excelsior Regina Palace (1897), na colina de Cimiez, foi reconvertido em apartamentos.

Nos anos 1930, Hyères perde definitivamente a clientela britânica invernante e os hotéis entram em decadência, mudando de funções (sobretudo no pós-IIGG), mas aquela época gloriosa continua visível na paisagem: grandes hotéis que o deixaram de o ser, passando a edifícios públicos ou a condomínios. O Hotel de la Marine, um dos mais antigos, mencionado desde 1718, reconstruído em 1837 como Hotel des Ambassadeurs, o primeiro grande hotel local, de novo em 1869, foi transformado em imóvel de apartamentos (Palais Lutécia); o Grande Hotel des Ilhes d'Or, o mais antigo hotel de luxo do lugar, remontando a 1850, renovado em 1902, verdadeiro Palace, rodeado de jardins, hortas, uma centena de quartos e sala

de jantar para duas centenas de pessoas, salões, capela, jardim de inverno, foi igualmente adaptado a apartamentos privados em 1950; o Hotel do Parque, depois Grmm's Park Hotel em 1866 (anterior castelo Filhe, bastide do século XVIII, nos antigos Jardins do Rei que abasteciam Versailles de citrinos e recebia invernantes no século XVIII), foi comprado pela Câmara em 1934, para instalação de serviços administrativos; Hotel des Palmiers, de 1884, adquirido em 1939 pelo município, foi adaptado a estabelecimento escolar (Liceu des Palmiers, depois Liceu Jean Aicard); o Hotel Beausejour passou a casa de repouso em 1880 e a lar de reformados no pós-IIGG; o Hotel Chateaubriand, dos finais dos anos 1880, funciona actualmente como centro-médico de reeducação, repouso e convalescença da M. G. E. N; o Domaine San Salvador, comprado em 1869 por Parent, industrial belga, adquirido pelo município em 1875, vendido de novo para a construção de um hotel de luxo, um sanatório e uma capela, que em 1922 são transformados em hospital infantil. Entretanto o Casino des Palmiers (1902) cessou a actividade como casino em 1962 e foi adquirido pela cidade em 1980, enquanto o pequeno Casino de 1864, posto em venda em 1895 fora adquirido pelo município em 1912. A própria villa de Charles e Marie-Laure de Noailles, construída em 1923 como residência de verão, com jardim cubista, passou em 1973 a propriedade da cidade, que a funcionaliza como centro de exposições...

O desenvolvimento e a democratização do turismo balnear e estival também em Hyères, valorizou as praias, a península de Giens e as ilhas, outrora com importância sobretudo defensiva (fortes, lazareto). Na Ilha do Levante (espinha rochosa de 8 km/1km) foi criado em 1933 o domínio naturista de Heliópolis, privado mas aberto ao público, a mais antiga aldeia naturista do país, na sua extremidade sul (10% da superfície, parte restante não acessível ao público, já que do ministério da defesa; cerca de 90ha, 250 casas, uma centena de residentes; aldeia na parte alta do domínio, com restaurantes, bares, padaria, mercearia, correio, lojas de souvenirs e roupas; praia naturista, porto de Ayguade): lugar de calma, tranquilidade, convivialidade, animação estival e ausência de circulação automóvel.

Porquerolles (7km/3 km, 1.254ha, colinar, duas centenas de habitantes, povoada desde 1820, farol de 1837, porto e praias a norte), foi totalmente adquirida em hasta pública em 1912 por François Joseph Fourrier (belga com fortuna feita no México na exploração do ouro e na agricultura), que plantou centenas de hectares de vinha e pomares e florestou outras áreas e desde 1931 explorou o turismo no Mas di Langoustier, como hotel de 4* (os fortes eram usados como sanatórios militares ou como *preventorium* para crianças, contribuindo para a duplicação estival da população); Roger Martin du Gard possuía casa em Porquerolles, onde em 1922 recebeu a visita de André Gide; Georges Simenon (romancista belga) frequentou a ilha em 1925 e alugou a villa Les Tamatis aos Fournier.

Port Cros viu esfumar-se no início do século XX o projecto de criação de uma estância invernal de luxo de um sindicato americano, continuando com escassas dezenas de habitantes e duas a três centenas de visitantes por ano, tal como a ilha do Levante. Depois da IGG, mais propriamente em 1921, foi adquirida por um notário de Hyères que a turistifica: criação de um hotel, abertura de caminhos, arrendamento das construções militares, reparação de explorações abandonadas, remodelação de albergues e acolhimento de visitantes de renome das artes e das letras como Paul Valéry, André Malraux, Saint-John Perse (pseudónimo de Alexis Leger, poeta e diplomata francês, com passagem pela China e os EUA), visconde Eugène-Melchior de Vogüé ou Edvard Benes (Checoslováquia; exílio em Londres), também do mundo da ciência e da política como Aristide Briand, Jules Supervielle (poeta do Uruguai) no Château du Molin de 1925 a 1938, Jean Paulhan (escritor, natural de Nimes) no forte da Vigia, de 1925 a 1940, Marcel Arland (romancista) em 1939, com os Schlumberger e os Paulhan. Em 1937 a ilha é adquirida em hasta pública pela família Desmarais, que conserva cerca de 2/3 da sua superfície, e em 1963 foi criado o Parque Nacional de Port Cros, Gabinière e Rascas e zona marítima envolvente.

Mas Hyères não acompanhou a viragem da vilegiatura invernal elitista para o turismo estival também elitista nas costas do Mediterrâneo: desde os anos 20 começa a prática balnear em Juan-Les-Pins e Antibes com as elites estadunidenses e gente da moda e das artes, e em particular em Ramatuelle, Grimaud e sobretudo Saint-Tropez, mais próximas. Saint-Tropez, pequena vila de pescadores e de cabotagem, labirinto de ruas estreitas e casas altas, com suas pequenas praças, fora descoberta em 1887 por Guy de Maupassant e visitada sobretudo no verão por artistas e intelectuais parisienses, de Paul Signac (1892) a Colette (de 1925 à 1938): um mundo de artistas-pintores, depois de excêntricos parisienses, e no pós IIGG, também de intelectuais, seguidos nos anos 1960 por Brigitte Bardot e seus admiradores, todo um *jet set* internacional, que deseja ver e ser visto (o turismo familiar prefere a baía de Cavalaire, Saint-Maxime e o Lavandou), com seus grandes iates e veleiros como habitações sazonais de luxo, e os desfiles de automóveis desportivos, também nos poucos hotéis como o Hotel Byblos ou Les Caves du Roi, e nas muitas residências secundárias dispersas pelas encostas envolventes (E. Juillard, 1957). Não faltam os novos-ricos como Bernard Tapie ou Vladimir Doronin (o Donald Trump de Moscovo: grupo Capital, ligado a construção), estilistas e estrelas de Hollywood, muitos paparazzi e muita animação. Outros privilegiam Saint- Maxime (núcleo medieval, praias de areia, família real da Suécia, artistas, poetas, escritores, porto de recreio, passeio marginal ajardinado, casino, golfe; alojamento em hotéis e residências secundárias, certificações de qualidade, eventos culturais, animação) ou Saint-Raphael ou mesmo lugares criados de novo como Port-Grimaud.

Depois da IIGG procurou afirmar-se como destino de férias estivais democratizadas, em ligação com o mar, diversificadas com o turismo verde nas estações intermédias. Conta nomeadamente com facilidades de acesso por TGV, auto-estrada e aeroporto Hyères-Toulon, património medieval, bom equipamento de saúde, Centro de Criação Contemporânea (villa Noailles), espaços verdes (insígnia Quatre Fleurs; glicínias e buganvílias nas paredes), praias e ambientes naturais protegidos, gares marítimas para as ilhas (La Tour Fondue para Porquerolles e o Porto d'Hyères para Port-Cros e Levant), praias com Bandeira Azul, Estação Náutica, porto de recreio desde 1952 e velódromo para ciclismo em pista, actividades desportivas variadas (mergulho, vela, surf, windsurf, kit surf) e eventos como Volta a França em Vela, Copa do Mundo de Fun Board, Mundial de Kit Surf, e também o Festival de jazz (Porquerolles), a Festa dos Touros, e o Festival internacional das Artes da Moda. Oferta turística que não mais atrai ricos e famosos, como outrora os que a elegeram, a promoveram, a construíram e a frequentavam, e pouco as classes médias. Em 2009, a população residente na comuna de Hyères elevava-se a 54686, sendo 20,3% dos homens e 26,2% das mulheres com 65 e + anos, 32,4 % os reformados na população de 15 e + anos (39 % dos activos fazem-no no comércio, transportes e serviços e 48,2% na administração pública, ensino, saúde e acção social). O número de alojamentos era então de 36 003, sendo 23,4 % as residências secundárias e ocasionais, cujo número tem vindo a aumentar (1997 em 1968, 4 926 em 1982 e 8 424 em 2009), mas mantendo valores bem inferiores aos de muitas outras comunas da Riviera. Paralelamente, continuava a redução da oferta hoteleira: nos princípios de 2008, 31 unidades com 938 quartos, 2 com 45 quartos nos de 4* e +; nos princípios de 2012, 27 unidades e 753 quartos, sendo uma unidade com 50 quartos no grupo de 4* e +, dominando largamente a oferta das unidades de 2 e 3* (respectivamente, 431 e 229 quartos em 2012).

5. Quando a guerra afasta as elites e compromete os destinos: o caso do Líbano

Num contexto internacional em que a insegurança se difunde a ritmos acelerados e se multiplicam as áreas de grande instabilidade política e social, mesmo de guerra declarada, muitas das quais tendo funcionado ultimamente como emissoras de turismo dos mais ricos e ao mesmo tempo sido eleitas como destinos de preferência de tantos outros, importa olhar retrospectivamente para os efeitos que factos da mesma natureza tiveram em destinos de forte atractividade, natural, cultural, de certa proximidade ou num quadro regional alargado, e nessa perspectiva reavaliar os impactos da correspondente evolução dos fluxos emissores sobre

as áreas europeias privilegiadas como destinos de férias das correspondentes elites, tomando como exemplo o Líbano. Pequeno país, com pouco mais de 10 mil km2, uma natureza privilegiada, de encontro do mar e da alta montanha, com grande diversidade de paisagens e de climas: faixa costeira fortemente urbanizada, Monte-Líbano com cimos de mais de 3 mil metros, planície de Beqaa com altitudes em torno dos 900m e a cadeia do Antilíbano (região largamente desértica), na fronteira com a Síria; na costa, citrinos e primores; nas encostas socalcadas da montanha árvores de fruto, vinha, pinhais e mais acima mato, pastos e florestas de cedros e cimos nevados; no vale de Beqaa, culturas de regadio e sequeiro. País polarizado pela região de Beirute, a capital, com mais de um terço da população e mais de metade da actividade económica: população urbana, com forte empreendedorismo comercial, no país e no mundo, fruto da emigração (trocas económicas e culturais; divisas representando 1/5 da riqueza nacional, compensando em parte os desequilíbrios macroeconómicos e o crescente endividamento); diáspora antiga, pelo menos secular, primeiro em torno do Mediterrâneo e depois, nos finais do século XIX e o início do século XX, também para os Estados Unidos, a Argentina e o Brasil, na continuidade de conflitos bélicos e perseguições religiosas (população libanesa, de diferentes etnias e religiões).

Beirute, uma das principais praças bancárias do Levante (abertura comercial, e na continuidade, dependência financeira dos capitais internacionais) e de penetração do capitalismo ocidental nos outros países árabes, mas marginalizada durante a longa guerra civil, com o desvio dos fluxos económicos para o Dubai. Beirute, lugar de encontro de todas as populações mediterrâneas, desde há muito também de amplo intercâmbio entre a Ásia muçulmana e a Europa cristã, entre orientais e ocidentais, com pluralismo de valores nos planos económico, político, social, religioso, ideológico, a que acresce o bilinguismo árabe-francês desde século XIX. O Líbano é tido como um dos países mais abertos do mundo árabe em relação aos costumes: vestuário, consumo de álcool, vida nocturna, jogo e animação, num quadro de uma sociedade ainda largamente conservadora. Do ponto de vista financeiro, fora considerado a «Suíça do Oriente» (prática bancária, grandes negociações de petróleo), o «Mónaco do Oriente» (Jean-Marc Prost-Tournier, 1974) (casinos e hotéis de luxo), e Beirute a «Paris do Médio Oriente» (liberdade social, comércio de luxo das grandes marcas).

Do ponto de vista turístico releva-se: posição central no Mediterrâneo oriental, encruzilhada entre a Europa, a África, a Ásia, passagem milenar entre o Oriente e o Ocidente (comércio), potencialidades naturais e históricas múltiplas (património, sítios célebres), vizinhança da montanha e do mar (cadeia do monte Líbano, de norte a sul, entre o Mediterrâneo e a planície de Beqaa), clima ameno, com 3 mil horas de sol por ano, equipamento terciário de qualidade, hospitalidade len-

dária, sociedade tolerante e acolhedora (libaneses, sírios, beduínos, marroquinos, eslavos, asiáticos...), habitantes empreendedores, poucas horas de voo dos mercados turísticos emissores europeus, atracção de turistas de diversas nacionalidades (turistas árabes e não árabes; diferentes motivações, formas de estadia e gastos), pela situação e pela geografia; «país do leite e do mel» e dos «3 S», *sea, sun, sand* e mesmo sexo, que passa por centros de massagem, agências de manequins, salões de estética, bares, cabarets, clubes nocturnos. «Beirute, cidade dos prazeres».

Em retrospectiva, ressalta a tradição do veraneio (mobilidade sazonal, retorno à terra, às origens, reencontro sociocomunitário, património familiar, e também novas vivendas e apartamentos para alugueres sazonais, essencialmente nas férias escolares estivais), o clima litoral de verão sendo demasiado quente e húmido: valorização das encostas ocidentais do Monte-Líbano entre 800 e 2 000m, também em Zahlé e no vale de Beqaa, central e do sul. Ressalta igualmente a vilegiatura estival de montanha por parte de populações não originárias da região (frescura, paisagens verdes, cedros, largos horizontes para a costa e Beirute): actividade turística antiga algo concentrada, que remonta aos anos 1880 e se desenvolveu durante o mandato francês, por parte da burguesia libanesa urbana e sobretudo de estrangeiros; árabes da península, burguesia do Próximo-Oriente; grandes famílias egípcias, jordanas, palestinianas, iraquianas e dos países do Golfo Pérsico; nos finais da IGG, com a administração francesa, pessoal das chancelarias ocidentais e casas de comércio estabelecidas em Beirute. Actividade marcada pela sazonalidade (Junho a Setembro) e com forte dinamismo até 1975 e o eclodir da guerra civil: aldeias da média montanha, sobretudo estâncias como Aley, 17km a sudeste da capital, servida por caminho-de-ferro, construído entre 1892 e 1895, de ligação entre Beirute e Damasco, sede estival da administração otomana, destino multicultural, outrora também com uma comunidade judaica, com sua sinagoga, e que em 1910 acolheu os fundadores da Universidade Americana de Beirute. Nos anos 1960s a região atraiu muitos artistas (Umm Kulthum, Mohammed Abdel Wahab e Farid Al Atrash): «triângulo de ouro» de Aley, Sofar e Bhamdoun, dotado de hotelaria de nível elevado e villas de luxo, sem esquecer o próprio casino de Aley. Por sua vez, Brummana quadruplica sazonalmente a sua população (60 mil nos meses de verão, contra menos de 15 mil no inverno, quando o tempo é frio e nevoso), conta muitos hotéis como o Grand Hills, o Brummana, o Kanaan, o Crillion, o Printania, o Garden... e obviamente muitos restaurantes.

Em 1925, são referidos 4 bons hotéis em Aley, Bcharré, Jezzine (estâncias de montanha) e Baalbek, alguns outros mais antigos mas com condições para receber a clientela europeia em Broumana, Beirute, Trípoli e Zahlé, e aconselhadas excursões para a montanha, em particular a «estrada Trípoli-Ehden-Bcharré». Depois

da IIGG, partida progressiva da clientela e dos investidores europeus, viragem para clientelas árabes, já presentes em Beirute, e que se vão distribuir espacialmente por afinidades religiosas: cristãos do Egipto e da Síria na região de Metn (capital do distrito: Jdeideh, também conhecido como Jdaideh); os árabes sunitas do Golfo de preferência no Chouf (sudeste de Beirute); os libaneses da diáspora nas regiões de origem, aldeias das encostas do Monte Líbano. Estes afluxos mantiveram-se dinâmicos até 1975, foram depois largamente perturbados pela guerra civil, que se prolongou até 1990, e fortemente relançados com o 11 Setembro de 2001 nos Estados-Unidos: «arabofobia» ocidental; procura por parte dos países do Golfo; reabilitação de villas e apartamentos.

Acresce o desenvolvimento do turismo desportivo (montanhas cobertas de neve de Dezembro a Abril; esqui de fundo, esqui alpino, surf na neve, senderismo), de libaneses urbanos do litoral próximo (turismo interno, como praticantes) e de emigrantes estrangeiros instalados nos países árabes (100 mil visitantes por mês em 2003, máximos em Julho e Agosto), mesmo o turismo religioso. Com a chegada dos exércitos franceses em 1920 surgira a exploração da alta montanha: desde logo, a primeira escola de esqui nos Cèdres, ainda nos anos 1930; depois *resorts*, na base de alguns hotéis, complexos residenciais de chalés luxuosos para as classes abastadas (residências secundárias), equipamentos de acesso às pistas, como Cedars em Bcharre (1935) e sobretudo Mzaar Faraya a partir de 1957. Este projecto remonta a 1937 e ao xeque Salim El Khazen, proprietário das terras em Ouyoun El Siman, área de montanha com vistas para Beirute, a meia centena de quilómetros, e o Mediterrâneo, e deveria concorrer com os melhores da Europa: estradas, telefone, pistas, equipamentos de acesso às mesmas, afirmação como centro de desportos de inverno do Médio Oriente, com clalés, hotel Faraya-Mzaar (1963), Albergue Suiço (1973), Hotel InterContinental Mountain Resort & Spa Mzaar, clube nocturno com noites temáticas e programas para jovens (processo de desenvolvimento condicionado pela guerra civil). Depois Laklouk (1958) em Kfardebian, próxima de Aaqoura, de 1850m a 2000m, Qanat Bakish em Baskinta (1967), Ouyoun El Siman (1850m, 48km de Beirute), com esqui, festivais de verão, vida nocturna, e Faqra (de 1620 a 1850m). No essencial, estâncias privadas (accionistas e locatários) com acesso condicionado ao domínio esquiável, como em Faqra (1974) ou Zaarour (1992), custos que limitam a prática a turistas abastados ou a afluxos diários de visitantes ocasionais de Beirute, nomeadamente em Mzaar e Warde, mais próximos, contra Cedars, a 122km.

O turismo balnear estival também conheceu um importante dinamismo ao longo dos 225 km do litoral. O seu desenvolvimento deveu-se sobretudo aos franceses no pós- IGG, desde logo no litoral de Médawar-Remeileh (actual porto de Beirute) e para os clientes dos grandes hotéis, como o Grande Hotel do Oriente

ou o Bellevue, prolongando os banhos de Zeitouneh, bairro residencial dos cônsules e dos estrangeiros. Entretanto o Colégio sírio protestante, actual Universidade Americana de Beirute, organizava competições de natação em torno do rochedo da *Grotte aux pigeons* na extremidade oeste de Beirute. A partir dos anos 30, multiplicam-se os banhos na direcção de Ras Beyrouth (costa rochosa, mas zona urbana dinâmica e animada) e Jnah a sul (praia de areia fina com água pouco profunda, conveniente para quem não sabe nadar). Multiplica-se a construção de muitos novos hotéis (clientela principalmente estrangeira) e complexos balneares (complexos residenciais de villas e apartamentos, ocupados preferencialmente pelos libaneses), sobretudo na região de Beirute e no litoral de Kesrouan junto de Jounieh, a norte: paisagem, baía de Jounieh-Maameltein, acesso por caminho-de-ferro desde 1898, criação do Casino do Líbano (jogos de fortuna e azar, festivais; aberto em 1959, fechou por causa da guerra em 1989 e reabriu em 1996) e construção do teleférico ligando a costa à basílica Notre-Dame do Líbano em Harissa e do porto de Jounieh, seguidos pela instalação do clube em Tabarja.

Do lado sul da Capital desenvolvera-se Saint-Simon: o projecto, numa área de 42mil m2, remonta a 1937, e deve-se a Joseph Semaan: praia de areia, construções de madeira à beira-mar, famílias de embaixadores, ambiente e lazeres simples e familiares, mesmo festas na praia. Com o retorno à paz, depois da IIGG, retoma do crescimento: novos chalés (225, sete filas), novas procuras e novas clientelas, algo heterogéneas (políticos, embaixadores, nobres, uma certa burguesia algo discreta e outra muito menos, mesmo mundana, convidada dos sócios ou que alugava os chalés; também novas estratégias, com privatização da praia em 1970, desse modo reservada aos ocupantes dos chalés e seus convidados, personalidades estrangeiras e locais, artistas, e uma nova clientela mais jovem, algo hippie. Actualmente o antigo *resort* está degradado e rodeado de um «bairro de lata», construído ilegalmente por refugiados.

A multiplicação dos *resorts* de praia intensificou-se nos anos 60, primeiro ao longo das costas de Kesrouan (Jounieh, Tabarja), depois no Líbano do Norte (Heri): espaços residenciais, fechados, de uma média burguesia urbana e cristã, com garantia de qualidade em infra-estruturas e nas relações sociais. As praias frequentáveis eram já então apenas as privadas (limpeza, equipamentos, piscinas e esplanadas), não as públicas, raras e sem manutenção nem equipamentos e vigilância. Assim, nos meados do século, quando a companhia Iraq Petroleum (I.P.C.) transferiu o seu estado-maior, composto principalmente de ingleses, de Haifa para a sua refinaria de Trípoli, depois da guerra na Palestina, instalou-o num novo bairro residencial no monte Saint-Michel, na saída sul de Trípoli, e criou-lhes uma praia com piscinas, plataforma para saltos, campo de ténis e cabines, além de um clube náutico e um campo de golfe; em El-Mina, zona portuária, situavam-se os

banhos da comunidade grega-ortodoxa; a sul, na praia do Hakim, os das famílias burguesas e cristãs.

Foi claro o desenvolvimento de centros balneares residenciais ao longo do litoral: costa norte, entre Beirute e Trípoli (costa de Kesrouan, de Zouk Mickaël na entrada sul de Jounieh até Tabbarja a norte; costa do Norte do Líbano, de Batroun a Trípoli) e mais recentemente também na costa sul; classe média-alta e sobretudo classe alta nos condomínios que se pretendem *resorts* de turismo (ambiente sociocultural, lazeres). No conjunto, exemplificam o período de mundanismo, ligeireza, liberdade social, então vivido no Líbano (uso de biquínis, elegância e hedonismo na praia), em contraste com os outros estados do Médio Oriente, pelo menos para os turistas estrangeiros, e que abrangeu particularmente todo o litoral a norte de Beirute: hotéis, piscinas, esplanadas, marinas, outros equipamentos desportivos, vilas e apartamentos (tipologias de construção evolutivas, de horizontais a verticais), espaços comuns, campos de jogos, jardins e relvados, áreas de banhos de sol, com cabines pessoais, esplanadas, bares e restaurantes, marinas, praias calmas e cuidadas, ao contrário da generalidade das praias públicas, mesmo ginásios, centros de *fitness* e talassoterapia, parques aquáticos, cinema, discotecas, clubes... nos mais modernos, sem esquecer parqueamentos, serviços diversos como cabeleireiro, comércios vários, nomeadamente venda de bens de consumo diário, limitando deslocações (importante em ambiente agressivos); facilidades de encontro entre si, ao contrário da hotelaria (permanências algo longas e repetidas), vantagens em termos de manutenção dos espaços, privados mas colectivos (em contraste com o pouco cuidado comum dos espaços públicos), e gestão colectiva; construção de acessos adequados; alguns residentes permanentes e outros com residências secundárias, a par das residências de férias de ocupação sazonal (libaneses residentes no país e libaneses expatriados, alguns com dupla nacionalidade, mais raramente estrangeiros, residindo ou não no Líbano; poucos árabes, todavia dominantes no turismo libanês) e mesmo de apartamentos para alugar nos modernos complexos empresariais (sociedades anónimas) em blocos de vários pisos e crescente densificação (maior número de pisos), sofisticação arquitectural e funcional e elevada capacidade de alojamento, um pouco superior à da hotelaria desde 1998, a par de taxas de crescimento igualmente superiores; territórios de uma burguesia algo afortunada, as classes sociais superiores, locais e da diáspora, à beira-mar, garantindo tranquilidade, segurança familiar (espaços fechados, mesmo murados, e permanentemente vigiados), qualidade do ambiente construído, em profundo contraste com as áreas urbanas, caóticas, agressivas, fragmentadas, sujas, em abandono, menos a Norte.

Territórios urbanos dispersos, privados e fechados, mais ou menos densos, social e economicamente homogéneos (presença de familiares e amigos), tam-

bém com certa homogeneidade cultural e religiosa; territórios de privacidade e estatuto, sentido de pertença, qualidade de vida, códigos de conduta e responsabilidades colectivas, auto-suficiências nos serviços básicos (água, electricidade, esgotos, recolha e tratamento de lixos; geradores, furos artesianos, estruturas de lazer, equipamentos e serviços de apoio), e nos serviços de manutenção e gestão; e sobretudo, territórios fechados e vigiados, condições favoráveis à sua conversão em lugares de residência permanente em períodos conturbados. Durante a longa guerra civil de 1975-90 as populações cristãs de Beirute e outras regiões elegeram os anteriores complexos balneares em condomínios residenciais, (como já sucedera durante as perturbações de 1958, sempre por razões de maior segurança), enquanto as burguesias sunitas de Beirute e de Trípoli se mantiveram centradas nessas cidades. Em ambiente marcado pela instabilidade política, a criminalidade, as insuficiências dos serviços públicos, de protecção e segurança, o medo, a fuga das zonas de perigo, nomeadamente do centro de Beirute, o exílio, estes condomínios foram valorizados como lugares de residência permanente. Paralelamente, houve substituição das migrações sazonais tradicionais (de Maio a Setembro) para a montanha próxima, velha forma de veraneio estival (horários reduzidos entre Julho e Setembro: 9-14 horas), pela nova fixação da residência nas regiões de origem, com fuga da Capital, dos bombardeamentos e da guerra civil em geral, nomeadamente no Líbano Norte (proximidade das residências tornadas principais e dos locais de trabalho), à imagem dos *resorts* costeiros, e também nas velhas estâncias de vilegiatura, animadas e com vida nocturna desde a época do mandato francês e que nos anos 70 continuaram procuradas pelos turistas do Golfo (álcool, jogo, cabarés e prostituição de luxo).

Em 1972, registaram-se 2 281 mil entradas de estrangeiros (contra 216, 4 mil em 1952 e 625,8 mil em 1962), 471 mil nacionais de países não árabes, 577mil de países árabes, excluindo sírios (1232,9 mil trabalhadores temporários, em particular na construção, agricultura e transportes, como motoristas de táxis e camiões), 225 mil excursionistas, sobretudo sírios e estrangeiros não árabes (30 mil) e viajantes de cruzeiros (47 mil). No conjunto, 1 270 mil touristas, mais de 1/3 não árabes, com práticas comparáveis às de outros destinos mediterrâneos: viagens individuais sazonais, permanências de uma semana, no geral em hotéis, motivados pelo clima, praia, animação, património histórico, festivais, cabarés, compras. Em suma, três tipos de turistas: os não árabes, os turistas «tradicionais» em busca de mar, sol, distracção, visita a lugares interessantes; e os turistas árabes com exclusão de sírios, sobretudo no verão, em busca de frescura e algumas distracções; e muitos emigrantes em visita das famílias que permaneceram. No turismo estrangeiro cabiam à Europa Ocidental 47,5 % das entradas, à Europa de Leste 5,9 %, à América 24,6 %, à Ásia neo-árabe 17,4 % e à África e Oceânia 4,6 %; por sua vez, nos

turistas árabes destacavam-se os jordanos, seguidos pelos egípcios, palestinianos, sauditas, kowaitianos e iraquianos, a que se juntavam muitos trabalhadores sazonais, empregadas domésticas e refugiados curdos dos mesmos países vizinhos.

Os turistas estrangeiros não árabes (progressão dependente das incertezas da conjuntura política regional) frequentavam na sua grande maioria (75 %) os hotéis de Beirute (52 % das dormidas, mas quase 70 % nos de nível mais elevado; clientela sobretudo europeia e americana), as praias, as melhores lojas, os sítios patrimoniais como as ruínas de Baalbek e de Byblos, as grutas de Jeita, o sítio dos Cedros, o Palácio de Beit Ed Din e mesmo Trípoli, Sídon, Tiro et Anjar (excursões de um dia), e passavam pelo menos uma noite no Casino do Líbano (Maameltein, a norte da capital, fundado em 1959, com salas de jogo, teatro, grandes espectáculos) ou num cabaré de Beirute ou da Montanha; alguns são turistas de congressos e dos festivais de Baalbek, Byblos ou Tiro.

No veraneio importam desde logo as velhas populações rurais e da montanha emigrantes nas zonas urbanas, principalmente Beirute e principais cidades costeiras: dinamismo económico versus crise da sericicultura; protecção francesa; retorno no verão e aquando das festas religiosas, pelas ligações às origens, à família alargada, à comunidade aldeã e à propriedade, para além do clima mais são, menos quente e menos húmido no verão; gente de fracos recursos, sem meios para férias na praia e viagens. Outros são emigrantes no estrangeiro de visita ao país de origem, não simples turistas, que também recorrem sobretudo a casas de familiares e amigos. Muitos outros, europeus residindo na região desde os anos 1880 (Richard Alouche, 1970), a que se junta nos anos 30 a burguesia árabe próxima e a das potências mandatárias: turistas maioritariamente dos países do Golfo e da Europa. A vilegiatura estival familiar na montanha envolvia sírios, jordanos e outros dos países desérticos muito quentes e ricos (produtores de petróleo), que não privilegiavam Beirute e os seus hotéis, os sítios turísticos clássicos e o mar, mas as encostas do Monte Líbano, mais frescas e verdes (hotéis e apartamentos; famílias), locais entre 700 e 1200m de altitude, na proximidade da Capital e na estrada para Damasco, nomeadamente Bhamdoun (1140m, 25km de Beirute; kowaitianos, sauditas, e também iraquianos), Aley (900m, 17km de Beirute, turistas de Bahrein e sauditas) e também Metn (3 dezenas km de Beirute; jordanos e egípcios; hotéis no meio de pinhais e campos mediterrâneos, população sobretudo cristã e drusa). Para as classes menos abastadas começava a fazer-se sentir a concorrência de países não-árabes (Chipre, Israel) e da própria Síria, então com novas infra-estruturas, estradas, aeroportos, casino em Damasco, zonas francas.

O desenvolvimento da hotelaria acelerara desde os anos 50, mas fora perturbado pela guerra israelo-árabe de 1967 e interrompido pela guerra civil: em 1972 contavam-se 346 hotéis com 27 523 camas, muito desigualmente repartidas no

território; destaque para a região de Beirute (93 hotéis com 9 419 camas); poucos hotéis no litoral (sujidade e poluição; as praias realmente equipadas são de exploração privada e situam-se quase apenas na região de Beirute, sobretudo a norte); outros na montanha, em particular no Monte-Líbano (Jabal Barouk), sem o calor húmido do litoral, com verdadeiras estâncias de vilegiatura na vertente ocidental da média montanha, árabe e cristã, florestas de cedros e um pouco de desportos da neve, excepcionais no Médio-Oriente, umas a apenas meia centena de km de Beirute e outras um pouco mais longe; na montanha do Líbano-Norte, principalmente em Ehden (veraneio dos tripolitanos); no vale de Beqaa, entre as cordilheiras do Líbano e do Anti-Líbano, sobretudo em Chtaura, na estrada de Damasco e no caminho para Baalbek, antiga colónia romana (acrópole, ruínas gigantescas), lugar de um festival international de renome criado em 1956 e assegurando a reputação cultural e turística do país. O Festival de Baalbek (teatro, ópera, música clássica e moderna, dança), encontro anual de culturas, dos princípios de Julho aos finais de Agosto, nos templos de Bacchus e Jupiter), atrai turistas ricos do mundo ocidental e sobretudo os vilegiantes árabes, se bem que dependente da conjuntura política local e regional e da concorrência próxima (Alouche, 1970): foi interrompido na sequência das hostilidade crescentes entre cristãos e muçulmanos, exacerbadas pela presença de refugiados palestinos, das disputas entre Israel e a Síria, e sobretudo através da guerra civil e a intervenção armada (1976) da Síria, depois a invasão israelita de 1982.

A guerra civil (1975-1990), a instabilidade regional, a degradação ambiental, a destruição do aeroporto internacional de Beirute arruinaram o turismo internacional no «País dos Cedros», mantendo-se apenas o turismo de libaneses, excepto durante certos períodos particularmente violentos, e acentuando-se o desenvolvimento do turismo balnear residencial, sobretudo na região de Kesrouan. A paz retornou em finais de 1990 mas manteve-se a presença do exército sírio até 2005, e certas pretensões de unificação dos dois estados, traduzidas numa nova Guerra em 2006, com pesadas consequências económicas e elevada dívida pública (atenuada com o retorno de capitais libaneses do exterior ligados à diaspora e a imagem de segurança dos bancos libaneses, mesmo e sobretudo durante a crise de 2008), persistência de instabilidades regionais (tensão entre a Síria de um lado e a Arábia Saudita, o Iraque e a Jordânia do outro; questão palestiniana; sionismo; guerra Irão-Iraque, fecho do oleoduto entre Kirkuk e o porto sírio de Banias; guerras no Iraque).

O turismo readquiriu todavia novas perspectivas de desenvolvimento. A vilegiatura árabe nas montanhas do Líbano só ganhou intensidade com o 11 de Setembro de 2001 nos Estados Unidos, e a «*arabofobia*» que se seguiu no Ocidente: renovação das villas e apartamentos de muitos sauditas e kowaitianos, e outras

clientelas abastadas do golfo Pérsico, aluguer sazonal de apartamentos mobilados em estâncias como Broummana a turistas do Golfo, novos complexos residenciais privados, mais económicos que os hotéis ou os apart-hotéis de nível elevado, renovação do centro de Aley, em particular do seu souk (avenida de palmeiras) e do seu casino, novos hotéis e novos eventos internacionais e expansão, reequipamento, internacionalização e animação da estância de esqui de Faraya-Mzaar (hotel de luxo a 1850 metros, em estilo chalé alpino, gerido pela cadeia Intercontinental), bem como das estâncias de Ehden, Bécharré (Cèdres), frequentados menos pelo esqui e mais por distinção (estar presente, ser visto).

Reafirmação paralela do turismo cultural, com festivais em sítios históricos (Baalbek 1955, Trípoli 1962, Jbeil, Batroun, Beit ed-Dine, Jounieh, Deir el Qamar) e a reconstrução do centro de Beirute e da cidade desportiva, renovação do Casino do Líbano, instituição de Fevereiro como o mês dos saldos, à imagem do Dubai e orientado para os turistas árabes da região e do Golfo (construção de um novo aeroporto), a par da multiplicação dos complexos residenciais costeiros da Capital a Trípoli (frequência decrescente com o afastamento da grande cidade), com alugueres por curtos períodos, a par de residências secundárias e de férias, novas marinas, novos hotéis e hotéis-apartamentos de cadeias internacionais: a cadeia Six Continents gere seis hotéis, três da marca Intercontinental, o Phoenicia e o Vendôme, em Beirute, orientados para uma clientela de negócios e a do Golfo Pérsico; o hotel Le Mzar de Faraya oferece por sua vez actividades de saúde e bem-estar durante o verão. Ofertas turísticas centradas na Capital, na costa e na média montanha próxima (onde a vilegiatura tende a associar turismo de saúde, turismo médico, cirurgias estéticas – velha obsessão com a aparência feminina no mundo árabe – e/ou simplesmente o de bem-estar), muito menos na costa sul, na alta montanha e em Beqaa. Reforço da atractividade do centro urbano de Beirute, com muitos novos hotéis de 5*e uma nova zona pedonal e comercial, muito animada, algo boémia, num quadro arquitectural com influências francesas, venezianas, árabes e otomanas, de novo a «Paris do Médio Oriente».

Em 2009, o Líbano tornava a receber dois milhões de turistas, em concorrência com a Síria ao nível das classes médias das vizinhas Jordânia e Iraque: maciço do Jebel Akra/Cassius na fronteira com a Turquia, Jebel Alaouite junto do Mediterrâneo, o Anti-Líbano com Zebdani e Bloudan perto de Damasco e a própria capital de Damasco. A prioridade centrava-se nos turistas dos países do Golfo, nos libaneses emigrados, nos turistas dos países vizinhos e nos estrangeiros (ocidentais) residindo na região. Para 2010 apontam-se cerca de 3 milhões de visitantes (1,4 milhões em 1974). Em 2012, 34% dos turistas de Beirute provinham dos países árabes, 33% dos países europeus (sobretudo França, Alemanha e Reino Unido) e 16% da América (cerca de metade dos Estados Unidos, grande

destino de emigração dos libaneses). O país parecia ter retomado o percurso anterior à guerra civil (1975-1990), quando se afirmava como importante destino regional: turismo árabe com destaque para o dos países do Golfo (estadias de meses na montanha) e de estrangeiros trabalhando e residindo na região; viagens de negócios, para o Médio Oriente árabe (porta de entrada nas petromonarquias regionais), em função das ligações aéreas directas do seu moderno aeroporto com outros da Europa e das Américas (sedes sociais de muitas empresas actuando na região; economia liberal), do seu moderno porto (turismo de cruzeiros), de uma oferta hoteleira de qualidade internacional; da qualidade dos serviços (escola hoteleira em 1949, formação de guias nos anos 1960, de intérpretes nos anos 70); de uma oferta de turismo cultural (arranjo de sítios arqueológicos, reconhecimento de alguns como património mundial), de congressos e turismo de lazer para muitos europeus abastados e um certo *jet set árabe atraído pela* qualidade de vida e a liberdade (casino, jogo, discotecas e cabarés, agências de viagens, comércio de luxo, modernidade pública e privada), sem lugar para massificações turísticas.

A história complexa do Líbano, após o colapso do Império Otomano, com a IGG, o mandato francês (toponímia de Beirute: baía Saint George, Avenida de Paris, Avenida General de Gaulle, Place d' Etoile, Rue de Verdun, Pigeons' Rock ou Rock de Raouché) e a independência em 1943, com capital em Beirute, centro intelectual regional, importante praça bancária, parecia situá-lo uma vez mais como o principal destino turístico do Médio Oriente: para a OMT, cerca de metade dos turistas no início dos anos 70, muitos mais que a Síria, a Jordânia e o Egipto. Este período de prosperidade terminou com a guerra civil, em 1975-90: choque entre facções cristãs e muçulmanas, estas tornadas maioritárias a partir de 1970, com o estabelecimento no Líbano das dezenas de milhares de palestinianos expulsos pela guerra civil na Jordânia, a que acresce a presença de guerrilheiros da OLP; fragmentação em guetos religiosos, com divisão da capital entre um oeste muçulmano e um leste cristão; destruição do seu centro, ocupação dos melhores hotéis, tornados lugares de combate entre as diferentes milícias e abrigo de refugiados, enquanto outros nas regiões de turismo eram adaptados a blocos de apartamentos (no litoral e na montanha próxima de Beirute, para famílias abastadas, pelo menos da classe média, e a diáspora); muitas mortes e forte emigração, acentuando a tradicional diáspora, em particular dos cristãos, e dos trabalhadores qualificados da hotelaria e restauração; degradação acentuada das paisagens urbanas, rurais e de montanha. E afirmação de novos destinos árabes vizinhos com qualidade e virados para o turismo internacional: turismo cultural (Abril) na Síria e na Jordânia; turismo balnear em Aqaba, na Jordânia, e junto do Mar Vermelho, no Egipto; turismo estival em Bloudân-Zebedani e no Jabal Aloui, na Síria; Chipre, Turquia,

Tunísia; atracção de novas capitais económicas, como Amman, Cairo, Dubai, Abu Dhabi...

Em 1992, registam-se menos de 200 mil turistas e em 1999, 700 mil (220 mil da Europa), ¾ do valor de 1970, e um milhão em 2003, muitos da diáspora da guerra (verão), excluindo os sírios (apenas uma pequena percentagem dos sírios entrados sendo realmente turistas, antes trabalhadores migrantes): reconstrução e vida nocturna de Beirute, marketing imobiliário junto da clientela abastada dos países do Golfo (frescura relativa do verão na montanha) e trabalhadores libaneses nos mesmos; promoção do turismo de inverno e dos desportos da neve, condições únicas na região; multiplicação de festivais (festivais de Baalbeck, Beiteddine, Byblos); residências próprias, em detrimento da hotelaria (7mil quartos em 1991, 11mil em 2000, 13mil em 2002, sempre concentrados em Beirute), villas ou simples apartamentos; custo de vida muito elevado em Beirute e turistas com gastos bem superiores aos dos países vizinhos... A diáspora é da ordem dos 12 milhões de origem ou descendentes, ou seja três vezes mais do que os residentes, muitos na América Latina. Os turistas do Golfo voltaram de novo ao Líbano, a Beirute e à montanha libanesa (democracia árabe, coexistência religiosa) com a Segunda Intifada em Israel (2000), os incidentes do 11 Setembro 2001, os escândalos financeiros nos EUA, a pneumonia atípica (inverno 2002-2003), a guerra no Iraque (2003), os atentados na Arábia saudita, Kuwait, Qatar, Egipto: em 2004, mais de 1,4 milhão de turistas (Egipto 8 milhões, Dubai e Emirados árabes unidos 5,5 milhões), muito acima da Jordânia, Síria, Omã, Israel, Qatar, Iémen. Esta tendência de crescimento foi de novo perturbada a partir de 2005: persistente influência de Damasco sobre o governo e a sua política; conflito Líbano-Israel (2006), novos bombardeamentos israelitas da própria capital, sobretudo dos subúrbios xiitas de sudeste; palestinianos amontoados em campos de refugiados miseráveis, como bairros de lata, nomeadamente nas regiões de Tiro e Saída, no litoral sul (450 mil em mais de uma dezena de campos, tornados bairros gigantes); conflitos internos com militantes xiitas do Hezbollah (2008); instabilidade reinante na vizinhança, e por último a guerra na Síria, as tensões entre os libaneses defensores das diferentes facções, os seus actos isolados de guerra, mesmo no centro da Capital (A «Beirute, capital do Médio-Oriente», fruto do «milagre libanês», terminava uma vez mais), a massa de novos refugiados, uns abastados e a maioria miseráveis, dispersos por quase todo o país.

Líbano, duas imagens marcantes. A de um país de turismo e a de um pequeno país invadido, sobretudo nos últimos anos e nas regiões de Trípoli a norte e da planície de Beqaa junto do Anti-Líbano, mas igualmente na capital, por mais de um milhão e meio de refugiados da vizinha Síria (mais uma das «Primaveras árabes»; muitos outros milhões nos campos de refugiados da Turquia e da Jordânia), a que

acrescem os actos de guerra entre facções que decorrem no seu próprio território: afluxos em massa com mais de 2500 refugiados por dia, muitos não registados, que representam mais de ¼ da população no país (a Síria contava uma população total antes da guerra civil, em 2011, da ordem dos 23 milhões, 5 vezes mais do que a do Líbano, que era de cerca de 4,5 milhões) e a maior concentração *per capita* de refugiados do mundo, com cidades e vilas com mais refugiados do que nacionais.

Entre os países vizinhos da Síria, o Líbano é pois o menor mas o que recebera o maior número de refugiados, embora sem a institucionalização de campus (inevitável aumento dos preços dos alugueres, a par de descida de salários), ao contrário da Turquia e da Jordânia, nem mesmo no vale de Beqaa, a principal porta de entrada dos refugiados sírios, por razões políticas e a experiência marcante dos campos de refugiados dos milhares de palestinos (450 mil, muitos vivendo em 12 campos), tornados redutos armados comandados pela OLP até à sua expulsão e depois em bairros de excluídos da vida económica e social, controlados pelo Hezbollah). Nestes afluxos há famílias de sírios instaladas nos melhores hotéis ou que alugaram casas nos melhores bairros, mas sobretudo famílias afectadas por mortes de alguns membros, filhos sem pais, mulheres sem maridos, sem casa nem meios de sobrevivência, que a guerra destruiu, perseguidas pelos rebeldes ou pelas forças governamentais, com medo da morte nas cidades e aldeias de origem; famílias de 2 e 3 gerações, algumas outrora migrantes sazonais para os trabalhos agrícolas no Líbano, nas áreas de cultivos mais intensivos, primores no litoral e regadios do vale de Beqaa, que se refugiam nas que lhes eram mais familiares, mesmo sem electricidade ou água potável (velhas escolas, garagens, tendas de campismo, construções inacabadas, mesquitas, e em casas ou anexos de famílias libanesas), mesmo bairros de lata miseráveis e «congelados» no inverno. Por vezes conseguem trabalhos informais a preços irrisórios, com tensões com as populações libanesas.

São claros os sinais de esgotamento na capacidade de acolhimento, traduzida em grandes aumentos nos gastos públicos, quando a própria economia do Líbano se degrada, aumentando o número dos seus próprios pobres e a insegurança interna: enorme dívida pública e forte percentagem de população abaixo do limiar da pobreza (competição nos trabalhos não especializados, escassos e sazonais, e na continuidade, abaixamento de salários, mais desemprego e forte aumento do número de libaneses pobres); trabalhos inacabados de reconstrução de um país marcado por uma longa guerra civil que durara 15 anos; insuficiências ao nível de infra-estruturas e serviços públicos, muitos à beira da ruptura, nomeadamente quanto ao abastecimento de água, saneamento e gestão dos resíduos, serviços hospitalares e escolares; impactos gerais na economia (comércio, turismo e investimentos estrangeiros), com novas dificuldades de exportação para os países do Golfo, o Iraque e a Jordânia, e nos afluxos turísticos (ausência de turistas em Trípoli, em Baalbek – conflitos

fronteiriços entre os moradores e os rebeldes sírios – mesmo em Beirute, com hotéis e restaurantes vazios, no verão; poucas visitas de libaneses residindo no exterior); desertificação de lugares de prestígio como a rua Hamra, os Champs--Élysées de Beirute, símbolo da vida cultural e boémia, onde agora dominam os sírios, como empresários, empregados e refugiados (bares, casas nocturnas); custo de vida alto, degradação dos serviços, sujidade; crescente polarização da sociedade libanesa entre o apoio ao regime sírio ou aos rebeldes; acções bélicas no próprio território entre as diferentes facções da guerra da Síria; quebra de laços com outros países árabes que apoiam a oposição síria; questões de segurança (agressões físicas e roubos) e discriminação, perante muitos pedintes sírios, refugiados ilegais, mesmo militantes radicais islâmicos e novos fluxos de êxodo de libaneses.

A pressão dos refugiados sírios no Líbano, que se vem aproximando de 2/5 do total da população, obrigou ao estabelecimento de limitações à sua entrada de modo a conter o fluxo, com reduções paralelas do período de estada e definição de diferentes categorias de vistos, estreitando uma das poucas rotas de fuga da guerra: vistos de turismo, negócios, estudos, tratamento médico, trânsito e estada breve, com diferentes exigências específicas, enquanto desde a independência nos anos 1940, a travessia da fronteira era muito porosa, baseada nos fortes laços históricos, económicos, socias e políticos entre os dois países, mesmo praticamente livre. Síria e Líbano formaram o Grande Líbano, mas separados desde 1924 (cordilheira do Antilíbano): o mandato francês, que dominou do fim do Império Otomano até 1944, estendera-se à Síria (Estado do Grande Líbano), em cujo quadro se promoveu o convívio de diferenças religiosas (sociedade plural com cristãos e muçulmanos) mas também se desenvolveram rivalidades internas e disputas crescentes; a Síria teve aliás um papel importante durante a guerra civil do Líbano (islamitas contra cristãos), com presença do seu próprio exército até 2005 (Revolução dos Cedros); acresce o risco de alargamento da guerra da Síria ao próprio Líbano, país ainda assombrado pela guerra civil de 1975-1990.

Parte II: Novos-ricos, novas elites, novos valores

1. Milionários e bilionários do séc. XXI

No passado destacavam-se como classes superiores, as mais educadas, cultas, tradicionais, mesmo ociosas (as famílias reinantes, a aristocracia, a nobreza hereditária, algum clero), com enorme riqueza (património fundiário e edificado, herdado ao longo de gerações; fortunas feitas no comércio, nos caminhos-de-ferro, nas minas, na indústria) e grande poder político, que na Europa se estendia às colónias. Nas sociedades modernas e dinâmicas, os mais ricos, e que tendem a dominá-las, afirmam-se não necessariamente pelo nascimento mas antes pelo sucesso do exercício de um negócio ou uma profissão, e pelas fortunas acumuladas em pouco tempo (actividades produtivas tecnicamente modernas e inovadoras, mercantis, bancárias, bolsistas, ou no desporto e no mundo do espectáculo). Segue-se a esta alta burguesia, empresarial e especulativa, criadora e assumindo riscos, a classe média (de gente que trabalha no comércio, funcionalismo, exercício de profissões liberais), mais ou menos enriquecida, educada e discreta. Trata-se, no geral, de uma classe porosa, aberta, ao contrário da velha aristocracia, cosmopolita, planetária (o mundo é o seu quintal), ao nível dos negócios, dos impostos, do trabalho, das residências, da formação, da cultura, dos casamentos, e não menos da vilegiatura, do turismo e dos lazeres. O seu segmento superior abrange a população com educação e níveis de instrução de universidades de prestígio, rendimentos bastante confortáveis, capacidade de influência cultural e social.

O Gotha de hoje, a alta sociedade, as famílias da grande burguesia, já não são regionais e nacionais mas continentais, mesmo mundiais: uma outra elite global, um outro *beautiful people, que valoriza* o mundo como espaço de reconhecimento e de negócio, de riqueza económica e de riqueza social (pela rede de relações), mesmo se continua a valorizar as velhas casas de família, castelos e solares, com seus parques e jardins, antigas quintas e mansões urbanas em bairros históricos de prestígio ou villas à beira-mar, poucas vezes herdadas, muitas outras adquiridas, de modo a confundir-se com as anteriores elites sociais. Busca estar entre iguais, com os semelhantes, outrora nos teatros e casinos, hoje também e sobretudo nos clubes de golfe, associados aos diferentes campos, nos clubes de caça (como

outrora os ingleses em Pau ou em Biarritz), nos clubes dos criadores de cavalos de desporto (Normandia), ou simplesmente de equitação, nos clubes de ténis ou de automóveis antigos: lugares fechados a sócios com direito de admissão e pagamento de jóias e quotas, espaços de sociabilidade, de encontro e relações interpessoais, de reconhecimento, de concentração dos poderes de classe, também de influência de políticos com poder de decisão, e de protecção, defesa e valorização dos seus patrimónios, dos seus espaços de vida, como outrora com a aristocracia e os seus guetos. A prática de desportos é aliás comum entre os grandes líderes políticos de hoje, desde Vladimir Putin (judo, artes marciais), a Barack Obama (basquetebol, golfe) ou a Evo Morales (futebol).

Muitos dos recém-enriquecidos afirmam-se pelos comportamentos consumistas, tendencialmente pouco discretos, muitas vezes exuberantes e até ostensivos (materialismo, hedonismo), mesmo se a riqueza é algo limitada e incerta: pelo menos, Mercedes-Benz e BMW, roupas de grandes marcas ou feitas expressamente por costureiros de renome, jóias, habitação urbana num bairro de prestígio, residência secundária com «história», e correspondente distintivo (idealmente velhos brasões), ou em *resorts* exclusivos, colecções de arte, conhecimentos de grandes colheitas vitícolas e oleícolas, muitas vezes de base livresca (idealmente próprias, oriundas das suas quintas e herdades), iniciativas de carácter filantrópico (pequenas fundações), etc. Também *o* ver e ser visto, mas por iguais, longe das massas; a privacidade e exclusividade dos eventos e dos lugares frequentados, incluindo as praias; para outros, a descoberta da Terra e da sua gente, a aventura, a caça grossa nas florestas tropicais, a exploração dos cimos glaciares, a observação da fauna nos seus ambientes exóticos (afirmação de classe pelo ecologismo), o contacto com as muitas etnias.

Os muito ricos são cerca de 1-2% da população e concentram mais de um terço da riqueza. Paralelamente, segundo a OECD, em 2010, sempre a nível mundial, 1,8 biliões de pessoas integravam a classe média. A inflação contribui para o aumento do seu número, ao desvalorizar as moedas: o poder de compra de um milhão de dólares em 1958 equivale a oito milhões em 2015 e o de um milhão de dólares em 1900 a cerca de 28 milhões também em 2015. Muitos são milionários, com riqueza superior a um milhão de unidades monetárias, outros são multimilionários, alguns são mesmo bilionários, como o foram John D. Rockefeller (Standard Oil, 1870), J. P. Morgan e Thomas Edison (General Electric, 1878), George Westinghouse (Westinghouse Electric, 1886), Andrew Carnegie (Carnegie Steel Company, 1902) ou Simón Iturri Patiño (Bolívia, «rei do estanho»).

Para Richard Kersley (director da Global Securities Products and Themes, Crédit Suisse), a riqueza mundial mais do que duplicou desde 2008, não obstante a crise bancária (falência do tradicional banco de investimento estadunidense

Lehman Brothers, fundado em 1850, efeito dominó, crise dos *subprimes*, a desvalorização das acções das mais importantes instituições financeiras do mundo) e as «bolhas» dos mercados, e com ela a riqueza média por adulto, nomeadamente nos EUA, China, Índia, Suíça, Singapura, em países da Zona Euro e nos países nórdicos, noutros da Ásia-Pacífico e Médio-Oriente, também na Austrália. Em 2013, 10% das pessoas mais afortunadas polarizavam 86% da riqueza mundial e metade da população mundial possuía menos de 1% da riqueza total: a população superrica registava um crescimento de mais de 6% em relação ao ano anterior; cerca de 200 mil pessoas detinham fortunas a partir de US$ 30 milhões (banco UBS e empresa Wealth-X). A repartição espacial dos milionários e bilionários destacava a América do Norte (mais de 70 mil super-ricos) e a Europa (58 mil super-ricos), seguida pela América Latina (14 mil milionários e bilionários); por países, relevam-se então e uma vez mais os Estados Unidos (65,5 mil milionários e bilionários). No ano seguinte, 1% de mega-ricos controlava 39% da riqueza mundial (Global Wealth de Boston Consulting Group), a sua riqueza crescia mais que a riqueza global, não obstante o contexto de crise (acções nos mercados de valores; investimentos internacionais), nos países desenvolvidos (Estados Unidos e Europa, sobretudo Inglaterra), também nos BRIC (Brasil, Rússia, Índia e sobretudo China), muitos associados a privatizações de empresas públicas, exploração de recursos naturais, incentivos fiscais, desregulação, especulação bolsista, imobiliário e grandes obras públicas, sem esquecer as famílias reinantes da Arábia Saudita e do Golfo Pérsico, vivendo das rendas da exploração do petróleo e do gás natural, tal como os novos multimilionários de outros países importantes na produção de petróleo, da Nigéria e Angola à Venezuela.

O World Wealth Report referente a 2013 e a indivíduos com riqueza igual ou superior a um milhão de dólares (excluindo a residência principal – HNW, World's High Net Worth), apontava para 12 milhões. No ano anterior, a repartição da população (milhões) com maior HNW, destacava a América do Norte, Ásia-Pacífico e Europa; e por países, os EUA, o Japão, a Alemanha, a China e o RU. Se considerarmos não os indivíduos mas o nº de famílias milionárias (em dólares dos EUA e em milhões), teríamos, por ordem decrescente: EUA, seguido de muito longe pela China, depois o Japão, e bem afastados o RU, a Suíça, a Alemanha, o Canadá, Taiwan, Itália, França, Hong Kong, Holanda, Rússia, Austrália, Índia...

A tendência é para que os ricos sejam cada vez mais numerosos e cada vez mais ricos, pelo menos em termos relativos (perdas nos valores das acções, com as crises financeiras): a repartição da riqueza continuou a acentuar as assimetrias sociais, como sublinhado anualmente pelas ONG´s aquando das reuniões de Davos, e uma vez mais em 2016. O Global Wealth Report de 2014, do Le Crédit Suisse, apresenta um estudo aprofundado sobre a repartição e a evolução do patri-

mónio mundial (aumento de 8,3% num ano): os ricos (mais de um milhão de dólares de património) são mais de 38 milhões, concentrados sobretudo nos Estados-Unidos (41%), contra cerca de um terço na Europa (7% na França, um pouco mais do que na Alemanha), 8% no Japão, 3% na China, alguns outros em certas petro-monarquias, em muitos casos com acentuada e crescente desigualdade na repartição da riqueza, como na China (a parte da riqueza nacional total dos 10% mais ricos passou de 48% em 2000 a 56% em 2007 e a 64% em 2014) e na Rússia (de 77% a 84%), mantendo-se todavia estável nos EUA e diminuindo na França.

Por sua vez, a Wealth-X de Singapura aponta, para o mesmo ano, 2325 bilionários, mais 7% relativamente ao ano anterior, e uma fortuna acumulada de 7300 biliões de dólares, + 12% do que em 2013: Estados-Unidos 571, China 190 e Reino Unido 130 (775 bilionários na Europa). Mais de um terço desta riqueza estava concentrada em 20 grandes cidades: Nova Iorque, Moscovo, Hong-Kong, Londres, com Paris na nona posição... Muitos milionários passavam a multimilionários, mesmo a bilionários, nomeadamente nos EUA, em muitos casos através da web e das tecnologias da informação, onde relevam: Warren Buffett (CEO de Berkshire Hathaway), Bill Gates (Microsoft), Sergey Brin & Larry Page (co-fundadores de Google), Jeff Bezos (Amazon), Evan Spiegel & Bobby Murphy (Internet), Eduardo Saverin e Mark Zuckerberg (Facebook), Paul Allen e Steve Ballmer (Microsoft), ou ainda Michael Dell (Dell, computadores pessoais), Lee Kun-Hee (Samsung), Larry Ellison (Oracle), Sheldon Adelson (Las Vegas Sands, com casinos em Macau), Elon Musk (Tesla Motor, veículos eléctricos de luxo), etc. Na França, destaque habitual para Bernard Arnault, da LVMH, a maior empresa de artigos de luxo, François Pinault, da Pinault-Printemps-Redoute/PPR, Serge Dassault, do Conglomerado Dassault (aviação, automóveis eléctricos, multimédia, comunicações, jornais) e Liliane Bettencourt, da L´Oréal (cosméticos; multinacional com sede em Clichy, fundada em 1909 por Eugène Schuelle). A posição do país não é indiferente ao exílio dos franceses ricos para a Bélgica, a Suíça, o Luxemburgo ou o Reino Unido, os impostos a pagar dependendo do lugar de residência e os montantes sendo bem menores nestes outros países; no total, algumas dezenas de milhares de franceses, evitando o pagamento de impostos muito elevados sobre o capital e o património (alugueres, mais-valias imobiliárias, direitos de transmissão de heranças).

A revista Forbes também publica anualmente (Março) e desde 1987, listas de pessoas bilionárias com base na sua riqueza global (terras, casas, veículos, arte, etc.), excluindo as dívidas, e excluindo a realeza e os ditadores (riqueza dependente do seu poder político). Em 2014 contava um total de 1645 bilionários (contra 1426 em 2013, 1011 em 2010, 691 em 2005 e 470 em 2000), com uma fortuna então avaliada em 6.400 biliões de dólares, cerca de 2,5 vezes o PIB da França.

O avolumar do seu número e da sua riqueza indicia que a crise financeira fora ultrapassada, embora com acentuação das desigualdades: desregulamentação, enviesamento dos sistemas fiscais, evasão fiscal, medidas de austeridade, polarização das receitas mineiras e do petróleo, valorização das inovações tecnológicas, especulações múltiplas. Daqueles 1645 bilionários, contavam-se 492 na América (442 nos Estados-Unidos), 468 na Europa (58 na Alemanha), 152 na China, 111 na Rússia (note-se que os russos somente em 1997 apareceram no ranking da Forbes, para as pessoas mais ricas do mundo). Apenas 16% tinham herdado as suas fortunas e 47% eram donos dos respectivos negócios. Também apenas 172 eram mulheres, com destaque para Christy Walton (herdeira da Wal-Mart, comércio de distribuição, EUA), Anne Cox Chambers (*média*), Liliane Bettencourt (L´Oréal) e Georgina Rinehart (australiana, do grupo Hancock Prospecting, ligado a minas).

Em 2015, a mesma lista da Forbes conta 1826 bilionários, com uma riqueza de 7 mil biliões de dólares: +10% do que no ano anterior, apesar da baixa do preço do petróleo, da desvalorização do euro, das turbulências económicas, favorecidos pelas baixas taxas de juro e a abundância nos mercados de capitais, a alta dos mercados bolsistas (de notar que muitos dos novos bilionários são discretos e dissimulam a sua fortuna, escapando a estas listas). Então, as 358 famílias mais ricas possuíam metade da riqueza mundial. Das quase três centenas de novos bilionários relativamente ao ano anterior (imobiliário, telecomunicações, *média* e distribuição; Bolsa; tráficos de armas ou de cocaína; paraísos fiscais), contavam-se: 71 chineses (num total de 213, onde se destacam Wang Jinalin, magnata do imobiliário, e Jack Ma, fundador do grupo e-commerce Alibaba), e outros 11 em Hong Kong; 57 americanos, 28 indianos, 23 alemães, 7 brasileiros (num total de 54), italianos e de Taiwan, 5 franceses...

Entre os mais ricos do mundo ressaltam então: Bill Gates (Microsoft), Carlos Slim (telecomunicações no México), Amâncio Ortega (Zara), Warren Buffett (investimentos), Larry Ellison (Oracle Corporation), Charles Koch e David Koch (Koch Industries), Sheldon Adelso (Las Vegas Sands), Christy Walton & family (Wal-Mart, comércio retalhista), Michael Dell (Dell, EUA). São também habituais nas listas da Forbes, Paul Allen (Microsoft, EUA); Li Ka-shing (Robin Li), ligado à internet Hong Kong/Canadá; David Thomson da Thomson Corporation, Canadá; Masayoshi Son (Softbank Capital, SoftBank Mobile), do Japão; Liliane Bettencourt & família da L´Oreal, Bernard Arnault da LVMH, ambos de França; Michael Otto (Otto GmbH, encomendas, Correio), da Alemanha, tal como Dieter Schwarz (supermercados Lidl), Leonardo Del Vecchio (armações de óculos) de Itália, assim como Michele Ferrero, da Ferrero S.P.A; russos como Oleg Deripaska (Rusal, alumínios), Roman Abramovich (empresário, investidor, residente em Londres), Vladimir Potanin (holding Interros, de construção civil), Mikhail Fridman (Alfa-Bank

e a Vimpelcom, comércio de retalho, da Ucrânia), Serguei Galitski (Magnit, cadeia alimentar), Leonid Michelson (Novatek, de exploração de petróleo e gás), ou Vagit Alekperov (Lukoil, exploração de petróleo); também o príncipe Al-Waleed (Kingdom Holding Company, Arábia saudita), ou os xeques Khalifa bin Zayed Al Nahayan e Mohammed bin Rashid, dos Emirados Árabes Unidos, e Hamad bin Khalifa Al Thani, do Qatar; Alejandro Santo Domingo, colombiano (Santo Domingo Group, conglomerado; banca); Lakshmi Mittal da Arcelor Mittal (aço), ou Mukesh Ambani, da Reliance Industries, ambos da India, tal como Anil Ambani, da Anil Dhirubhai Ambani Group; Li Ka-shing (CK Hutchison Holdings, terminais de contentores), o homem mais rico de Hong Kong; Zong Qinghou, da Wahaha Group, fabricante de refrigerantes, da China continental, ou Liang Wen'gen, fundador da Sany (empresa de máquinas de construção civil), Yan Bin da Ruoy Chai, que vende os Red Bull, Wang Jianlin (imobiliário e futebol), Liu Yongxing (rações e alumínios), Yang Huiyan (imobiliário), ou He Xiangjian (fabricação de artigos domésticos); Eike Batista, do Brasil (EBX Group); Stefan Persson (H&M), da Suécia, tal como Ingvar Kamprad (Ikea), Karl Albrecht (Aldi) da Alemanha, Mark Zuckerberg e Dustin Moskovitz (Facebook; American Isaac Perlmutter da Marvel Entertainment, vendida à Disney), e Aliko Dangote, da Nigéria (conglomerado, indústria de cimento e alimentos). E também, nos lugares finais da lista, Américo Amorim, Belmiro de Azevedo e Soares dos Santos, de Portugal.

Cerca de metade dos bilionários encontra-se na Ásia, seguida pela América do Norte (favorecida pela valorização do dólar) e pela Europa: 536 americanos, dos quais 131 na Califórnia, com destaque para Travis Kalanick e Garett Camp, co-fundadores da Uber, de viaturas com motorista, 213 chineses, 103 alemães, 90 indianos e 88 russos: no topo, continuavam Bill Gates, Carlos Slim Helu (México, telecomunicações, origem libanesa), Amâncio Ortega, Warren Buffett, Larry Ellison (Oracle), mas também Ingvar Kamprad (Suécia, fundador da Ikea), Dustin Moskovitz e Mark Zuckerberg (Facebook), Evan Spiegel (aplicação Snapchat, comprada pelo Facebook), David Rockefeller ou Steven Cohen (gestor de Fundos, na base da especulação) ou o indiano Mukesh Amban (Reliance Industries Limited). A própria África contava então 29 bilionários: Yasseen Mansour, Youssef Mansour e Mohamed Mansour, bem como Naguib Sawiris, Nassef Sawiris, Mohamed Al Fayed, Onsi Sawiris e Samih Sawiris no Egipto; Aliko Dangote, Mike Adenuga, Folorunsho Alakija, Femi Otedola, Abdulsamad Rabiu na Nigéria; Johann Rupert, Nicky Oppenheimer, Christoffel Wiese, Koos Bekker, Patrice Motsepe, Stephen Saad e Allan Gray, na África do Sul; Othman Benjelloun, Aziz Akhannouch e Miloud Chaabi, em Marrocos; Mohammed Dewji e Rostam Aziz, na Tanzânia; Isabel dos Santos, em Angola; Nathan Kirsh, na Suazilândia; Issad Rebrab, na Argélia; Sudhir Ruparelia, no Uganda...

Por países, destacavam-se os EUA, a China, a Rússia (passou de 111 a 88, e do terceiro para o quinto lugar da lista, pela grande baixa dos preços do petróleo e as sanções económicas impostas pelos Estados Unidos e a Europa), a Alemanha e a Índia (não por acaso, quase 30% dos Rolls-Royce são vendidos na China, 10% na restante Ásia e 15% nos países árabes do Próximo Oriente).

Por cidades (em função do nº de milionários, em 2012), sucedem-se por ordem decrescente: Tóquio 460.700, Nova Iorque 389.100, Londres 281.000, Paris 219.300, Frankfurt 217.500, Pequim 213.400, Osaka 189.500, Hong Kong 187.400, Xangai 166.400, Singapura 157.000, Seul 130.600, Munique 129.600... Moscovo em 20º com 101.200. Considerando o número de bilionários residentes, sempre em 2012, destacavam-se Moscovo (74), Nova-Iorque (71), Londres (36), Istambul (34), Hong Kong (30), Los Angeles (24), Bombaím/Mumbai (20), San Francisco (19), Dallas (15), Tóquio (15). Dois anos depois, sempre em função do número de bilionários (2014), ressaltam Nova Iorque com 103, Moscovo 85, Hong Kong 82, Londres 72, Pequim 37, São Paulo 36, Istambul 35, Dubai 34, Paris 33, Singapura 32, Mumbai/Bombaím 28, Tóquio 26, Los Angeles 25, Shenzhen 25, Genebra 23, Xangai 21, Madrid 21, Taipai 21, México City 21, Riade 20.

Na Europa, Londres destaca-se (2014) como a capital europeia e mundial dos bilionários (ao todo, mais de uma centena vivem na Grã-Bretanha, segundo o Sunday Times, que se reflecte nos elevados preços do imobiliário), os cinco mais ricos sendo estrangeiros: irmãos Srichand e Gopichand Hinduja (indianos, conglomerado Hinduja), Alicher Ousmanov (russo, afectado todavia pela desvalorização do rublo), Lakshmi Mittal (indiano, aço), Roman Abramovich (russo, club Chelsea). Outros indianos muito ricos também aqui residiam: Sri Prakash Lohia (Indorama, têxtil e plásticos, com cidadania indonésia, ligado por casamento à família Lakshmi Mittal); Lord Swaraj Paul (aço, em Londres desde 1966); Anil Agarwal (saúde), natural de Bihar, Ajay Kalsi e família, de Kanpur, Jasminder Singh e família desde 1973, vindos do Kénia; Yusuf Hamied (medicamentos HIV), os irmãos Jatania com raízes em Gujrat, os irmãos Matharu (hotéis de luxo), etc. Entre as dez maiores fortunas britânicas sete são estrangeiras (à cabeça, o indiano Lakshmi Mittal e o russo Roman Abramovitch): emergência de uma nova classe de «super-ricos», os oligarcas russos e os exilados fiscais; dinamismo das Bolsas, lucros dos capitais; vantagens fiscais, valorização imobiliária. Alimentam o PIB, o turismo, o mercado da habitação, o comércio de luxo, as companhias aéreas, etc.

Londres afirma-se neste século como uma capital mundial dos bilionários, com o dinamismo da City e as isenções de impostos sobre os rendimentos e os lucros gerados no exterior para os estrangeiros domiciliados localmente, mas não residentes (Philips Green, do grupo Arcadia, de comércio retalhista, tem residência no Mónaco, Richard Branson localiza as suas contas nas ilhas Virgens); outros pri-

vilegiam as vantagens fiscais proporcionadas pela residência, caso de muitos russos e indianos residentes, enquanto Eduardo Saverin, co-fundador do Facebook, brasileiro/estadunidense, deu preferência a Singapura e John Fredriksen, norueguês, a Chipre desde 1996 (petroleiros).

Inversamente, mais de 4 dezenas de grandes fortunas francesas (17, uma dezena de anos antes) exilam-se fiscalmente na Suíça (quatro dezenas de franceses entre as 300 maiores fortunas da Suíça), sobretudo em Genebra. São os casos das famílias Wertheimer (Chanel), Castel (vinhos), Primat (Schlumberger), Benjamin de Rothschild (Compagnie financière Edmond de Rothschild); também de Nicolas Puech (Hermès), os irmãos Zorbibe (Lancel, vendida ao grupo Richemont, conglomerado suíço de artigos de luxo), os irmãos Gabriel e Raphael Harari (dos laboratórios Negma) e mais recentemente (pela nova pressão fiscal) Denis Dumont (Grand Frais, supermercados), Bruno Moineville (accionista do fundo Cinven de Numericable, residindo em Vaud), etc. No total, contam-se 1500 a 2 mil franceses ricos residentes na Suíça, empresários reformados e herdeiros de impérios (como Chanel, Publicis, Bouygues, Peugeot, Bic, Carrefour, SEB, Taittinger), mas também artistas (Johnny Hallyday, Delon, Adjani, Aznavour...) e desportistas (Jean Alesi, ex-campeão de F1, Jo-Wilfried Tsonga ou Amélie Mauresmo, entre outras estrelas do ténis). Paralelamente, cerca de 5 mil outros exilados fiscais na Bélgica, famílias incluídas, como Alain Lefebvre (informática), Bernard Darty (electrodomésticos, informática e audiovisual), Lofti Belhassine (foi PDG d'Air Liberté), Denis Payre (Kiala, entregas a domicílio), Régis Mulliez (um dos herdeiros do grupo Auchan), Jacques Badin (Carrefour) ou ainda Jacques Tajan (promoção de vendas de Arte) ...

2. Árabes, russos, indianos e chineses: os novos-ricos do Mundo

2.1. Milionários árabes

Antes de 1973, flutuar sobre um mar de petróleo não tinha grande significado: os preços eram baixos e registavam poucas variações, mesmo em tempos de guerra. Tudo mudou em 1973-74, pelo embargo da Arábia Saudita, o maior produtor, contra o apoio dos Estados Unidos a Israel, estendido a outros países ocidentais favoráveis ao mesmo, e reforçado pelos cortes da OPEP (cartel criado em 1960, e que dominava completamente o mercado), com multiplicação imediata do valor do barril, tornando-se o «ouro negro». Actualmente (2015), a OPEP assegura 40,2% da produção (Arábia Saudita 31,2%, Iraque 13,5%, EAU 8,9%, Koweit 8,8%, Irão 8,2%, Angola 5,7%); fora da OPEP, destacam-se como produtores a Rússia com

11,2%, os EUA com 12,8% e outros com 33,5%, entre eles o Irão, com novas possibilidades de exploração e exportação com o levantamento das sanções internacionais nos princípios de 2016.

Países pobres e subdesenvolvidos, tribais, sem mobilidade social (população local vivendo da agricultura e do pastoreio, em condições difíceis, no meio do deserto), sem exército, sem vias de comunicação nem transportes eficazes, sem electricidade nem água corrente em muitas cidades, incluindo Meca, sem universidades, e economias dependentes da extracção de petróleo por comunidades estrangeiras fechadas, foram então inundados pelos milhões de petrodólares, repartidos a favor da muito extensa família real (dezenas de filhos e centenas de membros): parte alimentou investimentos no exterior, de prestígio e rendimento (propriedades, empresas, acções na hotelaria, no comércio de distribuição, mesmo na banca e na própria Euro Disneylândia); outra parte financiou investimentos no país, sempre com intervenção da própria família real. Ressaltam: armamento, construção de estradas, hospitais, escolas, aeroportos, infra-estruturas urbanas, portuárias e industriais, renovação das principais cidades, novos edifícios comerciais e de habitação, sempre com recurso a importações vultosas de cimento, ferro e aço, vidro, material eléctrico, mobiliário, pessoal especializado, dos operários aos engenheiros, médicos e professores universitários, que deveriam ser muçulmanos.

O reino da Arábia Saudita fora constituído em 1932 e o petróleo descoberto nos finais da década: em 1950 contava cerca de 3 milhões de pessoas, mas em 2013 a sua população era estimada em quase 27 milhões, cerca de 1/5 estrangeiros, entre os quais 100 mil ocidentais, na sua maior parte vivendo em condomínios fechados; em 2010 a população de Riade era avaliada em 5,3 milhões, a de Jeddah em 3,5 milhões, a de Meca em 1,7 milhões, a de Medina em 1,2 milhões; seis outras cidades contavam mais de 500 mil habitantes. Cerca de 97% da população são muçulmanos, sendo 85-90% sunitas, o que equivale a puritano, intolerante ou ultraconservador, e na continuidade a extremismo religioso, gerador de tensões sociais, desigualdades, discriminações e mesmo corrupção política: monarquia absoluta teocrática; domínio quase exclusivo da família real, a Casa de Saud. Esta constitui-se como uma classe social dominante, privilegiada e ostentatória, com seus muitos palácios, ilhas artificiais, como a de Djedda, ligada à terra por uma auto-estrada privada, com um palácio sumptuoso e um porto para os seus iates, mesmo *bunkers* contra armas nucleares, bacteriológicas e químicas, onde não falta um hospital moderno. Refúgio do Rei Fahd, no seguimento da guerra do Golfe no início dos anos 90. Caprichos de uma monarquia absoluta teocrática, com enormes reservas de petróleo e de gás natural, e um dos maiores exportadores de petróleo (o sector petrolífero assegurava 95% das exportações e 70% das receitas

do governo). Controle da Aramco, companhia petrolífera estatal, empresa global e totalmente integrada de petróleo e produtos químicos e líder mundial em exploração, produção, refinação, distribuição, expedição e marketing. Riqueza todavia sujeita às mudanças reais dos preços no mercado mundial, pela procura e pela concorrência, em termos económicos e políticos, tal como os projectos de diversificação das bases económicas e de criação de cidades novas espalhadas pelo respectivo território.

Uma forte dependência do petróleo encontramos também nos próximos Emirados Árabes Unidos (UAE), no sudeste do golfo Pérsico: confederação de monarquias árabes ou emirados desde 1971; Abu Dhabi, Dubai, Ajman, Fujairah, Ras al Khaimah, Sharjah e Umm al Qaiwain, com largo grau de independência; economia tradicional baseada na pesca, na indústria de pérolas, no comércio; nova economia a partir dos anos 1950, assente no petróleo e no gás (exportações de petróleo desde 1962, por Abu Dhabi); uma das zonas mais ricas do mundo em termos de produto interno bruto (PIB) per *capita,* com uma população estimada em 2010 em 8 264 mil habitantes, dos quais apenas 13% eram nativos. A condição de ex-protectorados britânicos favoreceu a fixação de cem mil residentes ingleses e 5 mil empresários ingleses, sobretudo no Dubai, e a afirmação como principais centros económicos do Próximo Oriente e como lugares de vida social algo ocidentalizada e cosmopolita, que contrasta com a comum na Arábia saudita (a que acrescem algumas discordâncias políticas, nomeadamente quanto ao acolhimento e financiamento de grupos revolucionários actuantes no mundo árabe e em particular na própria região e no Norte de África).

Cidades tornadas globais como Dubai (estimados 2106,5 mil habitantes em 2013), sob o impulso do xeque Mohammed (amante de corridas de cavalos e camelos e senhor do iate Dubai, de 2014, o maior do mundo): turismo de negócios (porto de águas profundas; muitas dezenas de centros comerciais; Dubai Mall, tido como o maior centro comercial do Mundo; ouro, jóias, carros de grandes marcas e modelos personalizados e ostentatórios, ao gosto dos novos milionários); turismo desportivo (equitação, automobilismo, golfe, actividades náuticas; pistas de esqui no ar condicionado); Festival de Shopping desde 1995; praça financeira; arquitectura moderna, inovadora, mesmo ousada, futurista; hotel Burg El Arab, pretensamente de 7*, de 1999, e muitos outros de 5*luxo; torre Burj Khalifa, com os seus 828m de altura, que a fazem o edifício mais alto do Mundo; as três Ilhas-Palmeira, embora apenas ultimada, a Palm Jumeirah; o Dubai Miracle Garden; o Festival Internacional de Cinema desde 2004; a Feira de Arte do Dubai; e em breve a Exposição Mundial (2020).

Ou como Abu Dhabi (cerca de um milhão de habitantes): o maior de todos os Emirados e a capital federal (edifícios públicos, embaixadas, sedes de grandes

empresas, nomeadamente petrolíferas); centro universitário e cultural; construções de prestígio na zona central (torres da Abu Dhabi Investment Authority/ ADIA, fundo soberano; Banco Nacional de Abu Dhabi; Hilton Hotel; edifício da sede da Etisalat, empresa das telecomunicações, que possui várias torres, todas como com suas bolas no topo) ou o Palácio dos Emirados, em estilo árabe, sem esquecer a Grande Mesquita do xeque Zahed, iniciada em 1996 e terminada em 2007, e com capacidade para cerca de 40 mil pessoas; igualmente arranha-céus modernos e futurísticos (casos do Central Market Residential Tower, 382 m; Landmark, 324 m; Sky Tower, 310 m), mas sem a ousadia dos do Dubai, jardins e espaços desportivos.

Num caso e noutro, lugares de muitas culturas (população imigrante, sobretudo do sul e sudeste asiático) e de vida social algo ocidentalizada e cosmopolita, que polarizam residências, mesmo entre os que trabalham na Arábia Saudita, Índia e até em África, e afluxos de turismo, mas que igualmente emitem importantes fluxos turísticos para outros destinos de prestígio, nomeadamente ocidentais (não esquecer a função de hub do aeroporto do Dubai). Dependências dos recursos petrolíferos e de gás natural que se prolongam pelos vizinhos Koweit, Bahrein e Qatar. O Koweit, na costa noroeste do Golfo Pérsico, outrora importante porto no comércio entre a Índia e a Mesopotâmia e protectorado do Reino Unido até 1961, é uma monarquia constitucional, em que o chefe de Estado é o emir ou xeque, um cargo hereditário, e uma economia com forte dependência da indústria de petróleo, os derivados de petróleo representando cerca de 95% das receitas de exportação e quase metade do PIB. Todos os recursos naturais do país e as receitas associadas são propriedade do governo, segundo a Constituição: nos anos 1970, teve lugar a nacionalização da Koweit Oil Company.

A sua «era de Ouro» corresponde ao período 1946 a 1982, sendo o maior exportador de petróleo e derivados da região do Golfo desde 1952: atracção demográfica da Palestina, Egipto e Índia; eleições parlamentares em 1963; desenvolvimento económico e social, com a constituição do Fundo soberano Koweit Investment Authority; Universidade desde 1966; imprensa livre, à imagem do Ocidente. Depois nos anos 80, instabilidade, terrorismo, guerra Irão-Iraque, descida dos preços do petróleo, aumento da produção, invasão pelo Iraque, dificuldades na diversificação da economia (construção naval, materiais de construção, dessalinização, serviços financeiros – Banco Nacional do Koweit, Golf Bank do Koweit, Burgan Bank), mas também investimentos no exterior, através do Fundo para o Desenvolvimento do Mundo Árabe, depois noutros países em Desenvolvimento, embora desde 1953, funcione um Fundo especializado em investimentos externos (KIA, Koweit Investment Authority), nomeadamente na Europa, em particular no RU, nos EUA e na Ásia-Pacífico, com desta-

que para a China, afirmando-se então como o principal investidor mundial do mundo árabe.

No caso do pequeno Bahrein, insular (dezenas de ilhas, 3 habitadas; ponte de ligação à Arábia Saudita desde 1986), e igualmente protectorado militar e comercial do Reino Unido entre 1861 e 1971, quando adquiriu a sua independência e se tornou uma monarquia constitucional (família reinante Al Khalifa é sunita; a população é sobretudo xiita), sendo rei Hamad bin Isa Al Khalifa, que mantém relações estreitas com os Estados Unidos (a extracção do petróleo foi iniciada pelas petrolíferas norte-americanas, mas passou em grande parte para a administração da BAPCO, Bahrein Petroleum Company). A produção e refinamento de petróleo representam cerca de 60% das exportações e dos rendimentos do governo local e 30% do PIB, mas as reservas são limitadas, o que aconselhou a uma diversificação das bases económicas. Nesse sentido, ressalta a produção de petroquímica, cimento, alumínio, construção naval, comércio marítimo e actividades bancárias (um dos principais centros bancários, financeiros e comerciais do Médio Oriente), e o turismo, com os seus *resorts* de praia (algumas praias reservadas a mulheres). Cerca de ¼ da população é composta por paquistaneses, afegãos e indianos, além de estadunidenses e britânicos, ligados às empresas petrolíferas transnacionais.

No vizinho Qatar, pequena península com um pouco mais de 2 milhões de habitantes, sobretudo imigrantes, são igualmente importantes as reservas de petróleo e bem mais de gás natural a sustentar a economia da respectiva monarquia (60% do PIB, 70% das receitas governamentais), que o afirmam como um dos países mais ricos do mundo (PIB/capita) e que aconselham ao mesmo tempo à diversificação económica, não obstante as enormes reservas de gás natural (além da exportação, podem suportar muitas novas indústrias, como petroquímica, adubos, aço, materiais de construção).

Em plena crise económica (2008), entre os 20 homens mais ricos do mundo árabe encontravam-se 10 da Arábia Saudita, 4 dos Emirados Árabes Unidos, 3 do Koweit, 2 do Egipto e 1 do Líbano. Destacavam-se: príncipe Al Walid Ibn Talal Al Saoud, neto do fundador da Arábia saudita (investimentos no Citigroup e na Bolsa do Dubai; cadeia Fairmont Hotel & Resorts); Hind Hariri, filho do ex. primeiro-ministro libanês Rafik Hariri, bem como os seus irmãos Saâd e Ayman Hariri, com nacionalidade saudita, com a Nasser Al-Kharafi & família, do Koweit (construção e holding M.A. Kharafi & Sons, com empresas como Mobile Telecommunications Co., National Bank, e Americana, uma cadeia de *fast food*); Sulaiman Bin Abdul Al Rajhi, banqueiro saudita (Al Rajhi Bank, banco familiar, que pelo princípio islâmico não paga juros dos depósitos, os benefícios resultando do valor das acções) e uma holding, Al-Watania, com importante cadeia de produção avícola;

Mohammed Al Amoudi, com a empresa Svenska Petroleum (exploração no Mar do Norte e na costa do Marfim) e investimentos na Etiópia (hotelaria, minas de ouro, produção alimentar); Abdul Aziz Al Ghurair & família, banqueiros (empresa familiar Mashreqbank, cotada na Bolsa do Dubai), com centros comerciais gigantes, comércio de pérolas, produção alimentar e imobiliário; Saleh Kamel, saudita, com actividades bancárias e imobiliárias (Albaraka Banking Group, com interesses em África, da Argélia à África do Sul, e Al Baraka Group, centrado no imobiliário); Onsi Sawiris, industrial com base no Cairo, com o conglomerado Orascom Telecom (telemóveis em África, no Médio Oriente e no Paquistão), turismo; Saad Hariri, filho do antigo primeiro-ministro do Líbano, nos sectores da construção e obras públicas e na *média* na Arábia saudita (todos os seus 3 irmãos são bilionários); Abdullah Al Rajhi, banqueiro saudita, principal accionista do Al Rajhi Bank, e com os irmãos (Sulaiman Bin Abdul Al Rajhi, Saleh Bin Abdul Aziz Al Rajhi et Mohammed Abdul Aziz Al Rajhi), a Al Rajhi Factories (PVC: garrafas, tubos); Khalid Bin Mahfouz & family, saudita, actividades financeiras (Saudi Arabia's National Commercial Bank), e com os irmãos a Capital Investments (imobiliário e actividades bancárias); Ayman Hariri, saudita, um dos 5 filhos de ex-primeiro ministro libanês Rafic Hariri, uma das maiores fortunas do Médio Oriente; Naguib Sawiris, copta egípcio (Orascom Telecom, fundada pelo pai Onsi Sawiris, primeiro operador de telecomunicações no Médio-Oriente e em África, controle da Wind Telecommunicazioni, italiana, e participação na Hutchi son Whampoa, com actuação em Israel); Khalaf Al Habtoor, dos Emirados Árabes Unidos (construção, representante Ford, Aston Martin, Bentley e Mitsubishi; passa o verão em Londres e Dezembro no Líbano); Mohammed Al Issa, saudita (indústrias alimentares), e com o príncipe Al Waleed, principais accionistas da Savola Group (agro-alimentar), leader no Médio-Oriente, e accionista maioritário da Saudi Construction Company, fundada nos anos 1970; Mohammed Al Rajhi, saudita, accionista do banco da família Al Rajhi Bank e da holding Mohammed Abdulaziz Al Rajhi & Sons, com interesses na siderurgia, no imobiliário e outros sectores; Abdulla Al Futtaim, dos Emirados Árabes Unidos, interesses em diversos ramos industriais (representa várias firmas multinacionais: Toyota, Dodge, IBM, Volvo, Jeep, Chrysler, Fossil, Black & Decker, Seiko e Panasonic); Bassam Alghanim, do Koweit (detentor de uma empresa familiar com alianças comerciais com Xerox, American Express, Minolta e outras multinacionais); Kutayba Alghanim, irmão de Bassam, com a Alghanim Industries (fundada pelo pai, nos anos 1970, com acordos comerciais com Hitachi, British Airways, Philips e Frigidaire, entre outras); Hind Hariri, libanesa, filha de Rafic Hariri, ex. primeiro-ministro libanês assassinado em 2005; Majid Al Futtaim, dos Emirados Árabes Unidos, com domicílio no Dubai, activo nas obras públicas e imobiliário, nomeadamente de centros comer-

ciais, como o do Dubai (2005), com pistas de esqui, e em associação com o bilionário egípcio Naguib Sawiris, criou em 1992 a Oásis Capital, que gere centros comerciais, supermercados e hotéis, por todo o Médio Oriente (Emirados, Egipto, Bahrain, Líbano, Omã, Arábia Saudita e Qatar). De sublinhar a diversidade estrutural das suas fortunas, mostrando economias com dinamismos que vão bem para lá da simples extracção de petróleo e gás natural.

2.2. Milionários «russos»

Remontemos ao período da Guerra Fria e à chegada ao poder de Nikita Khruchov, quando a União Soviética se afirmou como uma grande potência mundial, sempre no quadro de uma economia planificada: propriedade social dos meios de produção, centralização da direcção da economia, desenvolvimento da produção industrial e seu escoamento, ampliação da rede de infra-estruturas, aumento da produção de alimentos, controle pelo Estado dos fundos sociais de consumo, carácter limitado das relações mercantis, rendimentos pessoais exclusivamente do trabalho, acesso geral a produtos e serviços, satisfação das necessidades básicas, incluindo a segurança social, a protecção, a educação, a cultura, as condições de trabalho e descanso; mas também, prioridade do sector militar, burocracia estatal, falta de concorrência, liquidação da pequena produção mercantil, nomeadamente das cooperativas artesanais, deficiente qualidade e variedade de bens de consumo, cartões de racionamento, privilégios e mordomias das lideranças; e com o tempo, indústria obsoleta, sector agrícola insuficiente para o abastecimento de alimentos da própria URSS, não competitividade das empresas (não concorrência, nem introdução de novas técnicas mais eficientes e produtivas, reduzindo custos e aumentando e melhorando a produção), erosão do modelo, degradação da situação económica, mercado negro e economia paralela (produção ilegal de vinho, cerveja e outras bebidas alcoólicas, e revenda especulativa das mesmas; mercado de gasolina alimentado por motoristas de empresas e organizações do Estado; desvio dos tempos de trabalho para as parcelas particulares e escoamento de parte significativa da sua produção nos mercados dos kolkhozes); corrupção, delapidação do património do Estado, rendimentos não provenientes do trabalho (algo bem diferente da pequena produção individual, por exemplo do kolkhoziano na sua parcela pessoal ou do citadino no quintal da sua casa de campo). Capitalismo clandestino e oculto, com acumulação significativa de capitais por parte dos donos de negócios ilegais que puderam começar a fazer *lobby* junto do poder político no sentido da restauração do mercado e da concorrência, os «reformadores» do PCUS, Partido Comunista da União Soviética, reforçando o seu enriquecimento, embora na continuação, falências, desemprego, empobrecimento, desigualdade social e material.

Em 30 anos, a economia da URSS cresceu 3,6 vezes, enquanto a economia paralela cresceu 14 vezes; em 1960, esta representava 3,4% do PIB oficial e em 1988, 20% (caiu para 12,5% em 1990, por simples alteração da legislação que legalizou uma série de actividades económicas privadas, antes tidas como ilegais); envolvimento de 17-20 milhões de pessoas em 1970 (6-7% da população da URSS) mas 30 milhões em 1989 (12% da população); maior desenvolvimento nas regiões centrais da URSS; nos finais dos anos 70, cerca de 30% dos rendimentos da população urbana da Rússia, 40% na Bielorrússia, Moldávia e Ucrânia, quase 50% na Transcaucásia e Ásia Central, 65% na Arménia (Julio Parra, 2013). Terreno propício para movimentos nacionais separatistas... A «redistribuição» dos recursos do sector estatal (e kolkhoziano) para a economia paralela alimentou a corrupção a vários níveis: num primeiro nível, os proprietários de estruturas clandestinas subornavam dirigentes e funcionários das empresas e organizações do Estado, tornando-os cúmplices, pelo fornecimento de matérias-primas, mercadorias, meios de transporte, etc.; ao nível regional, suborno dos órgãos judiciais e em geral dos órgãos regionais de poder do Estado (protecção regional dos negócios ilegais); por último, ao nível do Estado central, *lobby* dos agentes de negócios ilegais, com importante acumulação de capitais, nos ministérios e departamentos, em prol dos seus interesses económicos (corrupção no aparelho do Estado e nas fileiras do PCUS).

As condições do modo de produção socialista, embora apenas formais em muitos aspectos, eram tidas como limitantes pelos empresários da economia paralela, em contexto de estagnação económica, de planificação estatal ineficiente, esgotamento do modelo extensivo de crescimento desde os anos 70, atraso tecnológico em relação ao mundo capitalista, depois também de desaceleração económica e grave crise na década de 1980 (falta de concorrência, baixos salários, escassez de produtos, insatisfação popular, não abertura política e democrática). Impunham-se mudanças políticas, económicas e sociais, aumentos de produtividade, melhoria da eficiência do trabalho, anulação da burocracia política, combate da corrupção que se tornara endémica, introdução da democracia em todos os níveis de participação política, pluripartidarismo... Objectivos assumidos desde 1985, por Mikhail Gorbatchev, secretário-geral do comité central do partido comunista da União Soviética de 1985 a 1991 e Presidente da Nação entre 1990-1991, seguido por Boris Ieltsin, ex-prefeito de Moscovo, eleito presidente da Rússia, a principal das repúblicas soviéticas, no período 1991-1999, seguido depois por Vladimir Putin.

Mikhail Gorbatchov introduziu a Perestroika e a Glasnost. Com a Perestroika pretendia a reestruturação, reconstrução, recuperação, descentralização, modernização e dinamização da economia do país, com substituição dos mecanismos

de economia centralmente planificada pelos mecanismos de economia de mercado (iniciativa privada e descentralização das operações empresariais, livre concorrência e não monopólios estatais), reestruturação e reorientação dos gastos públicos (diminuição dos grandes investimentos na área da defesa). Foram autorizadas empresas privadas de produção de bens de consumo e serviços não-essenciais, promovidas privatizações, fechadas empresas deficitárias, introduzidas reformas neoliberais, mesmo a entrada gradual de transnacionais (incentivos às empresas estrangeiras) e de capital estrangeiro (investimentos externos), de modo a pôr fim ao regime socialista, ao burocratismo, à inércia, à despersonalização da vida social, à repressão da individualidade, à apatia social: na continuidade, implantação dos mercados de bens, de trabalho, de capital e de câmbio, reforma dos preços, transformações na esfera das instituições sociais e políticas, as funções do Estado sendo orientadas para a sua regulamentação e para o controle dos preços (reforma monetária como caminho para a formulação do programa de estabilização económica), o que não deixou de gerar problemas sociais (desemprego e maior diferenciação na distribuição dos rendimentos). Com a Glasnost Mikhail Gorbatchov pretendia a reforma do Estado, o abandono do esquema Estado-partido-sindicato, a quebra da hegemonia do PCUS, o abrandamento do seu poder, maior transparência nas relações políticas, transformações na esfera das instituições sociais e políticas, abertura democrática, crítica da burocracia e das deficiências da organização social, transparência, abolição da censura, liberdade de expressão, criação de novas instâncias de poder oriundas da sociedade civil, liberdade religiosa, pluripartidarismo...

Em suma, mudanças contra as antigas lideranças do Partido Comunista (oposição por perda de oportunidades políticas) e dos chefes militares (golpe de Estado em Agosto de 1991). Desejos de independência por parte das diferentes nacionalidades, que nos finais de 1991 se traduziram na desagregação da URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas) e no surgimento de 15 repúblicas multiétnicas, largamente interdependentes e integradas (12 delas, sob supremacia russa, que representava um pouco mais de 60% do potencial produtivo, formando a CEI, Comunidade dos Estados Independentes; independência da Lituânia, Estónia e Letónia). Instabilidade política (golpe levado a cabo por Boris Yeltsin contra o Parlamento da Rússia, controlado por antigos membros do partido, bem como contra o domínio das políticas locais ao nível das repúblicas). Desactivação do sistema de produção com o fim dos subsídios estatais, intenso e desordenado processo de privatização industrial e agrícola, falência de dezenas de empresas consideradas improdutivas, algumas dadas aos antigos funcionários, quedas da produção, nomeadamente agrícola (antigos kolkhozes e sovkhozes), precarização das condições de trabalho, desvalorização dos salários pela inflação

(jogo da oferta e da procura, no mercado livre; adequação do rublo às moedas internacionais), desemprego em massa, pobreza, emergência da economia subterrânea e legalização de fortunas ilícitas e ocultas, corrupção generalizada, violência, surgimento de grupos mafiosos (tráfico de armas e drogas, além de bebidas alcoólicas), caos económico e do crime organizado, a que acresce em 1998, grave crise financeira e consequente fuga de capitais nacionais e internacionais, com agravamento dos défices públicos e da dívida externa (vários bancos centrais; descontrolo financeiro).

Processo de viragem do sistema económico no sentido da privatização, liberalização e da concorrência no mercado livre, que se estendeu aos países socialistas do Leste Europeu (Polónia, Checoslováquia, depois dividida, Roménia, Hungria, Albânia, Bulgária e Alemanha Oriental e mesmo a Jugoslávia, que ficou marcada pela guerra civil, fragmentação e separatismo), também com afirmação de novos milionários, alguns tendo captado importantes investimentos estrangeiros e grandes fluxos turísticos e integrado por fim a União Europeia. Durante o governo de Vladimir Putin, o PIB da Rússia também voltou a crescer a taxas elevadas, muito embora a economia se mantivesse extremamente dependente da exportação de petróleo (em 2015 cabia à Rússia 11,2% da produção mundial do mesmo). Acresce a produção de gás e minérios vários, nomeadamente de alumínio, ferro e aço e outras matérias-primas, e a de bens manufacturados como maquinaria agrícola e industrial, material eléctrico e ferroviário, ferramentas, produtos químicos, construção naval ou aeronáutica, barcos-fábrica de pesca, que sustentavam as exportações...

Na continuidade das mudanças da economia planificada para a economia de mercado, da implosão do sistema comunista e afirmação do capitalista e de mercado, aparecimento de oligarcas, novos-ricos, gente do partido, que dominava a burocracia e conhecia os sectores económicos mais promissores no curto prazo, formação de grandes monopólios privados e criação de novos milionários e bilionários, neoliberais, tanto entre as novas elites da Rússia como nas das diferentes repúblicas. Para Joseph E. Stiglitz (2002), a subida da inflação liquidou as poupanças da maioria dos russos, não havendo então gente com dinheiro suficiente para adquirir as empresas privatizadas: em 1995, o governo, necessitando de fundos, recorreu aos bancos privados, que pertenciam aos seus amigos, e não ao banco central, dando como garantia dos empréstimos acções das empresas estatais, e ao não pagar os respectivos créditos, estas ficaram para os bancos e alguns oligarcas. Também Pierre Lorrain (2012) releva que o governo, por forte pressão dos EUA, Banco Mundial e FMI para privatizar rapidamente, cedera as empresas públicas por valores irrisórios e criara uma enorme dívida pública na Rússia e nos estados derivados da implosão do ex-bloco soviético (URSS): transição brusca de uma

economia socialista planificada para uma economia de mercado; vaga de privatizações rápidas de numerosas empresas, a *Duma* (parlamento sob controle dos comunistas e dos nacionalistas) proibindo a venda das mesmas a investidores estrangeiros; afirmação de uma nova classe de oligarcas ultraliberais com forte poder político e enriquecimento rápido, pela grande cumplicidade do governo soviético e suas amizades, que se apoderou dos bens públicos (recursos minerais, como carvão, petróleo, gás natural, ferro/aço e alumínio, indústria naval, aeronáutica, transportes, gasodutos, armamento, banca, telecomunicações, *media*, novas tecnologias, comércio de distribuição, construção civil e obras públicas), por custos módicos, acumulou grandes fortunas e rapidamente transferiu os ganhos para economias mais dinâmicas e lugares seguros, nomeadamente acções em empresas internacionais, na banca cipriota, londrina e suíça e em paraísos fiscais.

Oligarcas poderosos e riquíssimos com Ieltsin, mas em perda com a chegada de Putin ao poder (1999), ao promover um maior controlo do Estado sobre a economia, quando muitas empresas russas já se tinham internacionalizado, incluindo o sector bancário: alguns destes velhos oligarcas foram então marginalizados ou mesmo forçados ao exílio; subsistiram muitos outros multimilionários, como os magnatas do níquel, do petróleo, do gás, mas subordinados ao poder político e pagando impostos, em contraste com os velhos oligarcas. Segundo o Banco Mundial, em 2004, «23 grupos oligárquicos controlavam mais de um terço da indústria russa, empregavam cerca de 11% da população activa e representavam 25% do PIB. Aliás, com Putin, no período 1999-2008, mais do que duplicou o rendimento da Rússia e triplicaram os salários reais, reduzindo-se ao mesmo tempo consideravelmente a pobreza e o desemprego: houve crescimento contínuo da economia, sobretudo por valorização das exportações, em particular do petróleo, a par da afirmação de indústrias de novas tecnologias, de subida do investimento estrangeiro, nomeadamente no sector automóvel, de reformas políticas e militares.

De acordo com a Forbes, em 2013, a Rússia contava 111 bilionários em dólares. Lembremos alguns nomes: Alexander Abramov (Norilsk Nickel), Alexander Lebedevich (*média*, banca, grande mansão em Moscovo, com colunas, pórticos e piscina olímpica, villa na Côte d'Azur, hotel particular em Londres), Alexeï Mordachov (patrão de Severstal/aço, banca), Alicher Ousmanov (Metalloinvest, minério de ferro; clube Arsenal; jornais, Facebook e televisão), Andrey Melnichenko («rei» da potassa, proprietário da EuroChem), Boris Romanovich Rotenberg (SGM, Story Gaz Montazh; gasodutos e redes eléctricas); Dmitri Medvedev (Gazprom), Dimitri Rybolovlev (Uralkali/potássio, presidente do AS Monaco), Guennadi Timtchenko (energia, transportes, construção, infra-estruturas, acções da Novatek e do grupo Gunvor/petróleo), Igor Setchine (Rosneft, de petróleo e gás), Iouri Kovaltchouk (banca), Iouri Loujkov (presidente da Câmara de Mos-

covo, demitido por Dimitri Medvedev em 2010), Mikhaïl Khodorkovski (Ioukos, gás, um dos russos mais ricos mas acusado de evasão fiscal, em grande escala), Vagit Alekperov (Loukoïl, petróleo), Mikhaïl Prokhorov (Onexim/minério, «rei» do níquel), Oleg Deripaska (accionista da Rusal/alumínio e da Norilsk Nickel, construção da aldeia olímpica de Sochi e das novas estradas da região), Rinat Akhmetov (patrão da Rusal, alumínio), Roman Abramovich (grupo mineiro Evraz), Sergueï Galitsky (comércio de distribuição), Sergueï Plastinine (gigante agrícola Razvitie Regionov e Banco Ásia-Pacífico), Sergei Polonsky (promotor imobiliário e construtor da Torre da Federação em Moscovo, a maior da Europa), Sergueï Pougatchev (Banco de comércio do Norte, em Leninegrado), e Mejprombank (o banqueiro de Putin; energia, construção naval, aeronáutica, comércio de luxo e France Soir), Sergueï Tchémézov (Rostec, organismo de promoção do desenvolvimento, produção e exportação de bens industriais de alta tecnologia, civis e militares), Vladimir Evtouschenkov (fundador e principal accionista de Sistema, conglomerado industrial e financeiro), de reputação duvidosa, acusado pelos Estados-Unidos de ligações com a máfia russa, Vladimir Lissine (grupo Novolipetsk, do aço), Vladimir Ivanovitch Iakounine (caminhos-de-ferro da Rússia), Vladimir Yevtushenkov (telecomunicações, cinema), Vladimir Potanine (Interros, fortuna também graças à Norilski Nickel), Vladimir Putin (ex-agente do KGB no departamento exterior e chefe dos serviços secretos soviético e russo, KGB e FSB), Viktor Vekselberg (grupo Renova) e tantos outros. Entre os 20 mais ricos (antes da crise actual) são apontados, por ordem decrescente, Alicher Ousmanov (Uzbequistão), Mikhail Fridman (Ucrânia), Leonid Mikhelson (Rússia), Viktor Vekselberg (Ucrânia), Vaguit Alekperov (Azerbaijão), Andreï Melnichenko (Rússia), Vladimir Potanine (Rússia), Vladimir Lissine (Rússia), Gennady Timchenko (Arménia), Mikhail Prokhorov (Rússia), Alexeï Mordachov (Rússia), German Khan (Ucrânia), Roman Abramovich (Rússia), Dmitri Rybolovlev (Rússia), Iskander Makhmudov (Uzbequistão), Oleg Deripaska (Rússia), Sergei Galitsky (Rússia), Alexeï Kuzmichev (Rússia), Andreï Skoch (Rússia) e Leonid Fedoun (Rússia).

2.3. Milionários na China

Longe vão os tempos do velho império chinês quase fechado ao Ocidente: Rota da Seda, por terra e por mar; produções de papel, seda, algodão e porcelanas, em especial em grandes centros urbanos como Pequim e Nanquim, apreciadas a Oeste; frota imperial pelos mares da China, o Oceano Índico e a costa oriental da África; domínio territorial alargado ao Vietnam; contactos com o Japão; centralização do poder, ampliação do palácio imperial da Cidade Proibida e da Grande

Muralha no período Ming. Depois com a dinastia Qing, de 1644-1911, influência alargada a Xinjiang, Tibete e Mongólia. Já no século XIX, estagnação económica, conservadorismo, recusa de inovação tecnológica: uma certa abertura foi pressionada pelas guerras do Ópio, logo em 1840 com os ingleses (Hong Kong, 1842), que se traduziram em concessões e privilégios comerciais a outras potências ocidentais e aos Estados Unidos, nos finais do mesmo século. Também conflitos sociais internos, que terminaram com a instauração da República da China (1912--1949), marcada pelo desenvolvimento de forças da direita e da esquerda: Kuomintang, Partido Nacionalista (KMT), com Chiang Kai-Shek; PCC, comunista, com Mao Tsé-Tung; oposições entre ambos, mesmo ao longo dos catorze anos da invasão japonesa (derrota do Japão na IIGG em 1945); afirmação clara do PCC desde 1949 por toda a China Continental, primeiro com Mao Tsé-Tung, até 1976, depois com Deng Xiaoping, na década de 1980, desde 1991 com Jiang Zemin, e de 2003 com Hu Jintao. Chiang Kai-shek refugiara-se em Taiwan: República da China, em oposição à República Popular da China.

O período de Mao foi marcado pela expropriação dos latifundiários (estruturas algo feudais) e a abolição do capitalismo (a burguesia refugiou-se em Taiwan), com o apoio de um exército camponês (Exército Vermelho), e pela afirmação de uma economia centralizada, planificada e estatal: primeiro crescimento agrícola, depois também industrial (infra-estruturas e indústria pesada), autarcia, isolamento face à economia mundial (país com dimensões continentais), desenvolvimento dos meios de produção sem ajuda externa, até pela ruptura sino-soviética de 1960; melhoria real dos níveis de vida, algumas conquistas sociais (educação, saúde pública, habitação, erradicação da extrema pobreza); perturbações no desenvolvimento pelo Grande Salto em Frente de 1958 (queda da produção agrícola) e a Revolução Cultural de 1966 (queda da produção industrial) e afirmação da burocracia como classe dirigente, com os respectivos poder, prestígio e privilégios, que desejam transmitir aos filhos: direitos de propriedade, pelo menos de acções (muitos filhos dos burocratas tornaram-se proprietários dos meios de produção, tal como os altos comandantes do exército). Apontam-se-lhes o desvio da riqueza produzida pela classe operária e pelos camponeses, o simples cumprimento do plano estatal, distorções, ineficácias, desperdícios, mesmo sabotagem e corrupção; a falta de coordenação e desequilíbrios nos investimentos entre os diferentes sectores, com superprodução de uns e insuficiências de outros; caos, escassez de bens de consumo, tendências inflacionistas, descontentamento social; não menos, ineficiências de gestão, agravadas com a crescente sofisticação económica e as possibilidades de produção de mercadorias mais baratas e melhores com a restauração capitalista, como então reconhecido na URSS e na Europa Oriental; e na continuidade, recusa da autarcia, estí-

mulo do mercado, participação na economia mundial, abertura do país aos investimentos estrangeiros.

Assim, desde 1978, com Deng Xiaoping e o apoio da burocracia, ou pelo menos das suas camadas superiores, são desenvolvidos esforços de combinação dos mecanismos do mercado para aumentar a produtividade com a manutenção dominante do sector empresarial do Estado (envolvendo as maiores e mais importantes indústrias do país, as indústrias pesadas e os recursos energéticos, e os sectores de utilidade pública), que possui e controla dezenas de milhares de empresas subordinadas, a que acrescem as empresas colectivas ao nível local, geridas pelos governos de cidades e municipalidades locais (*Town and Village Enterprises*/TVE), muito embora com a aceleração do processo o sector privado tornou-se dominante, e não apenas nas indústrias leves (rápido crescimento): socialismo de mercado; incentivos capitalistas numa economia planificada; forte atracção de capital internacional, com benefícios fiscais; presença de filiais de empresas transnacionais. Ainda nos anos 70, com a aproximação aos Estados Unidos, condições favoráveis de financiamento e acesso privilegiado ao mercado: relação simbiótica, os Estados Unidos beneficiados pela importação de produtos baratos, presença das suas empresas no mercado chinês e aquisição de títulos do Tesouro pelo governo chinês. Igualmente com empresas asiáticas, nomeadamente japonesas, de Hong Kong, Taiwan e Coreia do Sul, que se traduziram no crescimento do comércio intra-regional. Desde logo, integração na APEC, Associação de Cooperação Económica Ásia e Pacífico (1989), reunindo as economias asiáticas, americanas e da Oceânia; na Asean, Associação de Nações do Sudeste Asiático, bloco económico desde 1994; na OCX, Organização de Cooperação de Xangai (2001) e na OMC, *Organização Mundial do Comércio* (2001), a que acresce o programa Go Global (2014). Em causa, a abertura de novos mercados para as suas empresas, estímulos à sua produtividade, inovação e competitividade, acesso a matérias-primas e a novos saberes-fazer: para Deng Xiaoping era importante tudo o que trouxesse dinheiro para a China, como declarou em 1992 aquando de uma visita a Shenzhen (« na medida em que isto produz dinheiro, é bom para a China») e na continuidade, tornar-se rico era glorioso.

A OCX, aliança para a energia e segurança na Ásia Central (China, Rússia, Cazaquistão, Quirguistão, Tajiquistão e Uzbequistão), visou reduzir a influência dos EUA na Ásia Central, rica em fontes energéticas (em 2006, a China tornou-se aliás o principal parceiro económico da Rússia, tendo financiado importantes projectos de oleodutos). No quadro da OMC, a China comprometeu-se a abandonar em cinco anos todo o controlo sobre o comércio externo: consciência de que a economia chinesa de então somente poderia existir se vinculada à economia mundial, pela dependência das exportações e de acordos comerciais internacionais;

grande exportador, com preços imbatíveis na concorrência externa (têxteis, roupa, sapatos, maquinaria, televisores e plásticos); invasão e défices dos mercados dos EUA, Europa, e não o inverso; também na América Latina, no Caribe e em África; importação de matérias-primas e petróleo e exportação de capitais (investimentos e ajuda financeira).

Conjugam-se a liberalização das trocas, a redução das barreiras não tarifárias, o desenvolvimento das exportações, a par de regimes especiais nos sectores tidos como estratégicos: entre 1984 e 1995 as exportações cresceram 17% ao ano, e a participação do comércio exterior no PIB subiu de apenas 10% em 1978 a 44% em 1995. Depois, com a entrada na OMC, houve explosão das exportações, principalmente nos sectores intensivos em mão-de-obra (roupas e confecções, sapatos, brinquedos), mas também fornos de micro-ondas, máquinas de fotocópias, aparelhos para DVD, monitores, teclados para computador, produtos electrónicos e de alta tecnologia da informação, mesmo nichos como maquinaria de construção, máquinas-ferramentas, automóveis e engenharia eléctrica (sectores de maior produtividade e exploração de vantagens comparativas), muito embora muitas empresas enfrentem dificuldades em inovar e continuem dependentes do mercado interno.

Em 2005, o Banco Mundial avalia em 55% as exportações feitas por multinacionais a partir da importação de componentes e montagem em território chinês (baixo valor agregado), mas cada vez mais também por actividades mais complexas, dependentes de mão-de-obra com maior qualificação, com absorção de tecnologia e de técnicas de gestão (*joint ventures* entre empresas estrangeiras e firmas locais) e a partir de 2008 (crise mundial, mas grandes reservas internacionais por parte da China), afirmação das estratégias de investimento no exterior: as empresas chinesas adoptaram estratégias mais agressivas e adquiriram activos, estreitaram os laços económicos e a ampliaram a sua influência nos diversos continentes (investimentos, empréstimos e ajuda financeira a muitos países). Em 2012, a China era o maior exportador mundial e o segundo maior importador de mercadorias, um destacado destino de investimento (o maior fora da OCDE) e um investidor mundial externo não menos importante (no ano seguinte o terceiro): minas, energia, indústria automóvel, construção naval e exploração portuária, aviação, bancos e seguros, infra-estruturas, construção e imobiliário; acesso a novas formas de produção, novos produtos, comercialização e gestão, como na Volvo pela Geely (Geely Automobile, a primeira montadora de automóveis independente da China, fundada em 1986) e na IBM's PC pela Lenovo (multinacional de tecnologia que remonta a 1984), mesmo na EDP e na TAP.

Alexandre Queiroz Guimarães (2012) analisou a particularidade institucional do modelo chinês, as implicações, realizações e riscos de uma combinação muito

particular entre o mercado e o Estado, o importante papel do Estado na transição para a economia de mercado e no fortalecimento da capacidade produtiva, industrial e tecnológica, o papel essencial da variável internacional, o sucesso do «milagre chinês» traduzido nos bons resultados económicos, pela liberalização das forças de mercado. Reconheceu paralelamente que a falta de demarcação entre o Estado e o mercado implicava dificuldades, com intervenção excessiva do partido, deficiências do sistema financeiro e do sistema de direitos de propriedade, tensões entre uma economia mais complexa e uma estrutura institucional específica, a par da dependência de recursos externos e de desafios na área social.

De início, a planificação centralizada e o controlo do Estado continuariam dominantes, embora fossem introduzidos elementos de descentralização e estimulada a criação de empresas privadas, como forma de modernizar as forças produtivas: foram criadas quatro zonas económicas especiais em torno de Hong Kong e Macau e nas províncias de Guangdong e Fujian, no litoral sul, depois multiplicadas e alargadas a toda a região costeira, abertas ao investimento estrangeiro (restrições quanto aos níveis e tipos de investimento, levantadas desde 1983, permitindo o funcionamento de empresas de propriedade totalmente estrangeira em 1986), com acesso mais fácil às divisas, impostos mais baixos, maior liberdade para contratar e despedir, vinculação dos salários à produtividade e possibilidade de contractos temporários. Nos meados dos anos 1980, o setor estatal ainda empregava aproximadamente 70% da força de trabalho urbana, a que se seguiram ritmos variados de fecho de muitas empresas, afirmação crescente do emprego no sector privado, mobilidade e contractos de trabalho a termo certo, com redução dos direitos, e mal-estar social. Ao mesmo tempo fora desmantelada a colectivização do sistema agrário em benefício da produção privada: terra cedida pelo Estado, seu proprietário, às famílias arrendatárias, que as passavam aos descendentes como herança; venda da produção no mercado; crescente diferenciação entre camponeses ricos e pobres; forte êxodo rural dos mais pobres e acrescente urbanização (mais de 40% da população vive nas cidades; mais de centena e meia de cidades com mais de um milhão de habitantes; continuação do êxodo rural); mão-de-obra barata para os investimentos industriais.

Verificaram-se taxas muito elevadas de crescimento, superiores às dos «milagres económicos» do Japão, Coreia do Sul e Taiwan, forte crescimento da produção industrial, exportação de produtos elaborados e tecnologicamente intensivos, melhoria nas condições materiais e sociais da sua enorme população, aumento considerável do rendimento *per capita*, protecção dos grupos vulneráveis e perdedores com o processo de mudança, redução da extrema pobreza, embora com alguns períodos de crise (desequilíbrios da balança financeira, desemprego, inflação, manifestações de descontentamento operário, mesmo greves), e conversão

da burocracia ligada ao sector estatal numa nova classe capitalista, acelerada desde 1992, com a decisão oficial do partido de abandonar o seu compromisso com a manutenção das empresas de propriedade estatal como o setor económico dominante, em favor do desenvolvimento do setor privado, através da privatização das empresas estatais: foram então seleccionadas 2500 empresas locais, dirigidas pelo Estado, e 100 empresas centrais, para realizar esta conversão; o programa foi alargado em 1994, limitando então o controlo estatal às mil maiores empresas, depois às 500 maiores em 1997. Todas as outras empresas públicas ficavam disponíveis para arrendamento ou venda a privados, à medida que se afirmava uma nova burguesia empresarial, capaz de ombrear com as multinacionais japonesas ou americanas entretanto instaladas no país: nos finais dos anos 1990, as empresas estatais empregavam 83 milhões de pessoas, representando somente 12% do emprego total (1/3 nas zonas urbanas, contra 78 % em 1978), e 38% do PIB; depois em 2001, 15% do total do emprego industrial e menos de 10% do comércio interno; em 2003, o sector não estatal, claramente dominante, assegurava 66% do PIB; no ano seguinte, foi assegurada a *protecção da propriedade privada contra confiscos arbitrários, seguida pelo alargamento da sua intervenção aos* serviços públicos e aos serviços financeiros e bancários (bancos abertos a capital estrangeiro). Os grandes conglomerados estatais foram divididos em diferentes empresas, os sectores ineficientes fechados e os rendíveis vendidos a baixo preço aos respectivos directores, evitando o desmantelamento dos activos e possibilitando a revivificação das mesmas (melhores máquinas, melhores componentes).

Os processos de privatização foram mais lentos ao nível das TVE (*Town and Village Enterprises*), empresas municipais onde dominava o Partido Comunista Chinês, dando tempo a acumulação do necessário capital pelos próprios directores das mesmas: o seu número passou de 1,5 milhões, em 1987, a 25 milhões em 2003, empregando 123 milhões de trabalhadores, mas reduziu-se desde 1996 porque muitas foram privatizadas; outras continuam sendo empresas estatais ou municipais mas funcionam como empresas privadas (a direcção tem o direito de reduzir salários, mesmo abaixo do salário mínimo, estabelecido ao nível municipal, contractar e despedir trabalhadores, em contexto de oferta abundante de mão-de-obra rural e de empobrecimento das famílias camponesas).

No processo de desenvolvimento progressivo da China ressalta: a transferência de trabalhadores para actividades mais produtivas (investimentos na indústria e serviços); claras vantagens comparativas quanto ao factor trabalho; mão-de-obra abundante (jovem e adulta) e barata (baixos salários e baixos encargos, longas horas de trabalho), a par de grande flexibilidade e forte mobilidade; igualmente mão-de-obra de certa qualidade, com educação e formação superior, dominando tecnologias sofisticadas e inovadoras; enorme potencial do mercado interno

(ganhos de escala); leis ambientais frágeis. Ao mesmo tempo, altas taxas de investimento (valores superiores a 40% do PIB, nas empresas estatais e nas privadas), suportadas pelas poupanças das famílias e pela forte atracção de capital estrangeiro (com transferência de tecnologia), existência de infra-estruturas de transportes e energia (portos importantes, a nível mundial; malha ferroviária extensa e em expansão e modernização), capacidade empresarial e técnica. Acresce o planeamento e correcção das falhas de mercado; a liberalização da agricultura e o estímulo às empresas rurais; a valorização da eficiência, autonomia e transparência das empresas estatais; a formação de grandes conglomerados competitivos a nível internacional; a reforma do sistema financeiro (bancos de políticas e bancos comerciais, com capacidade de avaliação de riscos, atribuição dos recursos aos sectores de maior produtividade e recusa do financiamento de empresas ineficientes), o controlo da inflação (efeitos sobre a poupança e o investimento) e taxas de câmbio desvalorizadas em favor das exportações, pelo menos até 2005, quando começou a valorização do yuan; o contexto de estabilidade, a criação das zonas económicas especiais (ZEE) com múltiplas facilidades, permitindo o acesso da indústria nacional a recursos e a tecnologia estrangeira (entrada de capital, formação de *joint ventures,* transferência de tecnologia, criação de grupos empresariais com capacidade tecnológica e competitiva; investidores sobretudo japoneses e norte-americanos) e orientadas para a exportação (regiões orientais e costeiras).

A China é uma das maiores economias mundiais (a segunda maior economia do mundo; 15% da economia mundial; cerca de 20% da população mundial; mas é pobre em recursos naturais) e um importante investidor global: os seus investimentos no exterior multiplicaram-se oito vezes na última década; nos destinos, antes a Austrália, desde 2012 os Estados Unidos, a par do Reino Unido, o principal destino europeu (o dobro do verificado em França), a África (Nigéria, mas igualmente Etiópia, Argélia, Angola e África do Sul) e a América Latina (Venezuela, Brasil, Argentina e Peru), nomeadamente para o fornecimento de energia, prevendo-se que até 2050 a China precisará de três vezes mais recursos para atender à sua procura, mas também metais com papel fundamental na construção e na indústria. A empresa estatal de petróleo CNOOC investiu na canadense Nexen em 2013. Outras empresas controladas pelo Estado chinês fizeram acordos bilionários no sector de finanças, figurando como maiores beneficiários bancos como Morgan Stanley (Estados Unidos) e Standard Bank (África do Sul), Barclays, e grandes empresas globais Ford, IBM ou General Motors. Mantém-se todavia um sistema inadequado de direitos de propriedade, maximizando os interesses dos governantes, os membros do Partido Comunista: entre 60 e 70 milhões de militantes, apenas 5% da população, mas recentemente foi permitida a inscrição dos novos capitalistas chineses (cerca de 1/3 dos novos capitalistas chineses, ainda

uma pequena minoria em termos absolutos, tornaram-se membros), enquanto alguns dos velhos burocratas foram considerados um obstáculo para o movimento em direcção ao capitalismo e foram afastados; outros ocupam postos importantes na direcção das empresas estatais. O poder Legislativo permanece fraco (burocracia) e o poder Judiciário não realmente independente: o risco regulatório é tido como muito alto, tal como a pirataria de inovações e a cópia de produtos, com rápida expansão da oferta e queda das margens de lucro. Acresce a natureza estatal de grande parte dos bancos, com o controle de muitas empresas, algum pragmatismo mas também limitações da sua autonomia, conflitos entre o governo central e os governos das províncias, que duplicam ociosamente as estruturas produtivas (práticas de proteccionismo local), incapacidades de avaliação de risco e de alocação de capital (pouca transparência e peso de critérios políticos), com efeitos na sua eficiência (baixa produtividade e competitividade, não recuperação dos investimentos), manutenção de alguns monopólios (comercialização de produtos agrícolas, telecomunicações, mesmo sistema financeiro).

Ao mesmo tempo, verificam-se grandes assimetrias regionais, em desfavor das províncias do centro e do oeste e entre o campo e a cidade, enriquecimento pessoal, desigualdade sociais, agravadas pela forma muito descentralizada de financiamento e de execução dos gastos sociais, no acesso à saúde, à educação e a outros serviços básicos, altas taxas de pobreza, no campo e nas periferias urbanas costeiras, para onde muitos dos pobres rurais emigram mais ou menos sazonal e clandestinamente, vivendo em condições precárias e juntando-se aos desempregados das velhas unidades estatais reestruturadas, sem possibilidades de reinserção no mercado de trabalho nem acesso a serviços de protecção social, fonte de protestos e de instabilidade, tensões e oposições ao regime (riscos que se agravem em contexto de crise); alto custo ambiental, com baixas condições de higiene, segurança laboral ou controle de emissão de poluentes e utilização em larga escala de carvão mineral e petróleo (altos níveis de poluição do ar e dos rios). Domina um ambiente de pouca transparência e elevados níveis de corrupção, prática considerada recorrente: grande imbricação entre os interesses do partido e a gestão das empresas; critérios políticos na concessão de financiamento; regulação precária; relações económicas e acesso a financiamento ainda muito baseadas nas redes pessoais; custo da «compra» de decisões, nomeadamente do crédito, e problemas de regulação, com fortes implicações na qualidade/viabilidade e rendibilidade do investimento e formação de bolhas e perdas, como vem sucedendo no imobiliário.

A economia da China desacelera: o PIB em 2014, cresceu pouco acima dos 7% e 6,9% em 2015, e as previsões de crescimento segundo o FMI são de valores um pouco mais baixos para os próximos anos: abalo da crise económica mundial iniciada em 2008, quando os principais destinos das vendas no Ocidente onde con-

corriam com produção interna dos mesmos foram atingidos pela crise financeira; reduções na produção industrial, nas vendas a retalho e nas exportações (descida muito significativa dos preços do petróleo e matérias-primas e limitações nas importações dos países fornecedores); os níveis de investimento mantiveram-se continuadamente muito altos, aproximados de metade do PIB, mas contaram alguns projectos antieconómicos (por exemplo na construção e oferta de imóveis: mercado imobiliário na base de empréstimos vultosos traduzidos em dívida de qualidade duvidosa, peso elevado das hipotecas e instabilidade financeira entre empresas do sector); subida da inflação, desviando rendimento para o consumo das famílias; transição do crescimento baseado nas exportações para um modelo suportado pelo reforço do consumo e redução investimento; reservas internacionais aplicadas em vários fundos soberanos, volatilidade dos valores bolsistas e algum pânico financeiro, caos nas bolsas de Xangai e Shenzhen, na região de Cantão, com ondas de choque nas grandes praças financeiras, de Nova Iorque, Londres, Euronext (bolsas de Amesterdão, Bruxelas e Paris), Frankfurt e Hong Kong, a principal plataforma internacional da China e o maior investidor na China Continental, a par do Japão. Houve desenvolvimento e afirmação de uma nova classe burguesa bastante endinheirada, mantendo-se todavia uma distribuição muito contrastada dos rendimentos: centenas de milhões de desempregados; muitos em situação de pobreza, principalmente no campo; 60% do PIB apropriado por 0,03% da população, no geral ex-funcionários e membros do partido comunista que se mantêm próximos do poder, alguns desempenhando funções políticas no seio das «assembleias populares», locais ou nacionais.

A China conta 10 milhões de super-ricos, muitos deles membros do PCC e sobretudo jovens (menos de 50 anos): impérios construídos do nada, na base das reformas iniciadas depois da morte de Mao Tsé-Tung, por anteriores funcionários ou detentores de pequenos negócios. A nível mundial (Crédit Suisse) são chineses 6% dos que detêm mais de 50 milhões de dólares: em 2010, existiam no país 700 mil novos-ricos com renda anual superior a 250 mil dólares, número que duplicou até 2015.

O relatório Hurun de 2010 (Hurun Report, China Rich List, revista mensal listando os homens mais ricos da China) revela que o país contava 875 mil milionários, possuindo mais de 10 milhões de yuans (equivalente a US$ 1,47 milhão ou 1,1 milhão de euros), 1900 sendo bilionários (contam 10 bilhões de euros), o dobro de 2009. Muitos são bilionários, muitos outros multimilionários, e gastam o seu dinheiro como os ricos da Europa e dos Estados Unidos: cada milionário teria em média 4,4 relógios, três carros, alguma obra de arte, jogava golfe, bebia e enviava os filhos para escolas no Reino Unido e Estados Unidos; são eles que asseguram a aquisição de bens de consumo de alto valor, como telefones celulares, computadores, fogões,

frigoríficos, televisores, automóveis, vestuário de marcas famosas assegurando *status,* novos hábitos alimentares, e na continuidade hotelaria e restauração de luxo, multiplicação de centros comerciais, difusão do uso do cartão de crédito.

Por sua vez, em 2011, a Forbes apontava 115 bilionários para a China (EUA 412, Rússia 111, Índia 55, Alemanha 52). Entre os cinco mais ricos, destacava-se o empresário Zong Qinghou, presidente do Wahaha Group, grande fabricante de refrigerantes, incluindo água engarrafada, Coca-Cola e Pepsi, sedeado em Hangzhou, no leste do país, e quatro outros de Hong Kong, nomeadamente Li Ka-Shing. Ainda segundo a Forbes, em 2014 a China contava 152 bilionários (2013: 122 bilionários na China continental, 39 em Hong Kong e 26 em Taiwan). Entre os bilionários chineses de então destacam-se, por ordem decrescente: Li Hejun, o mais rico, na energia solar (grupo Hanergy); Jack Ma, fundador (em 1999 e em associação com Simon Xie) da Alibaba, a maior empresa de vendas *on-line* do país, recentemente cotada na bolsa de Nova Iorque, que ombreava com Carlos Slim, Bill Gates, Mark Zuckerberg (Facebook), Larry Page (Google), Jeff Bezos (Amazon), Steve Ballmer (presidente-executivo da Microsoft) ou Amâncio Ortega Gaona (espanhol, presidente e fundador da Inditex, grupo de empresas das marcas Zara, Massimo Dutti, Oysho) e ultrapassando, por exemplo, Michael Dell, fundador da Dell (computadores, informática), e Paul Allen, co-fundador da Microsoft, no ranking dos homens mais ricos do sector da tecnologia; Li Ka-Shing, à cabeça de dois conglomerados, Cheung Kong e Hutchison Whampoa, que operam no transporte marítimo, electricidade, imobiliário, telecomunicações, comércio de proximidade (Hong Kong); Wang Jianlin, do Grupo Dalian Wanda (golfo da Coreia), com actividades ligadas ao turismo, hotelaria (dezenas de hotéis de 5*), imobiliário, centros comerciais, finanças, indústria cinematográfica em Hollywood e Qingdao e a americana AMC Entertainment (American Multi-Cinema), e por último, aquisição da empresa britânica de construção de iates Sunseeker; Zhang Qinghou, do grupo de bebidas Wahaha Group Co Ltd (Hangzhou, perto de Xangai); Liang Wengen, da Sany Group Co Ltd (empresa de engenharia sedeada em Changsha, com início em 1989 como uma pequena fábrica de materiais de solda, que se afirmou globalmente no sector das máquinas de construção civil e obras públicas e que em 2012 terá adquirido a empresa alemã Putzmeister, do mesmo ramo); Robin Li Yanhong (Pequim), fundador do motor de busca Baidu; Ma Huateng ou Pony Ma (Chaoyang), proprietário da Tencent Technology (internet, Shenzhen) e da WeChat, criada em 2011; Tsai Eng-Meng de Taiwan, com a Want Want China, venda de bebidas; Liu Zhijun, enriquecido como supervisor do desenvolvimento do comboio de alta velocidade na China, etc.

Na lista da Forbes de 2015, o relevo vai para Jack Ma como o homem mais rico do país. Seguem-se Wang Jianlin, Robin Li, Yang Huiyan, dos cimentos; Simon

Xie, co-fundador do Alibaba; Pony Ma; Liu Yongxing, do grupo East Hope (agricultura e indústria química); Shi Zhengrong, da Suntech (2001), insolvente pelo declínio do sector de painéis-solar, no seguimento do corte de subsídios a energias renováveis e consequente diminuição das vendas e dos preços; Zhang Jindong, cadeia comercial Suning; Wang Chuanfu, presidente do fabrico de automóveis BYD; Hui Ka Yan, da Evergrande Real State (imobiliário), Liang Wengen, Ma Jianrong, exportação de roupas, e tantos outros. A queda do valor das acções na bolsa de Xangai reduziu desde 2015 a lista anual dos homens mais ricos (mais de 200 bilionários) e a sua riqueza («fortunas de casino», pelo menos em parte), como nos casos de Wang Jianlin, Wang Wenyin, investidor da Amer International Group, fabricante de cabos de cobre, Jack Ma, da Alibaba, Pan Sutong, dos produtos electrónicos e imobiliários, de Hong Kong, etc.

2.4. Milionários na Índia

A Índia, a terceira maior economia do mundo (paridade de poder de compra) depois dos Estados Unidos e da China, gigante no presente e no futuro, pelas dimensões demográficas e territoriais, pelo crescimento económico (3,3 milhões de km² e 1200 milhões de habitantes), pela democracia (como pretendido pelo Partido do Congresso, surgido no final do século XIX), pela posição mundial (capacidade nuclear; não alinhamento, laços comerciais múltiplos), conta muitos milionários e uma classe média crescente (2011, 300 milhões de pessoas), embora mais de 40% da população (cerca de 440 milhões, muitos ainda analfabetos) viva abaixo da linha de pobreza (2010) e metade dependa directamente da agricultura, que assegura menos de 1/5 do PIB, enquanto à indústria e aos serviços cabem 26% e 55% (2011). Antiga colónia britânica dos meados do século XVIII aos meados do século XX (de início através da Companhia Britânica das Índias Orientais), com seus próprios aspectos civilizacionais (Budismo hindu versus Confucionismo chinês) e formas tradicionais de governo, apresenta problemas entre castas (manutenção dos estratos sociais ou castas na Índia, mas centralização e meritocracia na China), mesmo se a Constituição de 1949 explicita um Estado leigo, sem lugar para imparcialidades religiosas e de casta no campo político (afirmação do hinduísmo e certa exclusão de 200 milhões de habitantes, de religião muçulmana ou outras, que se traduz numa certa fragmentação política, de base regional), para além dos derivados do subdesenvolvimento histórico (monopólio do cultivo do ópio que sustentou as Guerras do Ópio na China, destruição da velha indústria têxtil, mudança nas estruturas agrárias, drenagem das suas reservas de prata no período colonial) e do modelo de desenvolvimento pós-independência com Nehru, Indira Gandhi, sua filha e herdeira política, nos anos de 1960, e depois com o seu próprio filho Rajiv.

Na continuação do antigo império Mongol, dos séculos XIII e XIV, transcontinental, liderado por Gengis Khan (em 1206), depois fragmentado por rivalidades e lutas entre os herdeiros (em 1294, quatro canatos ou impérios, com interesses e objectivos distintos, o de leste derrubado pela dinastia Ming, em 1368), surgiu com Baber em 1520 o Império Mogol, que abrangeu a Índia, o Paquistão e o Bangladesh e durou até ao século XVIII (estabilidade política e centralização administrativa): comércio terrestre pelo Punjab, o Afeganistão, o Médio Oriente e a Ásia Central; comércio marítimo com o Sudeste e o Sudoeste asiáticos, entre o Sul da Ásia e a Europa (especiarias; feitorias; Goa, Damão e Diu), entre os impérios do Mediterrâneo e do Sudeste Asiático; comércio fluvial pela planície indo-gangética e o vale do Rio Indo (Paquistão). O Império Mogol foi depois desintegrado em vários estados confederados: instabilidade política, conflitos armados e degradação económica, prosperidade de alguns novos reinos provinciais rivais (principados), com destaque para o Império Marata (hindu, auge no século XVIII), correspondendo à Índia actual.

Em 1600, Isabel I de Inglaterra outorgou à Companhia das Índias Orientais uma carta real para comerciar com o Oriente: algodão, seda, sal, índigo e chá, em troca de bens europeus (exploração dos agricultores e artesãos); estabelecimento de postos comerciais nas principais cidades indianas, como Bombaim, Calcutá e Madras (Chennai, estado de Tamil Nadu, no extremo sul da Índia), de uma feitoria em Surat (ou Suryapur, no estado de Gujarat), em 1612; desde 1670, com Carlos II, direito de adquirir território, formar um exército, cunhar moeda e exercer jurisdição em áreas sob seu controle, como um «país», com considerável poder militar e administrando três «presidências» (administrações coloniais regionais); o comércio local foi monopolizado pela companhia; Bengala tornou-se um protectorado. Entretanto, em 1773, o parlamento britânico instituiu o cargo de governador-geral da Índia.

Na viragem para o século XIX, houve expansão dos seus domínios pela Índia meridional, com eliminação da influência francesa; em meados do mesmo, expansão pelo Punjab, subjugação da Birmânia e de pequenos Estados principescos, até à revolta dos sipaios (1858, dirigida pelas velhas classes dominantes procurando recuperar os poderes perdidos). Então as autoridades britânicas assumiram o governo directo da Índia: os direitos da Companhia das Índias Orientais foram transferidos para a Coroa; os principados indianos foram mantidos; a Rainha Vitória tornou-se imperatriz da Índia (1877), com um governador-geral ou vice-rei sediado em Calcutá como seu representante junto dos Estados principescos, nominalmente soberanos, governados pelos seus marajás, rajás, thakurs (no Norte e Centro da India, como chefe, senhor) e nababos (a maioria dos soberanos hindus utilizava o título de rajá; os mais importantes acrescentavam o prefixo maha,

«grande», como marajá; os dirigentes muçulmanos intitulavam-se nababos, excepto o nizam, senhor, de Hiderabade e alguns cãs). O Império Britânico abrangia então a Índia, o Paquistão, o Bangladesh ou ex. Paquistão Oriental e Mianmar ou Birmânia; o Sri Lanka, antigo Ceilão, era governado como uma colónia directamente de Londres e não pelo vice-rei da Índia.

Persistiu a ausência de um governo centralizado, a autonomia local, com as suas próprias leis, línguas, ministros, a insurreição de regimentos nativos e reinos indianos; a diversidade religiosa e étnica (muçulmanos, hindus, siques) e a existência de uma sociedade de castas. Igualmente, uma rede de comércio bem desenvolvida unindo toda a Índia; serviços públicos reservados aos britânicos, até que na década de 1910 se admitiram alguns indianos (datam do fim do século XIX, as primeiras medidas britânicas para permitir maior envolvimento de indianos no governo do subcontinente, como o Indian Councils Act de 1892 e o Government of India Act de 1909, que colocaram indianos em cargos de aconselhamento do vice-rei e de representação legislativa); para os lugares centrais e provinciais, a sua elegibilidade era restrita às classes altas.

Cerca de 40% do território indiano e 20-25% da sua população permaneceram sob o controle dos cerca de meio milhar de soberanos locais (príncipes vassalos para os britânicos): 641 Estados principescos de dimensões e riqueza variada, e que aquando da independência em 1947, estavam representados por uma câmara especial da Assembleia legislativa, a Câmara dos Príncipes. Velha nobreza com forte propensão para ostentação, extravagâncias, apesar da pobreza dos respectivos territórios: viagens pela Europa e os EUA, com seus séquitos de concubinas e empregados, hospedando-se nos melhores hotéis; educação dos filhos em colégios e universidades inglesas, alguns com posterior inserção em carreiras diplomáticas; famílias ilustres e pequenos príncipes, que perderiam os títulos com a independência da Índia, mas que continuaram a dominar a política local, através de eleições democráticas nos estados do Rajasthão, Punjab ou Madhya Pradesh. Senhores de velhos palácios sumptuosos, alguns transformados em Hotéis-Palace, total ou parcialmente (muitas vezes em parte habitados pelos antigos donos, que mantém níveis de vida elevados com a gestão turística dos mesmos), como em Jaipur, «cidade rosa», no estado do *Rajasthão* (construída desde 1725 pelo Marajá Jai Singh II, pintada de rosa por ocasião da visita do príncipe Albert da Inglaterra, marido da rainha Vitória, em 1876): palácio Hawa Mahal ou Palácio dos Ventos, dos finais do século XVIII e do marajá Sawai Patrap Singh, na parte mais antiga da cidade, com quase mil janelas; City Palace, numa área enorme com jardins, ainda em parte ocupado pelo anterior marajá; Amber Fort, palácio-forte a 11 km de Jaipur, mandado edificar em 1600 pelo raja Man Singh. Também em Jodhpur, a «cidade azul», e em Udaipur, a «cidade dos lagos». Riqueza histórica e turística

única e que se traduziu na criação do Maharajas' Express, um dos comboios mais luxuosos do mundo, como um hotel de 5* sobre carris...

Com o estabelecimento de centros de comércio marítimo surgiu uma importante classe de capitalistas indianos directamente ligados aos comerciantes estrangeiros, expropriando camponeses (a terra, antes propriedade comunal, passa a apropriação privada) e artesãos, ou como mediadores entre a Companhia das Índias e os governadores locais, afectando as estruturas políticas e económicas indianas: imposição de impostos de produção e comércio e arrecadação dos mesmos (o governador-geral participava no comércio privado e os seus favoritos faziam rapidamente grandes fortunas), sobre especiarias, chá, sal, ópio, depois mostarda, cânhamo, algodão, produtos manufacturados. Em 1813 a Companhia perdeu o monopólio do comércio da Índia para o comércio privado britânico: criaram-se grandes unidades agrícolas orientadas para a exportação (algodão, ópio), estabeleceram-se restrições ao comércio interno, mudanças nas políticas tributária e agrária, garantia do direito de propriedade entre os colonizadores, incentivos ao livre comércio, desenvolvimento de uma moeda única com taxas de câmbio fixas, pesos e medidas padronizadas e mercado de capitais. Na continuidade, verificou-se um certo desenvolvimento industrial algodoeiro (uma dezena de unidades em 1860 e 114 em 1889, fundadas por comerciantes abastados de Bombaím ou de Almedabad como os Tata), mas em concorrência com as fábricas de Manchester, com máquinas a vapor e produção de massa, incluindo o algodão importado da colónia e os modelos dos seus estampados, e contrariada pelo valor elevado da rúpia imposto pelos britânicos.

Os ingleses não conseguiram impedir o aparecimento de uma classe industrial e comercial nativa moderna durante o século XIX, uma nova burguesia que fundou fábricas, nomeadamente de fiação e tecelagem em Bombaím e províncias centrais, como os Birla: contava certa experiência manufactureira na produção de seda, tecidos de algodão, bens de consumo simples, actividades artesanais e algum saber e organização de filiação colonial. Outros criaram siderurgias em Jamshedpur, abriram bancos e casas comerciais grossistas, na continuidade da antiga classe de mercadores, como Jamstji Tata de Bombaím: um capitalismo organizado em grandes monopólios controlando diversos sectores de actividade mas restrito a indústria ligeira ou a produção de bens em bruto ou semiacabados, limitado pelo baixo poder de compra das massas populares e a forte concorrência britânica (máquinas e equipamento pesado), com suas empresas melhor equipadas e financiadas através de um sector importador; unidades não defendidas através de protecção alfandegária pelas câmaras de comércio indianas, constituídas entre 1890--1910, mas só actuando efectivamente bem mais tarde e noutros sectores (aço, açúcar, seda, algodão); de fora permaneceu também a construção naval e o desen-

volvimento de bancos e companhias seguradoras, nomeadamente o Banco Central da Índia (1935), instituição privada até à nacionalização em 1949, definindo o valor da rupia indiana (Bruno de Campos, 2015). Ao mesmo tempo, houve redução da produção de géneros alimentícios, escassez alimentar, declínio do artesanato em particular do têxtil, destruição da pequena indústria local, pauperização das massas, alta tributação, medidas inflacionistas, significativa transferência de capital da Índia para a Inglaterra, empobrecimento relativo da colónia. Mas também construção da rede de ferrovias e telégrafos, portos, crescimento urbano, novas cidades, difusão de novos valores, ocidentais e modernos, aprendizagem do inglês, formação nas universidades britânicas...

A velha elite autóctone manteve-se até a independência nos meados do século XX: em 1885, formou-se o Partido do Congresso Nacional formado por gente da classe média urbana com certa educação inglesa, não antibritânica, que desejava a união entre a India e a Inglaterra, mas ampliando a participação indiana no governo: movimento moderado na origem, defensor de maior participação indiana nos conselhos legislativos britânicos de Calcutá e das províncias, admissão de indianos nos postos principais do Indian Civil Service, responsável pelas tarefas administrativas ordinárias, como recebimento de impostos, manutenção da lei e da ordem, nos serviços judiciais, com juízes das altas cortes provinciais (entradas por concurso, favorecendo os formados em Oxford e Cambridge, e raramente os indianos, apenas como pequenos funcionários a nível regional, e responsáveis pelos contactos directos com as populações, tal como na polícia e no exército); em 1906, foi criada a Liga Muçulmana, com objectivos algo semelhantes. Nos dois casos, portadores de ideologias importadas do Ocidente, tanto o nacionalismo como o socialismo.

Em 1919, o governo britânico ampliou a autoridade dos conselhos legislativos central e provinciais, mas o governador-geral continuou a ser responsável apenas perante Londres, apesar do enfraquecimento financeiro, económico e político da Metrópole, derivado da IGG (a India cedeu matérias-primas e soldados), e da dificuldade em manter o seu extenso império, agravada com a Crise de 1929: revisão da situação constitucional indiana em 1935 (manteve a separação dos eleitorados e estabeleceu a autonomia das províncias, transformando os conselhos legislativos em assembleias legislativas eleitas, perante as quais eram responsáveis todos os ministros). Acresce a pressão de dirigentes políticos como Jawaharlal Nehru e Mohandas Karamchand (Mahatma Gandhi: advogado formado no Reino Unido, com passagem pela Transval e África do Sul entre 1898 e 1914): resistência pacífica, desobediência civil, não pagamento dos impostos, não compra de produtos ingleses, uso de roupas feitas em casas, recurso ao tear manual, não consumo de bebidas alcoólicas importadas, «marcha do sal» em 1930, contra o monopólio bri-

tânico, desrespeito pelas leis que os discriminavam dentro da sua própria terra, não qualquer cooperação com os colonizadores, isolando-os e enfraquecendo-os.

A IIGG criou as condições definitivas para a independência da colónia, em 1947: a porção da Índia no rendimento mundial passara de 22,6% em 1700, quase igual à da Europa (23,3%), a 3,8% em 1952; a Índia herdava uma economia das mais pobres entre os países em desenvolvimento, com um crescimento industrial paralisado (política de protecção discriminatória, algumas indústrias importantes protegidas financeiramente pelo estado; industrialização tardia, manufactureira na produção de seda, tecidos de algodão, géneros alimentícios e bens de consumo leves) e uma agricultura incapaz de alimentar uma população em rápido crescimento. Existiam grandes áreas com monoculturas voltadas para a exportação, um artesanato moribundo, uma força de trabalho em larga escala iletrada e desqualificada e uma infra-estrutura extremamente inadequada, uma urbanização lenta (pelo menos até a década de 1920, mas mesmo em 1951 apenas um sexto da população vivia em cidades, sobretudo nas portuárias como Mumbai, Kolkota e Chennai), transportes inadequados, desemprego nas cidades e milhões de camponeses sem terra, conflitos religiosos entre hindus e muçulmanos (cerca de um quarto da população), vários principados. Dominada pela Inglaterra desde o século 18 e uma das mais importantes colónias britânicas sob o aspecto económico, foi então dividida na Índia e Paquistão, do qual se separou depois o Bangladesh em 1971.

A política económica do novo estado da Índia (desde meados dos anos 1950) pretendeu promover o desenvolvimento auto sustentado e não dependente de ajudas externas, com as correspondentes perdas de autonomia nacional, pondo ênfase nas nacionalizações de certos sectores (indústria de base; siderurgia, mineração, petróleo, produtos químicos, máquinas e ferramentas, telecomunicações, energia, mesmo energia atómica), transportes, banca (1969), comércio do trigo (1973, depois revertida), no proteccionismo, na substituição de importações, na fixação de preços e na planificação centralizada (planos quinquenais sucessivos, determinando os investimentos, como na União Soviética: aumento do emprego, redução da pobreza), contra a concentração de riqueza e poder económico num número reduzido de empresas privadas, logo de famílias e grupos. O sector privado foi tido como complementar no processo de industrialização e habitualmente discriminado: importação de maquinaria e modernização; acesso a matérias-primas; licenças de criação e funcionamento das empresas; dificuldades e restrições na captação de investimento externo; controle de preços e da distribuição; regulação e burocracia, mesmo no caso de velhas empresas como a Tata Steel, de ferro e aço, remontando a 1907. Escapou a modernização agrícola, a agricultura representando cerca de 50 % do PIB: Revolução Verde, com recurso a variedades de alto rendimento, adubos e rega, mas poucas alterações nos sistemas de posse

da terra, apenas tímidos limites máximos, e afirmação da agricultura capitalista e do absentismo; promoção de cooperativas de produção e comercialização.

As taxas de crescimento da economia indiana nas primeiras três décadas após a independência foram todavia modestas e bem inferiores às de outros países asiáticos, especialmente os Tigres, pondo em causa a eficácia das políticas adoptadas, a produtividade dos investimentos, as ineficiências burocráticas, os benefícios preferenciais dos funcionários governamentais e do partido, a par dos excessos de controlo da produção e do investimento das grandes empresas privadas modernas. Relevam-se os défices orçamentais, o elevado valor da moeda, a não concorrência da produção, o não investimento de capitais do exterior, a crise de divisas, a dívida externa, a pressão do FMI no sentido da liberalização das estruturas económicas, a aproximação com a China invertendo a situação que remontava a 1970 (conflito ideológico China-URSS, intermediação de Mikhail Gorbatchov ainda junto do presidente Rajiv Gandhi; estreitamento comercial e resolução dos velhos litígios fronteiriços, da soberania da China sobre o Tibete, e de aceitação pelos chineses do uso privilegiado, pela Índia, de antigas rotas comerciais no Sikkim, nos Himalaias e na fronteira com a China). Mas igualmente a abertura da Índia às novas práticas da vida internacional: nos últimos 20 anos, o peso relativo na economia nacional do sector industrial (manufacturas, construção civil e refinarias) passou a assegurar um quarto do PIB, enquanto o setor de serviços passou de 30% para 45% (mais 10% se incluirmos o sector público) e a agricultura de um terço a cerca de 20% do PIB (com taxa média anual de crescimento de 4%): o campo continuou a alimentar o êxodo e a migração temporária de trabalhadores, nos períodos de entressafra, seguindo as notícias de grandes obras públicas desde o tempo da Grand Trunk Road, de Calcutá a Kabul, passando por Lahore, uma das mais longas e antigas, do sul da Ásia à Ásia Central, consideravelmente melhorada entre 1833 e 1860: um «rio de vida» nas palavras de Joseph Rudyard Kipling (poeta britânico, natural de Bombaím).

Foram introduzidas mudanças significativas favorecendo o desenvolvimento de novas indústrias inovadoras (novas tecnologias da informação; serviços), primeiro como subcontratação de importantes multinacionais, como Infosys e Wipro, e igualmente Google, Yahoo, Microsoft ou Oracle, depois como produtoras de inovação tecnológica, para o mercado externo e o próprio mercado indiano (1200 milhões de pessoas), incluindo o sector cinematográfico (Bollywood). Releva-se a sua transformação na grande base mundial da terceirização electrónica (outsourcing) no mundo anglo-saxónico, com execução de serviços de alto nível para as empresas contratantes, sobretudo nos estados do Sul (salários abaixo da prática internacional; importante segmento populacional falando inglês; milhões de técnicos formados anualmente nos Institutos de Tecnologia criados no tempo de

Nehru; zona de processamento de exportações de tecnologia em Bangalore, associada em cluster de inovação com o Instituto Indiano de Tecnologia local/IIT; classe empresarial com fortes laços com a bem sucedida e rica diáspora de engenheiros indianos nos EUA durante a «década perdida» de 1980, depois do forte investimento na educação superior no país. Afirmação também na área das tecnologias da informação: TI, cerca de 25% do total das exportações indianas; 44% dos investimentos estrangeiros directos; 2,5 milhões de empregos directos; 7% do PIB; cooperação com a China (parcerias e intercâmbio de unidades produtivas, com divisão de trabalho: excelência da Índia no software; avanços da China no desenho e produção de circuitos integrados e componentes electrónicos).

Na Índia actual, o setor de serviços representa 57% do PIB e 50% das exportações (crescimento médio anual de 10% ao longo dos últimos 20 anos): exportação de tecnologia, especialmente softwares (participação de empresas transnacionais), serviços contabilísticos, centrais de reservas, call-centers, serviços jurídico-legais, diagnósticos médicos, back-office ou processos administrativos de empresas, externas e do país (de tecnologia, como Infosys, IPCL, Wipro, Satyam Computers e HCL, de siderurgia como Adani, National Aluminium e Jindal Iron, farmacêuticas no caso de Rambaxy e automobilísticas, como a Tata Motors). Acresce o crescente mercado consumidor doméstico (crescimento da classe média urbana) de bens duráveis, dos sectores electrónicos, celulares, electrodomésticos, produção de motos e automóveis, produtos farmacêuticos, telecomunicações, aço e siderurgia, construção civil, importantes para grandes grupos empresariais, verdadeiros conglomerados, como Ambani-Reliance (telecomunicações, serviços financeiros, construção, cuidados de saúde, transportes, mesmo aviação, energia, indústria, defesa, lazeres), Tata (automóveis, desde 2004 associada a Daewoo e desde 2005 à Hispano Carrocera S.A.), Bharti (telecomunicações, comércio retalhista, indústria e serviços financeiros), Mittal (minas, aço), Birla (Hindustani Motors) (plásticos, metalurgia, cimentos, adubos, produtos químicos, telecomunicações, informática, serviços financeiros), Bajaj (indústria automobilística, bicicletas motorizadas), DFL (infra-estruturas, construção civil), Mahindra (automóveis, motos), Oberoi (hotelaria de luxo, resorts), Rambaxy (indústria farmacêutica), ICICI Bank ou Eicher (tractores, automóveis, associada a Volvo) (disponibilidade interna de poupança).

No conjunto, 80% das 500 maiores empresas indianas podem ser classificadas como familiares, com origem no comércio, tradicionalmente ligado aos valores da família patriarcal alargada e da identidade de casta, não obstante a crescente fragmentação da mesma, especialmente ao nível da residência e entre os segmentos urbanos e educados (identidade de classe, de formação profissional, de nível educacional e económico; modernidade ocidental entre a classe média urbana, larga-

mente com origem em castas inferiores, mesmo na função pública, o recrutamento tendo por base a qualificação profissional), com novos padrões de mobilidade e convívio, o que não anula a segregação espacial urbana, e a valorização de consumos ostentatórios e aquisições simbólicas. Apenas a título de exemplo, compra em 2005 de um apartamento no 100º andar do Burj Khalifa, arranha-céu de 828 metros de altura no Dubai, pelo empresário indiano Bayaguthu Raghuram Shetty, radicado nos Emirados Árabes (Abu Dhabi), dono de um vasto império de negócios nas áreas da saúde (hospitais, indústria farmacêutica, serviços financeiros, comércio de retalho, tecnologias de informação. Mas por outro lado, entre as dez maiores empresas indianas destacam-se as quatro gigantes estatais: a ONGC (Oil and Natural Gas Company, do setor de petróleo e gás, a maior empresa do país; o State Bank of India, a Indian Oil e a Indian Railways («capitalismo de Estado» como em todas as grandes economias emergentes).

Em 2012, a economia indiana completou um vinténio de elevadas taxas de crescimento: médias anuais de 6%, 6,7% no período 2007-2009, de recessão mundial, mais de 8% durante a primeira década do século XXI, que se traduzem num crescimento médio do rendimento *per capita* de 4% ao ano. De acordo com o relatório do World Economic Outlook de 2015, produzido pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), a Índia deve crescer 6,4%, contra + 5,6% no ano anterior, +4,6% em 2013, +5,2% em 2014, mas inflação na ordem dos 11%: o sector dos serviços representou 57% do PIB em 2013, de acordo com o Banco Mundial; a inflação prevista para 2016 é de 6%; existem novas facilidades de investimento, nomeadamente em indústrias dos ramos automobilístico, plástico e química, também provável expansão de ferrovias, estradas, sistema de energia e redes digitais; acresce a queda dos preços do petróleo, que a Índia importa abundantemente e que subsidiava, o que por sua vez também induz riscos de redução das exportações. Subsistem todavia incertezas associadas à conjuntura internacional pós-2008, de longa recessão dos países do hemisfério norte, à sustentação a longo prazo da procura pelos serviços tecnológicos, da oferta de capitais para investimento directo e financiamento da crescente dívida soberana; e a nível interno, défices de infra-estrutura, burocracia estatal, instabilidade institucional e macroeconómica, inflação elevada, endividamento excessivo do setor público, nomeadamente externo, excessos de mão-de-obra nos campos, não absorvidos por intensificação agrícola e indústrias intensivas em capital e tecnologia ou exigentes em força de trabalho qualificada (Arindan Banik e Fernando Padovani, 2014).

Gigante asiático, com um sexto da população mundial, forte crescimento económico, saída de milhões de famílias da pobreza, emergência de numerosa classe média, avaliada em 300 milhões (e duplicação até 2030), metrópoles com mais de um milhão de habitantes (destaque para Mumbai/Bombaim com cerca de

20 milhões e Deli com 16,7 milhões), um imenso mercado, jovem, diferenciado regional e culturalmente, e estimulado pela «Indiáspora», uma diáspora de 25 milhões de pessoas, activa e em muitos casos abastada, implantada desde várias gerações no Sudeste asiático, na África austral e oriental, nas costas dos oceanos Índico e Pacífico, também nas Caraíbas, mais recentemente no RU, no Canadá e nos EUA e, por último, nos países do Golfo Pérsico (enquadramento técnico, financeiro, administrativo, médico ou hoteleiro), potenciando investimentos e trocas comerciais intensas. Ressalta todavia a extensa burocracia estatal; a forte participação do Estado na economia, mesmo com o processo de privatização desenvolvido a partir dos anos 90, mantendo-se patamares mínimos de participação accionista em todas as empresas públicas privatizadas; participação predominante em alguns sectores, como bancos, petróleo e gás, mineração, energia eléctrica, chegando a 70% no caso do sector bancário e financeiro, a par da presença de unidades estatais nos principais sectores produtivos; iniciativas de bem-estar, de segurança social e de políticas redistributivas e compensatórias, como subsídios, nomeadamente gasolina, alimentos, fertilizantes e energia eléctrica; despesas da ordem dos 10% do PIB com o sistema militar e de segurança, e o continuado serviço da dívida (da ordem dos 74% em 2010). Sem esquecer as tensões políticas, sociais, étnicas, religiosas e comunitárias, a grande diversidade e complexidade cultural e regional: castas, famílias alargadas, com suas próprias racionalidades, solidariedades e lealdades. Para Sanjeev Sanyal as elites dinásticas controlam o topo de cada escalão em cada uma das esferas da vida pública, na política, negócios, *media* e até mesmo em Bollywood: no total, poucas centenas de famílias alargadas, que totalizam 4 a 5 mil pessoas; protecção clientelar e ao nível dos casamentos; escolas exclusivas de língua inglesa, casas de férias em Goa, férias de verão em Londres ou na Suíça; e também corrupção, não pagamento deliberado dos empréstimos bancários, ocupação indevida de edifícios públicos...

Um relatório divulgado em 2014 pelas consultoras Capgemini e RBC Wealth Management, indica 156 mil milionários indianos em 2013. Para os meados de 2015 as mesmas consultoras referem 198 mil indianos com mais de US$ 1milhão (património líquido como acções, títulos e dinheiro declarado), entre 14,6 milhões de milionários a nível mundial (+ 26% que no ano anterior, e o maior crescimento percentual entre os principais países do mundo; os Estados Unidos, em primeiro lugar, contavam 4,4 milhões, seguidos pelo Japão, com 2,5 milhões, e a China, com 890 mil), número que poderá chegar a 358 mil em 2018, segundo a WealthInsight, ou 302 mil segundo o Crédit Suisse. Em 2006, referia-se a Índia como uma fábrica de multimilionários, produzindo novos-ricos a um ritmo mais acelerado do que os Estados Unidos e a China (+ 20% ao ano, logo atrás apenas da Coreia do Sul): + 13 mil novos multimilionários, entre os cerca de 83 mil do país; novos marajás

modernos mas ainda sem a opulência de alguns vizinhos asiáticos, nomeadamente dos chineses (em média US$ 3,5 milhões em activos, contra quase US$ 5 milhões); universo frágil, já que quase 30% das suas fortunas eram investimentos bolsistas e não fruto de desenvolvimento económico; um mundo novo em cidades como Mumbai (Bombaím), onde se multiplicavam as lojas de marcas de roupas exclusivas, os concessionários de carros de luxo ou os restaurantes com champanhe francês; jovens empresários, industriais e famílias, que além do consumo de bens exclusivos, mesmo colecções de carros de luxo (Rolls-Royce, Lamborghini, Ferrari), sustenta a explosão imobiliária no país, continua a comprar casas em Londres (Blomberg) e aprecia experiências raras. Poucos milionários indianos pretendem todavia emigrar, ao contrário dos da China Continental, que buscam no exterior melhores oportunidades profissionais e ensino de qualidade para os filhos, mas igualmente clima económico mais favorável, mais segurança, melhores cuidados de saúde e serviços sociais, desde logo para Hong Kong, mas também para outros países como o Canadá, através do programa de vistos para investidores (South China Morning Post, 2.000 inquiridos, com activos líquidos superiores a 1,5 mil milhões de dólares americanos).

Muitos multimilionários indianos figuram nas listas anuais de bilionários da Forbes: 5 em 2002; 23 em 2006; 36 em 2007; 53 em 2009, 55 em 2011 (2 deles entre os dez mais ricos do mundo: Lakshmi Mittal e Mukesh Ambani, ao lado de Bill Gates, Warren Buffet, Larry Ellison e a família Walton, da Wal-Mart, todos dos EUA, e do chinês Robin Li, da Baidu) e 97 em 2015, então à frente da Rússia e do Reino Unido (+27 que em 2014, segundo a Hurun Global Rich List); famílias com investimentos em diversos sectores, incluindo o petróleo, o gás, a construção civil, produtos farmacêuticos, tecnologias de informação, algumas com fortunas herdadas (velhas famílias industriais e do comércio, prósperas durante a ocupação britânica), outras recentes e menos discretas, em particular as mais ligadas às vedetas de Bollywood. A crise financeira de 2008 provocou perdas de riqueza em Bolsa bastante significativas entre os indianos mais ricos, reduzindo o número de bilionários a 27, para no ano seguinte se elevar a 53, favorecidos pela retoma do crescimento da economia e a reanimação dos mercados financeiros.

Dos 50 indianos mais ricos, 16 residem em Mumbai, 7 em Bangalore, 4 nas outras cidades do Sul, 10 no Norte (9 em Deli) e 8 são não residentes, entre eles Lakshmi Mittal (Arcelor) (em Londres desde 2008, e escritórios em Amesterdão), os irmãos Srichand e Gopichand Hinduja (conglomerado com sede em Londres), que em 2014 surgiram como os homens mais ricos da Grã-Bretanha. Em ordem decrescente da riqueza (lista da Forbes): Mukesh Ambani, da Reliance Industries (telecomunicações); Lakshmi Mittal, da AercelorMittal (siderurgia); Dilip Shanghvi, da Sun Pharmaceuticals (empresa familiar, medicamentos gené-

ricos); Azim Premji, com a Wipro, de serviços informáticos e consultoria; Pallonji Mistry (residente na Irlanda), com a empresa de construção Shapoorji Pallonji e o grupo Tata (Tata Consultancy Services, um dos leaders nos serviços informáticos para as empresas, ao lado da IBM); Hinduja Brothers, do conglomerado multinacional Hinduja, dos lubrificantes para camiões aos serviços bancários e cuidados de saúde (residência em Londres, num edifício de 6 pisos, próximo do palácio de Buckingham); Shiv Nadar, co-fundador do grupo HCL, com a HCL Technologies (entre os clientes, Boeing, Microsoft, Cisco e UBS); Adi Godrej e família, na área dos bens de consumo, pessoais e electrodomésticos, e do imobiliário (Propriedades Godrej); Kumar Birla, do grupo Aditya Birla, fabricante de alumínio (Hindalco Industries) e cimento (UltraTech) e exploração de minas de carvão; Sunil Mittal, com a Bharti Airtel Limited, empresa de telecomunicações, global, comparticipada por fundos do Estado do Qatar, durante alguns anos associado a Wal-Mart dos EUA, do comércio de distribuição; Dilip Shanghvi (medicamentos), Savitri Jindal & famille (aço), Shashi & Ravi Ruia (diversos), Anil Ambani (diversos), Kushal Pal Singh (imobiliário), Uday Kotak (serviços bancários), Gautam Adani (produtos de base, infra-estruturas), Micky Jagtiani (comércio retalhista), Anand Burman (diversificada), Rahul Bajaj (motos), Cyrus Poonwalla (biotecnologia), etc.

3. Exuberâncias dos muito ricos

3.1. Passado e presente

Os ricos por nascimento evitam certos sinais exteriores de fortuna, pelo menos nos lugares de residência, onde são conhecidos: habitam boas casas, em bairros bem frequentados, frequentam bons colégios, clubes privados, campos de golfe e de equitação, onde encontram os seus semelhantes, circulam em automóveis de boas marcas mas discretos, mesmo quando fazem colecções de velhos modelos, ou adquirem quadros de pintores de renome, de muitas dezenas de milhões de euros, como Philips Niarchos, filho mais velho de Stavros Spiros Niarchos, magnata grego rival de Aristóteles Sócrates Onassis, com exploração de grandes petroleiros no seguimento da crise no Canal de Suez, em 1956, ou François Pinault, da Kering (1963, comércio de luxo) e do grupo Artemis (holding com várias dezenas de empresas). Com a crise económica de 2008, passaram a adoptar códigos e estilos mais minimalistas, sóbrios e autênticos, mesmo nas férias: esqui de fundo, longe dos destinos de esqui alpinos de renome; veleiros, por vezes grandes e caros, mas não grandes iates motorizados, menos ainda mega-iates; vestuário sóbrio, dis-

creto e amigo do ambiente, embora de grandes marcas, mas sem assinaturas visíveis; modelos de automóveis pequenos e eléctricos, que não dão nas vistas; também não relógios Rolex e caçadas tropicais; preferência por lugares calmos, tranquilos, sem engarrafamentos, sem estrelas do showbiz, nem personalidades vipes.

Alguns muito ricos afirmam-se socialmente pela filantropia: mecenato artístico e científico, doações a fundações, ONG´s, obras de assistência, mesmo doações a partidos políticos (Joanne K. Rowling, criadora de Harry Potter, 2008, 1,2 milhões de euros ao Labor, então muito endividado). A filantropia é algo de comum a Bill e Melinda Gates, George Soros (da Soros Fund Management), Liliane Baron Hilton (da Paris Hilton Entertainment e Paris Hilton Enterprises, ambas em Beverly Hill), Liliane Bettencourt (da L'Oreal, França), Gordon More (co-fundador da Intel Corporation), Michael Bloomberg (empresa de comunicações Bloomberg), Mark Zuckerberg (um dos fundadores do Facebook), Stanley Druckenmiller ou John Templeton (gestores de fundos de investimento), Haaken A. Christensen (galerista norueguês), e tantos outros. No caso de Warren Buffet, da holding Berkshire Hathaway (vasta gama de empresas, incluindo ferrovias, produção de aspiradores, vendas de jóias, artigos de decoração, jornais e enciclopédias, fabrico e distribuição de uniformes, vários serviços públicos de gás e energia eléctrica), filantropia através da oportunidade de um almoço partilhado na sua companhia. Noutros casos valoriza-se a conservação da natureza e a defesa do ambiente, caso de Douglas Tompkins (fortuna no têxtil), com a criação de uma fundação ambientalista (Foundation for Deep Ecology), a compra de terras para as subtrair à agricultura, e paralelamente a preservação da flora e da fauna selvagem (Patagónia, 8100km2, dois parques nacionais, no Chile e na Argentina), a par de práticas recreativas de aventura. A filantropia permanece todavia ainda muito incipiente nos países dos novos-ricos: desperta na Rússia, muito orientada para actividades desportivas e o património artístico; tem orientações específicas na Índia (benefícios para as aldeias de origem, fundações das próprias empresas, apoios a Universidades, como é habitual nas Universidades americanas onde muitos se formaram...); é rara entre os chineses, receosos de que a concessão de donativos chame a atenção sobre as origens das suas fortunas, além das incertezas derivadas da turbulência na bolsa, dos temores sobre o futuro da economia do país, das desigualdades sociais politicamente desestabilizadoras e da campanha anticorrupção de Xi Jinping.

Afirmação social também pelos seus heróis, repetindo os seus passos (Vijay Mallya, empresário milionário, e Gandhi; Alexandre Sorokine, cientista, e Gengis Khan), enquanto outros seguem Alexandre da Macedónia ou Napoleão em Moscovo; ou batendo os seus *records*, caso de Steve Fosset, homem de negócios (for-

tuna nos mercados financeiros norte-americanos) e aventureiro, nos campos da natação, automobilismo e vela (travessia do Canal da Mancha a nado, corrida de trenós com cães no Alasca, participação nas 24 Horas de Le Mans, travessia do Atlântico à vela e do Pacífico em balão de ar quente, mesmo volta ao mundo em balão e num ultraleve).

Nos últimos anos, explodiu o número de milionários, mesmo de bilionários, com outros valores e aspirações, que desejam satisfazer todos os caprichos, mesmo os mais exuberantes, e viver experiências únicas em lugares igualmente únicos: aquisições de automóveis de grande luxo e valores exorbitantes, jactos privados, iates, jóias exclusivas, colecções de livros, mobiliário, pintura, escultura e carros antigos e de grandes marcas, ou que pertenceram a ídolos, como John Lennon ou Giacometti. Uns, como Imelda Marcos, ex-primeira-dama das Filipinas, coleccionam sapatos (possuía cerca de 3 mil pares, 765 conservados no museu de Marikina), enquanto Céline Dion privilegiou *a* de televisores; outros promovem grandes eventos familiares (festas de casamentos, com muitas centenas de convidados e orquestra), ou de convívio e diversão (Sílvio Berlusconi, festas «Bunga Bunga»). Alguns pagam-se o privilégio do shopping nocturno em lojas de luxo, expressamente abertas, ou desfiles de moda exclusivos, nos salões dos Palaces-Hotéis que frequentam e enquanto lhes é servido o jantar. Há mesmo quem reserve durante alguns dias a Euro Disney, como o príncipe Fahd al-Saoud, da Arábia Saudita (15 milhões de euros, 3 dias e 60 convidados, numa festa de fim de curso: de notar que 10% das acções do grupo são detidas pelo príncipe Al Walid); as pistas de esqui de Courchevel (2005, família mongol Hun-Hee Llee, da *Samsung*); ou ainda a *Villa* & Jardins Ephrussi de *Rothschild,* em St-Jean-Cap-Ferrat, onde tem lugar anualmente o Baile das Flores, com centenas de convidados russos muito ricos em férias na Côte d'Azur.

Ressaltam em muitos casos o efémero, o exótico e exclusivo, como duas casas de banho completas e luxuosas por quarto (mesmo dezenas de grandes casas de banho por mansão, garantindo todo o conforto e privacidade), ou caravanas gigantes, com a forma do Globo, vários quartos e garagem para vários carros (Arábia Saudita), os duelos de consumo de champanhe (Javed Fiyaz, milionário paquistanês, fortuna nos transportes marítimos, no verão de 2009, em Saint-Tropez: 300 garrafas numa noite, e conta final de 900 mil euros, contra 300 mil para o concorrente), sem esquecer a aquisição de propriedades na Lua (40ha de Roman Abramovitch...) e as viagens espaciais, de dezenas de milhões de euros. Estas remontam a 2001 e a Dennis Tito, americano, gestor de fundos; seguiram-se em 2002, Mark Shuttleworth, da África do Sul/RU, informática; 2005, Gregory Olsen, americano, electrónica; 2006, Anousheh Ansari, Irão/EUA, telecomunicações; 2007, Hungria/EUA, software; e em 2009, de novo Charles Simony, e também Richard

Garriott do RU/EUA, também software, e Guy Laliberté, do Canadá e do Cirque du Soleil (viagem de 24 milhões de euros, mais 7 milhões para a organização do espectáculo a bordo da cápsula Soyouz). Na continuidade, esforços de desenvolvimento de uma oferta de turismo no espaço garantindo segurança, nomeadamente por Richard Branson, Jeff Bezoz (Amazon.com, comércio electrónico, Estados Unidos), viagens de centenas de milhares de dólares e com listas de muitas centenas de candidatos inscritos.

Em termos de férias, valorizam-se experiências únicas, como experienciar a vida como criados, como pobres, como sem-abrigos, motoristas de táxis, músicos de rua, mas em segurança e pagando caro pela experiência. Muitos continuam, porém, a frequentar de modo discreto os velhos destinos, em zonas de prestígio, no país e no estrangeiro, ou nas suas periferias algo rurais e naturais. É o caso da aldeia medieval de Mougins (estrutura circular), no hinterland de Cannes, entre oliveiras, ciprestes, pinheiros e matos, com campos de golfe próximos, bons restaurantes, longe do barulho e da confusão da Croisette: a Neuilly da Côte d'Azur, apreciada pelo Gotha político, bem menos bling-bling que Saint-Tropez, Cannes ou Mónaco e com mais vida que Saint-Paul-de-Vence; longamente habitada por Picasso (propriedade de Nôtre Dame de Vie), e também por Paul Éluard, Jean Cocteau, Fernand Léger, Man Ray (hotel Vaste Horizon, hoje Les Muscadins), Edith Piafe, ou os duques de Windsor, Christian Dior e Yves Saint Laurent; residências de férias de François Hollande (La Sapinière, adquirida em 1986, no prestigioso domínio de Saint-Basile), Sylvester Stallone (actor, cineasta e roteirista americano), Mel Gibson, Gilles Pélisson (ex-PDG do grupo Accor), a família Peugeot. *T*ambém eleita por ingleses, holandeses, alemães, escandinavos e mesmo russos (mas mesmo neste caso, uma clientela algo familiar e francófona/escolas internacionais e bem menos mundana), chineses e até Alassane Ouattara, economista, político e presidente da Costa do Marfim: 15% dos 20 mil habitantes da comuna são estrangeiros, dos negócios, da banca, do imobiliário, da política, do desporto, etc.

Mougins é todavia bem mais marcada pela habitual presença em férias do antigo emir do Qatar, Hamad ben Khalifa al-Thani (filho Tamim ben Hamad Al Khalifa, proprietário do PSG e investimentos na indústria e na hotelaria de luxo, seu sucessor desde 2013), desde *1995,* no caminho da Pinchinade, junto da colina de Castellaras, *onde possui um* domínio de uma trintena de hectares (em 2013), com sete villas (a do próprio, meio escondida pelo arvoredo; 3 mulheres e 24 filhos), outras tantas piscinas e campos de ténis, centro de fitness, altamente vigiadas e guardadas, e obviamente com fortes impactos na economia local, pelas compras muito dispendiosas (entre elas, lagosta, caviar, trufas, vinhos, flores) e pelos empregos directos criados (arquitectos, pedreiros, jardineiros, chauffeurs, guardas, cozinheiros, criados e domésticas, num total de cerca de 40 permanentes).

Em face, situa-se a propriedade de um seu familiar, então primeiro-ministro Ben Jassem, dotada de heliporto. No quotidiano, testemunham as suas presenças as corridas nos seus Harley Davidson, Porsche, Ferrari, Mercedes, Bugatti, que chegam do Qatar por avião, e a ancoragem do iate Katara, de 124m, no porto de Cannes; igualmente a de visitantes ilustres e jantares refinados (reis da Jordânia, Marrocos, Dinamarca; François Hollande, ministros do México, Dominique de Villepin e tantos outros).

Alguns domínios privados de prestígio são exclusivamente residenciais, mesmo se as vilas podem ser alugadas (forte procura estrangeira), como nos «Les Parcs de St Tropez, que remontam aos meados do passado século: duzentos hectares e uma centena de villas luxuosas, em estilos coloniais, neo-provençais e outros, com as suas próprias piscinas e jardins, mesmo casa para os serviçais; relvados e alamedas cuidadosamente conservados, praia exclusiva, longe dos olhares dos paparazzi; segurança 24 horas, guardas-nocturnos coadjuvados por cães, câmaras de videovigilância, guarda à entrada, única. Sem esquecer o Château de Borelli, junto da Baía de Canoubiers, com sua larga torre dominando o parque, construído entre 1895 e 1900 por Philippe Octave Borelli, de Marselha, tal como o jardim com palmeiras, e habitado pela família até 1928, integrado nos Parcs de St Tropez desde 1960 e restaurado e dividido em apartamentos em 1988. Entre os novos proprietários, homens de negócio, selectos e discretos, que desejam tranquilidade e convívio não vulgar, como Bernard Arnault, Jean-Marie Nusse (Clairefontaine: papel), Norbert Dentressangle (transportes), Stéphane Courbit (médias e televisão), Gérard de Villiers (escritor), François Pinault (Kering, comércio retalhista) ou o milionário belga Albert Frère (Charleroi, aço; co-proprietário do Château Cheval Blanc, em Bordéus, com Bernard Arnault).

Noutros casos, a existência de hotéis abre-os a uma clientela menos familiar. Exemplifiquemos. Domínio Terre Blanche Hotel, SPA e Golfe Resort, de 5*, junto da aldeia de Tourettes, região de Fayence, não longe de Cannes: 266ha de floresta, castelo, propriedade aristocrática que pertencera desde 1979 a Sean Connery (actor britânico; Escócia), adquirida em 1999 por Dietmar Hopp (industrial alemão, da área da informática), que a transformou num *resort* exclusivo de golfe (aberto em 2004) com dois percursos de 18 buracos, clube de golfe, hotel de 5* com 115 suites, serviço personalizado, produtos Bulgari, e villas luxuosas, em seis áreas residenciais, num total de muitas dezenas de lotes de 2700 a mais de 10 mil m2, adquiridos por gestores, administradores de empresas, alguns reformados, muitos deles ingleses, outros escandinavos e alguns russos, no geral amantes de golfe; também restaurantes, piscina «infinita», 2 campos de ténis, clube infantil, spa com oferta de cuidados de saúde e bem-estar sofisticados, heliporto; *resort* ultraprotegido, como um bunker (aspecto muito apreciado pelos russos), com

entrada única controlada durante 24 horas, limitando o acesso e a circulação a estranhos, uma cerca de 2m de altura e câmaras de videovigilância cada 20m, detectores de radar infravermelhos...

Também os Jardins de Sperone (130ha), aldeia-condomínio de mais de uma centena de villas, com suas piscinas particulares, algumas de grande luxo, e campo de golfe de 18 buracos, à beira-mar, junto de Bonifácio, em frente da Sardenha e das ilhas Lavezzi, no meio de larga extensão de maquis (propriedades extensas e sem valor: domínio de Sperone, adquirido em 1962), tranquilo, seguro, bem protegido de intrusos, acessível através do aeroporto internacional de Figari, a 25km, casas de madeira importada, numa perspectiva ecológica, sem circulação automóvel, mas de evolução largamente perturbada pelas lutas autonomistas e/ou mafiosas. Famílias de renome, de publicitários a banqueiros: Bernard Roux e Jacques Séguéla, publicitários, Bruno Roger (banco Lazard, banco de investimento franco-americano, em Paris), Klaus Diederichs e Isabelle Seillier, da JP Morgan, tal como Isabelle Seillier; François Perigot, empresário e político, Olivier Bouygues, do grupo homónimo, Bernard Kouchner, político e um dos primeiros proprietários, Renaud Donnedieu de Vabres, antigo ministro da Cultura, Jean Bousquet, PDG de Cacharel, Marc Sulitzer, consultor de empresas, família Frydman (ex-patrão de Marionnaud), Laurence Chavane, jornalista do Fígaro, Pavel Gusev, chefe de redacção do diário Moskowski Komsomolets, proprietário da Casa del Mar, de Porto-Vecchio, russo. Em suma, um mundo de gente do dinheiro, da política, do desporto (futebolistas, corredores de automóvel), da publicidade, da música, da televisão e do cinema, que animam o lugar com grandes festas (as villas alugam-se por 20 mil ou mais euros por semana?). Remonta ao início dos anos 60, por iniciativa de Jacques Dewez, piloto de automóveis e empresário de imobiliário, quando Jean Castel promove a ilha de Cavallo, ainda na Córsega, e o príncipe Aga Khan a Costa Esmeralda, do outro lado do estreito de Bonifácio, na Sardenha.

3.2. Consumos ostentatórios

Não obstante alguma tendência para estilos de vida algo discretos, mesmo entre os mais-jovens novos-ricos árabes, russos, chineses ou indianos, continuam todavia a ressaltar, no universo dos novos bilionários, os comportamentos ostentando grandezas, extravagâncias, exuberâncias, caprichos, excessos (Thorstein Veblen, 1899), traduzidos em modos de vida social e ambientalmente insustentáveis (pegada ecológica), que não podem ser modelo para outros ultra-ricos e o resto da Humanidade.

A Rússia é um país com grandes desigualdades sociais e onde uma centena de multimilionários controla mais de um terço da sua riqueza. Muitos vivem total ou

parcialmente em Londres, Nice, Mónaco, Marbelha, na Suíça ou em Chipre, onde compram palácios, hotéis particulares, villas sumptuosas e com história, velhos domínios rurais, com seus castelos e vinhedos, mesmo jornais e clubes de futebol, participam nos capitais de grandes empresas multinacionais, convivem e negoceiam com outros grandes capitalistas, frequentam os melhores hotéis, restaurantes e casinos, alimentam o comércio de luxo, ostentam a própria riqueza (automóveis, iates, jactos, jóias, festas privadas). Estima-se que em Londres vivem 48 mil ucranianos e 32 mil russos e que em 2013, 85 % dos alojamentos novos terão sido vendidos a estrangeiros, destacando-se os russos e os ucranianos na compra dos imóveis de luxo.

A nova geração de homens de negócios da Rússia, sem ligações directas aos grandes grupos petrolíferos e siderúrgicos, é todavia bem mais discreta e leal ao presidente, Vladimir Putin, muitos como ele também de Saint-Petersburgo: liberdade ilimitada do mercado e abertura da Rússia ao capital ocidental versus Estado-nação forte capaz de agir internacionalmente como uma grande potência, importante face aos «imperialismos alemães» na Europa de Leste, sob o manto do alargamento da EU ou apenas pela penetração no capital das empresas, e não menos para o bom funcionamento do capitalismo russo, que passa pela manutenção de alguns monopólios do Estado. Alguns renunciam ao luxo ostentatório e boémio, às férias nos grandes lugares na moda no estrangeiro, e valorizam comportamentos mais nacionalistas, culturais, antropológicos, históricos, familiares, e mesmo simples, geo, etno, eco e bio. Começam mesmo a assumir comportamentos filantrópicos, um pouco à imagem dos seus homólogos americanos.

A filantropia desperta na Rússia, muito orientada para as actividades desportivas e o património artístico. Alguns oligarcas cultivam o gosto pela arte, constituindo colecções de grande valor, casos de Roman Abramovitch ou de Viktor Vekselberg (grupo Renova), com o Museu Fabergé, Saint Petersburgo (palácio Chouvalov, restaurado recentemente), com os célebres ovos de Páscoa. Investimentos igualmente vultosos em equipas de desporto, em particular entre os super-ricos russos: Roman Abramovich (2010, no Chelsea), Dmitry Rybolovlev (clube de futebol AS Mónaco), Alexei Fedorichev (adubos) com o Dínamo de Moscovo ou ainda Alexander Dyukov (Gazprom) com o Zénite de São Petersburgo, Vladimir Antonov (clube de futebol de Portsmouth), Rinat Akhmetov (Ucrânia), presidente desde 1996 do clube Shakhtar Donetsk, que no século XXI conquistou os primeiros campeonatos nacionais. Um pouco à imagem do emir do Qatar (PSG), do xeique Mansour, irmão do príncipe herdeiro de Abu Dhabi (Manchester City), ou ainda dos indianos Mittal e Amit Bhatia, seu genro (clube de futebol Queens Park Rangers), como também de Bernie Ecclestone (presi-

dente e CEO da Fórmula Um e maior accionista da Alpha Prema, a matriz das companhias que a gerenciam), ou Flávio Briatore, que o substituiu.

Entre os quadros superiores bilionários chineses, acumulando grandes fortunas, desde os finais do passado século, também se difunde largamente o gosto do luxo exuberante, um luxo que se veja e se partilhe em família e com os outros: consumos ostentatórios; residências imitando os velhos castelos da Europa, muitas rodeadas de vinhas, sobretudo nos condomínios fechados e vigiados, com toda a privacidade e segurança, campos de golfe e escolas internacionais, e que tiveram grande desenvolvimento entre 2000 e 2005; colecções de grandes vinhos, charutos, relógios Rolex ou Patek, automóveis antigos e raros, quadros de pintores modernos, com explosão do mercado da arte; aquisições de produtos de marcas reconhecidas (Louis Vuitton, Prada, Gucci...), pianos de cauda de alto preço (primeiro mercado dos pianos Steinway, com cerca 2/3 das vendas) como símbolos não simplesmente de estatuto social elevado mas também de cultura, mesmo da educação sofisticada dos filhos, tal como também sucede nos Emirados Árabes (lembra os populares de Olhão enriquecidos durante a IGG com a salga da sardinha); objectos ricamente personalizados, como um Fiat 500 com incrustações douradas, etc. (Guillaume Giroir, 2012).

Por toda a China, uma classe social emergente de novos-ricos, que fez fortuna muito rapidamente, procura viver os sonhos dos ricos e famosos. Não acostumados à riqueza, gastam o seu dinheiro em imóveis modernos, carros velozes, roupa de luxo, consultores financeiros, empregados domésticos, educação dos filhos no estrangeiro, viagens. Endinheirados e incultos, de modos populares, são arrastados pelo consumismo e ridicularizados pelos gastos desmedidos e os gostos espaventosos: automóveis de corres berrantes, como Ferraris cor-de-rosa, iPhones dourados de muitas centenas de dólares ou mesmo revestidos a ouro, de alguns milhares de dólares; jóias e relógios com diamantes incrustados, mesmo pianos Petrof de mais de uma centena de milhares de euros, de fabrico artesanal e acabamentos luxuosos, importados da República Checa, a par de roupas com incrustações de pérolas e cores vivas e brilhantes e grandes festas familiares; fortunas desperdiçadas nos casinos de Macau e nos centros comerciais de luxo de Hong Kong. Também investem em viagens, nomeadamente a Hong Kong, Macau, Tailândia, Singapura e Japão, mas igualmente aos EUA e à Europa. Alguns inscrevem-se para viagens espaciais.

Para os novos bilionários da China, o novo símbolo de estatuto é um diploma dos colégios particulares de elite dos EUA (milhares de alunos, por ano; afluxos em expansão), não obstante a distância e os custos (filhos únicos), com facilidades subsequentes de entrada nas universidades de renome: certa desconfiança no futuro do país e integração dos seus jovens na sociedade americana (liberdade,

tranquilidade, competitividade, equidade) e na globalização mundial (diferenciação, qualificação, formação de elites, perspectivas de carreira e mobilidade social, mas também fuga de cérebros). A maioria dos chineses mais ricos pensa em emigrar, sobretudo para os EUA e o Canadá, ainda em função da educação dos filhos, mas não menos pela segurança dos bens, liberdade social, qualidade do ambiente, bem menos poluído, e mesmo qualidade da alimentação.

Também os indianos enriquecidos insistem no luxo: mantém uma relação muito especial com o mesmo, desde os marajás, os rajputs do Rajasthão ou os nizams de Hiderabad; tanto as *grandes fortunas tradicionais como as novas gerações profissionais e empresariais;* mesmo as massas se deixam entusiasmar com o que brilha, embora de contrafacção. Na continuidade, forte expansão do comércio de luxo de todo o mundo, multiplicação de novos centros comerciais com butiques de grandes marcas, com vendedoras sofisticadas e acolhimento personalizado, ou das lojas dos hotéis de 5*. Clientes de aspecto impecável, à imagem das suas estrelas de cinema, que chegam nos seus BMW ou Mercedes de vidros fumados, para comprar malas, sacos, relógios, cintos, sapatos e peças de vestuário únicas, canetas, objectos de decoração de interiores, arte e jóias (essenciais na cultura indiana), acessórios múltiplos, produtos de beleza, também vinhos das melhores colheitas, que antes tinham de procurar em *Paris, Londres ou Nova Iorque,* e cada vez mais serviços de luxo e viagens de prestígio (Europa, EUA). Na Índia encontramos certas extravagâncias algo *bling-bling,* que implicam inclusivamente deslocação com guarda-costas: Datta Phuge ofereceu-se uma camisa em ouro no valor superior a 235 mil euros (2013, então com 32 anos), além de muitos colares, pulseiras, anéis; e Pankaj Parakh, homem de negócios (empresa têxtil de Mumbai), uma outra com quase 4kg de ouro, como prenda do seu 45ºaniversário, no valor de pelo menos 160 mil euros. O ouro está profundamente enraizado na tradição indiana: culto e cultura; importância das jóias em ouro nas cerimónias de casamento. Mas também significa investimentos algo seguros face a taxas de inflação elevadas para as classes médias e não menos para os agricultores e a população rural.

Muitos destes valores e práticas observam-se entre os novos-ricos de outros países que tardaram no processo de desenvolvimento mas enriquecidos bruscamente com a exploração e valorização de alguns recursos, como os diamantes e o petróleo no caso de Angola (Revista Sábado, 331, 2011). Em Luanda, as novas elites têm e gastam muito dinheiro: casas, carros de vidros fumados, iates para os fins-de-semana, aviões particulares, compras de marca, grandes festas, saídas para convívios nocturnos. Muitos possuem várias casas em Luanda, nas zonas mais exclusivas, moradias com muros altos ou em condomínios privados, bem equipados e vigiados, outras na praia e na África do Sul (para os fins-de-semana), mesmo em Saint Tropez, e também em Lisboa ou em Londres (onde os filhos estudam).

Possuem igualmente carros topo de gama, alguns todo-o-terreno, de suspensão elevada. E sobretudo muitos empregados: jardineiros, cozinheiras, lavadeiras, empregadas de limpeza e arrumação, motoristas, seguranças. A ostensividade nos gastos, que tem muito de comum com a dos novos-ricos da China e a primeira geração dos novos-ricos da Rússia (a nova geração é bem mais discreta, e não apenas pela crise económica), manifesta-se tanto nas compras (marcas de luxo e modelos exclusivos) como nos elevados consumos de champanhe, desde logo entre os jovens (gastos de 7 mil euros numa saída a noite!), e em comportamentos aberrantes, como viver uns dias ou pelo menos passar o fim-de semana no melhor hotel da cidade onde residem (Hotel de Convenções, 5*, em Talatona/Luanda). Enfim, o que dá nas vistas, à escala local, ainda longe dos excessos e jogos de verão dos bilionários da Europa de Leste, incluindo os russos, no Cap de Antibes, no Cap Ferrat, em Cannes, Mónaco ou Saint Tropez, evocados por Bruno Aubry (2010).

3.3. Desportos elitistas

Os novos-ricos destacam-se igualmente por certas práticas desportivas e de competição, desde logo com a posse dos melhores cavalos puro-sangue, campeões de corrida. Os seus tradicionais proprietários são discretos (imagem negativa do jogo a dinheiro), mesmo se com meios quase ilimitados (custos da criação de cavalos e treino dos mesmos): irmãos Wertheimer, da Chanel (Coco tinha-se associado em 1924 com os irmãos Pierre e Paul Wertheimer, empresários judeus com uma quota de 70 por cento nos perfumes Chanel), também produtores vinícolas (châteaux Rauzan-Ségla em Margaux e Canon em Saint-Emilion e explorações de criação de cavalos de desporto nos EUA e em França); Joel Séché (serviços ambientais, abastecimento de água, saneamento, valorização dos lixos domésticos e industriais); Jean François Decaux (publicidade, *outdoors,* aluguer de bicicletas urbanas); Laurent Dassault (indústria, imobiliário; Château Dassault, em Saint-Emilion); o banqueiro Christian Baillet, Noël Forgeard (ex-EADS), Xavier Niel (Free) e Lucien Urano (Fabio Lucci e Pizza Pino), e também Eduardo de Rothschild ou a família Wildenstein (negociantes de arte). A estes juntaram-se o príncipe Aga Khan (chefe espiritual dos Ismaelitas), o príncipe Abdullah, da Arábia Saudita e obviamente o xeique Mohammed Al Maktoum, emir do Dubai e vice-presidente dos Emirados Árabes Unidos, que possui 3 mil cavalos. No mundo equestre contam-se todavia outros proprietários de cavalos menos ricos mas célebres, como Léon Zitrone, Jean Gabin e Rita Hayworth no passado e hoje Hervé Morin, político e ex. ministro da Defesa, François Bayrou, que foi presidente do MoDem (Mouvement démocrate) e autarca, futebolistas como Dominique

Rocheteau, Robert Pirès e Emmanuel Petit, jornalista Michel Denisot, actor Omar Shariff.

Importa lembrar que manter um cavalo de desporto custa 20 mil euros/ano e a sua compra 100 mil euros, em média, podendo aproximar-se do milhão: cavalo do xeique do Dubai, Maktum bin Rashid Al Maktum, ou xeique Maktoum, com criações em vários países, do RU à Austrália, e um Boeing 747 para transporte dos seus animais. A equitação tem lugar de distinção entre os árabes, associada ao cavalo árabe, «o príncipe do deserto»: velocidade, resistência, agilidade, vivacidade, elegância. Difundidos pela Europa desde a Idade Média, onde ocupam lugar de destaque nos desportos hípicos, pelo menos desde o século XIX, e em simples equitação de lazer, a sua criação afirmou-se entre uma certa elite. Alguns outros milionários árabes privilegiam a posse de camelos de corridas, onde os melhores animais podem atingir somas enormes (1,7 milhões de euros em 2008, ultrapassado em 2010): desporto tradicional e muito competitivo, de Outubro a Março, nos Emirados (Dubai), no Koweit, Qatar, Arábia Saudita, em Omã, promovido nomeadamente por Rashid Al-Mansoon, criador, e o xeique Mohammed Al Maktoum...

Outros bilionários investem em equipas de desporto: Bernie Ecclestone (presidente e CEO da Fórmula 1 e maior accionista da Alpha Prema, a matriz das companhias que gerenciam aquela); Flávio Briatore, que o substituiu; Paul Allen, co-fundador da Microsoft, com duas equipas desportivas, os Seattle Seahawks (futebol americano) e os Portland Trail Blazers (basquete); Marc Cuban, criador da Broadcast.com, e a equipa Dallas Mavericks (basquete). Também o fazem os novos-ricos do Leste, como vimos atrás: Roman Abramovich, Dmitry Rybolovlev, Alexei Fedorichev (adubos) ou ainda Alexander Dyukov (Gazprom), Vladimir Antonov, Rinat Akhmetov (Ucrânia). E igualmente o emir do Qataral, o xeique Mansour, irmão do príncipe herdeiro de Abu Dhabi, ou ainda os indianos Mittal e Amit Bhatia, seu genro, residentes em Londres e o chinês Wang Jianlin, em 2016, segundo a Forbes, o homem mais rico da China (Dalian Wanda Group desde 1989), que adquiriu 20% do Atlético de Madrid em 2015.

A dependência de certas modalidades e grupos dos apoios dos novos-ricos nos países do Leste gera fragilidades em contextos de crise (clubes de futebol, hóquei, basquete, vólei), já que «activos não estratégicos» para os seus *sponsors*. Algumas modalidades são promovidas pelos próprios políticos, caso dos desportos de inverno com Putin, apaixonado pelo esqui: as elites e os milionários, os oligarcas, mesmo uma certa classe média-alta (mais ocasionais) procuram as estâncias alpinas, ou pelo menos as do Cáucaso: Sochi, a Suíça russa, ou a Côte d´Azur soviética, desde o início do século XX, privilegiada pelos governantes, de inverno como de verão, pela combinação de montanha nevada, praia, termas, floresta, parque nacio-

nal, *datchas* (casas de campo); território anexado pela Rússia em 1829, aquando das guerras russo-otomanas, a par da Crimeia. Também procuram as estâncias dos Urais, igualmente caras. A classe média russa privilegia as estâncias de proximidade (relembre-se que o clube dos esquiadores de Moscovo remonta a 1895).

Na China, os novos-ricos valorizam o golfe, sinal de *status* social: desporto muito caro, apenas para os endinheirados, e mal visto politicamente; algo demasiado elitista, próprio de uma burguesia decadente, pelo menos até anos 1980s; potencialmente «subversivo» para os responsáveis comunistas, pelo que os altos quadros o praticam com certa discrição; acrescem os seus impactos ambientais, sobretudo quanto a solos agrícolas e aos consumos de água, sobretudo no norte do país, onde esta escasseia, sem descurar os excessos de adubos e pesticidas (Dan Washburn, 2014). O primeiro campo foi construído apenas em 1984 (Chung Shan Hot Springs em Zhongshan), poucos anos depois do início das reformas económicas e da abertura ao exterior. O seu número cresceu rapidamente, sobretudo na província de Hainão: 170 campos em 2004, 600 em 2009; 358 mil jogadores e previsões de 20 milhões para 2020 (mais de 18 anos, mais de 8 *rounds* por ano); taxas de crescimento da procura de 25-30% por ano, embora decrescentes, e atracção de investidores e golfistas da Coreia do Sul, Japão, Austrália, com os correspondentes benefícios económicos.

Na opinião de Dan Washburn, «para os novos-ricos chineses, o golfe faz parte do seu moderno estilo de vida luxuoso, como os relógios suíços e os automóveis europeus». O PCC tem mantido uma relação ambígua com o golfe: desporto estreitamento associado à riqueza e às elites ocidentais; muitos campos foram construídos ilegalmente; prática de alguns funcionários, que não respeitam as regras de comportamento devidas às correspondentes funções; extravagâncias de frequentação de clubes privados, excessivamente caros, face aos seus salários; mas igualmente oportunidades lucrativas para as autoridades locais, e para os promotores directos, pelo imobiliário que lhe anda associado, com os seus excessos e as corrupções habituais. O governo decretou o fechar de muitas dezenas de campos (moralização da vida política), 3 na região de Pequim e também 3 na vasta ilha de Hainão, de clima tropical húmido (8,5 milhões de habitantes), o Havai chinês, destino do *jet-set* nacional, dos ricos e poderosos, e o principal complexo golfista: destaque para o Mission Hills Golf Club, perto de Shenzhen, no sul (junto de Hong Kong), fundado em 1994, que conta 20 km2 e 12 campos de 18 buracos, iniciativa de David Chu, bilionário de Hong Kong, então também com a maior Club House do mundo, o maior spa da Ásia e o maior centro de ténis do continente.

Hainão não foi todavia atingida significativamente pela proibição da criação de novos campos: em 2011 surgiu aqui um novo complexo (80km2), com dezenas de

campos, vários hotéis e villas e apartamentos de luxo, centros comerciais, ruas de concentração de restaurantes e bares. A oferta insular está localizada sobretudo na zona de Sanya (sul), com 8 clubes de golfe, em Haikou (norte), com 11 clubes, e ainda 2 outros na região de Boao, 2 em Xing Long e 1 em Baoting County. O turismo foi reconhecido como o pilar da sua economia, em concorrência com Phuket na Tailândia e Bali na Indonésia, e o golfe é tido como vital para o seu desenvolvimento desde 1984, quando foi permitido, e ganha prestígio e reconhecimento oficial pela sua integração nos jogos olímpicos de 2016. As potencialidades do golfe são aqui enormes (pelo menos uma centena de campos, numa ilha com 8,5 milhões de habitantes, predominantemente rurais, dos quais apenas 3 mil jogam golfe): beneficia do clima de inverno, quando a frequência dos campos atinge os valores máximos; e da crescente procura de villas junto dos campos, com o desenvolvimento da classe média-alta, não necessariamente jogadora de golfe (aquisições de prestígio e afirmação social, junto de largos espaços verdes). O golfe permanecerá um desporto de nicho na China, pelo seu custo proibitivo, face aos rendimentos da esmagadora maioria da população, onde um bilião de pessoas vive com menos de 5 dólares por dia, enquanto uma jogada custa em média 150 dólares: 0% da população da China joga golfe, mas 0% é um número significativo de jogadores, sem dúvida privilegiados, e que cresce, já que o golfe motiva cada vez mais chineses (Dan Washburn, 2014).

Os chineses são igualmente atraídos pelos jogos de fortuna e azar, em particular pelos casinos de Macau (desde 1999, o único sítio onde são permitidos os jogos a dinheiro), que se afirmou como a capital mundial do jogo, com volume de negócio superior a Las Vegas, e em concorrência com Singapura e cada vez mais também com as Filipinas e o Vietnam, onde estão a surgir novos *resorts* de jogo: dezenas de casinos, contra 6 em 2001, ano da abertura do mercado do jogo, até então exclusivo de Stanley Ho; grandes complexos hoteleiros com muitas centenas de quartos, mesmo alguns milhares, dezenas de restaurantes e muitas mesas de jogo e *slot machines* (50% do PIB da ilha; 30 milhões de visitantes, sobretudo chineses e de Hong Kong e Taiwan), mesmo se a tendência é para uma maior prudência dos grandes jogadores VIP da China continental, «vigiados» por Pequim e afectados pela crise no imobiliário (garantia das dívidas de jogo dos grandes jogadores da China continental, através de sociedades de crédito que permitem contornar o limite de saída de 5 mil dólares aos visitantes chineses, das principais cidades costeiras; 35 casinos, outros abrirão até 2016). Turistas-jogadores atraídos também pelo comércio de luxo e o turismo de eventos.

3.4. Grandes festas milionárias

Os novos-ricos adoram festejar, qualquer motivo serve para reunir os amigos (uma centena de convidados é normal). Desde logo, festas milionárias de aniversários e casamentos, mesmo entre os novos-ricos muito recentes, como em Lisboa ou Luanda. Alguns exemplos: festa de casamento de Jorge Mendes, agente da FIFA (2015), no Porto, com quatro centenas de convidados, entre os quais as grandes figuras do futebol europeu, incluindo Cristiano Ronaldo, Alex Ferguson (ex-técnico do Manchester United de 1986 a 2013), Florentino Pérez (presidente do Real Madrid), Peter Lim (proprietário do Valência), Roman Abramovitch (proprietário do Chelsea), muitas viaturas de vidros fumados, jactos particulares, e a reserva integral dos jardins da Fundação Serralves; festa de aniversário em Lubango (30 anos), de um neto de um proprietário de hotel na cidade, com 800 convidados, grande banquete nos jardins da sua unidade, animação com uma cantora de renome da Capital, viagens dos convidados asseguradas em Falcon privado, carros e motoristas no aeroporto, e um custo total não inferior a 700 mil euros; ou em Luanda, a festa de casamento de um deputado com uma sobrinha do Presidente da República, com 1200 convidados, animação de artistas (4) e apresentadoras da televisão e da rádio, grandes gastos em flores para decoração dos espaços, ofertas de relógios Rolex aos convidados VIP, as despesas totais alcançando um milhão de dólares.

Lembra a festa de casamento de André Melnichenko (banca, indústria; iate A, Boeing 737 BBJ, *penthouse* no Central Park de Nova Iorque, villa Altiar em Antibes) com Aleksandra Kokotovic (ex. miss da Jugoslávia, 2002): 2005, 3 dias, 200 convidados, muitos novos-ricos russos, incluindo Vladimir Putin, concertos com Whitney Houston e Cristina Aguilera (cantoras norte-americanas) e os Iglésias, pai e filho (Espanha), bem como Alain Ducasse, chefe de cozinha francês altamente premiado (30 milhões de dólares). Ou a da filha de Lakshmi Mittal (magnata do aço), Vanisha Mittal, com Amit Bhatia, em 2004 (indianos residentes em Londres): festa de 6 dias, mil convidados, empresários, estrelas do cinema indianas e outras, 45 cozinheiros, castelo de Versailles, bem como o Jardim des Tuileries e o hotel Intercontinental de Paris, 12 Boeings para transporte dos convidados e um total de 67 milhões de euros (?). E ainda o casamento em Florença de outros membros da família Mittal instalados na Tailândia (3 dias, vasta lista de convidados) ou o casamento em Cannes de outros milionários indianos com a presença de muitas estrelas de Bollywood, e o aluguer de 604 quartos e 91 suítes nos hotéis Carlton et Marriott, ambos de 5*; outros milionários indianos levam as suas muitas centenas de convidados para Bali. Recordemos igualmente a grande festa de casamento de Kajal Fabiani (ligado ao sector financeiro) e Gaurav Assomull (interes-

ses no petróleo da Nigéria) no Principado do Mónaco: 4 dias, 600 convidados (da Índia, Europa, América do Norte, entre eles Lakshmi Mittal e outros bilionários das listas da Forbes), mobilização do Hotel de Paris e da sua sala Império, bem como do Hotel Hermitage (2 mil noites de hotel), da Ópera de Monte-Carlo e do Casino, e da arte da cozinha de Alain Ducasse; concerto privado, soirées extravagantes, ambiente Bollywood, respeito de todos os ritos da terra natal, inclusive presença de dois elefantes vindos expressamente da Índia na praça do Casino (símbolo de paz e prosperidade no amor).

Os casamentos das elites indianas são tendencialmente eventos sociais de grande alcance, mesmo quando decorrem no próprio país e não envolvem directamente famílias bilionárias dos primeiros lugares das listas da Forbes, caso de Rishabh, filho de Cyril Shroff (Suresh Shroff & Co, importante gabinete de advocacia) com Saloni, filha de um grande joalheiro de Jaipur, que decorreu no Rajasthão, com a presença dos irmãos Mukesh e Anil Ambani, do grupo Reliance (conglomerado gigante, envolvendo têxtil, plástico, petroquímica, telecomunicações, seguros, banca, distribuição e mesmo produção agrícola) e outros grandes empresários do país, bem como políticos de primeira linha, e 250 delegados estrangeiros: 2 dias, 15-20 aviões fretados, 600 automóveis de luxo, recepção no hotel Oberoi em Agra, em frente do Taj Mahal... Enfim, casamentos à Bollywood, tradicionalmente com grandes gastos: jóias em ouro para os noivos e as suas famílias; fatos, automóveis, hotéis, prendas e decoração, luzes, aromas, fantasia, esplendor, frivolidades, rituais, canções e danças, fogo-de-artifício, presença de muitos familiares, em lugares sofisticados e com organizadores profissionais, capazes de garantir originalidade, mesmo coreógrafos e estrelas de cinema.

Algo de semelhante sucede com os novos-ricos da China e as festas de casamento dos seus filhos (filhos únicos; integração das respectivas famílias), nos trinta anos de abertura económica do país ao mundo. Não obstante a campanha de certa frugalidade, promovida pelo presidente Xi Jinping, contrário às novas extravagâncias, foi notícia em 2012, o casamento da filha de Xing Libin, dono das minas de carvão de Shanxi, no Ritz-Carlton e outros hotéis de 5* de Sanya, em Hainão, com centenas de convidados, participação das principais estrelas da canção e da televisão chinesas, 3 aviões *charters* e uma frota de Ferraris, para o transporte dos convidados, no montante de milhões de euros; e em 2014, foi muito comentada a festa de casamento de um filho de um grande industrial de Tangshan, no nordeste da China, que envolveu 30 Rolls-Royce Phantoms (Goodwood, West Sussex), um Ferrari e uma frota de motas de luxo, recepção com presença de dezenas de celebridades, em 4 pisos de um dos melhores hotéis da cidade...

Grandes festas de casamentos que aliás não desapareceram entre os milionários do mundo ocidental, que exemplificamos: Delphine Arnault, filha de Bernard

Arnault (francês, PDG do grupo de luxo LVMH), com Alessandro Vallarino Gancia (italiano, grupo dos Vermutes) na catedral de Saint Jean-Baptiste (património da UNESCO, Bazas, Gironde), com 600 convidados (Bernadette Chirac, Nicolas Sarkozy, Valéry Giscard d'Estaing, Karl Lagerfeld, designer de moda alemão baseado em Paris, Elton John) e soirée no Château d'Yquem em Sauternes, propriedade do próprio grupo LVMH; de Céline Dion e René Angelil, 1994, no Québec, 500 convidados, 500 mil dólares (150 mil em flores); Ronaldo, futebolista, com Daniela Cicarelli, manequim, brasileiros, no castelo de Chantilly, propriedade do Institut de France, 250 convidados do Gotha do desporto, como David Beckham, Zinédine Zidane, Michael Schumacher, etc.

Outros afirmam-se através de grandes festas de aniversário. Excessos em aniversários de crianças, mesmo se com poucas presenças, envolvendo montagem de circos, cenários de histórias infantis, pequenos parques temáticos, como entre os russos em férias na Côte d´Azur. Não menos nas de adultos, magnatas e celebridades como convidados e actuações intimistas de estrelas do rock, que exemplificamos: sultão do Brunei, Haji Hassanal Bolkiah, festa dos 50 anos (1996), duas semanas, jantar com 3 mil convidados no seu palácio, concerto de Michael Jackson, desfile militar, jogo de pólo; príncipe Azim também do Brunei, festa dos 27 anos (2009), com mais de cem mil dólares de rosas brancas e a intervenção de Chaka Khan (Yvette Marie Stevens) e Mariah Angela Carey, cantoras norte-americanas; David Bonderman, do Texas Pacific Group, festa dos 60 anos (2008), com animação de John Cougar Mellencamp (cantor e guitarrista norte-americano) e concerto privado dos Rolling Stones; Stephen Schwarzman, gestor do fundo Private Equity Blackstone, festa dos 60 anos, em Nova Iorque, em 2007, antes do colapso da Wall Street, com 500 convidados, entre os quais os presidentes dos maiores bancos de investimento do mundo, e actuação de Rod Stewart (cantor e compositor britânico, com ascendência escocesa); Victor Pintchouk, ucraniano, genro do ex-presidente Leonid Koutchma, aniversário dos 50 anos em Courchevel (estância de esqui nos Alpes), com 300 convidados, do jet-set do Leste, espectáculo do Cirque du Soleil, animação de Christina Aguiler, gastronomia sob orientação de Alain Ducasse, e no final espectáculo de fogo-de-artifício; Andrey Melnichenko, aniversário da sua mulher, a supermodelo sérvia Aleksandra Nikolic, com participações do grupo de música pop jugoslavo Models, e Whitney Houston, Mark Anthony, Enrique Iglésias e Christina Aguilera; Ron Perelman, festa de aniversário e Ano Novo a bordo do seu iate ancorado em St. Barth, com 200 convidados, entre os quais Paul Allen, co-fundador da Microsoft, Harvey Weinstein (antigo patrão da Miramax), Denzel Washington, Natalie Portman, Eddie Murphy e Jon Bon Jov (actores dos Estados Unidos); Philip Green, do grupo de moda Arcadia (inglês, comércio retalhista), igualmente da cadeia TopShop, 2007, 5 dias numa ilha das

Maldivas, uma centena de convidados, transporte em aviões privados, 3 mil garrafas de champagne (Pol Roger), caviar Beluga, lagosta, animação com os cantores George Michael (inglês) e Jennifer Lopez (americana), dançarinas, fogo-de-artifício (5 anos antes, festa dos 50 anos com 200 convidados, em Chipre), e numa outra vez, festa de 4 dias, numa praia do México, com a presença de Leonardo DiCaprio (cinema), Kate Hudson (canção) e Naomi Campbell (modelo), viagens igualmente asseguradas em jactos privados e animação de Chris Brown (cantor norte-americano), Carlos Santana (instrumentista e compositor mexicano) e Stevie Wonder (compositor estadunidense); Christian Audiguier, estilista e empresário francês, vivendo em Los Angeles, festa de aniversário em Cannes, durante o Festival de Cinema, com muitas estrelas de Hollywood, como Beyoncé e Mick Jagger, etc.

Alguns insistem em festas de convívio e diversão, sendo famosas as promovidas por Sílvio Berlusconi, na sua mansão-villa San Martino, do século XVIII, que fora da família Casati Stampa, na comuna de Arcore (província de Monza e Brianza até 1974, ou na magnífica Villa Certosa (Porto Rotundo, nordeste da Sardenha: festas "Bunga Bunga", envolvendo orgias), as grandes festas de Ano Novo, como a promovida por Roman Abramovitch, em 2010, na ilha de Saint Barthélemy, numa propriedade de 30ha, que adquirira recentemente por 60 milhões de euros, com 250 convidados, a maioria vinda de Los Angeles (5mil km), assegurando os inerentes custos das viagens, ou a festa de passagem de ano promovida por Vladimir Potanin, em Courchevel, com tendas gigantes para os 300 convidados e participação do Cirque du Soleil. Sem esquecer as Festas de Verão, como o Baile das Flores, nos meados de Agosto, na sumptuosa Villa Ephrussi de Rothschild, em Saint-Jean-Cap-Ferrat, em particular nos seus jardins iluminados para o evento, reunindo desde 2003 os russos mais ricos em férias na Côte d'Azur e outros vindos especialmente de Moscovo, num total de cerca de 4 centenas de convidados, artistas, escritores, celebridades, longe dos outros turistas: limusinas, automóveis de luxo, Rolls Royce, mulheres bonitas, música, baile, desfile de moda temático, à base de flores verdadeiras de muitas cores; ambiente de vestidos muito caros, de milhares de euros, jóias, diamantes; jantar volante, muito champanhe, de grandes colheitas (Bruno Aubry, 2010).

4. Apropriação de bens de distinção social

4.1. Residências senhoriais, residências com história, como as das velhas elites

É notório o apreço pelos castelos e solares, com capelas e parques, também vinhas, muitos classificados como monumentos históricos, não obstante os eleva-

dos custos de manutenção: lugares de encontro das famílias, nomeadamente aquando dos seus casamentos, de caça nos seus parques florestados, mesmo de turismo, com visitas aos jardins ou aos edifícios senhoriais, acolhimento de eventos, adaptação a hotéis de luxo, até campos de golfe. Vejamos alguns exemplos de uma elite social e económica francesa, que valoriza as origens e os bens de família: Claude Bébéar (Axa) e o castelo de La Porte, do século XVIII, no Loiret; Martin Bouygues (construção, obras públicas, telecomunicações) e o castelo Le Luet na Sologne, em Vannes-sur-Cosson (caça); Henri de Castries (Axa e grupo Bilderberg) e o castelo de Gâtine, em Anjou; François Pinault (comércio de luxo; várias residências secundárias) e o solar Mormaire, em Grosrouvre, departamento dos Yvelines, numa propriedade de 150ha (frequentado nos fins-de-semana); Jean-Dominique Senard (Michelin) e o castelo de Lagoy, em Saint-Rémy de Provence, propriedade da família (vinha) desde 1677, onde uma dependência funciona como Hotel de Lagoy; Amaury de Sèze (administrador de empresas como o Carrefour) e o castelo de Gouville do século XVIII, em Corcelles-les-Monts, também com terrenos agrícolas; Ernst-Antoine Seillière (Wendel investimentos) e o castelo d´Oignon, no Oise, com jardins, estátuas, parque de caça; Marcel Bich (esferográficas bic), velho castelo de Saint Germain em Rhuis, região do Oise, que remonta a 1502; Thierry Desmarest (Total) e o castelo nos cimos de Montigny-la-Resle, comuna de Yonne, na Bourgogne; Thierry de la Tour d'Artaise (grupo SEB, consórcio de produção de electrodomésticos), castelo do século XIV, em Chazeuil, nas Côtes d'Or, também na Bourgogne, totalmente restaurado; família Seydoux (cinema), castelo de Frogère, com jardins, áreas florestais e de caça, espaços agrícolas, em Saint-Viâtre, na Sologne; Nicolas de Tavernost (M6, canal de televisão privado francês), castelo de 1882, em Cesseins, no Ain, numa propriedade de uma centena de hectares (Beaujolais); Michel David-Weill (Eurzaeo, investimentos) no vasto castelo (365 janelas) em Hautefort, numa propriedade de quase duas dezenas de hectares, adquirida pela família em 1929; Bernard Lozé (conselheiro de investimentos financeiros), castelo de Vieux-Maisons, em Ligny-le-Ribault, lugar de grandes encontros de caça (oportunidades de negócio com os convidados para as partidas de caça); Serge Dassault (industrial), Villa do Golfe, nos arredores de Paris, miniatura do pequeno Trianon de Versailles, construída em 1966 pelo pai, junto de Rambouillet, num espaço de 750ha de floresta, com golfe, piscina e campo de ténis.

Em muitos casos, os velhos castelos são mantidos sobretudo com receitas asseguradas pela sua exploração turística: castelo Chenonceau do século XVI e de Laure Menier, que recebe centenas de milhares de visitantes por ano (sobretudo estrangeiros), disponibiliza restaurantes (gastronómico e self-service), passeios nocturnos em barca, e emprega meia centena de assalariados; castelo Vaux-le-

-Vicomte, barroco, da família Vogüé desde 1875, 50 km a sudeste de Paris, próximo de Melun (Seine-et-Marne), também muito visitado, com butique e cafetaria, aluguer de salões e dos 33ha de jardins, visitas nocturnas à luz de velas, exposições, cenário de filmes; castelo de Villandry, renascentista (terminado por volta de 1536), a 15km de Tours, no departamento de Indre-et-Loire, comprado e totalmente restaurado no início do século XX por Joachim Carvallo (médico), da família dos actuais proprietários, a quem também se devem os jardins (9ha, 1200 tílias), com quase meia centena de empregados, entre os quais dez jardineiros, visitável e lugar de concertos, exposições, iluminações, venda de recordações e postais; castelo Cheverny, de Charles-Antoine de Vibraye, num parque de uma centena de hectares percorridos por pequenos carros eléctricos, com meia centena de empregados, lugar de encontro dos amantes de Tintin, e desde 1989 com um campo de golfe no parque, etc. De certo modo, e numa outra escala, podem ser comparados a muitos solares que em Portugal foram adaptados a Turismo de Habitação (C. Cavaco, 1999): casas nobres, muitas dos séculos XVII e XVIII, com memória e história, arquitectura erudita, decoração elegante, jardins românticos, áreas de lazer, conforto, hospitalidade, como no Paço de Calheiros, na Casa do Barreiro, na Casa de Fontão, ou na Casa das Torres, na região de Ponte de Lima, de onde a modalidade se difundiu. Oferta que tem equivalência por toda a Europa, nomeadamente em Espanha e em Itália, com destaque para a Toscânia.

Muitos dos novos-ricos compram ou mandam edificar mansões sumptuosas, como as da aristocracia e da velha burguesia europeias: Sílvio Berlusconi e a villa Certosa, no nordeste da Sardenha, perto de Porto Rotondo (num domínio de muitas dezenas de hectares, com jardim de inverno, estufa de orquídeas, piscinas, gruta, lago e vulcão artificiais, porto de águas profundas, anfiteatro grego e 120 empregados permanentes), bem como a Villa San Martino, antiga residência senhorial do século XVIII, em Arcore, província de Monza, adquirida em 1974, e onde fez construir um mausoléu pessoal com sarcófago em mármore rosa; Viktor Felixovich Vekselberg, magnata ucraniano residente na Suíça, fundador do grupo Renova (fundo de investimentos, com interesses na construção, telecomunicações, energia), e também ligado à Rusal (dos alumínios), e a aquisição em 1997 da villa Feltrinelli, junto do Lago de Garda, antiga residência de campo e refúgio estival da família Feltrinelli (Milão), construída entre 1892 e 1899, depois pertença de Mussolini, e em seguida transformada num hotel de luxo (Grand Hotel Villa Feltrinelli); Lev Leviev, israelita do Uzbequistão, residente em Londres (diamantes) e a aquisição em 2008, da residência Palladio (decoração sofisticada, spa e sauna, piscina interior e sistema complexo de segurança), na exclusiva Avenida Compton, área muito valorizada pelos famosos (Elizabeth Taylor, Ringo Starr, baterista dos Beatles, Annie Lennox, cantora escocesa, George Michael, cantor

britânico, Richard Desmond, jornalista, e Jonathan Stephen Ross, apresentador de televisão e rádio), e igualmente por Lakshmi Mittal (industrial indiano, magnata do aço) ou Poju Zabludowicz (finlandês-inglês, negociante de arte). Lakshmi Mittal comprou a Bernie Ecclestone, magnata inglês e gestor da Fórmula 1, em 2004, uma das suas residências londrinas no Kensington Palace Gardens, conhecida como a Taj Mittal, tornada residência principal londrina do novo proprietário: exclusiva, decorada com mármores brancos das mesmas pedreiras dos do Taj Mahal, 12 quartos, piscina interior, banho turco, parqueamento para 20 automóveis, jardim. A esta aquisição seguiram-se outras, na mesma zona: em 2008, grande casa em tijolos vermelhos, do início dos anos 1900s, que ofereceu ao filho Aditya Mittal; e meses depois, a antiga embaixada das Filipinas, para a filha Vanisha Mittal (património urbano que inclui outras unidades no bairro das embaixadas e dos milionários de Nova Deli, mesmo na Indonésia).

Elena Franchuk, filha do antigo presidente da Ucrânia, Leonid Kuchma, casada com o oligarca Viktor Pinchuk, comprou em 2008 uma casa vitoriana no coração do bairro de Kensington, antigo colégio de meninas de boas famílias, com cinco pisos, 10 quartos, teatro, ginásio, saunas, piscina na cave. Rinat Akhmetov, de Donetz, Ucrânia (presidente da SCM Holdings, com interesses na indústria do aço, minas, electricidade, banca, seguros, telecomunicações, comunicação social, imobiliário, hotelaria), um duplex no Le One Hyde Park (2011, 155 milhões de euros?). Nas vizinhas Billionaires' Row e Winnington Road destacam-se uma dezena de casas da Arábia Saudita, outras do sultão do Brunei, também as de Peter Saunders, empresário de teatro, Billy Butlin, negócio das férias em parques de campismo, Gracie Fields, do mundo do cinema e music-hall, e Katie Boyle, actriz e apresentadora de televisão (um apartamento no Le One Hyde Park). Entretanto, Andrey Borodin, do banco de Moscovo, exilado no RU, adquiriu o castelo Park Place, que data do século XVIII e se deve ao príncipe de Galles, filho mais velho de George II, num domínio perto de Henley-on-Thames, em Oxfordshire, 35km a oeste de Londres, junto do Tamisa, com heliporto, spa, sala de cinema, parque, cais de acostagem, etc., uma das mais caras do país, do mesmo modo que Rybolovlev terá adquirido a cobertura de vários pisos na moderna Torre Odéon, no Mónaco, igualmente por centenas de milhões de euros.

Nos EUA encontramos o mesmo cruzamento na apropriação dos espaços e das mansões de prestígio pelos velhos e pelos novos-ricos, do país ou estrangeiros: William Randolph Hearst (magnata da imprensa estadunidense) em Beverly Hills, Los Angeles, Aaron Spelling (televisão) em Bel Air, também em Los Angeles, Bill Gates em Seattle, Michael Dell em Austin, Steve Jobs na Califórnia, Ralph Lauren e Steven Spielberg perto de Nova Iorque, tal como Ira Rennert, Donald Trump e a Casa da Amizade em Palm Beach, na Florida, adquirida por Dmitry

Rybolovlev (Uralkali, adubos; clube do Mónaco). Muitos outros possuem «coberturas» e apartamentos em edifícios e lugares de prestígio: cobertura (600m2, 10 quartos) em Manhattan, com vista para o Central Park, da filha de Dmitry Rybolovlev e que pertencera a Sandy Weill, do Citigroup; mega-apartamento na One57 em Nova Iorque (92 apartamentos, 300 m de altura; mega-ricos) do xeique Hamad bin Jassim bin Jaber al-Thani, primeiro-ministro do Qatar (duas mulheres e 16 filhos); apartamentos na World Tower, em Manhattan, construída por Donald Trump, terminada em 2001, com 262 metros de altura e 72 andares (cobertura de três pisos ocupada pelo próprio), ou na Trump Palace Condominiums, terminado em 1991, com 54 pisos e 190 metros de altura, sempre em Nova Iorque.

Outros fazem construir grandes edifícios para toda a família: a torre Antilla, de Mukesh Ambani (conglomerado Reliance Industrie), arranha-céus de 27 pisos, 173m, em Bombaim, com jardim em cada andar, como os jardins suspensos da Babilónia, cinema, piscina olímpica, 3 heliportos, 150 lugares de parqueamento, instalações para mais de 500 empregados; Spelling Manor, numa parcela de 2ha, no bairro de Tony Holmby Hills em Los Angeles, da família de Aaron Spelling (produtor cinematográfico), depois da milionária Petra Ecclestone (filha de Bernie Ecclestone, F1), com uma centena de quartos, salão de beleza, sala de baile, cinema, discoteca e bowling, adega, elevador, jardins, pomar de citrinos, piscina, campos de ténis e parqueamento com uma centena de lugares; o príncipe Bandar bin Sultan, da Arábia Saudita, em 1991, enquanto embaixador nos EUA, construção do Hala Ranch, a norte de Aspen, no Colorado, com 15 quartos, elevador, sistema de segurança, hammam, piscina, campo de ténis, estábulos aquecidos, tratamento de esgotos, depois adquirido por John Paulson (fundador dos fundos Paulson &Co), etc.

Alguns novos-ricos privilegiam casas exóticas, mesmo cópias de monumentos: Suzanne Saperstein (reality show da Suécia, divorciada de David Saperstein, multibilionário americano, da rede de metro), e o palácio Fleur de Lys (no Triângulo de Platina, na área de Los Angeles, lugar de grande concentração de milionários), construído entre 1996 e 2002, inspirado no palácio de Versailles de Luís XIV, com doze quartos de dormir, quinze casas de banho, dois salões de baile, duas cozinhas, um cinema com cinquenta lugares, e acomodações para dez empregados, uma das mais caras no mercado americano (recentemente adquirida por Michael Robert Milken, criador do mercado dos títulos de alto risco e grande rendibilidade, por mais de cem milhões de dólares?); família Habsburgo e o castelo de Bran, na Roménia (castelo de Drácula); Serge Dassault, do Grupo Industrial Marcel Dassault S.A. (conglomerado francês) e a villa do Golfe, perto de Paris (Petit Trianon); castelo Maison Laffitte na China (55km de Pequim), de Zhang Yuchen (como atractivo do projecto de construção de mil villas de luxo), numa imitação

do equivalente francês construído a cerca de duas dezenas de km a noroeste de Paris, por François Mansart, tio de Jules Hardouin-Mansart, associado à construção do palácio de Versailles, a pedido de René de Longueuil, presidente do Parlamento de Paris e Superintendente das Finanças no período 1650-51; palácio imperial japonês de Larry Ellison, da Oracle, em Malibu, na Califórnia, num domínio de 9ha, com lagos, cascatas, pontes, spa, piscina; e também caravanas gigantes, com a forma do Globo, vários quartos e garagem para muitos carros, na Arábia saudita.

Outros introduzem pormenores pouco comuns: Paul Allen, na casa que adquiriu em 1997 em Beverly Hills, e o funicular ligando a piscina ao campo de ténis; Roman Abramovitch e o túnel de uma centena de metros como acesso directo à sala de fitness no meio da enorme piscina de 400m2 (lago artificial, com uma ilha também artificial) e outro de ligação ao campo de ténis, no castelo de La Croë, no Cap de Antibes (também possui a Villa Bover, no Lago Garda, que pertencera a Michael Schumacher). Exotismos comuns a outros novos-ricos na Côte d'Azur: elevador com interior dourado, na colina escavada no Cap de Antibes, para acesso directo à piscina, ou uma cabine com neve contígua à sauna, como referido por Bruno Aubry (2009).

4.2. Dos automóveis de luxo aos aviões particulares

Os homens mais ricos e poderosos, principalmente os milionários americanos, os maiores empresários europeus, os xeques árabes e os novos-ricos russos, chineses ou indianos, a par das jóias, obras de arte, antiguidades, enormes mansões, coleccionam carros fabulosos de grandes marcas (Rolls Royce, Porsche, Ferrari, Bugatti, Lamborghini). Refiram-se desde logo as colecções do sultão do Brunei Hassanal Bolkiah (3 mil automóveis, 531 Mercedes-Benz, 362 Bentley, 199 Ferraris, 188 AMG, 185 BMW, 178 Jaguares, 160 Porsche, 130 Rolls-Royce, 78 Aston Martin, 20 Lamborghini) ou a do xeique de Abu Dhabi, Hamad Al Nahyane (200 veículos, num museu em pleno deserto, com modelos gigantes e cores exuberantes). Alguns pagam somas inimagináveis para a aquisição das primeiras matrículas dos seus modelos preferidos (casos de Said Abdel Ghafar Khouri e de um seu familiar, Talal Ali Mohammad Khouri, de Abu-Dhabi).

Outros adquirem aviões, com as últimas novidades da tecnologia. O jacto privado não é um simples meio de transporte, mas sobretudo um garante de independência e liberdade, algo de exclusivo, estatutário, cultural e personalizado, no arranjo e decoração dos interiores: aviões como símbolos de riqueza, prestígio, nomeadamente entre os novos milionários do Golfe, da Rússia, da China e da Índia; liberdade e privacidade nas viagens de negócio, a Oeste como a Leste, mas

igualmente nas de lazer, como o se deslocar aos casinos de Macau, Singapura, Hong Kong ou mesmo Las Vegas, no caso dos bilionários chineses, ou de alcançar os seus iates no dos bilionários russos. Jactos de centenas de milhões de euros, ou apenas de algumas dezenas; jactos como os escritórios, os apartamentos e as villas urbanas, com todas as comodidades e funcionalidades; jactos com largo raio de acção ou bem mais pequenos; Boeing e Airbus com capacidade para o pessoal de serviço, a família, os amigos ou os conselheiros (cabines confortáveis, largas e espaçosas), interiores sofisticados, com madeiras exóticas, assentos em pele de girafa, sistemas de luz e som, climatização e grande redução do barulho, facilitando o descanso e o convívio, mesmo insonorização quase total.

Donald Trump (magnata do imobiliário dos EUA) possui um Boeing 757, que fora de Paul Allen (co-fundador da Microsoft), redecorado com muito luxo (espaço VIP, casa de banho de torneiras douradas, sala de cinema). Em 2007, o príncipe saudita Al Walid Ben Talal adquiriu um A380, verdadeiro palácio voador (320 milhões de dólares no catálogo), e em 2010, um Boeing 747 e um A340. Joseph Lau (imobiliário, de Hong-Kong) detém um Boeing 747-8I VIP, com uma adega e um ginásio; Roman Abramovich, um Boeing 767, tal como Larry Page e Serge Brin, fundadores do Google; Alisher Usmanov (minérios de ferro da Rússia), um Airbus A340-3009; Marc Cuban (criador da Broadcast.com) um jacto Gulfstream V; jactos do modelo Global (Bombardier) são propriedade de Steven Spielberg, Oprah, Bill Gates, Guy Laliberté (fundador do Cirque du Soleil), da família Desmarais, como também de milionários indianos. Lakshmi Mittal possui um Gulfstream G550, considerado como o Rolls-Royce dos jactos privados, com capacidade para 8 passageiros; Anil Ambani, um Falcon 2000, um Falcon 7X e um jacto Global Express, com controlo do barulho e das vibrações, facilitando as reuniões a bordo (modelo igualmente possuído por Bill Clinton e Steven Spielberg); Atul Punj (presidente do grupo Punj Lloyd) um Gulfstream IV, com duas camas, duche e salão; Gautam Singhania (Grupo de Raymond), também apaixonado por automóveis de corrida e iates de luxo, um jacto Challenger e um helicóptero; KP Singh (imobiliário), um Gulfstream IV, com capacidade para 14 pessoas. Explosão de jactos privados também entre os novos milionários da Nigéria, enriquecidos com o petróleo.

Grandes empresários franceses, como François Pinault (Falcon 7X), Bernard Arnault (Bombardier BD 700 Global Express), Martin Bouygues (Bombardier), Vincent Bolloré, Henri de Castries, e tantos outros, dispõem igualmente de jactos (ganhos de tempo; acessibilidade de determinados destinos; condições de trabalho favoráveis; confidencialidade) que utilizam com discrição, incluindo o próprio registo: JCDecaux (empresa de mobiliário urbano e publicidade exterior), com 2 jactos sedeados no Luxemburgo, ou Marc Simoncini (Meetic) com um jacto

sedeado no Reino Unido. Assim sucede com muitos outros empresários, casos de Sergio Mantegazza (suíço, império de viagens Globus), com um helicóptero e um Falcon, Philip Green (grupo Arcadia, gigante do retalho no RU, residente no Mónaco) e o seu Gulfstream G550, ou Lakshmi Mittal, com um Gulfstream G550 registado nas Bermudas.

Alguns detêm verdadeiras frotas aéreas: Joseph Lau, Mukesh Ambani, Sergey Brin, Larry Page, Paul Allen, Bernard Arnault. Paul Allen e a sua colecção de aviões da IIGG; sultão do Brunei e o seu Boeing 747-430 com decoração sumptuosa a ouro e cristal de Lalique, a par de dois A340 e um 767); Al Waleed Bin Talal Ibn Saoud, sobrinho do rei da Arábia Saudita (acções no Citigroup, Twitter e Apple, hotéis de luxo como o Savoy em Londres, o The Fairmont em San Francisco, o Plaza e o Four Seasons em Nova Iorque, 3 iates, 200 automóveis, 3 palácios), e uma colecção de jactos (um Boeing 747, um Airbus 321 e um Airbus A380 Prestige, encomendado em 2013, como um palácio de 3 pisos, com garagem para dois dos seus Rolls Royce e espaço para os seus cavalos e camelos preferidos, e para os seus falcões, escadaria palaciana, sala de jantar para 14 pessoas, sala de concertos com grande piano, sala de orações com tapetes ajustados automaticamente na direcção de Meca, cinco suites de luxo, banho turco, elevador, entrada privada para o príncipe, ecrã gigante para ver as áreas atravessadas, grande sala de reuniões, totalmente equipada (telefone, internet), e muita sofisticação; Mukesh Ambani e o seu Boeing Business Jet 2, entre hotel voador e uma sala de reuniões, com escritório e quarto de dormir, além de um Falcon 900EX e um Airbus 319 personalizado, com escritório, sistemas de música, televisão e comunicações sem fio; Vijay Mallya (indiano United Beverages Group), um A319 ACJ com autonomia para grandes distâncias, interiores com todo o conforto moderno, capacidade para 24 pessoas, um misto entre habitação e escritório (possui igualmente um Gulfstream, um Hawker e um Boeing 727). Entre o bling-bling e a opulência, jactos privados como residências de luxo, com quartos de hotel de muitas* (mármores, couros, madeiras, dourados, salões privativos, camas king size), salas de cinema e enormes gastos na adaptação dos seus interiores (cem milhões de dólares no caso de um Airbus A380 para o rei Fahd da Arábia saudita).

Luxo, intimidade e flexibilidade, e valores da ordem das centenas de milhões de euros, mesmo se com problemas de estacionamento, nos aeroportos civis (boeing 767-200 de Larry Page e Sergey Brin, do Silicon Valley, 48m de comprimento). Com a crise e a recessão alguns potenciais compradores tornaram-se mais discretos, os jactos privados perdendo a áurea do sucesso pessoal e veiculando a imagem depreciativa de «champanhe e caviar»: pressão social contra certos gastos, preferência por partilha ou o aluguer dos jactos de negócio, quando disponíveis, na Europa como nos EUA (clubes de empresários; propriedade partilhada ou

timesharing), recurso a jactos-táxi, ou mesmo ao aluguer dos próprios jactos nos períodos mortos (ajustamento dos modelos aos percursos, regionais ou intercontinentais). Evitam-se ou limitam-se os custos, sempre elevados, da sua compra e manutenção. Na continuidade, reduzem-se as vendas dos construtores de jactos de negócio, a nível global (870 em 2009, 763 em 2010, 681 em 2011, em oposição aos crescimentos anuais de 8% entre 2003 e 2008).

4.3. Iates como grandes mansões, isoladas e móveis

Os muito ricos investem igualmente somas vultosas na compra de grandes iates, muitos deles apenas para festas e pequenos passeios pelos locais onde são atracados (Mar Mediterrâneo no Verão, especialmente na Côte d´Azur, no nordeste da Sardenha/Costa Esmeralda, nas ilhas Baleares e na Costa del Sol/Marbelha; Caraíbas no Inverno). Outros dão preferência a grandes veleiros, como o Eos Impressive, de Barry Diller (indústria cinematográfica Paramount, FOX), o maior veleiro privado, uma escuna de madeira com três enormes mastros, os mais modernos equipamentos electrónicos, algumas pequenas lanchas ultra-potentes para o translado de convidados até terra firme. Carlos Slim Helu, mexicano e um dos homens mais ricos do mundo (telecomunicações), privilegia todavia a sua colecção de arte (com quadros de Van Gogh e Renoir e esculturas de Rodin) e contenta-se com o Vango, nome derivado de Vincent Van Gogh, um iate de apenas 50m, 6 suítes, elevador, heliporto...

A posse de iates garante independência e liberdade, luxo e privacidade, à margem de paparazzi. São espaços de exclusividade, segregação, com «fronteiras» rígidas, para além de qualidade, sofisticação, luxo e mordomias pessoais, conforto, e também mobilidade e sustentabilidade ambiental, incluindo emissões de CO2. Alguns iates gigantes, de mais de 100m, são usados essencialmente para festas e pequenos passeios: dispõem no geral de suítes, saunas, jacuzzis, piscinas, mesmo praias artificiais com areias do Mundo, bibliotecas, salões, salas de cinema e concertos de orquestra, tectos móveis, elevadores, pistas de helicópteros, vidros anti balas, pequenos submarinos, sistemas de detecção de mísseis. Alguns alugam-nos por somas exorbitantes (4 e 5 milhões de dólares por semana), mesmo como *charters* (possibilita a isenção de taxas). Por exemplo, em 2014, Bill Gates alugou o Serene para passear com a família na região da Sardenha, pertença do magnata russo Yuri Scheffler (da vodka Stolichnaya): 133 metros, heliporto, piscinas (uma delas com água do mar), jacuzzis, spa, pista de dança, parede de alpinismo, cinema, Wi-Fi, biblioteca, 12 cabines, incluindo uma suíte principal, capacidade para meia centena de pessoas, com a tripulação (o site Yacht Charter Fleet, de aluguer de barcos, indica que o Serene se aluga por cerca de 2,150 milhões de euros por semana).

A tendência tem sido para iates de recreio cada vez maiores, mais largos, mais equipados, com custos de construção de centenas de milhões de euros e custos de manutenção também muito elevados, a par de dificuldades de acostagem. Entre os iates mais caros, figuram: o Supreme, de Robert Kuok, dos homens mais ricos da Malásia, com revestimentos a ouro e platina; o A, de Andrey Melnichenko (metalurgia e minas de carvão), com corrimão de prata, suíte principal que abre apenas com a impressão digital do proprietário, uma cama giratória para ver o mar de todos os ângulos, piscina com fundo de vidro; o Lady Moura, de Nasser Al-Rashid, fundador de Rashid Engineering, da Arábia Saudita, com barco-táxi veneziano, praia artificial; o Rising Sun, de Larry Ellison, presidente da Oracle, e de David Geffen (seu sócio), com dezenas de quartos, ginásio, spa, cinema, adega, heliporto, campo de basquetebol, catamarã; o Ecstasea, todo em aço e decorações interiores sofisticadas, que também fora de Roman Abramovich, vendido em 2009 a HH Mohammed bin Zayed Al Nahyan, filho do Emir de Abu Dhabi, e em 2014 ao bilionário paquistanês Alshair Fiyaz, residente em Londres, fundador da ALFI Investments (turismo; charter); o Tatoosh, construído para Craig McCaw (telemóveis) e vendido em 2001 a Paul Allen (co-fundador da Microsoft), que também possui o Octopus; o Seven Seas, de Steven Spielberg, com salão adaptado a cinema, televisão ao ar livre.

Entre os iates mais luxuosos e personalizados destacam-se os de gente do mundo da moda (festas, modelos e celebridades) como Giorgio Armani, Roberto Cavalli, Valentino, respectivamente o Mariu (habitualmente em Monte Carlo), o Skark/Baglietto (muda de cor com a intensidade da luz, frequentemente em Portofino), o T.M. Blue One, de Valentino (T.M., Teresa e Mauro, seus pais; habitualmente em Veneza) ou ainda o Regina d' Itália, de Dolce & Gabbana, casa de moda criada por Domenico Dolce e Stefano Gabbana em 1985.

Luxo personalizado também em iates mais pequenos ou entre os explorados como charters, desde logo o Christina, de Aristotle Onassis desde 1954: «lugar» de encontro de ricos e famosos, como Winston Churchill, John F. Kennedy, Maria Callas, Jackie Onassis, Grace Kelly, Marilyn Monroe, Richard Burton, Elizabeth Taylor, Rudolph Nureyev, Greta Garbo, Frank Sinatra.... Também o Skat, de Charles Simonyi, responsável pelo programa Excel da Microsoft, e o Al Menwar/Yaakun que foi da família real do Qatar, decorado com mármores e pedras preciosas; o Cedar Sea II dos libaneses Mouawad (joalharia), um dos mais ricamente decorados, com mármores, marfins, corais e pedras preciosas, como um palácio aquático, onde não falta uma cabine médica. E ainda o Seven Seas, de Steven Spielberg, com piscina infinita e grande sala de cinema; o Cyan, de Bono (U2), o Privacy, de Tiger Woods (golfe), o Vajoliroja, de Johnny Depp (actor), o Aussie Rules, de Greg Norman (golfe, Austrália), que antes possuíra o Nomad; o Va Bene,

de Eric Clapton (músico), o Force Blue, de Flavio Briatore (equipa Renault Formula Um), com seis cabines luxuosas, centro de bem-estar, grande ginásio, capacidade para receber 500 convidados, e 80 sentados para jantar. Originalidade também no Ice, de Suleiman Kerimov, industrial e deputado russo, que criou uma atmosfera Zen, ou no Coral Island, do xeique Abdul Mohsen Al – Sheikh Modhassan, multimilionário da Arábia Saudita, criador de cavalos árabes; antes também o iate Pelorus, interior em estilo polinésio e até 1999 com um quadro de Picasso (Busto de Mulher, 1938), então roubado enquanto ancorado no porto de Antibes. Ou no moderno o Illusion V, explorado como *charter,* com quatro andares, capacidade para 12 pessoas, escadaria, mármores, salão, área de relaxamento, grandes janelas laterais, salas de cinema, outras de reuniões informais e de fumo, ginásio, jacuzzi, adega, garagem para duas moto aquáticas, equipamentos de mergulho.

Iates como grandes mansões, de proprietários exigentes e excêntricos, indo dos xeiques árabes aos magnatas russos, alguns encomendados durante o auge da crise financeira e económica, uns de grande luxo, verdadeiros palácios flutuantes (arquitectos, estilistas, decoradores), personalizados, inovadores (arquitectura, tecnologia e estética, modernidade e sofisticação), exclusivos, mesmo exóticos (barco-ilha da companhia austríaca Orsó, metade ilha-metade iate, capacidade para uma dúzia de pessoas nos seus seis quartos, solário, jacuzzi, pista de dança, salão com grandes janelas e vistas panorâmicas sobre o mar).

Iates exclusivos, com todo o conforto, sofisticação, criatividade, originalidade, inovação, arquitectura, *design* exterior e dos interiores, decoração e estilismo, suites presidenciais palacianas, cabines VIP, áreas sociais e deques, velocidade, estabilidade, redução do barulho, sustentabilidade, incluindo tratamento de águas usadas, painéis solares, sistema eólico silencioso, tripulação competente, que são construídos sobretudo na Alemanha, Holanda, Itália, Inglaterra e Grécia.

Iates adaptados a escritórios flutuantes de empresas: Lauren L, de Mikhail Khodorkovsky (Yukos Oil), com 25 cabines, sala de conferências, biblioteca; Reborn, de Reg Grundy (australiano, cinema, média), com estúdio fotográfico, sala de conferências, sala de cinema e ginásio, salão de cabeleireiro; New Horizon L (1983), antes White Cloud, do milionário alemão Bram van Leeuwen, conhecido como Príncipe de Lignac, habitado permanentemente pelo seu proprietário e usado como residência e escritório.

Luxo e liberdade, sempre muito caros, pelos custos iniciais, pelos de manutenção e operacionalidade, pelos impostos que neles recaem e pelos dos lugares de amarração das marinas, nomeadamente das mais prestigiadas, onde importa ser visto, e com capacidade para acolher os super-iates: no Mediterrâneo, casos de ACI Marina Split e Hvar Marina, na Croácia, Capri, Portofino, ambas pequenas, Porto Cervo, na Costa Esmeralda (Sardenha), Porto Hercules no Mónaco, Saint

Tropez, Cannes e Port Camille Rayon, no Golfe Juan em Antibes, no sul de França, ou ainda Marina Port Vell, em Barcelona, Ibiza Magna e Puerto Jose Banus em Marbelha; nas costas americanas, Porto de Gustavia, em Saint Barths, Yacht Haven Grande, St. Thomas, nas Ilhas Virgin; além das grandes marinas de Miami Beach, na Florida, e Yas Marina, em Abu Dhabi.

Recordemos os maiores iates: Azzam, do xeique Khalifa Bin Zayed Al Nahyan, dos Emirados Árabes Unidos (180 metros de comprimento, velocidade de navegação 55km/h, 50 suites, vasto salão com decoração estilo império, 50 tripulantes, 2 heliportos e 2 helicópteros, vidros anti balas, pequeno submarino para exploração dos fundos, capacidade para um milhão de litros de combustível); Eclipse, de Roman Abramovich (163 metros, suite, com varanda própria, duas grandes salas e um jardim privado, 2 heliportos, 15 cabines, um grande lobby, salão de dança, cinema, biblioteca, restaurante, 2 piscinas, uma no exterior, com 16 metros, que pode ser convertida em pista de dança, e outra no interior, tripulação de 70 membros, 30 guarda-costas/segurança, detector de paparazzi, que inutiliza qualquer câmara digital próxima, mini submarino com capacidade para duas pessoas, que pode submergir até 50m e tem autonomia para cerca de quatro horas, sistema de radar similar aos usados em navios de guerra, permitindo detectar possíveis navios-piratas e até mesmo mísseis); o Dubai, inicialmente do príncipe Jefri do Brunei, vendido a Mohammed bin Rashid al-Maktoum, Emir do Dubai (162m, 7 pisos, 3 elevadores, cinco quartos VIP, grande escadaria de vidro, decoração sofisticada, capacidade máxima para mais de cem pessoas, incluindo convidados e tripulação, salão de beleza, ginásio, cinema, discoteca, piscina, garagem para o pequeno submarino, heliporto); o Al Said, do sultão Qabus bin Said, de Omã (155m, 6 pisos, grande sala para concertos de orquestra, capacidade para 60 convidados, tripulação numerosa, serviço requintado, heliporto, habitualmente ancorado no porto de Muscat, Oman); o Topázio, do xeique Mansour bin Zayed bin Sultan Al Nahyan, de Abu Dhabi (147m, oito andares, dois heliportos, jacuzzis, plataforma de mergulho, cascata de água entre os deques, três piscinas e seis cabines de luxo, mini-submarino e estabilizadores para que o balanço do mar não incomode os ocupantes), emprestado ao amigo DiCaprio, durante a Copa do Brasil; o Príncipe Abdulaziz, iate do rei Abdullah da Arábia Saudita (147m, grande lobby à imagem do Titanic, hospital, mesquita, sala de cinema e sofisticados sistemas de segurança), habitualmente estacionado no porto de Jeddah, ao lado do palácio real; o Al Salamah, do príncipe Bin Abdulaziz, da Arábia Saudita, governador de Riade (139m, dezenas de quartos para hóspedes e tripulação); o Serene, de Yury Scheffler, empresário russo do sector das bebidas alcoólicas, incluindo a distribuição internacional de vodka (134m, capacidade para 52 pessoas, enorme piscina de água do mar, com jactos, sauna, sala de jogos, sala de cinema com vista para

o fundo do mar, ar condicionado, piscina aquecida, elevador, dois heliportos, pequeno submarino); o A, de Andrey Melnichenko, magnata russo do sector de energia (119m, capacidade para 40 pessoas).

Também o Pelorus de David Geffen, norte-americano co-fundador da DreamWorks Animation, e antes de Roman Abramovich, vendido pela ex-mulher Irina Abramovich; o Al Mirqab, pertença de Hamad bin Jassim bin Jaber Al Thani, primeiro-ministro e ministro dos Negócios Estrangeiros do Qatar (capacidade para 36 pessoas, 4 pisos, escadaria interior, decoração faustosa, duas dezenas de tripulantes, jacuzzis, jactos de água, cinema, bares e esplanadas, heliporto, durante a maior parte do ano na costa de Faliro/Atenas); o Octopus de Paul Allen, co-fundador da Microsoft (com Bill Gates, em 1975), com heliporto, submarino para 10 pessoas, piscinas, sistema especial para estudos no fundo do mar, habitualmente em Antibes/International Yacht Club Marina; o Katara, ex Crystal, construído para o xeique Hamad bin Khalifa al-Thani, emir do Qatar até Junho de 2013, seguido pelo filho, o xeique Tamim bin Hamad bin Khalifa Al Thani; o Savarona, construido 1931 para Emily Roebling Cadwalader, da família de John A. Roebling, ligada à construção da Ponte Brooklyn, em 1937 adquirido para iate presidencial de Kemal Ataturk (fundador da moderna Turquia), e por fim cedido pela Marinha turca em 1989 a Kahraman Sadikoglu, que o adaptou a charter de luxo (sultão do Brunei, rei Juan Carlos de Espanha, princesa Diana, Valentino, Tom Cruise); o Radiant, encomendado por Boris Berezovsky, magnata russo morto em 2013, e por ele vendido a Abdulla AlFuttaim, investidor dos Emirados Árabes; o Dilbar pertença Alisher Usmanov, com heliporto e uma tripulação de 48 pessoas; o Radiant de Boris Berezovsky, como rival do Pelorus, pertença de Roman Abramovich; o Nirvana (quartos luxuosos, elevadores, banheiras de hidromassagem, sala de musculação, piscina, cinema 3D, heliporto, garagem com capacidade para 10 jet- skis)...

No conjunto dos melhores iates, destacam-se o Assam, do xeique Khalifa bin Zaved Al-nava, dos Emirados Árabes, o mais recente; o Eclipse, de Roman Abramovich; o Dubai, do Sheik Mohammed bin Rashid al Maktoum, dos Emirados Árabes; o Al Said do sultão Qabus bin Said, de Omã; o Príncipe Abdulaziz, da família real da Arábia Saudita; o Al Samah, do príncipe Abdul Aziz, o Al Saud da família real da Arábia Saudita, o Al Mirqab, do xeique Hmad bin Khalifa Al Thani do Qatar, ou ainda o Lady Moura, de Nasser Al-Rashid (praia artificial), o Rising Sun, de Larry Ellison (presidente da Oracle) e de David Geffen (seu sócio), o Al Salamah, de Abdual Aziz Al Saud, da Arábia Saudita, etc. Sem esquecer o Octopus de Paul Allen, de 2003, então o iate mais luxuoso, com 126m, sala de cinema, piscina, campo de basquetebol, heliporto, sala de videoconferência, e um submarino com capacidade para uma dezena de pessoas.

Em suma, os proprietários dos melhores iates, excluindo os construídos para *charter* ou mini-cruzeiros de luxo, são dos homens mais ricos do mundo, das listas da Forbes Magazine (América do Norte, Rússia, Países do Golfo), alguns possuindo vários grandes iates, de centenas de milhões de dólares, a par de aviões particulares, residências de luxo espalhadas por áreas nobres das grandes cidades como Londres, Paris, Nova Iorque ou lugares turísticos de muito prestígio (Côte d´Azur, Lagos italianos, Costa Esmeralda), ou mesmo ranchos, coudelarias, quintas de luxo e equipas desportivas. Contam-se actualmente muitas dezenas de grandes iates de luxo, especialmente no Médio Oriente (31), seguido pela Rússia (19, bilionários russos conhecidos como Roman Abramovich, Andrei Melnichenko, Mikhail Prokorov, Vladimir Potanin e Alisher Usmanov) e Estados Unidos (17, entre eles Paul Allen, com o Octopus e o Tatoosh, Steve Jobs com o Vénus e Steven Spielberg com o Seven Sea), e alguns na Europa (Bernard Tapie com o Renascer, de 75m, na posição 96, e o director do Daily Telegraph, com o Enigma, 74m de comprimento). Roman Abramovich possui o Eclipse, 163m, o Luna 115m, em substituição do Le Grand Bleu, 112m, que fora do barão John McCaw, das telecomunicações dos EUA, favorito entre os seus vários iates, o Sussurro de 1998, e antes o Pelorus, 115 m, vendido a David Geffen (produtor musical norte-americano), e o Ecstasea, com 86m; Paul Allen, com os iates Meduse (60,6m), Tatoosh (92,4m), Octopus (126m) e Charade (47m); Larry Ellison (Oracle Corporation), com o iate Ronin (58m), o Enigma (75m), Musashi (88m) e o Rising Sun (138m); Dennis Washington, empresário americano de Montana, o iate Atessa III, e tantos outros. Entretanto, Bill Gates, que não possui o seu próprio iate, utiliza os superiates de familiares, amigos ou parceiros dos negócios, como o Octopus de Paul Allen, o Attessa de Dennis Washington ou o Skat de Charles Simonyi.

Aos iates juntam-se os submarinos, a nova moda entre os super-ricos, para exploração dos fundos, com conforto e segurança e longe dos paparazzi: muitos anexam aos seus iates pequenos submarinos (poucos iates os podem acomodar, só os maiores e mais novos); outros substituem os iates por submarinos grandes, confortáveis, mesmo luxuosos, e tecnicamente sofisticados, verdadeiros iates submersíveis casos do Phoenix 1000, o maior submarino privado (65m, 4 pisos, 450m2 de apartamentos, cinema, jacuzzi), ou do Migaloo (oito suítes, biblioteca, ginásio, jacuzzi, piscina, elevador), como um iate e um submarino. Trata-se de um mercado ainda no seu início e composto sobretudo de proprietários de iates (australianos, russos, estadunidenses), embora se desconheça os nomes de muitos dos proprietários de submarinos privados. Entre eles figuram todavia: Paul Allen, iate Octopus, e o Yellow Submarine; Roman Abramovich, iate Eclipse, um submarino; Richard Branson, fundador da Virgin, e Tom Perkins (ambos bilionários); Lakshmi Mittal, indiano, presidente da Arcelor Mittal; Vladimir Romanov (Ukio Bankas, o

primeiro banco privado da Lituânia, interesses em muitos ramos económicos e em muitas países: alumínio, têxteis, televisão; Lituânia, Ucrânia, Bósnia e Herzegovina, Bielorrússia, Rússia, Sérvia); James Cameron (realizador dos filmes Titanic e do Avatar) e tantos outros. Certas empresas de turismo náutico recorrem a submarinos, pequenos, para poucos turistas, ou grandes, com capacidade para dezenas de pessoas, e potência para descidas a muitos metros de profundidade: a Lovers Deep oferece (2014) experiências de exploração das profundezas dos oceanos até uma centena de metros.

No seu todo, conta-se uma centena de submersíveis e alguns submarinos privados e de recreio, com autonomia relativamente à posse de iates, um mercado ainda no seu início, pouco mais do que uma dezena: cerca de 15 a 20 submarinos privados vendidos até Setembro 2012, sobretudo a proprietários de iates, australianos, russos, estadunidenses (já que poucos iates os podem acomodar, só os maiores e mais novos). Temos assim, desde os anos 1990, por um lado submarinos de recreio como o Triton 1000, «brinquedo» para os donos de iates, e por outro iates submarinos, como o Proteus, luxuoso e tecnicamente sofisticado, ou o Nomad 1000 (turístico, até 36 passageiros), com os riscos de uso indevido dos mesmos (terrorismo, drogas), a par do recreativo e turístico.

4.4. Ilhas privadas

Uma ilha privada é vista como um lugar privilegiado de calma e intimidade, entre familiares e amigos, longe dos olhares do público comum, e dos males do mundo moderno, um símbolo de *status,* um luxo supremo, mesmo uma excentricidade, apenas ao alcance dos mais abastados, por compra ou apenas por aluguer por um curto período de férias: os novos Robinson Crusoë, homens de negócios, magnatas da indústria e do comércio, estrelas do espectáculo ou do desporto, e igualmente as empresas turísticas e de cruzeiros, com o desenvolvimento de ilhas-resort. Nuns casos como retiro privado, noutros com fins de exploração para um pequeno nicho de mercado.

As ilhas figuram, com efeito, entre os lugares de férias de grande luxo e exclusividade, a par dos castelos e casas senhoriais de prestígio: na Velha Europa, nas Seychelles, Maldivas, Caraíbas, Barbados, Ilhas Virgens ou Porto Rico e Belize, mesmo no Dubai, (ilhas-palmeira/Palm Jumeirah Islands, a que se junta o projecto Mundo, cada ilha representando um país), no Bahrein (Durrat al-Bahrain, complexo de 14 ilhas artificiais para residências, shoppings e hotéis de luxo, e ilhas Amwaj, arquipélago na costa nordeste), no Qatar (a Pérola, residencial) ou no Kuwait (Green Island, entre Al-Shiwaikh e Ras Alard), onde foram gastas somas enormes a construir artificialmente pequenos espaços insulares, que atraíram

compradores de renome mundial, desde Michael Schumacher ou Rod Stewart a Jolie-Pitt e aos Beckham.

Ilhas privadas mais ou menos virgens, outras estatais, com diferentes condições de ocupação e construção, além de infra-estruturação, problemas de abastecimento de água potável e de acessos, manutenção e guarda, impostos e direitos de posse ou de uso por certos períodos, renováveis, sobretudo na Ásia. Nem sempre as pequenas ilhas podem ser compradas e objecto de apropriação plena: nas Filipinas, um estrangeiro não pode comprar uma ilha, na Nova-Zelândia pode faze-lo se esta ter sido antes proposta no mercado nacional durante um certo tempo. No início, instalar-se numa ilha deserta era uma aventura (isolamento) e um luxo muito dispendioso: além da aquisição das mesmas, investimentos vultosos na construção de alojamento, com importação de alguns materiais, no abastecimento e tratamento da água e esgotos, produção de electricidade, trabalhos de conservação, comunicações por satélite, e as novas preocupações ambientalistas, no sentido da conservação e sustentabilidade. Acrescem os riscos associados a ciclones, sismos e tsunamis, crises políticas, insegurança, pirataria, tráfico de drogas, ou simples problemas ambientais algo banais: tempestades, humidade e calor, répteis, mosquitos, condições sanitárias em geral (problemas superados nos arquipélagos artificiais).

Os preços das ilhas vão das dezenas de milhar às centenas e mesmo aos milhões de dólares, podendo nas Bahamas chegar aos 50 milhões, um pouco menos nalguns arquipélagos ao largo do Belize, Nicarágua ou Honduras. O Sudeste da Ásia conta muitos milhares de ilhas (a Indonésia 17 mil, as Filipinas cerca de 7.100), poucas à venda e sempre a preços proibitivos, empolados pela procura das grandes cadeias hoteleiras internacionais, que também constroem e vendem villas adjacentes aos seus hotéis, tal como ocorre nos *resorts* das Maldivas (casos de Soneva Fushi e Soneva Gili, mobilizando compradores do Médio Oriente, da Rússia, da Ásia): Aman Resorts ou Cacao Pearl (Palawan) nas Filipinas, Soneva Kir na ilha tailandesa de Koh Kood, do grupo Jumeirah (que explora o hotel Burj Al Arab, do Dubai), Village em Coconut, no Vietnam, etc. Na Europa, as pequenas ilhas naturais apenas são numerosas na costa dálmata e mais ainda na costa grega, no geral desabitadas, nem todas admitindo construções particulares, quando muito construções integradas em projectos de desenvolvimento turístico, pela cedência de uso a longo prazo.

Actualmente encontram-se à venda muitas ilhas gregas privadas, na continuidade da crise e dos crescentes impostos sobre as fortunas, outras das costas da Bretanha e do Reino Unido, e outras ao largo da América Central, bem como nas Seychelles e na Polinésia, que interessam diferentes categorias de compradores, particulares com orçamento médio ou muito ricos, e promotores imobiliários com

vista à construção de complexos turísticos, por vezes com deslocalização da população indígena residente. Numa listagem recente das ilhas mais caras do mercado, com valores superiores a 25 milhões de dólares, temos por ordem decrescente (a crise financeira fez cair consideravelmente os seus preços desde 2008, ao reduzir as fortunas dos potenciais compradores): Vatu Vara, nas Fiji, vulcão extinto, dois picos que descem para uma lagoa azul, banco de corais junto desta e praias (75 milhões); Ronde, em Granada, ainda virgem, colinas e vales, vários ancoradouros naturais, cercada por corais (70 milhões); Grande Hans Lollik, nas Ilhas Virgens (U.S.), 200ha em forma de crescente, apenas a 2,5Km de Saint Thomas (45 milhões); Cerralvo, no Mar de Cortez (México), colinas e penhascos em Baja, árida (45 milhões); Kanacea, nas Fiji, vulcânica, com 7 picos, uso agrícola (44 milhões); Kaimbu, também nas Fiji, hotel-resort 5* construído com madeira e cordas em fibra de coco (38 milhões); Pakatoa, na Nova Zelândia, 33 chalés, 10 cabanas, restaurante, café-bar, piscinas aquecidas, que pertenceu ao magnata do teatro Robert Kerrdge (35 milhões); Exuma Cay, nas Bahamas, 275ha, baías, praias de areia branca, fontes de água fresca, casa de dois andares, com seis quartos, piscina, pista de aterragem (760m), instalações para caseiros e empregados (35 milhões); Little Hans Lollik, nas Ilhas Virgens (U.S.), 40ha de paraíso tropical, paisagem de colinas (33,7 milhões); Coakley Cay, 24km a oeste de Georgetown (25 milhões). Notemos, por comparação, que a ilha Il Galli, entre Positano e Capri, na Costa Amalfitana, esteve à venda por 268 milhões de euros: paisagem natural, praia particular, villa italiana, erguida pelo bailarino e empresário Rodolfo Nureyev...

Algumas ilhas foram adquiridas por empresas turísticas e integradas no seu negócio: Por um lado, Castaway Cay ou Gorda Cay, nas Bahamas, perto da ilha Great Ábaco, comprada pela Walt Disney (em 1997 e por 99 anos) para uso exclusivo da Disney Cruise Line (Disney Wonder, Disney Magic, Disney Dreame, Disney Fantasy) (porto, praias, espaços recreativos; abastecimentos; dessalga da água do mar). Por outro, Niihau, no Havai (180km2, 160 habitantes na viragem do século, fortes tendências para redução), pertença de Elizabeth Sinclair (de Glasgow, e com fazendas na Nova Zelândia) desde 1864 (Bruce e Keith Robinson, herdeiros actuais), com criação de ovinos e actividades artesanais, receitas completadas por importantes funções militares e exploração turística não invasiva desde 1987 (passeios de descoberta, safaris de caça, mas não alojamento, nem contactos com a população local). Algo de semelhante ocorre na Europa, como na Ilha do Cavallo, do arquipélago de Lavezzi, entre o mítico Estreito de Bonifácio e o Parque Internacional da Madalena: pequena (cerca de 800m de comprimento), privada, rochosa, com pequenas enseadas de águas cristalinas azul-turquesa e a única habitada, em função do turismo; em 1967 foi comprada e urbanizada por Jean Castel, como *resort* exclusivo, elegante, fechado e privilegiado; villas de gra-

nito, a rocha do local, como residências secundárias; Hotel & Spa des Pêcheurs, com meia centena de quartos, em harmonia com as superfícies nuas das rochas, piscina, jardim, restaurante, da rede dos Small Luxury Hotels of the World; ambiente calmo, sem circulação automóvel, excepto veículos eléctricos; pequena área comercial com algumas lojas e restaurantes; heliporto e marina, além de um campo de golfe; ideal para os amantes de vela (vento no Estreito). Um verdadeiro paraíso de milionários, explorado pela CODIL (Compagnie des ilhes Lavezzi, maioritariamente de capitais italianos, «mais ou menos mafiosos»?), e clientelas elegantes, de Grace Kelly e a família real de Sabóia a Paris Hilton.

A vaga de apropriação individual de ilhas remonta pelo menos aos anos 60 e ao grande armador grego Aristotle Onassis, que adquiriu a ilha de Skorpios, no mar Jónico, em 1963, transformando-a numa estância pessoal de férias adequadamente luxuosa (pequenas praias de areia; East Beach, com areia importada das ilhas Salamis; floresta de espécies introduzidas; três residências, cais e heliporto), e onde teve lugar a cerimónia do seu casamento com Jacqueline Kennedy, ex-primeira-dama dos Estados Unidos da América, em 1968, que a publicitou. Ekaterina Rybolovlev, filha do multimilionário russo Dmitry Rybolovlev (recordemos: grupo Uralkali, minas de potássio, indústria de adubos, acções no Banco de Chipre, importantes investimentos imobiliários, como uma villa na Florida que fora de Donald Trump, uma mansarda no Mónaco, uma casa no Havai que antes pertencera ao actor Will Smith, um apartamento em Nova Iorque, a oeste do Central Park; e igualmente proprietário do clube de futebol AS do Mónaco), comprou-a em 2013 (então apenas 2 habitantes) a Athina Onassis Roussel, filha de Christina Onassis e de Thierry Roussel e sua herdeira (casada com Álvaro Alfonso de Miranda Neto, cavaleiro brasileiro residente em São Paulo), tendo como objectivo o seu desenvolvimento turístico, com novas infra-estruturas e tecnologias respeitadoras do ambiente. Por sua vez, Marlon Brando adquiriu em 1965 o atol Tetiaroa, no sul do Pacífico (Polinésia Francesa), a meia centena de quilómetros de Tahiti (12 ilhotas em torno de uma lagoa de quase 5km, protegida por um grande recife de corais), que manteve até à sua morte em 2004: hoje reserva ecológica e *resort* de luxo, o The Brando, a que Dick Bailey, hoteleiro americano instalado em Tahiti, procura acrescentar um hotel de luxo. Anos depois (1975), o príncipe Shahram Pahlavi Nia, do Irão, comprou o atol de Arros (1,5km2, 90 habitantes), perto das Seychelles, que em 1998 foi adquirido por Liliane Bettencourt (herdeira dos cosméticos L'Oreal). John Lennon adquirira em 1967 a ilha Dorinish, na Irlanda.

Mais recentemente, o emir du Qatar, Hamad ben Khalifa, adquiriu (2013) 6 ilhas gregas inabitadas do arquipélago das Echinades, a sul de Corfu (golfo de Patras, mar Jónico): verdes, pobres em praias, muitas desabitadas; desde logo Oxia, de 5 km^2, não longe de Itaca, para futuro lugar de vilegiatura familiar estival

(palácio para as 3 mulheres e os 24 filhos, a construir), assegurando o abastecimento de água pela construção de uma conduta vinda da Grécia continental. Para mais tarde, planeia a aquisição das restantes ilhas do grupo, num total de 18, com vista ao seu desenvolvimento turístico, a par de outros grandes investimentos, como em Hellinikon (620ha, região do aeroporto de Atenas; imobiliário) ou no Astir Palace Hotel, à beira-mar e a sul da capital grega: as costas de Itaca são escassamente povoadas, relativamente inacessíveis, longe dos paparazzi, e visitadas de há por ricos e famosos, com os seus iates, também habituais em Corfu, desde Winston Churchill, John F. Kennedy, os Rothschild ou Maria Callas, ao Príncipe Carlos, aos políticos ingleses, a Madonna e a Roman Abramovich. O contexto é de diversificação dos investimentos (e dos rendimentos) pessoais e do emirado (petróleo e gás), um dos países mais ricos do mundo (mas apenas com 11.500 km2, 1,7 milhões de habitantes, cerca de 85 % imigrantes), que passa pela exploração de minas de ouro, banca, PME, na Grécia; pelo imobiliário de alta gama, a hotelaria histórica de luxo e as grandes empresas em França; idem, na Grã-Bretanha; também Volkswagen, na Alemanha, etc.

No velho Continente, a posse de uma ilha é todavia ainda símbolo de riqueza e estatuto: a procura é sobretudo regional, os compradores americanos endinheirados dando preferência a velhos castelos e solares nas áreas das suas raízes familiares, como a Irlanda e a Escócia, a grandes casas em Paris (hotéis particulares) ou a villas sumptuosas em regiões de grande prestígio turístico, como a Côte d'Azur ou o Lago Como, como também o fazem os novos bilionários dos BRICs; aquisições tendo em vista a sua ocupação durante uma parte do ano e a obtenção de rendimentos na sua ausência, por aluguer para férias em família ou mesmo realização de eventos envolvendo clientelas reduzidas e selectas.

Encontramos ilhas totalmente privadas nas costas da Escócia: ilhas Ascrib (Snizort), a noroeste da Skye, no início dos anos 90 adquiridas por Peter Garth Palumbo, promotor imobiliário inglês, e desde 2005, zona protegida; ilha Eilean Donan, com o seu castelo do século XIII, no oeste das Terras Altas, comprado em 1912 e reconstruido no período 1920-1932 por John Macrae-Gilstrap (militar), ligado à margem por uma ponte, não longe da vila de Dornie, local popular para casamentos e quadros cinematográficos; ilha de Inchkeith, na região de Edimburgo, com farol de 1802, restos de antigas casas, construções defensivas das duas GG, acessível por barco na maré-alta (porto no lado oeste, virado para Forth Bridges e Edimburgo), propriedade de Tom Farmer, empresário escocês, criador e proprietário da cadeia de Kwikfit (garagens de reparação automóvel, 1971), vendida em 1999 à Ford. Na Noruega, relevo para a ilha Utoya (10,6ha, 38km a noroeste de Oslo), no lago Tyrifjorden, a 500m da costa, com pontão de atracagem e serviço de ferries, adquirida por Jens Bratlie em 1893, para residência de férias

estivais, que manteve até 1933, quando foi comprada pela Trade Union Confederation, e desde 1950 utilizada pela Juventude do Partido Trabalhista como lugar de acampamento estival e de eventos, tristemente célebre em 2011 pelos atentados aquando de uma Universidade de Verão. Já no Canal da Mancha, destacamos a ilha Jethou, desde 1991 pertença de Peter Ogden, com enorme fortuna na informática (Computacenter em 1991), como residência secundária e apoio para regatas com o seu iate «Spirit of Jethou». Também o Rochedo e o castelo de Brecqhou (neogótico; arribas altas, em granito), na costa ocidental da ilha anglo-normanda de Sercq, a 30km da costa do Cotentin, perto de Guernesey, comprado em 1993 como feudo a John Michael Beaumont pelos irmãos Frederick e David Barclay (nobres) com fortuna no comércio retalhista (Shop Direct Group), na hotelaria (hotéis Ritz e Cavendish InterContinental) e na comunicação (grupo Telegraph Media), com o objectivo de isolar fiscalmente os interesses financeiros da família: casa senhorial em estilo Tudor do século XVI, jardins à Giverny, lago com carpas, vinha, campos e pastos, uma vintena de canhões, ponte-levadiça, interior como um museu barroco (mármores, tapeçarias, chaminés, tectos à imagem da capela Sistina, sumptuosa sala de banquetes), heliporto e câmaras de vigilância.

Nas costas francesas, essencialmente na Normandia, Bretanha e em particular no Golfo de Morbihan, mas também nas costas mediterrâneas, encontramos muitas outras pequenas ilhas privadas e mesmo públicas, algumas em venda nos últimos anos, segundo as ofertas das empresas da especialidade. Vejamos alguns exemplos: Forte dos Rimains, pequena ilha fortificada (Vauban) nos finais do século XVIII para defesa da baía do Mont Saint Michel, ao largo de Cancale, da família Poilâne (padeiros); ilha Illiec, das mais belas de Penvenan (Côtes d'Armor), que fora do compositor Ambroise Thomas e do aviador americano Charles Lindbergh, e actualmente pertença da família Heidsieck (champanhe Piper-Heidsieck); ilha Berder, no golfo do Morbihan, de Yves Rocher (cosmética), com 23ha, solar do século XIX, acessível na maré-baixa, alugada desde 1981 a LVT, associação de Loisirs Vacances Tourisme; ilha Jument (780m por 150m), rochosa (máximo 8m de altitude), com praia a sudeste, entre Larmor-Baden e Arzon (golfe de Morbihan), propriedade do barão Kremer e lugar de vilegiatura desde o início do século XIX, depois de Stéphane Mulliez, fundador dos armazéns de brinquedos Picwic (casa de 300m2, água da chuva tratada, painéis solares, acesso por mar a partir de Larmor-Baden: carro anfíbio), lugar de eventos familiares, mas aberta ao público para seminários profissionais; ilha de Boëdic, com muitas outras pequenas ilhas próximas, em zona litoral protegida no golfe de Morbihan (7,5ha, casa principal dos finais do século XIX, outras construções anexas, capela), adquirida a um modesto comerciante de Laval nos finais de 2010 por Olivier Metzner, advogado parisiense (penalista; casos de Dominique de Villepin e de Liliane Bettencourt;

apaixonado por vela, ópera e decoração), para residência de fins-de-semana, com recuperação das construções então muito degradadas (900m²), conversão da capela em salão de música com piano de cauda, introdução de sistemas de aquecimento geral, difusão de música clássica por toda a ilha e acesso informático.

Na França mediterrânea, refira-se a ilha d'Or, a leste de Saint-Raphaël, na ponta do cabo Dramont (pórfiros vermelhos, como no maciço de Esterel), rochosa, com cerca de 200m de comprimento, semáforo de 1860 sobre as ruínas de uma torre do século XVI, vendida pelo Estado em 1897 ao arquitecto de San Raphael, Léon Sergent, depois adquirida pelo médico Auguste Lutaud, responsável pela edificação da torre em estilo sarraceno (1912), e em 1961 por François Bureau, oficial da marinha, que a habitou até 1994: teatro de grandes recepções aristocráticas (e do desembarque do exército americano na praia de Dramont em 1944). Como destino turístico, relembrem-se as ilhas Bendor e Les Embiez, a alguns km de Toulon (95ha, 600 habitantes, 63m de cota máxima, paisagens idílicas), compradas por Paul Ricard (Marselha; Pernod Ricard), em 1950 e 1958, então apenas com um forte e uma velha torre abandonados (vigias contra piratas), para refúgio sazonal da família. Embiez, ilha Nature, e Bendor, ilha des Arts, são actualmente exploradas pela sociedade Paul-Ricard, dos filhos Bernard, Patrick e Danièle: aqui foram construídos o porto para acesso (a partir do pequeno *porto de pesca), 2* hotéis de 4* (80 quartos, Hotel Hélios em Embiez e Hotel Delos em Bendor), Le Palais, com 8 villas, centena e meia de apartamentos, residências para artistas (pintores, escultores-artesãos), restaurantes, espaços para exposições, simpósios, seminários e conferências, e plantadas vinhas (domínio vitícola de Embiez; enoturismo) e pinhal. Foi também criado o instituto oceanográfico, com respectivo aquário, o museu (associado a bebidas alcoólicas) e o porto de recreio St. Pierre des Embiez (1963; bandeira azul, certificação ISSO 14001; 750 lugares de amarração; reputação no mundo dos veleiros e iates; presença habitual do veleiro de luxo Le Garlaban, de 1958, de Paul Ricard). Valoriza-se a biodiversidade insular e o ecoturismo (não circulação automóvel) e promovem-se actividades desportivas variadas (caminhadas, equitação, ténis, regatas, mesmo mergulho), o Festival de Música de Embiez, de muitos géneros, concursos de beleza, iniciativas cinematográficas e televisivas...

Também em Itália, o mercado dispunha nos últimos anos de ofertas variadas, desde ilhas claramente privadas a outras do Estado e integradas em áreas protegidas, onde não são permitidas novas construções. Refiram-se algumas dessas ofertas. Desde logo, Isola Bella, uma das ilhas Borromeu, do Lago Maggiore, no Piemonte, de grande beleza e palco do festival anual de música de Stresa (a cerca de 400m): 320m/400m, rochosa, completamente ocupada pelo Palácio Borromeu e pelos seus jardins; apenas uma pequena aldeia piscatória em 1632, quando Carlos

III, da casa dos Borromeu, deu início à construção do palácio dedicado à sua mulher, Isabella D'Adda. O palácio ganhou sumptuosidade, tornou-se um centro de festas e eventos teatrais para a nobreza europeia, recebeu visitantes ilustres como Edward Gibbon (historiador inglês do século XVIII e do iluminismo, parlamentar e contrário à independência das colónias americanas), Napoleão e a imperatriz Josefina de Beauharnais, a princesa de Galles Carolina de Brunswick (que adquiriu a Villa d'Este, em Cernobbio, nas margens do Lago Como, onde também têm casa Madonna e George Clooney). Paralelamente, a ilha Gallo Lungo, a maior de um conjunto de três (Li Galli), na costa amalfitana, entre Positano e Capri, foi adquirida em 1922 por Leonide Massine (coreógrafo e dançarino russo) que adaptou a velha torre defensiva a residência pessoal, com estúdio de dança e teatro ao ar livre, e com a ajuda do amigo Le Corbusier, fez construir uma nova villa: 13 quartos no conjunto, piscina de água salgada, capela, heliporto, pequena marina, praia. Após a sua morte e por 26 anos, foi adquirida pelo bailarino Rudolf Nureyev, a quem se deve a riqueza e o exotismo das decorações em estilo mourisco e a unidade de dessalga da água do mar para abastecimento próprio e onde acolheu convidados famosos, como Sophia Loren e Greta Garbo. Em 1996, passou a propriedade do hoteleiro Giovanni Russo, da vizinha Sorrento, que a utilizou como residência pessoal e a explorou turisticamente, assegurando transporte e pessoal de serviço.

Muitas outras ofertas comerciais de ilhas privadas localizam-se ao longo da costa ocidental da península italiana e na laguna de Veneza. Na própria Sardenha, junto de Marinella, a norte de Olbia, encontra-se em venda a pequena ilha do mesmo nome: 4ha, apenas a 50m da costa, com praias, 210m2 de construções, em 7 núcleos, pontão de atracagem, que foi de Nicola Tamponi, importante proprietário fundiário sardo e depois de 5 empresários também sardos, um dos quais, Nicola Pisciottu, adoptou-a como lugar de residência, e os outros como lugar de vilegiatura, procedendo à construção de um istmo com cancelas automáticas, que a tornaram acessível a automóveis. Marinella, actualmente deserta, contém edifícios miméticos com o ambiente, de grandes blocos de granito, pontões com capacidade para embarcações de 22-25m; a impossibilidade de construir novas villas combina com a adaptação fácil à instalação de um club náutico, reservado às embarcações dos VIP que frequentam a Costa Esmeralda. Entretanto, a pequena ilha de Budelli (arquipélago da Madalena) terá sido vendida a um magnata neozelandês: privada, paradisíaca, famosa pela Spiaggia Rosa (cor da areia), imortalizada por Michelangelo Antonioni no filme O Deserto Vermelho (1964) e habitada apenas por Mauro Morandi; ilha baixa (máximo 88m no Monte Budello), vinculada ao Parque Natural da Madalena (visitas controladas pelos guardas do parque), interdita aos turistas livres, mesmo a simples desembarques na praia, em

particular na Spiaggia Rosa, no lado meridional (a venda exclui uma parcela desta famosa praia). Mas foi adiada a venda da ilha de Cabrera, de perfil muito alongado e recortado, com várias pequenas baías acessíveis por mar, enseadas de águas turquesas e límpidas, extensões pedregosas dominantes (os Monte Teialone com 212m e Poggio Stefano, com 198m, como pontos mais altos), desabitada durante séculos e refúgio de Giuseppe Garibaldi, de 1855 a 1882; instalações militares (desactivadas) e restrições na circulação de civis, embora ligada à ilha da Madalena (mais de 11 mil habitantes) por uma ponte-dique (1958, Passo della Moneta, cerca de 600m; restrições no tráfico automóvel nos meses de Verão). Do passado, umas quantas casas privadas junto à enseada de Stagnali (outrora burgo ex-militar e de residência de alguns pescadores), praia que fora equipada para a aldeia do Club Med junto da Cala Garibaldi, não mais com oferta para pernoitar. Cabrera passou a reserva natural e depois a Parque Natural, com proibição de construções novas, ficando apenas o museu garibaldino (Stagnali), o centro de educação ambiental e o centro de instrução de vela...

A apropriação de pequenas ilhas é muito mais intensa nas costas orientais da América Central e do Norte. Como compradores, multimilionários americanos e também europeus, grandes industriais, produtores de cinema, actrizes e princesas, com relevo para gente bem sucedida do cinema e da canção e as pequenas ilhas da costa leste: Leonardo DiCaprio (actor e produtor) e a Blackadore Cay, no Belize, com um eco-resort, próximo da barreira do Reef; Faith Hill (Audrey Faith Perry) e Samuel Timothy McGraw, cantores americanos, e a Goat Cay nas Bahamas; Johnny Depp, actor e cineasta, a ilha Pond Cay, do arquipélago de Exuma, com porto de ancoragem, lagoa rodeada de palmeiras, praias, acessível apenas por barco ou helicóptero, gestão ambientalmente sustentável, energia solar; Nicolas Cage, actor e produtor cinematográfico, que já possuía uma luxuosa mansão na Paradise Island, adquiriu a Leaf Cay, parte das Exuma e perto da ilha do seu amigo Johnny Depp; Tyler Perry, actor e produtor americano, a White Bay Cay, onde fez construir casa e bungalows para convidados (Bahamas); Júlia Roberts, uma ilha nas Bahamas; Shakira (cantora e instrumentista colombiana) e Bonds Cay, também nas Bahamas, que com Roger Waters, dos Pink Floyd, e Alejandro Sanz, estrela pop espanhola, pretende criar um retiro para artistas, residentes e visitantes; David Copperfield (mágico e ilusionista dos Estados Unidos) e 4 ilhas nas Bahamas, com destaque da Musha Cay (águas transparentes e quilómetros de corais, cinco casas, porto de ancoragem de embarcações particulares; privacidade máxima garantida pelas outras ilhas), resort particular com capacidade para 12 pessoas (mais de 30 criados), que aluga (obviamente a preços muito elevados) a outras celebridades, como John Travolta (cantor americano) e Oprah Winfrey (apresentadora de televisão); Eddie Murphy (comediante) e as ilhas Rooster Cay

e Long Cay, não longe de Nassau; Robin Williams, actor e comediante estadunidense, uma ilha em Pender Harbor, no Canada**;** nas ilhas Leeward, no Caribe, são habituais o actor Denzel Washington e o rapper Jay-Z**.** Brad Pitt e Angeline Jolie (actores, cinema), Ted Turner (magnata da média, CNN), John C. Malone (director bilionário da Liberty Global, a gigante da TV a cabo e das telecomunicações), Tony Curtis (cinema), Cláudia Schieffer (supermodelo alemã), Faith Hill (cantora), Robin Williams (comediante), Gene Hackman (actor), Steven Spielberg (produtor cinematográfico) também fazem parte da lista das celebridades proprietárias de ilhas privadas, assim como Céline Dion (ilha de Gagnon, não longe de Montreal, com 83ha, onde fez construir um castelo normando em 2001) ou Mel Gibson (cinema, estadunidense naturalizado australiano) com a ilha Mago, das Fiji, uma das maiores ilhas privadas do Pacífico Sul, com uma pequena residência de uso pessoal...

As costas do Brasil também se destacam com a sua meia centena de ilhas e ilhotas de gente muito rica, no geral empresários, dominantemente como *resorts* particulares, sobretudo nas costas da Baía, Rio de Janeiro e São Paulo, comumente com heliportos, frota de lanchas, mesmo pistas para pequenos aviões: ilha Curupu, na baía de São Marcos do Maranhão, da família José Sarney (político); ilha das Canas, com um complexo de chalés tailandeses, próxima de Salvador, pertença de Jorge Erisperger (ex. banco Garantia), velejador. Muitas outras na prestigiada região de Angra dos Reis, que atrai turistas bilionários e mundanos, como Andreia e Charlotte Casiraghi, filhos da princesa Caroline de Mónaco, Athina Onassis, Paul Allen, Eike Batista (empresário brasileiro), com seus luxuosos iates e suas festas badaladas, sem perder a imagem de privacidade, tranquilidade e contacto com uma natureza exuberante (mata atlântica), desde logo no Pestana Angra Lodge. Entre as ilhas privadas locais, refiram-se: a ilha do Capital, de João Pereira Coutinho (empresário português), de ocupação sazonal mas com uma dezena de empregados permanentes; a ilha do Cavaco, de Milton Afonso (ex. dono da Golden Gross), com campo de ténis; ilha Pequena, de João Hansen, antes de Alexandre Accioly, também com heliporto e salão de festas; a ilha de Ivo Pitanguy, cirurgião plástico; ilha dos Mantimentos, área de Parati, de Sérgio Maggiori, empresário italiano; a ilha das Palmeiras, próxima, com suas enseadas exclusivas, é frequentada pelo cineasta Walter Salles Júnior, o apresentador Luciano Huck ou Yara Baumgarten (ex- bailarina Yara Rossi, casada com o empresário Roberto Baumgart, de ascendência alemã, um dos herdeiros da Vedacit, líder do mercado nacional na venda de produtos químicos para a construção civil, shoppings Center Norte e Lar Center, e residentes no Jardim Paulista). Mesmo Ricky Martin (Enrique Martin Morales), cantor porto-riquenho, possui uma pequena ilha ao largo de Angra dos Reis, desde 2008.

Do lado dos empresários, destacam-se: Dietrich Mateschitz, proprietário da Red Bull (bebidas) e a ilha Laucala; Larry Ellison (Oracle) e a ilha Lanai, no Havai, que desde 1985 fora de David Murdoch; Richard Branson, da Virgin Atlantic, adquiriu as ilhas Necker e Moskito no mar das Caraíbas, com seus recifes de corais e praias de areia branca, transformadas em *resorts* de luxo, e ainda Noosa River e Makepeace Island, na costa australiana de Queensland, e a ilha England, uma das ilhas artificiais do Dubai; Roman Abramovich é proprietário da ilha New Holland em Saint-Petersburgo, bem como da pequena ilha de St. Barts, com cerca de 70ha, no Caribe, usada para eventos com celebridades artísticas; Dmitry Rybolovlev adquiriu a Skorpios, que fora da família Onassis; Paul Allen possui a ilha Allan no estado de Washington; Larry Page, a ilha Eustatia, nas Ilhas Virgens britânicas; Bernard Arnault, LVMH (principal grupo de comércio de luxo a nível mundial), a ilha Indigo, nas Exuma Cays; Lawrence Ellison (fundador do grupo informático Oracle) a ilha Lanai, no Havai (365 km2, 3 mil habitantes), explorada turisticamente e auto sustentável (água doce, energia, alimentos), com dois complexos hoteleiros, dois percursos de golfe, cinema, butiques), desde 2012 após venda do seu mega iate Rising Sun (a ilha fora privatizada em 1922 por James Doll, comprada em 1986 por David Murdock e publicitada em 1994, com o casamento no local da filha de Bill Gates, Melinda). Sílvio Berlusconi, adquirira a «Blue Horizons», na Bermuda, ao lado de Michael Bloomberg (Câmara de Nova Iorque), etc...

5. Presenças nos *resorts* insulares exclusivos

Alguns dos proprietários de ilhas integram o negócio turístico, com ofertas de alojamento, serviços vários, praias e outras oportunidades de lazer. Há, com efeito, toda uma oferta turística insular, fragmentada, algo original e de muito prestígio internacional. Por sua vez, muitos afortunados escolhem para as suas férias pequenas ilhas luxuosas e exclusivas: natureza, paisagem paradisíaca, muito verde, palmeiras tropicais balançando ao vento, águas cristalinas, azul-turquesa, praias de areias brancas, bom clima, sossego e privacidade, conforto e comodidade, mordomias, requinte. As ofertas vão do Pacífico às costas americanas orientais, passando pelo Índico e pelo Mediterrâneo. Desde logo, a Villa Corallina, Tahiti sur Motu Fareone, ilhéu junto da costa de Moorea, com uma só villa, rodeada de coqueiros, mar e praia, lugar de sonho e solidão; Pulau Pangkil Kecil, a uma centena de km de Singapura, perto da ilha de Bintan, paraíso apenas acessível por via marítima, com praias, villas luxuosas sobre estacas e muita tranquilidade; Bunga Raya Island Resort, na Malásia, na proximidade de Bornéu, com floresta virgem, mangal, tartarugas e 47 villas tradicionais em madeira, na colina e viradas para o mar da China

meridional, com todas as comodidades modernas, como ar condicionado, Hi-fi, centro de saúde e bem-estar, restaurantes, alguns com acesso apenas por mar; Mantangi Private Island Resort, numa ilha vulcânica das Fiji (rosário de mais de 300 ilhas), em forma de ferradura, construções de bambu com tecto de colmo, casa na árvore, spa exterior, etc.

Ofertas exclusivas igualmente nas Maldivas: The Rania Experience, paraíso único, villas para 12 pessoas, serviços de apoio, mesmo um iate; Cocoa Island, complexo de villas sobre estacas no mar, com acesso por pontão de madeira, mergulho, pesca, visita de outras ilhas. E nas Seychelles: Frégate Island Private, ilha de granito (pico central de 125m) coberta de floresta, com a correspondente fauna, um pouco a sul do Equador, e 17 villas (uma presidencial), em madeiras tropicais e mármores, cada uma com a sua piscina e spa, restaurante com oferta de frutos e legumes produzidos localmente, protecção ambiental e adopção pessoal de tartarugas. Ainda no Índico, a Indigo Bay Resort, em Bazaruto, uma das 5 ilhas arenosas do arquipélago do mesmo nome, na costa de Moçambique, num parque nacional (espécies terrestres e marinhas: pássaros, borboletas, crocodilos, antílopes, corais, tartarugas e golfinhos), 30 chalés e 14 villas de colmo, canas e madeira, com todo o conforto, do ar condicionado a televisão por satélite.

Já na costa americana: arquipélago de Musha Cay nas Bahamas, 11 ilhas paradisíacas e 40 praias privadas, que foram de David Copperfield, águas transparentes e quilómetros de corais, alojamento em villas com design tropical, campo de ténis, uma trintena de pessoas ao serviço, mergulho, pesca no alto mar, busca de tesouros, porto de ancoragem de embarcações particulares, espectáculos de fogo-de-artifício, e mais de 30 criados; ilhas Palm (São Vicente e Granadinas), pequeno *resort* com 40 quartos, excelente restaurante; ilha Mustique, no mar das Caraíbas (pertence a São Vicente e Granadinas), com 5,7 km² e uma população aproximada de 500 habitantes, propriedade privada da Mustique Company, com dois hotéis e quase uma centena de villas, um mundo de luxo e isolamento, adequado a festas pessoais, frequentado por famosos, como a rainha Elizabeth II e o príncipe Filipe, na década de 1960, a princesa Margarida de Windsor, o Príncipe Guilherme, os duques de Cambridge (William, príncipe de Gales, e Catherine Middleton), Mick Jagger (vocalista dos Rolling Stones), os ingleses David Bowie (cantor) e Hugh Grant (actor), Bryan Adams e Shania Twain (cantores canadenses), David Duchovny (actor norte-americano), Tommy Hilfiger (estilista estadunidense) ou Kate Moss (supermodelo britânica); The Spice Island, nas ilhas Grenadines, com praias de areia branca, jardins tropicais, calma absoluta, 10 suítes; Ilha de Peter (Ilhas Virgens Britânicas), 32 quartos, marina, acesso por iates privados, lagoa interior, spa, piscina; ilhas Palm (São Vicente e Granadinas), pequeno resort com 40 quartos, excelente restaurante, etc.

Noutros casos não há apropriação individual ou societária, de posse ou simplesmente de uso, mas toda a ilha foi mobilizada para o turismo. Assim sucede com a pequena ilha de St. Barth (ilha de S. Bartolomeu), perdida na imensidão azul-turquesa do Caribe: uma mistura de beleza das Caraíbas e de sofisticação europeia (Antilhas francesas desde 1684, mas cedida à Suécia durante mais de cem anos, de 1785 a 1878); 21km2, de terra pobre, sem plantações e escravos, vizinha de San Martin, com oito mil residentes (muitos do Norte de Portugal, sobretudo de Braga, Guimarães, Barcelos e Monção; trabalhadores da construção civil e empregadas de limpeza, chegados a partir da Venezuela); pequena capital, Gustávia (em homenagem ao rei Gustavo III da Suécia); recifes de corais, praias famosas, com coqueiros, e invernos quentes (época alta entre finais de Dezembro e princípios de Janeiro); arquitectura colonial, moradias de luxo com suas piscinas (villa Nina Rockstar: quatro suítes, piscina, spa, ginásio, mordomo, jardim interior, escritório devidamente equipado, estúdio de cinema e um estúdio de gravação, e ainda um Land Rover e um pequeno Mini Cooper ao serviços dos hóspedes), pequenos hotéis discretos mas reconhecidamente sofisticados (como o Eden Rock, integrado na rede Relais & Châteaux, o mais antigo e que nas décadas de 1950 e 1960 terá acolhido Greta Garbo, Howard Huges ou Robert Mitchum), restaurantes de classe internacional, porto repleto de barcos e iates, lojas de luxo (Hermès, Armani, Cartier, La Perla, Prada e afins), aeroporto apenas para pequenos aviões. Um pedaço do paraíso sobre a terra, uma mistura de requinte francês e tropicalismo, uma atmosfera calma e tranquila, um lugar de beleza e prestígio, ponto de encontro de ricos e famosos, todo um *jet-set* internacional, de Stephen Glenn Martin (comediante e compositor americano), com a sua Villa au Soleil, a gente do cinema e TV como Greta Garbo, Howard Huges, Tom Hanks, Steven Spielberg, Leonardo DiCaprio, Brad Pitt, Julianne Moore e Elen Barkin, ou da canção, caso de Beyoncé Lindsay Lohan, também às modelos Kate Moss (americana) e Gisele Bündchen (brasileira), ou mesmo a Abramovich e Cristiano Ronaldo. Excelência também para gente comum, que apenas visita.

A adaptação das pequenas ilhas ao turismo exclusivo verifica-se igualmente, e de há muito, na Europa. Assim sucedera com Capri, a «Ilha das Cigarras», de uma beleza idílica: pequenez (6 km/3km), natureza calcária, alguns cimos (Monte Tibério com 334m e Monte Solaro, com 589m), grandes arribas verticais e grutas (Gruta Azul); mundo de cores, embriaguez de azuis, luz do sul, murmúrio das vagas, brisas marítimas, espécies mediterrâneas com seus fortes odores (maquis) e espécies tropicais; largos horizontes sobre o Mar Tirreno, os golfos de Sorrento e de Nápoles, o Vesúvio e os Faraglioni (que ultrapassam uma centena de metros) e a costa amalfitana; velhas construções defensivas, pequenos portos (Marina Grande e Marina Piccola) e pequenos aglomerados (Capri e Anacapri, respectiva-

mente a 138m e 286m); histórias de piratas e velhos conventos (Certosa de San Giacomo, do século XIV, próximo de Capri); ruelas estreitas, casas brancas coloridas pelas buganvílias, comércio de luxo.

Desde o Império Romano, Capri foi residência de muitos nobres (tradição de vilegiatura). César Augustus trocou-a com a Ischia, o imperador Tibério mandou construir doze magníficas villas, entre elas a Villa Damecuta e a Villa Jovis (palácio à beira-mar e banhos junto do Monte Tibério, de que restam ruínas), que habitou prolongadamente. Reintegrada no reino de Nápoles, beneficiou do seu desenvolvimento nos séculos XVII e XVIII (igrejas e conventos). Foi destino de caça dos Bourbon na segunda metade do século XVIII, e destino dos viajantes do Norte à descoberta das paisagens e das heranças históricas do Sul. Desde o século XIX, ultrapassada a instabilidade do período napoleónico (1815), Capri registou um importante afluxo de turistas, sobretudo turistas ingleses e alemães: clima, hospitalidade, cosmopolitismo; escritores, pintores, gente rica e famosa, bonita e elegante, e também excêntrica (gay e lésbicas), um mundo de luxo e charme, tendo alguns fixado aqui residência, pelo menos sazonal, nomeadamente no Outono e Inverno. Na continuidade, por todo o século, redescoberta do território (August Kopisch, escritor alemão, redescobre a Gruta Azul ainda nos anos 20), construção de muitas villas e alguns hotéis, pontões para os banhos de mar (não praias de areia), miradores e passeios panorâmicos, múltiplas piscinas de água do mar e complexos balneares, novas acessibilidades, com a construção de portos e funiculares, bem como de marinas para embarcações de lazer, onde hoje ancoram luxuosos iates. Cosmopolitismo traduzido nos finais do século XIX, pela ambiência da sala de jantar do Grande Hotel Quisisana (Outubro de 1897): hóspedes na sua maioria ingleses, príncipes, banqueiros, damas de alto nível, uma atmosfera exclusiva, de luxo e vaidade, um caleidoscópio de perfumes e emoções, todo um luzir de pérolas, sedas orientais, copos de cristal, olhares, sorrisos, galanteios cerimoniosos, carícias furtivas, discursos e risos aristocratas (mas também de repulsa pela chegada de Óscar Wilde e do seu jovem amante, lord Alfred Douglas, obrigados aliás a deixar o hotel).

Muitos foram os seus ilustres visitantes do passado, onde não faltaram os homo ou bissexuais. Axel Munthe médico, escritor e arqueológo sueco, visitou Capri pela primeira vez em 1885, e desde 1895 restaurou a uma villa de Tibério, 327m acima do nível do mar, e hoje museu: «*My house must be open to the sun, to the wind, and the voice of the sea, just like a Greek temple, and light, light, light everywhere!*» (Axel Munthe, The Story of San Michele»), e pouco depois, adquiriu a um inglês a Torre ou Villa Materita, construção defensiva do século XIV (mosteiro de Certosa di San Giacomo), menos luminosa e mais cómoda para os seus olhos sensíveis, que habitou de 1908 a 1943, enquanto alugava aquela à marquesa Luisa Casati Stampa

(vida estravagante e mesmo excessiva: 1919-1920) e onde recebeu por longos períodos, a rainha Vitória da Suécia, por motivos de saúde (em comum, soirées musicais). Friedrich Alfred Krupp, magnata industrial prussiano (siderurgia, hoje Thyssen Krupp), amante da investigação oceanográfica, nos invernos de 1899 a 1902, e a quem se deve a Via Krupp, caminho escarpado nas arribas. Presença também do barão francês Jacques d'Adelswärd-Fersen, industrial, novelista e poeta, na Villa Fersen ou Villa Lysis, inicialmente chamada La Gloriette, cuja construção remonta a 1905; de Christian Wilhelm Allers, pintor e litógrafo alemão, na década de 1890, que fez construir uma *villa* onde viveu durante muitos anos, retornando periodicamente a Hamburgo e Karlsruhe; Emil von Behring médico e cientista alemão (villa «Behring» como casa de férias desde 1897, e onde viveu em 1909-1911, o escritor russo Alexei Maximovich Peshkov, conhecido por Maxim Gorky, que aqui recebeu Lenine em 1908, depois habitada pelo marquês Adolfo Patrizi e nos anos 30 pela cantora Grace Fields, que depois da guerra a transformou num estabelecimento de banhos elitista, internacionalmente famoso nos anos 50 e 60 (Canzone del Mare); Charles Caryl Coleman (de Búfalo, EUA) viveu e morreu em Capri (1928), tendo possuído a Villa Narcissus, depois de Rose O'Neill) e pintado largamente o Vesúvio e a ilha; John Singer Sargent e Frank Hyde, por volta de 1870; Oscar Wilde (Dublin, Irlanda), nos finais do século; Compton Mackenzie, novelista inglês, de 1913 a 1920; Claude Debussy (1910), Norman Douglas (novela South Wind, de 1917), Somerset Maugham (1940), Jean Cocteau (1963), Curzio Malaparte (escritor, militar e diplomata italiano, perseguido por Mussolini, que fez construir a Casa Malaparte em Cabo Massullo. As suas obras directa e indirectamente promoveram Capri, pelos menos até 1965: «Capri c'est fini» de Hervé Vilard; *Le Mepris*, de Jean-Luc Godard, também de 1963, baseado num romance de Alberto Moravia, em que estrelaram Brigitte Bardot e Fritz Lang, nos dois casos tendo como cenário a casa de Capri de Curzio Malaparte (sítio único, arquitectura moderna e funcionalista, exterior vermelho).

Capri conta actualmente com notável oferta hoteleira. Entre os hotéis mais antigos, a Villa Sanfelice, cuja construção remonta a 1645, tendo recebido turistas-viajantes do Grand Tour, o hotel La Palma de 1822 (simplicidade e elegância: Roger Pereyfitte, Umberto Eco, Luciano De Crescenzo, Prince Francesco Caravita di Sirignano, príncipe Giovanni Pignatelli, Sofia Loren, Gina Lollobrigida, Elsa Martinelli, Renzo Arbore, e o rei Constantino da Grécia); o hotel Pagano (1826); o hotel Gatto Bianco, dos meados do século XIX (entre os seus hóspedes, o rei Farouk, do Egipto, Jack Lemmon, Clark Gable, Jacqueline Kennedy, Sofia Loren e Brigitte Bardot); o Grande Hotel Quisisana (1868, concebido em 1845 como centro de terapia pelo sol e casa de repouso – «Qui si sana», «aqui se cura» – pelo médico escocês George Sidney Clark); hotel San Michele, de 1894, estilo

neoclássico, hóspedes do ciclo artístico e literário que gravitava em torno de Axel Munthe (rainha Victória Friedrich Von Baden, esposa do rei Gustavo da Suécia; pintores e escritores); Capri Palace Hotel & Spa, com seus jardins e piscinas aquecidas e excelente spa (Capri Palace Beauty Farm), com ofertas especializadas (cuidados cardiovasculares, terapias das pernas, perda de peso, programas de dietas, etc.). Muitos outros resultam de adaptação de antigas villas, nomeadamente na Via Tragara, panorâmica e conduzindo ao Mirador da Punta Tragara (mosaicos tradicionais, colunas, arcos, varandas, terraços, mármores e estuques; buganvílias, palmeiras e jardins, piscinas e mesmo ginásios e spas; mobiliário de qualidade, decorações muito cuidadas, serviços personalizados): hotel Caesar Augustus, hotel-boutique da cadeia Relais & Châteaux, antes casa de verão de um príncipe russo, que foi preferido pelo rei Farouk; Relais Maresca, desde finais de 1800's (vila e iniciativa do seu proprietário, coronel americano); hotel Punta Tragara, num edifício desenhado em 1920 por Le Corbusier (arquitecto suíço); hotel Casa Morgano, ambiente intimista e exclusivo; Villa Le Scale, casa dos barões de Monti della Corte (edifício do século XIX, arquitectura neoclássica), e hoje de um grande antiquário e coleccionador de arte, com seus jardins românticos (roseiras, magnólia, hibiscos, palmeiras, pinheiros, romaneiras); e tantos outros.

Com pouco mais de 10 mil residentes (outrora pescadores e agricultores, e uma pequena indústria de perfumes aproveitando as flores típicas e dos citrinos), Capri recebe hoje mais de 2 milhões de visitantes por ano, sobretudo no verão: é ainda um destino turístico cosmopolita (italianos e estrangeiros), mas algo mais popular desde meados do passado século; e um destino para muitos visitantes de um dia vindos de Nápoles e Sorrento e mesmo Positano e Amalfi. Aos atractivos do passado junta um programa regular de eventos (Festival de Cinema, em Abril, desde 2006; Festival do Tango em Junho, desde 2007; Festival Internacional de Folclore em Agosto e em Anacapri, tal como o Festival das Colheitas, em Setembro; Festival Internacional de Cinema, em Dezembro, desde 1995. Capri uma estância turística de luxo profanada pelo turismo de massas, que não motiva os novos ricos do mundo, excepto por uma curta paragem com os seus iates?

O mesmo sucede com Corfu, destino de turismo de massa inglês, não obstante a insularidade: a principal ilha do arquipélago das Jónicas, montanhosa, de clima mediterrâneo, vegetação densa, belas paisagens, vinha, olivais e pomares, nomeadamente citrinos, aldeias tradicionais, do interior e piscatórias, praias de areia dourada, igrejas bizantinas, fortalezas venezianas, grandes praças francesas (jogo do cricket), portos que foram importantes, como o de Corfu, e uma história longa e complexa (sicilianos, venezianos, franceses, britânicos): ilha alongada (63km/7-25km) entre a Albânia e o Epiro, a mais setentrional e a mais povoada das ilhas jónicas, montanhosa a norte (Pantocrator, 906 m) e do lado oeste (Pyli-

dès 619m e Arakli, 506 m) e sudeste (Haghios Géorgios 392 m, Haghii Dèka 566 m, Santa Croce ou Stavro 449 m). Muito tempo sob controlo de Veneza (defesa contra os ataques e cercos turcos) (1386 a 1797), depois dos franceses (1797-99; 1807-14), para em 1815 se tornar protectorado do Império inglês (50 anos), seguida de integração na Grécia em 1864 e sob domínio italiano de 1923 a 1941, Corfu visitada pela realeza e as elites europeias até ao século XX, tornou-se um destino turístico de massa (charters), com muitos hotéis: turismo cultural (em 2007, a cidade velha de Corfu foi reconhecida como património mundial pela UNESCO), turismo balnear e turismo náutico.

Entre os primeiros turistas, a imperatriz Elisabeth da Áustria, mulher de Francisco José I, rainha da Hungria, Boémia e Croácia (1837-98; Sissi): viajou pelo Mediterrâneo (Cap Martin na Riviera francesa; Lago de Genebra; Bad Ischl na Áustria, Corfu e também Portugal, Espanha, Marrocos, Argélia, Malta, Grécia, Turquia e Egipto) com o seu vapor imperial *Miramar*, e fez construir em 1890-91, dez km a sul da cidade de Corfu, um palácio, o Achilleo, por sugestão do cônsul austríaco Alexander von Watzberg, em estilo entre Pompeia e a Crimeia imperial, com belos jardins e estátuas e horizontes largos (falava grego e apreciava a cultura grega); visitou-o regularmente no verão, desde a sua construção até 1898, quando foi assassinada em Genebra. Mas também o imperador Wilhelm II que em 1888 se tornou o 9º Rei da Prússia e o 3º Imperador da Alemanha (demissão de Otto Bismark, autocracia, militarismo e imperialismo alemão, medidas antibritânicas, agressão austro-húngara, comandante-chefe das forças armadas durante a IGG), que abdicou em 1918, refugiando-se na Holanda: comprou o Achilleo em 1907 e ocupou-o como residência de verão até 1914, polarizando importantes movimentos da diplomacia europeia da época. Muito antes, o comissário britânico Frederic Adams mandara construir o pequeno palácio Mon Repos, no estilo arquitectura georgiana-colonial, no topo de uma colina e no meio de um grande parque com seus jardins, junto da zona arqueológica de Corfu, que funcionou pontualmente como residência estival dos governadores britânicos e quando as ilhas jónicas foram unidas à Grécia em 1864, foi oferecido ao rei George I da Grécia (abolição da monarquia em 1975); em 2002 passou definitivamente para o estado grego, e hoje funciona como museu, junto do passeio marginal na baía de Garitsa, perto da cosmopolita Corfu.

A costa de Corfu conheceu importante desenvolvimento turístico, sobretudo depois da IIGG, com multiplicação de *resorts* e hotéis para férias estivais à beira-mar, não apenas na zona nordeste mas também a sul: aeroporto internacional, serviço regular de ferries para a Grécia continental e a Itália (portos do Adriático). Conta entre os proprietários imobiliários, membros da família Rothschild e oligarquias russas e cada vez mais também as famílias da classe média da Europa

(sobretudo ingleses, mas igualmente muitos alemães, escandinavos), que adquiriram belas villas em *resort*s de férias (cerca de dez mil britânicos vivem actualmente em Corfu) e frequentam os seus melhores hotéis (dez de 5* e 4*). Entre estes, destacamos o Corfu Palace Hotel, inaugurado em 1958 (ex Hilton), que hospedou personalidades de renome internacional, como J. Carter, ex. Presidente dos EUA, primeiros-ministros dos países europeus, figuras da Igreja Ortodoxa, Konstantinos Karamanlis; também o Grecotel Eva Palace, o Corfu Holidays Palace, o Corfu Imperial Grecotel Exclusive Resort, o Konstantinoupolis Hotel, o Cavelieri Hotel, o Palace Mon Repôs, o Aegean Palace, etc. Entretanto o Achilleo, que depois da IGG passara para o estado grego (1919), e por dificuldades financeiras este cedera o seu uso, de 1962 a 1983, a uma empresa privada (barão alemão) que o restaurou para exploração como casino (depois deslocado para o Corfu Hilton) e como museu, viu confirmada e mantida esta função.

Bem diferente permanece o caso das ilhas Brijuni (parque nacional desde 1983), convertidas ao turismo a partir de 1893, quando um rico industrial de Viena comprou o arquipélago e transformou a maior ilha, Veli Brijun (as outras continuam desabitadas) num lugar de vilegiatura exclusivo para os ricos da Europa, com hotéis de elevada qualidade, instalações de banhos, restaurantes, casino, porto para iates, campo de golfe de 18 buracos, e eventos desportivos e culturais, que atraíram a família imperial, as elites vienenses e a alta burguesia europeia; em 1930, com a crise, passou para o estado italiano e depois da IIGG para a Jugoslávia, tornando-se residência estival do Marechal Tito (por vezes, estadas de 6 meses) e ficando interditas ao público durante 30 anos até à sua morte (1980): lugar de recepção de convidados oficiais, sendo referida uma centena de chefes de Estado e diplomatas, escritores, artistas de cinema como Elizabeth Taylor, Richard Burton, Sophia Loren, Carlo Ponti, Gina Lollobrigida e também Plácido Domingo e a princesa Carolina do Mónaco, para os quais Tito mandara construir pequenas vilas, com praia particular, transformadas depois em hotéis de luxo. As ilhas continuam a funcionar como um *resort* para um *jet set* internacional onde não faltam campos de ténis e golfe de 18 buracos, um pequeno zoo (javalis, dromedários, zebras, elefantes, avestruzes, pavões, muitos oferecidos pelos convidados de Tito), pinhais, ciprestes, cedros, velhas oliveiras centenárias, um Centro Internacional de Congressos, hotéis renovados, antigas villas adaptadas a hotéis (Primorka, Dubravka, Lovorka, Magnolija...), eventos vários, nomeadamente teatro, ligações regulares por barco a Fazana (continente), circulação intra-insular apenas de barco, bicicleta, veículos eléctricos, incluindo um pequeno combóio.

Versão exclusiva face à vizinha Opatija, actualmente um pequeno lugar de menos de dez mil habitantes, que quase duplicam no Verão, mas um destino turístico elegante, num quadro verdejante, de invernos amenos, embora chuvosos e

com incidências do bora (vento forte e frio, de N e NE) e do siroco, e estios secos mas algo frescos e relaxantes, e de costa rochosa: outrora pequeno porto de pesca (abadia do inicio do século XV, depois elegante estância de turismo de inverno e mais tarde também de verão, na base de turismo de saúde (suporte médico para tratamentos com base nos banhos na água do mar, no ar marítimo e dos bosques mediterrâneos, percorridos por múltiplas veredas: balneoterapia, aeroterapia, talassoterapia, aromaterapia; reconhecimento oficial como *resort* de saúde da beira-mar em 1889, reconhecido como o segundo resort de saúde mais importante depois de Karlovy Vary), do império austro-húngaro. Na segunda metade do século XIX até à IGG, Opatija foi lugar de encontro da realeza europeia, à imagem de Nice; para muitos a «Viena à beira-mar», a «Nice austríaca», a «Nice do Adriático» ou o «Monte Carlo croata»; forte presença italiana entre as duas GG, não obstante a modesta dimensão demográfica: imperadores como Francis Joseph dos Habsburg, Wilhelm II (rei da Prússia e imperador da Alemanha) e Sissi (imperatriz da Áustria e rainha da Hungria), reis da Roménia, da Grécia (1901), na villa Angiolina, da Suécia e Noruega, a rainha da Bulgária, os duques do Luxemburgo, muitos outros nobres e aristocratas, políticos como Lenine 1903, médicos e cirurgiões, ricos e famosos, escritores e artistas, com destaque para Isadora Duncan (1902), bailarina, Bertha von Suttner, escritora (1902), e Gustav Mahler na villa Jeanete (1901 e 1905, então director da Ópera de Viena), Chekhov (1894) ou Puccini, compositores. No conjunto, um ambiente marcadamente vienense: arquitectura, parques e jardins privados e públicos, com suas e fontes decorativas, clientelas, música, bailes, etc.

No seu desenvolvimento (3800 habitantes em 1910) contaram os múltiplos spas e sanatórios (12 em 1912, com mais de sessenta médicos), as novas acessibilidades (estrada para Rijeka e Volosko em 1838), ligações marítimas regulares Rijeka, Lovran (1871), caminho-de-ferro até Matulji, permitindo o acesso a Viena, com salão real (1873), carros de transporte públicos em 1905, electrificados em 1908), a urbanidade do lugar (rede de abastecimento de água 1857, electrificação pública em 1896), a animação (clube de vela desde 1887, muitas dezenas de bares, cinema permanente desde 1910, aquário de 1911, casino desde 1911 na villa Amália), a oferta de espaços de lazer (longo passeio marginal de cerca de 12km, de Volosko a Lovran, iluminado, completado em 1911, teatro de verão com 2 mil lugares, veredas para caminhar pelos bosques das encostas, lugares de banho e de exposição ao sol junto do mar, na ausência de praia, múltiplas piscinas cobertas) e sobretudo a multiplicação das villas privadas e dos hotéis, nomeadamente de luxo, desde logo o hotel Quarnero, hoje Grande Hotel Kvarner, em1884 (banhos termais), o hotel Kronprinzessin Stephanie em 1885, com todo o conforto da época como aquecimento central, piscina, e mais tarde, sala de cinema (homenagem à

princesa Stephanie, esposa de Rudolfo de Habsburgo; com o domínio italiano passou a Hotel Regina, em homenagem a mulher do rei Victor Emanuel III; depois hotel Moscovo de 1945 a 1948, Hotel Central e Hotel Imperial desde 1966), o hotel Opatija em 1887, então como sanatório (e pensão «Quississana»), o Hotel Bellevue em 1891, o Hotel Palace em 1909. Em 1913 opatja contava uma dúzia de hotéis e atraia muitos turistas. Por sua vez, Rijeka contava duas dezenas de hotéis, frequentados por homens de negócios e viajantes das Cunard Lines's com ligações com a América. No campo das villas privadas, desde logo a Villa Angiolina (1844), com seu jardim botânico, iniciativa de um rico comerciante grossista local, e que acolheu muitos hóspedes ilustres ou endinheirados, villa Amália (1890), como um anexo do Hotel Quarnero, para a sua clientela mais distinta e endinheirada, e muitas outras.

Não é menos interessante e exemplificativo o caso das ilhas Eólias ou Lipari, arquipélago vulcânico (dois vulcões ainda activos, na ilha Stromboli e na ilha Vulcano; erupções de lava, emissões de gases, fontes termais) no Mar Tirreno, ao norte da Sicília, consideradas Património Mundial pela UNESCO em 2000. População de pouco mais de 10 mil habitantes, que tradicionalmente viviam da pesca e de alguma criação de cabras. Desde meados do século passado, tornaram-se destino turístico estival, alternativo às ilhas Capri e Sardenha: pequenas baías e altas arribas, com algumas grutas, pequenas praias de areia, geralmente vulcânica e escura; mergulho e natação; caminhadas por percursos de muares e burros; pequenos hotéis e casas e apartamentos brancos, num quadro de rochas nuas e escuras, e aqui e além cactos, buganvílias, flores silvestres, mesmo palmeiras. Lipari, a ilha maior e mais desenvolvida e o porto mais movimentado; Vulcano, árida, com a cratera do seu vulcão e a Termale dei Fanghi, enorme poça de lama quente e sulfurosa, lugar de banhos; Salina (dois vulcões extintos, o Monte dei Porri e o Monte Fosse del Felci, ponto culminante a 962m de altura), a mais verde e calma, cenário de «O Carteiro e o Poeta/Pablo Neruda» (1994, mas o filme desenrola-se em 1952, ano do exílio forçado do poeta chileno por motivos políticos), de Michael Radford; Stromboli, com a aldeia de Stromboli e Ginostra, lugarejo de pescadores, com suas vielas estreitas e declivosas, casinhas brancas e simples, com contornos azuis ou amarelos, um vulcão activo (o farol do Mediterrâneo), atraindo escaladores, geólogos amadores e turistas, e imortalizada em 1950 por Roberto Rossellini; Filicudi e Alicudi, as mais remotas, pequenas e primitivas, pouco equipadas, rochosas, costas inóspitas e escarpadas, muito áridas, sem sombras e escassamente povoadas, paraísos de calma e tranquilidade; Basiluzzo, cenário do filme L'avventura, tal como Lisca Bianca, de Michelangelo Antonioni (1960?). E em especial Panarea, pequena (3km/2km), com mar muito azul e transparente, quase sem vento e sem praias, e muitas casas de férias, elegantes e cuidadosamente brancas, moto-táxis

coloridos serpenteando pelas ruas sinuosas, praias em pequenas enseadas, outrora piscatória e pobre, desde os anos 60 destino privilegiado do *jet-set* italiano e hoje a ilha mais exclusiva em termos de turismo: bares e restaurantes, música ao vivo, espectáculos de dança e festas imaginativas, estilo e sofisticação.

Filicudi, Alicudi e Stromboli são preferidas por artistas da arte contemporânea, estilistas e arquitectos, a par dos muitos mercadores e coleccionadores de arte. Lembremos Maurizio Cattelan, italiano, autor de esculturas satíricas e controversas; Robert Wilson, coreógrafo e dramaturgo norte-americano; Anselm Kiefer, pintor e escultor alemão; Paola Pivi, artista multimédia, residente no Alasca; Rudolf Stingel, artista de Merano, com residência em Nova Iorque; Aleksandra Mir Lublin, polaco residente em Nova Iorque e na Sicília; Ettore Sottsass, designer e arquitecto (pai italiano e mãe austríaca), desde 1958 responsável pelos produtos Olivetti, com casa em Filicudi, a par de outros como Giorgio Backhaus, fotógrafo de Milão, e muitas personalidades da TV italiana; Sergio Casoli, mercador de arte de Milão, com um velho chalé, onde acolhe artistas como Maurizio Cattelan e Rudolf Stingel. Outros têm ou tiveram casa em Stromboli, como os estilistas Domenico Dolce e Stefano Gabbana (Dolce & Gabbana), Marina Abramovic, artista natural de Belgrado, que explora as relações entre o artista e a plateia, os limites do corpo e as possibilidades da mente.

Muitos mais privilegiam a pequena Panarea, lugar de encontro estival de muito ricos e famosos de Itália e do exterior, longe de outros *jet-set* algo pretensiosos, num veraneio em comunidades de artistas, ou modos de vida combinando trabalho, viagem, criatividade, sofisticação e prazer. Um mundo de «Gypsetters» na acepção de Júlia Chaplin (gypsy /cigano, *liberdade selvagem do espírito;* e jet set, *sofisticação;* forma particular de explorar o mundo): o*u seja,* artistas, músicos, designers da moda, fotógrafos, surfistas, hippies modernos em busca de formas alternativas (mas nem por isso menos luxuosas) de viver, criativas, não convencionais nem muito dispendiosas, boémias e glamorosas, poéticas e românticas, conviviais, sem preconceitos; viagens de exotismo e sofisticação do mundo moderno; novos nómadas, algo ciganos e desprendidos, lazer e criatividade, trabalho e diversão; temporadas em refúgios exóticos e viagens pelo mundo, prazeres sofisticados e prazeres simples; experiências únicas em lugares paradisíacos, como praias preservadas; contacto com as pessoas e a cultura dos locais visitados, e formas simples de viver, valorizando a gastronomia local, o artesanato (roupas, mobiliário e decoração), idealmente prazer em grande estilo, num lugar paradisíaco, «hypado» e bem escondido. São os casos de Nicolas Malleville, modelo de marcas como Gucci e Armani, na pequena Valladolid/Tulum/ península de Yucatán; Consuelo Castiglione, directora criativa, na Ilha de Formentera, um mundo de areia e sol, com acesso apenas por ferry, numa tenda beduína sem ar condicionado, nem pavi-

mento; ou Carolyn Roumeguere, designer de joias que vive entre o México, a casa de Nairóbi e dois refúgios no Quénia, um na copa de uma árvore no Great Rift Valley, outro no arquipélago de Lamu; de Jade Jagger, ex-modelo e designer de interiores e de joias, filha de Mike Jagger, antes frequentadora de Saint Tropez, Mustique (Caribe) e Nova Yorque, e hoje de Goa, Cornwall, além da sua quinta no norte de Ibiza, longe da confusão dos megaclubes; das irmãs Mignot, desde 2003 em *Sayulita,* vila mexicana de pescadores e paraíso de surfistas, explorando uma boutique e uma pequena e simples pousada (em jovens viajavam com os pais pela Europa, Canadá, Caribe ou África, alargando habitualmente o clã familiar, como uma comunidade náutica de gypsetters).

Não mais a Jamaica, Sardenha/Porto Cervo ou St. Tropez mas novas Rivieras ciganas, enclaves algo isolados, desconhecidos e pouco acessíveis, como Byron Bay (surf, Austrália), Todos Santos (México), montanhas exóticas do Alto Paraíso (Brasil), ilha Lamu, no Kenya, Montauk (N.Y.), onde persiste uma cultura piscatória, a par de uma nova cultura de surf, Topanga Canyon, próxima de Malibu, onde mora Devendra Banhart, músico e compositor... E Panarea, com seus pequenos hotéis famosos (Hotel Raya, aberto nos anos 60 por dois artistas, Myriam Beltrami e Paolo Tilche), porto de acesso e baías de ancoragem de veleiros e super-iates, restaurantes, butiques de grandes marcas, clubes nocturnos. Esta ilha destaca-se, actualmente, como um mundo hedonista, fechado, exclusivo, de aristocratas e playboys, conhecido desde 1960 através do filme «A Aventura» de Michelangelo Antonioni, com Monica Vitti (dez anos depois do *sucesso internacional de «Vulcano», de* William Dieterle, com Anna Magnani, *e «Stromboli, terra de Deus», de* Roberto Rossellini, com Ingrid Bergman), como outrora Capri e Corfu, também refúgios de um certo *jet-set* mas invadidos pelos novos-ricos e pelo turismo de massa. Nos anos 50, terra de pescadores e camponeses pobres, ainda selvagem e quase desconhecida, tocada pela forte emigração dos mais jovens, mesmo para a Austrália e os EUA, seguida de abandono dos pequenos patrimónios e paralela desvalorização e venda, e grande desenvolvimento turístico a partir dos anos 70, com a chegada de gente do Norte industrial e próspero, designadamente de Roma, Milão, Turim, e outros visitantes ilustres; e nos anos recentes, também com afluxo de VIP do espectáculo, políticos, empresários, e outros aspirantes ao *jet set*, com seus grandes iates ou pelo serviço regular de helicópteros para o novo heliporto.

Se nos reportarmos aos anos 60, o destaque vai para Paolo Tilche e sua companheira Myriam Beltrami (Tilche era arquitecto/pintor de Alexandria, de uma família algodoeira abastada, emigrado em Milão, desaparecido em 1995; Beltrami era natural de Como, apaixonada por viagens e cultura oriental, e fazendo longas estadas na Indonésia), ao acolherem em sua casa muitos visitantes e que mais tarde transformaram no Hotel Raya: atmosfera refinada e informal, entre oliveiras,

limoeiros e buganvílias, no verão com piscina infinita de água termal, restaurante/esplanada com iluminação a candeeiros de petróleo tradicionais, reconhecido internacionalmente como um dos melhores hotéis de charme do Mediterrâneo, todavia simples, sem paralelo com o Hotel du Cap ou o Hotel Cala di Volpe, valorizados pelos «jet setters de 2ª classe» de Porto Cervo/Sardenha (Raya Alto, 30 quartos com grandes terraços com vista para o mar; Raya Basso a 100m da praia e apenas 6 quartos e algumas pequenas butiques com ofertas originais, nomeadamente quanto a tecidos e sandálias; e Raya Peppe Maria, com a recepção; hotel, bar, restaurante, discoteca), transformando Panarea num refúgio algo boémio e hippie, étnico, folk, despojado, também romântico.

Com os anos 80, quando a população residente rondava as três centenas, chegou a electricidade e a água canalizada, multiplicam-se as residências privadas, surgem alguma outras pequenas unidades hoteleiras, introduzem-se pequenos carros eléctricos, como os de golfe, apenas para serviço de cargas (Punta del Corvo, ponto mais alto, 421 m), mas os quotidianos conservam rotinas e familiaridades, combinando com a simplicidade da arquitectura (cubos, terraços e arcos brancos), o cuidado dos seus jardins, com espécies autóctonas, nomeadamente lentiscos, limoeiros e oliveiras, mas também muitos ibiscos e buganvílias, e o refinamento das decorações interiores, algo étnicas: jantar no Bridge (Sushi Bar), a que se juntam outros visitantes famosos como Domenico Dolce e Stefano Gabbana, com casa em Stromboli, Giorgio Armani, Alba Parietti, actriz e locutora de televisão, Gordon Matthew Thomas Sumner (Sting), músico inglês, ou Roman Abramovich (villa em Lipari?); festa dançante cada noite, simples, informal, sem convites nem luxos, no terraço do próprio Hotel Raya, com vistas para o Stromboli, embora também com jovens modelos e «raparigas» de Nápoles, como recepcionistas, e novos playboys; fins de festa nos iates ancorados na proximidade; encontros nos poucos cafés, restaurantes e bares (muitos sazonais, de Maio a Setembro) do pequeno porto de San Pietro, lugar de ancoragem dos barcos dos pescadores e de passeio (inexistência de marina e quase também de praias, Cala Zimmari a única de areia); ancoragem temporária de iates e boas condições de mar para o banho e o mergulho, bem como para passeios pelas pequenas baías, com destaque para a Cala Junco, pelos ilhéus, como Lisca Bianca, deserto, ou ao longo das arribas de Basiluzzo. As novas chegadas (no inverno, cerca de 200 habitantes, número que decuplica no verão) perturbam a velha familiaridade dos velhos turistas (mas sem densificar a presença de paparazzi pelos problemas de acesso e alojamento), quando tudo se passava entre iguais, sem formalidades nem convites.

Frequentaram Panarea: Esmeralda Ruspoli, actriz de cinema que interviera na Aventura; Roberto Cavalli, estilista de moda (família aristocrata de Florença, onde

reside; iate de luxo; vestuário e decoração para clientes como Jennifer Lopez); Damien Hirst, escultor britânico polémico, líder dos Jovens Artistas Britânicos, e dono de grande fortuna; Stavros Spyros Niarchos, multimilionário grego da marinha mercante (petroleiros), concorrente de Aristotle Onassis, ex-marido da Princesa Alessandra Borghese, escritora e jornalista, de uma velha família aristocrata italiana, ligada à das águas San Pellegrino; elementos da família Bulgari (habitual em Porto Ercole, na costa da Toscânia e lugar de veraneio da família real da Holanda), desde o século XIX no mercado de luxo e tendo como clientes Elizabeth Taylor, Marlene Dietrich, Clark Gable, Gary Cooper, Audrey Hepburn, Sophia Loren, Romy Schneider e Gina Lollobrigida, desde 2004 na hotelaria (Bulgari Hotels & Resorts, associada a Marriott International e Ritz-Carlton Hotel L.L.C), em Milão, Londres, Bali; membros da família Visconti, descendente da velha nobreza lombarda, destacada no cinema (Luchino e Eriprando Visconti), nomeadamente Verde Visconti (director de relações públicas e celebridades da Prada); Massimo Lopez, actor-cómico italiano; Giovanni Agnelli, principal accionista da Fiat, neto materno dos Príncipes de San Faustino, de Perugia; Aristotle Onassis, empresário e magnata grego, cuja fortuna na década de 1970 o fazia um dos homens mais ricos do mundo. Igualmente, Francis Bacon, pintor; Anish Kapoor, artista plástico, natural de Mumbai (pai hindu e mãe judia); Jacopo Etro, director criativo no campo de têxtil e da moda; jogadores de basquete como Magic Johnson, actores de cinema como Samuel Jackson ou Willem Dafoe Jr. (estadunidenses), Anna Falchi (Anna Kristiina Palomäki, natural de Tampere, pai italiano e mãe finlandesa), Manuela Arcuri (modelo, actriz e locutora televisiva, de Anagni); Kate Moss, supermodelo britânica, várias vezes Capa da Vogue; Heidi Klum, modelo, apresentadora televisiva alemã, que casara com Ric Pipino, estilista de cabeleireiro estadunidense; Stefania Scarampi di Pruney, da televisão, Kiera Chaplin, actriz e modelo da Irlanda do Norte, que visitou a ilha aquando da festa do 50º aniversário de Gerard Faggionato, negociante de arte de Londres, com casa local, que então convidara cerca de 300 pessoas, entre elas Uma Karuna Thurman, actriz estadunidense, Diego Della Valle, empresário italiano do ramo dos couros/sapatos, Mark Getty, homem de negócios inglês ligado ao petróleo e à banca; Vladislav Doronin, companheiro da supermodelo Naomi Campbell e empresário (o Donald Trump da Rússia!); elementos da família Brandolini, que se destacam na moda de luxo para homens...

Acrescem a princesa Carolina de Mónaco, com o seu iate Pacha III, Ernst di Hannover, seu marido, Patrick Heiniger, administrador delegado da Rolex, Stefano Casiraghi, empresário e desportista italiano, segundo marido de Carolina (1983), o príncipe William do Reino Unido, o príncipe Laurent da Bélgica, filho do rei Alberto II e da rainha Paola e irmão do rei Philippe, os condes Brandolini

d'Adda (Conte di Valmareno), Stefania Prestigia, ex-ministra na Igualdade de Oportunidades no Governo de Berlusconi, etc. Outros chegam nos seus iates de luxo, como Roman Abramovich, Paul Gardner Allen, Barry Diller (indústria cinematográfica e televisiva americana), Luca di Montezemolo (presidente da Ferrari), Johnny Pigozzi (homem de negócios italiano), Giorgio Armani (estilista italiano, com residência de férias na pequena ilha vulcânica de Pantelleria, entre a Sicilia e a Tunísia). Em suma, cabeças coroadas, homens de negócios, multimilionários e bilionários, estrelas do cinema, cantores e políticos de todo mundo.

«Ilha dos excessos, paraíso estival da trasgressão, centro de mundanidade» em Agosto, de VIPs de verdade e dos que se sentem VIP por estar junto deles, mesmo com passagens de modelos (moda), mas no resto do ano, «presépio» de silêncio e de noites estreladas, lugar algo espontâneo, arcaico, imutável e ao mesmo tempo muito snobe. Animação insuficiente para alguns, como Naomi Campbell, supermodelo e actriz britânica, enquanto outros se mantêm à margem do «mundo» da Raya, como Ramuntcho Matta, filho de Roberto Matta, pintor surrealista chileno que chegou a Panarea em 1954 e adquiriu uma pequena casa onde acolhe artistas e intelectuais. Entretanto melhoraram consideravelmente as acessibilidades (barcos regulares para Lipari, Stromboli e Santa Marina Salina; heliporto), surgiram outros pequenos hotéis, com poucos quartos (Lisca Bianca, Hotel Cincotta, Hotel La Piazza; Hotel Oásis...), mas o mito de Panarea, destino exclusivo para turistas exclusivos, não necessariamente bilionários mas sempre algo ricos e sofisticados, por educação e opção cultural, permanece.

Parte III – A Europa Ocidental e a atracção dos novos-milionários

1. Investimentos vultosos, entre prestígio e negócio

1.1. Atracção de Londres

Em 2010, Londres contava cerca de 2650 mil estrangeiros (33%), contra 1630 mil em 1997, segundo o ONS (Office for National Statistics). No censo de 2011, a sua população total ascendia a 8174 mil habitantes, dos quais 1/5 de origem asiática (indianos 6,6%, paquistaneses e bengaleses 2,7% cada, chineses 1,5% e árabes 1,3%); na Grande Londres, 36,7% da população nascera fora do Reino Unido. A atracção de forasteiros exprime o seu dinamismo económico e financeiro (sedes e escritórios de grandes empresas mundiais; grandes bancos nacionais e estrangeiros. O próprio mercado imobiliário londrino tem sido altamente alimentado por fundos estrangeiros, principalmente da América do Norte, Médio-Oriente e Alemanha, e dos paraísos fiscais (reciclagem de dinheiro de todo o mundo, através sobretudo das ilhas Virgens e das ilhas anglo-normandas, Jersey e Guernesey). É aliás relevante a crescente apropriação estrangeira do espaço urbano: em 1980, menos de 10%; nos meados dos anos 90, 25% e actualmente cerca de 52%; primeiro os japoneses, nos anos 90 os alemães, nos meados dos anos 2000 os americanos, e mais recentemente capitais do Médio e do Extremo-Oriente (fiscalidade vantajosa, à frente do Luxemburgo e da Malásia; benefícios das compras a partir dos offshore). Vejamos as nacionalidades com maior número de transacções imobiliárias no centro de Londres em 2014: Grã-Bretanha 58%; França 5%; Itália 4%; Rússia 4%; Estados-Unidos 3%; Índia 3%; Arábia Saudita 1%; Emirados Árabes Unidos 1%; China 1% e Irlanda 1%. Um ano antes (2013) cabiam à Rússia 5,5%, Índia 4,6%, Emirados Árabes Unidos 2,7% e China 1,3 % (Fonte: Knight Frank). Tais investimentos têm um valor refúgio e um valor seguro, sobretudo pelo da libra, tanto para os do Qatar como para os russos, indianos ou chineses.

O Reino Unido afirmou-se como o principal destino mundial dos investimentos do Qatar (protectorado britânico durante século e meio, até 1971), à frente da França, sempre na lógica de diversificação dos seus rendimentos (gás natural), da visibilidade e da segurança (estabilidade política, longe dos sobressaltos das «primaveras árabes» e da própria zona euro), reforçados desde 2005, com a fundação

do importante fundo soberano Qatar Investment Authority (xeique Abdullah ben Saoud al-Thani, governador do Banco central, membro da direcção do QIA): investimentos no banco Barclays (tal como no Crédit Suisse); Canary Wharf, a segunda City de Londres (construída desde o início dos anos 90 e detida largamente por aquele mesmo fundo); Shard London Bridge, arranha-céu em forma de pirâmide, com 310m de altura, um dos edifícios mais altos da União Europeia (habitação; 2012; Southwark), maioritariamente também detido pelo Qatar; Chelsea Barracks (nova área residencial de luxo, em construção); investimentos no Aeroporto de Heathrow e em companhias aéreas, como a própria British Airways; o luxuoso e exclusivo Harrods, na Knightsbridge (desde 2010), o mercado de Camden (mercado «alternativo»), a «aldeia olímpica» (2011, Qatari Diar, da QIA), os supermercados Sainsbury (2007), vários outros projectos imobiliários, como One Hyde Park (apartamentos muito caros). Já o Kuwait e mais recentemente Abu Dhabi privilegiaram os investimentos na Alemanha (grupo Daimler, sector automóvel), que também atrai capitais chineses, casos da Heibei Lingyun Industrial que comprou a Kiekert, de trincos e trancas para automóveis, e da Sany Heavy Industry, de equipamentos de construção, ao adquirir a Putzmeister, uma empresa familiar de engenharia): rede industrial poderosa, mão-de-obra altamente qualificada, bom domínio do inglês, infra-estruturas fiáveis, clima social favorável, quadro legal estável, localização no coração da Europa; inversamente, elevada carga fiscal, tanto sobre os indivíduos quanto sobre as empresas, falta de flexibilidade da legislação do trabalho e custos da energia, com impactos em grandes empresas como a ArcelorMittal, a ThyssenKrupp, siderúrgica, ou a Basf, produtos químicos, e limitações dos fundos estrangeiros no capital dos sectores mais sensíveis.

Londres também foi eleita pelos bilionários de Moscovo, com integração na vida económica e na elite local e vasta rede de influências: mundo dos negócios, que valorizam pela não corrupção; residência nos bairros elegantes, aquisição de imóveis de prestígio, filhos frequentando os melhores colégios. A Bolsa de Londres é a terceira maior do mundo, depois de Tóquio e Nova Iorque, e o primeiro destino das muitas dezenas de empresas russas cotadas e das fortunas pessoais de muitos oligarcas, com maiores ou menores necessidades de branqueamento e de direito de residência no exterior, mesmo de asilo político: investimentos a partir de paraísos fiscais como Chipre, ilhas Virgens britânicas e Bermudas; muitas dezenas de Sociedades russas cotadas na Bolsa de Londres, como a Gazprom (a maior empresa russa, sucessora da Ioukos, de petróleo e gás), a Rosneft (dos mesmos ramos; estado russo, BP, pequenos accionistas, sobretudo americanos; gerida sobretudo por Igor Setchine, muito próximo de Putin), a Loukoïl (desde 2005, segunda empresa petrolífera privada, com sede em Moscovo, que em 2015 vendeu

parte das reservas do Cazaquistão à Sinopec, gigante chinês da energia), a MegaFon (telefones móveis), mesmo o Sberbank (o maior banco da Rússia e também do Leste Europeu, sendo o Banco Central da Rússia o seu maior accionista: remonta a Nicolau I da Rússia e a 1841).

São ou foram importantes na City, Roman Abramovitch (Evraz, aço e Norilsk Nickel, com Alexander Abramov), Alisher Ousmanov (Uzbequistão; ferro e aço, telefones, jornais), Oleg Deripaska (Rusal, níquel), Vladimir Potanine (Rusal), Alexander Lebedev (imprensa escrita inglesa) ou Len Blavatnik (ucraniano, petróleo, novas tecnologias, música, e em 2015 o homem mais rico residente em Londres). Boris Berezovski instalou-se em Londres em 2001 (círculo presidencial de Boris Yeltsin, durante os anos 90; fortuna pessoal remontando à Perestroika – AutoVAZ, empresa estatal fabricante de automóveis Lada; importação e venda de software; influência na Aeroflot e na ORT, a maior rede estatal de televisão; dono da companhia de petróleo Sibneft, de grande parte da indústria de alumínio, além de jornais; exilado político). Roman Abramovitch fê-lo desde 2003 (compra do clube de futebol Chelsea): a sua fortuna remonta igualmente ao tempo de Boris Ieltsin (participação na Sibneft, em 1995, que em 2003 vende à Ioukos, controlada entre outros por Mikhaïl Khodorkovski, entretanto preso nesse mesmo ano, aquela sendo anulada, mas em 2005 repetida à Gazprom).

A «Londongrad» ou «Moscovo sobre o Tamisa», exprimem o elevado número de milionários russos que durante as últimas duas décadas investiram e se fixaram em Londres. Alguns russos residentes figuram entre os homens mais ricos da Grã-Bretanha, casos de Roman Abramovitch e de Alisher Ousmanov, a par de ucranianos como Rinat Akhmetov, patrão do Shakhtar Donetsk (rival do Dínamo, de Kiev). Importam-lhes nomeadamente as grandes facilidades na obtenção de visas de investimento: 2 milhões de libras, mas não no imobiliário, com direito de residência por 3 anos; novos investimentos e prolongamento desse direito até a obtenção da nacionalidade, para os muito ricos (caso de compra de 1 a 10 milhões de libras em obrigações do Estado). Acrescem as vantagens fiscais para os residentes não domiciliados fiscalmente: pagam impostos apenas sobre os rendimentos ganhos ou repatriados para o RU, ficando isentos os outros ganhos financeiros recebidos no estrangeiro.

De um lado, desenvolvimento dos negócios, vantagens fiscais e mesmo fuga de capitais; de outro, o interesse em residir numa grande metrópole cosmopolita, integrada na EU e estreitamente ligada aos EUA, ou simplesmente possibilitar que os filhos frequentem as melhores escolas e universidades. Os expatriados russos detêm residências sumptuosas nos bairros chiques de Kensington ou de Chelsea (264 desembolsaram 650 milhões de euros, até 2014, contribuindo fortemente para a valorização dos bens londrinos). Muitos adquiriram patrimónios

de prestígio, reconhecidos histórica e arquitecturalmente, como afirmação social, algo de aristocrático, e sempre muito caros e luxuosamente remodelados. Exemplifiquemos: Roman Abramovitch e a sua mansão no Kensington Palace Gardens, bairro de bilionários, com campo de ténis, spa e mesmo um museu automóvel; Len Blavatnik, ucraniano naturalizado americano (dono da Warner Music Group), também vizinho da realeza em Kensington; Andrey Goncharenko (construção de pipelines) com o Hanôver Lodge, mansão de 1825 no Regent's Park; Oleg Deripaska com um hotel particular em Belgravia; Alicher Ousmanov (mineração, acções na Apple, Facebook, cadeia de telecomunicações, dono do Arsenal, clube de futebol), com uma mansão sumptuosa a norte de Londres; Olena Pinchuk (filha de Leonid Kuchma, antigo presidente da Ucrânia), com casa em Upper Phillimore Gardens (10 quartos, piscina interior, sauna, ginásio, cinema, mesmo um quarto «forte»), etc. Outros compraram belos apartamentos, como Rinat Akhmetov (Ucrânia), em Knightsbridge, ou afastam-se para solares em meio rural-natural, caso de Andreï Borodin (casado com a modelo Tatiana Korsakova), no Oxfordshire. A procura imobiliária russa tornou-se recessiva com o *crash* económico do país (preço do petróleo; crise da Ucrânia, sanções económicas ocidentais; desvalorização do rublo, dificuldades de circulação do dinheiro, crise económica interna) ao nível das aquisições algo comuns, mas não das aquisições pelos oligarcas muito ricos, que as encaram como meio de garantir as suas próprias fortunas.

A Índia, antiga colónia britânica, valoriza a presença no Reino Unido (porta de entrada no mercado europeu): não por acaso, situa-se em Londres o East India Club, que remonta aos meados do século XIX, e o maior templo hindu fora da Índia (BAPS Shri Swaminarayan Mandir), terminado em 1995, a par de muitos imigrantes indianos (540 mil), paquistaneses e do Bangladesh, nomeadamente no bairro de Whitechapel. Londres é o terceiro destino dos investimentos das empresas indianas, depois do Dubai e de Singapura, e no RU contam-se mais de 800 empresas indianas que empregam 110 mil pessoas: a Índia investe mais no RU que no resto da Europa; o Reino Unido é, por sua vez, entre o G20, o maior investidor na Índia. Londres é um dos principais destinos de expansão das empresas indianas e em 2014, era a capital com o maior número de bilionários do mundo (107 bilionários, o dobro de Nova Iorque), mas apenas 1 entre os 10 mais ricos era inglês: Gerald Grosvenor, sexto Duque de Westminster, com fortuna no imobiliário, dono de boa parte de Mayfair, Oxford Street, Eaton Hall, Cheshire (e grande parte do centro de Liverpool). Entre os não ingleses figuravam: os irmãos Kirsten e Jorn Rausing, herdeiros da Tetra Pak, empresa sueca de embalagens e criadores de cavalos Kirsten Rausing; John Fredriksen, norueguês, residente numa mansão em Mayfair, com fortuna no transporte de petróleo, durante a guerra Irão-Iraque; Ernesto e Kirsty Bertarelli, suíço da farmacêutica Serono e da Fundação Bertarelli.

Os restantes eram indianos: Lakshmi Mittal, do Rajasthão (ArcelorMittal, a maior empresa mundial de aço; Queens Park Rangers F.C., com Flavio Briatore e Bernie Ecclestone; uma das pessoas mais influentes do Mundo segundo a Forbes de 2015); os irmãos Sri e Gopi Hinduja (indústria, bancos, petróleo, montagem de veículos), em Londres desde 1979, vizinhos do Palácio de Buckingham (primeiro na comercialização de especiarias e tapetes do Irão); os irmãos David e Simon Reuben, de Mumbai (construção e centro de dados Global Switch). Entretanto, M. A. Yusuff Ali, do LuLu Group (hipermercados, supermercados e grandes mercearias no Médio Oriente, Índia e parte do leste da Ásia), comprou em 2014, 10% das acções da Companhia das Índias Orientais e pretende construir até 2017 um hotel de luxo no antigo prédio da polícia londrina, de pedra e tijolos vermelhos, que fora inclusivamente da Scotland Yard, na rua Whitehall, do distrito de Westminster, o Great Scotland Yard Hotel, 5*, 235 quartos, restaurantes, biblioteca, salas de reunião (o grupo possui outros hotéis Hyatt e Marriott na Índia e Sheraton no Omã). Outros indianos abastados investem na Vodafone e em energias limpas, etc.

Na apropriação urbana externa londrina o destaque vai claramente para a Índia: os indianos formam o maior grupo de compradores estrangeiros nas áreas residenciais mais caras de Londres, à frente dos europeus, russos e provenientes do Médio Oriente; os milionários indianos compram residências de luxo, apartamentos, casas e hotéis, logo depois dos ingleses, nomeadamente em St Johns Wood, Belgravia e Mayfair, especialmente em Grosvenor Square, área subvalorizada relativamente a Knightsbridge e Belgravia, bastante mais que os do Médio Oriente, Europa Continental e Rússia. Os bilionários indianos são aliás proprietários de alguns dos hotéis mais luxuosos de Londres, como o Grosvenor House, do grupo Sahara India Pariwar. Outros fazem investimentos imobiliários de férias e *status*, tangíveis, seguros e rendíveis a prazo, desde a crise financeira, apesar da valorização da libra, que reduz as vantagens da compra. No verão, 3 mil famílias indianas muito ricas fogem aos calores de Deli a favor de Mayfair. Muitos outros escolhem os EUA (o quarto maior grupo de compradores de imóveis, atrás de canadenses, chineses e mexicanos).

A China converteu-se neste século no principal país de êxodo de milionários, segundo o New World Wealth, 2014: contava então 608.500 (contra 226.800 na Índia), e figurava em 5º entre os países com maior número de milionários, depois dos EUA (4105 mil), Japão (1255,4 mil), Reino Unido (840 mil) e Alemanha (821,9 mil) (HNWI, NH-WEALTH). Pelos fluxos de capitais saídos no período 2000-2014, a China domina, seguida pela India, e de longe a França e a Rússia, sobretudo para os EUA, Hong-Kong, Singapura e Reino Unido. No período em análise, o RU acolheu milhares de milionários chineses, pelas facilidades das via-

gens e compra de propriedades, movimentação de dinheiro, vantagens fiscais, qualidade das suas escolas, embora longe dos afluxos de milionários russos. Muitos outros privilegiaram os EUA (em Nova Iorque, Los Angeles, São Francisco, Houston, Boston e Seattle), a Austrália (Melbourne e Sydney, grandes cidades costeiras), a Coreia do Sul (compra de propriedades e posterior emigração).

Nos últimos anos, os investimentos chineses em Londres ganharam escala (visas de investidor), já que tida com um *haven* seguro dos mesmos, em contexto de desaceleração do crescimento económico, de forte inflação e desvalorização imobiliária (investimentos bem mais seguros do que os de Pequim ou Xangai; elite financeira de Hong Kong mas também da China continental). Os primeiros investidores privilegiaram a compra de apartamentos em Canary Wharf e em Clapham, que passaram a habitar, ou pelo menos os filhos enquanto estudantes, e mais ainda em Mayfair, favorito para compras. Entre os novos milionários chineses de Londres destaca-se Wang Jianlin, um dos homens mais ricos da China (segundo o Hurun Research Institute, em paralelo com Jack Ma, do e-commerce-Alibaba Group), e membro do Partido Comunista Chinês, como convém: adquiriu em 2013 a Sunseeker International (sede em Poole Harbour, a oeste de Bournemonth, no litoral sul), principal empresa britânica de construção de iates de luxo remontando a 1969, através do conglomerado Dalian Wanda Group (fundado em 1988: dezenas de hotéis de 5*, centros comerciais, cadeias de karaoke, a maior da China, e de cinemas nos EUA; amante de futebol e promotor da formação de jovens jogadores no Atlético de Madrid; aquisição do edifício España, na capital espanhola), e tem investido no imobiliário residencial de luxo (torre One Nine Elms, junto do Tamisa, em Vauxhall, no sul de Londres), nomeadamente numa residência palaciana (10 quartos, grande salão, piscina interior, que pertencera a Peter Carthew e depois a um rico nigeriano) na Kensington Palace Gardens, também conhecida por Billionaires' Row, tal como Lakshmi Mittal, Leonard Blavatnik (judeu natural de Odessa, formado em Haward e um dos homens mais ricos do RU), Jon Hunt (milionário, fundador da imobiliária Foxtons e comercialização de edifícios comerciais e residenciais no Centro de Londres, incluindo a anterior embaixada da Líbia, na St James's Square; coleccionador de velhos Ferraris), Tamara Ecclestone (filha de Bernie Ecclestone, da Formula I) e Roman Abramovich, e muitas embaixadas da Rússia, do Nepal, de Israel e da Roménia.

Entretanto, Joseph Lau Luen-Hung (Hong Kong; construção civil também em Macau), além de um Boeing 787 Dreamliner, diamantes únicos, grande colecção de arte (Paul Gauguin; Picasso) e de vinhos, adquiriu uma mansão de 6 pisos em Belgravia. Por sua vez, Henry Cheng Kar-Shun e família (Hong Kong), através da New World Development, promoveu a renovação urbana em Knightsbridge, a construção de habitação social através do Pinnacle Regeneration Group, e o

desenvolvimento da península de Greenwich: 10 mil casas novas, com comércio e serviços. A China Minsheng Investment Co Ltd (CMI) de Xangai (empresa de escala nacional, constituída em 2014 e associando mais de meia centena de grandes empresas privadas chinesas) projecta desenvolver em Londres um novo bairro financeiro, o terceiro depois da City e Canary Wharf (Docas), e urbanizar uma área de 14ha na Royal Albert Dock, próximo do aeroporto de London City (LCY), com 400 mil m2 de escritórios e espaços comerciais (atracção de empresas asiáticas, nomeadamente chinesas). Outros empresários chineses investem nos ramos de joalharia, vestuário, comércio retalhista de luxo (Harvey Nichols, desde 1991 de um empresário de Hong Kong), indústria e energia (Jaguar Land Rover; BP).

A sua presença é todavia bem mais discreta do que a dos novos-ricos árabes (sauditas ou do Qatar, com os seus Maserati nas férias de verão) e moscovitas (gastos ostentatórios em champanhe), mesmo se se destacam como turistas-consumidores (vendedores falando mandarim, como no Harrods, pagamentos com cartões de crédito chineses), acima dos xeiques do petróleo e dos oligarcas russos (Louis Vuitton, Rolex, Burberry; consumos gastronómicos). Alguns dos chineses bilionários residentes ou simplesmente grandes investidores em Londres também dão nas vistas pelos seus consumos, nomeadamente de vinhos franceses de grandes colheitas e preços correspondentes (milhares de libras), sem respeito pela tradição (mistura com gelo, coca-cola), lembrando os novos-ricos russos da Côte d´Azur a consumir champanhe... E pelos seus caprichos, caso de Wang Sicong, filho de Wang Jianlin, educado em Londres, conhecido pela compra de dois relógios Apple para as patas dianteiras do seu cão Wang Keke.

1.2. Atracção do «Hexágono»

O imobiliário na região parisiense atrai igualmente as grandes fortunas mundiais. Desde logo, políticos em busca de segurança e mundanidade, como Denis Sassou-Nguesso, presidente do Congo, Ali Bongo, presidente do Gabão (hotéis particulares, apartamentos e casas nos bairros de maior prestígio), ou Kadhafi (edifício da FNAC), etc. Depois, os investidores do Próximo Oriente, nomeadamente dos Emirados Árabes Unidos, do Qatar (Qatar Investment Authority, QIA, que todavia privilegia Londres), da ex-URSS e da China, sem esquecer os Estados Unidos e a Alemanha: imobiliário de prestígio, espaços de negócio, hotelaria, igualmente procurada na Côte d´Azur (Palais de la Méditerranée em Nice, Hotel Martinez e Casino em Cannes, etc.).

Do emir Hamed Ben Khalifa Al-Thani (Qatar), ressalta em primeiro lugar os investimentos em hotéis particulares e urbanizações dos subúrbios de Paris, depois nas principais empresas do CAC40, com edifícios e marcas de prestígio:

praça Vendôme, praça Concorde, Campos-Elísios (imóvel da Virgin e Monoprix, que fora da Groupama, em 2012; imóvel HSBC, em 2009), boulevard Haussmann (imóvel do Fígaro, com serviços da embaixada americana), compras aliás muito mediatizadas. Também participações na Veolia (água), Vinci (construção e obras públicas), Vivendi (comunicação e entretenimento), Total (gasolina), grupo de luxo LVMH de Bernard Arnault (Louis Vuitton Moët Hennessy), Lagardère (média e distribuição) ou no Crédit Agricole Suez (filial no Qatar), e no PSG (clube de futebol Paris Saint-Germain) e Paris Handebol. O próprio Printemps foi adquirido, em 2013, pela Divine Investments SA (DiSA), um fundo de investimento do Qatar. De qualquer modo, investimentos três ou quatro vezes menos importantes que na Grã-Bretanha e também na Alemanha (nomeadamente na Volkswagen).

Na hotelaria, o destaque vai para a aquisição (2007) e remodelação do Royal Monceau pela empresa Qatari Diar (reaberto em 2011 como hotel de 5*, com 150 quartos, spa de 1500 m2 equipado de piscina, espaço para exposições, livraria de arte, sala de cinema com uma centena de lugares reservada a esta clientela); e mais ainda para a do antigo hotel Majestic (1907, ex. Sede da Unesco após IIGG, depois Centro internacional de conferências/centro Kleber) e reabertura como Hotel Palace Peninsular (grupo Katara Hospitality), de grande luxo (200 quartos, 450 empregados, 4 restaurantes, spa com piscina aquecida, limusinas). Como outros Palaces de Paris, também pertença de estrangeiros, orientados para a clientela dos BRIC, sobretudos os russos (luxo excepcional): o Four Seasons George V, comprado em 1996 pelo príncipe saudita Al-Waleed; o RITZ, na Place Vendôme, adquirido em 1979 pela família Al-Fayed (magnata egípcio); o Meurice, na rua Rivoli (palace de 1835, decoração em estilo Luís XVI), e o Plaza Athénée, na avenida Montaigne, entre 1996 e 2006, do Dorchester Group (Brunei). No total, os investimentos do Qatar rondam 15 biliões de euros, metade no imobiliário, sem contar com os bens pessoais do próprio emir e do seu clã.

Acrescem os investimentos dos fundos do Koweit, do Dubai, do Bahrein (hotel particular de Bourbon-Condé, rua Monsieur, em Paris, que pertencera ao Rei-Sol), ou de Abu Dhabi (Abu Dhabi Investment Authority, Adia), em empresas do CAC40, como Total, BNP Paribas, Société Générale ou Bouygues, e desde 2009 na Caixa de Depósitos e no Fundo Estratégico de Investimento (FSI) no quadro do Clube dos Investidores de longo prazo em PME francesas, e ainda na cultura e turismo (Tourism Development & Investment Company, TDIC, que colabora com o Museu do Louvre) (informação do Fígaro). Também a Arábia Saudita, nomeadamente com o Hotel George V em Paris, do príncipe Alwaleed Bin Talal Alsaud. Investimentos todavia bem mais vultosos por parte dos fundos soberanos de Abu Dhabi (enriquecimento cultural do país, diversificação económica, com

apoio na Abu Dhabi Investment Authority, ADIA, de 1976, claramente dominante): extensão da Universidade Paris-Sorbonne em Abu Dhabi, desde 2006, e do Louvre Abu Dhabi; hotel Marriott, 5* nos Campos Elísios; imóveis do bairro da Ópera, o Capitole em Nanterre onde se situa a Alcatel, o parque em Antony, projecto de uma torre de escritórios na Defense; e em Lyon, as Docas, antes da suíça UBS, e muitos outros imóveis no bairro chique e comercial desta cidade (Grolée).

Do lado da Rússia, relevam-se os interesses no desenvolvimento conjunto da indústria e inovações: alta tecnologia, sectores inovadores, nomeadamente o aeroespacial; agro-indústria, máquinas, transportes, óptica, aeronáutica; mas também os Cafés Pouchkine (cadeia desde 1999 em Paris, com o seu ambiente moscovita). Os investimentos directos russos foram crescentes até 2014; 38 companhias russas trabalhavam em França em 2013, muitas atraídas pelos produtos de luxo. Em 2002, o oligarca Nikolaï Tsvetkov, da Manufactura imperial de Saint Petersburgo, tornou-se importante accionista nas porcelanas Deshoulières; em 2007, Sergueï Pougatchev (banqueiro com um império em muitos sectores, nomeadamente na construção naval, e desde 2010, com problemas com o seu banco Mejprombank, por saída de activos (caso semelhante aos de Vladimir Evtouchenkov, do grupo petrolífero Bachneft, controlado pela AFK Sistema, de Mikhaïl Khodorkovski, ex-oligarca do grupo petrolífero Ioukos e antes de Boris Berezovski), fixa-se em Londres (exilado) embora tenha feito investimentos em França (compra em 2007 a Hédiard, mercearia fina que remonta a 1854, e o diário France Soir, como Alexandre Lebedev com o The Independent e o The Evening Standard, provavelmente por prestígio e para facilitar a sua inserção nas elites da sociedade ocidental); a Russian Wine Trust adquiriu a casa de cognac Croizet-Eymard na Charentes (59ha de vinha), exemplo dos grandes investimentos russos no mundo do cognac e do vinho. Destaque também para a participação no consórcio EADS (European Aeronautic Defence and Space Company N.V.) por parte do Vnechekonombank (VEB), banco de desenvolvimento estatal (2007). Alguns outros bilionários russos, por vezes de há muito com residência secundária na Côte d´Azur, investiram milhões de euros no imobiliário urbano de luxo da Capital, facilmente vendável se e quando necessário, tal como os investidores do Médio-Oriente ou de Hong-Kong: em *Neuilly, com vista para o Bois de Boulogne,* no boulevard Haussmann e noutros bairros elegantes, caso de Dmitry Rybolovlev com o seu hotel particular na rua do Eliseu.

Nos últimos anos têm sido repetidamente noticiados os investimentos chineses no Hexágono: GDF-Suez, PSA Peugeot-Citroen, Club Med, Aeroporto de Toulouse, lacticínios de Isigny e numa nova empresa na Bretanha por parte da chinesa Synutra, hotéis como Marriott (Champs-Élysées em Paris), vinhedos em Bordéus, imobiliário de luxo (na China, a terra pertence ao Estado, o que limita

de certo modo a transmissão do património aos descendentes), mas em concorrência com Espanha e Portugal, com vistos de residência, grandes marcas da moda (a Cerruti foi adquirida em 2010; 80% do capital da Sonia Rykiel, de pronto-a-vestir, passou para o fundo Fung Brands, de Hong Kong) etc., a par dos investimentos em grandes empresas francesas ligadas comercialmente a Pequim, casos de Carrefour, Dassault, Citroen, Vinci, Dior, Hermès, Chanel, ou do eco-complexo do grupo Soho China, urbanizações de grande qualidade arquitectural nas áreas centrais de Pequim e Xangai (participações de Dassault, Schneider Electric e Saint-Gobain). Destaque-se igualmente os futuros investimentos no grupo estatal de energia nuclear Areva pela China National Nuclear Corporation (CNNC), abrangendo a mineração e reciclagem de urânio, logística (não reactores nucleares, adquiridos pela EDF à Areva NP). Acresce o projecto do conglomerado chinês Dalian Wanda, controlado por Wang Jialin, para construção com a Auchan, do Europacity, grande complexo cultural, turístico e de lazer próximo do aeroporto Charles de Gaulle (760 mil m2, parque de diversões, palco para espectáculos, hotéis, centro de negócios, centro de conferências), operacional em 2025.

As empresas chinesas investem na economia dos EUA e da União Europeia a fim de obterem equipamentos técnicos modernos e acesso aos mais recentes conhecimentos, tanto em pequenos projectos como em grandes fusões e aquisições, sobretudo em contexto de crise pós-2008, resgate financeiro e privatizações: EDP, Fidelidade, REN, Espírito Santo Saúde, EDP Renováveis, em Portugal, plataforma de acesso à Europa ou aos países lusófonos; interesse crescente pelo Douro vinhateiro, Património Mundial da Humanidade, pelos vinhos e enoturismo e turismo de habitação, nas velhas quintas. Mas investem sobretudo nos países da ASEAN (a Coreia do Sul e o Japão, pela proximidade), e nos produtores de petróleo e gás (Médio Oriente, África, América Latina; Arábia Saudita, Angola, Sudão, Nigéria, Venezuela; empréstimos para de infra-estruturas a construir por empresas chinesas, reembolsados por fornecimentos de recursos naturais).

Acrescem os investimentos chineses no ramo dos vinhos de Bordéus, com a compra de muitos «châteaux» históricos (2014: 90 entre 8000 «châteaux» e um total de 115 mil hectares), integrando desse modo a aristocracia vitivinícola da região (investimentos a longo prazo, como antes os dos ingleses, irlandeses, holandeses, americanos, e mais recentemente japoneses e sobretudo belgas (40 «châteaux»); investimentos tidos como seguros; não menos, investimentos de bom gosto, distinção e luxo, com história; não menos, exportações para o importante e fortemente expansivo mercado chinês, das classes superior e média (embora também importante produtor); valorizações pelo enoturismo. Exemplifiquemos algumas compras particulares: Zhao Wei, cantora, e o «château» Monlot, em Saint-Emilion; Jinshan Zhang e o «château» do Grand Mouëys (Capian, com 170ha), em

2012 (fundador do grupo NingXia, fabricante de Gouqi; projecto de turismo de negócios); Edwin Cheung, investidor de Hong Kong, e o château Mylord (44ha), entre Castillon-la-Bataille e Bordéus (Entre-deux-Mers); Wang, extracção de minérios de ferro e comércio de distribuição de vinho, e o château Bellefont-Belcier, 20ha entre Pavie e Larcis Ducasse (Saint-Emilion); grupos como o Longhai de Quingdao e o «château» Latour-Laguens, na comuna de Saint Martin du Puy, primeira aquisição chinesa (60ha) em 2008, ou o grupo Brilliant, de Hong Kong, especializado em chás, com 2mil hectares na província de Yunnan, e o château de La Rivière, com castelo do século XVI, 3ha de caves; grandes empresas estatais da área da produção vitivinícola e do comércio alimentar, que também investem no Chile; o grupo Haichang, dirigido pelo bilionário Qu Nai Jie (fortuna no petróleo, imobiliário, parques temáticos e sede em Dalian, ex. Port Arthur), com um total de 500ha de vinhas e vários castelos na região de Bordéus; sociedade Goldin Group, dirigida por Pan Sutong, em 2013, 15ha dos domínios Rolland, com vários «châteaux» (Le Bon Pasteur em Pomerol, 6,62ha; o Rolland Maillet em Saint-Emilion com 3,35ha e o Bertineau Saint-Vincent em Lalande de Pomerol, com 5,5ha).

Interesse também pelas vinhas do Languedoc, Côtes du Rhône e sobretudo da Bourgogne, mesmo sem châteaux, como por vinhas da Toscânia (Chianti), Austrália, Nova-Zelândia, África do Sul, Argentina, Chile, Califórnia (os vinhos franceses dominam o mercado chinês, com cerca de 50%, seguidos de longe pelos da Austrália e Espanha, esta em forte expansão). Por outro lado, muitos produtores franceses instalam vinhas na China: Domaines Barons de Rothschild em Penglai, na província oriental do Shandong, ou LVMH na região norte de Ningxia e na província meridional de Yunnan. A China tende aliás a afirmar-se como o primeiro produtor mundial (em área vinícola) e Yantai, cidade portuária na província de Shandong, com cerca de 2 milhões de habitantes, como «Cidade Internacional da Vinha e do Vinho» pela OIV (Organização Internacional da Vinha e do Vinho; reconhecida ainda em 1987).

2. Aquisições de «turismo residencial»

Os High Net Worth Individuals, indivíduos com pelo menos um milhão de dólares disponíveis para investimento, animam nomeadamente o mercado imobiliário de prestígio de Londres, Nova Iorque e Hong-Kong, as cidades preferidas, mas também Singapura, Genebra, Paris, Berlim, Xangai, Pequim, e os *resorts* à beira-mar, como em Los Angeles (Triângulo de Ouro: Beverly Hills, Bel Air e Holmby Hills) ou em Miami, *na Côte d´Azur, na Costa del Sol ou no Algarve (perspectivas incertas no Médio Oriente, incluindo o Dubai e Abu Dhabi, com as suas realizações de vanguarda).*

Muitos investimentos imobiliários dos novos-ricos, mesmo nas grandes cidades europeias, não visam a fixação de residência habitual, mas ocasional, funcionam como «turismo residencial».

2.1. Novos «mundos» árabes

No Próximo Oriente, bilionários em países de nível de vida muito baixo e de liberdades e excentricidades não permitidas pelo Islão, refugiavam-se sobretudo na Europa, nas suas mansões e residências prestigiosas (ou nos melhores hotéis), desde logo em Londres (familiaridade pelos negócios, as actividades financeiras e os estudos; domínio tradicional do inglês, fruto da história; língua tida como de prestígio e imagem social, também ensinada nas escolas dos próprios países), onde passam frequentemente três meses. Valorizam-se modos de vida libertos do forte tradicionalismo das suas sociedades, quadros urbanos com certa monumentalidade histórica e nova (como o testemunham localmente a sua arquitectura vanguardista: o Burj Khalifa ou o hotel Burj Al Arab de Jumeirah; urbanizações algo exóticas na forma e na construção, como as Ilhas das Palmeiras e o Arquipélago-Mundo), os hotéis e restaurantes de grade luxo, com passado e muitas estrelas, o comércio sofisticado, as grandes marcas da moda, a animação nocturna, também o património, os museus, a vida cultural, para além das facilidades nas ligações aéreas.

Londres atrai fortemente os novos «aristocratas» dos países do Golfo, incluindo a Arábia saudita, ao mesmo tempo investidores e turistas, a que se junta uma classe média-alta e média, bem mais discreta, mas ainda bastante afortunada e gastadora. Em 2013 o Reino Unido atraiu 530 mil turistas dos países do Golfe (a par dos muitos estudantes residentes), enquanto a França terá acolhido cerca de 500 mil, sobretudo na Primavera e no Verão. Sempre em períodos que excluem o Ramadão (pelo cumprimento das tradições). Turistas que viajam com a família, algo bastante numerosa, e respectivos serviçais ou em grupos, no caso da classe média: afirmam desse modo uma identidade social, multinacional e moderna, com certa liberdade, participação em eventos festivos e shopping algo ostentatório, que chame a atenção e impressione, mas sem chocar, pela própria origem social (Thorstein Veblen, 1899), o que o Cairo e Beirute já não garantem. Apreciam automóveis de colecção, raros e exclusivos, ou de grandes marcas, em que se deslocam também no estrangeiro (Lamborghini, Bugatti, Ferrari, Porches, Bentley, Maserati, McLarens, mesmo Rolls Royce), evidenciando-se pelas respectivas matrículas, nomeadamente em Knightsbridge e junto do Harrolds (os *Carparrazzi*), a qualquer hora e a grandes velocidades, o que atrai curiosos, gera protestos das populações locais e conflitos com a polícia.

São igualmente relevantes os investimentos árabes no imobiliário de prestígio em Paris, funcionando como residências secundárias e de férias, e em destinos como a Côte-d´Azur, a Costa Esmeralda e a Costa del Sol (a respectiva aristocracia privilegia de há muito as regiões de Antibes e Marbelha). Desde logo, por parte do Qatar (fundo soberano, Qatar Investment Authority), nomeadamente em hotéis particulares: hotel de Coislin, junto da Place de la Concorde, em 2002, como residência secundária do emir; hotel d´Evreux na Place Vendôme, em 2003; hotel Lambert, que fora da família Rothschild, na ponta da ilha de Saint-Louis, em 2007; hotel Landolfo-Carcano, sede da embaixada do Qatar, perto da Place de l´Etoile; hotel Kinsky na rua Saint- Dominique, residência secundária do príncipe Al Thani. Mas também em hotéis de turismo: hotel Royal Monceau Raffles, na avenida Forche; hotel Hilton Paris Ópera, ex. Concorde Opera, na rua Saint--Lazare; hotel InterContinental, perto da Praça da Opera; hotel do Louvre, na rua Saint-Honoré, da cadeia Katara Hospitality, tal como a torre Hyatt Paris Etoile. Sem esquecer o Palais de la Méditerranée em Nice e o Hotel Carlton em Cannes.

Os reis, os emires e os senhores das indústrias do Golfo e do Levante tendem todavia a valorizar preferencialmente a Riviera Francesa como destino de férias estivais, desde logo a família real da Arábia Saudita (mais de 26 milhões de habitantes) e a do emir do Qatar (um pouco mais de 2 milhões), mas igualmente as dos Emirados Árabes Unidos (sete «sultanatos»: Abou Dhabi da família Al-Nahyan; Ajman da família Al Nuaimi; Dubai da família Al Maktum; Al Fujaïrah da família Sharqi; Ras Al-Khaimah da família Al Qawasim; Al Sharjah da família Al Qawasim e Umm al-Qaiwain da família Al-Mullah), com uma população da ordem dos três milhões (mais de 80% estrangeiros). São seguidos pelos homens de negócios, e respectivas famílias e criados: clientela fiel e exigente, com grande poder de compra e altamente gastadora, que anima sobretudo o verão na Côte, durante algumas semanas, um pouco ao ritmo do valor do dólar, dos preços do petróleo e do período do Ramadão.

A monarquia da Arábia Saudita privilegia destinos de turismo mediterrâneos, em particular Cannes e a sua região, tal como o fazem muitos outros bilionários do Golfo: lugar preferido de vilegiatura estival dos muito ricos do Médio Oriente, com os seus hotéis de prestígio (6 Palaces 5*, dois deles, o Carlton e o Martinez, tendo proprietários do Qatar, além dos Majestic, Marriott, Five Seas e Grande Hotel; e 24 hotéis de 4*), boates e casinos (animação nocturna; espectáculos múltiplos; festival de cinema; jogos de fortuna e azar), castelos e casas senhoriais, verdadeiramente sumptuosas, como a villa Al Rayan, do emir do Qatar, ou a villa Barzan al-Tikriti, que fora de um irmão de Saddam Hussein, nas encostas da Califórnia; também duas marinas e uma larga baía de ancoragem dos seus grandes iates de luxo; aeroportos ao serviço dos seus jactos e grandes aviões pessoais; pro-

ximidade de Saint-Tropez e do Mónaco, lugares de muita animação e mundanismo, incluindo casinos históricos e de renome mundial, como o de Monte Carlo. Entretanto, automóveis Premium (marcas valiosas, como Mercedes, Audi, BMW, Bentley, Porsche, Lamborghini, Ferrari, Jaguar, Rolls-Royce), estacionam na marginal de Cannes; avolumam-se os gastos sumptuários em restaurantes e butiques da Croisette (grandes marcas de jóias, cabedais, vestuário, peles, ao longo dos 800m, como Chomet, Chopard, Rolex, Chanel, Prada, Louis Vuitton, Dior; estabelecimentos também famosos pelos roubos de milhões de euros de que foram vitimas em 2013 – relógios, jóias, casacos de peles – e pelo Festival de Shopping); festas mundanas (países sem álcool e drogas) com satisfação de vícios e perversidades, como prostituição e proxenetismo (muitas vezes referidos pela imprensa local). Foram repetidamente noticiadas pela imprensa regional as suas festas privadas, nos clubes ou nos grandes iates, mesmo as orgias com «raparigas» de toda a Europa, que no passado terão envolvido familiares de Kadhafi. Eram imitados por empresários libaneses, sírios, egípcios ou líbios, também muito enriquecidos.

No hinterland de Cannes, no caminho de Pinchinade, junto da colina de Castellaras em Mougins, releva-se desde *1995,* a presença habitual em férias do antigo emir du Qatar, Hamad ben Khalifa al-Thani (filho Tamim ben Hamad Al Khalifa, proprietário do PSG e investimentos na indústria e na hotelaria de luxo, seu sucessor desde 2013), num domínio de uma trintena de hectares (em 2013), com sete villas (a do próprio, meio escondida pelo arvoredo, que terá pertencido a um ditador africano; 3 mulheres e 24 filhos), outras tantas piscinas e campos de ténis, centro de fitness, tudo altamente vigiado e guardado; em face, situa-se a propriedade de um seu familiar, ex. primeiro-ministro Ben Jassem, dotada de heliporto. As suas presenças são marcadas pelas corridas nos seus Harley Davidson, Porsche, Ferrari, Mercedes, Bugatti, que chegam do Qatar por avião, ou pela ancoragem do iate Katara, de 124m, no porto de Cannes; igualmente pela de visitantes ilustres e jantares refinados (reis da Jordânia, Marrocos, Dinamarca; François Hollande, ministros do México, Dominique de Villepin e tantos outros; lagosta, caviar, trufas); têm obviamente fortes impactos na economia local, pelas compras e pelo emprego (arquitectos, pedreiros, jardineiros, motoristas, guardas, cozinheiros, criados e domésticas, num total de cerca de 40 permanentes).

Por sua vez, à imagem da aristocracia ocidental no passado e actualmente de Nicolas Sarkozy (no Cap Nègre) ou Jacques Chirac (em Saint-Tropez), a família real saudita marca regularmente presença estival no Golfe-Juan, entre Cannes e Antibes, no ex-Palais Florentin (château de l'Horizon), construído em 1923 para Maxine Eliott, comediante, com porto privado, e outrora frequentado por Winston Churchill, o príncipe Ali Khan e Rita Hayworth, sua mulher, hoje villa Aurore. Entretanto, o príncipe Mohamed ben Fahd Al-Saoud, filho do defunto rei Fahd e

sobrinho do actual rei Abdallah, possui em Vallauris o Château Robert, em ruínas, e o correspondente parque, 13ha arborizados e protegidos, onde fez construir duas villas de mil m2 cada, com fontes e piscinas (o projecto inicial compreendia 5 ou 6 villas, para a família, e um grande palácio).

Privilegia igualmente Marbelha. Na encosta, perto do Marbella Hill Club, entre a montanha La Concha e o Mediterrâneo, na Golden Mile, situa-se o complexo Nahda ou Mar-Mar da família real saudita, mandado edificar justamente pelo rei Fahd (filho favorito do Abdul Aziz bin Abdul Rahman Al Saud, beduíno, fundador da Arábia Saudita, que teve mais de 3 dezenas de filhos), que primeiro se instalara no hotel Incosol, fora de Marbelha: nos anos 80, aquisição de uma propriedade de muitas dezenas de hectares e construção de vários palácios para a família, entre eles o palácio real El Rocío, réplica extravagante da Casa Branca, enriquecida com mármores e ouro, e villas luxuosas, jardins, mesquita e hospital exclusivos, piscinas várias, espaços desportivos, heliporto; a sua esposa favorita, a princesa Sultana bint Turki Al Sudairy, passava largas temporadas de férias neste palácio, com os seus muitos acompanhantes e serviçais e os inerentes impactos na economia local. Deve-se também ao rei Fahd a construção da mesquita Abdulaziz al Saud, em honra do pai, na Golden Mile, desde 1997 lugar de encontro dos turistas árabes. Não longe do Mar-Mar (a leste) fica o palácio Al Riyadh (Las Lomas del Marbella Club, condomínio fechado, 35 hectares, desenvolvido desde os primeiros anos 70; várias casas majestosas), construído num lote de 20ha, para o príncipe Salman bin Abdulaziz Al-Saud, meio-irmão do rei Fahd e governador de Riade, bem mais discreto (menos ostentação e afastamento de jornalistas e *paparazzis*) mas mais regular nas suas presenças estivais (as datas de chegada variam com o Ramadão), e amigo pessoal do rei Juan Carlos.

Relevem-se igualmente os palácios Jasminoor, do xeique Hassan M. Enany, homem de negócios saudita, do começo dos anos 80, e Khaldia, de Wafic Rida Saïd, milionário de origem síria, ou o palácio da Casa Real de Emiratos Árabes na zona El Batatal, que recebe habitualmente visitas. A colónia de kuwaitianos é também importante em Marbella e Fuengirola, embora mais discreta que a saudita. Não menos frequente a presença de um tio do emir de Qatar, que recebe numerosas personalidades do seu país. O próprio xeique Abdullah al-Thani (Qatar) possui o clube de futebol de Málaga, uma enorme villa e impulsiona um investimento de 400 milhões de euros na ampliação do Puerto de la Bajadilla, superando Puerto Banús e concorrendo com a marina do Mónaco: incluirá 1.200 lugares de amarração, capacidade para iates de 125m, um cais de 200m para cruzeiros, um hotel de 5* junto da marina, bares, restaurantes, lojas e supermercados. Entretanto, um cidadão sírio projecta para a quinta Alkhaldía, na zona de Nagüeles, próximo do palácio do rei Fahd, a construção de uma grande residência e de três

dezenas de vivendas reservadas ao seu séquito, convidados, segurança ou outros, numa parcela de 4,25ha, cedendo à cidade 0, 27ha de espaço verde.

Marbelha tornara-se um centro da realeza e do mundo dos negócios árabes, com expressão nos afluxos de turismo do Médio Oriente, com destaque para a Arábia Saudita, os Emiratos Árabes e o Qatar. Presenças reais que por si só atraem outros visitantes endinheirados da região e líbios, egípcios ou tunisinos. Turistas que gastam localmente mais do que outros, mesmo mais do que os turistas russos, nomeadamente em roupas de marca, lenços, jóias, restaurantes, se bem que as novas gerações se mostrem melhor informadas dos preços internacionais, com gostos mais europeus e menos esbanjadoras, mantendo todavia a preferência pelo moderno e exclusivo.

2.2. Novos «mundos» russos

Vimos como muitos oligarcas russos investiram no imobiliário residencial das grandes metrópoles, que ocupam descontinuamente, com destaque para o Reino Unido, onde reside uma ampla diáspora, económica e política (muitos exilados bastante ricos), e também para Paris, no prolongamento da velha atracção elitista da «Cidade das Luzes», antes da IGG (história, património, cultura, modo de vida), que motivava longas viagens e estadas das famílias dos czares, e toda a aristocracia (domínio da língua e valorização da cultura francesa; ponte Alexandre III, referente ao czar), e da fixação de muitos russos brancos, fugidos à Revolução de Outubro (exilados dos anos 1920-30; aristocratas, grande burguesia, militares, artistas; cabarés, estúdios de cinema, Ballets Russos e Serge Diaghilev; Chagall, Tchaikovsky, Nureyev); toda uma elite intelectual em busca de liberdade e segurança durante o comunismo (dissidentes dos anos 1970-1980) e nos tempos recentes (migração económica, investigadores, informáticos, intelectuais, escritores); cemitério russo de Sainte-Geneviève-des-Bois; catedral Saint-Alexandre--Nevsky (rua Daru), outras igrejas ortodoxas (como a Saint-Séraphin de Sarov, rua Lecourbe), escolas bilingues franco-russas, sobretudo na zona oeste, pequenas mercearias e restaurantes com ofertas ajustadas.

As aquisições imobiliárias russas em Paris são dificilmente identificáveis, já que através de sociedades offshore, com sede no Luxemburgo, em Chipre ou na Suíça. Exemplifiquemos, todavia: Oleg Deripaska, da Rusal e do conglomerado Basic Element, actuando da Alemanha ao Canadá e aos EUA (antes da crise de 2008), adquiriu um hotel particular em Paris, a par de outras propriedades em Londres, Courchevel, Côte d`Azur, Sardenha (e do iate Queen K ancorado habitualmente em Corfu); Arcadi Gaydamak (armas, diamantes de Angola, carvão da Rússia, petróleo do Cazaquistão, etc.; história de magnata que termina na prisão), adqui-

riu a partir dos anos 1980 um luxuoso apartamento na Avenida Raymond Poincaré, um outro na avenida Georges Mendel, uma casa senhorial no meio de um parque em Yvelines (além de uma casa em Deauville, uma residência na Islette, no cabo de Antibes, outra também faustosa em Césarée, bairro residencial entre Haifa & Telavive, e vários hotéis em Moscovo); Leonard Blavatnik, russo-americano, comprou em 2006, o hotel Vendôme (também o Grand Hotel do Cap Ferrat, na Côte d'Azur). Entretanto, o hotel particular de Montesquieu perto dos Invalides, foi adquirido pela filial inglesa do grupo russo Pik, para conversão em Palace; outras aquisições ocorreram através do Hermitage, filial francesa do grupo imobiliário russo Stroïmontage. Sergueï Pougatchev, francófono, adquirira em 2007 a Hédiard e em 2009, o France Soir, além de uma villa em Nice...

Entre os investidores russos em imobiliário francês ressaltam claramente as preferências por residências secundárias de prestígio nos Alpes, sobretudo em Courchevel, e mais ainda na Côte D´Azur: villas Belle Époque, de dezenas de milhões de euros, nomeadamente do Cap-d'Antibes, do Cap-Ferrat e do Cap-Martin, ou apartamentos no Mónaco. Foram seguidos pelos oligarcas do Cazaquistão, da Ucrânia, da Chechénia. De 2003 a 2011, o número de russos com villas e apartamentos na Côte d'Azur terá passado de 50 a 2000. Destaque para Boris Berezovsk, o Château de la Garoupe e o Clocher de la Garoupe, ou Roman Abramovich e o château de La Croë, sempre no Cap-d'Antibes; Sergueï Pougatchev e o château de Gairaut, nas alturas de Nice, e duas villas em Saint-Jean-Cap-Ferrat; Askar Alshinbayev (residente em Londres, junto do Regent's Park), duas villas no Cap Ferrat, não longe do Grand Hotel; Alexeï Kouznetsov (perseguido por fraude financeira de centenas de milhões de euros, através de hotéis de Courchevel), elegeu Gassin, perto de Saint-Tropez; Dmitry Rybolovlev (Clube de futebol do Mónaco) ou Victor Pougatchev adquiriram apartamentos luxuosos no Mónaco; Mikhail Prokhorov tentou a compra da villa Leopolda, de Villefranche-sur-Mer, que fora de Leopold II e por último do banqueiro libanês Edmond Safra; Andreï Melnitchenko, a villa da Fundação Hector Otto, no boulevard des Molins, ambos no Mónaco. Imitam Paul Allen e a villa Maryland, em San-Jean-du-Cap Ferrat, mandada edificar no começo do século XX também por Leopoldo II da Bélgica, tal como a villa dos Cèdres, desde 1924 de Marnier-Lapostolle (fundador do cognac Grand Marnier), e W. Somerset Maugham, que em 1926 adquiriu a villa Mauresque, não longe da villa da Baronesa de Rothschild, num destino de férias da aristocracia europeia e dos milionários internacionais, e actualmente um dos mais caros e exclusivos da Côte d´Azur. Imitam do mesmo modo chefes de estado africanos, como Mobutu do Zaire, Denis Sassou Nguesso, do Congo-Brazzaville, Omar Bongo Odimba (OBO), do Gabão, Teodoro Obiang, da Guiné Equatorial, Paul Biya, dos Camarões, que acumularam propriedades em Paris e na Côte d´Azur...

Os interesses imobiliários russos parecem estender-se à Córsega: Vitaly Malkin (russo-israelita; político e banqueiro) possui um hotel de 5* e 500ha perto de Bonifácio, no extremo-sul da ilha, em frente da Sardenha, numa área disputada por investidores estrangeiros, com destaque para o campo de golfe de Sperone, refúgio de milionários, políticos, homens de negócio e do *jet-set*, num domínio de 130 hectares, com uma centena de villas de luxo em pedra e madeira em dois conjuntos residenciais no meio do maquis (nos anos 1980, construção do campo de golfe de 18 buracos, junto das arribas, da club-house e do restaurante; 20 mil jogadores por ano), pertença de Georges Dewez, residente em Inglaterra e criador de cavalos, por herança paternal (1960, piloto de avião).

Noutros casos a preferência vai claramente para a vizinha Costa Esmeralda (8 km, na Sardenha), já em Itália, desde os anos 60 um mundo de cabeças coroadas e estrelas de renome internacional (caso de Claudia Cardinale), convidados do príncipe Karim Aga Khan, e proprietários afortunados europeus: Diana e o príncipe Carlos, como visitas do presidente italiano Francesco Cossiga; Umberto Agnelli; Carlo De Benedetti, na ponta rochosa de Capaccia; Silvio Berlusconi, primeiro em Porto Cervo (várias villas locais, e outras como Belvedere nos arredores de Milão, em Cernobbio, junto do Lago Como, em Portofino, também em Antígua e nas Bermudas), depois na Villa Certosa, em Punta Lada, perto de Porto Rotondo (dos primeiros anos 90: parque de 75ha, oliveiras milenárias, labirinto de camélias, anfiteatro, piscinas com água do mar, lago, vulcão artificial); visitantes milionários russos e emires árabes, convidados do próprio Berlusconi; também milionários polacos, do Cazaquistão, e mesmo indianos e chineses.

Relevem-se as presenças de Vladimir Putin em 2003, como convidado de Sílvio Berlusconi, e a das suas filhas na villa Walkiria, junto do velho porto de Porto Cervo (comprada por Oleg Deripaska, Boris Ieltsin ou mesmo Putin?); Vasily Anisimov, magnata da metalurgia, e a villa Tulipano, adquirida a Sílvio Berlusconi; Roustam Tariko (banqueiro, proprietário da Russian Standard, de vodka, coleccionador de arte contemporânea) e a villa Minerva, adquirida a Verónica Lario (ex. mulher de Berlusconi), famoso pelas festas nocturnas que organizava localmente; Alisher Usmanov (Uzbequistão; Gazprom), numa villa que fora da família Merloni (electrodomésticos Indesit) em Romazzino, entre Porto Cervo e Porto Rotondo (festas temáticas, com dezenas de gôndolas de Veneza; concerto privado com Sting/Gordon Matthew Thomas Sumner, músico, cantor e actor inglês); Moshe Kantor, russo-israelita, com duas villas geminadas em Punta Lada; Irina, ex. esposa de Roman Abramovitch, com uma villa em Cala di Volpe.... Presença igualmente de muitas dezenas de grandes iates no porto ou ao largo, uns particulares, desde logo os de Roman Abramovitch e da família real saudita, outros charters: iates de Roman Abramovitch (Ecstasea de 86m, Pelorus de 115m,

Eclipse de 162m); o iate de Nasser Mohammed al-Rachid (105m, 36 suítes, torneiras em ouro, mesa de jantar de 20m, heliporto, piscina com palmeiras e praia de areia branca); também o Topaz, de 147m do emir de Abu Dhabi, Khalifa bin Zayed Al-Nahyan; o Lady Sarya, de 76 m, do xeique Ahmed Zaki Yamani, natural de Meca (ex. ministro do petróleo e recursos minerais da Arábia Saudita de 1962 a 1986, com o rei Fahd; papel relevante na OPEP), e com Abdulhady Hassan Taher, fundador da Petromin oils (actual Aramco); o Nabila, de 86m, construído para Adnan Khashoggi, bilionário comerciante e distribuidor de armas saudita e intermediário na guerra Irão-Iraque, depois adquirido em 1988 pelo sultão do Brunei (no seguimento da sua prisão na Suíça e depois da sua passagem para os EUA, acabando por fixar residência no Mónaco como gestor dos investimentos em hotéis locais e no Reino Unido de Muammar al-Khadafi, da Líbia), que o vendeu a Donald Trump, que por sua vez o manteve até 1991 como Trump Princess.

A nova classe média russa afirma-se sobretudo em destinos mais discretos e muito menos caros, mesmo de economias em declínio, como na Bulgária, no Montenegro, nas ilhas gregas, em Chipre e na Turquia, lugares com voos directos para São Petersburgo e Moscovo (algumas mansões em destinos de praia bem equipados e sobretudo habitações muito mais modestas). No caso de Chipre, o colapso de mercado britânico da segunda habitação deu lugar aos investimentos russos (Limassol), favorecidos pelos vistos de residência permanente, impostos baixos e o sol como uma constante.

O Montenegro destaca-se como destino de turismo e dos que vivem em função dele. Localizado na velha fronteira entre o império romano do ocidente e do oriente, dirigido por Veneza durante quase 400 anos até 1797 (Albânia veneziana), depois submetido à Áustria (1814-1918), a seguir integrado no reino da Jugoslávia e no de Itália em 1941, sujeito à ocupação nazi até 1944, reintegrado de novo na Jugoslávia e, por último, com a desintegração da Sérvia, república autónoma em 2006. O país atrai cada vez mais turistas russos, na continuação de velhos laços históricos e culturais: protecção russa através da Sérvia; turistas russos afortunados no Inverno desde o século XIX, como na Crimeia e na Côte d´Azur; religião ortodoxa; línguas eslavas; ausência da necessidade de vistos; novas marinas para grandes iates, atracagem de cruzeiros, nomeadamente em Kotor, a vila de pedra junto de um fiorde entre montanhas, Património da Humanidade, tal como o Parque Natural Durmitor e o seu lago Negro, e o balneário de Herceg Novi. Em 1979, Kotor sofreu um grande tremor de terra, com destruição do núcleo antigo, que foi todavia reconstruído no velho estilo veneziano, incluindo as muralhas (arquitectura mediterrânea medieval). Contava 687 habitantes em 1948, 1349 em 1961, 4684 em 1981, 10918 em 2003 (município 15.909, cerca de metade monte-

negrinos e quase 40% sérvios), 12702 em 2008, e cerca de 18 mil (19218 no município) em 2011.

Antes destino favorito das classes médias sérvias, o Montenegro acolhe cada vez mais turistas russos, que compram imóveis e criaram uma nova Riviera centrada em Budva, antiga ilha fortificada (contra os Otomanos), capital do turismo montenegrino, sempre com mais e mais turistas estrangeiros: já no verão de 2005, pelo menos 250 mil visitantes e 1,6 milhões de dormidas, predominantemente montenegrinos e italianos, e desde então também muitos russos; praias, hotéis, clubes, sobretudo junto do porto, cafés, restaurantes, lojas variadas, ambiência festiva, vida nocturna animada, grande marina (iates até 70m). Budva, a «Moscovo à beira-mar»: voos directos diários, mesmo na época-baixa; russos residentes (agências imobiliárias e outras actividades para as clientelas estivais, ou actividades exercidas parcialmente à distância; escolas russas) e russos turistas, nomeadamente da classe média, mas também os quadros da Gazprom e outros gigantes do sector energético. Atesta-o o Carsko Selo, moderno condomínio de luxo, fechado e vigiado, «a aldeia do czar» ou a «aldeia russa», nos arredores de Budva, com 36 villas exclusivas, em estilo mediterrâneo, largos terraços e jardins privados, posição colinar na península de Saint Stefan, horizontes sobre a costa. Presença russa também marcante no mercado imobiliário em geral e ao nível da economia, através do oligarca Oleg Deripaska e da sua intervenção na fábrica de alumínio de Podgorica, grande empregador e exportador do país.

Outro destino costeiro montenegrino de grande prestígio é a ilha privada de Sveti Stefan, cerca de 6km a sul de Budva: 12 mil m2, 2km de costa, pequeno istmo (península), sítio histórico, aldeia fortificada do século XV, então com uma dezena de famílias, acesso através da porta da muralha e 400 pessoas no início do século XIX. Sveti Stefan fora totalmente adquirida pelo governo jugoslavo e adaptada a hotel exclusivo com o marechal Joseph Broz Tito (sendo os residentes deslocados para o continente), uma das igrejas passando a casino. Actualmente constitui o *resort* de Aman Sveti Stefan, que inclui a Villa Miločer, com o seu moderno spa, situada entre as aldeias Pržno e Sveti Stefan, com praias de areia, designadamente a Miločer, a praia da rainha. A Villa Miločer foi construída entre 1934-36, como uma das residências de verão da rainha Marija Karađorđević, da Sérvia (filha de Maria de Edimburgo e Fernando I da Roménia, tal como Carol, que foi rei da Roménia, como Carol II; Nicolau, príncipe da Roménia; Elisabete, princesa da Roménia e depois rainha da Grécia; Ileana, princesa da Roménia e futura arquiduquesa da Áustria): rainha da Jugoslávia como mulher de Alexandre I da Jugoslávia (rei dos Sérvios, Croatas e Eslovenos desde 1922), assassinado em Marselha em 1934, a que sucedeu Peter II, filho mais velho e o último rei da Jugoslávia até 1941. A villa localiza-se numa propriedade de 32ha com oito centenas de oliveiras,

cedros e pinheiros, confiscada em 1947, ocupada como residência de verão por Broz Tito, unificador da antiga Jugoslávia.

Sveti Stefan, hotel de luxo estatal conhecido da velha realeza europeia até à desagregação da República Socialista Federativa da Jugoslávia: lugar de encontro de ricos e famosos nos anos 1960 a 1980, *resort* privado paradisíaco, íntimo e discreto, algo holiudesco; presenças de Orson Welles, Elizabeth Taylor, Sophia Loren, Marilyn Monroe, Richard Burton, Silvestre Stallone (cineasta americano), Catherine Zeta Jones (cantora britânica), Carlo Ponti (produtor de cinema italiano) ou Kirk Douglas. Conheceu a decadência com o desmembramento da velha Jugoslávia a partir dos anos 1990, mas restaurada a paz e conquistada a independência de Montenegro (em 2006), foi integralmente convertido em hotel de 5*, inaugurado em 2008: grupo internacional Aman Resorts (um dos co-proprietários da rede será o magnata russo Vladislau Doronin, ex-namorado da supermodelo Naomi), com 50 quartos: casas e suítes na ilha e outras oito grandes suítes na Villa Miločer. Os táxis estacionam no começo do istmo de cem metros que dá acesso ao grandioso portal do vilarejo; no mar circulam belos iates que ancoram na marina de Kotor, na de Budva ou outras na costa do Adriático.

2.3. Turismo «residencial» de chineses

Os novos-ricos chineses investem largamente no sector imobiliário, pelo excesso de liquidez e valorização crescente dos imóveis: os seus exibicionismos observam-se na própria arquitectura urbana, não apenas nas grandes metrópoles e nos condomínios privados mas mesmo ao nível de pequenos lugares, como Huaxi (apenas 2 mil habitantes; 50 mil com as comunidades satélites): velha aldeia rural transformada pelo Grupo Jiangsu Huaxi Co, conglomerado de empresas tendo como accionistas e trabalhadores os habitantes; mansões e um arranha-céus de mais de 300 metros de altura, com um hotel, como símbolo de poder e desenvolvimento. Testemunham-no igualmente as réplicas de edifícios notáveis do Mundo, como o Arco de Triunfo de Paris, o Capitólio dos Estados Unidos ou a Ópera de Sidney (no Parque Mundial a sul da montanha Longshan).

Nos investimentos imobiliários, destaque para os destinos de lazer, sobretudo em Hainão, ilha tropical no sul do país (à mesma latitude da Florida e do Havai, nos EUA), em frente do Vietnam, ponto de passagem dos barcos da velha Rota Marítima da Seda, ex. local de desterro para os governantes caídos em desgraça, em 1988 com estatuto de «zona económica especial», depois destino turístico de excelência, para férias de luxo: ilha-paraíso a sul de Cantão e Hanói, a 3 horas de Xangai por avião, montanhosa (Wuzhi, com 1.840 metros), com nove milhões de habitantes, e capital Haikou, na parte norte, centro político, económico, cultural

e de comunicações. Separada da extremidade sul da província de Guangdong pelo estreito de Qiongzhou, 33 mil Km2 como superfície, a segunda maior ilha chinesa, com 1600km de litoral, dezenas de baías, praias com coqueiros e areia branca e mar de águas cristalinas e tépidas, publicitada como o lugar dos encontros anuais do Forum Boao para a Ásia desde 2002 (equivalente ao Fórum Económico Mundial de Davos), e importante destino turístico, com relevo para Sanya (ligação à capital por comboio de alta velocidade: hora e meia): dezenas de estâncias termais e de campos de golfe, centenas de Palaces e grandes hotéis de luxo (não casinos), muitas marinas públicas e privadas, mesmo ilhas artificiais (caso da Phoenix com as suas altas torres de apartamentos, uma nova Palm Jumeirah) com pontes de acesso privado e ultra-elitistas, cruzeiros marítimos ao arquipélago de Paracel (disputado com vizinhos no Mar do Sul da China). Mas também uma enorme bolha imobiliária concorrente de outros destinos asiáticos, próximos, menos caros e bem mais sofisticados, e onde são permitidos os jogos de casino (Macau a 600km, Tailândia, Vietnam e a Indonésia).

Destino de turismo de luxo, de desenvolvimento recente (por todo o lado, guindastes, andaimes e prédios recém-erguidos) e pretensões internacionais, alimentado pela presença e os investimentos dos chineses ricos, muitos de Hong Kong, e de alguns estrangeiros, sobretudo russos, como nos hotéis Mandarim-Oriental, Ritz-Carlton, Banyan Tree, no Atlantis Sanya, *resort* com parque aquático, piscinas de água doce e salgada, e outros dos principais grupos hoteleiros internacionais de renome, a par das muitas lojas duty-free: 32 milhões de turistas chineses, quase 300 mil russos e 100 mil outros estrangeiros (facilidades específicas de obtenção de vistos e dispensa de vistos de entrada para muitas nacionalidades), em 2012, ou um milhão de turistas não chineses, principalmente da Coreia, Rússia e Japão. Os russos foram dos primeiros turistas a fazer da ilha a sua estância balnear, para fugirem aos invernos rigorosos do seu país, facilitados por voos directos: Novembro a Março, época ideal, num clima tropical.

Os chineses muito ricos, por razões de prestígio e investimento, devem não residir na cidade e nos hotéis mas possuir residências secundárias, apartamentos ou villas no meio da natureza, com largas vistas, ou junto de praias privadas, predominantemente com mobiliário e decoração ocidental, expressão de forte segregação social. Em Hainão, podem exibir livremente as suas fortunas, sem os cuidados algo comuns de dissimulação (tanto mais que muitos destes bilionários são quadros superiores do partido comunista), desde os iates de luxo na moderna marina, como o Pershing 72 de Wang Dafu (primeira geração de bilionários, Grupo Visun), e os jactos privados, aos Ferrari, Lamborghini, Rolls, Porsche, Bentley, de cores exuberantes, ou simplesmente Audi e Mercedes, aos telemóveis de um luxo e preço inusitados, às consolas de jogos gigantes,

às jóias únicas para as grandes festas, e todas as imaginárias manifestações de snobismo social.

Muitos chineses ricos, continuando a desenvolver actividades económicas na China e onde passam a maior parte do tempo e mantém boa parte do seu património (ao contrário de muitos oligarcas russos, que inclusivamente se exilaram), têm residência no exterior, onde muitas vezes permanece a família. Países onde também investem, pré-condição habitual de autorização de residência, desde que seja clara a origem da sua riqueza: diversificam os patrimónios no exterior, mesmo com imóveis comerciais e hotéis de luxo (um em cada três chineses ricos terão investimentos no estrangeiro; todos procuram ter um passaporte estrangeiro, australiano, americano, europeu). Protegem-se da campanha anticorrupção, concentrada nas transferências ilícitas de dinheiro chinês para o exterior, e da eventualidade de mudanças políticas e legislativas súbitas ou de fortes turbulências sociais na China (distúrbios, greves, protestos, conflitos de classes, que tendem a se intensificar). Beneficiam dos sistemas locais de ensino e de saúde, da melhor qualidade do ar, sem as poluições de muitas cidades chineses, de alimentos mais saudáveis, e vivem livremente como ricos (mansões em bairros de prestígio, automóveis de grandes marcas, boas escolas e universidades para os filhos, consumos de artigos de luxo), sem inseguranças nem censura social.

Elites empresariais das principais cidades, em particular de Xangai e Pequim, segmentos sociais alto e médio alto, gosto pela modernidade arquitectónica e tecnológica e pela animação, qualidade das construções e qualidade de vida, vistas de mar, equipamentos de lazer, campos de golfe e marinas: adquirem casas de residência da família, casas de férias e para a reforma, ou casas para rendimento; moradias isoladas, mansões e apartamentos em empreendimentos de grande porte, em *resorts* de golfe e praia, com infra-estruturas, serviços de apoio e serviços de entretenimento e lazer (preços competitivos no segmento luxo, competitividade fiscal, segurança e anonimato). Destacam-se como destinos, os Estados Unidos, a Austrália, o Canadá e na Europa, o Reino Unido, seguidos pela Nova Zelândia, Tailândia, Espanha e Portugal, Singapura e Malásia. Nos EUA estabelecem-se em Los Angeles, nomeadamente em Beverly Hills (apreciam a vizinhança de Paris Hilton, Sharon Stone e Rod Stewart), São Francisco e Nova Iorque, onde se tornaram os principais clientes de residências de luxo, ultrapassando os oligarcas russos.

Considerem-se os investimentos chineses no imobiliário referentes a 2014, justamente os que asseguram direito de residência, primeiro temporária depois permanente, e mesmo a nacionalidade. Integram-se nessa estratégia os "vistos dourados" do governo português (antecedidos todavia por outros destinos como Chipre e a Espanha), concedendo desde Outubro de 2012 autorização de residên-

cia e direito de circulação no espaço Schengen a cidadãos não-europeus que comprem uma casa de pelo menos meio milhão de euros, depositem um milhão de euros num banco português ou invistam num projecto empresarial que crie no mínimo dez postos de trabalho (valorização do yuan face ao euro, casas em Lisboa bem mais baratas do que em Pequim e Xangai), a par dos brasileiros, russos e angolanos. São habitualmente relevados como factores positivos do turismo residencial em Portugal: o clima, a localização (proximidade dos principais países europeus), a segurança, a estabilidade política e social, o nível de vida competitivo, a diversidade territorial, paisagística e cultural, a hospitalidade da população e a sua riqueza gastronómica, a existência de campos de golfe de qualidade internacionalmente reconhecida, a oferta diversificada de produtos e serviços, a presença de marcas internacionais de renome, a história, tradição e modernidade, a baixa densidade de construção e/ou a qualidade e sustentabilidade dos projectos desenvolvidos ou em desenvolvimento.

Factores valorizados pelo multimilionário irlandês Denis O'Brien (residente oficial em Malta por vantagens fiscais; negócios nas comunicações móveis, na aviação e nos media), proprietário da Quinta do Lago, empreendimento que comprou em 1998 e ainda emblemático do turismo residencial e de golfe no Algarve, com seus vários campos, consciência ambiental, presença de celebridades, proximidade do aeroporto internacional de Faro e da marina de Vila Moura: peso crescente dos mercados brasileiro e angolano, seguidos pelos mercados russo, chinês e outros países asiáticos e do Médio Oriente, a par do mercado britânico tradicional e o principal motor do mercado de segundas casas no Algarve, do mercado irlandês, sobretudo depois do desaire em Chipre, do mercado alemão e do escandinavo, atraindo e fixando novos residentes, com rendimentos elevados: segurança pública, estabilidade política, democracia, infra-estruturas, regras ambientais, integração na Europa do euro, sistema de saúde, hospitalidade, custo de vida. Mais recentemente também com a participação efectiva do mercado francês: revoluções na Tunísia, Egipto, Líbia; atentados em Marrocos; uso corrente do francês, acessibilidade (*low cost*), fiscalidade patrimonial e sobre rendimentos para reformados do regime privado e residentes não habituais (183 dias por ano não consecutivos), atractividade turística, rendibilização e valorização do património.

3. Novos afluxos de turismo milionário

As economias emergentes têm sido estratégicas para o turismo a nível mundial, dado o elevado poder de compra das suas elites e o forte crescimento económico, com avolumar paralelo das respectivas classes média-alta, em particular nos

BRIC (Rússia, China, Brasil, Índia), sem esquecer a África do Sul ou outros países ricos em petróleo, face à estagnação e contracção económica verificadas no mundo mais desenvolvido: a procura fora crescente, bem como os gastos, todavia algo perturbados com a crise de 2008, e com as novas dificuldades de 2015-2016. Funcionam como o motor do crescimento das despesas turísticas no estrangeiro, nomeadamente em destinos com ligações aéreas directas regulares, de *low cost* e de *charters*, e facilidades de vistos, ou mesmo isenção temporal de vistos, a par do estreitamento de relações culturais (festivais, exposições, concertos, seminários) e da difusão do uso operacional de certas línguas como o russo e o mandarim, além do inglês. Os países do Golfo, a Rússia, mas também a China, a Índia, o Brasil, contam muitas centenas de multimilionários, apesar das crises e das perdas parciais das suas fortunas, que procuram lugares de férias prestigiados ou mesmo algo exclusivos, isolados no meio do verde ou junto de litorais pouco acessíveis, discretos (tanto quanto possível longe dos *paparazzi*) e seguros, mas igualmente lugares mundanos, onde importa «ser visto entre gente que conta»: uma estada turística prestigiante deve decorrer no estrangeiro e mais ainda em países e destinos valorizados pelas elites dos velhos países ricos, e que continuam na moda, americanos ou europeus, sempre algo longe das multidões do turismo de massa. Viaja-se por prazer, ostentação, afirmação social, experiência visível, «documentada», do mundo moderno, livre, algo mágico. Práticas das elites que contaminam (efeito de imitação) as respectivas classes média-superior e mesmo as classes médias, com meios muito mais limitados e outras formas de viajar e de viver em férias.

Segundo a Organização Mundial do Turismo (OMT), o número de turistas internacionais continuaria a aumentar em todas as grandes zonas turísticas, com excepção do Médio Oriente (conflitos), e o turismo europeu beneficiaria da chegada das novas elites globais, compensando a estagnação das oriundas da própria Europa Ocidental e dos Estados Unidos. A região destaca-se de há muito em termos de turismo internacional, pelo envolvimento em deslocações de férias dos seus próprios residentes e pela atractividade sobre os potenciais turistas de outros continentes, no geral de nível económico elevado, até pelos custos das distâncias, em muitos casos com afinidades culturais, associadas a relações coloniais mais ou menos históricas: foram aliás os americanos que lançaram a estação estival nas costas do Mediterrâneo, nos anos 20 do passado século (Cap de Antibes e Juan-Les-Pins). Ressalta claramente um certo «tropismo europeu» por parte dos novos turistas milionários: nos finais do passado século avolumaram-se consideravelmente os fluxos provindos do Próximo Oriente e da ex-URSS, algo próximos, e também da Índia e da China, sustentados pelas suas novas elites enriquecidas e globalizadas. Nos destinos, sobressaem sobretudo a França, a Espanha e a Itália, as

grandes cidades (Londres, Paris, Roma), os Alpes ou as Rivieras mediterrâneas: simbolizam a cultura, o património, a arte, a elegância, as boas maneiras, a moda, a liberdade, a tolerância, a distinção, mesmo se os bons negócios se fazem preferencialmente em Londres, Frankfurt ou Genebra.

3.1. Turistas árabes

O relevo vai para os Emirados Árabes Unidos (UAE), federação de estados ao longo do golfo Pérsico, constituída em 1971 (antes protectorados britânicos; 100 mil residentes ingleses; 5 mil empresários ingleses, sobretudo no Dubai), com os principais centros económicos do Próximo Oriente (Abu Dhabi, Dubai, Ajman, Fujairah, Ras al Khaimah, Sharjah e Umm al Qaiwain, com largo grau de independência): economia tradicional baseada na pesca e na indústria das pérolas, e a partir dos anos 1950 no petróleo e no gás (exportações de petróleo desde 1962, por Abu Dhabi). Também lugares de vida social algo ocidentalizada e cosmopolita, que polarizam residências mesmo entre os que trabalham na Arábia Saudita, Índia e até em África, e afluxos de turismo, mas que igualmente emitem fluxos para outros destinos de prestígio, nomeadamente ocidentais (importante função de hub do Dubai). Conjunto que se prolonga pelo Kuwait, o Bahrein e o Qatar e a sul, pela Arábia Saudita (com algumas discordâncias políticas, nomeadamente quanto ao acolhimento e financiamento de grupos revolucionários actuantes no mundo árabe e em particular na própria região e no norte de África).

A região conta uma classe de gente abastada e mesmo muito rica que faz férias de verão em lugares próximos mas mais frescos, junto do Mediterrâneo ou do Suez, antes também nas montanhas do Líbano, onde muitas famílias possuem mansões (2,3 milhões de turistas em 2010 e apenas 1,3 milhões em 2013, afastados pela guerra na Síria e a dispersão espacial dos muitos refugiados), e da Síria, mesmo nos países do Magreb, com destaque para Marrocos no Inverno e em particular para Marraquexe, um dos novos «guetos» dos velhos e dos novos-ricos. Mas fazem-no cada vez mais nas grandes cidades da Europa, nomeadamente em Londres (familiaridade pelos estudos, domínio do inglês, que consideram língua de prestígio), onde passam frequentemente três meses de Verão, e em Paris (comércio de luxo; Disneylândia) ou na Côte d´Azur, sobretudo em Cannes, em Nice e no Mónaco: reputação internacional; ligações aéreas directas Dubai-Nice; facilidades de estacionamento de jactos privados; marinas para os grandes iates (*Port Vauban, em Antibes, e outros);* muito bons hotéis (alguns Palaces) e vastas residências secundárias, capazes de albergar grandes famílias com muitos filhos e serviçais; climas agradáveis e paisagens verdes, elevadas e protectoras (Alpes); turistas também muito motivados pelas compras de grande luxo, pelos eventos (festivais, e muito

particularmente o Festival de Cinema de Cannes, espectáculos múltiplos) e alguns pelo jogo nos casinos, em particular no prestigiado Monte Carlo; clientela algo jovem e cada vez mais educada, muitos estudando nos melhores colégios e Universidades europeias; igualmente estadas longas fixadas pelo Ramadão...

Os turistas árabes valorizam as compras identitárias de superioridade económico-social, desde logo grandes mansões, verdadeiros palácios particulares, sempre bem vigiados. Frequentam hotéis de 5* ou Palaces, casos do Hotel Georges V de Paris (Four Seasons) ou do InterContinental Carlton de Cannes, na Croisette, perto do Palácio dos Festivais e que remonta a 1913, alguns por eles adquiridos e remodelados. É o caso do hotel Península Paris (da cadeia Península Hong Kong, que remonta a 1928), que fora Hotel Majestic em 1908, no local onde em 1864, Alexansandr Basilewski (nobre russo) construíra um palácio, adquirido em 1868 pela rainha Isabel II de Castela então no exílio/Palácio de Castela, por último do governo francês e em 2008 da empresa Diar do Qatar. Valorizam os estabelecimentos de comércio de luxo, alguns por eles adquiridos, como em Londres (casos do Harrods, comprado pelo Qatar em 2010, ao egípcio Mohamed Al Fayed) ou em Paris (as Galerias Lafayette e o Printemps, outras butiques dos Campos Elísios, e mais além Gucci, Prada, Dior), a par de muitos bons restaurantes árabes e mesmo um cinema árabe, iniciativa do príncipe saudita Al-Walid (sala de projecção de Elysées Biarritz), e o Vallée Village, um *outlet* chique, próximo da Disney (roupas, malas e sapatos, perfumes, cosméticos). E permitem-se caprichos algo estranhos: por ex. um príncipe saudita privatizou a Disneylândia durante 3 dias.

Alguns turistas bastante ricos do Médio Oriente privilegiam de há muito Marbelha, em concorrência com Maiorca (onde desde 1965 o rei Saud se instalava no hotel *Son Vida*, seguido desde 1967 pelo rei Faisal, da Arábia Saudita, assassinado em 1975, e o seu séquito, e ocupando 26 quartos do mesmo hotel): foi eleita como destino de férias pelo rei Fahd Ibn Abdul Aziz (1923-2005), também da Arábia Saudita (1974). As suas presenças animavam economicamente o lugar: séquito numeroso, de centenas de acompanhantes, familiares e amigos (suítes nos hotéis de 5*, automóveis de luxo); visitantes ilustres (o próprio Osama bin Laden e família entre 1977 e 1988; e noutras ocasiões o rei Juan Carlos, o ex. primeiro ministro José Aznar, o ex. secretário de estado Colin Powell ou o primeiro-ministro Tony Blair); mobilização local de numerosos servidores, presenteados com gorjetas generosas, a par dos migrantes da própria Arábia Saudita; milhões de petrodólares em gastos sumptuosos e extravagantes; compras de luxo e muitas oportunidades de negócio, das jóias sofisticadas e informática mais moderna à moda, aos chocolates e às flores; presenças habituais no Casino de Marbelha, nos melhores restaurantes e nos clubes nocturnos e discotecas como a *Regine, do* hotel Puente Romano; atracagem de grandes iates na marina de Puerto Banus... Foi em Marbelha que em

Julho de 2011 teve lugar o casamento de uma neta do rei Fahd, a princesa Sara Fahd Bin Salman, atraindo mais de 1500 convidados, muitos do Dubai, Abu Dhabi e Qatar, entre eles quatro centenas de princesas: a festa, como um reencontro do mundo árabe com Marbelha, terá durado vários dias, esgotado a oferta de hotéis exclusivos, como a Villa Padierna (também preferida por Michelle Obama), o Puente Romano e o Marbella Club y Kempinski, e igualmente muitas das melhores villas que se alugam por curtos períodos, e mobilizado muitas dezenas de novos Mercedes negros, importados especificamente da Alemanha.

Recorde-se que o rei Fahd foi por muitos considerado como o rei do *Bling*, o sultão do Esplendor: vários aviões, entre os quais um Boing-747, com elevador próprio, vários helicópteros e vários grandes iates (Lady Haya, de 65m, o Shaf London, de 53m, e sobretudo o príncipe Abul Aziz, de 147m, demasiado grande para entrar na marina e ancorando na baía de Marbelha). De lembrar também que os sauditas possuem quase 1/5 dos cem maiores iates do mundo, entre eles (são ou foram da família real) o Montkaj, o Khalid bin Sultan, o Shaf (antes Akitou), habitualmente em Marbelha, o Al Riyadh, o Sarah, o Fortuna, o Lady Nura, o Lady Haya, o Al-Thagr Al-Diriyah. E igualmente, muitas limusinas e automóveis de grandes marcas (Ferraris, Porches, Bentleys, mesmo Rolls Royces), que por si só atraem visitantes curiosos.

No verão de 2013 avaliava-se em 7% os turistas de Marbelha procedentes do Médio Oriente (Arábia Saudita, Kuwait, Qatar e Emiratos Árabes Unidos), mais do que no ano anterior, valor que se acentuaria em 2014 (crescimento de 25%). As autoridades locais estão atentas à sua presença e respectivos impactos, multiplicando as iniciativas de captação de mais turistas do Próximo Oriente, com destaque para os do Golfo Pérsico, os mais ricos, além da Arábia Saudita: afirmação da Costa del Sol como o terceiro destino dos turistas árabes em Espanha, depois de Madrid e Barcelona e à frente de Ibiza, e o de estadas mais prolongadas; voos directos, facilidade de vistos; viagens de familiarização para tour-operadores e agências; promoção do «Triângulo de Ouro», formado por Marbelha, Estepona e Benahavís (sol e praia, cultura, gastronomia, saúde e golfe) no Arabian Travel Market (2014, Dubai) e outros eventos, com contactos ao mais alto nível na Arábia Saudita, no Dubai, em Abu Dhabi (príncipe Sultão Ben Khalifa, militar e agente de intermediação de negócios), e no conjunto dos Emiratos Árabes Unidos (em 2013 a Espanha recebeu 41.511 turistas procedentes de EAU), reforçando a imagem de Marbelha como destino turístico dos árabes no Mediterrâneo e a Costa del Sol como porta de entrada para toda a Andaluzia.

Ao mesmo tempo (2014) surgia em Marbelha, justamente na Milla de Oro, um hotel centrado na procura árabe, o Alanda Hotel Marbelha, do grupo saudita Fawaz Al Hokair, antes da cadeia NH, sem bebidas alcoólicas nem carne de porco

e derivados. Promoção sem entretanto descurar outros novos mercados, desde logo o russo, já muito significativo a nível regional, mas também o indiano, contando neste caso com a potencial influência do mercado britânico (tradicional em Espanha; valor da libra) a que aquele se encontra muito vinculado, económica e socialmente, pela história que liga o Reino Unido e a Índia; e o mercado chinês, em clara expansão no destino Málaga-Costa del Sol. Para 2020, a Turespaña previa a chegada de um milhão de turistas chineses, passando a principal emissor asiático e a segundo mercado extracomunitário, à frente dos Estados Unidos: acresce que, de acordo com a Global Blue, os turistas chineses são os que mais gastam em compras, seguidos dos russos, e de longe dos indonésios, estadunidenses, japoneses, tailandeses e sauditas.

A monarquia da Arábia Saudita privilegia igualmente outros destinos mediterrâneos, em particular Cannes e a sua região, que concorrem fortemente com Marbelha, tal como o fazem muitos outros bilionários do Golfo, enquanto outros valorizam a Costa Esmeralda (Sardenha) no seguimento da aquisição pelos Fundos do Qatar do *resort* lançado meio século antes pelo príncipe Karim Aga Khan. À imagem da aristocracia ocidental no passado e actualmente de Nicolas Sarkozy (Cap Nègre) ou Jacques Chirac (Saint-Tropez), a família real da Arábia Saudita marca regularmente presença estival no Golfe-Juan, entre Cannes e Antibes (lado oeste e costeiro de Antibes), no ex. Palácio Florentino (château de l'Horizon), construído em 1932 para Maxine Elliott, comediante americana, junto do areal de Vallauris e dotado de porto privado, outrora frequentado por Winston Churchill, o príncipe Ali Khan e Rita Hayworth, sua mulher (villa Aurore), mas adquirido em 1979 pela família real saudita. Por sua vez, o príncipe Mohamed Ben Fahd Al-Saoud, filho do defunto rei Fahd e sobrinho do actual rei Abdallah, possui também na mesma comuna de Vallauris o parque do Château Robert, 13ha arborizados e protegidos, com castelo em ruínas, onde fez construir duas villas de mil m2 cada, com fontes e piscinas (o projecto inicial compreendia outras villas, para a família, e um grande palácio). Na continuidade, a vida muda quando chegam os distintos afortunados árabes à Riviera francesa, desde logo à moradia de Salman Ben Abdelaziz Al-Saud, no poder de Riade desde 2015: a praia é interdita ao uso público durante a sua permanência, por razões de segurança, e é montado um elevador de ligação da moradia ao areal. Como habitualmente, acompanham o Rei muitas centenas de convidados, que se instalam nos melhores hotéis locais, de Antibes e de Cannes, a menos de uma dezena de quilómetros, animando durante um mês o comércio de luxo local, dos casacos de vison e arminho aos alugueres de limusinas e à venda de flores de corte.

Em França, a proibição (2011) do uso do *nicabe* (véu que cobre o rosto) e da burca em lugares públicos pelas mulheres muçulmanas afastou alguns dos ricos

turistas árabes do Golfo, perdendo peso relativamente a outra clientela turística, da América do Norte, Rússia e China, também de classes superior e média-superior, e perdendo os seus petrodólares: em qualquer caso, um «turismo de classe» e não «um turismo de massas». Alguns vão para a Áustria, nomeadamente Salzburgo e as estâncias Kaprun e Zell Am See, com suas pistas de esqui, região onde os turistas do Qatar e dos *Emiratos árabes passam quase 500 mil noites, muitos em Janeiro e Fevereiro, muitos outros no Verão, constituindo a segunda clientela a seguir aos vizinhos alemães: presença que justificou a muito discutida, já que algo discriminatória, publicação oficial em 2014 de um manual de adaptação e respeito pelos usos e costumes locais e ocidentais, sem burcas, a par da multiplicação de indicações em* alemão, inglês e árabe e da publicação de guias turísticos em inglês e em árabe. Muitos outros, da classe média, fazem férias algo económicas em Annecy, sobretudo famílias alargadas, de uma vintena de pessoas de diferentes gerações, que alugam vivendas e permanecem algumas semanas, enquanto outros se instalam no secular Hotel Imperial Palace (4*, spa e centro de bem-estar, parque, casino com jogos de fortuna e azar, minigolfe, praia privada), numa ambiência lacustre, bela, animada e repousante, rodeada de um quadro grandioso e próximo de Genebra (40km): remonta a 1913, atraindo desde logo as cabeças coroadas e os «grandes do mundo» (vilegiatura estival aristocrática e burguesa), em particular durante a IGG (neutralidade suíça) e nos anos 20; turismo nas velhas Rivieras lacustres, à imagem da do Lago Lehman (Genebra), centrada em Montreux (Vaud: microclima, pela exposição a sudoeste e protecção da montanha), frequentada desde logo pelos ingleses e dispondo de notável oferta hoteleira (Grand Hotel Suisse Majestic, de 1870, visitado frequentemente por Sissi; o *Caux-Palace* de 1902; Le Montreux Palace, 5*, estilo Belle Époque, luxuoso, perto das margens, que remonta a 1906, etc.).

As férias estivais dos turistas do Golfo e de todo o Médio Oriente na Europa são, com efeito, também uma ocasião de visitar com a família muitas cidades europeias (circuitos). Desde logo Genebra, muito embora a atracção da Suíça seja prejudicada pelo valor do franco face ao euro (tanto para os turistas dos países do Golfo, como no caso dos oriundos da China, Índia e Rússia, mais ainda com a actual crise dos preços do petróleo no caso particular dos exportadores); alguns hotéis suíços cuidam inclusive da distribuição do Corão nos quartos ocupados pelos turistas árabes, acompanhado dum tapete para orações e de uma bússola para indicação de Meca, bem como de minibares com bebidas não alcoólicas e possibilidades de compra de burquinos, num ambiente geral de alguma islamofobia. Mas igualmente Viena, Munique (multiplicação imediata das chegadas à Baviera com a interdição francesa da burca e as múltiplas iniciativas locais de bom acolhimento e adequação a diferenças religiosas e culturais), ou a oeste, Madrid, Barcelona, Málaga e muitos outros lugares de Espanha...

3.2. Turistas chineses

O turismo dos chineses decorre sobretudo no próprio país, com muitos milhões de deslocações, as elites para a ilha de Hainão, a «Saint-Tropez» chinesa, as classes populares para as aldeias de origem, os lugares reconhecidos pela Unesco como património mundial, natural e cultural (antiga civilização chinesa), os caminhos de Mao para os mais pretensamente «comunistas»; no conjunto, pouco interesse pelas praias e pelos desportos na neve, bem como pelo campismo. Viagens com a família ou com amigos, em datas precisas e gerando fluxos de massa: festa do Trabalho-1de Maio, suprimida em 2007 e dando lugar a 3 outras festas tradicionais, de modo a fragmentar mais as férias (Festa dos Mortos em Abril, Festa dos barcos-dragões em Junho e Festa de contemplação da lua, nos meados de Setembro), Festa Nacional – a 1 de Outubro e o Novo Ano Lunar, ocasião de reencontro da família nas suas antigas aldeias, de onde partiram defina ou sazonalmente. Viagens que reflectem a estratégia oficial para o desenvolvimento do turismo emissor, interno e para o exterior, *e a distribuição dos seus benefícios económicos, socioculturais e ambientais, tendo em conta o reconhecimento do direito a férias anuais pagas dos trabalhadores dos sectores público e privado, e a liberdade e flexibilidade quanto a datas e destinos das suas deslocações. Note-se que apenas em 1995 a China adoptou a semana de trabalho de 5 dias, mas que exclui os rurais ou os recém-urbanos, e que pela lei de 2008, contam-se cinco dias de férias por ano para os com menos de 10 anos de trabalho numa empresa, dez dias no caso de 10 a 20 anos, e 15 dias nos restantes. Regras que beneficiam uma parte da classe-média (e que evoluem): funcionários públicos, trabalhadores das grandes empresas nacionais e estrangeiras, que podem fazer férias no estrangeiro, mesmo na Europa: viagens em grupos, circuitos de autocarro, restaurantes chineses e hotéis económicos das periferias urbanas, embora não dispensem as lembranças para familiares e amigos.*

O turismo no exterior foi marcado por fortes restrições de viagens de lazer até ao início deste século, financeiras e políticas: menos de um milhão de turistas viajaram para o estrangeiro em 1995 (apenas os mais ricos, a par de viagens de negócios ou de estudo), mas 34 milhões em 2005, 54 milhões em 2010 e 88 milhões em 2013; para 2015, esperava-se que 100 a 130 milhões de turistas chineses fizessem viagens ao estrangeiro, primeiro a outros países asiáticos, depois aos EUA (Nova Iorque, Califórnia, Havai) e à Europa (os muitos ricos e a crescente classe média). A China ocupa o primeiro lugar mundial, se não em termos de mercado emissor pelo menos quanto a gastos («carteiras ambulantes»): em 2014, cerca de 109 milhões de turistas chineses fazendo férias no estrangeiro terão gasto 150 mil milhões de euros, segundo o Banco da América Merrill Lynch, valor que se elevará a 200 mil milhões em 2020.

Estamos perante a segunda economia do mundo, com elevadas taxas de crescimento anual (mesmo quando em crise, e em particular em comparação com a Europa Ocidental, que tende persistentemente a estagnar), forte expansão da classe média e média-alta, e muitos novos milionários (mais de um milhão em 2011; previsões do Crédit Suisse apontavam para 2,4 milhões em 2016), muitos deles políticos e com menos de 50 anos. Por todo o país, uma classe social emergente de novos-ricos, que enriqueceram muito rapidamente, impérios construídos do nada, na base das reformas iniciadas depois da morte de Mao Zedong, por anteriores funcionários, ou detentores de pequenos negócios, procurando viver os sonhos dos ricos e famosos, mesmo se os luxos e a ostentação são reprovados socialmente.

Não acostumados à riqueza, os chineses com dinheiro são arrastados pelo consumismo e gastam o seu dinheiro em imóveis modernos, carros velozes, roupa de luxo, consultores financeiros, empregados domésticos, educação dos filhos no estrangeiro, viagens. Endinheirados mas incultos («tuhao»), de maneiras populares, são muitas vezes ridicularizados pelos gastos desmedidos e os gostos espaventosos: automóveis de grandes marcas, modelos exclusivos e cores berrantes, como Ferraris rosa, relógios incrustados de diamantes, iPhones dourados ou mesmo revestidos a ouro; roupas de cores vivas e brilhantes, com pérolas; grandes festas familiares; desperdício de fortunas nos casinos de Macau e nos centros comerciais de luxo de Hong Kong; mesmo aquisição de pianos Petrof, de mais de uma centena de milhares de euros (fabrico artesanal, acabamentos luxuosos), importados directamente da República Checa. Alguns inscrevem-se para viagens espaciais (executivos e empresários).

Na continuidade do enriquecimento, também o desenvolvimento dos fluxos turísticos internacionais, cada vez mais amplos: turistas maioritariamente ricos, urbanos, diplomados, com elevado padrão de vida; viagens organizadas, mas igualmente especializadas e personalizadas; etapas de prestígio, lugares históricos, de golfe, de vitivinicultura, de compras exclusivas; serviços e mordomias ajustadas, desde logo pela língua. Reforça-se progressivamente uma nova clientela independente, jovem, informatizada, globalizada e livre, falando inglês, da classe média, com outros valores mais comuns ou mais culturais, e suas épocas próprias (Primavera, Ano Novo chinês, Outono): evitam as viagens demasiado organizadas, tal como as viagens exclusivas e personalizadas dos muito ricos.

A nível global, os turistas chineses privilegiam como países mais acolhedores, a Austrália (39%), Singapura (29%), França, Nova-Zelândia e Coreia do Sul (28%), Hong Kong (26%), Estados-Unidos, Taião e Canadá (23%) e Reino-Unido (18%). Se cem milhões (ou mesmo mais) de chineses fazem turismo no exterior, são ainda poucos os que visitam a Europa, e preferencialmente a França: um milhão e

meio, mas mais de 2 milhões em 2020, segundo a OMT. Também um milhão para os Estados-Unidos, com destaque para Nova Iorque, Califórnia e Havai. Nas escolhas europeias, a França vem sempre à frente da Itália, Suíça e Alemanha: imagem de um país sofisticado, da moda (duty-free), com cozinha requintada, que tem preparado o seu acolhimento/negócio, nomeadamente com profissionais falando mandarim e cantonês. E de um destino de sonho, luxo e romantismo (A Dama das Camélias, traduzido para chinês), expresso no próprio turismo matrimonial: festas de casamento e viagens de núpcias; álbuns de fotografias de noivos em castelos do Loire ou em campos floridos, sobretudo os de lavanda na Provença. Privilegiam-se Paris e a Côte d`Azur, os Alpes e suas estâncias de esqui (Chamonix), mas também a Normandia, a Bretanha, ou a região de Bordéus, pelo enoturismo (sem esquecer a Polinésia/Tahiti, em pleno Pacífico ou a ilha da Reunião, no Índico, bem mais próximas). Uns viajam em grupo e fazem circuitos; outros, com maior poder de compra, fazem viagens de negócio e de descoberta turística personalizada. Os milionários são bem mais livres e independentes, e além de Paris, visitam a Riviera (Nice e o seu Carnaval, Cannes, Mónaco e o respectivo casino), os castelos do Vale do Loire, Lyon (Festa das Luzes), as regiões de Bordéus e Bourgogne (vinhos, *châteaux*, enoturismo), o património natural e cultural (Chamonix e Monte Branco, Provença), etc.

Os turistas internacionais chineses são particularmente gastadores, bem mais (valorização do yuan face ao euro) que os ingleses e os alemães, e mesmo que os americanos (principal clientela não europeia da França), os japoneses (valor do yen em relação ao euro), os brasileiros, os russos ou os indianos, e apenas ultrapassados pelos turistas da Arábia Saudita, sobretudo em compras de luxo, à imagem das primeiras levas de turistas japoneses: forte concorrência na captação destes fluxos de privilegiados, habitualmente viajando em grupo, desde logo pelas facilidades de emissão de vistos, que em certa medida determinam o país de entrada e o de saída (logo, o de muitos dos gastos, sem as correspondentes taxas); consumidores cada vez mais visíveis nos destinos turísticos mundiais clássicos; forte associação entre turismo e compras de bens de luxo, sofisticados, autênticos e exclusivos, como *alta-costura, objectos de couro,* cosmética, perfumes, jóias e relógios das grandes marcas (peso do IVA nas lojas especializadas da China). Bens não acessíveis às massas mas adquiridos habitualmente *pelos homens de negócio, gestores de empresas e seus funcionários, estrelas do cinema e outras:* Chanel, Dior, Louis Vuitton, Giani Versace, Cartier, Gucci, *com suas vendedoras dominando a língua destes seus clientes e informando-os pormenorizadamente dos reembolsos da TVA no aeroporto...* Daí a importância atribuída ao facto do comércio de Paris poder manter-se aberto aos domingos, sobretudo o de artigos de luxo «Made in France», incluindo vinhos de grandes marcas, como ocorre em Londres, ou mesmo na Península Ibérica, e

às facilidades de pagamento com cartões bancários, a par da gentileza na sua recepção: desde logo através da língua, como o fazem as Galerias Lafayette ou L. Vuitton, e não apenas para os turistas viajando em grupo, e do respeito pelas suas superstições, preconceitos e hábitos, questões que também se põem para todos os novos clientes abastados dos países emergentes, como os brasileiros, os indianos ou os russos, além dos árabes do mundo do petróleo e do gás.

Vistos pelo governo chinês como testemunhos do desenvolvimento do país e da sua abertura ao exterior, importa que assegurem uma boa imagem, de cultura e sofisticação. Nos jornais são muitas as referências aos maus comportamentos dos milhões de turistas chineses que fazem férias no estrangeiro, sem respeito pela cultura dos países visitados; promovem-se então campanhas televisivas de sensibilização contra expressões de pouca educação, falta de civismo, desobediência moral à ordem pública e social, desrespeito pelos recursos turísticos e o ambiente, distúrbios em transportes públicos, danificação de espaços históricos, envolvimento em prostituição e jogo, atitudes desrespeitosas, falar alto em espaços públicos, ignorar sinais vermelhos, cuspir para todo o lado, que põem em causa a reputação do país. Procurando educar estes seus turistas o governo chinês promoveu programas televisivos e fez publicar um guia de cerca de 60 páginas com regras de conduta básicas (como não comer nos transportes públicos, não cuspir nem deitar lixo para a rua, não atravessar com sinal vermelho, não falar alto, não discutir os preços nas lojas), desde logo para os turistas que visitam Hong-Kong (colónia britânica durante um século e desde 1997, região administrativa especial, no quadro «um país, dois sistemas»).

3.3. Turistas indianos

A Índia é igualmente um gigante asiático, com 1,2 mil milhões de habitantes em 2014 (um sexto da população mundial) e uma economia com forte crescimento económico (2014, PIB +5,2% e previsões de +5,7% para 2015, contra +4,6% em 2013; inflação 11%), saída de milhões de famílias da pobreza, emergência da classe média (avaliada em 300 milhões, mais de 1/4 da população, que duplicará até 2030, a par de 25 milhões de ricos em 2040), 30% da população residente em zona urbana, cidades com mais de um milhão de habitantes e metrópoles de muitos milhões: Bombaim conta cerca de 20 milhões e Deli, 16,7 milhões. Segundo o HSBC (Janeiro de 2012), «The World in 2050», a Índia será a 3ª economia mundial depois da China e dos EUA, e o país mais povoado no horizonte de 2021: um imenso mercado, jovem, diferenciado regional e culturalmente, e estimulado pela sua diáspora; estima-se aliás em mais de 40 milhões os indianos a viverem no estrangeiro (Ásia, + de 15 milhões; Europa, + de 7 milhões;

América, + 7 milhões; França conta cerca de 110 mil imigrantes indianos e a ilha da Reunião 220 mil).

Com a densificação da classe média-superior e a valorização da rupia, multiplicação das férias fora dos lugares de residência habitual e explosão dos fluxos de turismo interno (mais de 650 milhões de viagens domésticas em 2011) e internacional: 2 milhões de viagens ao estrangeiro em 2000, 8,5 milhões em 2006, 10 milhões em 2010 e 15 milhões em 2012 (turismo e negócios, ou seja +53 % do que em 2007); para 2020, a OMT prevê 50 milhões de indianos fazendo férias no estrangeiro, acompanhando a evolução dos fluxos da China, Filipinas, Indonésia (17 mil ilhas), como antes no Japão e na Coreia do Sul. Fluxos desde logo induzidos pela diáspora (visitas de familiares e amigos, que representam cerca de ¾ dos mesmos), mas também muito favorecidos pela remodelação, ampliação, modernização e densificação da rede de aeroportos (dezenas de novos aeroportos, com suas áreas de lazer e shopping, por toda a Ásia-Pacífico), pela multiplicação das *low cost* e das ligações a outros continentes, por exemplo através do Dubai.

Os turistas indianos viajando para o estrangeiro orientam-se para o sudeste asiático, dando preferência ao Nepal e ao Sri Lanka, pela proximidade geográfica e cultural, à Tailândia (7% em 2012) e Singapura (6%), seguidas pela Malásia e pelos Emirados Árabes Unidos (presença da diáspora indiana nos países do Golfo): o *Dubai recebe mais de 5 milhões de turistas indianos (Taião acolhe 4 milhões). Outros procuram as ilhas do Índico, onde encontram facilidades de vistos de entrada, para além de laços afectivos, culturais e históricos: Reunião, Maurícias (previsões de* 105 mil visitantes indianos de todas as classes sociais em 2015, com base na cultura, moda, golfe, pólo), *Maldivas,* Seicheles. De 2007 a 2011 relevavam-se como destinos os EUA, com 10% das chegadas, o RU e a França, ambos com 6%, a Suíça, a Itália e o Canadá, com 3%. Em 2013, nos destinos de longo curso, continuaram a dominar os EUA (700 mil viajantes), o Reino Unido (375 mil visitantes e previsões de 500 mil em 2020), a França (300 mil, o mesmo que a vizinha Hong Kong).

A clientela turística da classe média privilegia o Sudeste asiático, as ilhas do Índico, os países do Golfo Pérsico, e só depois a Europa, os EUA e outros destinos distantes: viagens em grupos familiares (avós, pais e netos; hotéis-apartamentos); viagens organizadas específicas (museus, parques temáticos, compras, itinerância, hotelaria e restauração/tradição, religião, prestígio dos destinos, associado tantas vezes às facilidades oferecidas antes aos realizadores de cinema indianos, informação em hindu); viagens de grupos de trabalhadores de empresas (bem maiores, com muitas centenas e até milhares), sobretudo das áreas farmacêutica, construção de automóveis, novas tecnologias, seguros (MICE). Sem esquecer as viagens associados a casamentos, que envolvem muitos convidados e gastos vultosos, em destinos prestigiados pelo cinema, como Versalhes, Paris, Mónaco ou Cannes, a

par das viagens de núpcias, com forte preferência por Itália, em particular Veneza, Verona, Roma.

As orientações do turismo indiano na Europa reflectem os laços históricos, a familiaridade com a língua inglesa, e a importante diáspora (1,6 milhões no R.U): famílias, também grupos grandes, com gastos elevados, e presenças sobretudo de meados de Abril a meados de Junho, período de férias escolares, e não na época alta do turismo dos europeus. Cada vez mais, igualmente uma clientela individual, abastada e bem mais sofisticada e global, saída de uma população jovem (50% com menos de 24 anos e 70% com menos de 35 anos), que domina as novas tecnologias de comunicação (ao contrário da China e do Japão, com grande peso dos seniores): 200 mil milionários em dólares em 2011 e 55 bilionários, logo a seguir aos USA e à China, sem considerar a economia subterrânea; jovens diplomados, profissionais nas grandes empresas, nomeadamente das novas tecnologias, com elevado poder de compra e bom nível de vida, gostos ocidentalizados e consumos de luxo, tanto em Londres como em Paris, na Suíça e na Alemanha, nomeadamente no vale do Reno.

Como mercados emissores destacam-se Bombaim, capital económica e financeira e sede da Bollywood, Deli, capital política, Bangalore, Calcutá, Chennai, pela concentração das classes média-superiores; como motivações, a visita de familiares e amigos (reformados abastados, com tempo e dinheiro), as viagens de MICE, prolongando-se por estadas de recreio, e só depois as puramente recreativas, de grupo (famílias com avós e netos) ou individuais, de turistas com mais experiência e internacionalização (viagens mono-destinos e destinos exóticos, associadas à personalização das estadias, a grande qualidade e originalidade, nomeadamente nos serviços), e em particular as de lua-de-mel. Os mais ricos frequentam os Palaces de Paris, Suíça, Mónaco, Saint-Tropez, ou os dos USA e Canada, visitam os casinos, praticam golfe, valorizam a restauração sofisticada e local, com lugar para os bons vinhos, que estão cada vez mais na moda entre as elites abastadas urbanas e jovens, a par do *shopping* de produtos de luxo, exclusivos (grandes marcas internacionais como Cartier, Dior, Chanel, Hermès, Baccarat, Lalique), e da aquisição de lembranças para familiares e amigos (butiques e *outlets*, como La Vallée Shopping Village, na região de Paris). Constituem uma clientela com muitas exigências quanto aos serviços de acolhimento e amabilidade, na continuidade dos seus muitos serviçais; preferência por turismo urbano, visitas de monumentos (património da Unesco), castelos, museus, parques temáticos (Disneylândia, Parque Asterix, tal como Mini-Europe/Heysel de Bruxelas, com a reprodução em miniatura dos principais monumentos europeus, ou o vizinho parque aquático Océade), também vida nocturna (cabarés), espectáculos de luz e som, paisagens de prestígio.

Em 2010, a França recebera cerca de 230 mil turistas indianos (autenticidade, cultura, mas destino tido como caro), contra 600 mil chineses (sem Hong Kong e Taiwan), sobretudo de fluxos multidestinos, a partir do Reino Unido (365 mil), com passagem por Paris, continuidade por Chamonix e pela Suíça (400 mil dormidas em 2009). Paris beneficia da sua preferência: luxo, vinhos, romance, moda, gastronomia, com suas componentes vegetarianas e de especiarias, e exclusão de carnes de porco e de vaca; criação em Paris do Clube dos restaurantes indianos. A Côte-d'Azur figura também como destino de praia prestigiado (marginalizado todavia nas primeiras visitas), mas as preferências vão sobretudo para Chamonix: climatismo de montanha (calor e poluição das grandes metrópoles, como Nova Deli e Bombaím), como o faziam tradicionalmente nas estâncias das encostas dos Himalaias, com destaque para Darjeeling.

O climatismo é o grande motivo de valorização do destino Suíça, a que acresce a inclusão das paisagens dos Alpes nos filmes de Bollywood desde os anos 60 do passado século, e a impossibilidade da continuação da vilegiatura tradicional em Caxemira, disputada e dividida pela Índia e o Paquistão desde o fim da colonização britânica em 1947. Destaca-se nomeadamente o alto vale do Engelberg, na proximidade de Lucerna, do parque glaciar de Titlis, com sua gruta de gelo eterno, subidas a 3 mil metros (vários teleféricos), lagos, ponte-suspensa mais alta da Europa, percursos para caminhadas, muitos tipos de relaxamento: no verão (sobretudo em Maio e Junho), a aldeia de Engelberg recebe dezenas de milhares de indianos, «Village d'Indiens», com o seu hotel Terrace (construído em 1906, decoração Arte Nova, 240 quartos, 50 mil dormidas, sendo 35 mil de indianos, e obviamente cozinha indiana durante a estação), a Meca do turismo indiano estival, que lembra Bénarès. Os circuitos europeus do turismo indiano percorrem igualmente a Alemanha (455 mil visitantes no final do primeiro decénio deste século, favorecida pelo aeroporto de Frankfurt), a Áustria e a Itália (394 mil) e mesmo a Espanha (70 mil dormidas em 2010), sempre longe do turismo de massa. Fluxos muito dependentes das ligações aéreas directas ou através dos Emirados Árabes Unidos e do Qatar, que consideram a Índia como seu mercado doméstico, mantendo muitos voos regulares e funcionando como plataforma internacional.

4. O regresso dos turistas milionários russos

4.1. A tradição da vilegiatura

A atracção dos russos pela Europa Ocidental remonta à aristocracia do século XVIII, mas o turismo russo só se afirma na segunda metade do século seguinte,

favorecido pelo desenvolvimento da indústria, das infra-estruturas, das relações com o exterior, nomeadamente novas relações com a França nos anos 1880, então com imagem de país amigo, rico e civilizado, com destinos de férias muito prestigiados, desde logo a própria Capital: vida social, luxo, património, literatura, música, pintura; elites em busca de convívio e prazeres entre iguais (aristocracias czaristas e ocidentais, muitas frequentemente ligadas por laços familiares, sobretudo desde o czar Alexandre III (1881-1894); aliança entre a República francesa e o Império russo em 1880, renovada em 1907 e alargada à Grã-Bretanha; visita de Nicolau II em 1896; estadas na Capital (catedral Saint Alexandre Newsky, de 1861, a primeira de França), em Biarritz (igreja ortodoxa de 1879) e na Côte d´Azur (catedral ortodoxa Saint-Nicolas, de 1912, na Avenida Tzarévitch, inspirada na de São Basílio, de Moscovo, e mandada construir pelo czar Nicolau II, e antes sempre em Nice, uma capela dedicada ao grã-duque Nicolas em 1868, e a igreja Notre-Dâme-Joie-des Affligés em Menton em 1894, tal como a do Arcanjo Miguel em Cannes, lugares de forte concentração dos invernantes russos), onde convergiam doentes respiratórios e pulmonares, enquanto outros não menos doentes se instalavam em Davos; políticos no exílio (sobretudo a seguir à revolução de 1905, como Lenine), artistas (pintores, músicos, dançarinos, cantores; de 1903 a 1909, Diaghilev; Rimsky-Korsakov durante a Exposição Universal de 1899; Rachmaninov em 1906; Ópera «O Príncipe Igor em 1908; ballets russos desde 1909), gente dos negócios (import-export).

Na segunda metade do século XIX contava-se em Paris, uma dezena de milhares de residentes russos, temporários ou permanentes, mas 35 mil nas vésperas da IGG: Elena Razvozjaeva (2007) situa o início do turismo na Rússia na viragem do século XIX para o XX, na continuidade do desenvolvimento da indústria, das infra-estruturas, do comércio com o estrangeiro, da intensificação das relações internacionais, nomeadamente com a França, das novas ligações marítimas e ferroviárias, da melhoria das estradas, da edição de Guias de Viagem, do aparecimento de agências de turismo, do surgir de Agências de Viagem (desde 1885, em Moscovo), para um turismo de elites. Os monumentos, o metro, as grandes avenidas, os grandes armazéns, a animação das ruas cheias de gente, os teatros, o cinema, os cafés, atraiam os aristocratas, a grande burguesia, mesmo alguma classe média-alta nas vésperas da IGG: a catedral Notre-Dame, de estilo gótico, restaurada no século XIX, a Sainte-Chapelle, gótica, a velha Pont Neuf, dos finais do século XVI, a Sorbonne no Quartier Latin (século XVII), o Panteão (dos finais do século XVIII) próximo daquela, o palácio do Louvre, embelezado no século XVII, o jardim das Tulherias (séc. XVI) e o do Luxemburgo (prolongamento do castelo de Marie de Médicis, cerca de 1625), o Hotel des Invalides, no fim do século XVII (Luís XIV, hospital para soldados feridos, então nos subúrbios da cidade), e do século XIX, a

Praça da Concórdia, os Campos Elísios, o Arco do Triunfo (Praça Charles de Gaulle, antiga Praça da Étoile; Napoleão Bonaparte em 1806), que se prolonga actualmente na direcção da La Défense (arranha-céus, Grande Arco; centro financeiro), os passeios cobertos, o Palácio Garnier (Ópera de Paris) e a Torre Eiffel (exposição universal de 1889); as novas urbanizações do Segundo Império (Boulevard Haussmann), os edifícios Arte Nova, estilo muito apreciado de 1890 até os anos 1910 (Belle Époque), dando lugar à Arte Deco, bem mais geométrica, a qualidade dos espaços residenciais (as classes abastadas nas áreas de oeste e sudoeste, as classes populares nas do norte e leste, e entre elas as classes médias, com poucas excepções, caso de Enghien-les-Bains, a norte, velha estância termal, com o seu lago e casino), as sucessivas exposições universais do século XIX...

De início, viagens muito demoradas, ao sabor das vias marítimas e terrestres, servidas depois por vapores e comboios. Alguns russos faziam-nas de barco, a partir de Sampetersburgo e dos portos do mar Báltico, com ligações à Suécia, Inglaterra, Alemanha ou Holanda; muitos outros iam primeiro a Stettin (Polónia) e depois, por caminho-de-ferro, para Berlim e Paris. Mas o turismo russo, com uma vertente de vilegiatura, estada demorada no destino, só se avolumou com o caminho-de-ferro, desde os anos 1840 e até à IGG. Muitos seguiam pela moderna rede ferroviária europeia, servida por comboios, com as suas diferentes classes e níveis de conforto: dormitórios, salões, salas de refeições, aquecimento geral; gares modernas e bem equipadas, com suas salas de espera; comboios-expresso e com luxo, à imagem do Expresso do Oriente. Os itinerários mais populares passavam por Berlim ou por Viena; Colónia, Aix-la-Chapelle e Frankfurt-sur-le-Main eram outras etapas habituais dos fluxos de então do turismo russo. A partir de Paris, seguiam-se as linhas férreas de ligação às estâncias termais, climáticas e balneares como Vichy, Aix-les-Bains, Biarritz ou as costas do Mediterrâneo, onde encontravam as elites francesas, inglesas, austríacas e todo o Gotha europeu da época. Em segundo lugar, depois de Paris, figurava a Riviera, de Cannes, Nice e Menton, mesmo Hyères a oeste e San Remo, a leste, destino sofisticado de invernagem de turistas ricos do Continente, em particular da velha aristocracia, e de instalação da corte imperial russa (Nice) desde meados do século XIX: estadas habituais de pelo menos 3 meses, a partir de Dezembro. A partir de 1907 (Société internationale des wagons-lits), ligações directas (linha-expresso) Saint-Petersburgo-Nice, pelo que a viagem de combóio que nos anos 1870 durava cinco dias, fora então reduzida a três: multiplicam-se os hotéis de luxo, adaptados a estadas longas e comitivas numerosas e exigentes, e os restaurantes com ofertas tradicionais russas; surgem igrejas russas (Elena Razvozjaeva, 2007).

Depois da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e os seus horrores, uma nova animação, livre e extravagante, exuberante e efervescente, outras atitudes e estilos

de vida, emancipação feminina (Coco Chanel), o aproveitar ao máximo o dia a dia, quando o futuro parece incerto (Anos Loucos). E Paris torna-se lugar de revolução intelectual e cultural, de encontro de artistas e intelectuais, do Velho e do Novo Continente (Joséphine Baker, Ernest Hemingway ou F. Scott Fitzgerald), e de refúgio dos russos «brancos» fugindo à revolução: destituição do czar, Nicolas II; guerra civil (1917-1920) entre exércitos «vermelhos» (Trotsky) e exércitos «brancos», de certo modo fiéis ao regime imperial; partida de milhões de russos, militares e civis, muitos através da Crimeia, onde se tinham concentrado (1920, o general e barão Petr Nikolaïevitch Wrangel evacua a Crimeia e transporta 145 mil militares e civis, homens, mulheres, crianças e velhos, até Constantinopla, onde embarcam na frota francesa) e outros pelos países bálticos e a Finlândia; êxodo de 5 milhões de russos, segundo o grão-duque Kirill Vladimirovitch, ou de um milhão e meio com a revolução de 1917 e a guerra civil que se seguiu (2011), para Alexandre Jevakhoff. Como destino, os países ocidentais, principalmente a Alemanha, mais perto da pátria: 600 mil, contra cerca de 400 mil para a França, dos quais 14 mil naturalizados em 1936; alguns outros para as monarquias da Grã-Bretanha, Espanha, Bélgica, Suécia, e de passagem para o Continente Americano, nomeadamente os EUA. Fluxos heterogéneos, sobretudo de russos, bielorussos e ucranianos, com diferentes opções políticas, mas todos contrários aos excessos da Revolução; cristãos ortodoxos, judeus e muçulmanos; aristocratas, militares, industriais, banqueiros, engenheiros, latifundiários, intelectuais, artistas, homens de negócio, políticos e gente comum; fluxos que se prolongaram até aos anos 30 (fechar da fronteira, com Estaline) e se avolumaram no destino França, com as mudanças do ambiente político na Alemanha (nazismo).

Na altura da Revolução, Paris contou visitantes russos ilustres, como Igor Stravinsky, em 1917 e que se naturalizou francês em 1934 (americano em 1945), tal como Natália Gontcharova (figurinista), de nacionalidade francesa desde 1939; em 1920 chegou a Paris Henri Troyat (Lev Aslanovitch Tarassov), depois membro da Academia francesa em 1959 (autor de «Un si long chemin», 1976, Stock). A partir de 1922-1923, muitos expatriados procuraram Paris, que se torna a capital da emigração russa (embaixada da Rússia, rua de Grenelle, perto do Quai d'Orsay; festa de Pouchkine, como festa da «Cultura russa»), com o apoio do embaixador Maklakov: com as comunas periféricas contava então 53 mil emigrantes russos, muitos apátridas (depois de retirada a nacionalidade pela própria Rússia), outros com passaporte Nansen (Sociedade das Nações), quando em 1921, o número oficial era de 23 500. Alguns, os mais afortunados, procuraram Biarritz, Nice e toda a Côte d'Azur, como no tempo áureo da vilegiatura. Outros a província, de Boulogne-sur-Mer ao vale do Ródano (regiões industriais, mineiras ou metalúrgicas) e ao sudoeste agrícola (cossacos), mesmo a Córsega e o norte de África (coló-

nias francesas), onde encontravam emprego. Uma elite decadente e humilhada: príncipes, generais, familiares do czar, e tantos outros, vivendo como modelos da alta-costura, governantas, floristas, criados, cozinheiros, porteiros, empregados de restaurantes e de salas de espectáculo russas, motoristas de táxis, trabalhadores da construção civil, dos caminhos-de-ferro, operários das fábricas de automóveis, nos arredores da Capital...

Em Paris, formaram-se colónias densas russas, separadas dos franceses, fechadas sobre si (na expectativa do retorno) e com certa segregação social: os mais afortunados no 16º «arrondissement», de construções modernas, como a princesa Paley, mulher do grã-duque Pavel Alexandrovitch (assassinado), uma filha de Raspoutine, Aleksandr Fedorovitch Kerenski (primeiro governo provisório, em 1917), ex. membros da guarda-imperial, advogados, engenheiros, industriais, banqueiros, comerciantes, etc. Os menos abastados, no 15º «arrondissement», nas portas de Billancourt, muitos tendo encontrado trabalho na indústria automóvel (Citroen, Peugeot e sobretudo Renault, com 4-5000 russos, ou seja um sexto dos seus trabalhadores; Boulogne-Billancourt, sede da Renault, sendo então conhecida como «Billankoursk», aldeia russa junto do Sena); e também Sainte Geneviève des Bois, no departamento de Essonne (desde 1927, com lar de idosos criado pela princesa Vera Kirilovna Mestchersky e cemitério de emigrantes russos, com cerca de dez mil túmulos, e desde 1939 com capela ortodoxa). Alguns formam a «aldeia cossaca» no Faubourg Saint Martin, entre a gare de Leste e o canal, de gente que trabalhava nos caminhos-de ferro. Outros fixaram-se em torno da catedral de Saint Alexandre Nevski, perto da Place de l'Étoile (rue Daru), em frente da rua Néva (ex. rua Pierre-le-Grand), com suas cúpulas douradas (remonta a 1861), e encontram-se nas muitas igrejas ortodoxas entretanto criadas (no inicio dos anos 1930, Boulogne, Clamart, Meudon, Chaville e Saint-Cloud) e na embaixada russa.

Na véspera da IIGG referem-se 100 mil russos, muitos fugindo da Alemanha e da Europa Central, com a difusão do nazismo, valores avolumados com a própria guerra: uns repatriados para a URSS, outros naturalizando-se franceses ou emigrando para os EUA. Assim, nos finais dos anos 40 contavam-se em França apenas 50 mil cidadãos com nacionalidade russa. Nos anos 70 e 80 são acolhidos dissidentes políticos anti-soviéticos, fluxos que tendem a mudar com a Glasnost e a Perestroika, de Mikhaïl Gorbatchev, e na continuidade a queda do Muro de Berlim, surgindo todavia uma nova imigração (política, mesmo algo criminosa; judeus a caminho de Israel). Multiplicaram-se as viagens de reencontro das famílias, nos dois sentidos, mas não os retornos à mãe-Rússia, uma Rússia mítica, mesmo elitista, e de cuja evolução democrática no sentido ocidental, duvidam. De 1989 a 2008, com a desagregação da URSS, 5,5 milhões de russos emigraram para o

estrangeiro, três vezes mais que nos anos 20, por motivos políticos, étnicos e religiosos, também económicos e de falta de confiança no futuro, incluindo quanto a liberdade e valores democráticos, espalhando-se por toda a Europa ocidental, América do Norte e Israel, no caso dos de ascendência judaica: empresários, homens de negócios, diplomatas, profissões liberais, comerciantes, jornalistas, investigadores, artistas, desportistas e escritores como Vladimir Fédorovski, de origem ucraniana (diplomata da Perestroika, emigrado e naturalizado francês em 1995).

O número de emigrados russos estabelecidos oficialmente em França em 2004 é avaliado em 17 mil (muitos outros de passagem); no início de 2009, apenas cerca de dez mil russos pediram direito de asilo na EU, sobretudo do norte do Cáucaso (efeito da guerra regional); nos finais de 2011, contavam-se 10451 russos como refugidos e apátridas, mais 2 mil relativamente a dois anos antes (meia centena de igrejas ortodoxas russas por toda a França). No conjunto, contam-se os descendentes dos anteriores emigrantes, os novos-ricos que fizeram fortuna com as privatizações das grandes empresas soviéticas, os seus descendentes, muitas vezes proprietários em França de bens de grande valor, os emigrantes profissionais (cientistas, universitários, artistas e desportivos), os emigrantes económicos e os clandestinos, muitos com pedidos de asilo, sem esquecer os representantes da nova «mafia russa»: estimativas incertas, apontam algo como 30-40 mil pessoas; para outros o número ascende a cem mil, incluindo muitos emigrantes temporários ao abrigo dos vistos Schengen.

4.2. Nova «explosão» do turismo russo

De entre os novos-ricos que procuram a Europa ocidental como lugar de férias destacam-se os russos, pela proximidade e acessibilidade, e não menos pelo antigo prestígio da vilegiatura das suas velhas elites nos lugares mundanos da época que precedeu a IGG, das estâncias termais aos lagos e altos cimos alpinos (sanatórios) e aos litorais mediterrâneos, no largo verão ou durante o inverno. Após a Revolução de 1917 os russos em férias desapareceram do Ocidente, situação que se manteve até a queda do Muro de Berlim e o desmoronamento da União Soviética, mas não desapareceu, antes densificou-se, a presença russa na Europa Ocidental, como vimos atrás. Os turistas russos permaneceram todavia depois da IIGG, nalgumas estâncias termais situadas para lá da Cortina de Ferro, estatizadas, politizadas e «democratizadas», como na República Checa, ou nas costas da Jugoslávia de Tito, onde se destacava a elitista Opatja, desde a época austríaca, e algumas ilhas dálmatas. E voltaram depois, com a liberalização económica, o enriquecimento pessoal e as novas mobilidades políticas, com fortes impactos nas regiões frequen-

tadas, em larga parte as que no passado tinham sido eleitas pelas suas elites, e de novo bastante afectadas quando o actual contexto político e económico reduz ou quase anula as suas presenças, com os correspondentes consumos e vultosos investimentos.

As mudanças políticas, económicas e sociais dos últimos decénios fizeram da Rússia e de muitos outros estados de ex-URSS importantes emissores de turismo para a Europa, um mercado que até há pouco se revelava bastante expansivo e relativamente próximo, embora com ritmos perturbados por crises económicas. Fluxos turísticos sobretudo de Moscovo e da sua região, mas também das áreas do Volga, Urais, mesmo da Sibéria, sustentados a partir das suas riquezas naturais: Moscovo conta 11 milhões de habitantes; mais de uma dezena de cidades têm mais de um milhão, casos de Saint-Petersburgo (4,7 milhões), Nizhni Novogrod (2 milhões), Omsk (1,5 milhões), Novosibirsk (1,4 milhões), Ecaterimburgo (entre 1924 e 1991, Sverdlovsk), na parte oriental dos Urais (1,3 milhões); regiões de Tioumen (gás, petróleo), Ourengoi (gás), Khanti-Mansi (petróleo), Samara (refinarias, oleodutos, gasodutos, aeronáutica, armamento), Tatarstan (petróleo, armamento), Krasnodar (BTP, agro-alimentar), Khabarovsk (madeira), etc.

Segundo a Organização Mundial do Turismo, até 2020 a Rússia figurará entre os 10 primeiros países emissores de turismo internacional: os russos não gostam de passar as férias estivais no próprio país, menos ainda na sua cidade (ocupando regularmente as próprias datchas, no campo próximo). Trata-se de um país imenso, de 142 milhões de habitantes, mais de 70% urbanos, e com bom crescimento económico até à actual crise (3,5% em 2012; 3,6% em média no período 1995-2013). Em 1995 pouco mais de 2,5 milhões de russos passaram férias fora da ex. União Soviética, contra 16 milhões de partidas em 2012 e previsões de crescimento de 7% a 16% até 2016 (10% dos russos, dos quais 12 a 15% para França), um aumento médio de 7,5% ao ano no seu número de viagens (Comissão Europeia do Turismo/CET), a Europa figurando como o destino mais popular (14 dos 20 destinos-base de inquérito): relembre-se que, em 2010, cerca de 139,5 milhões de residentes russos tiraram férias, 21,4% das quais decorreram no estrangeiro, ou seja 29,8 milhões de turistas, mas 35,7 milhões em 2012 (contra apenas 7,7 milhões em 2006). Os novos fluxos de turismo externo russo são pois ainda jovens, já que desenvolvidos sobretudo a partir da queda da URSS em 1991, primeiro na direcção de países de obtenção fácil de vistos, desde logo a China (2012 foi declarado o ano do turismo russo na China e do turismo chinês na Rússia) e a Tailândia, a par do Egipto, Turquia, Chipre, Bulgária, destinos próximos (praias e no caso da Bulgária também destino de turismo de inverno...), mas igualmente a Espanha e a Itália, que desde cedo o facilitaram, e ainda a França, República Checa e EUA, essencialmente através de agências de viagens, o que facilitava a obtenção dos necessários vistos.

A Alemanha e a Polónia contam sobretudo como destinos de turismo de negócios e gozam das facilidades nas ligações aéreas (muitos turistas russos em trânsito através de Frankfurt), mesmo se de início o fizeram directamente da Rússia integrados em excursões de autocarro, como no tempo da URSS. Londres (o Reino-Unido e a Irlanda não integram Schengen) situam-se bem atrás de Paris, Roma, Madrid e Barcelona na atracção dos novos turistas russos, mesmo se os oligarcas fizeram da cidade uma Londongrad onde o seu dinheiro tem forte influência política e económica: dinamismo da City; benefícios de localizações de Gibraltar a Jersey, das ilhas Caimão às Ilhas Virgens, bem superiores aos assegurados pela Suíça ou o Dubai; intensa actividade de advogados, consultores, gestores de fundos; negociantes de arte e de venda de produtos de luxo, mesmo de armas; possibilidades de frequência de escolas e universidades de elite; ligações BP/ Rosneft e fluxos financeiros associados; vistos de residência em função dos investimentos, casos de Roman Abramovich e o seu Chelsea ou de Evgeny Lebvedev e os seus jornais The Independent e London Evening Standard, bem como na London TV, e de tantos outros, como Chernukin que gerira a Aeroflot, Andreï Borodin (ex. presidente do Banco de Moscovo) ou Boris Berezovski (oligarca do círculo de poder em torno de Boris Yeltsin, crítico de Vladimir Putin, e exilado em Londres); acordos de não extradição; intensificação das relações culturais (2014), pessoal do comércio de luxo falando russo, horários específicos (tardios), abertura aos domingos (em concorrência com Paris), clientes rivalizando com os chineses e os do Próximo Oriente, com maior poder de compra...

Análises do mercado emissor distinguem desde logo três categorias de turistas: os seniores (50-65 anos), os de idade intermédia (35-50 anos) e os jovens (25-35 anos), com diferentes preferências quanto a tipos de viagens; os seniores, com os filhos e netos, em viagens essencialmente de descoberta, tal como muitos adultos; os jovens, algo «globais», em viagens profissionais, de negócios ou de recreio e diversão. Por outro lado, turistas com grandes fortunas pessoais, os novos-ricos, milionários e bilionários, com gastos sumptuosos: políticos e/ou membros dos grandes grupos industriais, ligados às matérias-primas e indústrias associadas, telecomunicações, construção, produção de alimentos e comércio retalhista ou banqueiros, frequentadores dos hotéis de 5 e 4*; e turistas activos em PME ou com profissões liberais (advogados, médicos, professores, jornalistas), das classes média/média-superior, mais comuns na região de Moscovo, seguida de longa por Sampetersburgo, igualmente ávidas de viagens, descoberta e conhecimento do mundo, e que recorrem a apartamentos e hotéis menos caros, ao nível das 2 e 3*.

Ou seja, novos-ricos mas também outras classes sociais; turistas das grandes cidades mas também da província; turismo em família e em grupo mas cada vez mais turismo individualizado, com guarda-costas e Mercedes de vidros fumados e

blindados ou bem mais discreto; turistas usando menos grandes quantidades de dinheiro e mais os cartões de crédito, privilegiando menos as compras e o consumo e mais a descoberta e o conhecimento, sobretudo com a «mundialização» das grandes cidades russas e a qualidade do seu comércio, restauração, animação e vida nocturna. Trata-se, em suma, de um mercado marcadamente jovem e com grandes desigualdades sociais, mesmo mundos opostos: num dos extremos, o da riqueza e do luxo, de uma pequena minoria que gosta de consumir de modo algo ostentatório, bem como de viajar para fora da CEI, em oposição aos velhos tempos; no outro, o das famílias operárias, funcionários públicos e pensionistas marcados pelos riscos de pobreza, sobretudo das regiões de província, que pouco viajam para o exterior, e fazem-no no geral em grupo ou com os filhos, da classe média. Os comportamentos destes sobressaem pelos poucos gastos, tanto ao nível dos hotéis como dos restaurantes (Self, Quick, MacDo, e simplificação das refeições), e na compra de lembranças simples; nas visitas valorizam os lugares da velha presença russa. Muitas das suas deslocações internacionais fazem-se ainda no quadro da ex-URSS, nos litorais do mar Negro e do Báltico, e também na vizinha Finlândia: turismo de fins-de-semana; compras, pesca recreativa, spas, saunas (gozam aliás de muitos feriados); férias de Primavera e de Natal e Ano Novo...

Para atrair o turista russo reconhece-se como relevante a ultrapassagem da barreira linguística, ao assegurar informação em russo, mesmo guias em russo, bem como o ajustamento dos horários dos serviços (caso das refeições), do comércio e dos lugares de convívio e festa entre amigos (noite) e as ofertas para consumo. Tanto mais que se afirmam as viagens individuais sem intermediação de agências de turismo da classe média-alta de Moscovo, mais expansiva e sofisticada, também mais jovem, culta, habituada a viajar, e que se ocidentaliza, pelo menos numa certa aparência, mantendo todavia alguns caprichos, comuns aos oligarcas: champanhe ao pequeno-almoço, rosas vermelhas nos quartos, acompanhamento personalizado e até permanente. Mas a par de uma classe média algo discreta (russa e ucraniana, sobretudo de Kiev), igualmente vulnerável ao *shopping*, que privilegia os *outlets,* de ofertas e preços convidativos, tanto em Paris, Barcelona ou Málaga, como em Rimini e San Marino.

Na perspectiva dos destinos europeus, a nova clientela russa importa não apenas pelos elevados padrões de consumo quotidiano como pelas compras: produtos de luxo, moda, vinhos; hábito das prendas para familiares e amigos (de aniversário, Natal e Ano Novo) e das recordações das viagens, independentemente da duração das estadas. Alguns destinos discutem inclusivamente a possibilidade de também promover o turismo médico em unidades de saúde prestigiadas, como vem sucedendo com muitos turistas ricos dos BRICs em Lausanne, Munique ou mesmo Ancara (Suíça, Alemanha, Turquia), igualmente em Israel, Jordânia e

vários países asiáticos, e como sucedera no passado distante, nomeadamente nos sanatórios alpinos (Davos e o sanatório de Berghof: Thomas Mann e a Montanha Mágica): visas de saúde; benefícios económicos directos para as unidades de saúde e a hotelaria, sobretudo de luxo (doentes e acompanhantes); outras despesas habituais, animando as economias locais e sem grandes problemas de sazonalidade.

Entretanto, todos estes fluxos foram afectados pela recente estagnação económica, as desvalorizações do rublo e do petróleo, a crise nas relações da Rússia com a Europa Ocidental, em função da Ucrânia: sanções económicas da União Europeia, degradação das trocas, dificuldades nas movimentações humanas. Como já o foram, embora de forma pouco acentuada, com a crise económica de 2008: forte dependência económica das matérias-primas, custos de extracção crescentes, fugas de capitais e redução dos investimentos directos estrangeiros. Acresce a promoção interna da Crimeia, reintegrada na Rússia, destino muito desenvolvido e habitual entre as elites russas e ucranianas desde o século XIX, confirmado com a Revolução comunista, com centenas de colónias e centros de férias (grandes sanatórios modernos como grandes hotéis, na lógica da valorização da saúde física e psicológica das elites trabalhadoras), assim como de Sochi, nas proximidades das montanhas nevadas do Cáucaso (Jogos Olímpicos de Inverno de 2014), mesmo da Abkhazia. Longe vão os tempos em que a UE discutia a atribuição de um visa itinerante, o «touring visa», para o espaço Schengen, válido por um ano e renovável por um outro ano, de modo a atrair turistas ricos e potenciais investidores: Rússia, China, Ucrânia, Arábia saudita, Índia e África do Sul.

Os reflexos são bem sentidos nas economias receptoras da UE mais ou menos próximas, e sobretudo nas do Sul mediterrâneo e nas cidades culturais, impactos pouco atenuados com os afluxos dos turistas também ricos e gastadores dos outros BRICs. A deserção dos turistas russos e dos seus gastos pela actual crise, política e económica, estende-se da Finlândia ao Dubai, da Letónia à Bulgária, da Alemanha (estâncias termais como Baden-Baden e os destinos de esqui da Baviera) à Tailândia, do Reino Unido (214 mil turistas russos em 2013; hotéis de luxo; Maio; previsões de 2 milhões de turistas russos em 2020), da Grécia ou da França a Cuba ou às Maldivas, não obstante a concorrência dos preços. Acresce no caso da Europa Ocidental, a concorrência tradicional da Turquia (principal destino estival e vizinho), do Egipto, entretanto prejudicado pela instabilidade política, da Bulgária (colónias de férias para jovens, acessíveis por estrada; residências secundárias de russos e ucranianos), recentemente integrada na União Europeia, da Grécia (favorecida pela relação preço/qualidade, sobretudo Creta e Rodes), do Montenegro ou ainda da Tailândia (Phuket e Pattaya), principalmente para os russos da Sibéria e do Extremo Oriente, servidos por ligações directas, mesmo as concorrências da

China, Vietname, Goa e Sri Lanka (competitividade pelos preços) ou das Ilhas Maurícias: 800km a leste de Madagáscar, com a Reunião a oeste e as Seychelles a norte (capital Port Louis; independência em 1968), nomeadamente como destino de nicho para o kite surf (Festival russo de Kite, Novembro). Ou a de Cuba, onde os turistas russos surgem depois dos oriundos do Canada, Reino-Unido, Itália, Argentina, França e Alemanha (Havana, Varadero). Destinos favorecidos pelas revoluções políticas nos países da bacia do Mediterrâneo oriental, em particular no Egipto, pela própria crise financeira do Chipre (relações estreitas neste campo), e por último pelas vagas de refugiados...

Entretanto a Tunísia esforçara-se por atrair muitos dos reformados russos, primeiro de Moscovo (onde se contam 2,5 milhões), depois de outras cidades (60 milhões de reformados no total da população do país), fugindo ao frio e às despesas do aquecimento doméstico dos longos invernos, como o fazem os de muitas outras regiões do Norte, tanto na Europa como nos Estados Unidos (costas da margem norte do Mediterrâneo, da Florida e da Califórnia, estadunidense e mexicana). O projecto, a ser financiado pelo Estado russo e para o período de Outubro a Abril, assentava na qualidade do alojamento, em particular nos *resorts* Hammamet e Monastir, e das clínicas e médicos especializados em geriatria: foi todavia também ele condicionado pela acentuação das grandes desigualdades sociais internas, mesmo no segmento dos reformados, e pelas novas dificuldades económicas, desde logo a desvalorização do rublo. Em 2012, contavam-se 250 mil turistas russos na Tunísia (cerca de 152 mil em 2011, 188 mil em 2010 e 300 mil em 2013; relação qualidade/preço), apesar do contexto local de fortes tensões pós-revolucionárias.

Paralelamente, Marrocos registava apenas 50 mil turistas russos em 2013 (contra 12 mil em 2004), nomeadamente em cidades patrimoniais e lugares de sol e praia, na base dos preços e das novas ligações aéreas. Como destinos mais procurados sobressaiam Agadir, com quase metade do número de dormidas, Marraquexe, El Jadida ou ainda Saidia (estância balnear no extremo nordeste, província de Berkane; «Pérola Azul»): um turismo balnear e cultural, também de natureza, sobretudo das classes média e média-baixa. Projectava-se então a atracção de 800 mil turistas no horizonte 2020 (e para os mais optimistas 2 milhões), contando com a intensificação das ligações aéreas entre Saint-Petersburgo, Moscovo e outras cidades russas e Casablanca, Agadir e Marraquexe. Integravam-se nesta dinâmica os supostos investimentos russos no país: por exemplo, a Inteko, ligada ao presidente da Câmara de Moscovo Iouri Loujkov, e a construção no norte de Marrocos do Gold Paradise Resort, com hotel de 160 quartos, mais de mil apartamentos, 23 villas, campo de golfe, semelhante ao seu *resort* de Sochi; outros investidores interessam-se pela região de Marraquexe e a construção de um grande

complexo turístico em Tamesloht, a 10 km daquela cidade, numa área de 280ha, com um Palace de 200 suítes, um hotel de 4* e 300 quartos, um centro de conferências, 2 campos de golfe de 18 buracos, clube-house, centro equestre, cube de ténis, piscinas, apartamentos. Entretanto alguns russos investiram na Medina e nos bairros da cidade à medida que esta se afirmava como destino de férias de inverno de uma certa elite ocidental.

4.3. A França e a Itália, de novo como destinos de eleição

A França tornou-se, uma vez mais, um dos destinos preferidos pelos novos fluxos externos dos turistas russos (terceiro lugar nos países europeus mais visitados e em segundo quanto aos desportos de inverno, depois e distante da Áustria, que até há pouco polarizava cerca de 2/5). Fluxos crescentes no seguimento da melhoria dos rendimentos das famílias e do desenvolvimento de uma classe média superior desejando e podendo fazer férias na sonhada França e em particular em Paris (metade dos visitantes), para além das novas facilidades das ligações aéreas, sem esquecer os comboios directos Moscovo-Paris e Moscovo-Nice, o comboio continuando a ser um meio de transporte bastante apreciado pelos turistas russos. As previsões quanto ao ritmo de crescimento dos turistas russos eram bastante optimistas (+ 26% ao ano nas classes média e média-superior) pela suposta estabilidade económica e política, a que importava juntar os valores da Ucrânia, e pela própria proximidade. Em 2014 eram esperados em França um milhão e cem mil turistas russos e ucranianos (80 mil em 1993, 200 mil em 1997, 600 mil em 2011), em condições de mercado já afectado pela saturação das ligações aéreas directas, dificuldades na obtenção de vistos, forte desvalorização do rublo face ao euro, crise da Ucrânia, descida do preço do petróleo. Em 2013, tinham sido registadas 800 mil estadias de russos (forte concentração em Julho-Agosto e procura ainda fraca no inverno, metade em Paris – 5 vezes os valores de 2005; aumentos de mais de 20% entre 2009 e 2011); no ano anterior, 13,4% das dormidas verificaram-se na hotelaria, segundo o próprio INSEE, mais de metade em hotéis de 4-5*, muitas outras e mais longas em residências secundárias (o maior crescimento do parque de residências secundárias entre os estrangeiros).

Como destinos, destacavam-se as regiões de Ilhe de France e Provence-Alpes-Côte d'Azur, polarizadas por Paris e Nice, não obstante tratar-se de destinos tidos como bastante caros, seguidas pelo Ródano-Alpes (156.316 mil em 2007, contra 270.473 em 2012), *durante o período invernal (75% das dormidas), sem esquecer Evian (lago, termalismo, património). Alguns ousavam dispersar-se pela* Bretanha (onde têm comprado belas villas em La Baule, e certo património histórico, como o castelo de Beaumanoir, dos séculos XV-XVII e dos condes Méhérenc de Saint-Pierre,

num domínio de 23ha, palco cinematográfico adquirido por Kitsenko, com joalharia em Moscovo), também pela Normandia (velhos destinos de praia, de grande prestígio, na periferia de lazer de Paris, como Trouville e Deauville) e a Aquitânia, em particular Biarritz, frequentada um século antes pelos aristocratas da Rússia imperial, vivida por Igor Stravinsky durante 4 anos, de 1921 a 1924, e muitos russos «brancos», e visitada por Putin em férias em 1999.

Os novos afluxos foram favorecidos pelas facilidades de deslocação aérea através de Paris, Nice, Marselha, mesmo Genebra, com concorrência crescente e redução dos preços das viagens: início de voos regulares directos Moscovo-Paris e Moscovo-Nice, em 2007, mas também Moscovo-Marselha em 2011 e Ródano-Alpes, que tiveram curta duração, e até mesmo Biarritz, além da multiplicação dos voos *charters*, de verão e de inverno; também pelas novas facilidades de obtenção de vistos, nomeadamente de vistos múltiplos para 6 meses, não apenas em Moscovo, Saint-Petersburgo e Ekaterinburgo, nos Urais, mas em cidades regionais como Nijni-Novgorod, Rostov-Don, Kazan, Vladivostok e Novosibirsk; não menos pelo número crescente de operadores turísticos acreditados, pela atenção dispensada à clientela potencial da Ucrânia e também do Cazaquistão... Ao contrário dos chineses, os turistas russos são pouco influenciados pela literatura traduzida na sua língua (Romeu e Julieta de William Shakespeare e visita de Verona; Um ano na Provença, de Peter Mayle, e descoberta das paisagens dos campos de lavanda e das velhas aldeias de pedra alcandoradas nas encostas), pelo cinema ou por séries televisivas. A maioria que passa por Paris visita o cemitério de Sainte-Geneviève-des-Bois, com os restos mortais de artistas e figuras históricas da velha Rússia, ou a catedral Alexandre Nevski.

A França compete nos segmentos das visitas culturais e históricas, dos desportos de inverno e do turismo de saúde e bem-estar, e não menos do turismo da moda, sobretudo Paris, destino sonhado, a Côte d´Azur (prestígio das velhas elites; Festival de Arte Russa em Cannes, criado em 1998, com cinema, música, dança, folclore, pintura e gastronomia) e também a Provença e os Alpes do sul (desportos da neve) para uma clientela culta e urbana, na continuidade dos esforços promocionais de uma vintena de anos (dificuldades de vistos, preço dos hotéis), importante na atenuação da sazonalidade do turismo intra-europeu (largamente dominante) e nas taxas de ocupação da hotelaria de qualidade (Palaces parisienses como o Ritz, o Bristol e Georges V). Presenças russas também comuns em Maio-Agosto, nos hotéis de 3 e 4 * e em apartamentos de aluguer.

Paris impõe-se de novo pela cultura, património e história, romantismo, vinhos, perfumes, nova arquitectura, *shopping* de luxo, em particular onde há funcionários que dominam o russo, recreio e diversão (cruzeiros no Sena; cabarets Moulin Rouge, Lido, Crazy Horst; Disneylândia). Os afluxos são também crescentes sobre

a Côte d'Azur, como no passado distante, juntando-se a uma clientela tradicional de italianos, ingleses, mesmo americanos, e aos novos turistas chineses. Os Alpes são procurados pela prática de esqui: Janeiro em Courchevel, nos hotéis 5*, como o Les Grandes Alpes, ou o Byblos des Neiges, onde contam com monitores russos de esqui, empregados de hotéis, restaurantes e comércio falando russo, acesso a canais de televisão russos, e por todo o lado ementas e anúncios em cirílico, embora em concorrência com destinos da Áustria, mais polarizadora porque bem mais económica, tal como certas estâncias italianas, também muito russófilas (como Mayrhofen, Solden ou Valle di Fassa), e os destinos de esqui de elite suíços (Espaço Schengen desde 2008), muito embora a proximidade com os turistas alemães não seja por estes desejável (tal como a dos ingleses: reprovam os excessos de álcool e de barulho).

No que respeita à Itália, as viagens dos russos, especialmente a Roma, também remontam à época dos czares: grã- duquesa Walkonskaya, residente junto da Fontana de Trevi (Roma); dramaturgos como Nikolai Gogol, ucraniano, entre 1836 e 1848, ou Máximo Gorki em 1921 e anos seguintes, em Sorrento; poetas como Iosip Brodskij (naturalizado estadunidense), de 1923 a 1925 em Milão, e sepultado na ilha de San Michele em Veneza, a mulher sendo natural de Lucca; pintores como Alexandre Ivanov e Karl Brjullov, fixado em Roma em 1823, onde morreu em 1852; músicos como Igor Stravinsky, sepultado em 1971 em Veneza, Sergey Djagilev (de Novogrod), que fora aluno de Nikolai Rimsky-Korsakov, destacado empresário de arte presente em Paris desde 1906 e depois noutras grandes cidades, desde logo Londres e Roma (exposições, concertos de música russa, óperas, *ballets* com Ana Pavlova ou George Balanchine, participações nomeadamente de Sergei Rachmaninoff e Nikolai Rimsky-korsakov, e em particular os «Ballets Russos»: O Pássaro de Fogo em 1910, Petrushka em 1911 e A Sagração da Primavera em 1913), e também anualmente no Casino do Mónaco, e desde 1929 sepultado no cemitério da Ilha San Michele (Veneza).

Nos últimos anos, a Itália continental afirmou-se como meta privilegiada do turista russo nas suas viagens de turismo à Europa ocidental: património artístico-cultural, vilas históricas, cidades patrimoniais, velhos destinos balneares devidamente equipados (Rivieras do golfo de Génova ou do golfo de Nápoles, costa amalfitana, lido de Veneza, ilhas como Capri e Ischia), estâncias de esqui nos Alpes, aquando das férias do Natal Ortodoxo e do Ano Novo, e em particular nas Dolomites, com a histórica e prestigiada Cortina de Ampezzo, também enoturismo e gastronomia, termalismo e bem-estar (Montecatini, Termas de Abano), compra de artigos da moda «made in Italy», desportos ao ar livre, estilo de vida/arte de viver, mesmo MICE (meetings, incentivos, conferências e exposições), festas de casamento em lugares de sonho, como Veneza e Verona, a cidade de Romeu

e Julieta (com fortes impactos nos hotéis, cabeleireiros, floristas, aluguer de automóveis) e turismo religioso (peregrinações a Roma, Assis, Bari). Outro segmento surgiu muito ligado ao *shopping* de retalhistas de produtos italianos com forte procura e valorização entre as novas elites de Moscovo e Saint-Petersburgo, associado a localidades balneares particularmente acessíveis, como Rimini e toda a Riviera adriática setentrional

O turismo afirmou-se como um dos aspectos mais dinâmicos das novas relações entre a Itália e a Rússia, muito em função das ligações aéreas directas, regulares, *charters e low cost,* tornando a península acessível e não muito cara (proximidade geográfica, embora não cultural), e das facilidades de obtenção de vistos, do seu carácter múltiplo para o espaço Schengen, e dos períodos a que correspondem. A Itália era um destino relevante do turismo internacional na Europa, com as suas cidades patrimoniais, as praias, as estâncias dos lagos e da montanha, sobretudo o Norte e o Centro: Lombardia, Vêneto, Trentino-Alto Adige, Lácio e Toscânia, com mais de 2/3 das dormidas de estrangeiros, a que se juntaram os turistas dos países emergentes, nomeadamente da Rússia, na continuação das boas relações entre os dois governos: 2012 fora aliás reconhecido como o ano da cultura e da língua russa em Itália (e da cultura e da língua italiana na Rússia), inaugurado por Sílvio Berlusconi e Dmitri Medvedev (Roma): arte, cinema, teatro, literatura, desporto, *design* e criatividade...

Em 2009 eram cerca de 461 mil os visitantes russos em Itália e em 2012, mais do dobro; o seu número ter-se-á elevado a um milhão e trezentos mil em 2013, e continuado a aumentar na primeira metade de 2014, Ano do Turismo Ítalo-russo (Milão, Setembro, no Palácio Real), quando foi apresentado o Decálogo de Recomendações para receber melhor o turista russo e favorecer o crescimento dos seus afluxos, desde logo o domínio da língua russa, sem esquecer as facilidades para os reembolsos Tax-free. Seguiu-se a Expo 2015, também em Milão («Nutrir o Planeta, Energia para a Vida»: tradição, criatividade e inovação), e mantiveram-se os afluxos, não obstante a crise ucraniana, a desaceleração da economia russa, a desvalorização do rublo: equivalia a quase 8 milhões de dormidas, contra um pouco menos de 3 milhões e 600 mil em 2009, e uma despesa média diária muito superior à dos outros turistas estrangeiros (2013, +65%), em particular entre os moscovitas e os de Sampetersburgo (elevada propensão a gastar, nomeadamente nas compras, evoluindo todavia para consumidores mais ponderados), como por toda a Europa Ocidental: sempre numa posição destacada entre os estrangeiros, onde predominam os alemães, e não menos entre os próprios turistas dos BRICs.

Fluxos fortemente orientados para a Emília Romana, Lácio, Vêneto, Lombardia e a Toscânia, em particular para Roma, a cidade mais visitada e mais apreciada, Milão, Veneza e Florença, e para as praias de Rimini e a Riviera Adriática, igual-

mente a Costa Esmeralda e a Toscânia, em particular Forte dei Marmi e Versilia, traduzindo-se no aumento vertiginoso dos preços dos seus imóveis, e as próprias termas de Montecatini, levando o presidente da autarquia a sugerir a colocação de placas de rua em cirílico, na esperança de um *boom* de afluxos de alto poder aquisitivo, e também para o interior rural, as *villas* toscanas passando a *datchas*. Alguns outros procuram o Vale de Aosta, a Costa Amalfitana e a Costa Esmeralda, altamente prestigiosas e longe do turismo de massa.

De início, viagens personalizadas e estruturas de luxo nos destinos clássicos, urbanos e patrimoniais, depois estadas em lugares exclusivos, e experiências originais e autênticas... Turistas com nível económico e cultural médio-alto, uma pequena parte são mesmo turistas muito ricos (15%). A esmagadora maioria procura aliás os hotéis de 4 e 5*, chalés e villas com piscina e serviços diversificados; hotéis com história, produtos de grandes marcas, moda, ligações aéreas directas, facilidades de vistos, esforços de promoção. Alguns compram villas exclusivas, casas de luxo, nomeadamente na Toscânia e na Sardenha (empresários, gestores, políticos), e igualmente outras residências secundárias na Riviera adriática ou na proximidade de Roma e de Milão (nova classe média; negócios entre os dois países, nomeadamente no agro-alimentar, moda, design, máquinas e tecnologia de origem italiana). Outro segmento, da classe média, então em forte crescimento, utiliza voos *low cost* e *charters* (Emília-Romana e Vêneto, Lombardia e Ligúria) e prefere ofertas mais simples, mas sempre confortáveis (hotéis de 3* e apartamentos), valorizando cada vez mais não o luxo ostentatório mas a elegância comum e a autenticidade.

Os novos turistas russos destacavam-se, todavia, como clientes habituais de velhos hotéis-Palaces renovados, como o Excelsior Palace de Rapallo (5*, luxo) na Costa de Portofino, lugar de encontro das elites internacionais, como nos primeiros anos de 1900: o Kursaal Rapallo (espaço de diversões), construído em 1901 no lugar da Villa Elisabetta (1865), dera lugar ao Novo Casino Hotel (luxuoso, 140 quartos), depois ao Excelsior Palace Hotel, com estabelecimento de banhos anexo, frequentado nomeadamente por Melita Rowe (aguarelas) até 1909, na continuidade das Viagens em Itália de poetas e escritores (Guy de Maupassant, George Byron, Alphonse de Lamartine); o vizinho Lido Palace, na vizinha Santa Margherita Lígure (4*, meia centena de quartos e suítes), com praia privada. Também o hotel Brunelleschi (4*, 96 quartos e suítes), em Florença, a dois passos da Piazza della Signoria e das ruas de *shopping* internacional, com vista espectacular do Duomo, criado dentro de uma torre circular bizantina (século VI) e de uma igreja medieval, completamente restauradas (museu privado), mencionado no final do Código Da Vinci, de Dan Brown; o Hotel Bellevue, e mais ainda o Hotel Cristallo, de Cortina d'Ampezzo, *resort* que remonta aos princípios do passado século (1901),

lugar de encontro invernal da realeza e da alta sociedade da época (esqui). Sem esquecer o Hotel Ritz, das Termas de Abano (5*, 140 quartos, piscinas termais, centro de bem-estar, sauna e salas de massagem), a 60km de Veneza, muito menos de Pádua, estância com uma enorme oferta hoteleira, mesmo limitando-nos aos níveis das 5* (Grand Hotel Trieste & Victoria, Abano Grand Hotel, Hotel Due Torri, Hotel President Terme, Hotel Bristol Buja) e das 4* (Hotel Venezia, Hotel Terme Helvetia, Hotel Terme Roma, Hotel Ariston Molino Terme, Hotel Leonardo Da Vinci Terme & Golf, e tantos outros, uns históricos e outros modernos), que se espalham pelas suas avenidas e parques e se reproduzem na vizinha Montegrotto Terme, também um *resort* termal. Ou para sul, lugares como a Riviera de Ulisses, no golfo de Gaeta (parte sul do Lácio, a região italiana mais visitada, nomeadamente Roma, seguida da Emília Romana e do Vêneto), a meio caminho entre a capital e Nápoles, lugar histórico de vilegiatura que remonta aos Romanos (baías, praia, mar, termas, grutas e algumas pequenas ilhas como Ponza e Ventotene; Papas e Reis), com suas villas antigas, onde já se ensina a língua russa aos trabalhadores no turismo e aos jovens, pensando nos potenciais afluxos destes turistas, mas sem todavia esquecer os novos turistas indianos e chineses.

Antes da crise actual nas relações da EU com a Rússia e da sua crise económica, as previsões do poder de compra eram de triplicação até 2030, com correspondentes crescimentos das classes alta e média-alta e das saídas de turistas para o exterior, mais globais e menos ostentatórios nos consumos. Optimismo que se estendia aos turistas vindos da Índia (Vêneto, Toscânia, Lácio, Lombardia, sobretudo de Abril a Junho mas também em Novembro e Dezembro, ocasião de casamentos; quadro para a indústria de Bollywood, à imagem da Suíça) e igualmente da China (classes abastadas, hotéis e shopping de luxo). O ano de 2014 marca todavia o início das crises ucraniana e da economia russa, das tensões geopolíticas Oeste-Leste, da desvalorização do rublo, por último da desvalorização do petróleo e outros recursos naturais, com repercussões imediatas na estagnação, seguida de forte redução, dos afluxos já em 2015, desde logo na Emília-Romana (Rimini e arredores, com afluxos directos e uma clientela de classe média), mas também na Toscânia, no Vêneto, na Lombardia e no Lácio, os destinos preferidos. Redução igualmente nos seus gastos, bem menor nos destinos dominados pelos russos ricos e os seus luxos caprichosos. Com efeito, nos meados de 2014, em contexto de crise nas relações entre a Rússia e o mundo ocidental, Dmitry Arzhanov (sector energético) ocupou meia-Capri por alguns dias, para festejar à maneira dos velhos oligarcas o seu aniversário com a família e os amigos em Anacapri, a parte mais bela e exclusiva da ilha: reserva do Capri Palace Hotel, de 5*, dos principais restaurantes e do Lido del Faro, como praia, 3 iates para transferes da centena de convidados, acompanhamento musical variado, espectáculo de fogo-de-artifício,

actividades culturais, como visitas a Pompeia, e desportivas (regatas à vela, a transmitir pela TV russa).

Itália, destino de férias largamente preferido pelos russos e pouco sazonal: história, cultura, natureza, clima, gastronomia e vinhos, termas e turismo médico (bem-estar), esqui, estilo de vida, hospitalidade, incluindo o domínio da língua do visitante, serviços de qualidade, mesmo serviços personalizados, como o exige a nova clientela de elite. Mas um destino tido como caro para muitos outros potenciais visitantes e condicionado pela necessidade de vistos e até de uso do russo e outros serviços específicos, apenas comuns nalgumas estruturas de maior dimensão e com facilidades de adaptação: muitos dos visitantes russos não dominam uma segunda língua, nem mesmo o inglês, sobretudo os de 40 e + anos, situação agravada pelas diferenças dos alfabetos cirílico e latino. Do ponto de vista do destino, apesar do actual contexto de crise, importa continuar a adaptar as ofertas, nomeadamente nos campos das viagens (cada vez mais individualizadas), do conforto, comodidade, segurança, horários das refeições, composição das mesmas (caviar, sopa e pratos típicos; disponibilidade de chá a qualquer hora, em vez de café, e de bebidas alcoólicas muito fortes como vodka, brandy, whisky, cognac ou aguardentes), diversão para as crianças (miniclubes), excursionismo (circuitos diários longos) e compreensão para as relações de reserva e cortesia. Um bom acolhimento pressupõe igualmente a disponibilidade de material informativo e menus em cirílico, jornais, revistas e acesso a canais de televisão russos; e obviamente, profissionais dominando o russo e os principais traços da cultura russa.

5. A descoberta e a forte atracção dos turistas russos pela Espanha Mediterrânea

5.1. Turistas russos em Espanha

A Espanha disputa os primeiros lugares como destino mundial de turismo estrangeiro, depois da França, Estados Unidos e China (em 2013 ocupava o terceiro lugar, à frente da China, com 60, 6 milhões, contra 58, 7 milhões em 2007: 83 milhões na França e 67 milhões nos EUA), e o turismo tem forte peso na economia e no emprego (10, 9% do PIB e 11, 9% do emprego em 2012); a Rússia e as repúblicas ex-soviéticas tornaram-se o décimo emissor de turismo para Espanha (o 6º para a Catalunha), num processo que se vem desenvolvendo há duas dezenas de anos. Em 2014 contaram-se quase 1.200 mil turistas russos em Espanha (1,6 milhões em 2013), algo como em 2012 (contra 750 mil em 2011 e 605 mil em

2010): 2/3 para a Catalunha, onde os russos eram os turistas que mais cresciam em número de visitantes (também para as Baleares/Maiorca, seguidas de longe pelas Canárias); com efeito, desde 2010 mais de metade dos visitantes russos de Espanha elegeram a Catalunha (Barcelona e a Costa Brava), seguida pelas Canárias, Madrid e Andaluzia (Costa del Sol, e em particular Marbelha, onde muitos acabam por comprar casas de férias e mesmo fixar a residência familiar, por pelo menos 6 meses por ano).

Valorizavam-na como destino, a seguir à Itália e à República Checa, muito à frente do Egipto, Turquia (que não exigem vistos) ou da Grécia (zonas de instabilidade e insegurança), o que se traduzia numa certa fidelidade, um segmento vindo quase todos os anos e apreciando a presença de amigos e familiares; desvalorização também do destino Bulgária, que até há pouco tempo era o país preferido por estes russos para ter uma residência de praia, e mesmo do Montenegro. Previsões optimistas apontavam, para 2015, 2 milhões de turistas russos, desde que a Rússia continuasse a crescer economicamente, com paralelo desenvolvimento da sua classe média (um pouco mais de 140 milhões de habitantes, mas apenas uma pequena percentagem viajando anualmente para o estrangeiro: só 15 milhões, menos de um décimo da população), em particular se se mantivessem os preços altos do petróleo e outras matérias-primas e a relação euro/rublo, o que todavia não se verificou. 2015 foi, na verdade, marcado por forte decréscimo das chegadas, em todos os destinos, desde logo com a forte desvalorização do rublo e a falência de alguns tour-operadores, seguidas por novas dificuldades políticas (alguns foram desviados para o Caribe): tensões políticas nas relações com a Europa ocidental no seguimento da crise na Ucrânia perturbaram ainda mais os ritmos acelerados de crescimento anual do turismo russo na região e na continuidade, do turismo da região.

A afirmação de Espanha no turismo russo contou desde cedo com facilidades de obtenção de vistos (tempos de demora e postos de emissão, em Moscovo e Saint-Petersburgo), o seu carácter múltiplo para o espaço Schengen, os períodos a que correspondem, a par das ligações aéreas, nomeadamente a multiplicação de voos *charters* a partir das cidades russas de mais de um milhão de habitantes, com reflexos na redução dos custos das viagens, a multiplicação dos destinos servidos e mesmo a adaptação das condições de acolhimento (introdução precoce do russo como língua de comunicação, nos hotéis, nos restaurantes, no comércio). O ano de 2011 fora declarado como o ano das relações bilaterais Espanha-Rússia, com muitas iniciativas sociais e culturais de divulgação das tradições russas no Reino, como o Centro de Cultura e Ciência em Madrid; no campo religioso, em 2007 fora inaugurado em Altea (Alicante) o primeiro templo ortodoxo em território espanhol, seguido pela primeira catedral ortodoxa, também em Madrid.

Também aqui turistas *leaders* nas despesas, distinguindo-se dois perfis. Por um lado, turistas entre 25 e 45 anos, com forte poder económico e proveniência das principais cidades (Moscovo e Saint-Petersburgo), através de agências de viagens (pacotes e visas), e uma pequena percentagem (que já conhece a Espanha) de forma livre; clientes VIP, casais com os filhos, em hotéis de 4 e 5* e cada vez mais em apartamentos turísticos de praia; os mais ricos, em viagens individuais em aviões privados e hotéis 5*, seguidas de excursões personalizadas, exclusivas, mesmo recrutamento de conselheiros pessoais, já que privilegiam as compras de grande luxo e as experiências únicas. Por outro lado, turistas em família, com pacotes incluindo avião e hotéis de 3*, sobretudo nos meses Setembro-Outubro e para a Costa Brava, tida como mais económica do que outras costas do Mediterrâneo. Acresce um segmento mais popular, mais jovem, que visita a Catalunha pela primeira vez e se hospeda sobretudo em Girona. No conjunto, predominam casais, com gastos médios elevados em relação aos outros turistas estrangeiros que frequentam a região, nomeadamente ingleses, alemães e franceses, por ordem decrescente, mesmo se nem todos são turistas ricos. Destaque também para o crescente *city breaks*, viagens de fim-de-semana e pontes fora da época alta (multivistos), até porque apenas a quatro-cinco horas de avião. Nas práticas, relevam-se uma vez mais: turismo estival, sobretudo em Setembro (sol e praia), turismo cultural, com visitas a lugares históricos e a monumentos (catedrais, museus, nomeadamente o Museu Dali, de Figueras), turismo de compras (produtos de luxo, como vestuário, cabedais e jóias; taxe free), a par da descoberta das paisagens, dos litorais recortados e montanhosos; também turismo de sol e praia, gastronomia, enoturismo, golfe, saúde e bem-estar; mesmo turismo de Inverno nas Canárias, ou nos Pirenéus (esqui; estância Baqueira-Beret no Valle de Aran, fundada em 1964).

Nas costas mediterrâneas mais valorizadas, destacam-se além da Costa Brava (Yvette Barbaza, 1966), a Costa Dourada e a Costa del Sol. 2/3 dos que visitam a Costa Brava fazem-no para conhecer Barcelona, outros tantos pelo sol e praia, 1/3 pelas compras e alguns outros, para diversão: proximidade de Port Aventura, desde 1995 (prolongamento futuro deste pelo Barcelona World, que constará de parques temáticos, pequenas cidades representando as culturas da China, Rússia, Brasil, Índia e Próximo Oriente, meia dúzia de hotéis com 12 mil quartos, casinos com suas salas de jogos de fortuna e azar, entre o porto de Tarragona e Salou). Como noutras regiões da costa espanhola do Mediterrâneo, a maioria dos seus turistas russos provém de Moscovo e Saint-Petersburgo, as principais cidades, mas outros residem em Ekaterinburgo, Krasnodar, Kazan, Omsk, Volgograd, Chelyabinsk, Samara, Astrahan, largamente através de operadores turísticos, até pelas facilidades que asseguram na obtenção de vistos; as estadas médias são de 8,5 noites, 9,4 na costa de Barcelona, combinando então essencialmente sol e praia e a

visita da cidade, um pouco menos entre os que visitam a Catalunha pela primeira vez (7,8 noites) e os que se alojam em Girona (7,3 noites). No conjunto, predominam todavia as férias de sol e praia, com estadas de duas semanas, embora com valorização crescente das ofertas em matéria de cultura, gastronomia e compra.

Muitos outros turistas russos, no geral bastante ricos, privilegiam a Costa del Sol (sentido restrito, costa da província de Málaga, entre a Costa da Luz e a Costa Tropical), destino turístico de renome mundial: faixa costeira das colinas de Maro a leste a Punta Chullera a oeste, limitada pelas Sierra de Mijas, Sierra Alpujata, Sierra Blanca, Sierra Bermeja, Sierra Crestallina e Montes de Málaga; antes apenas uma série de pequenos lugarejos de pescadores, actualmente uma sucessão de cidades e aglomerados turísticos: além de Málaga, Torremolinos, Benalmádena, Fuengirola, e Mijas já no interior; depois Marbelha, San Pedro de Alcântara, Estepona. A sua história foi modelada pela localização e o peso da cidade de Málaga: em 2013, 45 mil turistas russos terão utilizado os hotéis da região, com 245 mil dormidas, mais 11,8% e 6% que em 2012, com permanências médias de uma dezena de dias, acréscimos que ainda se mantinham nos primeiros meses de 2014, evidenciando um elevado potencial de crescimento do mercado (a par da China e da Índia).

Os turistas russos da Costa del Sol escolhem quase sempre Marbelha, o terceiro destino espanhol de preferência, a seguir a Madrid e Barcelona. Fluxos que importava facilitar com a densificação das ligações aéreas directas Moscovo-Málaga, além de adequada promoção, a par da política geral de vistos e da criação do visto global para a União Europeia. Em 2014, o aeroporto de Málaga-Costa del Sol registou 60.631 passageiros provenientes da Rússia, +15,6% relativamente a 2013, embora com diminuição das estadas e das dormidas na hotelaria: na continuidade, multiplicaram-se os esforços de captação de mais turistas russos, através de acções promocionais nas principais cidades da Rússia, no segmento férias, ócio e compras, a que se deve juntar a aprendizagem da língua, congressos e reuniões, com menos sol e praia. Turistas atraídos largamente por Puerto Banús e as muitas possibilidades de compras de luxo; turistas pouco sazonais, com estadas da ordem da dezena de dias, gastos médios elevados, superiores aos do bairro de Salamanca em Madrid e do Paseo de Gracia em Barcelona, que todavia polariza 1/3 dos gastos dos turistas russos em Espanha (Global Blue, 2014: cálculos na base dos retornos de IVA); sobretudo artigos de moda, relógios e jóias, electrónica de uso pessoal; e forte impacto económico, que importava fidelizar.

Ainda em 2013 (Abril) teve lugar na Reserva de Sotogrande o Golf Tour 10 (fundação sem fins lucrativos, criada em 2007; escola de golfe para jovens desde 2012; dez encontros por ano; neste ano, 6 na Rússia, 3 em Abu Dhabi, Dubai e Bulgária), com a presença de meia centena de jogadores-amadores multimilioná-

rios russos e de países da ex-URSS (incluídos nas listas da revista Forbes), o evento mais importante deste desporto no mundo eslavo, com alojamento em Marbelha (hotéis e villas de luxo) e jantar de gala no hotel Los Monteros: combinação de turismo desportivo e turismo de luxo; reafirmação de Marbelha no turismo russo, então em pleno crescimento; atenuação da sazonalidade, o que o tornava estratégico (e ao nível do turismo alemão e do Reino Unido).

No conjunto, procura tradicional de sol e praia mas sobretudo de luxo, congressos e reuniões; e na continuidade, valorização dos segmentos de maior procura real e potencial e com elevado poder aquisitivo, os nichos de luxo, os congressos e incentivos, que favorecem a familiarização com o destino, a cultura, os campos de golfe, mesmo a aprendizagem do espanhol e a aquisição de segundas residências (muitos potenciais compradores russos no mercado imobiliário, com preços convidativos, pela crise/bolha imobiliária, e permitindo a obtenção de vistos de permanência desde a criação dos vistos *gold*). A cidade adaptou-se a esta clientela. Desde 2013, funciona a Rusradio Marbelha (Marbellaradio russa) e realiza-se o Festival de Cinema Russo; por sua vez, a música russa está presente no Starlite Festival. Muitas actividades, públicas e privadas, são destinadas a esta clientela: produtos de alimentação russos e livrarias com títulos em russo, como no Corte Inglês de Puerto Banús; cartazes publicitários em russo, logo depois do espanhol e do inglês, e mais do que o alemão e o árabe; ementas em russo; intérpretes de russo nas agências imobiliárias, restaurantes, hotéis, ginásios, clínicas médicas, e até no comércio de retalho; projectos de construção de igrejas ortodoxas, uma delas em Benahavís, a sul de La Zagaleta; estudantes russos nos cursos de espanhol.

O número global de turistas que chegou a Marbelha durante 2014 foi de 607.243 (+ 6,24 % que em 2013: 571.524), com 2.569.125 dormidas, nos diferentes estabelecimentos (valor máximo desde 2009), 3/4 realizadas por estrangeiros (compensa a descida dos valores dos espanhóis) (INE, Encuesta de Ocupación Hotelera), mas mantendo-se a sazonalidade, maior do que antes da crise, não obstante a enorme oferta de turismo de golfe (muitos campos e clubes: Costa del Golf, 73 campos, primeiro destino europeu de golfe; Real Club de Golf Valderrama; Golf Río Real; El Paraíso Golf; Los Arqueros; Atalaya Golf; Lauro Golf; Real Club de Golf Guadalmina: Villa Padierna Golf Club...). Turistas europeus com forte poder aquisitivo e elevados gastos; ingleses, alemães, franceses, escandinavos. Turismo de ricos e famosos, tanto em Marbelha como em Puerto Banús, áreas de baixas densidades, equipamentos e comércio sofisticados, na perspectiva de que o luxo escapa à crise. Turistas nacionais e europeus, mas também árabes, russos, mesmo chineses abastados, a que o município responde em 2013 com meia centena de painéis interactivos com informação turística em vários idiomas

(cidade digital e inteligente). A presença de turistas russos em Marbelha é aliás acompanhada pela evolução dos fluxos do turismo de novos-ricos russos em Portugal. O país beneficia da proximidade de Espanha e como esta, das convulsões políticas do Egipto e Norte de África, mas enfrentava a concorrência de destinos mais acessíveis, da península balcânica e da Turquia, tornadas instáveis com os nossos afluxos em massa de emigrantes económicos e refugiados, mesmo a de Marrocos.

Em 2013, Portugal registou 170 mil turistas russos e 602 mil dormidas, da ordem dos afluxos e estadas dos turistas belgas, com polarização pelas regiões de Lisboa, Madeira e Algarve (nomeadamente a Quinta do Lago); e na continuidade de voos regulares e *charters* ligando Lisboa e Faro a Moscovo e Saint-Petersburgo, das facilidades crescentes de obtenção de vistos, dos vistos de residência e dos «*vistos gold*», e não menos da qualidade da oferta para férias estivais junto dum mar azul, calmo, tépido. Refiram-se desde logo os investimentos russos recentes na hotelaria de «charme» de Cascais: Farol Design Hotel e Estalagem Senhora da Guia, Atlântico Estoril Residence, um condo-hotel (Março 2015), também de luxo, e quota (?) no restaurante Porto de Santa Maria (Guincho); Hotel Albatroz, da cadeia "Small Leading Hotels of the World (explorado por Simões de Almeida), adquirido por Leonild Ranchinskiy, antigo hóspede, gestor da Explorex Overseas, empresa de consultoria sedeada na Madeira, que já tinha comprado um palacete do séc. XIX (1873) que fora do duque de Loulé (em 1963, convertendo-o em estalagem e depois em 1983 em hotel), a Casa D. Nuno ou Casa Amarela (1922, D. Nuno Miguel d´Almada e Lencastre, herdado por Bernardo Manuel Pinheiro Espírito Santo Silva) e a Casa dos Pelicanos, que pertencera à duquesa de Palmela. O grupo The Albatroz Collection compreende deste modo três unidades: o Bayside Villa, na Praia dos Pescadores, o Seafront Hotel, anteriormente designado Hotel Albatroz Cascais, e o Beachside Palace, todas de cinco estrelas e todas localizadas na baía de Cascais.

Os turistas russos em Portugal são adultos com poder de compra e gastos elevados, acompanhando a evolução crescente do nível económico do consumidor russo, que asseguram novas oportunidades de turismo de golfe, turismo náutico, turismo residencial e turismo de saúde; os afluxos são estivais, metade nos meses de Julho, Agosto e Setembro, sendo 1/5 em Agosto/férias escolares, enquanto as férias de inverno são vividas em destinos prestigiados de desportos da neve, nomeadamente nos Alpes e Andorra. Afirmam-se em paralelo com os turistas oriundos do Brasil, de Angola ou da China, nomeadamente no turismo de compras e correspondentes lojas VIP (expressão no shopping em Lisboa, na Avenida da Liberdade; discricionariedade, privacidade, personalização e mesmo exclusividade no atendimento), ou no turismo cultural (caso dos turistas da Índia e do

Brasil), no de golfe («triângulo dourado» com os campos de golfe da Quinta do Lago, Vale do Lobo e Vilamoura) e no turismo residencial.

5.2. Dois destinos de relevo no turismo residencial: Lloret del Mar e Marbelha

Muitos turistas russos acabam por fixar residência familiar em Espanha, mesmo se activos na Rússia (facilidades das deslocações; internet; condições de uma boa educação para os filhos, clima, sol e praia, montanha, repouso, cultura, gastronomia...). As distâncias são aliás facilmente compatíveis com a aquisição de residências secundárias, no início grandes mansões pelos oligarcas, mesmo pela máfia russa ou euroasiática, mas cada vez mais habitações novas com vista de mar e preços acessíveis à classe média, umas como residência principal outras como residências de férias, e ainda para alugar a outros russos: a Espanha substituiu a Bulgária, antes preferida pelos russos para a compra de residência de praia. Fazem-no como o fizeram antes os alemães (a ilha de Maiorca concentra mais de 3% das moradias de alemães fora das suas fronteiras, abaixo da região do Tirol, da Áustria e da Flórida; receios crescentes de que os cortes no sistema de saúde espanhol ponham em risco os seus tratamentos médicos) e os ingleses, e como o faziam nos últimos anos também os escandinavos, franceses e belgas (segunda ou mesmo terceira residência), até mesmo muito argelinos na zona de Alicante (poder aquisitivo médio-alto, em muitos casos profissionais liberais; apartamentos baratos). Compradores russos sem problemas de crédito nem recurso a hipotecas (pagam à vista), na Catalunha como em Almería (na continuação do novo estabelecimento de voos fretados a partir de Moscovo) ou na Andaluzia.

Em 2006 os russos adquiriram cerca de trezentas habitações (classe alta, as melhores casas, nas melhores zonas), mas 8 vezes mais em 2012 (2399 imóveis): classes médias, casas alinhadas e apartamentos; sol e praia; vistas para o Mediterrâneo; preços mais convidativos do que em Moscovo. A Espanha era então o segundo país em que mais investiram em residências secundárias, por vezes permanentes, na Catalunha (17 585 em 2012), na Comunidade Valenciana (14 449) e na Andaluzia (Costa del Sol) (11 523). No início de 2014 residiam em Espanha 224 mil cidadãos da ex. União Soviética, dos quais 88,2 mil ucranianos e 64,6 mil russos (61,5 mil em 2013, contra apenas 2.500 em 1998 e menos de mil em 1996), sobretudo (mais de 80%) ao longo da costa mediterrânea: na província de Alicante, contavam-se mais de 14 mil (cerca de 1/4 do total), nomeadamente em Torrevieja (capital, com mais de 4 mil, logo depois dos britânicos), Orihuela (cerca de mil russos residentes) e ainda Benidorm ou Altea; Muitos outros residiam na Catalunha, em particular na capital (Barcelona, 4595, sempre em 2013), municípios costeiros de Girona, com Lloret del Mar à cabeça, e em Tarragona (Cambrils

e sobretudo Salou). Na Andaluzia, o relevo vai para a província de Málaga (sobretudo a capital, Marbelha, e ainda Mijas), seguida por Almeria; alguns outros russos residiam em Palma de Maiorca e em Santa Cruz de Tenerife.

Muitos destes residentes eram activos na hotelaria, imobiliário, comércio, e tinham-se fixado recentemente; outros ainda não estavam regularizados (INE), pelas limitações do direito de residência e a duração dos vistos (máxima de 3 meses em cada seis meses) (nacionalidade em caso de casamento com parceiro espanhol; dez anos de residência em Espanha). Funcionam autorizações de diferentes tipos: residência temporal e sem desempenho de actividades profissionais (15 mil em 2013); residência de larga duração e direito a trabalhar nas mesmas condições dos espanhóis (cerca de 2/3), sobretudo na hotelaria, no imobiliário e no comércio (com vantagem por falarem russo), a par de advogados, engenheiros, tradutores e interpretes; gente das classes alta e média-alta. Todos motivados pelo sol, praia, cultura, estilos de vida, liberdade e democracia consolidada, estabilidade económica e política, serviços médicos de qualidade, prestígio turístico dos destinos e as frequentes estadas turísticas no país, preço e qualidade das habitações e das novas urbanizações, possibilidades de frequência de boas escolas particulares e universidades, sobretudo para os novos-ricos, os homens de negócios, alguma classe média, que aqui fixa residência. Depois, alguns outros obtiveram o direito de residência através de vistos *gold*, tal como em Portugal: aquisição de habitação no valor mínimo de 500 mil euros ou aquisição de dívida pública de 2 milhões de euros (muitos criam empresas simplesmente para canalizar os investimentos no imobiliário ou sociedades-fantasma para obtenção do direito de residência). Alguns também investem em hotéis, clubes de ténis, parkings, infra-estruturas, e algumas PME de menos de 5 trabalhadores na costa catalã e levantina, que no total são pouco significativos, embora também haja importantes excepções como a Aeroflot e a petrolífera Lukoil, que têm sede em Espanha (embora não condições atractivas do ponto de vista normativo e fiscal face a outros países).

A Costa Dourada (Barcelona-Tarragona) continua a ser o grande refúgio dos russos: 2 mil residentes russos em Barcelona e 4 mil em Loreto del Mar, atraídos pelo clima, pela proximidade do mar, pelo cosmopolitismo, pelos preços mais baixos do que na Inglaterra ou em França, menor caotismo relativamente a Itália e serviços ajustados, sobretudo em contexto de crise (bolha imobiliária), quando diminuem as vendas, fecham imobiliárias e construtoras, reduz-se a construção e a nova oferta, abrem falência os bancos que a apoiaram e baixam significativamente os preços. Lloret del Mar é o paraíso dos turistas russos, o seu principal destino regional e a maior concentração de toda Espanha (Hotel Rigat de 5*; hotéis da cadeia Rosamar de 3 e 4*), fruto da promoção da cidade, enquanto outros optam por Platja d'Aro e S'Agaró (Hostal de La Gavina), mesmo Calella de

Palafrugell e Empuriabrava (aluguer sazonal de apartamentos e casas, familiares e económicos). Chegam pelo aeroporto do Prat em Barcelona, com milhares de voos regulares e de voos *charters*, fretados por tour-operadores, e um pouco também pelo aeroporto de Girona (forte interesse para as lojas locais, sobretudo pelas habituais compras de perfumaria e bebidas alcoólicas: tax free e pessoal falando russo, o que também facilita a devolução do IVA).

Mais de 110 mil russos terão visitado no verão Lloret del Mar em 2013, passando pelos seus hotéis, num total de 400 mil turistas russos, mais 150 mil que no ano anterior, e estadas de 12 a 14 dias. Lloret del Mar afirmou-se desde os primeiros anos 90 no mercado russo e dos países do Leste, que continuaram encarados como mercados-chave no seu Plano Estratégico de Turismo 2010-2014 (turismo de sol e praia e circuitos culturais). Constituem a quarta comunidade estrangeira, com 1.850 residentes legalizados, que permanecem ao longo do ano, equivalendo a 4,5% da população (8% falam russo, turistas e residentes de primeira e segunda habitação), justificando a celebração regular de missas ortodoxas duas vezes por semana na ermida de Sant Quirze): no início, russos com poder de compra muito elevado, procurando casas de luxo e pagando em dinheiro (a nova oligarquia dos anos 90), depois compradores da classe média-alta, mesmo casos de recurso a crédito, para residência permanente ou de férias prolongadas, de alguns meses. São tidos como gente discreta quando comparados com os jovens ingleses, alemães e mesmo os franceses (o lugar tornou-se conhecido pelos afluxos pontuais de milhares de jovens em férias e em busca de diversão, e as suas longas noites de música electrónica e álcool).

Em 2012, os russos eram, depois dos franceses, os que mais casas compravam na Costa Brava, nas zonas de Platja d'Aro e S´Agaró e sobretudo em Lloret, no bairro de Fenals, uma das áreas mais novas da cidade, calma mas perto do centro, onde representavam 60-70% da procura (edição na Catalunha da revista mensal Tot en Rus, em russo, com tiragem de dez mil exemplares) e pelo menos cerca de 2/3 das compras: clima, sol e praia, tranquilidade, principalmente no inverno, segurança, gastronomia e presença de uma comunidade numerosa, algo fechada, a uma hora de Barcelona e de Girona (aeroportos), com ligações fáceis a França, e muita oferta de casas novas com vista de mar e próximas da praia, a par de oportunidades de negócio para a clientela da sua nacionalidade, também «empresários de Skype» com negócios na Rússia, escola de ballet para russos, casa da cultura Rússia-Espanha, colégio aulas de russo, como em Barcelona. Alguns privilegiaram a urbanização de luxo La Gavina de S'Agaró, condomínio fechado e guardado, dia e noite, com seu hotel de 5* e praia exclusiva de Sa Conca e quase duas centenas de grandes mansões com seus jardins privados, 1/3 pertença de cidadãos da ex. União Soviética, muitos com barcos próprios e grandes carros de luxo, que todavia

procuram passar despercebidos. Mas nem tudo é claro: em 2013, a Guarda Civil deteve o adjunto do presidente da Câmara, identificado no âmbito da Operação Clotilde, que revelou uma rede de branqueamento de dinheiro e falsificação de documentos, alegadamente ligada à máfia russa: recebimentos por concessões urbanísticas, nomeadamente de um novo centro comercial, na antiga Praça de Touros, envolvendo o empresário russo Andrei Petrov, residente em Lloret del Mar (Selva; patrocinador desportivo local), com imagem social de mafioso e acusado de branqueamento de mais de meia centena de milhões de euros com a ajuda dos políticos locais, e que fora detido.

Nos finais dos anos 90 do passado século, a Costa del Sol registou igualmente um *boom* de cidadãos residentes com origem na ex-URSS (voos directos Málaga-Moscovo); em 2012 estavam registados no município de Marbelha 4.171; e em Junho de 2014, 1.650 russos, 1.700 ucranianos e alguns bielorrussos, lituanos, letões, moldavos ou do Cazaquistão, todos bons clientes de Puerto Banús e da Milha de Ouro. Muitos adquiriram segundas residências: destino espanhol também bastante valorizado; mercado estratégico, dado o crescente poder económico da respectiva classe média, tanto ao nível das visitas, com permanências e gastos elevados, relativamente a outros mercados, como no da aquisição de casas de férias e de turismo residencial ou mesmo de novos residentes. Atractividade que terá mesmo levado Vladimir Putin (visitas frequentes; familiares residentes na Costa del Sol) a adquirir e remodelar (?) a casa que pertencera a Alan Sharam, britânico do sector informático, ao lado da de Rod Stewart (Roderick David Stewart, cantor e compositor britânico, com ascendência escocesa), em La Zagaleta, *resort* com alta segurança e frequentado por políticos e multimilionários, descrita como: 4 mil m2, num lote de 1,8ha, com uma dezena de quartos com vistas para a serra de Ronda, Gibraltar e a costa de África, spa, ginásio, sala de cinema, piano-bar, duas piscinas, jardim com lagos e fontes, garagem para dez automóveis, parqueamento coberto para mais de duas dezenas de outros, heliporto.

Ainda em 2012, ano de forte crescimento do turismo de russos na região, avaliava-se em 10% as residências de luxo do Triângulo de Ouro – Marbelha, Benahavís e Estepona – pertencentes a russos, muitas integradas em complexos residenciais desenvolvidos em torno dos muitos campos de golfe. Estes terão comprado 8,5% dos quase 5 mil imóveis adquiridos por cidadãos estrangeiros em 2012, contra 5% no ano anterior, vindo logo depois do Reino Unido e da Noruega, e à frente da Alemanha (preços em baixa tidos como convidativos, até pela sua forte disponibilidade de dinheiro). Trata-se de aquisições de residências de gama alta (milhões de euros), em urbanizações de luxo, preferencialmente com campos de ténis, equipamentos de saúde e bem-estar e também campos de golfe, como La Zagaleta, Sierra Blanca e Villapadierna ou La Quinta Golf, El Paraíso Golfe e

Monte Mayor Golfe e ainda Los Arqueros (San Pedro de Alcântara), complexo residencial associado ao golfe Los Arqueros, a oeste de Puerto Banús. Alguns também investem em negócios da área da hotelaria, restauração, bares, centros comerciais. Muitos residem quase todo o ano, pelo menos grande parte da família, enquanto o chefe de família passa parte da vida em Moscovo e noutras grandes cidades da antiga federação; noutros casos toda a família mudou definitivamente de residência a favor da Costa do Sol (empresários algo globais; facilidades das deslocações internacionais).

5.3. Destinos que se banalizam: Málaga, Torremolinos, Benidorm

No início do século (2000), visitaram Málaga 8 milhões de pessoas, 59 % do estrangeiro, sendo 3,3 milhões em estabelecimentos hoteleiros, com 15 milhões de dormidas (70% de estrangeiros): contava então 820 unidades de alojamento, com um total de 112 mil lugares. Em 2011, a população de Málaga elevava-se a 568 mil habitantes (em 1988 perdera Torremolinos), com um milhão na área metropolitana: entre os residentes, muitos estrangeiros (cerca de 8,43% do total), entre eles magrebinos e judeus por um lado, e ingleses e alemães, por outro, fixados desde os anos 1970.

Málaga foi colónia fenícia, conquista dos mouros (muralhas defensivas), reconquista e domínio dos reis católicos desde 1487. No século XVIII beneficiou do comércio e da produção de vinho (até finais do século XIX e a epidemia da filoxera), e exerceu funções defensivas do Estreito, com a perda de Gibraltar em 1704: construção do aqueduto de San Telmo na segunda metade do século XVIII; afirmação crescente de uma burguesia urbana associada ao comércio e alguma indústria (pastoreio, têxteis, ferro), além da agricultura comercial, durante o século XIX; nos finais do mesmo, crise e desemprego, obras em infra-estruturas (caminho-de-ferro, estradas, melhoramentos no porto), novos bairros, alamedas, jardins, actividades culturais.

O turismo surgiu na base da amenidade do clima de inverno (Sociedad Propagandística del Clima y Embellecimiento de Málaga, fundada em 1897): estância de inverno (quase 3 mil horas de sol e 320 dias de sol por ano) para cidadãos do centro e norte da Europa em viagens de lazer ou em longas estadas sazonais (franceses e ingleses), mantendo todavia contactos frequentes com os países de origem. Beneficiou das facilidades de acesso pelo porto, directamente ou com escala em Gibraltar, e por caminho-de-ferro, desde 1865 (ligando a Córdova). Depois, sobretudo nos anos 20, converteu-se num lugar atractivo de veraneio: boas praias, edificação de banhos, fechados e separados por sexos (como os de Diana, Apolo e Estrella, os últimos funcionando até 1938 e 1943, respectivamente, e outros bal-

neários para os operários das fábricas), caminho-de-ferro de via estreita ligando os municípios do litoral e, em 1919, abertura do aeroporto (como o de Alicante e de Barcelona) a voos comerciais, como escala para os franceses Toulouse-Casablanca.

O principal marco desse novo desenvolvimento são os Baños del Carmen em 1918, construídos sobre antigos banhos públicos, a leste da cidade (Playa-Balneario Nuestra Señora del Cármen), com o seu pavilhão central, de estilo neoclássico, e áreas de banhos laterais ao ar livre, ainda com separação de sexos, zonas verdes, campos de ténis, espaço de ócio para as classes altas de então (cinema, concertos, espectáculos, *ballet*, bailes), prolongados por bairro residencial (a praia, actualmente, tornou-se lugar de encontro de *hippies*), e alternativos aos de Diana e de Apolo. Seguiu-se o Parador Málaga Golf, inaugurado em 1925, e o campo de golfe de Torremolinos, de 1928. Em 1929, Málaga registou 12.313 visitantes; no ano seguinte, contava duas dezenas de unidades hoteleiras, com 1051 quartos e 1505 camas; alguns outros existiam em Torremolinos (Castillo de Santa Clara e Parador de Montemar) e em Marbelha (Gaitán e Comercial). A crise económica, a guerra civil, a IIGG e o empobrecimento das nações europeias, o racionamento de alimentos e gasolina, e o isolamento internacional de Espanha na ONU (1946-1951), interromperam esse desenvolvimento, só recuperado desde meados do século, com poucas excepções: abertura ao público dos hotéis La Roca (1940, Torremolinos) e El Rodeo (1946, Marbelha), e estabelecimentos da rede estatal (Albergue de Carretera de Antequera, em 1940, e Hostería de Gibralfaro, em1948).

O afastamento geográfico dos principais países emissores de turistas (de início, norte-americanos, britânicos e alemães) foi contrariado desde os anos 60, por remodelações sucessivas no velho aeroporto de Málaga, aumentando as suas capacidades para voos regulares e *charters* e afirmando-o como um dos mais importantes do país (8km a sul de Málaga e 5km de Torremolinos); registou cerca de 13 milhões de passageiros em 2013, contra 9,4 milhões em 2000, e o máximo em 2007, com 13,6 milhões de passageiros e 129.698 aviões). Acresce o AVE Córdoba-Málaga desde 2007 (Madrid-Sevilha desde 1992); e também o porto (no passado, antes da filoxera, exportação de vinhos e passas, cerâmica e fluxos de abastecimento dos presídios do Norte de África), renovado e expandido (1998), com o novo terminal de cruzeiros (2012, 651,5mil passageiros, o segundo da Península, acessível a grandes navios) e a marina comercial, com capacidade para 24 iates de mais de 30m (além do museu e do centro de educação ambiental), a par da sua afirmação como porto de passageiros (linha regular com Merilla), de contentores e veículos, e ainda de barcos de recreio e de pesca....

Na continuidade, a Costa del Sol afirmou-se como um importante destino turístico de âmbito nacional e internacional, e o turismo funcionou como o motor da economia da região: *boom* turístico e económico e expansão urbana; turistas

americanos, muito importantes nos anos 60, apoiados na ligação aérea Málaga-Nova Iorque. O crescimento turístico foi contínuo e acentuado até meados dos anos 70, depois cíclico e algo moderado, em paralelo com a evolução da economia nos países emissores da Europa, a instabilidade política em Espanha, a evolução dos preços, a desvalorização da peseta, o nível de vida dos espanhóis (turismo interno). A partir dos anos 80, houve diversificação das motivações (para além do sol e praia, turismo desportivo, de incentivos, de circuitos, gastronómico, cultural, paisagístico, residencial) e das nacionalidades: além dos ingleses, franceses, alemães, naturais do Benelux e também escandinavos, a aristocracia árabe e os novos-ricos russos.

A economia actual assenta na construção civil, nos serviços (Parque Tecnológico da Andaluzia, 1992: inovação), nos transportes e logística e sobretudo no turismo: invernos amenos e o sol como uma constante; património, o centro histórico como um museu ao ar livre, com muralhas de várias épocas, teatro romano, castelo Gibralfaro (actual Parador) e Alcazar (fortaleza), igrejas mudéjar, a catedral (antiga mesquita maior) e o palácio episcopal barrocos, que suportam a candidatura a Capital Europeia da Cultura 2016; cemitério anglicano, jardim botânico, aqueduto de San Telmo (segunda metade do século XVIII), velha aldeia piscatória e velha judiaria, antigos palácios e villas (burguesia do século XIX) e velhos e novos hotéis; museus, nomeadamente os museus Picasso (natural de Málaga), Carmen Thyssen, de Arte moderna, da Música.

Torremolinos funciona como um subúrbio de Málaga, imediatamente a oeste (13km da cidade, auto-estrada, caminho-de-ferro), mas tornou-se um município autónomo (1988), protegido pela serra de Mijas (calcária, 623m de cota máxima): 27.543 habitantes em 1991 e 66.957 em 2010; alinhamento de grandes blocos de apartamentos à beira-mar, com dois bairros costeiros, La Carihuela a sul e El Bajondillo a norte, separados pela Punta de Torremolinos e unidos pelo passeio marítimo. Pequena aldeia piscatória e de moagem tradicional (dezena e meia de moinhos nos meados do século XIX, então com 785 habitantes, contra 106 vizinhos em 1769, quando se faziam sentir os ataques da pirataria), desenvolveu-se turisticamente ao longo do segundo quartel do passado século, mas sobretudo desde os finais dos anos 50: Campo de Golfe de Torremolinos (1928); Castillo del Inglês (1930), primeiro hotel da Costa del Sol, na melhor zona de Torremolinos, em 1974 hotel Castillo Santa Clara, um dos mais sofisticados da costa nos anos 70 e 80, desaparecido em 1993 e adaptado a condomínio de luxo; o Parador de Montemar (1933); o Hotel La Roca (1942); depois hotéis de luxo, como o hotel Pez Espada (1959), o Meliá Torremolinos, antigo hotel Tres Carabelas, seguido de muitos outros e de muitos *nightclubs*. Nos anos 60 e 70, Torremolinos afirmara-se como o principal destino turístico de sol e praia da Andaluzia, mas começaria em

breve a perder *glamour* a favor de Marbelha: degradação da atractividade, mesmo no quadro do turismo de massa e da vida nocturna (grandes blocos de apartamentos, a dominar a paisagem, muitos grandes hotéis de 3*, alguns outros de 4*).

No início do seu desenvolvimento turístico, destaca-se a presença de celebridades como Grace Kelly, Ava Gardner, Brigitte Bardot, Marlon Brando, Orson Wells e Frank Sinatra; em seguida, grande afluência de estrangeiros, principalmente da Holanda, Alemanha, França, Escandinávia e sobretudo do Reino Unido e da Irlanda (pacotes de viagens aéreas e estadas); acresce o forte peso de turistas britânicos residentes. Depois, afirmação de um ambiente multicultural, cosmopolita, liberal, e permissivo, e da imagem de destino de turismo alternativo e libertário (homossexuais, *hooligans,* consumidores de drogas e *hippies,* espanhóis e estrangeiros; clubes da comunidade LGBT), e nos anos 80 um ambiente mais *pop*. Em 1962 surgira o Toni's bar, o primeiro bar gay do país, logo seguido de outros como o Incógnito, o Fauno ou o Dusseldorf.

Actualmente, Torremolinos é um destino turístico sem sofisticação, mesmo popular, algo como Benidorm, longe da atracção dos ricos e famosos, com crises múltiplas desde 1974 ao nível da hotelaria e do mercado imobiliário, não obstante os recentes esforços de renovação da oferta hoteleira, restauração, clubes e bares, comércio, igualmente paisagística, urbana, com destaque para o passeio marginal, que se estende desde as portas de Málaga, mais elegante na La Carihuela, a oeste, até Puerto Marina, em Benalmadena. Torremolinos procura reafirmar-se como destino para famílias, pensionistas e homossexuais, muito menos para turistas jovens, que entretanto elegeram Ibiza ou Maiorca.

A turistificação do litoral estendeu-se para sul, na direcção de Fuengirola e mais além Marbelha, sempre com forte peso do turismo residencial (linha de «metro» ao longo do litoral Málaga-Puerto Banús-San Pedro, auto-estrada litoral e novas estradas desencravando o interior): mais de 250 mil estrangeiros residem oficialmente na província de Málaga (registos eleitorais), dos quais ¼ ingleses (cerca de 57 mil, mas mais de um milhão de ingleses residirão em Espanha): escolas internacionais, bons serviços hospitalares, acessibilidade, a apenas 2,5 horas de avião pelo aeroporto internacional Pablo Ruiz Picasso (Málaga). Os ingleses são a nacionalidade dominante, depois da espanhola, com residência a tempo parcial ou permanente: este movimento explodiu a partir dos finais do decénio de 80 e as novas facilidades de câmbio e de movimentação de fundos, introduzidas por Margarete Thatcher, a par da intensificação das ligações aéreas.

Em 2013, metade das vendas de imóveis na região de Málaga couberam a estrangeiros: ou seja cerca de 4600 aquisições, contra 16.800 em 2007 (num total de 45.000). Aos ingleses sucederam-se os suecos, belgas, noruegueses, russos, franceses e alemães (anos atrás dominavam os ingleses, os franceses e os alemães,

sendo raros os nórdicos). Assim, os ingleses asseguraram 1.200 compras, contra 600 dos suecos, 550 dos belgas, 450 dos russos, 440 oriundos da França e 280 da Alemanha (preferem Maiorca), destacando-se as novas procuras russa e da França, Bélgica e Escandinávia, mesmo se com menor intensidade do que em Alicante, onde também investe consideravelmente a burguesia argelina (apartamentos baratos), e em Múrcia. Como motivações fundamentais: sol, bons serviços, excelentes comunicações e então também casas baratas (bolha imobiliária, bem sentida durante a crise de 2008). E na continuidade, reforço do peso do turismo residencial em toda a Costa del Sol: em 2012, num total de 9.5 milhões de turistas estrangeiros, menos de metade utilizava a hotelaria, enquanto 5 milhões privilegiava a sua casa de férias, outras que alugavam, as de familiares e amigos (apartamentos turísticos, que são numerosos, mesmo campings e unidades de turismo rural), contrariando aliás a forte sazonalidade do turismo de sol e praia.

5.4. Destinos de elite: Marbelha e Port Banús

Nos finais da IIGG, Marbelha era ainda uma pequena aldeia litoral, quando Ricardo Soriano y Scholtz von Hermensdorff a popularizou entre amigos ricos e famosos: aquisição em 1945 de uma propriedade entre Marbelha e San Pedro (Rodeo Alto y Rodeo Bajo, um total de 22ha), onde fez construir uma residência pessoal e promoveu o desenvolvimento do *resort* Venta y Albergues El Rodeo, com casas caiadas e de um só piso, e o Cines El Rodeo, pensando sobretudo no movimento dos franceses para Algeciras e o Norte de África, iniciativa que marca o começo do forte desenvolvimento local do turismo. Ricardo Soriano y Scholtz von Hermensdorff, marquês de Ivanrey, aristocrata excêntrico, natural de Salamanca mas que vivera em Paris, Biarritz, Bilbau e Madrid antes de aqui se fixar, era filho de Fernando Soriano y Gaviria, I marquês de Ivanrey, banqueiro, industrial, latifundiário, e de Matilde Scholtz von Hermensdorff y de Behrz, filha de um nobre hispano-alemão, Guillermo Scholtz von Hermensdorff y Caravaca, I marquês de Belvís de las Navas, descendente dos marqueses de Caravaca, casado com a estadunidense María Italia Blair Mitchell, filha de Chauncey Justus Blair, presidente do Banco Nacional de Chicago, e neta do magnata William Hamilton Mitchell (família de grandes banqueiros e proprietários das linhas ferroviárias do estado de Illinois).

Ao mesmo tempo empresário, político, engenheiro, inventor, arquitecto, com dezenas de edifícios em Biarritz e nos vizinhos pinhais de Chiberta, desportista e aventureiro, Ricardo Soriano conhecia a região por passar férias de verão no Palácio del Rey Moro (casa do século XVIII; jardins do início do século XX), em Ronda, pertença da família, e soube atrair amigos e familiares abastados a Marbelha.

Desde logo, o Príncipe Alfonso Maximiliano Victorio Eugenio Alexandro María Pablo de la Santísima Trinidad y Todos los Santos zu Hohenlohe-Langenburg, natural de Madrid, casado com Piedad Iturbe (sua prima), afilhado de Alfonso XIII, descendente de uma família alemã do Gotha, grande proprietária de terras na Checoslováquia e em Espanha (fortuna destruída com a revolução mexicana e o pós IIGG no Leste europeu; poder económico recuperado com o casamento com a princesa austríaca-italiana Ira von Fürstenberg, herdeira da Fiat). Homem de negócios, comprou a quinta Santa Margarita, onde surgiu o Marbelha Club, hotel de luxo inaugurado em 1954. Seguiram-se Edgar Neville, escritor e autor teatral, nos começos dos anos 50; as famílias von Bismarck, Rothschild, Thurn und Taxis (alemã, castelos, cervejas), Metternich (nobreza alemã), Goldsmith (banca alemã), Jaime de Mora y Aragón (irmão da rainha Fabíola, da Bélgica), Thyssen-Bornemisza (indústria do aço; banca); mesmo Adnan Khashoggi, bilionário saudita, comerciante e distribuidor de armas, e Monzer al-Kassar, «o Príncipe de Marbelha», sírio, também negociante de armas, expulso do RU em 1984 (fixação de residência em Marbelha na mansão «Palácio de Mifadil»; consumos ostentatórios).

O Marbelha Club contou com as presenças dos Duques de Windsor, Rainier III do Mónaco e Grace Kelly, bem como o príncipe Aga Khan, a par de homens de negócio, executivos e estrelas do cinema, todo um *jet-set* internacional, de Aristóteles Onassis (armador) e Maria Callas ou Gianni Agnelli (Fiat), a James Hunt (britânico, piloto da Fórmila 1), Sofia Loren, Rock Hudson, Kim Novak, Gina Lollobrigida, James Stewart, Ava Gardner, Brigitte Bardot, Audrey Hepburn, Mel Ferrer. Outros optavam por residências próprias, como o Rei Fahd da Arábia Saudita e a princesa Soraya (casada com Mohammad Reza Pahlavi, Xá da Pérsia), mas igualmente Roger Moore, Sean Connery ou Deborah Kerr. Muita desta elite coroada e rica frequentava antes Biarritz, então destronada pelas chuvas frequentes e os ventos frescos estivais, e muitas das estrelas de cinema, já nos anos 1950 veraneava na mundana Torremolinos (Grace Kelly, Ava Gardner, Marlon Brando, Orson Welles, Brigitte Bardot ou Frank Sinatra).

A cidade de Marbelha continuou a estender-se muito para além do núcleo antigo, com sua Praça das Laranjas, a torre defensiva do século XVI, restos da velha muralha, ruas de casas brancas floridas, conventos e igrejas, velha mesquita e moderna sinagoga (1978), a Casa do Corregedor, os museus (museu de arte contemporânea, com obras de Picasso, Miró, Antoni Tàpies, e outros, no anterior Hospital Bazan, desde 1992; museu Bonsai, etc.). A expansão fez-se sobretudo para sul e para o interior, nomeadamente com sucessão de aldeamentos, *resorts*, clubes e campos de golfe, mesmo condomínios fechados e de muito baixas densidades. Sempre turismo de luxo, exigente ao nível dos hotéis, villas e restaurantes,

dos grandes automóveis com motorista, aviões privados, iates *charters*, clubes e praias exclusivos, mantendo Marbelha como um destino de turismo de elite, elegante e sofisticado, como nos distantes anos 60, marcados pela presença de elementos da aristocracia europeia, além de estrelas de Hollywood.

A 6km a sudoeste de Marbelha, desenvolveu-se o complexo de Puerto Banús, iniciativa de José Banús (empresário, construtor e promotor imobiliário, natural de Tarragona) inaugurado em 1970 com a presença de 1700 convidados, entre os quais Aga Khan, Roman Polanski, Hugh Hefner (fundador da Playboy), Christian Barnard (transplantes cardíacos) e os príncipes Rainier e Grace do Mónaco: 15ha, em torno de uma marina de luxo, com 915 lugares para iates até 50m, praias de um e outro lado, complexo comercial, restaurantes e bares, *nightclubs* (Nikki Beach Marbella no Don Carlos Resort, muito exclusivo, e afamado pelas festas de champanhe), butiques de luxo (como Christian Dior, Chloe, Louis Vuitton, Gucci, Bulgari, Versace, Dolce & Gabbana), nomeadamente ao longo da Milha de Ouro, e na praça António Banderas (El Corte Inglês), onde não faltam o Boulevard da Fama e a estátua dos rinocerontes de Salvador Dali. Lugar de encontro e cosmopolitismo, que conta 5 milhões de visitantes por ano, sobretudo turistas do norte da Europa (especialmente do Reino Unido), árabes (especialmente do Kuwait e Arábia Saudita) e russos, além de espanhóis, com os correspondentes Ferraris, Lamborghini, Mercedes, a par dos grandes iates na marina.

Multiplicaram-se os hotéis de muitas estrelas: ao nível das 5*, refiram-se o Gran Meliá Don Pepe, à beira-mar, junto da Praia Don Pepe (194 quartos, 3 piscinas exteriores, um spa e uma Clínica Life & Sun, a 5 minutos do Parque Paco Cantos); o Puente Romano Beach Resort, também junto da praia (278 quartos, campos de ténis, várias piscinas e um centro de bem-estar no clube de praia); o Marriott's Marbella Beach Resort, entre jardins e em frente do mar (288 quartos); o Gran Hotel Gadalpin Banús (181 quartos e acesso directo à praia); Don Carlos Leisure Resort & Spa (243 quartos), junto da praia Elviria, e festas luxuosas no famoso clube de praia Nikki Beach; o Vincci Selección Estrella del Mar (137quartos, 4 piscinas, uma de beiral infinito, spa, clube de praia para festas exclusivas); Los Monteros Hotel & Spa (173 quartos, a 500m da costa, com clube de praia, e a menos de 200m de Clube de Golfe Santa Clara); Oásis/de Don Carlos Leisure Resort & Spa (35 quartos e clube de praia VIP, não longe do Clube de Campo e Golfe Santa Maria). Também são muitos os hotéis e apart-hotéis de 4*: Amare Beach Hotel (236 quartos); H10 Andaluzia Plaza (400 quartos, a 500m de Puerto Banús); Hotel Fuerte (263 quartos, rodeado por jardins); Benabola Hotel & Suites (96 quartos, vista sobre o Puerto Banús); Iberostar Coral Beach (170 quartos, a 1 km do centro de Puerto Banús, entre jardins de palmeiras, com piscinas, clube de praia, ginásio, spa); BlueBay Banús (315 quartos, jardins tropicais); NH (163

quartos, jardins) e NH-apartamentos (76 apartamentos, ao longo da Milha Dourada e a 150 metros da praia); Alanda Club (146 apartamentos); Senator Spa Hotel (186 quartos, na Milha Dourada, apenas a 10 minutos do Centro de Convenções); Apartamentos Princesa Playa (100 apartamentos, junto de Marbelha); Park Plaza Suítes Hotel(51 quartos, no centro de Puerto Banús, junto da marina, e da sua intensa vida nocturna); Vasari Resort (48 quartos, a 1 km da mesma); Alanda Hotel (200 quartos, na Milha Dourada, com spa, piscina exterior, a 450m da praia e a 3km da Marina); La Reserva (155 quartos, no meio de 5 mil m^2 de jardins, a 2km da Praia Cabopin); Rio Real Golf Course (29 quartos, a 5 km de Marbelha, com campo de golfe de 18 buracos)...

Multiplicam-se igualmente as novas urbanizações turísticas, ao sabor das aquisições fundiárias, algo descontínuas, ao longo da costa e pelas encostas envolventes, de um e outro lado da auto-estrada, algumas bastante luxuosas, muitas junto dos numerosos campos de golfe: Deluxe Villas Don Carlos Resort, jardins, 4 piscinas, próximo da Praia Elviria, com serviço de mordomo 24 horas, bares e restaurantes exclusivos; Marbella Club Villas, Golf Resort & Spa, uma vintena de villas luxuosas com piscinas privadas, spa e ginásio, jardins subtropicais à beira-mar, a 5 km do Puerto Banús... Destaquemos, pela exclusividade e afastamento da costa, o clube de campo La Zagaleta e a sua área residencial (Zagaleta Golf & Country Club, com restaurante, bar, piscina, salas de bilhar, bridge, festas, e duas centenas de sócios, pagando jóia anual da ordem das £80 mil), nas encostas da Serrania de Ronda, junto de Benhavis, criado em 1991 por Enrique Pérez Flores, de Huelva: 900ha de luxo, tranquilidade, discrição, secretismo e privacidade (alta segurança 24 horas; inacessível a paparazzi); condomínio exclusivo, com 420 parcelas, 2 campos de golfe de 18 buracos, o mais recente de 2007, centro equestre e clube hípico, heliporto; baixas densidades, zonas verdes entre as parcelas (de três a uma dezena de milhares de m2), veados, gamos e muflões; villas de luxo (que alcançam dezenas de milhões de euros), arquitectura andaluza tradicional, construção sustentável, com piscinas, interiores e exteriores, jardins, áreas de fitness, ginásio e sauna, sala de cinema, anexos para o pessoal de apoio, garagens para vários carros, parqueamento coberto; serviço de transporte privado para o aeroporto; serviços bancários e de seguros, bem como de lavandaria, limpeza, manutenção de jardins e piscinas e babysitting (muitos trabalhadores, um milhar de pessoas de segurança, manutenção e serviços domésticos). Nos proprietários do Zagaleta Golf & Country Club, políticos, homens de negócio e senhores de grandes fortunas, com direito a veto quanto a futuros vizinhos (excluindo os muito populares, como Júlio Iglésias, Shakira ou David Beckham): 30% serão ingleses, outros tantos alemães, e igualmente suíços, dinamarqueses, italianos, escandinavos e de outros países europeus e apenas 10% espanhóis e árabes. Visitantes também ilustres como Ulf

Ekberg, teclista sueco, Eva Longoria, actriz norte-americana de cinema e televisão, de origem mexicana, Hugh Grant, actor e realizador de cinema, inglês, ou Diana de Gales.

Possuem residência em Marbelha nomes da alta sociedade nacional e internacional, do mundo do cinema, do desporto e das revistas da fama: duquesa de Alba, Júlio Iglésias, António Banderas, Carmen Lomana, toureiros como Fran Rivera e Manuel Díaz *(El Cordobés)*, Isabel Pantoja, a família Goyanes, Gunilla Von Bismark e Luís Ortiz, o empresário Juan Abelló e Ana Gamazo, sua esposa, Alejandro Agag e Ana Aznar, etc. Mas também muitos milhares de ingleses, permanecendo grande parte do ano, mesmo se activos (novas tecnologias informáticas, *low cost*, amenidade do clima invernal, campos de golfe e também de pólo). Alguns novos compradores foram atraídos pelos vistos dourados: investimentos de 500 mil euros ou mais em imóveis residenciais e comerciais ou em bens fundiários, com liberdade de circulação no Espaço Schengen; Rússia, China, Índia, mas também Brasil, África do Sul e Médio Oriente.

Nas encostas algo montanhosas, a uma dezena de km da costa, as velhas aldeias cresceram e foram renovadas com o turismo, como Benahavis, sob influência de La Zagaleta, que se desenvolve a nordeste: remonta ao século XI e aos árabes, possui um velho castelo de Montemayor, estratégico na vigia da costa contra piratas e invasores. Ou Ojen, a 400m, com cerca de 2 mil habitantes, não longe do Refugio de Juanar, antes uma reserva de caça particular, frequentada pelo rei Alfonso XIII, hoje com hotel para turistas e caçadores; Monda, a 427m, com uma população residente da mesma ordem, castelo reabilitado como hotel de luxo, outrora muito visitado por *hippies*, até à abertura da estrada de ligação a Marbelha e a sua evolução como destino burguês. Mijas é sem dúvida um dos melhores exemplos: também na encosta da serra, verde pelos pinhais, a 428m de altitude, e sob a influência directa de Fuengirola; 7500 habitantes no município, que se estende até ao litoral, incluindo muitos ingleses, artistas e escritores; largos horizontes, restos da velha muralha, pequenas igrejas, pequena praça de touros de 1900, ruas estreitas, casas brancas, bem cuidadas, com vasos decorativos e flores nas paredes, calma andaluza, lojas de artesanato local, burros-táxi, restaurantes e bares animados, tranquilidade fora da época alta, já muito turística; pequenas unidades de alojamento de uma dezena de quartos (hostels, pousadas), apartamentos turísticos como no Macdonald La Ermita Resort (41 apartamentos), Villa La Jamisa, 4*, 10 quartos; mais além o Hotel TRH Mijas, 4*, 204 quartos, o Hotel Hacienda Puerta del Sol, 4*, a caminho de Fuengirola, 130 quartos, o Matchroom Country Club, junto do clube de golfe Los Lagos de Mijas, com duas dezenas de apartamentos, etc.

5.5. Um «brilho» que se esbate?

Nos meados do século a população de Marbelha era apenas de 10 mil (os primeiros hotéis são todavia anteriores aos anos 30: o El Comercial de 1918 e o Miramar de 1926), mas 12.156 em 1960 (29.253 em 1970). Cinquenta anos depois, em 2011, Marbelha contava 135.124 habitantes, concentrada sobretudo entre Marbelha e San Pedro Alcântara, população que mais do que duplica nos meses de Verão: crescimentos populacionais mais acelerados na década de 60; expansão ao longo do litoral ocidental, com multiplicação das urbanizações, formando a Milha de Ouro (Golden Mile, 6,4km), na direcção de Puerto Banús, com suas villas sumptuosas, palácios, hotéis de 5* como o Marbelha club, o Mélia Don Pepe 1963, ou o Puente Romano, como uma aldeia andaluza, com cerca de 300 quartos em quase 3 dezenas de edifícios de 3 pisos, num lote de 5,5ha, com jardins, piscinas, ténis (Puente Romano Tennis Club e academia de ténis inaugurada em 1979), sauna, massagens, ioga, etc.; extensão para o interior pela Nueva Andalusia, com seus campos de golfe e villas de arquitectura tradicional andaluza, e outros condomínios fechados pelas colinas, densificando o seu cosmopolitismo e multiculturalismo desde os anos 70 (milhares de ingleses a tempo parcial ou ao longo do ano em residências próprias).

Os anos 1980s foram todavia marcados pelo grande afluxo de reformados em busca de bem-estar barato (custos de vida, favorecidos pelo câmbio), sossego e sol de inverno, céu limpo, aldeias brancas, conforto e segurança, liberdade e autenticidade, a par de viagens económicas, casas baratas, infra-estruturas modernas, muitos destes não se considerando turistas mas habitantes, residentes, mesmo se sazonais e em lugares de turismo e com práticas de lazer comuns às dos turistas (vide os estudos de Raquel Huete Nieves, 2010, 2011 e 2013, Karen O'Reilly, 2008 e 2009, e R. King e outros, 2000): verdadeiros enclaves de ingleses residentes, não obstante os crescentes aumentos do custo de vida local e da presença de imigrantes, como nas regiões de onde partiram e que repudiavam, tanto quanto a falta de sol, e a desvalorização dos patrimónios imobiliários, o que dificulta a venda e o retorno mas atrai muitos outros, europeus, russos, chineses...

Nos anos 1990s, com Jesus Gil y Gil como presidente da Câmara, grande surto de construção, massificação do desenvolvimento turístico, mesmo na Golden Mile e na zona do Puerto Banús, extensão da urbanização, algo desorganizada, com justaposição de manchas de vários promotores imobiliários, com as suas próprias formas arquitecturais, densidades, estruturas e funcionalidades, com ou sem campos de golfe, elementos centrais nas novas paisagens das áreas ocidentais dominadas pelo turismo residencial (que tende a valorizar as vistas e as paisagens, as tranquilidades e as privacidades, em detrimento das centralidades e das urbanizações

em massa), em substituição de campos incultos e matos que persistem aqui e ali (Arsenio Villar Lama 2013). A sua reputação degradara-se: crimes económicos, dinheiros «sujos», droga e corrupção, crime organizado, com traficantes de armas árabes e russos mafiosos, consumismo e violência, que acentuam a derivada dos velhos nazis, dos criminosos britânicos fugindo à justiça, pelas dificuldades de extradição (Charlie Wilson, Ronnie Knight, Freddie Foreman, Anthony Fraser, neto de Mad Frankie Fraser, e mais recentemente Andrew Moran, bem como John Disley, conhecido como o Rei de Marbelha) e dos *playboy* aristocratas, como Ricardo Soriano e Alfonso de Hohenlohe, nas palavras ácidas de Juan Bonilla (2007).

Na continuidade, afastamento de algumas das suas elites na direcção de oeste, sobretudo para Sotogrande, 25km a leste de Gibraltar, no município de San Roque, no sopé da Sierra Almenara, que se manteve mais tranquilo que Marbelha ou Puerto Banús. Desenvolvido a partir de 1962 como um dos mais luxuosos destinos europeus de golfe, por Joseph Rafael McMicking e Ynchausti e Mercedes Zobel de Ayala y Roxas, ambos filipinos de origem britânica e espanhola, num vasto domínio (quintas Paniagua e Los Cano), acessível pelos aeroportos de Málaga e sobretudo Gibraltar, com clube de Golfe desde 1964, Clube de Polo de La Playa e Tenis Hotel Sotogrande, ambos desde 1965, privacidade e segurança. Habitam ou frequentam Sotogrande em férias algumas das famílias mais ricas e poderosas de Espanha e outros: referem-se as presenças habituais do Príncipe Louis Alphonse, duque de Anjou, Peter Caruana (governo de Gibraltar), Tony Blair, Emilio Botín (Emilio Botin Sanz de Sautuola y Garcia de los Rios, banqueiro, presidente até 2014 do Grupo Santander), Ana Rosa Quintana (jornalista e apresentadora rádio e da televisão), Mike Gwilym (actor da Royal Shakespeare Company), etc.

Na paisagem, villas imponentes de diferentes estilos, andaluz, mudéjar e chalé suíço, para habitar e/ou alugar por períodos curtos ou longos, largas avenidas de palmeiras e coníferas, grandes lotes individuais, lagos artificiais, campos de golfe (Club Real de Golf, Almenara, La Reserva, La Cañada e a Academia de Golfe), outros tantos de polo, Centro Hípico, no antigo Cortijo Valderrama, porto desportivo e Real Club Marítimo, campos de ténis, Clubes e Academia; clube de rugby e dois clubes de praia (Beach Clubs Cucurucho e Octogano); centro equestre; Kayak/Sailing Club e a marina (1987), na margem direita do rio Guadiaro (várias ilhas residenciais permitindo a amarração dos barcos aos jardins das próprias casas), mesmo um spa, no Sotogrande Elysium, equipamentos para os mais jovens (Sotogrande Kids Club, Iguana Park, Miniclub, com monitores especializados), *shopping*, restaurantes, escola internacional, heliporto (no porto) e 27ha de Parque Nacional, com vida selvagem e reserva natural (ao longo do rio e no estuário) para ecoturismo, e nomeadamente observação de pássaros.

Estamos perante o alargamento da Costa do Sol na direcção de Gibraltar, com muitos *resorts,* muitas dezenas de campos de golfe, operacionais no inverno, e várias marinas (Marbelha conta 4 portos de recreio, mas só Puerto Banús e Puerto de la Bajadilla permitem o acesso de cruzeiros, e o último também movimento de mercadorias), praias seguras, animação e intensa vida nocturna, proximidade de Gibraltar, Sevilha, Granada e Córdova e mesmo do Norte de África. A persistência de Marbelha como lugar único, exclusivo, neste litoral sul da Andaluzia, passa por continuar a polarizar o turismo árabe e russo, que sustenta a imagem de destino de luxo, sem descurar os afluxos da Europa do norte, também abastados, pouco afectados pela estagnação e crise económica, frequentadores dos melhores hotéis, compradores nas lojas de Puerto Banús e dos imóveis de luxo, e muito em particular os potenciais turistas milionários da Ásia, altamente gastadores, onde se multiplicam as acções promocionais (2013, quase cem milhões de turistas chineses em todo o mundo; expansão da classe média-alta, e alargamento do mercado), valorizando as vertentes de turismo residencial, de congressos, de saúde e de golfe, na lógica da diversificação e da redução da sazonalidade. E ao mesmo tempo avançando em termos de ordenamento territorial, algo caótico e com imagem «amoral» (múltiplos casos de corrupção, julgados e com condenações), de modo a reafirmar Marbelha não apenas como a capital turística da Costa del Sol mas um destino capaz de competir com Cannes, Nice e Monte Carlo.

Entretanto, sobretudo em Málaga e Alicante, presença de muitos turistas populares de Liverpool e Manchester («Costa del Blackpools»), criminosos exilados, *hooligans*, clientes habituais de Torremolinos, grupos mafiosos da Europa de leste desde meados de 90s (romenos, búlgaros, polacos, balcânicos, ucranianos e russos), actuando no tráfico ilegal de imigrantes, prostituição, falsificação de documentos, roubos de viaturas de luxo, assalto a residências, branqueamento de dinheiro pela compra de imóveis, mesmo tráfico de drogas, que deterioram fortemente a imagem turística da região.

6. *Resorts* costeiros de Itália muito atractivos para os novos turistas russos

As relações Itália-Rússia são antigas, pelo menos desde os czares. Nos últimos decénios, a Itália, tal como a França e a Espanha, consolidou a sua posição como meta cultural exterior preferida pelos russos (Observatório Nacional de Turismo, ONT) e o turismo vem constituindo um dos aspectos mais dinâmicos das modernas relações entre os dois países. Com a crise económica que atingira a Europa, os turistas russos, e também os turistas chineses, brasileiros e mesmo indianos, com-

pensaram a forte diminuição no país dos próprios turistas italianos e dos turistas europeus, nomeadamente alemães: magnatas, empresários e gestores que frequentam os melhores hotéis, e também a emergente classe média russa, que faz férias em família (pacotes para grupos, voos *charter,* gastos algo modestos; atracção pelos «saldos», além da Tax Free), e importa sobretudo pelo número e pelas potencialidades de crescimento, embora o destino Itália concorra com a Bulgária, a Turquia, o Egipto, o Montenegro, bem mais próximos e familiares, e mesmo com Espanha, altamente competitiva; fluxos dependentes da evolução económica e social das regiões emissoras, da relação rublo/euro, dos preços dos hotéis e apartamentos (compra, alugueres), e não menos das relações políticas com o Ocidente.

Em 2012, previam-se aumentos anuais do turismo russo no estrangeiro de 7,4 % até 2016 (8% na despesa), sempre nas componentes sol, mar, cultura e património, esqui, gastronomia e *shopping*. Neste quadro, a Itália destacava-se como destino: *resorts* termais e costeiros; património; turismo náutico (marinas de prestígio, acessíveis a grandes iates); enoturismo; mesmo festas de casamento (romantismo, com relevo para Veneza e Verona), com fortes impactos nos hotéis, cabeleireiros, floristas, aluguer de automóveis. Sem esquecer o elitismo de uma viagem pela Itália (desde o Grand Tour, que marca o início do Turismo) e o prestígio da aquisição no país de imóveis de muitas centenas de milhares de euros: villas históricas, castelos e solares, unidades agrícolas de prestígio, como na Toscânia, onde de 2005 a 2010 o turismo russo cresceu 123%, bem acima dos 113% em Itália. Oligarcas e milionários, que investem no imobiliário em áreas exclusivas, sobretudo casas de férias, mas também de investimento (segurança e valorização), residência e como afirmação social; apreciam o «made in Italy» e o grande luxo e não olham a preços e a despesas. Os montantes e valores % das correspondentes Tax free, segundo a Global Blue, situavam-se acima dos chineses (muitos motivados pela história de Marco Polo), e também dos americanos (importantes na costa amalfitana e favorecidos pela valorização do dólar), e cresciam, mesmo quando estagnavam os actos de compra, aumentava a presença de visitantes da classe média e se acentuava a delicada situação político-económica entre a EU e a Rússia.

Os turistas russos que no verão, a época preferida, visitam a Itália valorizam claramente as suas Rivieras, pela imagem de exclusividade e mundanidade. Encontramo-los junto dos lagos Como e Garda, na Ligúria (voos directos Génova-Moscovo), tanto na Riviera de Poente, histórica e exclusiva, com destaque para San Remo, mas também Alássio e Laiguélia, como na de Levante, ligadas através da via Aurélia (Roma-Génova-Nice), nomeadamente em Rapallo, com sua comunidade ortodoxa e o seu hotel Excelsior Palace Hotel, com certificação russa máxima (5 chaves de ouro-luxo, e oferta plenamente ajustada a esta clientela),

Santa Margherita (por exemplo, a compra da villa Altachiara, que fora da condessa Vacca Augusta) e Portofino, com o seu hotel Esplendido, luxuoso, isolado na montanha e garante de privacidade (lugar de encontro discreto de grandes actores de cinema do pós-guerra, frequentado pelo *jet-set* internacional). Também na Versilia, com destaque para Forte dei Marmi, na Costa Amalfitana, não menos prestigiosa, na Costa Esmeralda, a nordeste da Sardenha, e mais ainda na Riviera Romagnola, nomeadamente em Rimini, pela acessibilidade aérea e pela proximidade de San Marino, com suas múltiplas oportunidades de compras (além das principais cidades: Roma, Milão, Florença, Veneza).

A vinda destes novos turistas russos, uma elite endinheirada e indiferente à cultura e aos hábitos das populações turísticas tradicionais e das autóctones, de início potenciou choques, ao ponto de surgirem iniciativas de orientação dos seus comportamentos, no sentido de uma melhor integração, pela adopção das regras de «bom-tom», com a ajuda da top-model russa, Ludmila Radcenko: turistas que não olhavam a despesas, frequentavam as butiques da moda e os restaurantes caros, e deixavam grandes gorjetas, mas não agradeciam nem sorriam, não eram simpáticos com o pessoal dos hotéis, não tinham «maneiras», não sabiam escolher os vinhos ajustados ao peixe e à carne, pediam vinho tinto para o peixe, e sempre o mais caro, cappuccino e não expresso ou café «macchiato» a seguir ao almoço. Chamadas de atenção que nos lembram a intervenção do mestre de cerimónia de Bath, há mais de dois séculos atrás. A questão do confronto entre comportamentos dos visitantes e das comunidades que os acolhem vem aliás merecendo a atenção de diferentes instituições italianas (aconselhamento de bom acolhimento, com compreensão das culturas visitantes).

6.1. Rimini e a Riviera Romagnola

Rimini, na costa do Adriático, tornou-se um destino particularmente acessível a muitos turistas russos e ucranianos: a cidade velha, a 2km da costa, centro histórico, com suas praças (piazza Malatesta, piazza Cavour, piazzetta San Martino), muralhas, arco de Augusto, anfiteatro romano, castelo (século XV, construído por Sigismondo Pandolfo Malatesta, senhor da cidade), templo de Malatesta (Renascimento) e também o museu de Frederico Fellini; mais além, aldeias medievais como San Leo ou Santo Arcangelo, com o seu Festival internacional de teatro; e a República de San Marino (32 mil habitantes; o centro histórico e o Monte Titano, declarados em 2008 pela UNESCO como Património da Humanidade). No litoral, a velha estância balnear (cerca de 150 anos de turismo), uma «Meca» do turismo à beira-mar, que beneficiou da reinvenção dos lugares e das modas (sete milhões de veraneantes; vinte milhões em toda a Riviera regional), enquanto Veneza se

transformava em «parque temático histórico». O seu desenvolvimento turístico passou por 4 fases: a da vilegiatura elitista (Grand Hotel e o Kursaal/Casino de 1860), a do turismo de massa no pós-guerra (trabalhadores italianos e alemães, parques de campismo e colónias de férias), a dos anos 1980, de degradação do ambiente social (drogas, violência, festas na praia, prostituição), e a do turismo actual: novos valores, novas experiências, turismo temático, descoberta do território, enoturismo, cicloturismo, cuidados do corpo, gastronomia e desporto; também secundarização do turismo alemão, inglês e francês, e mesmo dos próprios italianos; grande parque hoteleiro, diverso e a renovar, discotecas a adaptar a novas funções, *pubs*...

Foi neste contexto que se verificou a afirmação do turismo russo: o aeroporto internacional Federico Fellini (serve Rimini e a República de San Marino), vem em terceira posição, depois dos de Milão e Roma, para os turistas russos que visitam a Itália (alguns outros chegam através do aeroporto Guglielmo Marconi, com ligações diárias directas Bolonha-Moscovo): desde 2006, o seu afluxo registou aumento contínuo, passando de 150 mil passageiros a 200 mil nos anos seguintes (cerca de 130 mil em 2009, pelos efeitos da crise económica de 2008), e mais de 264 mil chegadas logo em 2010, pelo aumento dos voos *charters,* que asseguravam ligações a Moscovo, Saint-Petersburgo, Rostov e Ekaterinburgo, depois a muitas outras cidades (em 2013, em contexto de estagnação das chegadas, Kaliningrado, Kazan, Krasnodar, Novosibirsk, Rostov sul Don, Samara, Volgograd, seguidas por destinos como Perm, Saratov e Omsk, além de Minsk, a capital bielorussa, e mesmo outros), que constituem um largo mercado de proximidade, a 3-4 horas de voo. Rimini, porta do Oriente, como antes Veneza. Rimini, porta preferencial de entrada dos turistas russos no Mediterrâneo central, a par de Nice no Mediterrâneo ocidental e Halkidiki (Grécia) no Mediterrâneo oriental. Afluxos largamente favorecidos pela política aeroportuária de apoio das correspondentes *low cost,* que fez do aeroporto internacional Federico Fellini o primeiro dos aeroportos italianos quanto ao turismo russo: no final de semana da Páscoa de 2012, 72 voos provenientes ou com destino a Moscovo, Rostov, Ekaterinburg, Samara, Krasnodar, tal como no fim-de-semana do 15 de Abril 2012, da Páscoa ortodoxa; muitos turistas de passagem, a par dos turistas de feiras e congressos.

Acentuava-se todavia a concorrência e os sinais de crise: em 2012 registavam-se 16 milhões de dormidas de turistas na Riviera de Rimini, mas menos turistas e estadas mais curtas, na continuação da redução do poder de compra das suas múltiplas clientelas, desde logo a italiana (mesmo do segmento MICE), tendências que também afectavam outras regiões de Itália: um turismo predominantemente familiar e regional, na base do automóvel; muitos turistas estrangeiros da Europa Ocidental e do Norte, e também muitos russos. Neste último segmento, turistas

adultos, em torno dos 40 anos, sobretudo mulheres, que voltam nos anos seguintes, e não apenas pela praia: circuitos pelas cidades patrimoniais; e sobretudo shopping, beneficiando nomeadamente da proximidade de San Marino e dos seus dois grandes outlets (o San Marino Factory Outlet di Rovereta e o Queen Outlet di Dogana), além dos vários centros comerciais e pequenas lojas com produtos no geral a preços mais acessíveis do que em Itália (roupas, sapatos, acessórios, cosméticos, perfumes, aparelhos electrónicos e instrumentos musicais).

Nos anos noventa chegaram os oligarcas de Ieltsin, clientes do Grande Hotel; depois muitos outros russos em viagens organizadas (apenas 2/3 do mercado, os vistos sendo bem mais fáceis de obter no caso de grupos), com muito menos dinheiro e atentos aos gastos; uns no verão (hotéis de 4*), outros nas restantes estações, beneficiando de preços baixos, em particular de Novembro a Fevereiro. Actualmente, russos ricos da geração de Putin, magnatas amantes do luxo, dos hotéis de 5* e das butiques Armani, Gucci, Prada, Dolce & Gabbana, Versace ou Dior (novos-ricos que apreciam o *made in Italy*, por *status* e diferenciação); também russos da classe média e média-alta, sobretudo em grupo ou com a família, nos hotéis de 3*, com pacotes *low cost* (voo, dormida e pequeno almoço), em férias e igualmente motivados pelas compras. De Rimini continuam aliás a partir diariamente muitos autocarros plenos de russos com destino aos grandes *outlets* e centros comerciais da Emília, nomeadamente San Marino e Riccione, ou para sul até à Marche, afamada pela produção de sapatos e malas das grandes marcas, presentes habitualmente nas feiras da moda de Moscovo, ou até às fábricas de Ferrari e Lamborghini; mas também circuitos pelas cidades patrimoniais como Veneza, Verona (Romeu e Julieta), Florença, mesmo Roma e Nápoles, ou mais simplesmente ao encontro da arte e cultura na velha Rimini (centro histórico), sempre com guias russófilos (os turistas russos menos jovens não falam outras línguas). Muitos destes turistas são mulheres ligadas ao comércio do calçado e da moda, mesmo mobiliário: «turistas-comerciantes», na continuação do novo consumismo russo, como nos anos 90 do passado século (empresários chegando através do aeroporto de Ancona, a sul, mas acolhidos por poucos dias pela hotelaria de Rimini e também de Riccione).

Os turistas russos utilizam a importante oferta hoteleira local e a de Riccione (sobretudo de 4-5*). No Grande Hotel Genty, junto do Parque Fellini, inaugurado em 1908, renovado nos anos 50, imortalizado por Federico Fellini no filme Amarcord e classificado em 1983 como monumento nacional, ou nos hotéis Presidente, Oriente ou Rimini Plaza tornou-se mais fácil ouvir falar russo que italiano. Enclave russo no centro de Rimini desde 1993, ao acolher uma comitiva de russos em viagem de negócios, depois outros «turistas-comerciantes» do Uzbequistão, Cazaquistão, Arménia, Azerbaijão, e simplesmente turistas recreativos. No final,

presença de uma centena de residentes russos ortodoxos, sobretudo mulheres, e existência de muitos funcionários falando russo: o russo afirmou-se como segunda língua, depois do italiano; multiplicam-se anúncios e menus em cirílico (antes em alemão), a par da venda de jornais diários russos; pequenas empresas no centro e no passeio marítimo foram adquiridas e exploradas por russos, tanto em Rimini como em Riccione (também com comércio de luxo e vendedores falando a língua de Tolstoï – a «Milão Marítima»); intensifica-se a animação estival da Riviera, como La Notte Rosa, promovem-se exposições da cultura russa, como «Russiart-Tra sogni e metafore» (entre sonhos e metáforas), multiplicam-se eventos, mesmo desportivos; acresce a intensificação dos laços de Rimini com Sochi (geminadas).

Primeiro vieram os turistas escandinavos, depois os alemães, em seguida os russos, por último chegam os chineses, já com expressão na publicidade e nos menus: mais de um milhão de presenças russas ainda em 2012, seguidas pelos alemães. A Riviera Romagnola evoluíra para um destino de massa da classe média da Rússia e países vizinhos, mesmo a Bielorrússia (ligação aérea com Minsk, como também os aeroportos de Veneza, Roma e Florença). Em 2014, acaba o crescimento do turismo russo, que fora máximo em 2013 (212 mil dormidas só na cidade de Rimini), então com muitas repetições das visitas e sempre com fortes gastos, nomeadamente nas compras, se bem que maioritariamente turistas da classe média-alta e média: guerra na Ucrânia; tensões entre a Europa e o Kremlin; sanções europeias; dificuldades económicas das famílias (desvalorização do rublo); políticas oficiais de desvio das saídas a favor de outros destinos, nomeadamente asiáticos; falência de muitos operadores de turismo russos, sem esquecer a própria falência económica do aeroporto local, que financiava as muitas *low cost* (também significativas nos afluxos de alemães).

A estagnação nas chegadas ao aeroporto Fellini de Rimini, verifica-se igualmente nos de Ravenna e Bolonha, indiciando crise geral de afluxos. Os turistas alemães que dominaram aquando do *boom* económico, deslocaram-se para os lidos de Ravena (candidata a Capital europeia da cultura 2019; novo terminal de cruzeiros em Porto Corsini, desde 2011: previsões de 75 mil cruzeiristas por ano?) e evitam o pleno verão e as unidades hoteleiras mais caras (turistas bem mais pobres, mais em residências e parques de campismo que nos hotéis, e nestes sobretudo nos de 2-3*): mais de mil unidades hoteleiras, e de dois mil na província sobre 30km de costa; forte concorrência e alguma falta de renovação; mercado semanal nocturno. O que fazer então com a variedade da oferta turística regional, a hospitalidade, o profissionalismo, as condições de *shopping*, os eventos culturais, quando desaparecem os clientes da Ucrânia, Rússia, Cazaquistão e Bielorrússia, turistas e compradores do *made* em Itália?

6.2. Forte dei Marmi, no litoral da Toscânia, entre os mares da Ligúria e Tirreno

São muitos os atractivos toscanos: *resorts* termais e costeiros; património, em cidades como Florença ou Siena e mesmo Pisa, com os seus palácios, igrejas e torres; equipamentos permitindo a organização de grandes festas de casamento para clientelas endinheiradas; e em particular os campos (colinas, olivais, vinhas, ciprestes, casas senhoriais) e o enoturismo: 20 milhões de enoturistas a nível mundial, 3 milhões em Itália; cerca de 350 adegas na Toscânia, 2/3 orientadas sobretudo para os segmentos de luxo; 100 mil turistas por ano; concorrência com Rioja (Espanha), Napa Valley (Califórnia) e regiões de França. Destaque-se a área de produção do Chianti, região demarcada ainda em 1932, no sul da Toscânia, delimitada a norte pela cidade de Florença, a leste pelas montanhas de Chiante, ao sul por Siena e a oeste pelos vales de Pesa e Elsa: aquisições simbólicas como a de Giovanni Bulgari (dinastia italiana de jóias e relógios), de uma vinha abandonada de 22ha, perto de San Casciano dei Bagni, a cem km de Siena, com vista à produção de vinhos elegantes e de prestígio; outras unidades sobretudo para vilegiatura por parte de Vipes, como Brad Pitt e Angelina Jolie (villa «palladiana» em Valpolicella), G. Clooney (Villa Oleandra) ou Gérard Depardieu (casa senhorial, pequena capela, piscina, lago, solário, jardins e horta, olival, terreno de semear, num conjunto de 56ha, em Monticiano). Algumas vinhas foram adquiridas por empresários norte-europeus e americanos e agora também por chineses (China, o quinto maior consumidor de vinho do mundo, e com grandes aumentos do consumo), tal como sucedeu na zona de Bordéus (onde meia centena de vinhedos foram comprados por asiáticos) e cada vez mais na Borgonha (fazenda Casanova-La Ripintura, adquirida por um empresário da indústria farmacêutica de Hong Kong). Mas a Toscânia conta igualmente com os milionários russos, que não olham a preços e a despesas: em 2013 residiam na Toscânia 2572 russos (30.948 em Itália), contra 2.095 em 2007: 622 em Florença, 368 em Pistoia, perto das termas de Montecatini, 311 no Livorno, 297 em Lucca, 248 em Pisa, 216 em Arezzo, etc.

Importa-nos todavia aqui o desenvolvimento turístico de todo o litoral, do porto de Carrara a Viareggio, sobretudo no vinténio fascista, com a abertura da auto-estrada Firenze-Mare, depois com o turismo de massa (Mariella Zoppe, 2012) e por último, com a presença regular de turistas russos abastados, muitos proprietários das melhores *villas* e dos maiores lotes: planura estreita, nos confins da Ligúria, entre os Apeninos (planície de Versilia, outrora inundada e insalubre/malária, drenada em 1739, e construção desde então de palácios da nobreza de Lucca; lago de Massaciuccoli e vários canais) e o litoral arenoso, de uma dezena de km, com largas praias, que se sucedem, acompanhadas por pinhais plantados no

século XVIII, num ambiente mediterrâneo, acessível pelo caminho-de-ferro e por estradas; litoral convidativo a banhos, passeios no pinhal e na montanha próxima, e cedo valorizado em termos de vilegiatura, desde logo a villa de Paulina Bonaparte em Viareggio, junto do canal (1822), e a de Maria Luísa de Bourbon no pinhal da Torre do Lago Puccini, a cerca de 4km a sul de Viareggio (no ducado de Lucca).

Em 1827 abrira o primeiro estabelecimento balnear, pago, modelo a respeitar no futuro; seguiu-se a construção do casino real e de instalações de praia; desde meados do século, Viareggio afirma-se como *resort* balnear da Toscânia, ao mesmo tempo que se desenvolvia a indústria de construção naval. Nos princípios do século seguinte foi definido o passeio marginal, com cafés, lojas e estabelecimentos de banho, de início de madeira; desde 1913 o litoral foi seguido por uma linha de tramways até Forte dei Marmi, então pequena aldeia de pescadores e com o grande pontão de carga dos mármores de Carrara, extraídos e trabalhados no interior; ao mesmo tempo, promove-se o Carnaval (museu do Carnaval), alargando o período estival, à imagem da Côte d´Azur (o carnaval de Viareggio remonta a 1873). Viareggio afirma-se como a principal cidade marítima da Toscânia, o principal *resort* de praia durante a primeira metade do século XX, a «Pérola de Mar Tirreno», no seu auge nos anos 20 (muitas destruições com a IIGG), a cerca de 20km a norte de Pisa e 30km a oeste de Lucca, servida pelo aeroporto de Pisa. Completava-se assim a função turística dos Bagni di Lucca ou mesmo de Montecatini com a de Viareggio sul Mare.

Nos planos reguladores da urbanização do lugar dos anos 20 houve a preocupação de conciliar a cidade portuária e a cidade balnear ao longo do litoral, seguido por importante oferta de restaurantes, lugares de diversão nocturna, comércio, butiques de luxo exclusivas, de grandes marcas e abertas também nos fins-de-semana, mesmo no inverno, e nomeadamente hotéis com praias privativas, alguns históricos e em edifícios Arte Nova, como o Grand Hotel Príncipe del Piemonte, de 1922, ou o Il Principino, primeiro *resort* de praia de 1938, e villas como Villa Amore (1909), Villino Flore (1912), Villa Puccini, perto do Grande Hotel Príncipe do Piemonte. Modelo de cidade-parque, com construções baixas emersas no verde, núcleos de serviços, ruas hierarquizadas, valorizando ligações com a via Aurélia, o caminho-de-ferro (Génova-Roma) e a auto-estrada. Litoral dispondo também de várias marinas: em 1820, Maria Luísa de Bourbon, duquesa de Lucca, promoveu a construção da primeira marina de Viareggio, completada em 1823, com o nome de Marina de Lucca; entre 1871 e 1873 foi construída a Marina da Toscânia; de 1907 a 1911, a Marina de Itália; em 1938 a Marina do Império; e nos anos 1970 a Marina de Viareggio (ou Nova Marina), a marina de Madonnina, com capacidade para 500 embarcações, e o novo farol.

Ao longo da costa, sucedem-se novos *resorts,* pelas comunas de Forte dei Marmi, Pietrasanta e Viareggio: de norte para sul, Marina di Carrara, Marina di Massa, Ronchi (e Poveromo), Forte dei Marmi, com a praia Santa Maria (*topless*), Marina di Pietrasanta e Lido di Camaiore (até 1914, a comuna de Pietrasanta integrou a de Forte dei Marmi) e por fim, Viareggio. No conjunto, compõem a Costa de Versilia (da Ligúria a Pisa), «riviera» com praias de areia fina e dourada, devidamente equipadas e cuidadas (bandeira azul), destino mundano, exclusivo, de turismo de elite, contando desde 1914 com a ligação Forte dei Marmi-Pietrasanta e Viareggio pela transvia litoral, infra-estrutura então moderna e que muito contribuiu para o desenvolvimento económico e turístico de toda a faixa costeira, mas destruída em 1944, durante a IIGG. Acrescem os muitos campos de ténis, o campo de golfe de 18 buracos, as possibilidades de vela e surf, *jogging,* ciclismo clássico (densidade de pistas, planas), sem esquecer a vida nocturna animada (discotecas à beira-mar, com relevo para a Capannina di Franceschi), e as oportunidades culturais, nomeadamente em Pietrasanta, a «Meca» dos escultores, com presença habitual de grandes artistas internacionais, em Viareggio (Carnaval, náutica, arquitectura Arte Nova, e no verão, festival de jazz da Cidadela, com concertos vários) e em Torre do Lago Puccini, aquando do festival de verão de Puccini, com ópera, concertos, espectáculos de ballet, no teatro ao ar livre junto do próprio lago (Giacomo Puccini era natural da região de Lucca). Acrescem igualmente a Versiliana, entre Forte de Marmi e Viareggio, antigo domínio agro-florestal (pinhal dos princípios do século XIX), de uma centena de hectares, com vila de 1886, mandada construir pela marquesa Mariana Ginori Lisci Digerini Nuti, refúgio de férias estivais de Gabriele D'Annunzio, pelo menos em 1906, adquirido pela câmara de Pietrasanta em 1980 e convertido em parque público, e sede de um importante festival; o Castello Aghinolfi di Montignoso, 5km a sul de Massa, medieval mas reconstruido nos finais do passado século; a via Francigena, percurso de peregrinação da Europa para Roma e a Terra Santa, que passava por Lucca, equivalente ao Caminho de Santiago; a área natural protegida do Lago di Porta, velhos castelos e aldeias do interior, à sombra dos Apeninos, com suas tradições, as rotas da arte e do vinho...

No rosário turístico costeiro o destaque vai para Forte dei Marmi, entre as Marinas de Ronci e Pietrasanta (comuna de Versilia, província de Lucca), junto do Mar da Ligúria (costa sul), com uma população que ronda os 8 mil habitantes (triplica no verão), cujo nome deriva do forte (Il Fortino), no centro do aglomerado: construção dos finais do século XVIII (1786 a 1788) do Grão-duque da Toscânia, Pietro Leopoldo (Leopoldo I de Lorena), actual Museu da Sátira e da Caricatura; defesa do lugar, objecto de trabalhos de bonificação e desenvolvimento urbano, com a Piazza Garibaldi e toda uma malha de ruas perpendiculares e arborizadas; pontão que se estende até 300m da costa, onde tinha lugar a carga e

exportação marítima dos grandes blocos de mármore dos Apeninos (valorizados desde Miguel Ângelo), actualmente apenas com função turística, para convidativos passeios em pleno Mediterrâneo e serviço nas ligações por mar com as Cinque Terre e Portovenere, na vizinha Ligúria; evolução no século XIX de lugar de exportação da pedra (Magazzino dei Marmi, por vontade dos Médici em 1618) e pequeno aglomerado de navegantes, pescadores e canteiros, para destino de turismo balnear dos nobres da Toscânia, função afirmada no seguinte. Exemplifiquemos: villa Apuana, construída em 1896 por Walter Siemens (grandes industriais alemães); villa Costanza (estilo Arte Nova), mandada edificar também em 1896 pelo almirante Costantino Morin e adquirida em 1926 por Eduardo Agnelli, filho do fundador da Fiat; villa Pesenti (industriais dos cimentos) (1939); villa Santa Maria, dos Moratti (refinarias de petróleo); villa da família Pirelli, villa Antonietta, villa Mann (da filha do escritor), ou as villas Approdo e Piccirilli, já na Marina di Pietrasanta... Algumas destas imponentes villas foram mais tarde convertidas em hotéis de vilegiatura, de estar, sem horários rígidos, beneficiando do ar do mar e dos pinhais: villa Costanza adaptada a Hotel Augustus & Lido Resort; mansão estilo Arte Nova mandada edificar pelo duque de Zoagli, José «Pequito» Caferino Canevero, como retiro de praia para familiares e amigos, convertida no Hotel Byron; o Hotel Franceschi exemplifica uma das primeiras villas a passar a hotel, tal como o Albergo Pietrasanta, palácio excêntrico, com decoração moderna...

Forte dei Marmi afirmou-se como um local de vilegiatura de renome, imortalizado pelos irmãos Vanzina no filme «Sapore di Mare», de 1982-3, comédia nostálgica dos meados dos anos 60. Compreende três áreas distintas: a central, com a Piazza Garibaldi ou «piazzetta», um dos principais pontos de encontro e *shopping* (bares, restaurantes, comércio de luxo, incluindo Gucci, Dolce & Gabbana e Miu Miu/Prada; mercado semanal com roupa de marca a preços acessíveis), e o Fortim, no centro da mesma, construído em mármore e que remonta a 1788; a área de Vittoria Apuana (a norte), que se prolonga na direcção da Marina de Ronci; e a de Roma Imperial (a sul), a mais elegante, prevalentemente residencial, com villas de arquitectos de renome (Giovanni Michelucci, Giò Ponti e Giuseppe Pagano), no meio de grandes lotes de construção, rodeados de sebes altas, muitas reforçadas por redes (e não muros), portões eléctricos, mesmo guardas, jardins, grandes piscinas e sobretudo pinhais.

Um mundo de privacidade e exclusividade, sofisticadamente familiar, apenas a uma hora de Florença, com forte densidade de campos de ténis, que se estende para sul por Marina di Pietrasanta. E um mundo de férias estivais, onde era habitual a sesta (3horas diárias de descanso durante a tarde). Nos anos 50 e 70, muito procurado pela nova burguesia da Toscânia, em particular de Florença, e a de Milão, Piacenza e Parma, que continuaram a fazer construir sobretudo villas e

alguns blocos de apartamentos, mais elegantes ou mais comerciais: gente rica e famosa da cultura, do espectáculo, do desporto, das finanças nacionais e estrangeiras; professores, médicos, psiquiatras, advogados, empresários, gestores, industriais, políticos. As urbanizações sucedem-se ao longo dos 5km de praia, a partir de um passeio ombreado de palmeiras e loendros: estabelecimentos de banhos, com cores e arquitecturas individualizantes (brancos, azuis, verdes) e disposição preferencialmente perpendicular ao litoral, alguns como clubes exclusivos, com bares e mesmo serviço de refeições e animação nocturna; igualmente lugares de encontro e espectáculos, como a Capannina di Franceschi, inaugurado em 1929 e ainda em actividade, e o Twiga Beach Club (de Flávio Briatore), na costa entre Forte dei Marmi e Marina di Pietrasanta; hotéis e villas, umas ainda Arte Nova, outras geométricas, racionalistas, modernistas, com varandas e terraços...

Como clientela turística que assegurou a distinção do lugar, aristocratas e diplomatas de toda a Europa, intelectuais e artistas, homens de negócio, estrelas do desporto. Recordemos alguns dos seus visitantes ilustres. Além dos Agnelli (Fiat), Siemens (condes Siemens-Schuckert, grandes proprietários locais), Pesenti (cimentos), Pirelli (pnéus), Moratti (refinarias, energias renováveis), todo um grupo de intelectuais, artistas poetas e escritores, como Thomas Mann, Aldous Huxley, Gabriele D'Annunzio, Giovanni Papini (escritor), Giovanni Gentile (filósofo), Renato Fucini (poeta e escritor), Italo Balbo (aviador, militar e político), Curzio Malaparte (dramaturgo e diplomata), Enrico Pea (escritor), Guglielmo Marconi (físico, Prémio Nobel), Riccardo Bacchelli (escritor), Henry Moore (escultor), Francesco Messina (escultor), Luchino Visconti (director de cinema, nobre família milanesa), Mário Monicelli (director de cinema), Andrea Bocelli (tenor), Oriana Fallaci (jornalista), Eugénio Montale (poeta), Vittorio Gassman (actor e director de teatro e cinema), Carlo Mazzoni (escritor), Roberto Zanetti (cantor), Giorgio Armani (estilista), Giorgio Panariello (cómico), Zucchero Fornaciari (cantor), Maura Del Serra (poetisa e dramaturga), Adriano Panatta e Paolo Bertolucci (tenistas), Charlton Heston (actor norte-americano), Paul Anka (cantor e compositor canadense de origem síria), Jimi Hendrix (guitarrista, norte-americano). Sem esquecer Rita Levi Montalcini, cientista e senadora italiana (2001), Prémio Nobel da Medicina de 1986 (partilhado com o norte-americano Stanley Cohen), natural de Turim (família judia sefardita, pai engenheiro, mãe pintora), com carreira nos EUA, voltando a Itália após a reforma em 1977. Ou ainda Anna Corsini (aristocracia de Florença), as famílias Borromeo (nobreza de Milão) e Pacelli (nobreza de Roma), Marco Rosi (Parmacotto, presuntos), Pietro Lunardi (engenheiro e político), Daniela Santanchè (política), ou a família Matteo Renzi. E igualmente, Flávio Briatore (Fórmula Um), Andrea Pirlo (futebolista) ou Michelle Hunzinker (cantora e modelo suíça, naturalizada italiana, que

foi casada com Eros Ramazzotti) e tantos outros. A própria princesa Paola Ruffo di Calábria, depois rainha da Bélgica, nasceu em Forte dei Marmi em 1937 e a família real da Bélgica frequentava habitualmente o Grand Hotel de Forte dei Marmi, lugar de encontro da alta sociedade europeia. Entretanto, no Café Roma, reunia-se diariamente o mundo artístico e literário, em torno de Enrico Pea («Quarto Platano»): pintores Arturo Dazzi, Carlo Carrà, De Chirico, Lorenzo Viani...

Lugar de férias estivais (3-4 meses, de Junho a Setembro) de gente ilustre, não massificado. Após um crescimento muito forte do turismo nos anos 1950-1970, quando se multiplicam os hotéis, as villas (as grandes famílias com residência estival no pinhal da Roma Imperial, projectado nos inícios do passado século, para a construção de villas senhoriais em grandes lotes) e mesmo os apartamentos, seguiu-se alguma estagnação e mudança, expressa na evolução decrescente da oferta hoteleira e da própria população residente: apenas 7660 habitantes em 2011, e menos ainda no período invernal, já que muitos dos que declaram residência em Forte regressam então às terras de origem; algumas centenas de estrangeiros residentes (404 no início de 2014, entre eles muitos romenos, que aqui encontram empregos). Em 1991 contava-se uma centena de unidades hoteleiras, muitas delas familiares, de apenas 2* e funcionamento estival: metade desapareceu em seguida (convertidos em apartamentos e *villas* privadas, como a ex. pensão Alpemare adaptada a residência e estúdio por Andréa Bocelli), enquanto se multiplicavam as casas de férias. Vinte anos depois, em 2010, num total de 58 hotéis com 1965 quartos, predominam largamente os de 3 e 4*, a par de outros de 5*, como o Hotel Príncipe, o Hotel Villa Roma Imperial, o Grand Hotel Imperial, o Hermitage Hotel & Resort (*villa* dos Agnelli), o August Hotel & Resort (antiga *villa* Pesenti) e o Hotel Byron (*villa* do duque de Zoagli). Registaram-se então em Forte dei Marmi cerca de 110 mil turistas com 428 mil dormidas (451 mil em 2008): 49% eram turistas estrangeiros (46% em 2008), sobretudo da Alemanha, Rússia, Grã-Bretanha, Holanda, França, Suíça e USA; os italianos provinham principalmente da Toscânia, Lombardia, Piemonte, Emília Romana e Lazio (ISTAT).

O ambiente e a calma próprios de um destino de vilegiatura ao mesmo tempo mundano e familiar, também mudaram: ocupação dos melhores hotéis pelos magnatas do Leste, sobretudo russos; intensificação do movimento nas praias dos banhos Piero, Annetta, Augustus e América; forte pressão para densificação urbana; valorização brutal dos lotes e das melhores *villas,* quase aos níveis de Cortina de Ampezzo e Portofino, afastando outros compradores e residentes e convidando à venda dos patrimónios, mesmo e sobretudo na Roma Imperial, avizinhando-se dos Moratti, de Leonardo Del Vecchio (natural de Milão e um dos homens mais ricos de Itália e da Europa, fundador da Luxottica/Sunglass), dos

príncipes Pacelli (família do Papa Pio XII)... Roma Imperial, uma nova «Beverly Hills» russa, onde têm casa e *datcha* Oleg Derispaska («imperador» do alumínio), o presidente da região de Moscovo, Boris Gromov, familiares de Boris Ieltsin, Dmitry Bosov (exploração de antracite na região de Novosibirsk), que adquiriu a villa Assettati e um lote a construir à família do ex. ministro Pietro Lunardi; Alexander Knaster, cidadão russo-americano, das listas da Forbes (industrial e financeiro), terá adquirido uma outra. Apropriação igualmente dos melhores estabelecimentos de banhos, como o Rosina, clube com direito de admissão.

As suas presenças traduzem-se na de seguranças pessoais, de fato e gravata; no aumento do tráfico automóvel e no movimento intenso de Ferraris e grandes Suv (todo-o-terreno e grande potência), a alta velocidade, sobretudo de noite; problemas de ambiente (esgotos, lixos) e segurança, nomeadamente para peões e ciclistas, o andar de bicicleta sendo prática habitual entre os velhos veraneantes, barulho, perda de privacidade, perturbação da atmosfera tradicional, afirmação de outras culturas (comércio retalhista, festival russo, uso do cirílico), aumento dos preços (muitos italianos até então habituais optam por destinos de férias mais económicos); e na continuidade, riscos de novos loteamentos, densificação do edificado (novas mansões e villas exclusivas), cimentação do território e multiplicação de piscinas e espaços de ténis privados, a par da rarefacção dos espaços desportivos colectivos, mudanças no comércio, no sentido do grande luxo: sapatos de crocodilo e casacos de peles nas montras, com preços tidos como «loucos»; ofertas Prada e Gucci; desfiles de moda específicos; clubes privados de frente para o mar, como o Lobster Russian Corner; bares de praia com suas garrafas de vodca geladas e barracas na areia alugadas por somas impressionantes; contratação de helicópteros para deslocações pessoais a Monte Carlo. Antes os turistas dos países de Leste aterravam no aeroporto Galilei em voos privados e com destino a Versilia, com objectivo de passar férias à beira-mar e comprar artigos de luxo *made* em Itália. Mais recentemente, com as ligações aéreas regulares, os fluxos avolumaram-se, diferenciaram-se e dispersaram-se territorialmente, com os respectivos efeitos locais: pelas cidades ricas em património e por destinos termais de prestígio da Toscânia, nomeadamente na área servida pelo aeroporto de Pisa, como Montecatini, Banhos de Pisa e Banhos de Lucca.

A crise de 2008, que também afectou os russos, apenas terá reduzido os afluxos dos menos ricos. As agências imobiliárias previam afluxos estivais da ordem das 500 famílias russas, que alugam habitualmente villas com grandes jardins e piscinas para a época por centenas de milhares de euros, e despendem grandes somas, também de muitos milhares de euros, nos clubes de praia como o Twiga, nos melhores restaurantes e nas butiques da moda, para benefício da economia local. Integram-se no movimento dos russos e de muitos ucranianos pela serenidade da

Toscânia, as suas termas, o seu património, os seus vinhedos (prestígio da aquisição regional de novas *datchas*) e também a sua Riviera, depois da descoberta da Riviera francesa e da Costa Esmeralda (Sardenha): movimento que envolve políticos e homens de negócio, os grandes da Gazprom, toda a elite milionária próxima do poder no Kremlin, com as respectivas famílias alargadas e empregadas, motoristas e guardas pessoais, também amigos, por vezes apenas para festas fora da época estival, mesmo desportistas como Kafelnikov, campeão de ténis, e cantores populares; movimento em parte igualmente afectado pelas novas condições económicas e políticas da Rússia e de toda a CEI.

4.3. Porto Cervo e Porto Rotondo, na Costa Esmeralda

A Sardenha vive do turismo (assim como a vizinha Córsega, apenas separadas pelo estreito de Bonifácio, embora neste caso um turismo menos prestigiado no seu conjunto, se exceptuarmos Porto Vecchio, Propriano, Calvi e Ile Rousse): recebe cerca de dez milhões de visitantes por ano, concentrados na longa temporada de Verão, que se estende da Semana Santa à primeira semana de Outubro. O turismo difundiu-se por quase toda a costa sarda, onde se multiplicaram os *resorts*, do golfo de Cagliari, incluindo o Forte Village Resort, a sudoeste (Santa Margherita di Pula, num parque de 25ha, com a sua dezena de hotéis de muitas estrelas e espaços recreativos para todas as idades) ao golfo de Asinara (norte), do golfo de Oristano (costa oeste) ao arquipélago da Madalena, no nordeste, com a pequena ilha de Budelli e sua praia de areias cor-de-rosa, imortalizadas em 1964 por Michelangelo Antonioni no filme Deserto Vermelho, apenas visitável com guias.

Destaca-se todavia a Costa Esmeralda, justamente na região nordeste da ilha, ao longo de meia centena de quilómetros: favoreceram o seu desenvolvimento turístico o recorte do litoral, a cor das águas, o verde da vegetação, o rosa dos granitos, o vazio humano (as populações residentes, frequentemente agrícolas e pastoris, viviam no interior, mais salubre, sem malária, que fora habitual até aos finais da IIGG, e menos exposto a ataques vindos do mar, por parte de piratas), o clima semitropical, mais quente que nos *resorts* já então muito frequentados do sul da França. O relevo vai para Porto Cervo (comuna de Arzachena, província de Olbia-Tempio), o principal centro e um destino de férias do Mediterrâneo dos mais famosos, algo inacessíveis, elegantes e na moda: lugar de *glamour,* qualidade e exclusividade, criado como ponto de encontro estival do *jet-set* internacional, da indústria e comércio, do espectáculo, da música, da moda e do desporto, que também frequenta a Riviera francesa, Capri, Marbelha ou Ibiza, recentemente descoberto pelos oligarcas russos (o russo já se tornou uma língua comum): por um lado, vários pequenos golfos de águas azul-turquesa calmas e transparentes, mui-

tas pequenas praias de areias coloridas; por outro, o prestígio do lugar, com aldeamentos, hotéis e restaurantes de muitas estrelas, marinas para grandes iates, clubes elitistas, campo de golfe, mesmo serviços de pequenos jactos e helicópteros.

Com uma população fixa de apenas duas centenas de habitantes, Porto Cervo foi criado do nada, há meio século, no meio de áreas de mato, pasto e alguma pequena agricultura camponesa, como comemorado cinquenta anos depois, com um concerto com Elton John, noites de diversão no estilo dos anos 60 e 70, festival gastronómico... Concentra a maior parte do turismo de luxo da região, mas um luxo pretensamente simples e «local»: estrutura aldeã; arquitectura simples, algo rural, dos hotéis, dos mais caros a nível mundial, e das grandes mansões; arranjos dos espaços verdes, com espécies autóctones. Mas não pelo vestuário e adereços dos que o frequentam, pelas festas que organizam, pelas ofertas das butiques (Gucci, Prada, Armani e Versace; Harrods, desde_2013) da Piazzetta e das pequenas ruas que nela convergem, pelos spas luxuosos, bares e restaurantes caros, pela circulação de automóveis de grandes marcas (Maserati, Bugatti, Ferrari), pelos veleiros e grandes iates que ancoram no velho porto de recreio e na nova marina (capacidade para 60 grandes iates e estaleiro com serviço de reparação adequado), e povoam a paisagem dos fins-de-tarde das muitas pequenas baías. Iates que figuram entre os cem maiores e mais luxuosos a nível mundial, de proprietários da lista Forbes: desde logo o iate Amaloun, do príncipe Aga Khan, e o Force Blue de Flávio Briatore, o Lady Anne de Daniel Marc Snyder (bilionário americano; usado no verão em *charters* no Mediterrâneo e no inverno nas Caraíbas), o Lady Moura, de Nasser Al-Rashid, da Arábia Saudita, o Dilbar, do oligarca russo Alisher Usma, ou algum dos vários iates de Roman Abramovitch.

Resort de veraneio, encontros e vida social de princesas e celebridades, cabeças coroadas e elementos do Gotha mundial, oligarcas e bilionários das maiores fortunas mundiais, habituais nos lugares mais frequentados da Riviera francesa. Os ritmos de vida são essencialmente nocturnos, e decorrem nos principais clubes, altamente selectivos. São exemplo o Pevero Golfe Clube e o YCCS/Yacht Club Costa Esmeralda, iate-clube exclusivo, tendo o príncipe Rainier do Mónaco no conselho directivo e que nos anos 80, mais precisamente em 1983, com o seu veleiro Azzurra, o afirmou e a Sardenha no mundo das grandes regatas internacionais: competições prestigiosas em Porto Cervo, como Sardinia Cup, Swan Cup, Veteran Boat Rally, Deluxe Fair ou Maxi Yacht Rolex Cup; também na América`s Cup, com o apoio de Aga Khan, presidente do clube, e Gianni Agnelli. Sem esquecer o clube Billionaire, fundado em 1998 por Flávio Briatore, no alto de uma colina com vistas espectaculares para o golfo de Pevero, e lugar de encontro de todo o *jet-set* internacional que veraneia na zona, de Naomi Campbell ou Leonardo di Caprio a «estrelas» da televisão italiana e «deuses» do futebol.

Porto Cervo foi criado no início dos anos 60, por iniciativa do príncipe ismaelita Karim Aga Khan IV (muçulmanos ismaelitas de África, Próximo Oriente, Ásia) e vários outros investidores, após passeios de iate pelas costas do Mediterrâneo e apreciação das menos povoadas e ainda intocadas pelo desenvolvimento e massificação turística, como todo o nordeste da Sardenha, que também os impressionou pela cor e transparência das águas, as pequenas praias de areia, o verde envolvente, o colorido rosado dos rochedos da beira-mar. Karim Aga Khan, ainda muito jovem, dispunha de notável capital social e económico, que soube mobilizar: fora educado no Instituto Le Rosey (o mais antigo internato particular da Suíça, estabelecido em 1880 em Rolle, no Cantão de Vaud), uma das instituições educacionais mais exclusivas (famílias reais de toda a Europa, o último Xá do Irão, Dodi Al-Fayed, grandes famílias americanas como os Rothschild, Rockefeller, Du Pont); era já então grande criador de cavalos de desporto na Normandia e na região de Dublin (Irlanda).

Com Patrick Guinness, magnata das cervejas e seu meio-irmão, Giuseppe Mentasti, das águas minerais San Pellegrino, e John Duncan Miller, banqueiro internacional, formaram então um consórcio (Monti di Mola) e procederam à compra de vasta extensão de terrenos, que se estendem por meia centena de km do litoral e têm como centro Porto Cervo, e neles projectaram a criação de uma área de férias exclusiva para pessoas como eles, algo como um refúgio privado, discreto na paisagem, sem grandes construções em altura, tudo concebido por arquitectos de renome: abertura de pequenas estradas de acesso e construção de um porto de recreio; atenção aos impactos ambiental e paisagístico; edificação de uma nova aldeia, Porto Cervo, e outros pequenos núcleos; uso de materiais e estilos arquitectónicos locais e rurais, sobretudo de cor pastel; *villas* de aspecto exterior simples e tradicional, dispersas, quase invisíveis, como a villa Cerbiatta do próprio príncipe Aga Khan; pequenos hotéis de muito luxo e diárias de milhares de euros, que fizeram do lugar um destino prestigiado de vilegiatura concentrando eventos artísticos, com participação de actores como Ray Charles, Andrea Bocelli, Zucchero e Anastácia.

Desde logo na Cala di Volpe, pequena baía entre as praias Razza di Juncu e Capriccioli, famosa pelos mega-iates que a frequentam (pequeno molhe), construção do luxuoso hotel de 5* do mesmo nome, o primeiro a ser edificado, com projecto de Jacques Couelle (uma centena de quartos e duas dezenas de suítes com vista para o mar, centro de *wellness,* piscina olímpica de água salgada), concebido como uma velha aldeia de pescadores, com arcadas, colunas, escadas e telhados de telha de canudo, terminado em 1963, aberto de Abril a Outubro, Seguiu-se a construção de muitas *villas*, a de uma igrejinha (Stella Maris), pequenas concentrações de serviços, sobretudo em Porto Cervo, em torno da Piazzetta e do velho

porto, com a Maison du Port (Yacht Club até 1977), ou ao longo da Passeggiata, sempre com fraco impacto paisagístico e ambiental; o Clube de Golfe de Pevero desde 1972 (campo de 18 buracos, com vistas para o golfo do mesmo nome e a baía de Cala di Volpe); jardins e espaços verdes, com exclusão de plantas alógenas e valorização dos odores da flora mediterrânea. Depois, uma das maiores marinas do Mediterrâneo; bares, restaurantes, comércio de luxo; clubes nocturnos, desde logo o Billionaire, o Sottovento, o Sopravento e o Pepero em Porto Cervo (o Country e o Sky/Heaven em Porto Rotondo).

Na clientela do novo *resort* figuraram o anterior rei de Espanha Juan Carlos, a princesa Margaret (condessa de Snowdon, irmã mais nova da rainha Elizabeth II, filha do rei George VI, casada com Lord Snowdon/fotógrafo Antony Armstrong-Jones ainda em 1964), Grace Kelly e o príncipe Rainier, Lady D e o Príncipe Charles, Jacqueline Kennedy, George Bush Snr, François Mitterrand, visitantes muito ricos e famosos como Harrison Ford, os Rothschild, Gianni Agnelli ou o conde Domenico Agusta (aviação), e celebridades do *jet-set* internacional, nomeadamente inglês e americano, estrelas de cinema, músicos, criadores da moda e supermodelos, gente bonita, polarizadora de *paparazzi* e garantes de fama, como em Capri e na Côte d'Azur nos anos 1960: as actrizes Barbara Streisand, Catherine Deneuve, Brigitte Bardot, Greta Garbo, Marisa Berenson (actriz e modelo norte-americana), Ugo Tognazzi (actor e roteirista italiano), Richard Starkey, mais conhecido pelo seu nome artístico Ringo Starr (baterista dos Beatles), Rod Stewart (cantor e compositor com ascendência escocesa).

Nos decénios seguintes, os calendários sociais da gente da música, cinema, moda, desporto, passaram a integrar uma estada na Costa Esmeralda. Entre os seus frequentadores encontramos Flávio Briatore e a sua mulher Elisabetta Gregoraci (fora modelo da Wonderbra); americanos como Bruce Willis (actor, alemão de nascimento); Denzel Washington (actor e produtor), Leonard Albert (Lenny Kravitz, cantor), Maria Carey (cantora); igualmente Naomi Campbell (supermodelo e actriz britânica), Heidi Klum (modelo e actriz alemã). Já no início deste século, outros americanos como Michael Douglas (actor de origem judaica), Jon Bon Jovi (John Francis Bongiovi, cantor) ou James Owen (escritor e jornalista); muitos ingleses, como Richard Branson (grupo Virgin), Hugh Grant (actor), Nick Mason (Nicholas Berkeley, baterista dos Pink Floyd), Peter Gabriel (músico), Phil Collins (baterista e vocalista dos Génesis), Petra Ecclestone (modelo e *designer* de moda); também muitos italianos, como Gianluca Vialli (ex-futebolista), Roberto Cavalli (estilista aristocrata), para além de Sílvio Berlusconi (residência em Porto Rotondo: Villa Monastero, depois Villa Certosa, num parque de 120 hectares, com lago artificial, anfiteatro de 400 lugares) e os seus convidados, como Rafic Hariri (Líbano), Hosni Mubarak, George W. Bush, José Luís Zapatero, Mirek Topolanek

(primeiro-ministro checo), o casal Blair e principalmente Vladimir Putin; e grandes industriais da América Latina, caso de Alberto Roemmers (empresário alemão residente na Argentina, líder no mercado farmacêutico da América Latina), assim como artistas como Rihanna (cantora de Barbados), e futebolistas como Alexandre Pato (brasileiro).

Por último, toda uma nova burguesia russa, muito rica e ostentatória, frequenta a Costa Esmeralda, e muito especialmente Porto Cervo, criada como concorrente de Saint-Tropez, nomeadamente as suas modernas marinas e os seus hotéis e butiques de luxo, as villas sumptuosas dispersas pelas colinas, restaurantes e bares exclusivos, lugares de encontro do Gotha e do *jet-set* italiano e internacional, gente da finança, da indústria, da política, do espectáculo, do desporto. Alguns compram villas por muitas dezenas de milhões de euros (forte empolamento nos preços), passeiam em iates de luxo, promovem festas extravagantes, deslocam-se de helicóptero, e justificam a abertura diária da igreja católica de Nostra Signora di Bonaria, perto de Liscia di Vacca, ao culto ortodoxo (às missas de Domingo, chegam às centenas nos seus Ferrari e Mercedes). Alisher Usmanov adquiriu a villa do empresário António Merloni, com um grande parque, junto do golfo de Romazzino; Vassily Anisimov, magnata da siderurgia, a Villa Tulipano em Porto Cervo, e promoveu uma festa de comemoração como um carnaval de Veneza, com centenas de convidados, adequadamente vestidos, chegando em gôndolas, um lauto jantar, grandes consumos de caviar e champanhe, música russa e italiana, mesmo espectáculo de fogo-de-artifício; Rustam Tariko, «rei da vodka» adquiriu a Villa Merloni; Vedomosti Tariko comprou a Villa Minerva em Porto Rotondo (antes alugara-a durante cinco anos, a Veronica Lario, ex-mulher de Berlusconi), com um parque de 3ha, e todo o mobiliário, carpetes e decoração, por 30 vezes mais do que esta pagara em 1989 (?); um outro empresário russo adquiriu também por muitos milhões a villa de Stefano Fabbri, na extremidade de Punta Lada, perto da villa Certosa, então de Sílvio Berlusconi; ainda um outro, a villa do industrial Plinio Stoppani, em Romazzino.

Outros instalam-se, com alguma discrição (entre eles o próprio Putin?), nos melhores hotéis de Porto Cervo, desde logo os da cadeia Starwood (5*: Cala di Volpe e Cervo de 1962, Pitrizza de 1963 e Romazzino de 1965; suítes exclusivas), ou o Hotel Abi d'Oru, nas proximidades de Porto Rotondo, também de 5*, à beira da praia, no meio do verde denso do maquis mediterrâneo, com vistas para o Golfo Marinella (conjunto de edifícios desenvolvidos na horizontal; 170 quartos; piscina, jardins, terraços panorâmicos), fácil acesso ao porto e ao aeroporto de Olbia. Passeiam em Ferraris, Bentley e Bugatti, deslocam-se de umas festas para outras em helicópteros, na Costa Esmeralda ou para a Côte d`Azur ou Cortina D'Ampezzo, compram habitualmente roupas e jóias muito dispendiosas nas lojas de Versace,

Missoni, Gucci, Prada, Cavalli, Dior, Bulgari ou De Grisogono, e agora também no novo estabelecimento do Harrods junto do antigo porto, frequentam as galerias de arte, mais raramente o novo museu de arte de Porto Cervo (Museu Monte di Mola), alugam grandes iates por mais de meio milhão de $ por semana e animam o Clube Billionaire, consumindo garrafas de champanhe das melhores marcas e gastos de grupo que ultrapassam largamente a centena de milhares de $. Roman Abramovich foi presença habitual, com o seu iate Pelorus, de mais de cem milhões de euros.

Os limites da Costa Esmeralda são simbolizados por Liscia di Vacca, com o seu Hotel Pitrizza, de 5* e um dos mais exclusivos (mais empregados que camas) e originais da região (estrutura de *villas* com cobertura de relva, decoração artesanal e piscina de água do mar escavada no granito); e pelo Hotel Cala di Volpe, na baía do mesmo nome, entre as praias Razza di Juncu e Capriccioli, inspirado num castelo medieval ou numa velha aldeia de pescadores, algo majestoso e íntimo, sofisticado e rústico, com uma centena de quartos e duas dezenas de suítes, a que acresce uma enorme piscina olímpica de água salgada, o centro de bem-estar, 3 campos de ténis, e a proximidade do Pevero golf Club. Um pouco mais a sul, desenvolveu-se Porto Rotondo, muitas vezes associado à Costa Esmeralda, destino turístico de relevo entre os golfes de Cugnama e Marinella e 3 promontórios nos seus extremos, Punta Nuraghe, Punta Volpe e Punta Lada, também de renome internacional, rival de Porto Cervo, e beneficiado pela maior proximidade do aeroporto de Olbia (18 km a norte): praia, atracções culturais (anfiteatro granítico, como um teatro ao ar livre de Mário Ceroli, igreja de San Lorenzo, Piazza San Marco), bares e discotecas, bem como clubes (Country Club, MClub ou o Heaven Disco Club), frequentados por Vipes, que aí possuem ou possuíram casas, desde logo Silvio Berlusconi, com a Villa Certosa em Punta Lada, no Golfo di Marinella, Danilo Coppola, industrial imobiliário, indiciado por falências fraudulentas (sociedade Micop), Gigi D'Alessio, cantor, Marta Marzotto, estilista, Gerry Scotti, apresentador de televisão e actor, ou Paolo Isoni, estilista, com butique na Piazza Deiana, tendo como clientes Marta Brivio Sforza (condessa), Marina e Fiona Swarovski (*design*, jóias), Barbara Berlusconi, filha do ex-primeiro-ministro italiano, Patrizia d'Asburgo Lorena (nobreza e televisão) ou Marta Marzotto (*designer* de moda e jóias).

Porto Rotondo fica no centro de várias praias (Ira, Punta Asfodelo, Sassie e Alghe, perto do aglomerado, e sobretudo Marinella, no golfo do mesmo nome, a apenas 4km): um km de areia branca e fina; um mar de pequena profundidade (famílias), garante de segurança e tranquilidade; uma baía abrigada convidando a desportos náuticos; duas marinas (porto Marana e porto Palumbalza); paisagem envolvente de colinas e com as ilhas Soffi e Mortorio a 8km da costa; escolas de

vela e windsurf, mesmo o Yacht Club Porto Rotondo fundado em 1985, desde 1987 antena do Yacht Clube Costa Esmeralda, presidido por Aga Khan, mas autonomizado dez anos depois, e base de competições internacionais de pesca desportiva do alto (Porto Rotondo Big Game). Foi criado um pouco à imagem de Porto Cervo, a partir de 1964 (o porto e a aldeia), como destino de férias das figuras em destaque na política, economia, indústria, desporto, espectáculo, música, cultura, por um consórcio constituído pelos condes venezianos Luigi e Nicolò Donà dalle Rose, um grupo de empresários como Vittorio Giorgio Cini, e banqueiros ingleses (George Frank). Alguns artistas participaram na concepção do lugar e de certos edifícios simbólicos. Andrea Cascella (escultor) criou a Piazzetta San Marco, lugar de encontro, em granito regional, e a igreja de S. Lorenzo, primeiro como capela privada dos promotores, depois embelezada por Mário Ceroli com esculturas de madeira, e a torre sineira (2009) também em madeira, enquanto na fachada sul foi introduzida uma rosácea em Murano. Mário Ceroli foi também responsável pelo anfiteatro, como na Antiguidade Clássica, no eixo da Igreja, piazza di Cascella e o porto, igualmente em granito, com 700 lugares sentados, como pelas duas colunas da entrada da Marina di Porto, de perfil semicircular e actualmente com capacidade para 800 embarcações, as maiores no exterior. Giancarlo Sangregorio criou a Vecchia Darsena, dos pescadores; e Emmanuel Chapalain (bretão), a «cadeia alimentar», mosaico da Via del Molo, os olhos dos peixes em vidro Murano brilhando de noite (2007).

Porto Rotondo afirmara-se como um destino bem menos pretensioso e mais familiar e tranquilo que Porto Cervo, mas polarizador pelos seus clubes nocturnos: desenvolve-se em torno da Piazzetta di San Marco, onde se encontram butiques das grandes marcas e os melhores restaurantes, e da Marina, com seus iates de luxo. A população residente ronda apenas o milhar, mas a população presente na estação alta eleva-se a 20 mil, mesmo a 30 mil no mês de Agosto. Conta alguns pequenos hotéis de bom nível, como o Hotel Sporting, 5*, meia centena de quartos, entre a praia e a marina, com piscina panorâmica de água do mar, praia privada, de areia branca, jardim, piano-bar, esplanada, restaurante de renome. E muitos hotéis de 4*: Hotel Colonna San Marco (35 quartos, exclusivo da ITI Hotels, vista para a Piazzeta San Marco); Hotel S'Astore (28 quartos, posição panorâmica, com vista sobre Porto Rotondo). Outros dispersam-se no meio do maquis envolvente ou pela beira-mar, nomeadamente no golfo de Marinella e no golfo de Aranci (de 5*, caso de Hotel Abi d´Oru, 170 quartos e suítes, ou de 4*, como o Hotel Domina Home Palumbalza, complexo turístico com oitenta unidades de alojamento de diferentes tipos, o Colonna Hotel Du Golf de Cugnana, com uma centena de quartos e facilidades de equitação, o Colonna Beach Hotel, com 86 quartos e 12 apartamentos, no Golfo de Marinella e muitos mais, a par de *resorts,*

casas de férias, *timesharing,* apartamentos e *villas* de intelectuais, estilistas, homens de negócios, políticos, estrelas do desporto... Desde logo, a villa Certosa, ex. residência de verão de Sílvio Berlusconi, na Punta Lada, sobre o Golfo di Marinella, numa propriedade de 120ha, com um conjunto de 3 casas, a principal com 2600m2, túnel até ao mar, lago artificial, jardim de inverno, sete piscinas, hóspedes ilustres como Tony Blair e Vladimir Putin e que terá sido vendida ao magnata árabe Khalifa Bin Zayed (chefe de estado dos Emirados Árabes Unidos e emir de Abu Dhabi? quase quinhentos milhões de euros?).

A norte de Porto Cervo, destacam-se outros pequenos lugares, mais democráticos e mais acessíveis em termos económicos, com menos marcas e muito menos exibicionismo, mas ainda sem altas torres que desfigurem a paisagem (o turismo de luxo não é compatível com o betão!): baías e praias de areia fina, marinas, muitas unidades hoteleiras, mesmo o Aquadream Water Park, o primeiro parque aquático da ilha (1987; 3ha, muito perto da Baja Sardinia), e serviços vários, como Poltu Quatu, Baja Sardinia e Cannigione. Poltu Quatu, a 3km de Porto Cervo, surgiu apenas em 1987, quase sem população residente (apartamentos, villas e hotéis): em 2002 foi edificado o Grand Hotel Poltu Quatu, de 5*, centena e meia de quartos, prolongado pelas Residence Poltu Quatu, com 67 apartamentos de diferentes dimensões, também de luxo, embora não um Eden de celebridades e bilionários. Situa-se no fundo de uma ria/fiorde entre paredes graníticas, bem protegida das tempestades, outrora refúgio de viandantes e piratas, e adaptada a marina/Marina dell'Orso/Stintino dell'Orso. Conta restaurantes, *pubs,* clubes, butiques, um Aqua center, escola de vela, campos de ténis, numa arquitectura de pequenos edifícios brancos, rodeados de flores, em harmonia com a natureza. A Baja Sardinia, a apenas 6km de Porto Cervo, com apenas centena e meia de habitantes, foi construída à imagem da Costa Esmeralda: mercados ao ar livre com artesanato tradicional local, e na praça da vila, possibilidade de música, dança e espectáculos vários, com destaque para o Ritual Club, uma das discotecas mais exclusivas, escavada no granito, num misto de gruta natural e castelo, com ambiente arqueológico, inspirando-se em grutas e casas pré-históricas, os *nuraghes*, lançado em 1976 pelo armador grego Stavros Niarchos como lugar de encontro de muitos dos seus amigos de todo o mundo (quase meio século de actividade contínua; atmosfera ao mesmo tempo mística e de jardim). Cannigione, aldeia de pescadores dos princípios do século XX, tornou-se um importante destino balnear, com secundarização da pesca: 800 habitantes, porto com ligações ao arquipélago da Madalena, uma pequena marina, muitos restaurantes.... Para norte, outras praias e complexos balneários, e mais além, o arquipélago da Madalena e o Parque Nacional homónimo, com paisagens marinhas, praias paradisíacas, pequenas ilhas, e acesso por Palau

(ferries para as ilhas La Maddalena e Caprera, ligadas pela ponte Passo della Moneta).

Em 50 anos mudou o conceito de luxo e mudaram os protagonistas da Costa Esmeralda, de Marisa Berenson a Flávio Briatore, de Sean Connery a Vladimir Putin, de Ringo Starr a Roberto Formigoni, de John Major a Victoria Beckham, do rei Juan Carlos à eurodeputada Licia Ronzulli, nas palavras de Enrico Arrosio (e aos Armani juntou-se o Bossi), alguns ainda presentes aquando dos festejos dos 50 anos, como a baronesa Dolores Guinness, de origem alemã, ícone da moda (Givenchy, Christian Dior, Yves Saint Laurent e Balenciaga) e membro do *jet-set*. Os primeiros visitantes da Costa Esmeralda chegavam através do aeroporto de Alghero, a mais de uma centena de km. Aga Khan depressa organizou uma pequena frota de aviões Beechcraft, da companhia aérea Alisarda (Meridiana, em 1991), que usavam a pista de Venafiorita, perto de Olbia, a qual remonta a 1927, mas nos finais dos anos 60 substituída pelo novo aeroporto local: novo terminal em 2002, trabalhos de ampliação em 2004.

As classes abastadas de outrora foram em parte afastadas pela crise e em parte substituídas pelos oligarcas russos e todo um novo *jet-set*. Um paraíso perdido a favor dos ricos de hoje, cuja presença e práticas de lazer também levam ao seu afastamento. Em 1997, a maior parte do Consórcio Costa Esmeralda foi cedida à ITT Sheraton, multinacional americana, e em 2003, o *resort* foi adquirido por Tom Barrack (cadeia Starwood), magnata americano com origens no Médio Oriente (avô libanês, imigrante em Los Angeles; fundador em 1991 da Colony Capital, empresa de investimento orientada para a recuperação de empresas em crise financeira), com os seus seis hotéis, quatro deles de 5*, o clube de golfe, a nova marina de Porto Cervo, de setecentos lugares, e vasta extensão de terras costeiras, empregando 4 mil famílias e atraindo uma elite desportiva (pólo, além da vela e do golfe) e uma classe média-alta, quando o lugar ainda era frequentado por Berlusconi e Franco Carraro, ex. campeão europeu de esqui náutico, dirigente desportivo e político (ministro e sindico de Roma, presidente da FIGC, Federação Italiana de Football, membro do Comité Olímpico Internacional) e visitado pelo casal Blair, por Fawaz Gruosi, joalheiro de diamantes libanês (festas privadas no Billionaire), pelos filhos de Kadhafi com os seus iates, igualmente por comediantes (Beppe Grillo), *playboys* e *paparazzi*.

O Yacht Club Costa Esmeralda, junto da nova marina e da Piazza Azzurra, com suas butiques desportivas, concertos e exposições, marca a exclusividade do destino como lugar privado: conta cerca de 500 membros, da realeza e grandes empresários, como o rei João Carlos de Espanha e o próprio Thomas Barrack, é presidido pelo príncipe Aga Khan, e a admissão como membro implica ser proposto por dois outros, obter a aprovação de todos os membros e o pagamento de

uma quota anual elevada, da ordem dos dois mil euros; rivaliza nomeadamente com Puerto Banús e Saint-Tropez, na atracção dos iates de luxo que passeiam pelo Mediterrâneo ocidental. Dispõe de 5800m2, 24 suítes, restaurante, bar, salão, piscina panorâmica e centro de *wellness*/Blu Mediterrâneo Spa, com hammam, sauna, tratamentos naturais personalizados e secção de aromaterapia. Exclusivo também o Clube de Golfe de Pevero, pretensamente um dos melhores e mais caros campos de golfe da Europa.Em 2012, o *resort* foi revendido ao emir do Qatar, xeique Hamad bin Khalifa al-Thani, através da Qatar Holding, transacção objecto de análises de provável fuga tributária de grandes montantes, e receios de densificação algo «golfista».

Lugar mágico, de luxo e tradição, de fama, riqueza e beleza, pretensamente simples mas fortemente exclusivo, que cinquenta anos depois se mantém algo exclusivo e mundano, para o novo *jet set* nacional e internacional, mais interessado no pólo que no golfe, ainda bem diferente de Cannes ou de Marbelha quanto a cimentação do território. Mas a Costa Esmeralda atrai actualmente não apenas as classes muito ricas e as celebridades, mas muitos outros visitantes, que contam com novos hotéis de preço acessível, espaços culturais de vanguarda e outros de festa abertos a todos, se bem que no geral um pouco mais afastados do litoral (a legislação actual proíbe qualquer construção a menos de 500m da praia), e sobretudo as novas acessibilidades. Houve entretanto alguma democratização (gente comum) com os ferries, de ligação a vários portos de Itália, os novos serviços do aeroporto de Olbia apenas a 30km (4km a sul do centro desta cidade), com rotas domésticas e para o estrangeiro, e mais recentemente também aberto a companhias *low cost* (em 2011, cerca de 1,87 milhões de passageiros transitados). Acresce a melhoria das estradas de acesso e a diversificação da oferta hoteleira, ainda com hotéis de 5*, mas sobretudo de 4* e mesmo menos: na Costa Esmeralda contam-se 9 hotéis de 5*, seis dos quais em Porto Cervo, muitos outros de 4*, mas igualmente de 3*, e vários portos turísticos. Acresce a multiplicação de vivendas isoladas no verde do maquis (fora proibida a introdução de pinheiros, eucaliptos e outras plantas não autóctones), não exclusivamente pertença de banqueiros, políticos, homens de negócios, estilistas, actores, gente do desporto, que não motivam os *paparazzi*...

Parte IV – As velhas elites e os novos-milionários russos: eleição dos mesmos lugares de férias de grande prestígio histórico

Em 1990, segundo a CIA World Factbook, a população da URSS era de 291 milhões, de diferentes etnicidades; em 2015, a da Rússia elevava-se a 146,2 milhões, 74 % urbana, depois de um máximo de 148,7 milhões em 1991, acima dos EUA mas bem abaixo da China e da Índia. A Ucrânia contava em 1989 cerca de 52 milhões, o Uzbequistão 20 milhões, seguidos pelo Cazaquistão com 16,5 milhões e a Bielorrússia com 10,2 milhões; na Moldávia viviam 4,3 milhões. No conjunto, com as suas tendências demográficas mais ou menos irregulares, constituem uma importante área de potencial emissão de turistas para o Ocidente, a que devemos acrescentar os países da Europa Central anteriormente abrangidos pela Cortina de Ferro (Polónia, Alemanha Oriental, Checoslováquia, Hungria, Roménia e Jugoslávia): populações sensíveis às memórias das suas elites de outrora (realeza, aristocracia, grande burguesia), nomeadamente quanto aos lugares de férias, e não menos de internacionalização, ocidentalização, das termas aos litorais lacustres e marítimos, amenos, nomeadamente no inverno, sempre com «bons» ares e aconselhados a saúdes débeis. Recordações mais ou menos fantasiadas de um passado já distante, tido como de prestígio e mundanismo, a que as novas elites, os novos-milionários, que se ocidentalizam e globalizam, são sensíveis, acabando por frequentemente privilegiar nas suas escolhas os mesmos destinos de férias e turismo.

1. Retorno às nascentes termais

As estâncias termais foram os primeiros destinos de lazer e saúde das elites ocidentais, como Bath no Reino Unido e Spa nas Ardenas. No século XIX surgiram muitas outras, requintadas e mundanas, por toda a Europa, lugares de encontro sazonal das grandes famílias aristocráticas, culturais e artísticas, do Atlântico aos Urais, passando por Moscovo e Sampetersburgo, e que motivam novas viagens de redescoberta e estadas recreativas de muitos russos, após a queda do Muro de Berlim, a abertura ao exterior, o aumento do seu poder de compra, mesmo o enriquecimento espectacular de alguns, e as facilidades de viagem, nomeadamente aéreas e nos modernos comboios de alta velocidade e conforto, que ligam as suas

grandes urbes ao Ocidente. Desde logo as cidades termais da Boémia ocidental, próximas da fronteira com a Alemanha, a pouco mais de uma centena de quilómetros de Praga, sobretudo Karlovy Vary/Carlsbad, onde aliás foi interpretada pela primeira vez, em 1884, a sinfonia Novo Mundo de Dvorak, bem menos Marianske Lazne/Marienbad e Frantiskovy Lazne. Depois, outras estâncias do vale do Reno, outrora também muito frequentadas pelas velhas elites russas, e algumas estâncias italianas, nomeadamente na prestigiosa Toscânia, bem mais pela redescoberta de um passado distante (visitas) que pelo turismo de saúde e bem-estar (estadas prolongadas).

1.1. A Boémia como destino: Carlsbad e Marienbad

Carlsbad, com um pouco mais de 50 mil habitantes, é a principal estância termal da República Checa (mais de uma dezena de importantes nascentes de águas quentes; ingestão): dominada pelo seu castelo, num vale seguido pelo Teplá, também de águas quentes, atravessado por muitas pontes e rodeado de colinas arborizadas (entre 375 e 644m), onde no século XIV Charles IV, rei da Boémia e imperador do Sacro-império, fez construir um pavilhão de caça. Lugar visitado em 1707 pelo imperador Joseph I e em 1711 e 1712 pelo czar Pedro I da Rússia, contribuindo para o seu prestígio como sítio de repouso das elites de então, nomeadamente austríaca, polaca e russa.

Carlsbad afirmou-se como um destino fortemente mundano da Europa Central no século XIX e início do seguinte (134 famílias visitantes em 1756, 26 mil curistas nos finais do século XIX), com múltiplas instalações termais, construções marcantes Arte Nova, como as Arcadas e o Grande Hotel Pupp. Também novas populações residentes: até meados do século XIX, maioritariamente alemã, a partir de 1860 já com uma comunidade checa de trabalhadores, ligados ao novo mercado, com criação do Clube eslavo em 1881. Actualmente, lugar animado e sofisticado, clássico e algo snobe (grandes marcas, jóias, cristais, galerias de arte, restaurantes, cafés e salões de chá elegantes) e internacional (igreja russa, jardim japonês, estátuas nos parques, funicular), com vida cultural (teatro, museus, orquestra sinfónica, criada ainda em 1835, festival de Mozart em Junho, festival internacional de Cinema em Julho, muitos concertos e as Jornadas de Beethoven, o Outono de Antonin Dvorak em Setembro e os concursos de Canto também de Dvorak em Novembro, sem esquecer o Festival internacional de folclore e o Festival internacional de filmes de turismo).

O seu desenvolvimento foi favorecido com a construção das linhas de caminho-de-ferro ligando Carlsbad a Praga e Marienbad, e às principais cidades alemãs, que facilitaram a vinda de visitantes ilustres e a sua afirmação como destino

termal na moda, um destino aristocrático checo e estrangeiro, mesmo um lugar para ver e ser visto, mundano, privilegiado pelas elites europeias e pelos aquistas russos aristocratas e abastados durante o século XIX até à IGG. Gente da política, como Carlos VI, imperador do Santo Império, também o imperador Francisco-José I, a imperatriz Maria-Teresa da Áustria (filha de imperador Carlos VI, rainha da Hungria, Boémia e Croácia e esposa do Imperador François-Étienne de Lorrain/ Francisco I), a imperatriz francesa Marie-Louise (1810-1814, mulher de Napoleão I), filha do imperador Francisco I da Áustria (arquiduquesa da Áustria, princesa da Hungria e da Boémia), o imperador Francisco José da Áustria, Georges Clémenceau (político francês), mais tarde Mustafá Kemal Atatürk, fundador da Turquia moderna, mesmo Madeleine Albright (checa, antes do seu refúgio nos EUA), e muitos outros. Igualmente grandes nomes da música, como Johann Sebastian Bach (alemão), Johannes Brahms (austríaco), Frédéric Chopin (polaco), Antonin Dvorak (checo), Edvard Grieg (norueguês), Franz Liszt (húngaro) ou Richard Wagner (alemão); também filósofos como Gottfried Wilhelm von Leibniz ou Karl Marx, psicanalistas no caso de Sigmund Freud, escritores como Johann Wolfgang von Goethe (alemão) e poetas como Friedrich Schiller (alemão) ou Alexandre Sergeievitch Pouchkine (russo).

Um centro urbano com a sua arquitectura austro-húngara, os seus jardins, as diferentes fontes, as antigas Arcadas. Um lugar com muitos belos palácios (tornados residências privadas de milionários russos, nos últimos decénios) e hotéis, com destaque para o Grande Hotel Pupp (cenário do filme Casino Royal, 2006, de James Bond, baseado no livro homónimo de Ian Fleming), o teatro em estilo Arte Nova (1884-1886), uma igreja ortodoxa (1898), à imagem da catedral Saint-Basílio de Moscovo, muitos balneários, particulares e públicos. Refiram-se as Mill Colonnade (132m/13m), conjunto de 124 colunas, que remontam ao século XVIIII, então em madeira, modificadas em 1811 no sentido de um edifício estilo império (Novas Arcadas das Fontes) e por último ampliado em 1871-1881 (estátuas alegóricas aos meses do ano); as Arcadas do Parque, no parque Dvorak, dos meados do século XIX, em ferro (parede do anterior pavilhão Blanensky), lugar de restaurantes e concertos, dos anos 1880-81, reconstruído no início deste século; Arcadas da Hot Spring, dos meados do século XVIII, refeitas em 1826, modificadas em 1878-1879, para estilo Renascença, largamente destruídas durante a IIGG e renovadas em 1975; também as Arcadas do Castelo, que lembram o papel de Carlos IV na origem do lugar termal, e tiveram intervenções nos séculos XVIII, XIX e nos princípios do XX (estilo Arte Nova), ou as Arcadas do Mercado (1883), em madeira e estilo suíço....

O dinamismo de Carlsbad foi interrompido pela IGG, a queda do império austro-húngaro, a criação da Checoslováquia em 1918 (alemães: 22% da população

total), a Revolução russa, embora então com fixação de emigrantes russos (universidades russas no país); seguiu-se um período perturbado nas relações com a Alemanha até 1945. Depois retomou o estatuto de lugar de vilegiatura, alargada a todo o ano, mas com muitas mudanças no património cultural e arquitectural (construções funcionais, imóveis de tipo social nas periferias) e na própria clientela, tornando-se um centro de recreação da «nomenclatura» comunista, animado desde 1968 com o festival internacional de cinema no início de Julho, o festival de música de Dvorak, no Outono, e diversas actividades desportivas, com destaque para o ténis, o golfe e o hipismo.

Uma outra evolução vai ocorrer com a queda da União Soviética, no início dos anos 90, a sua abertura ao exterior, a viragem da república checa para a UE, os trabalhos de renovação do velho centro e dos seus edifícios de prestígio, e o retorno dos visitantes e «doentes» estrangeiros: muitos russos adquiriram habitações como residência de férias ou instalaram-se e desenvolveram localmente a sua actividade profissional (algumas centenas), a par de muitos outros, de toda a ex. URSS, também falando russo (algo como 6 mil, numa população total de mais de 50 mil). Renovaram-se muitas das antigas villas de prestígio, algumas adaptadas a pequenos hotéis ou mesmo a apartamentos de luxo (alguns para aluguer), localmente surgiram novos cafés, comércio de qualidade e caro (cristais, porcelanas), como por toda a República Checa, nomeadamente em Praga. Os russos «checos» de hoje são relativamente discretos, muitos são mesmo empresários (criar uma sociedade permite um direito temporário de residência de dois anos); houve claramente um surto imobiliário russo nos anos 2006-2008, em detrimento dos britânicos, também em Praga; por todo o lado, publicidade e inscrições em cirílico, embora no centro de Karlovy Vary também haja painéis publicitários em alemão, inglês e mesmo chinês.

Ainda em 2012, a «Pequena Rússia» da República checa, era uma espécie de paraíso para os russos: o russo era a língua mais falada localmente, e não o inglês, o alemão ou mesmo o checo; até há pouco, os turistas russos foram claramente maioritários, como o eram em Praga. Mas nos últimos anos tudo tende a mudar: muitos começam a vender os seus apartamentos, a queda do rublo e o conflito na Ucrânia tendo provocado uma retirada crescente e muito forte, como por toda a Europa; em 2015, a Aeroflot decidiu a supressão dos voos de ligação Moscovo-Karlovy Vary, que funcionavam desde 2006 (2 voos regulares por semana e muitos voos charters), completados pelas ligações da Czech Airlines (3 ligações semanais com Moscovo e uma com Saint-Petersburgo). Acresce a concorrência crescente da oferta das Hautes-Tatras na Eslováquia, nomeadamente para os russos de Ekaterinburg, cidade de mais de 1,4 milhões de habitantes, na fronteira com a Ásia, tanto de inverno, na montanha (festa de passagem do ano, esqui alpino), como no

verão, em torno da saúde e o bem-estar nas suas estâncias termais, também orientadas para doenças respiratórias e com tecnologias inovadoras (crioterapia); e mais ainda, a concorrência das estâncias do Cáucaso, com seus novos resorts termais, de valências curativas variadas e outras desportivas (esqui alpino, asa delta, parapente). Em resposta, multiplicam-se as atenções para com os turistas alemães e eslovacos vizinhos, outros turistas ocidentais, como os espanhóis, e obviamente os turistas chineses («Somewhere only we know», filmado em Praga e muito popular na China): linha aérea directa entre Pequim e Praga; multiplicação de interesses económicos (mesmo se para as estâncias termais, de estadas longas, o cliente chinês que circula pela Europa não substitua as estadas dos russos) e desde há dez anos, cada vez mais também turistas da Coreia do Sul (voos directos e ausência de vistos).

A oferta hoteleira é considerável, com muitas unidades de 5 e 4*, sempre associadas a cuidados de saúde e bem-estar, que se sofisticam crescentemente. Desde logo o Grande Hotel Pupp, no centro de Karlovy Vary, fundado em 1701 por Johann Georg Pupp (progressivamente alargado, renovado e sofisticado, nomeadamente em 1907, nos anos 1922-23 e antes da IIGG), com hóspedes famosos, tais como Johann Wolfgang von Goethe, Johann Sebastian Bach e Richard Wagner, também estrelas de cinema como Whoopi Goldberg (americana), Gregory Peck, Alan Alda/Alphonso Joseph D'Abruzzo (americano), Michael Douglas ou Ornella Muti/Francesca Romana Rivelli, italiana: oferece mais de duas centenas de quartos, o Pupp Royal Spa com 1.300 m2, gruta de sal, casino e facilidades de golfe desde 1904; foi nacionalizado pelo governo comunista em 1950 como Grande Hotel Moskva, privatizado e renovado em 1989, com o seu ambiente neoclássico, e promovido (2006) através dos filmes Last Holiday e Casino Royal, além do acolhimento de eventos como o Festival Internacional de Cinema. Também o Carlsbad Plaza, 5*, 152 quartos, num edifício histórico renovado em 2014, com 3 mil m2 de área de bem-estar, vista para o jardim ou para o Emperor (Banhos Termais), diversos serviços médicos, bar nocturno com música ao vivo e diversas butiques de luxo. Ou o Quisisana Palace, hotel butique 5*, design exclusivo, com 19 quartos. Também o Hotel Imperial, de 1912, um luxuoso e moderno spa-hotel de duas centenas de quartos, isolado na paisagem, com largas vistas, acessível por estrada e por um funicular de 127m, parte em túnel, a partir da Praça do Teatro, com clientela abastada e sobretudo internacional, mesmo depois da IGG (famílias reais e estrelas de cinema), e da IIGG para os visitantes do bloco soviético, internacionalizado de novo depois de 1989, ao mesmo tempo que foi reconstruido o seu spa e animado o seu Clube nocturno, o minigolfe, os campos de ténis e as duas centenas de quartos. E alguns grandes conjuntos, como o spa Resort Sanssouci, distribuído por 3 edifícios ligados por corredores subterrâneos (337quartos) ou o Spa Hotel

Thermal, dos maiores hotéis da cidade (273 quartos), perto da Colunata, com um centro de spa, com uma cabine de infravermelhos.

Acrescem muitas outras unidades com mais de uma centena de quartos ou muitas dezenas, sempre com a sua diversidade de cuidados de saúde e bem-estar; algumas contam inclusivamente serviços médicos especializados e de enfermagem, ou técnicas sofisticadas de bem-estar asiáticas, e associam campos de golfe; em muitos casos são produto de readaptação de antigos solares e grandes villas, nuns casos interligadas, noutros constituindo pequenas unidades algo familiares. Exemplifiquemos: Hotel Kolonada, 146 quartos; Health Spa Hotel Dvorak, 126 quartos; Richmond Park Hotel, mais de 160 anos, rodeado por um parque de estilo inglês, e 120 quartos; Resort Savoy Westend Hotel em 5 villas Arte Nova ligadas a um moderno Centro de Spa médico, jardim, 115 quartos; Grande hotel Ambassador Národní Dum, 83 quartos; St. Joseph Royal Regent, 81 quartos; Venus Hotel com equipa de médicos e terapias originais, 53 quartos; Spa Hotel Ruze, em edifícios em estilo Arte Nova, 52 quartos; Luxury Spa Boutique Hotel Opera Palace, 58 quartos; Lazensky Hotel Smetana-Vysehrad, numa villa dos anos 1920s, 49 quartos; Humboldt Park Hotel & Spa num edifício histórico perto das águas termais, 37 quartos; Golf & Spa Resort Cihelny, 36 quartos; Spa Hotel Schlosspark, 35 quartos; Windsor Spa Hotel, no edifício histórico Spa III completamente renovado no início de 2014, pequeno centro comercial e 35 quartos; Hotel Bristol, junto do parque, 36 quartos, e a Vila Bristol Kralovska, do século XIX, com 33 quartos; Hotel Romance Puskin, num edifício Arte Nova renovado, de 1899, perto do Geyser e do Spa Colonnade, 30 quartos; Embassy Hotel, 28 quartos; Hotel Sirius, num edifício histórico a 300m da Colunata Mill e do Parque Dvorak, 23 quartos; Villa Ritter, ao lado de um grande parque e da igreja ortodoxa russa, 20 quartos; Luxury Spa Hotel Atlantic Palace num edifício histórico, também próximo da igreja ortodoxa, 21 quartos; Hotel Sampetersburgo, em frente ao Grand Hotel Pupp, do início do século XIX, 24 quartos; Hotel Promenade em 2 edifícios dos séculos XVI e XVII, 20 quartos; Hotel Renaissance Krasna Kralovna, num edifício do século XVIII, com tapetes orientais, candelabros e joalharia, e 18 quartos; Hotel Maltezský Kříž, numa casa do século XVIII, renovada, 11quartos, etc. A toponímia das unidades evoca em muitos casos a origem de clientela que frequentava o lugar nos tempos áureos, e noutros os antigos proprietários dos edifícios que ocupam: Bristol Georgy House, 24 quartos; Bristol Palace, mansão aristocrática do século XIX, com acomodações elegantes, 48 quartos; Hotel Ostende, com 20 quartos; Hotel Pavlov, como um pequeno hotel romântico, 38 suítes; Vila Tereza, de 1890, com 17 quartos, etc.

Analisemos também o caso de Marienbad/Marianske Lazné (13.289 habitantes em 2014, 33km a su-sudoeste de Carlsbad, 630m de altitude), publicitada por

Alain Resnais em «O último ano em Marienbad», de 1961 (embora não filmado no local mas na Baviera e nos estúdios de Paris), outro destino termal checo (dezenas de fontes de águas frias, tidas como curativas desde o século XIV, e estância termal pública desde 1813) que teve a sua clientela afortunada, grandes palácios no meio de um parque, galerias em estilo Arte Nova, em aço e vidro, dos finais do século XIX, pavilhões, quiosques, também frequentada pelo Gotha e a intelectualidade europeia: Mark Twain (escritor americano), Franz Kafka (Praga), Friedrich Nietzsche (alemão), Sigmund Freud (checo), Goethe (alemão), Henrik Johan Ibsen (dramaturgo norueguês), Kipling (poeta britânico), Máximo Gorki (Aleksei Maksimovich Peshkov, dramaturgo russo), Leon Tolstoï (russo), Ivan Goncharov (escritor russo), Antonin Leopold Dvorak (checo), os músicos Chopin (polaco), Gustav Mahler e Johann Strauss (austríacos) ... A «fina flor» do século XIX e início do seguinte, logo depois de Carlsbad, sempre mais mundana, e em 1904, lugar de encontro de Eduardo VII, rei de Inglaterra, frequentador algo habitual (campo de golfe de 1905), e Francisco José I, imperador da Áustria, também o imperador russo Alexandre III e o czar Nicolau II, o xá da Pérsia e Umberto II de Itália.

O mito do destino Marienbad foi destruído com a IGG (a que se seguiu o domínio alemão) e não menos com a IIGG (saída dos alemães), a revolução de 1948 e os muitos anos de comunismo que se seguiram: afastamento das clientelas estrangeiras habituais, e domínio de toda uma outra sobretudo feminina e checa, que passava cerca de um mês em balneologia, paga pelo Estado (fonte musical, obra do período comunista), enchendo a estância e alimentando um comércio popular. Depois de 1989, as autoridades cederam dezenas de edifícios à Danubius, grupo hoteleiro húngaro, que revendeu uns e renovou outros, e que gere quase uma dezena de hotéis e muitas centenas de camas (1/3 da capacidade total do lugar), designadamente o Nove Lazne e o Centralni Lazne, ligados entre si por subterrâneos (vasto complexo termo lúdico): Marienbad não tem banhos públicos, as Novas Termas (Nove Lazne) foram privatizadas e adaptadas a hotel.

Actualmente o lugar mantém a ambiência de um certo passado, de um século atrás, elegante, romântico e aristocrático: foi reconhecido como vila em 1865, no início do grande surto termal; conta uma longa avenida de acesso, um parque cuidado, rodeado de construções neobarrocas, neogóticas, neo-renascentistas, muitos hotéis e casas nobres, construídas sobretudo entre 1870 e 1914; beneficiou da ligação por caminho-de-ferro em 1872 a todo o império austro-húngaro e o resto da Europa. Sem dúvida, cidade elegante, frequentada pela elite de Praga, com poder económico, que ocupa os melhores hotéis, alguns russos, e sobretudo muito procurada pelos alemães idosos com poder económico ou com estadas e cuidados subsidiados e por conselho médico: ingestão das águas das muitas fontes, cada uma com as suas propriedades; outros tratamentos nos hotéis, alguns inovadores

como a crioterapia, ou simplesmente orientados para o bem-estar e a beleza; velhas arcadas, teatro, actuações da orquestra sinfónica da Boémia Ocidental, campo de golfe de 18 buracos que remonta a 1905 e à frequentação do rei Eduardo VII (título de Clube Real de Golfe, outorgado pela rainha Elisabete II de Inglaterra), mesmo possibilidades de esqui no inverno.

Marienbad, não apenas um destino termal mas um destino de férias e lazeres variados com vários parques, rodeados de encostas verdes, campos de ténis, velhas arquitecturas palacianas e termais renovadas (Arcadas Termais, em aço e vidro, dos finais do século XIX/1889; museu da cidade, teatro Gogol, casino), intensa actividade cultural de Maio a Outubro (muitos concertos, Festival Mozart e Festival Chopin em Agosto), e importante oferta hoteleira de qualidade, com muitas infra-estruturas de lazer, saúde e bem-estar: Dhsr Nove Lazne/Danubius Health Spa Resort Nové Lázne de 5* de 1896 (97 quartos; renovação em 2006), ou o Esplanade Spa&Golf Resort de 1911, e ambiência Arte Nova, restaurado em 2001 e 2012, com 91 quartos. Mas sobretudo unidades de 4*: Danubius Health Spa Resort Hvězda-Imperial/Dhsr Hvezda Skalnik (239 quartos), Falkensteiner Hotel Grand Spa (168 quartos), Hotel Reitenberger (107 quartos), Olympia Hotel (97 quartos), Hotel Villa Butterfly (96 quartos), Danubius Health Spa Resort Grandhotel Pacifik (95 quartos), Hotel Cristal Palace (88 quartos), Orea Hotel Excelsior (64 quartos), Hotel San Remo (46 quartos), Hotel Continental (41 quartos), Hotel Coop Krivan (30 quartos), Hotel Romanza (30 quartos), Spa Hotel Royal, num edifício de 1911, com várias reconstruções e aumentado em 1998 (23 novos quartos), e no conjunto, 3 edifícios plenamente integrados e uma centena de camas; Residence La Passionaria, apart-hotel (15 quartos), Sant Georg Garni (13 quartos), Villa Sonnenstrahl (9 quartos), muitos por adaptação de anteriores palácios Belle Époque e villas particulares, como em Carlsbad, etc.

Marienbad, sem rivalizar com Carlsbad, mantém todavia um prestígio muito superior a Frantiskovy Lazné, a terceira estância termal da região, bem mais pequena mas também com suas longas avenidas, palácios, a Villa Imperial, a casa Beseda, associada ao imperador Francisco I, a casa Sasky onde ficou Marie-Louise, esposa de Napoleão, alguns hotéis de 4*, como o Imperial, o Pawlik, o Savoy, ou o Tri Lilie, que remonta a 1793 (18 quartos renovados) e foi, frequentado por Goethe em 1808 e Metternich em 1871...

1.2. Estâncias do vale do Reno

Desde a reunificação, a Alemanha afirma-se crescentemente como um importante destino turístico: 31,5 milhões de visitantes internacionais em 2013, com 71,6 milhões de dormidas, perspectivas de 80 milhões em 2020, ¾ da Europa;

apenas 41,7 milhões em 2003 e 34,7 milhões dez anos antes; então acolhera 287 mil turistas da Rússia (França 112 mil; Grã-Bretanha 52 mil), então predominantemente em autocarro e viajando por toda a Europa Ocidental. Combina o MICE (feiras e mostras internacionais, como a da indústria em Hannover, na primavera, e a do livro em Frankfurt no outono) e o lazer, incluindo as visitas a familiares e amigos: dinamismo cultural em Munique e Frankfurt, mas igualmente noutras cidades com notável património cultural e industrial; litorais, Alpes da Baviera, e também as velhas estâncias termais, com ofertas de turismo de saúde e bem-estar em luxuosos e mundanos spas, mesmo turismo médico: população idosa; muitos estrangeiros, nomeadamente russos (os russos com meios procuram os cuidados médicos na Alemanha ou em Israel, a par de clientes dos países árabes). O termalismo mantém uma posição destacada no turismo na Alemanha (350 estâncias termais, quase metade das dormidas; hotéis de 4 e 5*), tendo sabido combinar as múltiplas e inovadoras vertentes terapêuticas e de bem-estar e projectá-las como produto turístico, que atrai de novo centenas de milhares de visitantes, muitos deles russos, nomeadamente nas regiões do Reno-Mosela, Floresta Negra e Baviera. Desde o século XIX, a nobreza e a aristocracia russas, frequentavam as estâncias termais da Europa ocidental, na companhia de escritores de renome, alguns em busca de cura (Ivan Goncharov, romancista), outros de romance e diversão (Ivan Tourguéniev, dramaturgo), até pela oportunidade de frequentar os casinos, proibidos no seu país, e onde perdiam grandes fortunas, alimentando toda uma literatura que só por si atrai e induz a visita de muitos conterrâneos, não menos endinheirados (Fiodor Dostoiévski, 1862, 1866 e 1867 e «O jogador»; Leonid Tsypkine e «Um verão em Baden», escrito entre 1977 e 1980 e inspirado em Dostoiévski).

Bad Ems (Renânia, entre Colónia e Frankfurt), cidade medieval (1324), no vale do Lahn, com banhos reconstruidos pelos condes de Nassau e Katzenelnbogen, nos séculos XVII e XVIII um dos *resorts* termais mais famosos, mundializado como destino estival no século XIX (1870, guerra Franco-Prússia; 1876, interdição da língua ucraniana por Alexandre II da Rússia): Kurhaus/Termas (estilo barroco), de 1711-1720 (2 edifícios unidos em 1912/13, com uma única fachada, e novos banhos muito modernos em 2012), Casino desde 1839, bonitas villas como a «Schloss Balmoral» de 1868, habitada por Richard Wagner em 1877 e actualmente residência de artistas. Lugar de vilegiatura estival da aristocracia europeia e das cabeças coroadas europeias e russas, durante o século XIX: imperadores, czares e reis, bem como artistas e intelectuais. Entre eles: imperador Guilherme I da Prússia, Frederico-Guilherme da Prússia (1819 e 1825), czar Alexandre II (de 1838 a 1876), imperatriz Alexandra, irmã de Guillaume I (de 1828 a 1859), Frederico da Prússia, depois imperador da Alemanha (1887), reis Alberto do Saxe (1881

e 1889), Óscar II da Suécia e da Noruega (1881 e 1894), Leopoldo II da Bélgica (1876 e 1905), Carlos I de Vurtemberga (1875 e 1876), Luís I da Baviera (1840). E também Bettina von Arnim/Elisabeth Katherina Ludovica Magdalena Brentano (escritora e novelista alemã, em 1842), William Ewart Gladstone (político britânico, em 1838), lorde John Naish (da Irlanda, e que aqui morreu em 1890, durante uma estada de cura), Eugène Delacroix (1850), Fiodor Dostoiévski (1874-1876 e 1879), Nicolas Gogol (1843 e 1847), Paul Heyse/Paul Johann Ludwig von Heyse (escritor alemão, 1896, 1897 e 1910), Victor Hugo (1865), Ferdinand Lassalle (político alemão, em 1864), Jenny Lind/Johanna Maria Lind (soprano sueca, em 1849 e 1855), Jacques Offenbach (1858 e 1870), Nicolas Rimsky-Korsakov, Clara Schumann/Clara Joséphine Wieck (pianista alemã, em 1855), Ivan Tourguéniev (romancista russo; 1845), Vassili Verechtchaguine (pintor russo), Richard Wagner (1877), Carl Maria von Weber (barão e compositor de Holstein, em 1825).

A presença de uma elite russa com poder e dinheiro justificou e financiou, uma vez mais, como noutros lugares de vilegiatura (Biarritz, Nice, Cannes, Menton, San Remo...), a construção de uma igreja ortodoxa (1874-1876), inaugurada na presença do czar Alexandre II. Bad Sem, lugar mundano, castelo barroco (Grande Hotel), casino, golfe e instalações excelentes de saúde e bem-estar (terapêuticas e preventivas), com clínicas especializadas, mas uma estância muito longe do prestígio e atractividade de outrora, que pouco motiva os novos turistas russos. Um quadro urbano que envelheceu e se alargou com a fixação a oeste de uma população mineira. A presença russa de curas estivais nas cidades termais da Europa ocidental (como nos sanatórios) terminara em 1914, com a declaração de guerra em pleno Agosto, e as perseguições que se seguiram de imediato ao corpo diplomático, à delegação russa na Exposição internacional de Leipzig, aos banhistas, aos aquistas das termas, aos doentes dos sanatórios e a todos os turistas russos na Alemanha ou atravessando o país.

Mais a sul, encontramos Wiesbaden, junto do Reno, não longe de Frankfurt (40km a oeste), elemento do itinerário cultural das cidades termais históricas (Conselho da Europa): fontes termais, tidas como de efeitos curativos múltiplos, da tuberculose aos problemas respiratórios gerais, ao reumatismo e às artroses; parques cuidados, como o parque termal, com árvores seculares; largas avenidas, edifícios majestosos, o Casino (Kurhaus, com quase 200 anos: «Spielbank»), histórico, famoso, visitado por personalidades como Fiodor Dostoiévski (rivalizava com os casinos de Bad Homburg/Frankfurt, Baden-Baden e Mónaco; fechado em 1872 pelo governo imperial da Prússia, como todos os casinos alemães, e reaberto em 1949), o Palácio ducal, construído de 1837 a 1841 (capital do ducado de Nassau em 1816, que persistiu até 1866; residência secundária do rei da Prússia de 1866 a 1918; parlamento desde 1945), a velha Câmara (1610, renovada nos princípios do

século XIX; registo civil) e a nova Câmara (1884-87, em estilo neo-renascentista), o monumental Kurhaus, com as suas arcadas (actual centro de convenções), construído por ordem do Kaiser Wilhelm II entre 1904 e 1907, a igreja Marktkirche, o Museu da cidade, velhos hotéis-termais, outros como o Grande Hotel Rose, o Hotel Palast, o Hotel Schwarzer Bock ou o Hotel Nassauer Hof, a igreja anglicana, a sinagoga (1869, destruída em 1938: residência de milhares de judeus), a igreja ortodoxa Santa Elisabete (estilo bizantino, mandada edificar pelo duque Adolphe de Nassau em memória da grande duquesa Elisabeth Mikhailovna, da Rússia, sua esposa, morta em 1845: construção 1847-1855), sobre a colina de Neroberg, cópia da catedral do Cristo-Salvador, de Moscovo, com acesso pelo antigo funicular, de 1888), o cemitério russo, com túmulos de membros da corte, da nobreza, de pintores e escritores, e homens de negócio abastados russos do século XIX (local de forte concentração de milionários da época). Como visitantes ilustres, além do Kaiser Wilhelm II, Otto von Bismarck, Richard Vagner, Johann Wolfgang von Goethe ou Johannes Brahms. Na paisagem actual, villas ricas e casas de grandes famílias aquistas «permanentes» de múltiplos estilos, desde logo a villa «Clementina», antigos hotéis, edifícios históricos, a estação de comboios (de 1904-1906), zona pedonal, butiques de luxo (roupas, sapatos, acessórios de grandes marcas, incluindo jóias da Strebel), antiquários, galerias de arte. Como animação, festivais como o famoso Festival do Vinho (uma semana, em Agosto; enoturismo) ou o Festival de Música, por todo o mês de Agosto. Wiesbaden atrai hoje muitos reformados e turistas americanos (afluxos induzidos pela própria guerra), tal como de novo muitos turistas russos (aeroporto desde 1929, no lugar do hipódromo; aeroporto de Frankfurt).

Em pleno coração da Floresta Negra, no sudoeste da Alemanha e apenas a 60km de Estrasburgo, destaca-se por sua vez Baden-Baden, no vale do Oos (riacho), ocupado por um parque com árvores centenárias, fontes termais (vestígios de fontes romanas), palácio do século XVI, inúmeros hotéis de elevado nível, grandes mansões, butiques de luxo, restaurantes estrelados, também casino, construído no início do século XIX, e um dos mais elegantes e sofisticados, o «Monte-Carlo da Floresta-Negra». Baden-Baden tinha apenas 25 mil habitantes, quando começa a afirmar-se como destino moderno de vilegiatura e termalismo, com casino e jogos de fortuna e azar: beneficiou da sua proibição nos casinos de França, em 1838, com Louis Philippe, e muito particularmente no Palais Royal de Paris, até 1872, quando também foram aqui proibidos por imposição da Prússia), atraindo muitos visitantes, nacionais e estrangeiros. A família Benazet fizera então construir um casino com ambiente interior à imagem de Versailles, algo mágico (exterior sóbrio, neo-dórico), no prolongamento das instalações termais, com as suas colunas, que atraiu os amantes do jogo, nomeadamente franceses e russos

(como o fez também o Mónaco), convertendo Baden num destacado lugar de encontro dos grandes da Europa, que também integra a actual candidatura à Unesco das grandes cidades termais da Europa como Património Cultural.

Lugar faustoso e mundano, lugar das elites, lugar cosmopolita; lugar de encontro de soberanos e de políticos (relações internacionais menos protocolares; desde 1856, lugares reservados no casino, com admissão por convite). Desde logo Guilherme da Prússia, de 1856 até 1867, depois na vizinha Ems; famílias imperiais da Prússia e da Rússia; reis Leopoldo da Bélgica, de Wurtenberg, da Baviera (1857); Stephanie de Beauharnais, filha adoptiva de Napoleão I e grã-duquesa de Baden (mulher do grão-duque Carlos I de Baden); também Napoleão III, a rainha Victória e Eduardo VII.

Lugar desportivo, de caça e hipismo; lugar de poucos aquistas e muitos turistas, ao contrário de Wiesbaden e mais ainda de Ems, muito embora fosse de bomtom seguir uma cura em Ems, então uma verdadeira colónia aristocrática russa, antes de vir para Baden e aparecer nas corridas de cavalos ou nas sessões de caça; lugar marcadamente cultural, com bailes, teatro, música, ópera, exclusivos, promovidos pela família Bénazet e com custos sustentados pelos jogos de fortuna e azar; lugar de encontro de nobres, também de milionários e grandes nomes da cultura, da literatura, da música (companhias e orquestras). Ambiente sofisticado, com zonas residenciais elegantes, belas villas e novos hotéis e parques.

A influência francesa na vida artística e mundana (actores e artistas) foi marcante até 1870, a própria clientela era largamente francesa (cerca de 1/3 nos finais dos anos 50): «enclaves franceses em território alemão», atmosfera parisiense, como atesta o festival de música da responsabilidade de Berlioz, de 1853 a 1863; «subúrbio de Paris», à semelhança de Ems e Wiesbaden, até pela fácil ligação por caminho-de-ferro através da ponte de Kehl-Estrasburgo desde 1860; prestígio face à modéstia das estâncias do Hexágono, cuja riqueza hidromineral e medicinal só se afirmará mais tarde, e sem paralelo no cosmopolitismo, mundanidade e diversão. Em Baden como em Ems, cerca de metade da clientela era não germanófila, enquanto em Vichy os não franceses pouco ultrapassavam os 10% nos finais da década de 60, antes da guerra e da proibição dos jogos de fortuna e azar (Nathalie Mangin, 1994). Dominava a língua francesa, como nos salões aristocráticos de toda a Europa, já que falada pelas elites alemã, inglesa, russa. Confirmam-no os jornais da época presentes nos salões de leitura, muito mais franceses e russos que alemães, a par de alguns ingleses, ou os próprios nomes dos hotéis de então.

Influência francesa igualmente no Teatro Baden-Baden, no Hipódromo Internacional de Iffezheim (1858), à imagem de Longchamp, no Clube de Golfe, e também nos velhos Palaces. Como exemplo, o Brenner's Park-Hotel & Spa

(remonta a 1834), antes hotel Stephanienbad (em honra da mulher do Grã-duque Karl, filha adoptiva de Napoleão), em 1857 de hoteleiros franceses, que promoveram a estância entre a grande burguesia de França, nomeadamente parisiense, até à guerra franco-alemã de 1870. Em 1872, em plena crise das relações França-Prússia/Nova Alemanha foi adquirido por Anton Brenner, reganhando dimensão internacional e por último pela família Oetker (grande conglomerado de empresas, incluindo hotéis): centena de quartos e suítes, mármores de Carrara, um mundo de elegância e discrição, a par dos cuidados de saúde e bem-estar (hammam e sauna finlandesa com luminoterapia, spa-médico com ozonoterapia e outros cuidados de vanguarda, mesmo claramente de turismo médico-cirúrgico), jardim privado, restaurantes com * Michelin e outros.

Estância da Corte e «Capital Estival da Europa» (maio-outubro: não apenas lugar de encontro mas lugar dos encontros políticos), enquanto Spa (Bélgica) fora no século XVIIII apenas o «Café da Europa»: procurada pelas realezas, elites aristocráticas e altas burguesias europeias de então, incluindo muitos ingleses (campos de ténis e golfe), entre eles a meia-irmã da rainha Victoria, e nomeadamente a elite nobiliárquica russa (comboios directos de ligação a Paris e a Moscovo), como a imperatriz e czarina Elisabeth, Alexander M. Gortschakov (aristocrata, diplomata), Maria Nikolaevna Romanova (grã-duquesa, filha de Nicolau II), Georgi W. Tschitscherin (escritor), e os grandes da cultura, literatura e música. Recordemos alguns: músicos como Alexander Porfirjewitch Borodin (casado com a pianista Ekaterina Protopopowa, sua conterrânea); escritores como Fiodor Michailowitsch Dostoiévski, o conde Leo Tolstoï, Nikolai Gogol, Ivan Sergejewitsch Tourguéniev (romance com a cantora de ópera Pauline Viardot), Vassili Andrejewich Zhukowskij (também tradutor), Tchékhov, Gogol, Alexander Puskin, Ivan Goncharov (também escritor), no Hotel Europäischer Hof, ainda hoje um dos mais sofisticados da cidade, ou ainda pianistas como Sergei W. Rachmaninov e Arthur Rubinstein no início do século XX. A colónia russa justificou e suportou a construção de uma igreja ortodoxa, inaugurada em 1882, na Bertholdplatz, com muitas sepulturas.

Em 1826, Baden contava 2500 habitantes e 7481 visitantes, e em 1868, 9800 e 56013, respectivamente, 62036 no ano seguinte, clientela de imediato reduzida a metade e seguida de debandada, com a declaração da guerra franco-prussiana: para os franceses que desejem frequentar não as estâncias do seu próprio país como Vichy, Evian ou Aix-les-Bains, mas as estrangeiras mais mundanas ou simplesmente beneficiar do termo-climatismo além-fronteiras, são então admitidas não as da nova Alemanha, mas as então austríacas (Boémia e Marienbad), na viragem do século também recusadas pela aliança da Áustria-Hungria com a Alemanha, e em particular Carlsbad, grande concorrente de Vichy. O prestígio do lugar

manteve-se todavia até à IGG, que pôs fim ao cosmopolitismo da vilegiatura termal europeia, já fragilizado com a proibição dos jogos.

Na paisagem urbana destacam-se o estabelecimento termal Friedrichsbad (1877), na parte mais alta da cidade, palácio neo-renascentista com suas cúpulas orientais, mármores e mosaicos, a Trinkhalle (buvette; galeria com colunas e frescos), o teatro (Hector Berlioz), o Casino (Kurhaus), o palácio Brenners (encontro em 1962 do General de Gaulle e do chanceler Adenauer, para a construção da EU: Brenners Park-Hotel & Spa, 5* e restaurante com 2 estrelas Michelin, da família Oetker), o Hotel Dörint Maison Messmer, 5* (Royal Spa), antiga Maison Messmer, entre o Teatro e o Casino, a Villa Stephanie da grã-duquesa Stephanie de Bade (Beauharnais por nascimento e filha adoptiva de Napoleão), mesmo o bairro francês de Baden-Oos (entre 1945 e 1995), muitas villas neoclássicas, com suas fachadas do século XIX (casos de Parkvilla, pequeno hotel particular), o passeio junto do Oos, ruas comerciais, com seus cafés e esplanadas históricas, como o Capri ou o Goethe.

Ambiente refinado, longas e repetidas temporadas de terapêuticas pelas águas termais e sobretudo de convívio, entretenimento, diversão (e jogo nos salões do Casino: roleta, bacará, póquer; continuidade desde 1950), que se manteve, concorrendo com Vichy ou Abano (Pádua, Itália) quanto ao termalismo, e com Monte-Carlo e Deauville pelo casino, distracções e lazeres desportivos, hotelaria e restauração de elevado nível e clientelas exigentes, e animada vida cultural: 50mil habitantes; as novas Termas de Caracala, em frente do Friedrichsbad, ultramodernas, algo lúdicas e familiares (1985, vidro, chales-saunas, piscina exterior de água termal); a nova ópera-teatro Festspielhaus (palácio dos festivais, 1998), com 2500 lugares, por adaptação e aumento da velha gare do caminho-de-ferro, construída pelo Kaiser Guillaume II (Festival da Primavera, em homenagem a Herbert von Karajan, anual); o museu Frieder Burda (cubo branco, 2004, arte moderna, pintura e escultura), o museu municipal, o museu Fabergé (joalharia, testemunho das presenças russa e francesa), a casa-museu Johannes Brahms, o velho castelo dos duques de Baden, de 1479, objecto de cuidada renovação (embora privada e com capitais do Koweit)...

Baden-Baden, cidade termal, cidade do jogo, cidade da cultura, cidade da moda, também cidade médica com muitas especialidades e técnicas inovadoras e de vanguarda, poupada pelas destruições da IIGG e marcada pela longa presença dos Aliados, em particular pelas forças francesas (até finais de 1999), que prolongaram as heranças do tempo de Jacques Bénazet (1838), e de novo procurada pelos russos, motivados pela história de vida dos seus intelectuais e confronto entre as duas culturas, e pelas novas ofertas de turismo, médico e de bem-estar: a sua crescente ausência desde 2014 (questões políticas/crise Ucraniana e sanções

europeias e igualmente limitações económicas/desvalorizações do rublo e dos preços mundiais do petróleo, afectando a classe média superior) tem naturalmente também aqui, impactos significativos, turísticos e económicos.

1.3 Estâncias da Toscânia

Na Itália Central, ressalta a região da Toscânia, com a forma de triângulo cuja base se estende ao longo dos mares da Ligúria e Tirreno (capital Florença; cidades como Siena e Pisa), presença marcante do Renascimento, paisagens de colinas suaves e vastos vinhedos (Chianti), ciprestes e villas, como destino destacado de turismo internacional, nomeadamente russo, que também procura as suas tradições termais. Montecatini afirmou-se como um dos lugares preferidos pelos novos turistas russos que visitam a Itália: ar Belle Époque, conhecimento das Terme del Tetttucio através do filme «Olhos Negros» (1987), de Nikita Mikhalkov (cineasta russo); compra da Villa Feltrinelli em Argentario por German Borissovitch Kha (petróleo e banca); Svetlena Medvedev, enquanto primeira-dama, e o aluguer de um albergue de luxo (Grand Hotel & La Pace), com 18 quartos, para si e toda a comitiva de 30 pessoas, ao encontro dos benefícios das termas; Sergei Bozhenov, governador de Volgograd (ex. Estalinegrado), festejou o seu aniversário no mesmo albergue (alguns convidados no prestigioso Grand Hotel Tamerici & Príncipe); um banqueiro moscovita terá alugado para uma festa de gastos milionários, com familiares e amigos, toda a villa renascentista Le Maschere, que foi dos Médicis, em Mugello, adaptada a resort de luxo, com 65 quartos, spa, parque e salões, onde não faltaram bailarinas russas e o recrutamento de serviços de helicópteros para idas a Montalcino (burgo medieval, muralhado e com velho castelo; paisagem urbana do século XVI; quadro ambiental de parque natural; vinhos Brunello, famosos desde finais do século XIX; eventos, como o festival anual Jazz & Vinho, em Junho); Irina Berezhna (partido das regiões da Ucrânia) também festejou aqui um seu aniversário; Sóia Rudieva (Sofia Andreyevna Rudieva), miss Rússia 2009, igualmente no Grand Hotel & La Pace, etc.

Tais estadas, combinadas com o interesse dos russos pelo termalismo, como turismo de saúde e bem-estar, sobretudo dos novos-ricos de Moscovo e Sampetersburgo, mas também dos Urais, da Sibéria, da Ucrânia, e do emergente mercado do Cazaquistão, país populoso, com rendimentos crescentes e muitos novos-ricos até à actual crise, levaram a Câmara a promover a abertura à língua e à cultura russas, a instalar o nome das ruas e placas informativas em cirílico, os gestores dos spas e dos melhores hotéis a adaptar a oferta (horários das refeições), a encarar a contratação de médicos e técnicos russos e a intensificar o marketing na direcção dos mercados russo e ucraniano. Desde logo através do FilmVideo (festival inter-

nacional de curtas metragens), da Semana da Moda, música e design, com desfiles de luxo (Dolce e Gabbana, Fausto Puglisi, Loriblu, Rindi Fur, Monnalisa, Roberto Cavalli), exposição de automóveis de grandes marcas (Ferrari, Lamborghini, Maserati), concertos, jantares de gala, presença de miss Itália 2013, festival de Ópera, dedicado à Rússia em 2014 e com a colaboração dos teatros de Sampetersburgo (Marianske e Ermitage).

Montecatini Terme, na base da aldeia medieval Montecatini Alto (a que está ligada por funicular desde 1898, ao longo de 1km), dispõe de águas tidas como curativas desde pelo menos o século XVI (primeiros banhos), com suporte em estudos médicos (no século XVIII), traduzidos na construção de novos balneários (quase uma dezena) e na sua afirmação como lugar de turismo: muitos edifícios Arte Nova, campos de golfe e hipódromo; concertos e festivais; hotéis-balneários com ofertas modernas de fangoterapia, presoterapia, entre muitas outras; comércio de luxo; proximidade de cidades patrimoniais e de aldeias medievais, além de Versilia; quintas vinícolas e enoturismo (vinhos famosos, como o Chianti). Relevem-se: termas Leopoldinas, que remontam a 1765-1784 e ao grão-duque Pietro Leopoldo I; termas de Tetttucio, de estilo Belle Époque, como um palácio neoclássico, no meio de um parque; termas Excelsior, de estilo Arte Nova; termas Regina e Rinfresco. Igualmente, muitas dezenas de hotéis, nomeadamente de 4 e 5 *, casino (Kursaal), teatros e grandes parques e jardins; atracção das mais importantes famílias toscanas e estrangeiras; ambiente aristocrático, elegante e refinado; 75 mil entradas de não residentes em 1926. Ponto de encontro de renome internacional, o lugar atraiu visitantes de prestígio, do mundo da cultura, do poder e do espectáculo: grandes músicos, pintores ou escritores, como Giuseppe Verdi, Pietro Mascagni, Ruggero Leoncavallo, Trilussa, Beniamino Gigli ou Luigi Pirandello; políticos como Benito Mussolini, em 1930, os príncipes Rainier e Grace e Henry Kissinger; Rene Magritte (artista surrealista belga) e Marie Curie (cientista polaca-francesa); estrelas de Hollywood como Audrey Hepburn, Robert DeNiro, Douglas Fairbanks; grandes nomes da moda, como Christian Dior (anos 50, tendo falecido em 1957, no Grand Hotel & La Pace)...

Alguns outros procuram os Bagni di Lucca, no vale do Lima (província de Luca, a 6 km de Pisa, 10km do aeroporto Galileo Galilei e 12 km de Lucca), já importantes no século XIII como destino de curas termais, acolhendo nomeadamente pobres e peregrinos, por vontade da condessa Matilde (despesas sustentadas então por receitas de jogo: primeiro casino controlado pelo estado), a eficácia dos tratamentos sendo reconhecida desde os princípios do século e publicitada pela diplomacia de Lucca junto das cortes europeias, enquanto a nobreza local fazia construir as suas residências estivais renascentistas, onde eram recebidos, ao longo dos séculos XVI a XVIII, soberanos, papas e cardiais de toda a Europa (antes

da multiplicação de hotéis), muitas visitáveis, com os seus parques: Villa Reale, de Elisa Baciocchi, princesa de Lucca-Piombino, construída em 1811, incorporando uma outra dos condes Orsetti, depois vendida aos marqueses Maurigi; Villa Ada, Villa Ducale, Villa dei Fiori, Villa Webb, Villa Grabau, originalmente de 1412, Villa Oliva, também do século XV, Villa Mansi do século XVI, Villa Bernardini, de 1615, villas Medici dos séculos XIV a XVII, Villa Torrigiani, de arquitectura barroca e inspiração no Palácio de Versailles, etc.

Termas notáveis ao longo do século XIX, sobretudo durante a ocupação francesa, já que residência de verão da corte de Napoleão e da sua irmã Elisa Bonaparte Baciocchi, no período 1805-1814, quando foram reestruturados os estabelecimentos termais, introduzidos o corso carnavalesco entre Villa e Ponte e o teatro/ópera, de novo durante o ducado de Carlo Ludovico, de 1826 a 1847, construído um novo casino (1839, Régio Casino, com jogo em moeda francesa e inglesa), que fechou em 1853 e reabriu em 1861, a Ponte delle Catene, em 1840 (acabada em 1860), além do Teatro Académico (1790), do Clube dos Forestieri (palácio com Casa de jogo invernal até 1912 e reservado aos frequentadores das termas, reconstruido em 1923-24 mas fechado definitivamente em 1953, para dar lugar a um restaurante); iluminação eléctrica pública logo em 1886, etc.

Os Banhos de Lucca foram uma das termas mais e melhor frequentadas de toda a Europa («terra de príncipes e poetas», no século XIX): Montaigne, Dante, grã- duquesa Della Rovere (grã-duquesa de Toscânia, por casamento com Fernando II de Médici), Letícia Ramolino, mãe de Napoleão, Metternich (príncipe austríaco), rainha Vitória, czares russos; poetas como Byron, Shelley, Lamartine, Dumas; compositores como Rossini, Verdi, Puccini, Paganini, Strauss, Liszt; os papas Sisto IV e Sisto V, Rosa Marie Cleveland (irmã do antigo presidente dos EUA). Destino de férias termais muito procurado também por ingleses (terapias justificando longas estadias): igreja anglicana (1840), cemitério dos ingleses (1842), Clube dos Ingleses (1840). Organiza-se em 3 núcleos: Bagni na Villa, zona central; Ponte em Serraglio (zona do Casino); e Bagni Caldi (zona das termas).

O processo de desenvolvimento fora desacelerado com a integração no reino de Itália. E os ritmos largamente perturbados na primeira metade do século XX, com as duas GG, a crise económica e a desvalorização dos tratamentos termais, a par da afirmação de outras práticas e lugares de férias: o casino fechou em 1953 e só reabriu em 2009; também fecharam muitos estabelecimentos termais, enquanto outros adaptaram-se a novas procuras (hospital Demidoff, mandado construir em 1828 pelo príncipe Nikolai Demidoff, polÍtico e filantropo russo, como hospital para pobres e actualmente centro de medicina holística); máximos demográficos nos anos 20 do passado século; redução progressiva da ordem dos 50% até 2011 (então uma centena de ingleses residentes).

Os Bagni di Pisa ou de San Giuliano Terme destacam-se pelo palácio do grão-duque da Toscânia, de meados do século XVIII, rodeado pelo Parque das Oliveiras: residência estival (tectos afrescados e muito mármore); novas instalações termais; o Café House, reservado aos aquistas; novos arruamentos; muitas villas nas encostas; banhos frequentados pela velha nobreza da Europa ocidental. O palácio ducal funciona actualmente como hotel e spa de luxo: Bagni di Pisa Palace & Spa, com 61 quartos e suítes, as vertentes médica, de massagens e tratamentos estéticos, e o hammam dos grão-duques, numa gruta termal natural, mais um dos seus atractivos.

2. Biarritz, velho destino de turismo russo timidamente redescoberto

Biarritz, no sudoeste francês, não longe da fronteira com Espanha (18 km) e de San Sebastian (50km), a 5h de Paris pelo TGV, com aeroporto local servido por muitas ligações low cost (indirectamente também por ferry de Plymouth ou Portsmouth, através de Santander), é um destino de praia bastante procurado, mas sem as multidões estivais da Côte d´Azur, entre a costa rectilínea, baixa e arenosa a norte, até ao Gironda (200km, dunas, Landes), e a de arribas calcárias acompanhadas de ilhéus rochosos a sul: topografia de colinas, posição de anfiteatro virado ao oceano e aos ventos atlânticos; pequenas baías e praias de areia fina, como a Praia Grande; amenidade dos invernos e algum calor estival. Foi lugar de vilegiatura outono-inverno e praia de reis, reconhecido como estância hidrotermal e climática desde 1912 e é hoje destino balnear moderno, marcadamente familiar, e de residência de reformados no inverno: resort mais famoso da costa basca, também conhecido internacionalmente pela talassoterapia (dois centros de referência: Thalmar e Thalassa), que regista procura crescente, e desde meados do século passado (mais precisamente a partir de 1956), também pelo surf, ao longo de todo o ano; a «Capital do surf da Europa», concorrente com a Nazaré, Peniche e a Ericeira.

A evolução da população da freguesia de Biarritz (INSEE e Cassini) traduz a sua afirmação como destino de férias: 1181 habitantes em 1800, 2047 em 1851, 4659 em 1872, 12800 em 1901, 15000 em 1906 e 18260 em 1911, valor que quase se manteve em 1921; em 1930, elevava-se a cerca de 23 mil habitantes, tal como em 1954, mas nos finais do século alcançava 30 mil, para em seguida descer a 25 mil em 2009 (-1,7% de média anual entre 1999 e 2009). Trata-se de uma população largamente idosa (a de 60 e + anos representa 1/3 dos homens e 45% das mulheres; 27% e 37, 8 % com 65 e + anos) e reformada (famílias segundo a categoria socioprofissional da pessoa de referência: 48 %). Às residências secundárias e alo-

jamentos ocasionais correspondiam em 2009, 40% do total de alojamentos (29,9% em 1999, apenas 18% em 1968, quando o número de alojamentos era de 12.770, mas 24.202 em 2009).

Na história de Biarritz como destino turístico distinguem-se diferentes períodos: de meados do século XIX até à IGG, que põe fim à estrutura social diferenciada cujas elites prestigiaram a estância; o período entre as duas GG, nomeadamente os Anos Loucos, pela presença da nova burguesia e de gente das Artes, da Música, das Letras; a IIGG, com a ocupação alemã, as pilhagens e destruições, as mudanças das estruturas económicas e sociais, o aniquilar e o afastamento das velhas famílias; depois, os 30 Gloriosos, de prosperidade e fausto uma vez mais, mas sobretudo democratização das férias e massificação dos afluxos. A estes junta-se mais recentemente a nova oligarquia e burguesia russas, numa renovação do passado distante, a que também não é indiferente a condição de destino de surf prestigiado, além de destino de golfe e de talassoterapia, e mesmo destino cultural.

Biarritz conta com uma hotelaria de luxo, desde o Hotel do Palais, um Palace numa anterior residência imperial, e o Sofitel Miramar ao Château du Clair de Lune, numa casa senhorial do século XIX, com jardim e parque, ou ao Beaumanoir, pequeno hotel de charme, de 5* (6 quartos e suítes), aberto da Páscoa até Todos os Santos, um oásis de calma e luxo, num castelo de 1885 e seus estábulos, que foi da marquesa de Moratalla, e que evoca toda a distinção do lugar na segunda metade do século XIX: acolheu a família real da Bélgica, Jacques Chirac (2007) e muitas outras personalidades como Yannick Noah (tenista), Catherine Deneuve ou Johnny Hallyday; a clientela é sobretudo estrangeira (80%), do Norte (suecos, noruegueses), britânicos, e até à recente crise também do Leste (russos, letões, ucranianos), dos Emirados Árabes ou da África do Sul; em matéria de serviços, procura competir com a comodidade de uma residência secundária, com mordomos e serviço de Rolls-Royce.

2.1. O despertar do turismo balnear

No povoamento regional dominava Bayonne, na confluência do Nive e do Adour, pelo menos desde o século XIII um importante porto comercial. O dinamismo urbano deveu-se à acção dos seus marinheiros e dos refugiados judeus da Inquisição Espanhola (desde meados do século XVI) e manteve-se até aos finais do século XVIII, quando foi perturbado pela revolução francesa, fixação da nova capital regional em Pau, destruições dos exércitos de Wellington. Biarritz era apenas um pequeno porto de pesca, com o correspondente aglomerado de pescadores, na costa exposta aos caprichos do oceano, com dois núcleos, em torno da

igreja de Saint Martin e do porto de pesca, sob a protecção do castelo de Belay ou Ferragus e do velho farol de 1650, dedicado sobretudo à captura de baleias na costa, a partir da baía do Porto Velho e da sua pequena praia entre rochedos e desse modo protegida das vagas, para onde aquelas eram arrastadas na maré alta e onde eram desmanchadas e transformadas (fornos, fumeiros, ânforas para a gordura). Esta actividade local durou até meados do século XVII, mas prolongou-se pela Terra Nova até finais do mesmo, para desaparecer em seguida, arrastando com ela a degradação das condições de vida da comunidade local. Em 1752, fora constituída pelos pescadores a confraria de "Saint-Pierre", mas nos finais do século, quando a aldeia contava cerca de mil habitantes, apenas funcionavam 4 barcas; uns trabalhavam em Bayonne e em Saint-Jean-de-Luz, alguns outros viraram-se para a pirataria e um pouco de contrabando, pela fronteira com Espanha. A pesca perdera definitivamente importância local, não obstante os esforços feitos posteriormente na melhoria das condições portuárias, com a construção de um pequeno cais e diques de protecção (1837, dique de 7m; 1858, dique de 30m) no porto dos pescadores, e a construção em 1834 de um novo farol (73m de altura) no cabo Hainsar.

O desenvolvimento do lugar assentou na valorização da sua condição litoral pelo tratamento de todo o tipo de doença, real ou imaginada, e melhoria geral da saúde dos visitantes-residentes. Para o início do século XVII há referências a banhos de mar de jovens dos dois sexos, reprovados pela pouca decência para a época das roupas então usadas (mesmo da nudez do banho), que terão continuado a banhar-se sem adequadas condições para mudança de roupa, aliás recusadas pelas autoridades em 1774. Há também referências ao mergulho de deficientes mentais e alienados nas ondas da Praia Grande e a deslocações regionais ritmadas com vista ao banho de mar, durante a maré cheia. Nos finais do século, houve uma certa banalização desta prática, nomeadamente por razões médicas. Biarritz acolhia então visitantes ilustres, como o próprio imperador Napoleão1 em 1808 (recomendado pelos médicos) e a duquesa de Berry em 1828; depois, em 1835, durante a guerra civil, certos «grandes» de Espanha, como os condes de Montijo, com a futura imperatriz, e muitos outros refugiados (Pierre Laborde, 1984). Pouco depois, Stendhal e também Victor Hugo (1843), encantado pela «aldeia branca e telhados vermelhos», a paisagem, a doçura do clima, o conforto dos pequenos hotéis, e receoso que entrasse na moda e perdesse a sua imagem algo agreste e rústica, como sucedera em Dieppe e Ostende, com rampas nas dunas, escadas nas arribas, quiosques nas rochas, bancos nas grutas.

Biarritz fora entretanto descoberto pelos ingleses, sensibilizados pelo pitoresco da aldeia e a suavidade excepcional do clima: ainda em 1813, no seguimento da aliança com Espanha contra Napoleão Bonaparte, que levou à sua queda em

1814; depois, muitos médicos ingleses aconselhavam estadas locais, precisando número de banhos por dia, duração dos banhos e uso dos banhos quentes; além dos banhos de ondas, também «banhos de areia», no sentido do enterrar quase total do corpo, com protecção do sol. A intensificação da prática balnear iria em breve justificar a criação de uma nova sociedade de nadadores-salvadores (1844) com a incumbência de vigiar a praia do Porto Velho, a Praia Grande e a praia dos Bascos, a sul, e no ano seguinte a instalação municipal de «cabines ou tendas» nas praias. E a criação desde 1858 de estabelecimentos de banhos. Desde logo na Praia Grande: os «Banhos Napoleão» (1859), em substituição do alinhamento das barracas de madeira (estilo mourisco, dois pavilhões ligados por uma galeria de 50m, coberta, com colunas, e aberta para a praia), nos finais do século muito degradados e a necessitar de reconstrução (explorados pela Société des Bains de Mer, gerida pelo marquês de Saint-Jean Lents), dando lugar ao Casino Municipal, inaugurado em 1901. Banhos igualmente no Porto Velho (1859; banhos de Madame Larrebat) e na Costa dos Bascos (1865). Na Praia Grande surgiram também ofertas de banhos quentes: água doce e água do mar bombeada com auxílio de um engenho movimentado continuamente por um cavalo; aquecimento da água a carvão, transportado de longe; em 1874, junção de apartamentos mobilados no piso superior e diversificação da oferta, com banhos de vapor, banhos medicinais, duches de algas do mar, fumigações, que preludiam a moderna talassoterapia.

2.2. Napoleão III, a Imperatriz Eugénia e o lançamento de Biarritz como «estância de reis»

No início dos anos 50 (1854) o casal imperial Napoleão III e Eugénia (natural de Granada, condessa de Teba e Marquesa de Ardales, também condessa de Montijo pela cedência do título da irmã após casamento com o Duque de Alba e Berwick) instalou-se em Biarritz para uma estada estival de dois meses, domiciliando no castelo de Gramont, do presidente da Câmara de Bayonne; fez em seguida construir a Villa Eugénie, num domínio de 15ha (posteriormente parcelado e urbanizado), no extremo da Praia Grande, para residência de vilegiatura estival (1855-1868). A sua presença sazonal induziu a de muitos súbditos (nobres, militares, altos funcionários), de diplomatas como Otto von Bismarck (1865) e de muitas cabeças coroadas de toda a Europa, em visitas oficiais ou atraídas pelos efeitos benéficos do clima, do ar e dos banhos no Atlântico, e não menos pela ambiência aristocrática e festiva: reis, príncipes, grã-duques e imperadores, toda a nobreza das ilhas britânicas, do Vurtemberga, da Bélgica, da Dinamarca, de Espanha, da Rússia, da Prússia, da Áustria, da Sérvia ou da Roménia; grandes da indústria, da alta finança, das companhias dos transportes marítimos e dos caminhos-

-de-ferro, a grande burguesia da Europa e dos Estados-Unidos. Deslocações facilitadas com a chegada do comboio (primeiro a Bayonne e poucos anos depois a Biarritz, pela gare de La Negresse): a ligação a Paris por Bayonne fora assegurada em 1856 (as viagens passando de pelo menos 8 dias a 15 horas) e a Madrid em 1864; desde 1865, os comboios serviam directamente Biarritz com as suas três classes, de diferente conforto e custo. Recordem-se em particular os comboios especiais organizados para certas personalidades, como a imperatriz Eugénia, a rainha Vitória, Natália da Sérvia ou a imperatriz Maria Feodorovna, mãe de Nicolas II, com as suas numerosas comitivas.

A vida aristocrática e mundana manteve-se e intensificou-se após a queda do império: Isabel II de Espanha, rei consorte François d'Assise de Bourbon (pai de Afonso XII), o príncipe das Astúrias, futuro Afonso XIII, além da duquesa de Alba (irmã da imperatriz Eugénia); Eduardo VII (5 épocas na antiga villa imperial, transformada em hotel desde 1893: Hotel du Palais), a rainha Vitória (1889), a princesa Frederica de Hannover, a imperatriz da Áustria (Sissi), o rei de Vurtemberga, Leopoldo I da Bélgica, os reis de Portugal, o príncipe do Mónaco, o príncipe Orloff (diplomata em Paris) e os grã-duques russos; grandes nomes do Gotha europeu (Montebello, Duchatel, Noailles, Rohan, Castries); vários Presidentes da República desde 1873, como Thiers, Sadi Carnot, Poincaré, Georges Clémenceau, Deschanel, Delcassé; mesmo Léon Blum em 1926, para uma cura em Hélianthe; Prosper Mérimée (dramaturgo), mais tarde Alexandre Dumas, Zola, Sarah Bernhardt ...

Biarritz era então a estância atlântica mais internacional, mundana, de festa, jogo, diversão, para franceses, ingleses, russos, espanhóis e italianos. Estância claramente aristocrática, encontro de cabeças coroadas do Continente, mas já então também uma alta burguesia ocidental em busca de férias socialmente promocionais: vida despreocupada, sofisticada, faustosa e mundana no início do século XX (1900-1904), promovida localmente pelo marquês Pierre d'Arcangues e Félix Léglise (soirées de gala, jantares sumptuosos, festas); e com excessos para a época, do ponto de vista da moral religiosa, no alargar dos decotes e no encurtar das saias, «como abat-jours», nos batons, nas práticas desportivas, na banalização do uso de calções e camisa entre os homens.

Lugar inclusive de celebração de casamentos reais, como o do príncipe Alexandre Bariatinsky com Catherine Yourievski, filha do czar Alexandre II, na igreja ortodoxa local. E também lugar de refúgio, como o da rainha Natália da Sérvia: casara em 1875 com o príncipe Milan IV Obrenović que em 1882 se tornou rei (Milan I). Oposições políticas conduziram à sua expulsão da Sérvia em 1891, e ao seu exílio em Biarritz (1892), antes de se tornar regente em nome do príncipe Alexandre (filho de ambos, nascido em 1876), num contexto favorável à Rússia

mas incerto. Em Biarritz Natália instalara-se no castelo Sacchino, do farmacêutico Jules Moussempès, antes Castel Biarritz, depois com a sua presença, Pavilhão Real (1877), em Bidart, a sul. Com a morte em 1901 do ex-rei Milan (exilado em Viena) e o assassínio do filho Alexandre em 1903, Natália tornou-se a única herdeira da dinastia dos Obrenović, que não prolonga (converteu-se ao catolicismo e repartiu todo o património).

A guerra interrompeu o crescimento da estância, retomado após 1918 mas de novo perturbado com a crise dos Anos 30. Desaparecera parte da clientela que vilegiava habitualmente em Biarritz, no Verão, no Outono, na Primavera, mesmo no Inverno, conforme os países de origem e os outros lugares também eleitos, nomeadamente termais, dos Alpes ou das costas mediterrâneas. Acabavam igualmente a mentalidade romântica do século XIX e muitos valores da Belle Époque: paz, progresso técnico, crescimento económico, extensão das redes de caminho-de-ferro, aparecimento do automóvel, facilidades das deslocações a preços reduzidos, custo de vida em França relativamente baixo, pelo menos face ao Reino Unido, a par de maior acolhimento para os súbditos britânicos, sofisticação, fantasia. Os Anos Loucos revelam-se tempos de liberdade e transgressão, mesmo tolerância sexual: ascensão da mulher na sociedade ocidental, direito ao divórcio e ao voto, encurtar das saias, aumentar dos decotes, libertar os braços nus, pintar os lábios de carmim, marcar os olhos de preto, delinear as sobrancelhas a lápis, pintar as unhas, cortar o cabelo, valorizar a cor da pele, fazer dietas para emagrecer, dançar o charleston, fumar, usar cores fortes, meias de seda, cremes e perfumes... Foi a década de Chanel, dos seus estilos simples, não marcantes das formas, dentro da racionalidade, simplicidade, minimalismo, geometrismo, produção em massa....

Em Biarritz aumenta a presença das velhas elites russas, fugidas à Revolução e ao comunismo, agora no geral bem menos abastadas e mais discretas, como por toda a Costa Basca e na Côte d´Azur, depois de passagem por Paris, tida como mais insegura e bem mais dispendiosa. Mas aumenta sobretudo a da grande burguesia, dos políticos, das gentes das Artes e dos Espectáculos, com um novo gosto de viver e a valorização de um novo mundanismo. Ainda grandes bailes, mas com novas danças e ritmos, recepções, soirées. Não mais as cabeças coroadas de antes, mas magnatas do mundo da indústria, do comércio e da finança, alguns latino-americanos (Aramayo, Patino, Olazabal, Beistegui), celebridades e estrelas, vedetas do cinema, das letras e das Artes: ainda o grão-duque Dimitri Pavlovitch da Rússia, exilado; alguns marajás; Winston Churchill, Poincaré, Clémenceau Jules Ferry; Alexandre Dumas, Zola, Stravinsky, Nabokov (escritor), Picasso, Sarah Bernhardt, Cécile Sorel, Charlie Chaplin, Kipling, Frank Sinatra, Sacha Guitry («Quand on hésite entre deux plages, l'une d'elle est toujours Biarritz»)... Biarritz concorre

então com Cannes, Nice e Deauville, na atracção do jet- set e até no comércio de luxo, com presença dos grandes costureiros (Coco Chanel, Patou, Poiret).

A crise dos anos 30, a guerra civil de Espanha e a IIGG quase puseram fim a toda esta vivência e mundanidade. A cidade foi ocupada pelos alemães de 1940 a 1944 e depois duramente bombardeada pelos americanos; muitas villas foram pilhadas e degradadas, nomeadamente as vizinhas do Hotel du Palais, sede do comando alemão, ou do Hotel Regina, tal como os principais hotéis e casinos; no final da guerra a cidade acolheu os serviços de informações e educação do exército dos EU, num campus universitário para cerca de dez mil soldados desmobilizados, de modo a facilitar a transição entre a vida militar e a entrada numa universidade americana, fechado em Março de 1946.

A rivalidade do município face ao de Cannes quanto à organização do Festival Internacional do Filme, levou a acolher a proposta do cineclube Objectif 49 de realização do Festival do Filme Maldito (filmes experimentais, inéditos, inovadores, vanguardistas, mas sem procura comercial), sob os auspícios do poeta Jean Cocteau (presidente) e do marquês de Arcangues, enquanto presidente do Sindicato de Iniciativa, em Agosto de 1949, no Casino Municipal, e que trouxe a Biarritz François Truffaut e Eric Rohmer: durante uma semana, à margem do festival, bailes, recepções, diversões variadas, de modo a dar à cidade alguma animação e um pouco da projecção mundana do passado. Festival repetido apenas em 1950, sob o nome de «Le rendez-vous de Biarritz».

No imediato após guerra reaparecem também as festas sumptuosas, como as do Marquês de Cuevas: exotismo, frivolidade, elegância, ostentação, fantasia. Referimo-nos a Jorge de Piedrablanca de Guana, cidadão americano de origem chilena (1940), mecenas e fundador de uma escola de dança e de uma companhia de ballet, o Grande Ballet do Marquês de Cuevas em 1944, ligado por casamento em 1927 à família de John D. Rockefeller. A sua companhia actuava habitualmente em Biarritz durante uma semana em Setembro: em 1953 promoveu um baile de máscaras, com fatos do século XVIII, em Chiberta, como um espectáculo teatral, para tal explorando o lago/Lago dos Cisnes. Para o mesmo convidou milhares de pessoas ilustres, como o ex-rei Pierre da Jugoslávia, o rei Farouk do Egipto, o rei Michel da Roménia, o príncipe Aga Khan, o Marquês O'Reilly (título criado em 1877 por Afonso XIII a favor de Maria das Mercedes O'Reilly y Ruiz de Apodaca), a duquesa de Argyll (alta sociedade britânica, casada com Douglas Campbell, aristocrata inglês, duque de Argyll, de que se divorciou em 1963), e toda a nobreza local; também muitas «estrelas», como Rita Hayworth, Frank Sinatra, Gary Cooper e Bing Crosby, a actriz Gabrielle Dorziat (teatro de Paris), jornalistas como Elsa Maxwell (americana); e duas centenas de lacaios-guardas. Excessos ostentatórios reprovados então pela própria Cécile

Sorel (comediante parisiense tida como muito extravagante e sensacional em público) e o Vaticano.

Afirmou-se todavia um outro turismo bem mais democrático (redução das horas de trabalho, alargamento dos fins-de-semana, novas acessibilidades, com as auto-estradas, o TGV, as low-cost). Muitos dos velhos hotéis foram arrasados ou vendidos como apartamentos, e alguns convertidos em lares da Terceira Idade. Também o foram muitas das velhas villas e palácios, enquanto outras passaram a pequenas unidades hoteleiras, mais populares ou mais elitistas. Em 1968 contavam-se apenas nove hotéis de 3* e +, contra dezassete em 1958. Posteriormente, as novas construções hoteleiras reforçam a componente hotel-apartamento e residencial, sobrepondo-se às poucas unidades de prestígio, do passado ou modernas.

2.3.Principais colónias visitantes: espanhóis, ingleses e russos

Para além dos visitantes nacionais, marcaram presença numerosa em Biarritz os espanhóis, os ingleses e os russos. Cerca de 62% dos que aqui vilegiavam na segunda metade do século XIX eram franceses; seguiam-se os ingleses e os espanhóis (entre 7 a 18%), apesar da proximidade; também os russos se fizeram numerosos, marcando decisivamente a sua ambiência internacional e aristocrática (condes franceses, lordes ingleses, duques espanhóis, grã-duques russos, grandes empresários dos EUA...). Se as estadas dos espanhóis eram sobretudo estivais, os ingleses e os russos dominavam na paisagem urbana nas estações intermédias, mesmo no inverno, como depois também os americanos.

P. Laborde refere para o verão de 1858, quando a aldeia contava apenas cerca de 3 mil residentes, a presença de 8041 pessoas de fora, sendo 6787 franceses e 1254 estrangeiros, entre os quais 354 ingleses, 352 espanhóis, 267 russos, 84 latino-americanos, 53 romenos, 38 da Prússia, Saxe e Brandeburgo, 13 da Bélgica, 18 de Itália, 15 da Suíça, 23 dos Estados Unidos. Em 1895 (40 anos depois) o seu número elevava-se a 27,9 mil, estagnando em seguida até 1901 (16 mil em 1879, 22, 5 mil em 1889): como valores médios antes de 1914, aponta 3 a 5 mil ingleses (de 4 mil a 9 mil depois), cerca de um milhar de russos (nos princípios do século, mas 1600 em 1910), alguns americanos, raros alemães (indesejados em França, na continuidade da guerra 1870-71) e 5 a 6 mil espanhóis (18.260 habitantes em 1911). Para os finais dos anos 20, a par de 21 a 34 mil franceses, 8 mil espanhóis e 7,5 a 8,5 mil ingleses, 3 a 6 mil americanos e 6 a 15 mil estrangeiros de outras nacionalidades.

Biarritz funcionou para os espanhóis como lugar de refúgio em momentos políticos conturbados, lugar de excursionismo, nomeadamente para os residentes na vizinha San Sebastian (1864, ligação por caminho-de-ferro a Madrid), e lugar de vilegiatura e encontro da alta sociedade espanhola em férias, muito em função

de problemas políticos, económicos, militares, de saúde pública, de valor relativo da moeda, de fragmentação do império e perda das colónias, etc. A presença de refugiados políticos espanhóis foi importante desde 1818 (liberais/absolutistas), depois de 1833 (Isabel II versus D. Carlos), entre estes a condessa de Montijo, com a sua filha Eugénia, futura esposa de Napoleão III, e depois de 1866, nos anos finais do reinado de Isabel II, mais de centena e meia e todo um ir e vir clandestino e legal entre Biarritz e San Sebastian. Nos anos 90 referem-se 2500 a 3 mil presenças, quando San Sebastian funcionava como principal lugar de vilegiatura da aristocracia espanhola e em particular de Madrid.

Merecem então destaque os reis de Espanha, Maria-Cristina, esposa de Afonso XII, filho de Isabel II (hotel Gardères), em 1904, com a infanta Maria-Teresa; Afonso XII e Afonso XIII, este com grande assiduidade até 1930; membros do governo, políticos, embaixadores, muitos aristocratas, negociantes, etc. Pablo de Sarasate, violinista de Pamplona, também fazia férias na sua «Villa Navarra» de Biarritz, no meio de jardim privado, onde morreu em 1908. No início do século XX, dezenas de espanhóis possuíam património em Biarritz, certamente imobiliário: 22 proprietários em 1883 e 34 em 1900. P. Laborde aponta também para 7-8 mil o número de espanhóis fazendo férias estivais em Biarritz entre 1926 e 1929, contra apenas 1500 em média durante a IGG e 6500 em 1920. Depois, crise económica, implantação da república, guerra civil, IIGG e ocupação alemã, fechar da fronteira como represália sobre a posição de Espanha durante o conflito e continuidade das dificuldades de travessia da mesma até aos anos 70.

No verão de 1858 (Junho a Outubro) contavam-se também algumas centenas de ingleses e o ambiente era tido como acolhedor, de liberdade e discrição; em 1862 ressalta a presença do médico Charles Girdlestone, responsável pela vinda de muitos compatriotas, como Jean Hampton e Réginald Henry Thorold, que em conjunto adquiriram em 1880 o castelo das Falaises; em 1867, o banqueiro Edmund Hook Wilson Bellairs, que mandou construir um pequeno castelo, fundou em 1872 o clube inglês de Biarritz e foi vice-cônsul de Inglaterra; em 1879, o casal John Pennington Mellor mandou construir a villa Françon, junto do lago Mouriscot; nos anos 80, Andrew Fairbairn, parlamentar, comprou o domínio das Fontaines, lugar de grandes festas e recepções da colónia britânica, nomeadamente em 1885, 1895 et 1896; em 1883, Momber, negociante, aqui fixou definitivamente residência, tal como Frederica de Hannover, princesa da Grã-Bretanha e da Irlanda (até 1926). Nos finais do século XIX residiam em Biarritz alguns ingleses afortunados.

Na primavera de 1889 a rainha Victória visita Biarritz, acompanhada por uma comitiva numerosa, de quase sessenta pessoas (mobiliário, carruagem e burro), chegando em comboio especial à gare da Negresse, onde foi recebida pelo conde

da Rochefoucauld (e daí a Avenida Victória): durante a estada frequentou a igreja anglicana Saint-Andrews, passeou pelo Rochedo da Virgem, visitou o castelo Boulard, passou tardes com o general Bourbaki em Bayonne, foi em comboio especial até Saint-Sebastian, ao encontro da rainha Maria-Cristina de Espanha. O rei Eduardo VII, seu filho, enquanto príncipe de Galles, procurou habitualmente Biarritz para fugir aos frios e nevoeiros de Inglaterra, chegando também em comboios especiais, com passagem por Paris, ainda em 1879 e mais tarde, durante cinco anos seguidos, entre 1906 e 1910 (estadas de 27 a 48 dias): trabalho, encontro de amigos, excursões, idas ao campo de golfe, jogo de croquet e de pólo, corridas de cavalo, visitas a Afonso XIII e à rainha Cristina em Saint Sebastian. Eduardo VII patrocinou inclusivamente a criação local do Lar de doentes ingleses (King Edward's Nursing Home). Também o seu irmão, o duque de Iorque, futuro George VI, frequentou Biarritz (1920, villa Hélianthe Royal-Biarritz), assim como mais tarde Eduardo VIII, uma presença regular até à sua morte (1972).

Igualmente a presença de muitos russos: nobres, militares, altos funcionários do regime, sobretudo em Setembro e Outubro, desde o Segundo Império, nomeadamente no decurso dos anos 1860 (aristocracia de visita a Napoleão e Eugénia), e já nos anos noventa, na continuação da aliança franco-russa (1892, Alexandre III). Russos alojados nas villas e hotéis, como o hotel dos Embaixadores, o Continental e o Carlton, convivendo entre si e ostentando a sua riqueza em grandes festas, jantares sumptuosos, bailes elegantes, espectáculos de fogos de artifício, na própria igreja ortodoxa que em 1892 substituiu, como lugar de culto, um salão/capela da villa Eugénia, usado desde 1887 (villa então adquirida pela Société de Banque Parisiense, com o propósito de a converter em Hotel): igreja de carácter bizantino (cúpula azulada), localizada na avenida da Imperatriz, em terrenos que foram do domínio imperial, e edificada com meios assegurados pelos russos residentes e outros recolhidos em Saint-Petersburgo e a intervenção pessoal do próprio czar Alexandre III e da imperatriz Maria Feodorovna, sua mulher e mãe de Nicolas II.

Desde os finais do século, um quarto da população de Biarritz falava russo: a estação russa começava em Setembro, as famílias de Saint-Petersburgo e respectivas comitivas, fugindo aos rigores do inverno e ao encontro do ar saudável do Atlântico, chegando nos wagons-lits. Foi grande a influência da Rússia imperial na vida mundana e cultural de Biarritz (Constantin, Wladimir, Alexis, Boris, Cyrille e tantos outros): eventos como em 1901, o casamento do príncipe Alexandre Bariatinsky-Yourievski com a princesa Catherine, filha do czar Alexandre II; ou já em 1926, bem depois da queda do regime dos czars, o casamento do grã-duque Dimitri com Audrey Emery, americana e com larga fortuna baseada na indústria do cobre. Acresce a visita do rei Alexandre da Sérvia ou ainda as cerimónias asso-

ciadas ao assassinato da imperatriz da Áustria (Sissi). Mesmo hoje, afluem à liturgia dominical dezenas de crentes residentes na região; muitos outros visitantes valorizam-na essencialmente em termos históricos e patrimoniais.

Com a Revolução e o comunismo aumentara a presença das velhas elites russas, agora no geral bem menos abastadas e mais discretas, como por toda a costa basca e na Côte d´Azur, incluindo os que fugiam ao ambiente das cidades alemãs dos anos 30, nomeadamente Berlim. No início dos Anos Loucos Biarritz contava uma pequena comunidade, discreta e algo assimilada, mas também outros nomes bem mais visíveis: príncipe Michel Feodorovitch com o seu pai; elites culturais como o novelista Nabokov (Lolita, 1955), que depois se instalou em Montreux; Arthur Rubinstein (1921, Hotel du Palais e villa Chambre d'Amour, em Anglet); ou mesmo o compositor Igor Stravinsky. O Château Basque ou Villa Belza funcionava como cabaré russo, e era frequentado habitualmente por Rubinstein.

Stravinsky residiu em Biarritz durante mais de três anos, com filhos, mãe, cunhados, primos e empregados, na Villa Les Rochers, de Setembro de 1921 a Março de 1924, junto da igreja ortodoxa, num bairro onde residia uma importante colónia russa, por sugestão de Coco Chanel (então na sua villa de Garches): a Villa Les Rochers fica num terreno de 500m2 com um parque arborizado (recentemente renovada). Biarritz era apreciada pelas condições de educação dos filhos, clima, pureza do ar, teor em ozono, cloreto de sódio, iodo, estabilidade térmica, chuvas pouco frequentes, doçura dos invernos, luminosidade. Lugar que aliás conhecia desde o fim da guerra, aquando da escala com os Ballets Russos, e onde encontrara Picasso, Eugenia Errazuriz (chilena de origem basca e mecenas) e a melhor sociedade da Europa, em busca de esquecimento da guerra e da Revolução, mas receando os temporais de inverno mudou-se depois para Nice.

2.4. Criação de uma paisagem urbana-turística

Biarritz passou no século XIX de simples aldeia dos pescadores a estância turística internacional: 1168 habitantes em 1826, 2048 habitantes em 1851, 11.869 em 1896 e 18.260 habitantes em 1911; 366 casas em 1851 e 1852 casas em 1901, 300 construídas entre 1876 e 1881, 466 entre 1891 e 1896; em 1969, dos imóveis existentes, 53.100 eram anteriores a 1871 e 434.100 tinham sido construídos entre 1871 e 1914. Na continuidade, intensificação dos loteamentos dos campos de cultivo, multiplicação algo anárquica da oferta das parcelas a construir, preços especulativos, ritmos de construção acelerados, largas aquisições fundiárias para construção de grandes villas, algumas acasteladas, sempre com vistas para o oceano, no meio de jardins e parques e acesso tantas vezes por velhos caminhos rurais; expansão do casario pelo planalto da Atalaia e ao longo da Praia Grande; densificação

geral nos usos do solo, de início algo difusa, entre parcelas de cultivo e floresta. Mas também abertura de largas avenidas, cuja toponímia evoca visitantes prestigiosos: Avenida da Imperatriz, Avenida da Rainha Victória, Avenida Eduardo VII, Avenida Afonso XIII, Boulevard do Príncipe de Gales, Avenida da Rainha Nathalie, já em Bidart, onde se localizava o seu Pavilhão Real, Alameda Winston Churchill, Avenida Victor Hugo, rua Alberto I, Avenida da Rochefoucauld, Avenida Sarasate. E construções de estilos muito variados, traduzindo o cosmopolitismo das suas clientelas: neogótico, neo-renascença, palladianas, velho solar rural inglês, estilo hispânico ou mesmo estilo mourisco, arte nova, arte Deco, neo-regionalismo/neo-basco nos anos 20. Em suma, grande diversidade de épocas, estilos, fantasias, exotismo, um verdadeiro mundo de eclectismo arquitectural, incluindo estilos faustosos, mesmo excêntricos (patchwork arquitectural), ao sabor da especulação fundiária, dos ritmos alucinantes da construção, das pretensões de afirmação social dos seus proprietários...

Existiam numerosos hotéis: hotel da Europa (1846), Pavilhão de Inglaterra (1850), hotel Gardères (1855), que deu lugar ao Grande Hotel (1857), hotel-casino Bellevue (1857), hotel Oceano (1859), hotel de Inglaterra (1872), hotel da Rússia (1879), Palais Biarritz (1893), depois hotel du Palais (1903), hotel Continental (1883), hotel Vitória (1884), hotel de Paris e Londres (1886), hotel Cosmopolitano (1896), hotel Bristol (1907), hotel Carlton (1910), hotel Plaza (1928), hotel Miramar (1927), etc. A sua localização valorizava a beira-mar e o horizonte marítimo, para os situados no planalto, casos do hotel de Inglaterra, do Grande Hotel, do hotel Miramar, do hotel Carlton ou do hotel Regina: o seu acesso à praia pela arriba foi inclusivamente facilitado com a construção de uma rampa móvel para peões. A sua nomenclatura exprime o nível social e as origens da clientela dominante: hotel dos Príncipes, hotel dos Embaixadores, hotel de Paris, hotel de França, hotel de Inglaterra, hotel de Londres, hotel Bristol, hotel da Europa, hotel da Rússia... A oferta era complementada com muitas pensões particulares e todo um largo mercado de vivendas para aluguer temporário, pelo menos na ausência dos seus proprietários.

Novos crentes e novos espaços de culto, igualmente diversos: desde logo a capela imperial Notre-Dame de Guadalupe, construída em 1864 a pedido de Eugénia de Montijo e dedicada à Virgem Negra mexicana Nossa Senhora Guadalupe (monumento histórico desde 1981), com mistura de estilos romano-bizantino e hispano-mourisco (inspirada nas tradições decorativas da Espanha dos mouros), com azulejos de Sèvres, mosaicos como os de Alhambra de Granada, tectos hispano-árabes; a igreja Sainte-Eugénie, iniciada em 1898 e terminada em 1903; a igreja anglicana Saint-Charles de 1861; a Saint-Alexandre Nevsky, igreja ortodoxa russa, de 1892; a sinagoga em 1904, fechada em 2005.

Complementarmente, foi criado o estabelecimento das Thermes Salins: aberto em 1893, em sessão presidida pela rainha Natália da Sérvia, no novo bairro Saint--Charles, e alimentado pelas nascentes de Briscous (20km de canalizações), bem mais salgadas do que a água do mar. Justificaram o reconhecimento da estância balnear e climática de Biarritz como estância hidromineral, termal, vinte anos depois (1912): edifício de estilo hispano-mourisco e imponente fachada, no meio de um parque; aquecimento central e funcionamento durante todo o ano, em combinação com o termalismo nas estâncias próximas, como Eugénie-les-Bains nas Landes: A actividade das Thermes Salins resistiu à IGG, à crise económica de 1930, mas não à IIGG: fechadas desde 1953 e arrasadas em 1968.

Igualmente, edificação de novos lugares de encontro, de jogo, de festa. São os passeios marginais, os edifícios de banhos, o Clube Britânico, o Clube de Golfe e o Golfe do Farol (1888) (o clube de golfe de Pau remonta a 1856). Iniciativa de um conjunto de aristocratas ingleses, onde desde 1898 decorria a Biarritz-Cup (então em Setembro, marcando o fim da estação estival), o Golfe do Farol oferecia percursos de 18 buracos para homens e de 9 buracos para senhoras. Outros campos desportivos, frequentados habitualmente por Eduardo VII, a princesa Frederica de Hannover, neta da rainha Victória e filha de George V de Hannover, Afonso XIII, a rainha de Espanha, os Grã-duques Dimitri e Boris da Rússia, etc. O golfe era por tradição o jogo favorito dos ingleses: daí a edificação posterior do golfe da Chiberta a norte (remonta aos finais dos anos 20 e contou com o entusiasmo do duque de Windsor) e do golfe de Ibarritz a sul, com o seu Centro Internacional, que data de 1988. Também o era o hipismo, traduzido no Hipódromo das Flores/ Clube hípico junto do lago Mouriscot, a 1,5km da cidade.

Evocam-se já então os engarrafamentos de diligências e ónibus e as multidões. Procede-se aos arranjos das ruas, à sua iluminação a gás, à criação de uma linha de tramways ligando Bayonne, Anglet e Biarritz (1876), e dos paredões-passeios no rochedo da Virgem e na Praia Grande, planos, com sombras e assentos (como convinha às toiletes de então: vestidos compridos, fatos masculinos completos, chapéus, luvas, sombrinhas), à remodelação do velho porto baleeiro e das antigas cabanas de pescadores, com construção de edifícios de banhos e alguns restaurantes; multiplicam-se batalhas de flores, regatas, concursos hípicos e também o comércio de luxo (Biarritz Bonheur desde 1894, ampliado em 1911 e 1926, a maioria dos primeiros empregados falando inglês, e depois integrado nas Galerias Lafayette).

E surgem obviamente os casinos, como lugares de encontro e convívio dos forasteiros e destes com as elites residentes, e sobretudo de espectáculo, música e jogo e muita animação: soirées de gala, jantares sumptuosos, com dezenas e mesmo centenas de convidados, festas elegantes, mesmo espaventosas, e em par-

ticular as de passagem do ano. Desde logo o Casino Bellevue, junto do Grande Hotel e do Hotel da Europa, inaugurado em 1858. Em 1886, foi muito afectado por um incêndio, quando nele se encontrava um dos seus frequentadores habituais, o grã-duque Alexis, irmão do Czar Alexandre III, mas recuperado no ano seguinte. Acresce o Palais Bellevue, mandado construir em 1903 pelo proprietário do Grande Hotel como clube de jogos privado, e sobretudo casinos (nos finais do século a própria villa Eugénie funcionou como hotel-casino). Dos casinos resultavam importantes benefícios directos para o município, embora de controlo difícil, o que levou à criação de um novo Casino municipal concorrente, sobre os anteriores Banhos Napoleão, destruídos em 1896. Inaugurado em 1901, dispunha de café-restaurante e salas de jogo e de espectáculo (concertos clássicos, ópera, ballet); foi reconstruído em estilo Arte Deco em 1929 e renovado várias vezes, a última já nos anos 90, e é explorado pelo Grupo Lucien Barrière.

Biarritz recorda-se como um famoso destino de vilegiatura do século XIX, muito frequentado na Belle Époque, de cuja elegância restam um certo ar de grandeza, sofisticação e exclusividade. Actualmente renova-se a oferta hoteleira e a própria talassoterapia. Multiplicam-se as unidades de alojamento para-hoteleiro, mesmo em lugares nobres, como a Maeva Residence Victoria Surf, junto da Praia Grande e do Casino. Promovem-se os congressos, as competições desportivas internacionais, como as de golfe. Disciplina-se o uso do solo, valoriza-se o importante património, apesar das descontinuidades introduzidas na paisagem, mesmo na frente marítima da Praia Grande, com as construções modernas de grandes hotéis e blocos de apartamentos, tentando preservar o eclectismo da paisagem urbana, expressão do seu velho cosmopolitismo. Criam-se vários museus: museu do Mar (Aquarium), museu do Chocolate, museu de Arte Oriental, museu histórico de Biarritz e mais além, em Bayonne, o Museu da Cultura Basca. Por último, foi inaugurada em 2011 a nova Cidade do Oceano e do Surf, uma obra de vanguarda. Multiplicam-se as actividades culturais, diversificam-se os festivais, como Le Temps d'Aimer, festival de música e gastronomia, o Festival do cinema e culturas da América latina, o Festival Internacional dos Programas Audiovisuais (FIPA), o festival dos Oceanos (festival do mar), o BIG festival (músicas actuais), o Festival de Jazz. E sobretudo em 1957 nasceu o surf, com Peter Viertel, e na continuação, desde 1993, o Festival anual de Surf.

2.5. O retorno dos turistas russos

Neste início de século, Biarritz não deixou de ser um centro de vilegiatura, nomeadamente de artistas e grandes industriais, e um destino de turismo internacional, designadamente russo. Com efeito, com o século XXI, surgiu na paisagem

humana de Biarritz uma nova procura russa: não mais a velha aristocracia da época imperial ou os russos «brancos» expulsos do seu país pelos comunistas, mas uma nova burguesia endinheirada, os novos-ricos de Moscovo e Saint-Petersburgo, com seus Airbus particulares e automóveis de vidros fumados, mesmo se buscando alguma discrição, ao invés dos que elegiam a Côte d´Azur: Putin ainda em 1999; Roman Abramovitch (Chelsea); Dmitry Rybolovlev (do AS Monaco); Soleiman Kerimov (empresas privadas e públicas, como Uralkali e Gazprom), que contratou a mil dólares/dia o lendário Titus Kinimaka, do Havai, convidado nos anos 90 para o Festival de Surf de Biarritz, para dar lições de surf aos seus filhos (o ensino da prática de surf aos jovens russos e até o seu acompanhamento a Bali ou às Maldivas, para lições invernais, com tudo pago, tornou-se algo significativo para alguns monitores de Biarritz).

Em 2010, os russos asseguravam 2,2% das dormidas turísticas, sobretudo nos meses de Julho e Agosto; entre 2010 e 2012 o acréscimo foi de 12 %. São a clientela dominante do Château de Brindos/Anglet, junto do lago, ou do Hotel du Palais, depois da francesa (2012, 30%; taxas de crescimento anual de 5%): clientela tida como culta, discreta, respeitadora, amável, apreciadora do conforto, da qualidade e da boa mesa, mas sem excessos, e fiel, que retorna; frequentadores das butiques de luxo da avenida Eduardo VII onde gastam somas consideráveis, mas também de muito outro comércio local. A clientela russa de Biarritz tendia, porém, a se democratizar na continuação do desenvolvimento económico desde a viragem do século, a explosão da classe média, o grande crescimento do número de turistas russos viajando para o estrangeiro, o seu desejo de conhecer a Europa ocidental: contava cada vez mais russos menos ricos, que davam preferência a apartamentos e unidades de turismo rural, mais económicos que os hotéis. Turistas que chegavam com as famílias, à margem dos operadores turísticos, muitas vezes guiados pelo desejo de descoberta do passado local dos seus antepassados (sobretudo dos russos «brancos») e pelo apreço pela cultura francesa, e não menos pela «autenticidade» do local, pela preservação do litoral, das arribas, da sua própria gastronomia, sem excluir o vinho de Bordéus. Igualmente, desportistas jovens à procura de surf ou turistas a caminho de Espanha. Alguns compraram apartamentos e vivendas urbanas. A oferta turística de Biarritz adaptava-se a esta nova procura, nomeadamente recrutando pessoal que fala russo, estreitando os laços com empresas de turismo da Rússia, multiplicando as ligações aéreas directas com Saint-Petersburgo ou Moscovo, via Bordéus; e multiplicando eventos de aproximação, como os bailes russos, com as suas centenas de convidados e a presença de muitos artistas russos de renome internacional...

3. Reencontros com os Alpes

3.1. Lagos e altos cimos: da vilegiatura ao alpinismo e ao esqui

Alpes, um mundo de paisagens grandiosas, cimos inacessíveis e próximos do Céu, largos horizontes, encostas declivosas, gargantas e vales profundos, lagos, invernos rudes, glaciares e neves eternas, condições naturais difíceis, vazios, silêncios e calma: lugares de refúgio e isolamento, à margem dos percursos dos caçadores, almocreves e peregrinos, das correntes de troca (económicas e culturais) das planícies; pequenas comunidades camponesas tradicionais de economia largamente autárcica, assente na agricultura, no gado e alguns ofícios; cereais (trigo, centeio) e legumes, vinha, cânhamo e linho; florestas e bovinos nos Alpes húmidos (deslocações entre a aldeia, no inverno, e as alpages, de Junho a Outubro) e ovinos nos Alpes meridionais, mais secos (igualmente com transumância), e complementarmente algum artesanato (relógios, móveis, tecidos, alfaias agrícolas). Com a abertura ao exterior, abandono progressivo dos pastos altos e das encostas, êxodo, despovoamento, concentração da população nas terras baixas e de maior potencial agrícola, industrial e turístico.

O turismo tornou-se então a actividade dominante, sobretudo nas áreas melhor servidas pelos novos transportes, criadora de empregos e de mercado e não menos de paisagens e lugares, com as fragilidades próprias (conjunturas económicas e políticas, incertezas climáticas, concorrência de outros destinos e práticas de férias, capitais exteriores e inerentes saídas de lucros): exploração intensiva da montanha (ambiental, económica, cultural, simbólica), com fortes impactos no meio natural e social, e na continuidade, multiplicação de espaços protegidos e experiências de desenvolvimento local integrado. De um lado, estâncias de desportos de Inverno, desenvolvidas a partir de velhas aldeias (Chamonix, Saint Moritz e outras) ou construídas do nada, a altitudes superiores (La Plagne, Les Arcs); de outro, vilegiatura estival de massa desde os meados do passado século, espacialmente bem mais difusa e largamente assente na multiplicação de residências secundárias e de apartamentos para alugar, de clientelas que valorizam a qualidade ambiental e paisagística, as possibilidades balneares e desportivas nos lagos ou nas alturas, como nos primeiros anos do Touring, o simples repouso, saúde e bem-estar, e que tende a prolongar-se pelas estações intermédias; também o trekking, BTT e outras formas de turismo activo, e igualmente de turismo cultural.

Os Alpes atraíam pelos seus lagos calmos, por vezes também tempestuosos, e suas «Rivieras», localmente com forte ocupação das margens, pelas suas paisagens soberbas, grandiosas, sublimes, puras, envoltas por altos cimos brancos de neve,

desafiadoras (alpinismo, teleféricos panorâmicos), inspiradoras (vaga romântica da montanha), algo exóticas, sempre pitorescas ou selvagens e virgens, que motivaram expedições de descoberta e contemplação de naturalistas e humanistas, a partir do século XVII, e já no seguinte de românticos (Jean-Claude Vernex, 1996). Recordem-se: 1729, o poema Os Alpes, de Albrecht von Haller, médico e botânico; 1741, as viagens de Widham e Pococke no vale de Chamonix; 1760, e a publicação da História natural dos glaciares da Suíça, de Gruner; 1761, Júlia ou a Nova Heloísa, de Jean-Jacques Rousseau (lago Lehman/Montreux); 1816 e O prisioneiro de Chillon, de Lord Byron (hotel Byron, 1833, perto do Château de Chillon, e hotel des Trois Couronnes, 1842, Vevey, ambos luxuosos e junto do lago). Paralelamente: 1787 e a conquista do Monte Branco (4810m, Horace-Benedict de Saussure), seguida pelas de Jungfrau em 1811 (4158m), Faulhorn em 1812, Cervin em 1865 (4478m), Aiguille Verte em 1865, Meije em 1877. Entre os alpinistas, aristocratas e universitários ingleses, que em 1857 criaram o seu Clube Alpino, seguido pelo Clube Alpino Suíço em 1863 e o Clube Alpino Francês em 1874: o alpinismo ganhava carácter desportivo (refúgios e cabanas na montanha) e no início do século seguinte tornava-se tecnicamente algo sofisticado.

Coabitavam dois imaginários, o contemplativo e estético, e o desportivo e hedonista: calma, isolamento, sonho, meditação, inspiração romântica e apaixonada (escritores, pintores); grandiosidade das paisagens em comparação com a das planuras da Europa Central e de Leste; altos cimos, desafiadores dos alpinistas, geólogos, naturalistas, desde logo Chamonix e Monte-Branco. Muitos poetas e escritores vilegiavam nas margens dos lagos alpinos e nos vales, como Alphonse de Lamartine, Victor Hugo, Alexandre Dumas, Lord Byron, Arthur Ignatius Conan Doyle (escritor e médico, natural da Escócia), onde se desenvolvem estâncias, verdadeiras «Rivieras» de luxo, com passeios marginais, praias, mesmo marinas. Outras elites europeias, aristocratas e burguesas, com tempo livre e dinheiro, valorizavam as estâncias termais alpinas como destinos pretensamente médicos e não menos mundanos (saúde, bem-estar e sociabilidade), com seus grandes hotéis, teatros e casinos e villas dispersas, como em Evian-des-Bains ou em Aix-les-Bains, entre o lago do Bourget e o maciço dos Bauges, nos dois casos visitadas pelo próprio Napoleão III, aquando da passagem da Sabóia para a França. As termas de Aix-les-Bains acolheram os primeiros turistas ainda em 1783, mas as instalações foram renovadas repetidamente, em particular com as termas Pellegrini, na sequência da nacionalização das mesmas em 1860; acresce a criação das termas de Marlioz, em 1861, privadas e com novas valências aquistas, a par de infra-estruturas desportivas como o novo golfe em 1905 e campos de ténis em 1912, ao lado do hipódromo de 1884. Um pouco à imagem de Baden-Baden, no coração da Floresta Negra, desde o início do século XIX, com seu ambiente refinado, elegante casino

com os seus jogos de fortuna e azar, e as modernas termas de Caracala (evocam o passado romano): lugar de encontro das elites europeias, da realeza, da nobreza, e em particular das elites russas (igreja ortodoxa de 1882); longas temporadas de convívio, cultura e entretenimento; presenças de Borodin, Dostoiévski, Leo Tolstoï, Nikolai Gogol, Alexander Pouchkine, também Sergei Rachmaninov e Arthur Rubinstein. A ambiência alpina e lagunar permitiu, nestas outras estâncias, combinar o termalismo com o climatismo, as actividades balneares e os desportos da neve: aquistas e acompanhantes, turistas, desportistas; intervenções urbanas das elites locais, nomeadamente médicos e hoteleiros; acentuação das vertentes mundana e estrangeira, com novas instalações termais e respectivos parques, novas alamedas, novos hotéis, mesmo Palaces (Splendide de 1884, Excelsior de 1906 e Royal de 1914, no caso de Aix-les-Bains, todos da família Rossignoli, entre a dezena de belos hotéis locais, frequentados pela sua clientela aristocrática e burguesa, que incluíam o Grande Hotel de 1858, com o seu anexo Les Ambassadeurs de 1877, o Beau-site de 1883, o Bernascon de 1897 a 1900, o Astória de 1904 e o Mirabeau de 1910), e villas sumptuosas, mesmo algo originais em termos arquitectónicos, além de novos casinos ou clubes (teatro, eventos musicais, biblioteca, restaurantes, jogos de fortuna e azar, quando permitidos), casas de chá, comércio de luxo, e novas acessibilidades.

A viagem estival aos Alpes tornara-se uma moda e uma necessidade das classes abastadas, nomeadamente da realeza e de toda a nobreza inglesa, de políticos, da própria rainha Vitória (1868, Lucerna): familiaridade desde a instalação nos meados do século XVI, de algumas centenas de refugiados protestantes em Genebra, Zurique e Basileia; naturalistas e montanhistas, com edição de guias de viagem desde os finais do século XVIII, sublinhando o sublime da alta montanha; pintores, como J. M. W. Turner ou John Ruskin e as suas obras; intelectuais, investigadores, botânicos, escritores (Voltaire, que se fixou em Fernay, não longe de Genebra, e era visitado por muitos intelectuais; Goethe e tantos outros); jovens aristocratas e seus tutores, como o próprio Adam Smith. Acrescem as passagens nas visitas a Itália, no quadro do Grand Tour, intensificadas nos meados do século XVIII com as escavações de Herculaneum e Pompeia; então (meados do século XVIIII), 14 em cada 20 hóspedes suíços eram ingleses. Foram criados serviços de correio ligando Londres à Suíça e a Itália; depois, nos finais do século, o serviço suíço de diligências, seguido da abertura das estradas passando pelo Simplon (1805; 2005m, no Valais; túnel de 19,8 km desde 1906) e pelo S. Gotardo, entre a Suíça alemã e a italiana, passagem que fora pintada em 1802 por Turner (2106m; estrada para diligências em 1830, completada com a construção da Ponte do Diabo, de 1833). São organizadas viagens de grupo da Grã-Bretanha para os Alpes ainda em 1818 (diligências; pequena hotelaria; grupos de meia dúzia de pessoas

com passagem por Paris – 2 dias nesta cidade e 14 na Suíça) e já em 1863, o próprio Thomas Cook promoveu circuitos de 21 dias, com recurso ao comboio, que entretanto oferecia outro conforto e velocidade.

Valorizam-se as Rivieras lacustres (caso de Montreux: cais e jardins junto do lago, oferta hoteleira de grande qualidade, infra-estruturas urbanas, como abastecimento de água e gás, serviços de correio, mesmo casino, em 1881, modernizado logo em 1903; desenvolvimento urbano e económico), e não menos os grandes panoramas, as vistas magníficas, as paisagens movimentadas e agrestes, associando em muitos casos termalismo, climatismo, vilegiatura e recreio, montanhismo e alpinismo estivais (desafio do Monte Branco, não longe de Genebra e Chamonix e na fronteira franco-italiana: 4810m de altitude), e depois actividades desportivas na neve (inverno): pólo, esqui de fundo, por último esqui alpino... Transformam-se os velhos lugarejos, difundem-se entre as populações locais novos valores sociais e culturais de origem urbana, multiplicam-se os negócios e as profissões induzidas pela presença dos turistas, com afirmação individual e feminina, reanimam-se algumas tradições. Surgem hotéis de montanha, uns pequenos e outros verdadeiros Palaces, luxuosos, com inovações técnicas (elevadores hidráulicos, iluminação eléctrica) e serviços de qualidade (escola hoteleira de Lausanne, em 1895), assim como casinos.

Melhoram-se as condições gerais de acessibilidade: serviço de diligências, modernização das deslocações por água (barcos a vapor no lago Lehman em 1823: rapidez, comodidade, segurança, regularidade, mesmo luxo; na continuidade, novos equipamentos, nomeadamente pontões, cais, valorização e arranjo das margens, com passeios, parques e jardins, mesmo hotéis de luxo), caminho-de-ferro em cremalheira (1871, Vitznau-Rigi Kulm; 1892, cremalheira eléctrica no Salève), serviços de tramways (1862, em Genebra, a vapor em 1877, quando Lausanne inaugura o funicular Lausanne-Ouchy; eléctrico Vevey-Montreux em 1888, etc.).

Desde meados do século XIX implantaram-se linhas férreas comuns, com grandes pontes e túneis e largos impactos nos afluxos de visitantes: acessos, proveniências, rapidez, comodidade, custos, diferenciação das clientelas (abastadas, desportivas e cultas mas não apenas aristocráticas), volumes dos fluxos, em paralelo e em complemento da navegação marítima a vapor, que lhe é anterior. Recorde-se a linha do Mont-Cénis construída por ordem de Napoleão III, inaugurada em 1868, com abertura do respectivo túnel ferroviário, que fora iniciado ainda em 1857 com Victor-Emmanuel II, antes da passagem da Casa de Sabóia para a França em 1860; o túnel de S. Gotardo, de 15km, aberto em 1882 (travessia em fase final de renovação, com o maior túnel ferroviário mundial); a linha entre a Suíça central e Berna em 1888; a de Jungfrau (7km no interior da montanha, e términus na estação de Jungfraujoch, a 3454m de altitude), em 1896-1912. Desde

1883, o Oriente-Express, com suas carruagens-cama e todo o conforto, assegura a ligação de Calais (porto de chegada dos ingleses ao continente) e Paris a Istambul via Simplon, Milão, Veneza, Trieste e Zagreb. Abrem-se também novas vias rodoviárias (Galibier 1880, Aravis 1897, Croix-de-Fer 1912), nomeadamente a lendária «Route des Grandes Alpes», verdadeiro itinerário turístico de centenas de quilómetros, do lago Lehman às costas do Mediterrâneo, por colos a 2000m de altitude, parques nacionais e parques naturais regionais, florestas, vales amenos, aldeias de montanha, concebida antes da IGG e terminada pouco antes da IIGG, com grandes túneis; por último, abrem-se novas auto-estradas, como as de Brenner (Innsbruck-Fortezza, no Trentino-Alto Adige, em 1972) e do Travis a leste e ampliam-se e renovam-se os velhos túneis ferroviários (novo Saint-Gotardo, 57 km, apenas uma hora de comboio entre as cidades de Zurique e Milão e cerca de 3 horas de Basileia a Lugano).

Chamonix (1030m), junto de Genebra e do Monte Branco (4.810m), foi promovida desde os finais do século XVIII pelo alpinismo, em seguida como destino de montanha e bem depois de esqui. Em 1741, William Windham e Richard Pocock, jovens aristocratas ingleses, visitam a pequena aldeia e os glaciares envolventes, sendo seguidos por muitos outros turistas, enquadrados por guias e aconselhados pelo médico Payot (em 1783, 1 500 visitantes no verão): conquista do Monte Branco em 1786 e desmistificação dos cimos; novas facilidades de acesso, por estrada a partir de Genebra desde 1860 e por caminho-de-ferro, a partir de Saint Gervais, desde 1901; afluxos volumosos de turistas urbanos; desportos de inverno, ainda na viragem do século. Na continuidade, desenvolvimento da oferta de hotéis, de diferentes estilos: Hotel de Inglaterra, 1770; Hotel da União, primeiro hotel de luxo, 1816; Grande Hotel dos Alpes, 1840; Hotel Royal, depois designado Hotel de Saussure (acolheu Napoleão III, de visita à Sabóia, quando esta passou do Reino da Sardenha para a França); mesmo três Palaces, para a clientela aristocrática (Hotel Savoy, de 1904, ampliado em 1909, e por último do Club Med; Chamonix Palace, de 1910, adaptado a Museu Alpino; o terceiro, pouco antes do início da IGG e da crise de turismo que se seguiu, constitui actualmente a Residência Majestic, convertida em apartamentos particulares desde os anos 60); no total, existência de quatro dezenas de unidades hoteleiras no vale antes da IGG. Também abertura do casino em 1848, constituição do município em 1858, e forte expansão urbana, com grande diversidade arquitectónica: villas de todos os estilos, segundo as novas formas de vida das elites (vastos jardins, construções de anexos para o pessoal), seguidas por outras bem mais discretas e de maior privacidade (1908 a 1925), por chalés (estilo próprio de villas de montanha) e por último, por blocos de apartamentos (turismo de massa; estadas curtas, não mais de meses, que justificavam o aluguer de uma villa, mas habitualmente de uma semana ou

apenas de fins-de-semana) e alguns novos hotéis, não necessariamente muito requintados. Actualmente Chamonix dispõe, todavia, de unidades hoteleiras de 5*, de poucas dezenas de quartos (Hotel Hameau Albert I; Hotel Mont Blanc, também centenário; Auberge du Bois Prin), e de mais de uma dezena de outras de 4*, num total de cerca de sessenta unidades, com mais de 1800 quartos, a par de muitos apartamentos e chalés (2,5 milhões de visitantes por ano, 52 % franceses).

O movimento de valorização turística estendeu-se a outros pequenos lugares no interior da montanha, traduzindo-se nomeadamente na construção de unidades hoteleiras: desde logo, o Hotel Bellevue des Alpes, acima de Wengen, em 1840; o Grande Hotel Kronenhof, de 1848, em Pontresina; o Palace Mont Cervin, 1851, em Zermatt; o Steigenberger Grandhotel Belvedere, 1875, em Davos; o Palace Badrutt's, 1896, em Saint-Moritz; o Kempinski Grande Hotel des Bains (originalmente um Grand Spa Hotel), 1896, também em Saint-Moritz; o Hotel Schatzalp, 1900, em Davos (isolado na montanha, como um sanatório de luxo, estilo Arte Nova, depois adaptado a hotel, e imortalizado por Thomas Mann); o Romantik Hotel Schweizerhof, em Grindelwald, de 1903, frequentado por Albert Einstein (judeu alemão residente em Zurique), a imperatriz Zita (Bourbon-Parma, última imperatriz da Áustria, rainha da Hungria e da Boémia, como consorte do imperador Carlos I da Áustria) e Marie Curie (cientista polaca naturalizada francesa, pioneira na radioactividade); Grande Hotel do Golfe & Palace, em Crans-Montana, 1906; Hotel Suvretta, em Engadine, a dois passos de Saint Moritz, de 1912 (350 quartos, 110 salas de banho, muitos salões em estilo Arte Nova); Hotel Palace, 1913, em Gstaad...

Alguns hotéis lendários permaneceram nas mãos das mesmas famílias (luxos do passado, que subsistem com suas tradições), enquanto muitos outros foram transformados em apartamentos e clubes de férias. É o caso do Hotel Hameau Albert I, de Chamonix, dirigido pelos Carrier desde 1903, e do Hotel Maillet Waldhaus (de 1908) em Sils-Maria (aldeia frequentada por Friedrich Nietzsche ainda nos anos 1880), na Haute-Engadine, apenas a uma dezena de quilómetros de Saint Moritz: Josef Giger e mulher, Amalie Nigg, hoteleiros na Suíça, Itália e Rússia, associados a Josef Wolflisberg, genro, Anton Bom, cunhado, ligado aos Park Hotel de Vitznau de Lucerna e Suvretta House de Saint Moritz, Josef Kienberger e irmão Oskar Kienberger, filhos de Josef Kienberger, também hoteleiro. Em conjunto, criaram e geriram um oásis de luxo para uma clientela distinta, estival e também de inverno desde 1924, embora com descontinuidades até aos anos 60: dezenas de casas de banho, quartos para o pessoal, elevadores, central eléctrica, aquecimento central, vidros duplos; e como clientes, filósofos, escritores, músicos e artistas de renome, como Marc Chagall, Albert Einstein, Herman Hesse, Thomas Mann, Richard Strauss, Luchino Visconti.

A Suíça tornara-se a «Meca» dos amantes da natureza, do montanhismo e do alpinismo, actividades estivais, associadas à vilegiatura das margens lacustres e de alguns lugares termais (1832, inauguração do primeiro balneário em Saint Moritz, seguido de alojamento: pensão Faller, que em 1855 Badrutt's converte no Hotel Engadiner Kulm). Um mundo pitoresco, simples, autêntico, de camponeses e pastores, com suas aldeias de pedra, mas também com alguns novos hotéis isolados e desde os finais do século XIX, de luxuosas e elegantes estâncias frequentadas pela alta sociedade europeia, lugares de cura e lugares de vida mundana e artística. Para 1910 referem-se 11 mil ingleses residentes, mas muitos mais visitantes, então também no inverno e motivados por promessas médicas e pelos desportos na neve, variados e inovadores (em 1912, 18 mil ingleses visitariam os Alpes para fazer desportos na neve, e não apenas em Chamonix, antes divulgada pelo montanhismo; nesse mesmo ano, no verão, referem-se para Lucerna 20 mil turistas ingleses). A facilitar os afluxos também os modernos serviços de telefone anglo-suíços. A construção das muitas igrejas anglicanas sublinha os sucessivos lugares da moda dos ingleses, residentes e turistas: nos principais aglomerados, e na segunda metade do século XIX também em Saint Moritz e em Davos, pequenos lugares isolados na montanha que se começavam a desenvolver como estâncias de turismo, de verão e de inverno, a partir dos anos 70, desde simples patinagem a concursos com cavalos sobre lagos gelados. Presença inglesa que justifica também a criação de campos de golfe (clube de golfe de Saint Moritz, de 1891; mais tarde, o Grande Hotel do Golfe em Montana, em 1906), e, como habitualmente, se traduz na nomenclatura de muitas unidades hoteleiras.

No intervalo entre as duas GG o turismo alargara-se decisivamente à estação invernal e à alta montanha: esqui alpino, snowboard e outros desportos da neve; funiculares, teleféricos e telesquis (o primeiro em 1934 em Davos); jogos olímpicos de inverno, desde logo em Chamonix, em 1924. Criam-se novos destinos de altitude, próximos dos cimos gelados, agora facilmente acessíveis. Os estudiosos distinguem seis fases no desenvolvimento turístico dos Alpes: pioneirística (1816--1880), assente no alpinismo, termalismo, grandes miradores, novas estradas nos vales, advento do caminho-de-ferro; Belle Époque (1880-1914), com hotéis-palaces, cremalheiras e funiculares, estradas turísticas, descoberta do esqui e outros desportos de Inverno; período de 1918 até finais dos anos 50, de turismo ainda sobretudo estival, nas estâncias tradicionais de fundo de vale, a par de alguma expansão da prática do esqui e de novos equipamentos, exemplificados com a fundação de Sestrière (área Turim-Piemonte; 2035m; iniciativa de Giovanni Agnelli, da FIAT; hotéis-torres redondas dos primeiros anos 30, desde logo o Hotel Torre, em 1932 e o Hotel Duchi d'Aosta em 1933; novos hotéis, de 4 estrelas e muitos apartamentos; campo de golfe de 18 buracos); finais dos anos 50 a finais de 70, de

massificação do turismo de neve (generalização da semana da neve), criação de estâncias de altitude, longe das velhas aldeias, proliferação dos equipamentos e também das residências secundárias, de uso sobretudo estival; de 1980 a 1998, renovação dos equipamentos, recurso a neve artificial, ligações dos cimos que aumentaram as áreas esquiáveis evitando os vales, difusão do snowboard e outras práticas desportivas, crise do turismo estival e das pequenas estâncias de inverno; pós 1998, racionalização e potenciamento dos equipamentos, valorização das cotas mais elevadas (ameaças do aquecimento global).

Ao mesmo tempo, sensibilidade aos impactos ambientais, paisagísticos e sociais (incluindo as urbanizações turísticas e as infra-estruturas viárias), forte competitividade, ofertas pouco diferenciadas, mesmo algo massificadas, paisagens destruídas pelos equipamentos e banalizadas, lazeres artificiais e superficiais, perda de estatuto do esqui (nicho elitista de uma clientela internacional mas igualmente de esquiadores de proximidade), novos usos do espaço e novas práticas dos desportos da neve, também grande peso do mercado imobiliário algo banalizado, problemas de sazonalidade, com expressão laboral e económica, riscos e insustentabilidade ambiental (concentração automóvel, parqueamento, saturação dos acessos, barulho, poluição, insegurança; neve artificial, urbanizações excessivas e monótonas), concorrência de outros destinos, envelhecimento das velhas clientelas e da população europeia, como sublinha Philippe Bourdeau (2007).

De um lado, o modelo «industrial» das grandes estâncias, com teleféricos gigantes, ligações entre os domínios esquiáveis, grandes spas como o Tschuggen Bergoase, junto do Grande Hotel Tschuggen (grupo hoteleiro suíço com várias unidades), em Arosa (Suíça), parques aquáticos com arquitecturas originais, reestruturações e concentrações financeiras, a nível regional e mundial: são os destinos privilegiados pelas famílias reais inglesa, sueca, norueguesa, dinamarquesa, holandesa, monegasca, espanhola, sérvia, japonesa e seus súbditos, e cada vez mais também pelos oligarcas e vedetas russas do showbiz.

De outro, ofertas mais culturais, territoriais e conviviais (uma simples encosta, um snowpark), valorizando outros espaços e outros tempos, na lógica do Small is beautiful e mesmo da pluriactividade e do plurirrendimento dos promotores: estratégia válida para estâncias modestas e em declínio, mesmo crise, com pouca neve, neve incerta, infra-estruturas envelhecidas, fraco profissionalismo e organização, endividamento crónico; apostam em práticas de neve variadas, na simplicidade, em procuras de proximidade, diferenciadas e personalizadas, experiências individuais enriquecedoras, custo reduzido, dinâmicas recreativas e festivas, polivalência e diversificação sazonal e económica, mesmo reconversão residencial, reversibilidade dos espaços de turismo e sustentabilidades múltiplas, ambiental, territorial, pluri-sasonal, multi-recreativa, sociocultural...

Em suma, novas práticas, novos processos, novos espaços, novos sentidos, inovações variadas, mais recreativas que desportivas: tudo isto, quando se verifica diminuição das viagens distantes, vivências de férias sem mudança de domicílio, novas práticas residenciais, turistificação dos lugares banais, actividades recreativas de proximidade, slow tourism. E assim, novas relações entre os espaços-tempo da cidade e da montanha: novos espaços, novos públicos, novos tempos, novos sentidos; pluralidade de actores e de operadores, de modos de trabalho, de escolhas profissionais, de vida quotidiana, de modelos de desenvolvimento turístico (Philippe Bourdeau, 2007).

É neste contexto que os Alpes são de novo procurados pelos novos-ricos da Europa oriental, da Rússia, dos países do Golfo, mesmo da China e da Índia, também do Brasil, em viagens de descoberta e contemplação, e sobretudo de festa, encontro social, de familiares e amigos, e de prática de esqui, onde releva a nova procura ucraniana e russa, relativamente próxima e algo elitista, que ultrapassou a crise de 2008 mas se ressente da actual, igualmente económica mas também política. Muitos frequentam as estâncias francesas, outros mais elitistas as suíças (Gstaad, Zermatt, Saint Moritz ou Verbier), os menos pretensiosos as austríacas ou mesmo as italianas (e cada vez mais também as dos Pirenéus, nomeadamente de Andorra, ou simplesmente as da Bulgária, mais próximas e acessíveis aos menos abastados).

3.2. Estâncias alpinas de cura de tuberculosos. Davos e os doentes russos

Com a urbanização crescente e a multiplicação de bairros pobres, densos e insalubres, no seguimento da revolução industrial, a tuberculose (peste branca), doença altamente contagiosa, torna-se um enorme flagelo, sentido por toda a sociedade ocidental, incluindo as famílias abastadas das áreas mais nobres. A melhoria do estado de saúde dos doentes, mesmo a cura, é procurada durante a segunda metade do século XIX, não exclusivamente junto do Mediterrâneo (invernos amenos) e em lugares secos, mesmo áridos (Madeira ou Tenerife, para os ingleses de retorno das colónias), mas igualmente em ambientes de montanha, e assim se manteve até à IIGG. Em 1854 fora criado um sanatório em Görbersdorf na Silésia, actual Sokolowsko (Polónia), aldeia da média montanha, a 561m de altitude, num parque de resinosas de uma centena de hectares (aromaterapia). Depois, multiplicam-se as estâncias terapêuticas alpinas, com instalações adaptadas a longas estadas dos doentes (vilegiatura médica), muitos vindos de bastante longe (nacionalidades variadas) e repetindo as permanências, pela recrudescência da doença, mas também ao acolhimento dos familiares e visitantes: ar puro, seco e frio; lugares abrigados e soalheiros, expostos a sul, com raros nevoeiros,

envolventes florestais e altos cimos nevados, chuvas de verão (riscos para as instalações no fundo do vale e consequente valorização das encostas); ambientes sãos, água das nascentes, alimentação rica, com muito leite, passeios a pé pelos caminhos locais, designadamente de ligação dos vários sanatórios e destes aos hotéis, bem como dos hotéis entre si, repouso obrigatório nos habituais solários, higiene e desinfecção rigorosa das instalações, evitando contágios; e nomeadamente novas facilidades de ligação ao exterior (abertura de estradas e construção de novas linhas férreas).

Desde logo em Crans-Montana, no vale do Ródano, então lugar isolado, com acesso apenas por muares, e a partir de 1897 também por estrada e diligências: estância de saúde (Sanatório Beauregard, por iniciativa do médico de Genebra, Teodoro Stephani, e sanatório Le Clairmont), criada nos anos 90. Desde logo, o Grande Hotel de Crans, depois designado Hotel do Parque, de 1893, que subsiste como hotel de 4*, de Louis Antille, do Valais, e do hoteleiro Michel Zufferey, ligado ao César Ritz-Hotel Ritz, Place Vendôme, Paris; novos hotéis, casos do Sanatório Beauregard, adquirido em 1905 por Henry Lunn e adaptado a Palace--Bellevue, seguido em 1906 pelo Grande Hotel do Golfe, e em 1914 pelo Hotel de Inglaterra; igualmente, campo de golfe desde 1908 (criado justamente por Henry Lunn, então o campo alpino mais alto do mundo), e prática de esqui a partir de 1911 (Arnold Lunn, filho de Henry Lunn, organizou a primeira competição de esqui alpino e inaugurou o funicular de ligação Sierre e Montana). Seguiu-se um período de estagnação com a IGG, a retoma do desenvolvimento nos anos 20 (chalés, hotéis, tratamentos de saúde e beleza) e nova explosão no pós-IIGG. Crans-Montana contou visitantes de renome como André Malraux, Jean Cocteau, Colette, a família real da Bélgica; alguns notáveis adquiriram residências sazonais, como Roger Moore, actor inglês, residindo entre Crans-Montana e o Mónaco, Sophia Loren e Michèle Morgan (apartamentos, nos anos 20); depois, atracção de estrelas como Gina Lollobrigida, Gilbert Bécaud, Charles Aznavour, a par da multiplicação de eventos. Actualmente conta meia centena de hotéis, com 3 600 camas, e dez vezes mais em hotelaria paralela, além de casino e área comercial atractiva.

Destaque igualmente para o Plateau d'Assy, na Alta-Sabóia, próximo da fronteira com a Itália, a 1050m, na base do Monte Branco, orientado a sul e de clima ameno, afamado pelos seus grandes sanatórios construídos entre as duas GG, convertidos em casas de saúde, «aldeias» de férias ou blocos residenciais: no início, lugar de casais isolados, depois um dos principais centros regionais de tratamento de tuberculosos; de 1926 a 1937, atracção de 5 mil pessoas, doentes e cuidadores. O sanatório Praz-Coutant, o mais antigo, data de 1926, e tinha estrutura em pavilhões; o La Passerane remonta a 1929 (ex. clínica de Assy), tal como o Mont-Blanc,

à entrada da aldeia e o maior de todos (capacidade para 250 doentes), enquanto o Sancellemoz foi construído em 1931 e o Martel de Janville, o último grande sanatório de Assy, em 1937; o sanatório Guébriant, a maior altitude, passou a centro de férias, mas o Mont-Blanc continua em abandono, tal como o Praz-Coutant. Este, Guébriant e Martel de Janville foram aliás reconhecidos como «Património do século XX»: o último possui capela e foi reabilitado como edifício residencial. No Património médico e religioso local destaca-se todavia a igreja Notre-Dame-de--Toute-Grâce (1937-1950), com contributos de artistas contemporâneos, pintores e escultores, como Fernand Léger, Marc Chagall, Matisse, Bonnard, Braque, Jacques Lipchitz, Georges Rouault; e algumas Esculturas de Montanha, dos primeiros anos 70 (Portas).

O simples ambiente alpino era considerado saudável: lacustre e de montanha, como na proximidade de Montreux e Lausanne, perto do lago Genebra, destinos de prestígio, cosmopolitas, valorizados também em termos de saúde, através do doutor Tissot, «médico de príncipes e de Papas» na segunda metade do século XVIII; em Lausanne, Palace Beau-Rivage remonta a 1861 e contou como hóspedes Victor Hugo, Charlie Chaplin, Coco Chanel; e em Montreux, o Grande Hotel Majestic é de 1870, o Eden Palace de 1896, o Fairmont Le Montreux Palace de 1906, o Hotel du Grand Lac Excelsior de 1907, etc. Na vizinha Leysin (Vaud), pequena aldeia de montanha (1253 m, exposta a sul), desde os anos 1880 multiplicaram-se os sanatórios e os hotéis, apoiados por melhorias de acessibilidade (de início apenas acessível por diligências: estrada entre Sépey e Leysin em 1875, caminho-de-ferro de cremalheira Aigle-Leysin em 1897): beneficiou da chegada do médico Auguste Rollier (privilegiava a helioterapia, método que em alguns lugares levou mesmo à criação de solários giratórios, como em Aix-les- Bains), responsável pelo primeiro sanatório para crianças tuberculosas (o Chalé). Em 1940 Leysin contava 18 sanatórios dirigidos pelo próprio Rollier e acolhendo 1500 curistas de todo o mundo, e vários estabelecimentos independentes, sobretudo na parte alta, abrigada e soalheira, construídos entre as duas GG; para 1946, referem-se 80 unidades sanatoriais e 3500 doentes (e muitos hotéis). Com o aparecimento dos antibióticos estas foram fechando ou transformadas em unidades hoteleiras e do Club Med, escolas internacionais e residências de férias: Leysin afirmou-se definitivamente como estância de turismo, de inverno (desde meados dos anos 50, telecabines de acesso aos cimos; dezembro/janeiro a abril, com triplicação da população) e de verão (vilegiatura, largamente associada a posse de residências secundárias).

O relevo dos destinos alpinos de cura de tuberculosos vai todavia para Davos, com os seus dois núcleos – Davos-Dorf e Davos-Platz, estirados num fundo de vale da Suíça Oriental (Grisões; cimo Schwarzhorn a 3146m, a sudeste), de direcção

nordeste/sudoeste, isolados, com um pequeno lago a montante, e economia alpestre tradicional, com criação de bovinos e transumância para as alpages no verão, produção de cevada e desde o século XVIII também batata, além da extracção de madeira da floresta. A sua conversão partiu da valorização das condições locais pelo médico alemão revolucionário Alexander Spengler, refugiado em Zurique, naturalizado suiço em 1855 e aqui colocado: longe da vida social, cultural e intelectual da cidade, mas num lugar onde não havia casos de tuberculose, constatação que o levou a prescrever desde 1865 curas na alta montanha, sobretudo no inverno (ar frio e rarefeito). Em 1850 Davos era apenas um pequeno lugarejo isolado na montanha (1500m), nos anos 70 contava somente o pequeno hotel Strela, ao serviço dos primeiros curistas, depois o Hoelsboer-Spengler, mas em breve tornou-se uma cidade médica e a capital europeia da tuberculose, onde a actividade económica dependia da presença destes doentes, em detrimento da Côte d´Azur, desde logo Menton e Bordighera, de invernos muito amenos mas de verões demasiado quentes. As mudanças sazonais das estadas dos doentes junto do Mediterrâneo e nos Alpes eram difíceis e dispendiosas e pouco lucrativas para a economia dos sanatórios, bem mais interessados em estadas longas, não apenas no verão mas também no inverno, como ditadas pelos seus corpos médicos (multiplicação de semestres). Em Davos, até meados dos anos 1870 a clientela era predominantemente estival, todavia em Agosto de 1875 contavam-se 260 clientes e em Dezembro 350 (então sobretudo curistas e familiares, que precederam os turistas da neve); de início, principalmente alemães, suíços e holandeses; a partir de 1876, também ingleses; e desde 1880, igualmente franceses, belgas, portugueses e russos, todos em busca de melhor saúde. A facilitar a sua vinda, ligações ferroviárias permitindo viagens de combóio para os doentes de toda a Europa (acesso a partir de Landquart desde 1890), a par da densificação das estradas e dos transportes locais, e da construção de novos hotéis e sanatórios, com destaque para o sanatório Schatzalp (central na «Montanha Mágica» de Thomas Mann, editado em 1924), mesmo pensões familiares e unidades para pobres (caso do sanatório Queen Alexandra, inglês, construído entre 1906 e 1909 e aumentado com duas novas alas em 1911 e um solário em 1925).

No período 1860-1946 foram criadas nove dezenas de estabelecimentos recebendo tuberculosos, em Davos-Dorf a nordeste, e em Davos-Platz a sudoeste, e alguns hotéis que os não recebiam, como o Hotel Flüela, construído em 1867 em Davos-Dorf: 25 novos estabelecimentos (12 hotéis, 11 sanatórios e 2 pensões-sanatórios) no período 1860-1888; 45 outros de 1890 a 1913 (2 hotéis, 37 sanatórios e 2 pensões-sanatórios); e 19 novos estabelecimentos (16 sanatórios e 3 pensões sanatórios), de 1914 a 1946. Paralelamente, procedeu-se à melhoria das ruas e passeios e dos caminhos em redor, desde logo de Davos-Dorf a Davos-Platz, e sobre-

tudo à valorização da Promenade, troço urbano da estrada Davos-Klosters (a norte) a Davos-Engadine (a sul), e artéria central de Davos, ligando dois grandes hotéis nos extremos e servindo muito outros construídos ao longo do mesmo eixo, assim como os sanatórios (apenas 3 não eram directamente acessíveis a partir da Promenade): o hotel Buol (1871), o Grande Hotel Belvedere (1875) e o Eisenlohr (1875) em Dorf, e os hotéis Germania (1871), Helvécia (1874) e Britânia (1881) em Davos-Platz; polarização também de estabelecimentos comerciais e de oficinas. Acresce a iluminação pública, o abastecimento de água (1873), a rede de esgotos (1882-87), a recolha diária dos lixos, o abastecimento de gás do Casino e de hotéis (1874), a electrificação do Hotel Buol em 1885 e do Hotel Rhatia em 1886, a humidificação estival de ruas e caminhos (qualidade do ar, para aparelhos respiratórios sensíveis), a protecção contra incêndios (bombeiros, 1881), grandes lavandarias para desinfecção das roupas dos hotéis. Davos também oferecia área de patinagem, casas de chá, cinema, orquestra assegurando concertos, ambiente sofisticado e cosmopolita, intensa vida social, e mesmo uma igreja anglicana (1883) e uma biblioteca inglesa (1886), satisfazendo as necessidades religiosas e culturais dos curistas e turistas ingleses (montanhismo, alpinismo, vilegiatura estival e em breve desportos na neve). Assim, em menos de trinta anos (1860-1888), Davos transformou-se em cidade de cura "aberta", com mistura de doentes e pessoas sãs nos hotéis e pensões, os primeiros com controlo médico: repouso ao ar livre, algum exercício suave, passeios no jardim e nas veredas da floresta e da montanha, regime alimentar fortificante mas não excessivo, incluindo leite e vinho, banho frio rápido, mas também festas e bailes nos hotéis, frequência dos concertos no casino, ao inverso dos sanatórios «fechados», onde reinava uma disciplina exigente.

De 1890 a 1913 foram construídos em Davos-Platz e Davos-Dorf 37 novos sanatórios, edifícios isolados, arejados, longe dos prados húmidos, como pequenos sanatórios e pensões-sanatórios, que limitam os riscos de contágio ao reduzirem os contactos dos doentes (pavilhões isolados), e cinco grandes unidades, edifícios únicos longilíneos, com largas varandas por quatro e solários como galerias de cura: o Schatzalp de 1898, acima de Davos e servido por funicular próprio, numa frente de uma centena de metros; o Queen Alexandra de 1906; o sanatório internacional judaico de 1898, como hotel de grande nível, co-financiado pelos Rothschild, de Frankfurt, com sinagoga e banhos rituais; o Basler Heilstätte de 1895, para pacientes indigentes, também com sinagoga (cemitério judaico em Davos desde 1931; museu Kitchener); o sanatório alemão Davos-Wolfgang de 1901; a pensão Schneider Kosher (1905). Entretanto aumentou o número de doentes e turistas: 6.872 em 1889, 10.167 em 1890, 13.220 em 1895, 20.042 em 1905 (quase duas dezenas de nacionalidades), afluxos estimulados pela descoberta em 1882 do bacilo de Koch (1843-1910), e depois da tuberculina, métodos de tratamento valo-

rizados em Davos; jornais ingleses e franceses, nas línguas das elites; novas igrejas; sala de festas no Grande Hotel Belvedere (1892), concorrente do Casino; alargamento das redes eléctrica e de esgotos, quando o tratamento se democratiza, com afluxo de doentes pobres. Quando Tchaikovsky visitou Davos, existiam muitos hotéis de primeira classe, teatro, lojas de tudo um pouco, nomeadamente de tabaco, desde 1881 uma revista semanal e a partir de 1908, um jornal diário: o músico refere nomeadamente o Hotel Fuela de 1868, o Grande Hotel de 1875, hoje Steigenberger Grandhotel Belvedere, o Hotel Nacional, de 1912.

Davos, lugar de cura de doentes pulmonares, desde meados do século XIX, quando foi aberta a primeira clínica, e exemplo de lugares do período dos sanatórios de montanha; um mundo de médicos e pacientes sofrendo de tuberculose, doença estigmatizante, altamente contagiosa, de manifestação lenta, crónica e evolutiva; um lugar de permanências longas, de meses e anos, muitas vezes repetidas (recaídas frequentes), de encontro de gerações, classes sociais, culturas e ideologias, de conflitos e desânimos, de mortes precoces. A profilaxia baseava-se desde os meados do século XIX no clima da montanha, longas horas de repouso diário em cadeiras próprias, nas varandas e nas galerias, ao sol e abrigadas: falta de ar, cansaço, perda de apetite, emagrecimento, anemia; ar limpo e leve, ambientes soalheiros e bem ventilados (microclimas); pequenos passeios no quadro de uma paisagem bela e grandiosa, e sobretudo boa alimentação, com 3 refeições por dia, carne vermelha, muito leite, iogurte, carnes e vinho. As permanências dos doentes induzem a fixação de pessoal médico e de apoio, mas também a presença e visitas demoradas de familiares, e consequentemente a oferta de hotéis e pensões, de casas e chalés usados como habitação permanente e segundas residências, igualmente por doentes respiratórios menos graves. Um quadro urbano com equipamentos de lazer, nomeadamente na neve, afirmado paralelamente como estância de inverno, sobretudo desde finais do século XIX, embora mantendo a vertente de cura (30 sanatórios nos anos 20 e 30; muitos doentes alemães «vigiados pelos nazis através da organização sindical nacional-socialista, que adquirira localmente alguns sanatórios, plenamente funcionais durante a IIGG, no quadro da neutralidade suíça).

Davos, lugar de elites doentes, da região e de longe, aristocratas, homens de negócio, intelectuais, cientistas, escritores, pintores, boémios, instaladas em sanatórios luxuosos, sempre com largas varandas, que continuam a marcar a paisagem local, não mais como sanatórios mas como hotéis. Destacamos o Schatzalp, da viragem do século, na encosta virada a sul, a 1900m de altitude, 300m acima de Davos-Platz, com largas vistas, estilo Arte Nova, acesso por funicular exclusivo, domínio esquiável privado, com o seu jardim de 2ha e mais de 3mil espécies de regiões montanhosas, funcionando como hotel desde 1954; e o Waldhotel, cons-

truído em 1911 como sanatório e convertido em hotel desde 1957. No seu todo, uma micro-sociedade numa cidade médica, onde as áreas mais baixas, eram ocupadas pelos hotéis (Promenade, ruas), as mais altas, soalheiras, sobretudo no inverno, e abrigadas dos ventos frios pelos sanatórios, isolados uns dos outros (exposição a sul, helioterapia/curas solares; luz-ar-sol/exposição, como em Leysin), e as médias pelas pensões-sanatório. Acresce o acesso às alturas, desde logo com o funicular de Schatzalp, ligando o novo sanatório ao vale, depois e bem mais tarde, já no início dos anos 30, o teleférico Davos-Platz a Ischalp (1931 m) e nos anos 50, a Jakobshorn (2590 m). A sua atracção estendera-se a todo o continente europeu, do Reino Unido à Rússia, mas igualmente à Índia ou ao Brasil.

Davos, resort de saúde, longe dos fumos da industrialização e da insalubridade dos velhos bairros urbanos, numa paisagem natural e grandiosa, com pequenas aldeias tradicionais, e muitos pacientes ilustres e abastados: um mundo de monotonia e rotinas, desligado do tempo e das famílias; um luxo algo discreto, mas uma elegância permanente e sofisticada, clara nas salas de jantar e nos salões, sempre algo sumptuosos; lugar de festas regulares, de muito glamour e de intimidades românticas, mesmo sensualidades e prazeres, longe dos problemas dos outros; também um mundo de sonhos, algo irreal... Mundo visitado por Thomas Mann em 1912, quando a sua mulher Katharina (Katia) era tratada no Waldsanatorium (1905) e revelado (na sua destacada «Montanha Mágica» (1924): quotidianos dominados por comer, conversar, repousar, vigiar as temperaturas corporais, receber tratamentos médicos, explorar conversas e convívios, mesmo paixões e prazeres, que atenua a morbidez do lugar; refeições abundantes no refeitório onde se situam as sete mesas, bastante grandes, cada qual com capacidade para dez pessoas, e com lugares atribuídos. Mundo a que a IGG marca o início do fim como resort de tuberculosos abastados: desapareceram os doentes mais ricos que vinham de toda a Europa, desde logo e definitivamente os russos (IGG e Revolução de 1917), depois também os da Inglaterra, da Itália ou da Alemanha, pela destruição da grande burguesia industrial (IGG, crise financeira dos anos 30, IIGG). Em 1912 os russos representavam cerca de 11 % dos «turistas» de Davos, justificando consulado, igreja ortodoxa, biblioteca e estruturas de tratamento ajustadas: entre os doentes russos nos sanatórios de Davos figurou Dostoiévski. Thomas Man destaca as duas mesas dos russos, com famílias inteiras, a dos russos distintos, elegantes, e a dos mais populares, «ordinários», gente sem educação, de péssimas maneiras, algo bárbaros, mesmo grosseiros e nada discretos, claramente separados uns dos outros.

A descoberta de novos tratamentos, na base de antibióticos específicos dominando eficazmente o bacilo de Koch, acaba com as estadas prolongadas nos sanatórios (poucas unidades foram aliás construídas entre 1914-1946: apenas 16 novos

sanatórios e 3 novas pensões-sanatórios), e na continuidade, determina a «morte» de Davos como capital europeia da tuberculose. Davos contava ainda 25 sanatórios nos meados do passado século, os quais foram progressivamente desactivados e readaptados, na maioria dos casos a hotelaria com forte componente de saúde e bem-estar, mais raramente a outros serviços de saúde: hospitais e clínicas com valências várias, respiratórias, como asma, alergias, ou reumáticas, e nomeadamente fracturas e reabilitação; fusões de unidades com concentração de meios e adaptação aos novos sistemas de saúde, de redução de custos, designadamente da Alemanha e da Suíça, com exclusão do pagamento das estadas pelas seguradoras, o que reduz muito as taxas de ocupação das camas dos velhos sanatórios-clínicas, o emprego de profissionais de saúde residentes e afecta largamente a economia local.

Paralelamente, Davos beneficiara de novas acessibilidades, com ligação a Zermatt pelo Glaciar Express, estádio do gelo, esqui de fundo nocturno (pistas iluminadas) e até pistas para cães, teleféricos e funiculares de acesso a pistas de esqui alpino, o Vaillant Arena para o hóquei no gelo, campos de ténis, e no lago, surf e vela, também campo de golfe de 18 buracos; a par de ofertas hoteleiras de relevo (dezenas de hotéis, muitos de 5 e 4*, com diferentes restaurantes, solários, piscinas interiores aquecidas, vastas áreas de bem-estar com saunas, banhos de vapor, centros de fitness, salas de relaxamento), e de milhares de apartamentos de férias (mais de 10 mil camas turísticas), criando um mundo urbano tendencialmente algo banal na arquitectura e algo desorganizado (blocos sem cariz alpino). Davos oferece animada vida nocturna, no casino (programas musicais), nas discotecas, no centro de congressos; igualmente, oportunidades de caminhadas pelas centenas de km de trilhas sinalizadas, prática de desportos radicais como asa delta e parapente, passeios de trenó e centro de treino em altitude para atletas amadores e profissionais. Davos valorizou igualmente o segmento de congressos e seminários e em particular, desde 1970, o World Economic Forum (WEF): cinco dias, Janeiro; presença de muitos bilionários, empresários e líderes políticos, preocupados com o terrorismo global, os preços do petróleo, a relação da Rússia com a Europa e os Estados Unidos, as taxas de juro, as políticas do FED e do Banco Central europeu; milhares de participantes, estrelas do *jet-set*; grandes recepções e manifestações. É este o novo mundo de Davos, um século depois da estada de Thomas Mann. Entretanto, a sua população evoluíra: 1680 em 1850, 3891 em 1888, 8089 em 1900, 11164 em 1930, 10433 em 1950, um pouco mais meio século depois: 11166 habitantes em 2010, mas com tendência para o decréscimo; activos maioritariamente associados ao sector terciário; muitos estrangeiros, mais de 1/5...

3.3. Saint Moritz, das termas ao esqui

Saint Moritz (a 1800m), na região de Engadine (cantão dos Grisons, sudeste da Suíça), num vale com sucessão de pequenos lagos e rodeado de picos de mais de 4000m, de vistas deslumbrantes, microclima ameno, luz mágica, desenvolveu-se igualmente como um destacado destino turístico alpino, primeiro termal depois de esqui. De início fora dispensada uma renovada atenção às nascentes de águas minerais-naturais, que de há muito acolhiam multidões de doentes, em visitas regulares, repetidas ano após ano: águas carbonatadas com usos terapêuticos internos e externos recuados, mesmo milenares; peregrinos desde a Idade Média; popularidade das termas da igreja de St. Maurice; movimento estimulado pelo papa Leão X no início do século XVI, e suportado cientificamente por Paracelsus, pioneiro no uso em medicina de produtos químicos e minerais (curas naturais). Desde finais do século XVII, muitos suíços, italianos e também alemães começaram a frequentar estas termas, cujo desenvolvimento continuado se prolongou até aos anos 80, se bem que com escassas infra-estruturas, apenas abrigos para visitantes do dia chegando de cavalo: a «estação» decorria no verão (dois meses, Julho e Agosto). Aos benefícios das águas acrescia o do clima alpino, tido de efeitos tónicos e revigorantes sobre todo o organismo, uma paisagem grandiosa de alta montanha e de lagos, e um lugar abrigado e bastante soalheiro (mais de 300 dias de sol). Já no século seguinte, em 1830, decorreu a concessão da exploração das nascentes por 20 anos, seguida da construção de um pequeno centro termal, mas o verdadeiro desenvolvimento só se verificou a partir da nova concessão, em 1852: edificação de novas instalações termais e início da sua afirmação mundial, embora com continuação da grande procura diária de inválidos das aldeias vizinhas, o que de certo modo perturbava as novas clientelas.

Nos finais do século XIX (1886) o resort termal contava como principais hotéis, o Hotel-Casino (Kempinski Grand Hotel des Bains, ex. Parkhotel Kurhaus) de 1864, o mais antigo, então com 219 quartos (300 camas), casas de banho, duches, mesmo uma sala de cura com base no leite, salões, sala de concertos, capela, correio e telégrafo, banco, cabeleireiro, bazar, estábulos e parqueamento para carruagens particulares, banda de música partilhada com os hotéis do Lago e Vitória, e ligação directa às termas; o Hotel Rainha Vitória, ao lado da ala nova do Casino, também de primeira classe, com uma vintena de salões, centena e meia de quartos, teatro e sala de bridge; o Hotel do Lago, com a sua fachada elegante, 25 salões, 250 camas, sala para as senhoras, sala de leitura, sala de bilhar, sala de jantar e restaurante-café, igualmente com médico residente e modernos aparelhos hidropáticos; o Hotel Bellevue, com uma centena de camas e o Hotel Saint Moritz ou Hornbacher's Engadiner-hof, de dimensão semelhante e também de excelente

nível. Complementarmente, casas, pensões ou hotéis da aldeia de Saint Moritz, alguns anteriores aos da zona das termas: Hotel Kulm (1856), Hotel Chesa Salis (1883), Hotel Badrutt's Palace (1896; Alfred Hitchcock, cliente habitual), Hotel Schweizerhof/Pensão Suíça (1898) / Hotel Suíça (1904), Hotel La Magna (1907), Hotel Walther (1907), Hotel Monopol (1911), Hotel Carlton (1913).

Saint Moritz afirmou-se como um resort climático estival e uma estância termal: banheiras, banhos de água aquecida, duches (4 a 5 centenas de banhos por dia com água carbónica); boa assistência médica; aconselhamento para anemias, debilidades várias, envelhecimento. Um health resort verdadeiramente internacional que atraiu muitos reis, príncipes e princesas, grão-duques, condes, homens de estado e diplomatas, famílias da alta finança (Rothschild) de Frankfurt, Paris, Londres, Viena ou Genebra, intelectuais, toda a aristocracia e a grande burguesia europeia (franceses e italianos, mas também ingleses, alemães, suecos, russos...), mesmo a americana. Como visitantes ilustres Giovanni Segantini e Giacometti (pintores), Friedrich Nietzsche, Herman Hesse, Thomas Mann, Richard Wagner, Arturo Toscanini, Richard Strauss, Herbert von Karajan e muitas outras personalidades do mundo das artes, da música e da cultura.

Mas Saint Moritz cedo associou a vilegiatura estival e termal e a presença de turistas ingleses do Grand Tour ao turismo de inverno e das actividades na neve: em 1864, Johannes Badrutt's, da hotelaria local (Klum), desafia alguns dos seus hóspedes ingleses a voltarem no inverno, garantindo-lhes estadas agradáveis e o seu custo total em caso de insucesso. Com eles, introdução de muitas das suas habituais actividades desportivas, ainda nos finais do século XIX ou nos princípios do seguinte, nomeadamente críquete, patinagem e equitação adaptadas ao gelo, esqui nórdico e depois esqui alpino (Jogos Olímpicos de Inverno de 1928, altitudes envolventes), sem esquecer o golfe, que asseguraram a sua velha frequentação mundana. A explosão da prática de esqui provocou a construção de novas instalações: funicular Saint-Moritz-Chantarella em 1913, La Corvigliabahn em 1928, por último canhões de neve, pistas iluminadas.

Multiplicaram-se as possibilidades desportivas, de inverno e verão, na montanha ou no vale e no lago, e as diversões: alpinismo, montanhismo, simples caminhadas; esqui nórdico, esqui alpino, patinagem no gelo, corridas de cavalos e competições de pólo no lago gelado, trenó; ofertas termais propondo relaxamento, recuperação física e mental, bem-estar geral, mesmo beleza, através de práticas complexas e sofisticadas, onde se cruzam saberes de muitos continentes, no MTZ, Medical Therapy Centre Spa, nos hotéis do lugar e nos de lugares próximos, como Samedan (ex. hotel Bernina, de 1865) e Pontresina (ex. Grand Hotel Kronenhof, de 1848); e no verão golfe, ténis, náutica, trekking, também festivais de música, festivais gastronómicos, etc. E novas clientelas, do rei Juan Carlos de Espanha a

estrelas do desporto, como Michael Schumacher, automobilista, Zinédine Zidane, futebolista, Steffi Graf, tenista alemã.

Os núcleos de Saint Moritz (St. Moritz-Dorf, a aldeia antiga; St. Moritz- Bad, o das termas, com os seus numerosos hotéis; e ainda Champfèr) cedo se adaptaram às exigências da sua distinta clientela turística: sistema de esgotos, separado do escoamento da água das chuvas, com início em 1868 (evitando casos de febre tifóide), abastecimento domiciliário de água desde 1878, iluminação eléctrica no hotel Kulm também em 1878, melhoria do sistema de iluminação pública, arranjo das ruas, valetas e passeios, «eléctrico» desde 1896, animação por uma banda de músicos desde 1883. E apesar das épocas de crise (IGG, crise económica de 1929 e primeiros anos 30, IIGG), Saint Moritz mantém-se como um importante destino turístico, uma estância de esqui famosa, cosmopolita, sofisticada, elegante, luxuosa e exclusiva, de encontro de todo um *jet-set* internacional, um mundo de ricos e famosos: antes suíços, ingleses, alemães; depois industriais americanos, marajás da Índia, príncipes árabes; actualmente, a oligarquia russa.

Um mundo do desporto e da moda (Louis Vuitton, Chanel, Gucci, Prada, Bulgari, Escada, e nas jóias, Cartier, Rolex, Van Cleef & Arpels), com tradição termal. Uma importante oferta hoteleira: 5300 camas em cerca de 40 hotéis tradicionais, metade em unidades de 4 e 5*, sofisticadas, nomeadamente ao nível de spas e restauração; Club Med Roi Soleil (311 quartos, num edifício-hotel moderno, de 5 pisos, com uma piscina interior iluminada); moderno Centro de Wellness, para tratamentos do corpo e do rosto (hammam ou sauna, massagens étnicas, tradicionais e inovadoras). E ainda, cerca de 7500 camas em apartamentos de férias, das quais 3500 serão alugadas: no total, mais de 13 mil camas e 200 mil visitantes por ano, principalmente no inverno, embora cada vez mais, e de novo, também no verão. Como recursos turísticos polarizadores, além das nascentes termais de usos remotos e renovados, cimos de mais de 3 mil metros, elevada insolação anual, invernos frios e moderadamente nevosos, verões amenos; espaços bravios e desolados, florestas e lagos, paisagens sublimes, natureza, águas cristalinas, parques nacionais com respectiva flora e fauna, tranquilidade, harmonia, pastagens e gados, velhas aldeias de pedra e suas igrejas, populações simples, cultura. Mas também hotelaria (5 unidades de 5*) e comércio de luxo, animação e vida nocturnas intensas, festivais de música (ópera), festivais gastronómicos, múltiplos eventos e encontros de renome, nomeadamente do Grupo de Bilderberg que reúne a elite mundial da finança, economia, política e da média. Ao lado da realeza europeia, milionários de todo o mundo, estrelas de cinema, em suma, BCBG, bom chique, bom género, no sentido de estilo e classe, e novos hotéis como o Intercontinental, futurista: forma oval, aço dourado, 216 quartos e suites, 4 restaurantes, duas piscinas e um spa... Saint Moritz conta actualmente cerca de 5,2 mil habitan-

tes (entre os quais muitos estrangeiros residentes – mais de 1/3: 435 portugueses, sem incluir os de dupla nacionalidade), contra 228 em 1850, 1.603 em 1900, 3.197 em 1910, 2.558 em 1950 e 5.589 em 2000, seguida de decréscimo; 3500 activos no terciário, muitos trabalhadores sazonais (3 mil); e como maior empregador, o Badrutts´Palace Hotel (520).

3.4. O esqui e a forte valorização dos cimos alpinos

A prática do esqui tendeu a valorizar os lugares que foram equipados com meios mecânicos de acesso aos cimos, e depois as estâncias construídas do nada, nas alpages, com sistemas mecânicos interligando muitas pistas e alargando consideravelmente as áreas esquiáveis (multiplicação das pistas, das infra-estruturas e do imobiliário). Muitas estâncias alpinas figuram habitualmente entre os dez destinos mais prestigiosos da Europa e da América do Norte: desde logo Saint-Moritz e Davos, como vimos atrás, mas igualmente Zermatt, Gstaad, Verbier, Crans-Montana, tal como Courchevel, Megève, Méribel, Tignes, Val d´Isère, Chamonix, e também Cortina D´Ampezzo, Kitzbuhel, Ischgl, Saint Anton am Alberg, a par de Aspen e de Vail, ambas no Colorado, igualmente modernas, sofisticadas, luxuosas (hotéis de 5*, comércio de luxo) e frequentadas pelas elites americanas, celebridades e milionários, de Michael Douglas, Jack Nicholson, Calvin Klein ou Sean Connery à família Clinton ou a Donald Trump.

Estâncias de esqui, como velhos lugares mundanos mas algo discretos: lugares dos poderosos, dos ricos (indústria, comércio, banca) e do jet-set das artes e do desporto; visitantes de renome como os reis da Dinamarca, a família real da Suécia, o Príncipe Harry, os duques de Cambridge, a duquesa de Iorque, a baronesa Marianne van Brandstetter, Sarah Fergunson, os Kennedy, os Rothschild e os Agnelli, Sílvio Berlusconi, Nicolas Sarkozy e Carla Bruni, Ângela Merkel ou Vladimir Putin. Mas também empresários, como Richard Branson (fundador da gravadora Virgin), desportistas, como Sérgio Garcia (jogador de golfe) e Lawrence Dallaglio (rugby), e muitos artistas: cantores como Madonna, Elton John, James Blunt, Diana Ross (jazz), Gilbert Bécaud, Céline Dion; actores como Roger Moore e Hugh Grant, Juliette Binoche e José Garcia (José Doval, actor de cinema e humorista), Alain Delon e Gina Lollobrigida; também a astróloga Elizabeth Tessier, a ex-miss suíça Lolita Morena, a família Knie (gerações do maior circo suíço). Acrescem os turistas do Golfo, com famílias numerosas, menos pelo esqui que pelos spas, restaurantes e cabarés, alguns turistas brasileiros abastados e afectos ao esqui nas estâncias da moda e outros turistas indianos, sobretudo de Bombaím ou Deli, pela contemplação do Monte Branco, as compras e as soirées nos casinos, a par de alguns turistas chineses, para quem os domínios esquiáveis são parques

de atracção, de diversão sem esforço (visitam a montanha como a torre Eiffel ou o Mont-Saint-Michel), mas sobretudo turistas da CEI.

Milionários e jet-set, luxo e mundanismo, encontro do Gotha internacional, em Zermatt, no Valais, na base do Cervin, que culmina a 4478m, com garantia de neve todo o ano: luxo algo discreto, chique e sóbrio, calma porque sem circulação automóvel e com hotéis como o Palace Monte Cervin ou o Riffelalp, a 2222m, junto das pistas de esqui. Também em Gstaad, na região de Berna, pequena aldeia a 1050m de altitude, arquitectura tradicional, com o Gstaad Palace e mais outros 4 hotéis de 5*, e como frequentadores assíduos o cantor francês Johnny Hallyday e o patrão da equipa de velejadores Alinghi, Ernesto Bertarelli; presentes frequentemente o director de cinema Roman Polanski, o príncipe Victor Emmanuel da Sabóia, a actriz Ursula Andress e o patrão da Fórmula 1 Bernie Ecclestone. Entretanto, em Champéry, no Valais (1050m, lugar turístico desde meados do século XIX: hotel do Dent-du-Midi de 1857), estância menos badalada, podemos encontrar o patinador suíço Stéphane Lambiel e o aventureiro Mike Horn, Andrew Fletcher, músico do Depeche Mode, o grupo Daft Punk, Roch Voisine, os actores Thierry Lhermitte e Bernard Campan, a estilista Inês de la Fressange ou o boxista Franck Bruno. Outros frequentam Verbier, a «Ibiza no gelo», ou Crans-Montana (entre o Monte Branco e o Monte Cervin), com o centenário Grand Hotel du Golf&Palace: como clientela o príncipe William de Inglaterra, James Blunt (cantor, compositor e instrumentista britânico), Céline Dion ou Alain Delon. As estâncias de esqui suíças são sem dúvida mais prestigiosas, embora também bem mais caras (valor do franco suíço): contam excelentes infra-estruturas e equipamentos para a sua prática, vasta oferta de hotéis-spas de acomodações luxuosas, oportunidades de compras de marcas de luxo, clubes reservados a sócios (como o Drácula Club, perto do Hotel Kulm, 5*, em Saint Moritz, que remonta a 1974 e a Gunter Sachs, herdeiro alemão da família da Opel), torneios de polo nos lagos gelados, mesmo campos de golfe.

Em França, Megève fora concebida como um gueto do novo Gotha. A partir dos anos 1920, a família Rothschild, que antes frequentava Gstaad, instalou-se e fez do lugar um destino de férias da «aristocracia» francesa, designadamente a nova burguesia de Paris, concorrente de Saint Moritz (entre as duas GG cheia de alemães), desde logo com a construção de hotéis ainda em 1921 (o quase centenário Hotel Mont d'Arbois, 4*, que fora habitualmente frequentado por Jean Cocteau: estrutura em chalés; Relais & Châteaux) e do chalé da família, num estilo local, imitado por outros (algo entre o chique e o rústico, entre o cosmopolitismo e o bucolismo), como o da princesa Angèle de Bourbon (1927), depois com a do teleférico exclusivamente dedicado aos desportos de inverno (1933). Durante muito tempo a baronesa Noémia de Rothschild simbolizou a estância de Megève

como destino das cabeças coroadas e da nova burguesia em busca de reconhecimento e notoriedade: Norbert Dentressangle (serviços de transporte, distribuição, logística), Laurent Dassault (aviões), Philippe Charriol (relógios de luxo), Filipacchi (Hachette), Givenchy (perfumes), Lindsey Owen Jones (ex-PDG da Oréal), Pollet (La Redoute), Mulliez (Auchan), que aqui fizeram construir grandes chalés (residências de inverno, mas com piscina), dispersos na paisagem próxima, onde se encontram e fazem a festa, mais raramente em eventos internacionais que patrocinam, como o Polo Masters ou Polo des Neiges, desporto bastante dispendioso (custo de participação de dezenas de milhares de euros), ou ainda o Snow Golf Cup, torneio de golfe também na neve, no planalto do Mont d'Arbois (e no verão o Festival de Jazz).

Megève foi promovida como destino de lazeres variados (além dos desportos da neve e da montanha, também golfe, cultura, arte), de elevado nível e de muitas clientelas (não turismo de massas). Não faltam em Megève spas e um casino, além de importante oferta hoteleira de elevado nível, sempre em estilo chalé de montanha em madeira, com varandas rendilhadas, e igualmente restaurantes com * Michelin: 3 mil camas em hotéis, acolhimento personalizado, muitas residências secundárias que se alugam, capacidade total da ordem das 40 mil camas; unidades modernas e de 5*como o M de Megève, chalé com 4 dezenas de quartos e centro de balneoterapia, reconhecido como Small Luxury Hotels of the World, Les Fermes de Marie, como sete dezenas de quartos, o Fer à Cheval, com meia centena de quartos, ou o pequeno Alpaga, os Flocons de Sel (apenas uma dezena de quartos), e o ainda menor Chalet Zannier, a 3 km do Campo de Golfe Mont d'Arbois; muitas outras de 4*, casos da Résidence de l'Arboisie com cerca de 70 quartos, das Loges Blanches, de semelhante dimensão, do Hotel Mont Blanc, com quatro dezenas de quartos, do pequeno Hotel Chalet Saint-Georges. Os acessos fazem-se por estrada ou pelo Altiport, a 2000m, servido por avionetas. Nos anos 60, tornou-se fino para muitos parisienses fazer férias em Megève: primeiro a geração do showbiz, seguida pela dos empresários da indústria e por personalidades do meio político, como Jean-Pierre Raffarin, em busca de discrição (não há paparazzi em Megève). Mas a par de gente de Lyon e Grenoble, suíços francófonos, mesmo alguns ingleses, holandeses, alemães, e actualmente também russos e chineses, muito embora a clientela se mantenha muito francesa (70%) e familiar, seguida pela suíça e inglesa, que retornam habitualmente ano após ano. O aglomerado conta cerca de 4 mil residentes.

Por sua vez, Méribel foi fundada a partir de 1936 pelo coronel escocês Peter Lindsay, desejoso de fazer esqui em lugares sem nazis, dominantes nas estâncias da Alemanha e Áustria: em 1938, surge o primeiro acesso aos cimos, a par dos primeiros chalés e hotéis; a construção foi interrompida e só retomada depois da

Guerra, em 1950. A velha aldeia (Méribel Centre) situa-se a 1450m de altitude, Méribel-Mottaret a 1750 m e Méribel Village a 1400m, na estrada para Courchevel: sobe-se até aos 2952 m e integra-se no domínio esquiável dos 3 Vallées, que abrange igualmente os resorts de Courchevel, La Tania, Les Menuires-Saint Martin, Val Thorens e Orelle (Marc Boyer, 2005). Um gueto de ricos, que evoluiu para estância de novos milionários, que também frequentam hóteis de renome, como o Hotel Crillon em Paris, na Place de la Concorde, o Hotel Dorchester em Londres, com vista para o Hyde Park, ou o nova-iorquino Hotel Pierre, na 5ª Avenida, com vista para o Central Park, como os melhores hotéis locais: Le Kaïla (5*), e muitos de 4*, como o Le Savoy, La Chaudanne, o Allodis, o Hélios, o Yeti Hotel Les Allues, o Grand Coeur, o Altiport, ou as Pierre & Vacances Residence Les Ravines (5*).

Courchevel, não longe do Monte Branco, é mais recente (remonta a 1946) e compreende os núcleos de Courchevel 1300 (Le Praz), Courchevel 1550, Courchevel 1650 (Moriond) e Courchevel 1850, segundo as suas altitudes, mais exclusivos e elegantes quanto mais altos: 1550 atrai principalmente famílias, 1650 tem uma atmosfera mais jovem e festiva e 1850 é frequentada por ricos e famosos, a «Saint Tropez» da montanha e dos desportos de inverno. Courchevel 1850 compreende 3 hotéis-Palaces (Palace des Neiges, ex. Le Biblos des Neiges, do mesmo proprietário do Biblos de Saint Tropez, o Airelles e o Cheval Blanc), não comuns nas estâncias de esqui francesas, mais de uma dezena de hotéis de 5 estrelas, modelo clalés, com acesso directo às pistas, muitos outros de 4 estrelas, chalés privados de multimilionários, vários restaurantes com estrelas Michelin, à imagem das melhores estâncias suíças, e heliporto. Atrai uma clientela real e VIP: príncipe William e Middleton Kate, a família real saudita, o rei de Marrocos Mohammed VI, Gérard Depardieu, George Clooney, George Armani, os Beckham, Cristina Aguilera, Loinel Richie (cantor norte-americano), Roman Abramovich e muitos outros. A estação vai dos princípios de Dezembro a finais de Abril, contando com centenas de monitores, e atraindo mais de 30 mil turistas, sobretudo estrangeiros, sendo claramente um destino preferido dos milionários russos, clientes do seu comércio de luxo (Louis Vuitton, Hermès, Valentino, Loro Piana, Prada, Cartier, Fendi, Dior and Chanel), como dos seus Palaces e dos seus restaurantes com * Michelin.

No Tirol, Kitzbühel («Kitz»; a «pérola dos Alpes») é uma das suas estâncias mais prestigiadas, que remonta a 1892 e dispõe de pistas a média altitude: menos de 10mil habitantes, soirées animadas (clientes afortunados; jet-set; pistas de renome, para os melhores esquiadores), algum comércio de luxo (Chanel, Dior, Cartier), alguns hotéis de 4 e 5*, com destaque para o Tennerhof, classificado Relais&Chateaux, numa propriedade histórica dos meados do século XVII, no

meio de amplo jardim e repleto de antiguidades, e o moderno Grand Spa Resort A-Rosa, de 2009, como um castelo tirolês, com centena e meia de quartos, saunas, duas dezenas de salas de tratamento, banho turco, banho árabe tradicional, uma piscina interior e outra exterior, ginásio, serviços personalizados, campo de golfe. Sölden (4113 habitantes em 2011) é uma estância moderna, lugar de competições internacionais, escolas de esqui, outras actividades desportivas e recreativas, ambiência festiva na aldeia, a 1368m, e na de Hochsölden, a 2090m: Palaces, como o Valentin, o Central ou o Stephan; hotéis de 4 e 5*; butiques de alta-costura; joalharia; acessos a cimos de 3768m; velhas aristocracias, famílias afortunadas, estrelas de cinema e show-business e muitos russos – «a pequena Courchevel». Sempre no Tirol, Saint- Anton, com 2500 habitantes, também pioneira nos desportos de inverno, dispõe de uma arquitectura típica, atmosfera calma e internacional, hotéis de 5*, como o Himmlhof, o Gletscherblick, o Der Waldhof, o Zur Pfeffermuehle e outros. Igualmente Ischgl, estância com vida nocturna muito animada e famosa pelos concertos no início e no final da época de esqui em Idalp (2300m), com participação de actores como Bob Dylan, Tina Turner, Elton John, Rod Stewart, Enrique Iglésias, Beyoncé, Rihanna e muitos outros, e que conta entre os seus visitantes Paris Hilton e Naomi Campbell.

Nas estâncias italianas concorrentes, relevamos Cortina d'Ampezzo (Dolomites, Veneto; JO de Inverno em 1956): resort frequentado desde o início do século XX pela aristocracia europeia, com acentuado passado austríaco; hotéis centenários como o Miramonti Majestic, 5* e uma centena de quartos, antigo pavilhão de caça do império austro-húngaro, e o Hotel Cristallo, 5*, de 1901, com spa e golfe; lojas luxuosas (Corso Itália) e galerias de arte; destino exclusivo, com restaurantes Michelin e animada vida nocturna, entre gente elegante, com peles, Ferraris e Lamborghini, nomeadamente as elites de Milão, Roma e Veneza, muitas estrelas de cinema e todo um *jet-set*. Relevamos igualmente Vale de Aosta, enquadrada pelos altos cimos alpinos (Monte Branco 4810m, Monte Cervino 4478m, Monte Rosa 4633m e Gran Paradiso 4061m).

3.5. Velha familiaridade dos russos com o mundo alpino, através da Suíça

Os laços diplomáticos, económicos e culturais da Rússia com a Europa são antigos, foram promovidos pelo czar Pedro o Grande desde os finais do século XVII e mantiveram-se até à revolução de Outubro (1917) e a guerra civil que levou à fundação da URSS, nos finais de 1922 (dissolvida em 1991, dando lugar à Comunidade dos Estados independentes). Durante o império dos czares, alguns suíços instalaram-se na Rússia (técnicos, arquitectos, professores, médicos, tutores, educadores ou governantas da nobreza, empresários da indústria e do comércio, etc.)

e alguns russos visitavam a Suíça (aristocratas como turistas, atraídos pelas paisagens alpestres, consideradas idílicas, curistas das termas, doentes dos sanatórios, estudantes das melhores escolas, designadamente privadas e claramente elitistas...), enquanto outros se refugiavam politicamente (neutralidade, asilo, liberdade de imprensa e de acção política), sobretudo na segunda metade do século XIX e em Zurique e Genebra, inclusive Lenine. Os Alpes estavam no percurso das viagens de formação (Grand Tour) pela Europa e a caminho do Sul (França, Itália e mesmo Grécia), dos jovens aristocratas e da grande burguesia, nomeadamente ingleses, mas igualmente alemães, escandinavos, russos e mesmo americanos: regiões de Berna, Genebra e o lago Lehman, Suíça Central. A formação escolar nos estabelecimentos suíços de ensino privado de renome, e nas respectivas universidades (muitos estudantes e muitos professores estrangeiros), conquistara largo prestígio. A estrutura cantonal facilitava a tomada de decisões de asilo político dos revolucionários. Lausanne conquistava renome como cidade médica, cosmopolita, culta, abastada. Outros privilegiavam os lugares termais ou junto de lagos, como Le Bourget ou o Lehman, ou os isolados em plena montanha, casos de Saint- Moritz ou de Davos (Mikhail Chichkine, 2005 e 2007), como vimos atrás.

François Lefort, natural de Genebra (família de comerciantes), foi companheiro de armas de Pedro o Grande e participante habitual nos seus jogos políticos e de guerra desde 1690, no palácio Lefort (Moscovo); os pais de Alexandre I (Imperador da Rússia de 1801 até sua morte, ao mesmo tempo Rei da Polónia e Grão-Príncipe da Finlândia), Paul I e Maria Feodorovna, viajaram através da Europa, incluindo a Suíça; Frédéric-César de La Harpe (1754, Rolle, cantão de Vaud; político) viajou pela Rússia, e foi tutor durante longos anos dos filhos do imperador Paul I, nomeadamente o futuro Alexandre I (em Saint-Petersburgo), com quem manteve relações estreitas; o conde Jean Capo d'Istria, Ioannis Kapodístrias, natural de Corfu, foi diplomata ao serviço do Império russo (1808-1815), em 1813 embaixador não oficial deste na Confederação suíça, ajudando-a a evitar a influência de Napoleão, e garantindo a unidade, independência e neutralidade do país (possuía casa em Genebra), depois ministro dos Negócios Estrangeiros do czar Alexandre I (1816-1822) (e governador da Grécia independente 1827-1831, quando foi assassinado). Desde 1814, as relações diplomáticas entre a Suíça e a Rússia tornaram-se, com efeito, regulares e assim se mantiveram até ao fim do Império, quando a Suíça acolheu muitos refugiados políticos e largamente empobrecidos (bens nacionalizados – latifúndios, datchas, villas, solares, palácios, castelos, colecções de arte, muitas actualmente no Museu do Ermitage, em Saint-Petersburgo).

Como visitantes, a família imperial, a nobreza, jovens aristocráticos em formação (caso do filho do conde Stroganov, com fortuna no comércio, indústria, e

grandes proprietários fundiários, nobilitados no início do século XVIII, como barões e depois condes), homens de negócio, viajantes atraidos pelas montanhas e os lagos, pintores, estudantes (Genebra, Lausanne, Zurique), intelectuais revolucionários (Zurique), alguns no exílio, como Léon Tolstoï em Lucerna, Fiodor Dostoiévski em Genebra (jogador inveterado e frequentador do Casino de Saxon no Valais, aberto em 1847 e apenas a estrangeiros, ampliado em 1855 com sala de concertos e desde 1860 com acesso por caminho-de-ferro, fechado em 1877, com a proibição dos jogo de fortuna e azar), Pavel Axelrod (revolucionário marxista) em Zurique, tal como Lenine (igualmente exilado na Suíça) ou Bakounine (anarquista, em Berna), Alexandre Herzen (populismo agrário, naturalizado no cantão de Friburgo), Igor Stravinsky e Sergei Rachmaninov (músicos), Vladimir Nabokov (romancista, falecido em Montreux), Wacław Nijinski (bailarino e coreógrafo), Marianne von Werefkin e Alexeï von Jawlensky, pintores expressionistas; também Marina Tsvétaïéva (Lausanne), poetisa e tradutora russa, fugindo à Revolução (Alfred Erich Senn e Nancy Hartmann, 1968). Com a multiplicação dos acessos ferroviários e a melhoria das estradas terrestres a Suíça acolhera igualmente muitos camponeses polacos (Polónia integrada no império czarista).

Em 1910, 147 em cada mil pessoas residentes na Suíça eram de nacionalidade estrangeira, contra 2 por mil em Espanha, 4 na Rússia, 11 na Holanda, 17 na Alemanha, 27 em França e 31 na Bélgica; 175 dos estrangeiros residentes habitavam Zurique (34% da população): o recenseamento de então conta 4607 pessoas domiciliadas na Suíça tendo o russo como língua materna e 2047 o polaco como língua de origem; no total, na Europa 8458 pessoas eram originárias da Rússia, sendo mais importantes as colónias de Zurique (2155 pessoas), Genebra (2107), Lausanne (865), Berna (720) e Basileia (545).

Com a Revolução de Outubro as relações entre a Rússia e Suíça esbateram-se e assim se mantiveram até quase ao fim da URSS, tanto as migratórias (refúgio de russos brancos; intelectuais de esquerda e revolucionários, em sentido inverso) como as económicas e as culturais: alguma presença na Suíça de músicos, como Serge Rachmaninov, Serge Prokofiev, Dimitri Chostakovitch, e de escritores, como Alexandre Soljenitsin ou Vladimir Nabokov; impressão em russo de obras de Le Corbusier, etc. Houve uma certa reanimação das relações oficiais a partir de 1973 e sobretudo com a Perestroika: ajuda financeira, técnica e humanitária suíça, dinamização do comércio bilateral, presença na Suíça de investidores russos, em particular do comércio do petróleo, gás e outras matérias-primas, sobretudo em Genebra, e participação em certas sociedades suíças, a par de muitas actividades de negócio (Zurique e Genebra). Retenha-se como exemplo o grande capitalista Viktor Vekselberg (natural da Ucrânia, de origem judaica, e um dos russos mais ricos da Lista da Forbes em 2015), ligado ao Grupo Renova (alumínio, telecomu-

nicações, electricidade; coleccionador de arte). Acresce, desde os finais do século passado, o desenvolvimento dos fluxos migratórios e turísticos. A Rússia afirmava-se como um importante mercado emissor de turismo: em 2011, a intensidade de viagens ao estrangeiro, ou seja a relação do nº de viagens pelo nº de habitantes de mais de 15 anos, era de 20 %; destas, 82% para férias, 11% para visitas a familiares e amigos e 7% para negócios; nas motivações turísticas relevavam-se a praia, as cidades e a cultura, mas também o esqui e os spas. Até à crise na Ucrânia, a descida dos preços do petróleo e a do câmbio do rublo, as perspectivas económicas eram favoráveis para a Rússia: toda a sua procura turística registava um forte crescimento (semana de férias escolares em Março, Páscoa ortodoxa em Abril, vários dias feriados – pontes de 1 a 12 de Maio, férias grandes escolares em Julho e Agosto, nova semana de férias no princípio do mês de Novembro), sobretudo a dos milionários e das classes média-superiores, que retornavam à vizinha Europa ocidental, outrora tão apreciada e frequentada pela sua aristocracia, cem anos depois da quase extinção dos velhos fluxos elitistas, mais ou menos doentes e em busca de socialização e «globalização» através do Velho Mundo.

3.6. Novos turistas russos nos destinos de esqui dos Alpes

Grande parte dos novos-ricos e multimilionários da ex. URSS privilegiavam os Alpes como destino habitual de férias na neve, com destaque para as estâncias da Suíça, entre os mais abastados, mas também para os melhores destinos dos Alpes franceses, em particular Courchevel, à medida que o esqui se afirmava como um desporto *com estatuto social e se promoveram certas estâncias, ainda nos anos* 1990, no quadro da liberalização pós-soviética. Paralelamente, multiplicavam-se os quadros, algo jovens e globais, e crescia a classe média-superior que também aderia às férias de esqui nos Alpes, constituindo aliás importante mercado para as estâncias menos sofisticadas e mais económicas, nomeadamente as austríacas e italianas (pelo menos uma semana/7 noites em hotel de 3*). O esqui *entrara efectivamente na moda russa (Putin, um apaixonado por esqui), desde logo* nas estâncias dos Urais e sobretudo d*o* Cáucaso, um pouco à imagem das alpinas mas sem o seu prestígio (algo caras e tidas como de luxo), nomeadamente Rosa Khutor em Krasnaya Polyana, construída a partir do nada, e tendia a *democratizar-se com as pequenas estâncias junto de Moscovo, frequentadas pelas classes médias e os grupos escolares (*quase 1/5 da população e mais de 1/3 dos habitantes de Moscovo fazem esqui): o Cáucaso oferece actualmente *estâncias modernas e acessíveis, à imagem das alpinas, com* hotéis, pistas de esqui e restaurantes; contam-se cinco áreas de *resort* (Monte Elbrus 4164m, Arkhyz 3071m, Lagonaki 2450m, Mamison 3732m e Matlas 2767 m), previsões de cinco milhões de visitantes por ano até 2020, capacidade de acomodar 150 mil

pessoas por dia, 90 mil em hotel, passes de esqui permitindo acesso a todos os resorts, criação de uma Zona Económica Especial, com regime preferencial quanto a impostos, e vistos para trabalhadores estrangeiros.

Como visitantes e esquiadores habituais dos Alpes, encontramos muitos oligarcas da época de Boris Yeltsin (matérias-primas, indústrias tradicionais e novas, actividades financeiras, construção civil, comunicações, comércio de distribuição, exportações), como Vladimir Potanin (banca e empresas) e Mikhaïl Prokhorov (seu sócio até 2007, na Norilsk Nickel, que deu lugar a Oleg Deripaska), Tatiana Yeltsina (filha de Boris Yeltsin), Roman Abramovich, alguns exilados (Boris Berezovski), também Gennady Nikolaïevitch Timchenko, *sponsor* do clube de hóquei Val Vanoise e da exposição de arte russa no Louvre (museu de Saint-Petersburgo): cidadão russo com nacionalidade finlandesa desde 1995, vivendo habitualmente em Genebra (aquisição local de propriedade em 2001, problema de impostos); decuplicação da sua riqueza entre 1999 e 2001; Grupo Volga, fundado em 2007, energia, transportes e infra-estruturas, significativo na exportação de petróleo para o Ocidente desde 1988 a partir da refinaria de Kirishi, co-fundador da Gunvor (1997), importante no comércio internacional; 62º milionário da edição Forbes de 2014, etc.

A Suíça atrai pela natureza alpina, clima (sol de inverno), condições da neve, conforto, oportunidades de compras de prestígio, gastronomia. Os turistas russos que a visitam provêm sobretudo de Moscovo (8,1% da população, mais de metade das chegadas), seguida por Saint-Petersburgo (cerca de 1/4 das chegadas): mercado de forte crescimento, nomeadamente na hotelaria (muito mais do que as outras nacionalidades, mesmo as escandinavas); viagens turísticas sobretudo no Inverno (Janeiro e Março), facilitadas entretanto com a multiplicação de voos que chegam a Genebra e as novas facilidades de obtenção de vistos; integração desde 2008 no espaço Schengen. As estadas médias dos turistas russos são de 6-7 dias em Zermatt e Saint-Moritz, mas inferiores a 6 dias em Davos; as despesas diárias são sempre elevadas, já que gostam de exibir o seu *status* social, privilegiam os hotéis de 4 e 5* e sobretudo os Palaces (muito mais que os japoneses ou os alemães) e as marcas de prestígio, como Chanel, Gucci e Louis Vuitton. Exigem qualidade e disponibilidade ajustada aos seus ritmos e hábitos, com relevo para os horários e os rituais das refeições, os do *shopping* dos fins-de-semana e os lugares de animação nocturna (encontro e festa), recorrem a muitos serviços personalizados e sofisticados, tanto mais que poucos falam uma língua estrangeira (daí a importância de comunicar em russo com toda uma clientela potencial que se estende à Ucrânia, Bielorrússia, Cazaquistão e aos países bálticos).

Muitos outros novos turistas russos elegem os destinos de esqui dos Alpes franceses. Em 2013, 12 a 15% dos turistas russos viajando para o estrangeiro fazem-

no para França: no ano seguinte, contam-se 700 mil turistas russos em França, sobretudo da classe média-média alta, contra 122 mil em 2005; nos destinos, a região Rhône-Alpes figurava em terceiro lugar, depois de Paris-*Île*-de-France e Provence-Alpes-Côtes d'Azur. *Desde* 2007, quase duplicara o número de dormidas na hotelaria regional (156 mil em 2007; 270 mil em 2012), com destaque para a Sabóia *durante o inverno (75% das dormidas)*. Ganhava relevo a valorização do turismo de saúde e bem-estar nas estâncias termais modernizadas e a descoberta das amenidades dos lagos Lehman, Bourget ou Annecy, e não apenas a prática dos desportos da neve. Todavia, ainda em 2008, 7% dos russos que vinham a França praticavam desportos da neve (França captava 18%, Itália 17% mas a Áustria 30% desse mercado) e a região Rhône-Alpes polarizava 11% das dormidas na hotelaria (Île-de-France 57%; PACA/Provence, Alpes, Côte-d´Azur 18%), tendo a sua presença triplicado entre 2000 e 2008. Em 2013, mais de 300 mil turistas russos faziam-no para esquiar, dos quais 4/5 nos Alpes, nomeadamente em França (depois da Áustria, mas à frente da Itália e da Suíça), na continuidade de esforços persistentes de promoção, a partir de 1993: 17% das estadas, com relevo para os 3 Vallées – estâncias de Courchevel, Méribel e Val Thorens, mas também os Arcs, Chamonix e Val d'Isère; presença de muitos dos novos oligarcas e da nova classe média-alta nos seus melhores hotéis (piscinas, spas, saunas, massagens), depois também de alguma classe média relativamente jovem, que opta por hotéis de 3* e sobretudo por chalés e apartamentos (viagens menos de «prestígio» e com a família; preços mais acessíveis; estadas de duas semanas).

Os primeiros turistas russos dos Alpes franceses eram tidos como frios, mesmo rudes, grosseiros, altivos, algo insuportáveis, impressões agravadas pela barreira da língua (poucos falavam inglês). Turistas que não hesitavam nos gastos e na ostentação: mordomias múltiplas e sofisticadas, como outrora nos castelos da velha aristocracia, consumos caprichosos, mesmo no vestuário de esqui, pulôveres exclusivos, casacos de peles caríssimos, compras nas butiques de luxo, como Chanel, Louis Vuitton e Prada, ou Lacroix, para os fatos de esqui, consumos em restaurantes medalhados com chefes de renome, aluguer de chalés e apartamentos com contratação de cozinheiros particulares, que no total contam quase tanto como os hotéis entre este segmento de clientes, contactos directos com os operadores turísticos, no geral abertos à descoberta da montanha e fiéis aos Alpes: por todo o lado, surgiu informação em cirílico (menus dos restaurantes, brochuras, sinalética das telecabines e das pistas), os profissionais locais falam um pouco de russo, nomeadamente os monitores de esqui, recrutam-se empregados russos para hotéis, restaurantes, butiques, mesmo como escanções; há também instalação de empresários russos. Os turistas russos de hoje são vistos como bem mais educados e de contacto agradável e familiar: não apenas os patrões dos grandes grupos económicos mas também os

donos e gestores das PME e trabalhadores dependentes, algo abastados mas não muito ricos, famílias que de qualquer forma têm uma outra relação com o dinheiro, embora sempre diferente da ocidental; turistas mais jovens, falando um pouco de inglês, e que beneficiaram da democratização da oferta de desportos da neve na própria Rússia, e em particular na região de *Krasnodar*, no Cáucaso do Norte, também rica em turismo termal, como os Alpes.

Os destinos de esqui franceses são relativamente caros face a outros concorrentes (importante quando nos afluxos pesa a classe média e não apenas os muito ricos), e os afluxos (Rússia, Ucrânia, Cazaquistão) são vulneráveis a mudanças nas taxas de câmbio, facilidades de obtenção dos visas, frequência das ligações aéreas directas (Genève e Lyon) e dos voos *charters* (classes médias), da própria promoção no mercado russo, da diversificação da gama dos produtos, adaptação à nova clientela, através do uso do russo ao nível dos TO, hotéis, restaurantes, escolas de esqui, brochuras, rádio, site web, bem como de programas de animação específicos durante o período das suas festas, como os concertos de Natal ortodoxo, a par da animação do *shopping* e da vida nocturna com amigos: gente habituada ao frio e que aprecia comer e beber, com muita música e dança, os mais velhos mais excessivos e exigentes e os mais jovens mais abertos ao Ocidente, mais viajados e bem mais discretos.

Courchevel contava mais de 140 mil visitantes cada inverno (4 meses), exigentes em luxos e comodidades: por um lado, ingleses, belgas e holandeses muito ricos; por outro, russos, ucranianos ou mesmo naturais do Cazaquistão, não menos ricos, sobretudo no início de Janeiro, justamente pelo Natal ortodoxo a 6-7 de Janeiro e o Ano Novo russo, uma semana depois, quando os franceses não têm férias: novos-ricos que chegam em avião particular ao seu aeródromo, atraídos pelo esqui, vinho, gastronomia, património, moda e luxo; turistas largamente gastadores, nas pistas, nas butiques, nos restaurantes, nas festas, nos passeios de helicóptero. Courchevel 1850 ficou aliás marcada negativamente pela excessiva presença de certos bilionários russos, que contribuíram por fazer da estação não apenas um dos destinos mais elitistas como um dos mais caros do turismo de inverno europeu. Recorda-se inclusivamente que, em 2007, alguns destes oligarcas tiveram problemas com a polícia, por casos de prostituição em hotéis, como Mikhail Prokhorov, então o 10º cidadão mais rico da Rússia, segundo a revista Forbes, co-proprietário do grupo industrial e financeiro Interros, um dos mais poderosos, e director-geral da empresa Norilski Nikel (20% do níquel, 10% do cobalto e 3% do cobre mundial), do grupo Interros, e Oleg Baibakov, vice-presidente da mesma companhia.

Esta nova clientela enriquecida também frequentava Méribel: uns russos, outros do Tadjiquistão ou do Cazaquistão, também árabes, empobrecidos com as

novas crises mas não menos multimilionários; gastos de dezenas, mesmo de centenas de milhar de euros por estada, nomeadamente no caso dos príncipes árabes viajando com comitivas de centena e meia de pessoas, familiares, guardas, motoristas, mordomos e serviços personalizados; compras nas butiques de Dior a Hermès, frequência de restaurantes com estrelas Michelin, hotéis de 5 e 4*, com saunas e hammam sofisticados, os novos Palaces e os chalés de prestígio com governantas e cozinheiros. No final, uso local crescente do russo, além da generalização do inglês, animação nocturna, discrição máxima, grandes festas de passagem do Ano com centenas de convidados, espectáculos de fogo-de-artifício, concertos de rock, e mesmo animação com jovens vindas expressamente de Moscovo.

A atracção dos russos pelas estâncias de esqui dos Alpes franceses persiste, não obstante *a crise económica, que levou à falência de certos TO russos e a problemas de retorno dos seus clientes, a desvalorização do rublo, as* sanções europeias *e as tensões* geopolíticas entre a UE e a Rússia, o desvio das clientelas pelas estâncias austríacas, mais económicas, e pelas estâncias suíças de maior prestígio. Provam-no as Festividades de Natal e Ano Novo Ortodoxo de 2015, à imagem de 2014 (90 mil turistas russos em 2014 nas mesmas, com destaque para Courchevel, com seus hotéis e Palaces de luxo, e Val d´Isère), sempre com espectáculos de luz e som, fogo-de-artifício, decorações russófilas, folclore russo, convites a esquiadores russos de renome: não apenas as elites, os oligarcas dos anos 90, sempre muito exuberantes, que compram clubes de futebol e disputam com os príncipes do petróleo as melhores propriedades das capitais ocidentais ou de Nova Iorque e da Califórnia, e com fortunas que escaparam à desvalorização do rublo (euros, dólares; investimentos nos bancos ingleses ou suíços; participações em grandes empresas internacionais) e às tensões com o Ocidente, muitos com as famílias residindo no exterior; mas também uma classe média claramente superior, mais familiar, falando um pouco a língua de Shakespeare e bem mais educada, alheia aos casacos de pele e aos grandes hotéis (relativa baixa dos custos dos transportes e novas acessibilidades, pequenos chalés e apartamentos, objecto de alugueres, na continuidade da «residencialização» de muitas estâncias, favorecida durante anos por vantagens fiscais), enquanto não chegam os esquiadores chineses (os europeus, envelhecidos, praticam menos esqui, diminuindo a procura), não apenas os das embaixadas europeias (a clientela dos emirados é pouco numerosa, embora abastada). Em Abril de 2015 reconhecia-se, porém, que os russos viajavam muito menos, que em Courchevel se registara menos 20 a 30% de presenças (menos 20% na estância de esqui de Sölden, na Áustria) e que os presentes gastavam muito menos.

Ao mesmo tempo, a Áustria contava com um importante fluxo de turistas da Rússia e da Ucrânia. Viena (antiga capital do império austro-húngaro dos Habsburgo, com o respectivo património; vida cultural e comércio de luxo, e tam-

bém muito procurada pelos turistas americanos, além dos europeus), é o primeiro destino austríaco dos turistas russos, cujo número quase duplicou desde 2002 (1/5 em hotéis de 5* e mais de metade em hotéis de 4*), a par de turistas não menos ricos os países do Golfo, de chineses, e dos participantes nos congressos e conferências internacionais (ONU): grandes hotéis, como o Sacher, o Bristol ou o Imperial, que remontam ao império austro-húngaro, e os modernos Ritz, Carlton, Kempinski, Four Seasons, Park Hyatt; comércio das grandes marcas (Louis Vuitton, Empório, Armani, Prada, Yves Saint Laurent). Depois dos turistas alemães e italianos, destacam-se no inverno os turistas russos, pela moda de passagem do Ano nos Alpes em família (pai, mãe, filhos, avós; famílias respeitáveis, casais jovens, quadros superiores e alguns muito ricos); a estância Mayrhofen/Hippach conta quase 3 vezes mais dormidas de russos na hotelaria que as suíças Zermatt, no Valais, ou St. Moritz, nos Grisons. O destaque vai todavia para Kitzbühel: antes da crise de 2008, algumas das unidades hoteleiras locais temeram o excesso da presença de russos (combinação entre muitos dos seus proprietários em reservar apenas 10% da sua capacidade para os turistas russos e ucranianos), considerados barulhentos e vulgares e afastando as clientelas tradicionais, enquanto outros inclusive facilitavam pagamentos em rublos, apresentavam menus em cirílico e contratavam empregados russófilos.

A Áustria beneficia da relação qualidade/preço do alojamento e dos serviços, relativamente à França e mais ainda à Suíça (câmbio do franco suíço), também da forte modernização das estâncias (pistas e suas acessibilidades) e da hotelaria, da proximidade dos aeroportos de Innsbruck e Salzburgo (muitos *charters* e aviões privados), tendo sabido ir simultaneamente ao encontro das novas exigências dos clientes do esqui e dos clientes de Verão, com multiplicação da oferta de alojamento, exploração do pitoresco (tradição ultra-modernizada através das seculares brandas, aldeias de verão/isolamento que não atrai obviamente os turistas russos mas os austríacos e os alemães/villages d'alpages), a par das facilidades fiscais e dos empréstimos de investimento. Ao mesmo tempo, da animação pós-esqui e atenções específicas para com a clientela russa, como em Sölden (festa com gastronomia russa e retransmissão em directo do discurso de Ano Novo do presidente Putin) ou Schladming-Dachstein, uma das favoritas dos russos. De 2005 a 2013 as dormidas de russos na hotelaria mais do que triplicaram, enquanto duplicavam na Suíça (Janeiro, Março/semana de férias; um pouco no verão): no Tirol, no Natal e Ano Novo ortodoxos, em plena época do esqui, os russos tinham um peso muito significativo (1/5 da clientela), justificando a adaptação da oferta, pelo menos em termos linguísticos. Releve-se paralelamente o interesse dos russos pelo imobiliário austríaco – Roman Abramovich terá adquirido uma villa junto do lago Attersee perto de Salzburg e um imóvel numa das principais avenidas de

Viena, e Helena Baturina, mulher de Iouri Loujkov, presidente da câmara de Moscovo, um campo de golfe com hotel em Eichenheim, perto de Kitzbühel. Todavia, em 2014, as regiões de Salzburgo e o Tirol, das estâncias de esqui mais populares, conheceram uma descida a pique do número de visitantes russos, que no ano anterior ocupavam o terceiro lugar em termos de dormidas dos visitantes estrangeiros (desaparecimento de alguns operadores turísticos e dos fluxos aéreos), apesar dos programas de descontos e campanhas publicitárias atractivas (regressão que se faz sentir também fortemente na capital austríaca).

Na Itália, Cortina d'Ampezzo é bastante frequentada no Inverno por turistas russos em busca de pistas de esqui modernas (e alguns japoneses), turistas que visitam a região noutras épocas do ano, pelas paisagens, frescura estival, pedestrianismo, velhas fortalezas e castelos, património diverso, e igualmente para alpinismo: oferta hoteleira de qualidade como o Hermitage di Cervinia, que em 2010 hospedou como turista em férias o próprio presidente Dmitri Medvedev; 13 mil turistas russos em 2004 mas 50 mil nos últimos anos (não indiferente às boas relações entre Berlusconi e Putin), que se mantinham no inverno de 2014. Turistas afastados da Suíça pelo câmbio, sobretudo em contexto de desvalorização do rublo. Turistas que também importam em Vale de Aosta: ainda em 2013, a estância investia na promoção junto dos operadores russos, do Cazaquistão, bielorrussos e ucranianos, explorando as vertentes de esqui e alpinismo, bem como as culturais, históricas e antropológicas (cartazes e publicações em russo, sítios internet também em russo, eventos múltiplos, mesmo com participação de alunos e docentes dos dois países, *charters* semanais para Turim, associação ao Casino de la Vallée ou Casino de Saint-Vincent, com salas de jogo, e que remonta a 1921).

4. A Côte d´Azur, destino de eleição das elites russas, hoje como ontem

4.1. Presença turística com história aristocrática

A Grande Côte d´Azur (inclui os departamentos do Var e dos Alpes Marítimos e o Principado do Mónaco) é o segundo destino de turismo de França depois de Paris, com cerca de 20 milhões de turistas e 130 milhões de dormidas (2013). Dispõe de uma capacidade de alojamento comercial da ordem das 150 mil camas, quase metade em hotéis de 4 e 5* (mais de seiscentos hotéis, com 30 mil quartos, sendo 33 de 5* com 3636 quartos, equivalendo a 13%, e 110 de 4* com 10.0595, ou seja 34%), e cerca de 170 mil residências secundárias, equivalendo a 5,6% das recenseadas no país, com um total de 835 mil camas, das quais 48 mil pertencem

a estrangeiros (asseguram 13% das estadas e 24% das dormidas). Acrescem à sua oferta turística 15 casinos, sendo 4 no Mónaco; 8 centros de congressos e exposições; 5 portos frequentados por quase um milhão de turistas de cruzeiro (Nice, Villefranche, Mónaco, Cannes, Antibes) e 35 marinas, com mais de 18 mil lugares; quase duas dezenas de campos de golfe, e ainda três dezenas de spas e centros de talassoterapia. Os turistas estrangeiros representam 48% das estadias e 51% das dormidas, 60% da despesa, sendo um quarto do turismo de negócios, com gastos médios elevados: 17% provêm de Itália, 16% da Grã-Bretanha e Irlanda e 8,5% da Alemanha; muitos repetem as estadas e os seus gastos são bem superiores aos dos franceses; 38% das dormidas verificam-se em Nice, 17% em Cannes – Mandelieu, tal como em Antibes, 6% em Menton, 4% no Mónaco; a sazonalidade é todavia acentuada (6/10 das dormidas na época estival). Há todo um *jet-set* internacional, que frequenta os melhores hotéis da Côte d´Azur, as grandes villas do Cap Ferrat, do Cap de Antibes ou da Califórnia (encosta oriental de Cannes, exposta a poente), os apartamentos do Mónaco ou da Croisette, as casas tradicionais de Saint Tropez ou os velhos castelos do Var.

O mito da Riviera, nascido com os aristocratas na segunda metade do século XIX, renova-se entre os novos multimilionários de hoje, dos países do Golfo (Arábia saudita, Qatar, Koweit, Emirados) ou da Rússia (alguns outros da China, Índia, Brasil, Estados-Unidos), apesar das crises e das perdas parciais das suas fortunas (vítimas também da geopolítica na Ucrânia e dos preços do crude), que procuram velhos lugares de férias altamente prestigiados e algo exclusivos, ou lugares isolados no meio do verde e junto de litorais pouco acessíveis, discretos (tanto quanto possível longe dos *paparazzi)* e seguros. Bruno Aubry (2010) lembra: há na Côte os refúgios dos multimilionários, onde as festas são raras, mas também e cada vez mais, os palácios dos novos (muito) ricos, nalguns casos investimentos de dinheiro do tráfico da droga, da máfia, da prostituição ou de jogos de casino (pagamento de grandes somas em numerário, como meio de branqueamento); lugares do ostentatório, do efémero, dos excessos, mesmo das ilegalidades, dos gastos loucos em champanhe, vodca e caviar, da luxúria, das orgias com prostituição internacional de luxo, que tanto interessaram as novas elites russas como as dos países do Golfo, cujas presenças se denunciam desde logo pelas dos seus grandes iates de luxo e pelas ocupações dos Palaces da Croisette em Cannes (dezenas de quartos em hotéis luxuosos, de 5*, como o Carlton, tão procurados pelos turistas árabes, com os seus numerosos agregados familiares e os muitos serviçais), mesmo pela actividade de uma *Luxuria Services* assegurando assistência pessoal complexa e de alto nível.

O mercado russo (inclui a Rússia e países da ex-URSS, ou seja uma população de 282 milhões, sendo 144 milhões na própria Rússia), quase fechado até aos anos 90, conheceu uma grande explosão posterior. Segundo a OMT (Organização

Mundial do Turismo), a Rússia tornou-se um dos dez principais países emissores de turismo internacional, a França um dos seus destinos preferidos, nomeadamente Paris, seguida pela região Provence-Alpes-Côte d'Azur (cerca de 20% das dormidas na hotelaria), em particular a cidade de Nice (27% das estadas e 1/3 das dormidas), a que acrescem os afluxos de outras repúblicas da CEI. A atracção russa da Riviera levou mesmo em 2010 à reabilitação da ligação ferroviária histórica entre Moscovo e Nice, como antes de 1917, ao longo de 3 mil km, com serviço semanal e em pouco mais de 45 horas, comodidades de luxo e facilidades para jovens, seniores e famílias, compensando a saturação das ligações aéreas directas e as limitações económicas de alguns, acentuadas com a forte desvalorização do rublo face ao euro (crise da Ucrânia, descidas do preço do petróleo, etc.).

As estadias russas em hotéis e residências explodiram a partir de 2004, com pequeno recuo em 2009 em virtude da crise, rapidamente ultrapassada, e máximo em 2013: concentram-se tradicionalmente em Nice, com 43% do total das estadias em hotel em 1999 e 42% em 2012-13, seguida de Cannes-Mandelieu (22%), Mónaco e Antibes (cerca de 12%) e Menton (5%). Alguns possuem e alugam iates, valorizando a existência de marinas acessíveis aos maiores. Muitos adquirem villas e apartamentos de luxo, nomeadamente em Nice (40%), Cannes (20%), Mónaco (13%) e Antibes (10%): residências de férias, tidas como prestigiantes (imobiliário de luxo; reconhecimento e afirmação social; estima pessoal), e que possibilitam rendimentos através de alugueres por períodos curtos e valorizações futuras (mais-valias), do mesmo modo que transferem parte das suas fortunas para o Reino Unido e a Suíça, e para estados americanos como Nova Iorque, New Jersey, Florida ou Califórnia. Imóveis de alguns milhões e mesmo muitas dezenas de milhões de euros, nalguns casos adaptáveis a hotéis, sempre com vista para o mar e áreas verdes envolventes, como nos Cap d'Antibes e Cap-Ferrat, em Saint-Tropez, ou no bairro da Califórnia em Cannes, mesmo se continuam a dominar localmente os proprietários ingleses: no início de 2014, a Forbes indicava entre a dezena de villas e apartamentos mais caros em venda, a nível mundial, a villa La Fiorentina em Saint-Jean du Cap Ferrat, o Palácio Veneziano em Cannes e a *penthouse* da Torre Odéon, no Mónaco, rivalizando com a villa Il Forte, de Porto Cervo, e outras ofertas da Califórnia (EUA) e de Manhattan (Nova Iorque). Integram-se em estratégias de diversificação económica, importantes quando as suas fortunas se baseiam em reservas de petróleo, gás e outros recursos minerais, esgotáveis e de valores dificilmente controláveis, sobretudo em contexto de desvalorização do rublo, instabilidade dos mercados de divisas e títulos e riscos políticos internos e mesmo pessoais, igualmente comuns entre os novos bilionários da China (hotéis em Paris, dezenas de domínios vinícolas no Languedoc ou na Bourgogne, também na Toscânia, com suas casas senhoriais), da Índia ou do Próximo-Oriente.

O contexto de instabilidade fiscal (governo de François Hollande) não anulou a procura, mas os novos compradores, da classe média-alta, estão mais atentos aos preços, que renegoceiam a níveis muito abaixo dos do tempo da bolha imobiliária que antecedeu a crise de 1998, têm comportamentos não mafiosos, recorrem inclusive a empréstimos bancários. Não mais a corte imperial de Saint-Petersburgo, czares, czarinas, grão-duques e princesas; também não apenas os oligarcas bilionários com fortunas por vezes duvidosas, que investem frequentemente através de SCI anónimas (sociedades civis imobiliárias, instrumento de gestão patrimonial e fiscal), nas melhores propriedades, algumas tendo outrora pertencido a outros russos, aristocratas, caso da Villa La Tropicale, em Cannes (construída no século XIX para o príncipe Lobanov-Rostovsky, ministro do czar Alexandre II).

A Riviera, que fora um destino privilegiado dos ingleses e dos russos, depois dos americanos (em contexto de taxas de câmbio favoráveis) e dos príncipes árabes, é-o de novo dos russos. Mercado não europeu mas relativamente próximo (9/10 da Rússia e destes, 76% de Moscovo e 18% de Saint-Petersburgo, grandes aglomerações urbanas), concentração das presenças em Julho-Agosto e nos melhores hotéis, estadias médias e longas (aquisição de residências secundárias, cujo número duplicou em 3 anos e quadruplicou em 4 anos), visitantes algo jovens (ávidos de conhecimento do Mundo, liberdade, outros estilos de vida e novas experiências sociais), maioritariamente em lazer (praia, shopping, museus, espectáculos e festivais, e também jogo nos casinos), preferencialmente servidos por profissionais falando a sua língua, a par da Chik Radio e do guia Riviera, igualmente em russo, e destacando-se por despesas médias elevadas, em segundo lugar depois dos turistas chineses também presentes (*shopping* de luxo; Club Chine, na Croisette/Cannes; Festival do Cinema Chinês também em *Cannes, em* Junho de 2015; hotéis e estabelecimentos do Mónaco com empregados falando mandarim). As perspectivas de crescimento dos fluxos russos eram então consideradas boas, com a multiplicação dos milionários (PIB, 1995-2013: + 3,6% ao ano; despesas no estrangeiro, 2005-2013: +14,5% de média anual) e o desenvolvimento da classe média-alta, que também viaja, procurando todavia apartamentos e hotéis menos caros, ao nível das 3*, a par da estabilidade política e social entretanto vivida, dos muitos feriados (além do Natal ortodoxo em 7 de Janeiro, contrariando as concentrações dos turistas do Continente) e da multiplicação dos acessos directos (quase 2/3 das chegadas).

Muitos russos fixam residência localmente (cerca de 250 mil, entre turistas e residentes, de Marselha a Menton, nomeadamente em Saint-Jean-Cap-Ferrat, Cap-de-Antibes, zona da Califórnia em Cannes, encostas de Saint-Tropez): uns trabalham no comércio de luxo, no imobiliário, na hotelaria e restauração, nos negócios, incluindo advogados, notários, tradutores, enquanto alguns outros

mantêm as suas actividades na Rússia (ligações aéreas diárias a partir de Nice, combóio semanal, heliportos e serviços de helicópteros); a favorecer a escolha da residência a existência de igrejas ortodoxas, escolas internacionais, colégios russos, programas de rádio em russo, cinema russo, lojas de produtos alimentares russos.

4.2. Tudo começou em Nice

O despertar do turismo. A afirmação de Nice como destino de vilegiatura deve-se nomeadamente aos ingleses mais ricos e ociosos, que valorizavam a passagem do seu longo inverno em algumas cidades do sul da França como Pau, na Provença e na Riviera mediterrânea (verão, nas termas), de temperaturas amenas, a que juntam no século XIX a função terapêutica do clima (doentes ricos fugindo aos frios húmidos da Europa do Norte; asma, bronquites crónicas, tuberculose sobretudo pulmonar, mal do século, atingindo todas as classes sociais). Para Novembro de 1784, referem-se 70 famílias invernantes, e para 1788, 150, sobretudo inglesas (50 em Hyères). No inverno de 1784-1785, contam-se 300 ingleses mais ou menos doentes, com gastos tidos como sumptuosos; já então alguns nadavam como Smolett, muitos outros frequentavam o teatro (criado pela família Maccarani). Os afluxos de ingleses foram interrompidos em 1792-1815, mas depressa retomados, e entretanto juntaram-se-lhes as elites francesas, que acabaram por ocupar o primeiro lugar: escritores como Jacques Delille ou Thomas António Gonzaga (franco-suíço), (Bonaparte em Hyères em 1793, membros da sua família e os marechais do império), bem depois Napoleão III e Eugénie, o príncipe Napoleão (reconhecido por Napoleão III como príncipe imperial em 1852), filho do rei Jerónimo (rei da Vestefália), Louis Adolphe Thiers (estadista e historiador, primeiro ministro no reinado de Luís Felipe e presidente da república durante a 3ª república), o barão Georges-Eugène Haussmann (villa de Mont-Boron), responsável pela reforma urbana de Paris, determinada por Napoleão III, os Rothschild's (ramo banqueiro criado em Paris em 1812 por James Mayer de Rothschild) e muitos outros. Em terceiro lugar figuravam os russos, desde logo a Imperatriz Alexandra Feodorovna e o czar Alexandre II, seguidos pelos alemães, italianos, polacos, americanos.

Antes de 1900, Nice recebia todo o Gotha europeu e toda uma Europa cosmopolita: famílias reinantes de Inglaterra, Suécia, Dinamarca, Wurtenberg, Hesse-Darmstadt; o rei Ludovico I da Baviera (morreu em Nice em 1868), o rei dos belgas Leopoldo II; banqueiros, empresários, escritores, músicos, artistas; alemães, italianos, americanos, além dos franceses. A colónia estrangeira era avaliada em 147 famílias em 1827 mas mais de 800 em 1857-1858 (5 vezes mais pessoas); e 4 500 invernantes em 1861, 12 mil em 1870, 25 mil em 1875, 33 mil em 1880, então

já largamente beneficiada com as novas facilidades de transporte, o comboio servindo Nice desde 1864 (no século XVIII, as viagens dos ingleses implicavam o recurso a 25 estalagens de Londres a Paris e 80 de Paris a Nice; em 1855, a diligência de Marselha a Nice por Draguignan levava quase um dia). A estação começava tradicionalmente nos meados de Setembro, com máximos em Janeiro-Fevereiro e terminava nos finais de Abril. Em 1887, graças a Stephen Liégeard, a Riviera passava a Côte d'Azur.

Nice afirmara-se como capital de inverno, beneficiando da sua posição central numa região que se estendia de Hyères a Rapallo (beleza da paisagem, vistas de mar, intenso céu azul, variedade de cores da paisagem, proximidade da montanha) e do facto de ter sido francesa com Napoleão I e depois integrada definitivamente no país em 1860 com Napoleão III. Os invernantes ingleses (54 famílias em 1822, 300 em 1861) fechavam-se sobre si próprios: bairro inglês da La Croix-de--Marbre na margem direita do Paillon; passeio à beira-mar (Promenade des Anglais); igrejas (ver e ser visto), com aluguer de lugares e cuja falta levou à decisão de construção de uma outra, com seu pequeno cemitério (1865), em pleno Centro; Hotéis e Palaces como a pensão Anglaise (de 1837), o Westminster Palace na Promenade des Anglais (por volta de 1860) ou o Excelsior Regina Palace, na colina de Cimiez, construído entre 1895 e 1897, para a rainha Vitória e a aristocracia que a acompanhava, o que aconteceu de 1895 a 1899. Todavia, quando se multiplicam as presenças dos russos, tidos como extravagantes e algo desprezados pelos britânicos, muitos destes deixaram Nice a favor de Cannes, onde orgulhosos de descobridores e primeiros ocupantes preservaram a sua liderança.

A presença de invernantes desde os finais do século XVIII, animara uma economia residencial de estadas longas: muitos compram terras e fazem edificar belas casas nas colinas e no meio de grandes parques, com arquitectos ingleses, para família, criados e amigos, como a villa Avigdor de 1787, enquanto outros recorrem ao arrendamento de uma nova oferta de apartamentos e villas criada pela burguesia local, na zona oeste da cidade velha, depois ao longo da estrada para a França (fronteira), na Croix de Marbre, conhecida como Newborough (aristocracia, como o lorde Cavendisch, o duque de Gloucester, o duque de Iorque, irmão do rei, em 1764, Penelope Rivers, mulher do barão George Pitt...). Quando a duração das estadas diminui, dependente da velocidade dos novos meios de transporte, nomeadamente navegação a vapor e sobretudo o combóio, aumentam paralelamente as decorrentes em hotel: 13 hotéis em 1830, uma vintena em 1858, alguns famosos como o hotel York, o hotel Paradise, o Grand Hotel Chauvain, próximo da Nova Ponte (sobre o Paillon); 31 hotéis em 1861, 64 hotéis em 1877, 67 em 1879, 83 em 1892, 128 em 1900, 132 em 1909 (13.334 camas) e 182 em 1910, na margem direita do Paillon, na Promenade des Anglais (destaque para o Hotel des Anglais,

destruído em 1909, entre o restaurante London House, de grande luxo, e o Cercle de la Méditerranée, de 1862, com 300 quartos, grandes salões, como convinha à vida mundana de então; e os hotéis Negresco e Ruhl), também em Cimiez (hotel Excelsior Regina), entre os quais vários Palaces (luxo nos salões e salas de jantar; escadarias, estuques e cristais; serviço sofisticado; parques envolventes), postos definitivamente em causa com a IGG, a Revolução de Outubro na Rússia e a grande crise económica dos anos 30, quando muitos dos melhores hotéis da cidade foram adaptados a blocos de apartamentos, também de luxo, como o Excelsior Regina Palace, reconhecido aliás como monumento histórico em 1992 (Véronique Thuin, 2001). A cidade contava igualmente um Casino municipal (1884), um pontão-passeio na baía dos Anjos, com diversões (1891-1942), mesmo teatro e casino, como um «pier» inglês (Crystal Palace, à imagem do Brighton Palace), pintado por Raul Dufy (finais dos anos 20 e seguintes), campos de ténis, hipódromo, área de tiro aos pombos, e organizava o Carnaval (na sua forma de «batalha» de flores, desde 1867), regatas, mesmo corridas de automóveis, e encontros de aviação... Eram muitos os cafés e music-halls e os cinemas (de 5 a 10, de 1908 a 1914) e forte a actividade commercial e de serviços (construção civil, mobiliário, moda e confecções, venda de flores e de jóias, catering; costureiros, cabeleireiros, empregadas domésticas, criados).

Os afluxos do turismo russo. As relações da Rússia com a Côte d´Azur são antigas e abrangeram os domínios cultural, político, económico. Já no início do século XIX a Riviera era frequentada de forma episódica pelos homens de letras russos, como Lermontov (poeta e romancista, morreu muito jovem em 1841), Gogol (escritor, morreu em 1852) ou Tolstoï (escritor, morreu em 1910, com 81 anos). Em 1749 existia um consulado russo em Nice, em 1770 a frota imperial criada por Pedro o Grande no início século XVIII (2 frotas, uma no Báltico outra no Mar Negro), e comandada por Alexis Orloff, fez escala na baía de Villefranche a caminho da Turquia, em 1783 a Rússia Imperial, na continuação da anexação da Crimeia, obteve direito de navegar livremente no Mar Negro e de passagem dos estreitos, e em 1794 com a construção do porto de Odessa, o império russo passou a ter um porto comercial importante, favorecendo a exportação dos cereais. O tratado russo-turco de 1774 garantira também a protecção dos eslavos ortodoxos dos Balcãs e dos cristãos ortodoxos do império otomano, a dos lugares santos de Jerusalém e o apoio das tropas do Cáucaso. Depois, a guerra da Crimeia opôs a Rússia ao conjunto da Grã-Bretanha (ameaça aos seus interesses no Oriente Médio, como rota para a Índia), França, Piemonte-Sardenha e Império Otomano e terminou com a derrota russa (tratado de Paris, 1856) e a neutralização do mar Negro, com desaparecimento das frotas de guerra, logo da frota russa; mesmo os arsenais militares e as bases navais deviam ser desmantelados, como a de Sebasto-

pol. Saint-Petersburgo procura então um refúgio no Mediterrâneo para a marinha imperial, em negociações com a Casa de Sabóia, interessada no apoio da Rússia à unificação italiana, com afastamento da Áustria dos Habsburgo do norte de Itália. Nesse sentido, Alexandre II da Rússia encarregou a própria mãe de estabelecer o necessário diálogo com Victor Emanuel II, rei do Piemonte-Sardenha: Charlotte da Prússia, imperatriz da Rússia com o nome de Alexandra Feodorovna desde 1825, com problemas de saúde agravados com a rudeza dos invernos de Saint--Petersburgo (morreu em 1860), fora aconselhada a residir primeiro em Palermo, depois na Crimeia, onde só ficou um ano por causa da guerra, e por fim na Côte d´Azur. Razões estratégicas e acções diplomáticas levaram à escolha da baía de Villefranche-sur-mer, conhecida da marinha russa desde o século anterior, e que entretanto perdera interesse nacional em favor dos portos de La Spezia e Génova, como base naval russa, que se manteve de 1858 até 1878 e a abolição das restrições de navegação nos Estreitos (depois adaptada a Observatório Oceânico), o que por si só motivou visitas frequentes dos czares. Devem-se aos marinheiros russos a reparação dos velhos edifícios (funções de lazareto), a construção do grande cais de acostagem para os maiores navios, a linha telegráfica ligando Nice a Villefranche (transmissão de informações entre os navios ancorados e os lugares de residência dos oficiais russos ou os membros da família imperial), tal como a média «Corniche», terminada em 1863, já depois da anexação de Nice à França com Napoleão III em 1860 (Boulevard da imperatriz da Rússia e desde 1945, Boulevard de Estalinegrado), e importante animação do comércio local pelo próprio abastecimento da frota.

Nos meados do século XIX contavam-se meia centena de famílias russas frequentando Nice: Alexandra Feodorovna, imperatriz da Rússia, e Nicolau Alexandrovitch (filho do czar Paul I e de Maria Alexandrovna), longe do barulho das vagas, em villas que se tornaram lugares de encontro da família imperial e da sua corte (em 1865, villa Diesbach; depois villa Bermond, com 40 quartos, que foi comprada, arrasada e em 1867 deu lugar à capela/mausoléu imperial); grã-duquesa Helena Pavlova da Rússia, em Nice desde Novembro de 1856 (princesa Marie--Charlotte-Frédérique de Wurtenberg, filha do duque Paul-Charles de Wurtenberg, irmão de Guilherme I de Wurtenberg, e da duquesa Charlotte de Saxe--Altemburgo, casada com o grão-duque Michel Pavlovitch, irmão do imperador Nicolau); e ainda, a princesa Maria Petrovna Romanova, Helena da Sérvia, esposa do príncipe Ioannis Constantinovitch, a condessa Ana Tolstoï (1867), o grão-duque Constantino, comandante supremo da marinha russa...

A presença estacional desta outra aristocracia, ao lado da tradicional aristocracia inglesa, traduziu-se igualmente na construção de novas villas de prestígio, algumas apalaçadas, dispersas pelo campo (calma, ar puro, paisagens rurais, largos

horizontes, protecção dos Alpes contra os ventos frios do Norte, brisas refrescantes, para uma elite com os seus próprios meios de deslocação) e em importantes urbanizações, caso do Château de Val Rose (dois castelos, sala de concertos, fontes, grutas e estufas) promovido em 1867 pelo barão Von Derwies, engenheiro, com fortuna nos caminhos-de-ferro, conselheiro do czar Alexandre II (campus Valrose, da universidade de Nice Sophia-Antípolis desde 1965, e monumentos históricos classificados desde 1991); igualmente do Parque Imperial, no antigo domínio Bermond (14ha, hortofrutícola e de cultivo de flores), com funções exclusivamente hoteleira e residencial. O relevo vai para o Hotel do Parque Imperial (109m de comprimento, 153m se incluirmos o Pavilhão Imperial), no extremo da avenida da Rússia, inaugurado em 1902 (centenas de trabalhadores, muitos deles italianos), então muito moderno, com água corrente quente e fria, elevadores, concorrente do Hotel Regina, e que podia receber a família imperial russa, toda a sua comitiva, e muitos invernantes russos: clientela abastada, aristocrática ou burguesa, que também frequentava o hotel Beau-Rivage de 1882, e depois o Negresco de 1913, tal como o hotel Ruhl, do mesmo ano (1913), construído no lugar do antigo Hotel des Anglais (destruído em 1909), entre o restaurante London House, de grande luxo, e o Cercle de la Méditerranée (de 1862), na Promenade des Anglais (300 quartos, grandes salões, como convinha à vida mundana de então), e na proximidade dos casinos e do velho hipódromo (funcionou até 1970). O Hotel do Parque Imperial contava um Pavilhão Imperial (cerca de 27m de largura e 35m de altura), salão de festas, funcionando também como casino, e campos de ténis: durante a IGG funcionou como hospital, como tantos outros hotéis, e na pós-Revolução, sem os hóspedes tradicionais, foi transformado em liceu (logo em 1924). Abriram-se paralelamente novas avenidas, como o Boulevard do Tzaréwitch (em comemoração do filho do czar Alexandre II, príncipe herdeiro Nicolas Alexandrovitch, que morrera em Nice na villa Bermond), o Grand Boulevard do Parque Imperial, a Avenida da Rússia, a Avenida de Inglaterra e a Avenida Imperial, e multiplicaram-se as villas, longe de um turismo de elite algo massificado, o dos grandes hotéis. Construíram-se igualmente igrejas ortodoxas (em 1860 na rua Longchamp; meio século mais tarde a catedral Saint-Nicolas, no Boulevard do Tzaréwitch, iniciada em 1903 e consagrada em 1912, monumento histórico desde 1987), e mesmo um cemitério ortodoxo, o cemitério da Caucade, que conta mais de três mil sepulturas.

A promoção de Nice como centro de vilegiatura invernal (seis meses por ano) para a sociedade rica e elegante da Rússia do século XIX (presença de prestígio para o lugar, reforçada com a aliança franco-russa de 1892), desenvolvera-se a partir dos meados do século e prolongou-se até à IGG e a Revolução de Outubro de 1917: 52 famílias russas em Nice em 1850, 214 dez anos depois; essencialmente

nobres, artistas e escritores, como Nicolas Gogol ainda em 1843, ou Anton Tchékhov, além dos marinheiros. Novos afluxos russos com as perturbações políticas e sociais do início do século XX (muitos outros em 1905: domingo vermelho de Saint-Petersburgo, motins do Couraçado Potemkin), não apenas de invernantes e outros turistas (25 mil emigrantes políticos, para além dos 15 mil aristocratas, intelectuais e escritores ricos instalados em França), avolumados com a Revolução de Outubro de 1917 e os novos refugiados, nas palavras de Jean Jacques Depaulis (2009), a Riviera francesa passando de destino de vilegiatura imperial a terra de exílio dos «russos brancos», sem os faustos de outrora: aristocratas como o grão-duque Nicolas Nikolaïevitch Romanova ou o grão-duque Cyrille Vladimirovitch Romanova, escritores como Léon Tolstoï e Anton Tchékhov, artistas como Marc Chagall, altos funcionários, camponeses ricos, membros de profissões liberais, e também soldados e civis empobrecidos, para os quais não faltaram casas de repouso (terceira idade), sanatórios, colónias de férias e mesmo escolas russas. Referem-se doze a quinze mil «russos brancos» emigrados e refugiados residindo na Côte d'Azur, nomeadamente em Nice, Cannes, Monte Carlo (tradição dos ballets russos sob a direcção de Diaghilev) e mesmo Menton. Em 1932, contavam-se 5312 russos no departamento dos Alpes-Marítimos, sendo 2652 em Nice; outros chegavam da Alemanha ou partiam para os EUA, nomeadamente os judeus, então a comunidade estrangeira dominante.

No cemitério de Caucade foram enterrados muitos dos russos que viveram e faleceram em Nice: princesas como Catarina Yurevsky, Catarina Dolgoroukaya por nascimento, segunda esposa de Alexandre II (1847-1922), Nina Bagration-Moukhransky (1882-1972), Helena da Sérvia (1884-1962), filha do rei Pedro I da Sérvia, e esposa do grão-duque Ivan Constantinovitch Romanov; damas de companhia como Nina Ivanov-Lutzevin (1888-1986); ministros como Serge Sazonov (1860-1927) e Arkadi Kostin (1863-1953); militares como Vladimir Bezobrazov (1857-1932), Adam Cwiecinsky (1827-1881), Michael Grulev (1857-1943), Nicholas Yudenich (1862-1933), Dmitri Shcherbatov (1857-1932) ou o general Michael Svekhin (1876-1976); poetas como Grigori Viktorovich (Georges) Adamovich (1894-1971), jornalistas como Vladimir Lazarevsky (1897-1953), padres como Serge Lyubimov (1851-1918)...

A guerra da Crimeia (1854-1856) fora decisiva para a eleição da Riviera como destino de vilegiatura invernal da aristocracia russa. A península fora anexada em 1783 (cedida em 1954 por Kruschev aos ucranianos, como compensação da Grande Fome, dos anos 1932- 1933, na continuidade da colectivização forçada do tempo de Estaline, e de novo reintegrada), fazendo fronteira entre a Rússia e o mundo muçulmano, e valorizada por Catarina a Grande, que dividira a terra entre os nobres, para que a colonizassem com populações russas e outros cristãos do

Oriente e construíssem palácios, edifícios clássicos, com jardins mediterrâneos e vinhedos, junto das baías de sudeste protegidas por montanhas, de uma beleza equiparável à de Amalfi. Entre os novos palácios, o palácio Vorontsov, parte do complexo Alupka Palace, no meio de um parque de dezenas de hectares, construído entre 1828 e 1848 pelo príncipe Mikhail Semyonovich Vorontsov como residência estival, visitado por muitos membros da elite imperial, alguns tendo depois mandado também edificar localmente os seus próprios palácios, incluindo o czar; o palácio Massandra, primeiro como casa de caça do próprio Mikhail, depois como um castelo francês para o czar Alexandre III, acabado pelo seu filho Nicolau II já no século XX; o palácio Livadia, mandado construir por Lambros Katsonis, possuído pela família Potocki, e em 1860 residência estival da família imperial (então três unidades, o grande palácio, o pequeno palácio e a igreja, mais tarde demolidas e substituídas por um grande palácio, inaugurado em 1911), frequentada por Alexandre II (czar de 1855 a 1881, período marcado pelo fim da servidão em 1861 e pela cedência do Alasca aos EUA), Alexandre III, e o seu filho Nicolau II; o palácio Dulber do grão-duque Peter Nikolaïevitch, em estilo mourisco, construído entre 1895 e 1897; o palácio Yusupov, do príncipe Félix Yusupov-Soumorokov-Elston, de 1909, com o seu parque e adega fundada pelo príncipe Lev Galitzine, ainda no século XIX. Acresce a vereda dos czares (6,35km, a 150m acima do nível do mar), horizontal, do palácio Livadia até perto de Gaspra, iniciada em 1861 para recreio do czar Alexandre III e terminada em 1901, também com objectivos terapêuticos, por aconselhamento médico para doentes com problemas respiratórios, mesmo tuberculose. Mas a Crimeia era apenas um destino de vilegiatura nacional, não internacional como a Côte d´Azur, e demasiado próximo do Império Otomano.

4.3. O desenvolvimento de Cannes: primeiro as elites inglesas, depois também as russas

Aglomerado de 4 mil habitantes, que viviam da pesca, da agricultura e do comércio, na fronteira do Piemonte, e que atraíra Victor Hugo, Stendhal, Prosper Mérimée, o Papa Pio VII e Chateaubriand, fora descoberto em 1834 por Henry Peter Brougham e Vaux, em viagem para Itália, ao encontro de climas favoráveis para doentes de pulmões, como a sua filha Eléonore Louise: retido por interdição de passagem da fronteira do Var, por motivos sanitários, acabou por fazer construir localmente a Villa Louise Eléonore, em 1835, entre o Suquet e a colina da Croix des Gardes, futuro bairro da alta sociedade inglesa, que o próprio atraíra, sempre com base na amenidade do clima invernal, ar iodado, veredas verdes e floridas. Sucedem-se melhorias no porto, com a construção do cais Saint-Pierre, depois do molhe, a sociedade de regatas (1860) e o Iate Clube (1863, duque de

Vallombrosa), quando o local fora alcançado pelo PLM (linha ferroviária Paris-Lyon-Marselha).

Banqueiros, aristocratas e agentes imobiliários ingleses mandaram edificar muitas outras villas, sobretudo na zona oeste, algumas na rua de Antibes: Thomas Woolfield, o castelo do Riou ou Vallambrosa e a villa Victória; cônsul Eugène Tripet e Alexandra Féodorovna Skrypitzine, sua mulher, e a villa Alexandra, na base da Californie (a leste de Cannes), em 1848, em estilo mourisco, que em 1886 foi ampliada e juntou uma capela para 30 pessoas. Alguns deram nomes às ruas, caso de Sir Temple Leader, e do boulevard Leader. Acrescem igrejas anglicanas, campos de ténis, parques e jardins (Sir Thomas Robinson Woolfield), a avenida marginal (Chemin de la Croix/boulevard de la Croisette em 1868), muitos hotéis como o Gonnet de la Reine em 1858, Gray d'Albion (por fusão dos hotéis Gray e Albion) em 1860, Grand Hotel em 1864, Hotel Beaux Rivages/Hotel Majestic em 1867, o primeiro casino no mesmo ano, a ligação às ilhas Lérins a partir do cais de Saint-Pierre em 1869, a par da continuidade da valorização do clima e dos banhos de mar e de areia com acompanhamento médico (tuberculose, doenças nervosas, da pele, digestivas e renais; 73 médicos em 1914), apreciados por Guy De Maupassant (residente desde 1884) e Émile Zola (em 1891). A explosão urbana prosseguia pelo boulevard Carnot (1883, em breve iluminado), mercado Forville (1884, estrutura metálica, junto do velho porto), Cannes Golf Club de Mandelieu La Napoule, criado pelo duque Michel Michaïlovitch, irmão do czar Alexandre III, aqui residente (1891), servido directamente pelo caminho-de-ferro e frequentado por membros da família real inglesa, Alphonse de Rothschild e jogadores de renome (Braid, Jones, Ben Sayers, J-H Taylor, Vardfon, White e também Arnaud Massy de Biarritz, entre outros).

Em 1879, quando Cannes contava mais de quatro mil villas de luxo e meia centena de hotéis, verifica-se a estada da imperatriz Alexandrovna, mulher do czar Alexandre II: Villa des Dunes, grandes recepções internacionais. Cannes tornava-se então um lugar residencial privilegiado também pela aristocracia russa: a colónia russa de Cannes contava 150 pessoas em 1880 e muitas centenas no início do novo século. Nestas incluíam-se, além da imperatriz Maria Alexandrovna, a arquiduquesa Maria Antonieta da Áustria, o grão-duque Michel Mihaillovitch, tio de Nicolas II (desde 1895 e por mais de 30 anos até 1929), Anastácia Mikhaïlovna Romanova, neta do czar Nicolau I, casada com o grão-duque Frédéric François, príncipe de Wenden-Schwerin e Ratzebourg, na Villa Wenden, o príncipe Alexey Borisovitch Lobanov-Rostovsky e a mulher Nadedja Schablickine na Villa La Tropicale, desde 1882 até 1914; o grão-duque Andreï Vladimirovitch de Rússia (4º filho do grão-duque Vladimir Alexandrovitch e de Maria Pavlovna, princesa de Mecklembourg-Schwerin por nascimento), casado com a princesa Romanovskaïa-

-Krassinskaïa; a condessa de Torby (Sofia de Merenberg, filha do príncipe Nicolau Guilherme de Nassau e de Natália Alexandrovna Puskina, neta de Guilherme, duque de Nassau, da princesa Paulina de Württemberg, e de Alexandre Puskin e Natália Puskina), esposa (1891) do grão-duque Mikhaïl Romanova, que adquiriu e ampliou em 1897 a Villa Kazbek onde viveram de forma intermitente durante mais de 30 anos (Mikhaïl Romanova morreu aqui em 1929), co-financiando entretanto o hotel Carlton que abriu em 1913, etc.

Entre 1900 e 1914, Cannes acolhia algumas centenas de russos em cada inverno, clientela que justificou a construção da igreja Saint-Michel-Archange, em substituição de uma pequena capela, promovida em 1894 pelo grão-duque Michel Mikhaïlovitch da Rússia (1861-1929) e por Alexandra Tripet-Skrypitzine, que ofereceu 1750m2 de terreno, a imperatriz Maria Feodorovna, viúva de Alexandre III, os príncipes Serge Galitzine e Ouroussoff, o cônsul de Rússia (M. de Batourine), vários outros membros da família imperial, o próprio barão Alphonse de Rothschild (1904), em cuja cripta se encontram os restos mortais do grão-duque Nicholas Nikolaïevitch Romanov, da sua mulher, a grã-duquesa Anastácia Nikolaevna (em 1935), do grão-duque Peter Nikolaïevitch Romanov (em 1931) e a sua mulher, a grã-duquesa Militsa Nikolaevna (em 1951), e onde também teve lugar em 1921, o casamento do grão-duque André Vladimirovitch, filho mais novo do grão--duque Vladimir Alexandrovitch e da grã-duquesa Maria Pavlovna, com Matilde Kchessinka (residentes em Paris, como muitos outros membros da nobreza russa no exílio).

Em 1870 Cannes contava 10 mil habitantes, 34 hotéis e 215 villas, quase meio século depois (1914), 30 mil habitantes, 92 hotéis e 1140 villas; de 2 comboios por dia ligando Paris a Cannes em 1878, passara-se a 4 em 1888, mais o comboio dos estudantes ingleses, o *train de plaisir* de Londres a Cannes, e tarifas reduzidas nas linhas francesas no sentido da «democratização» das viagens; 18 horas de Paris a Cannes em 1888, e apenas 13 horas em 1914. Ao lado dos doentes, os turistas, bem mais numerosos e sobretudo ingleses (1878, 750 famílias, equivalendo a 52 % dos invernantes; em 1892, 1286 famílias em 4 500), incluindo a própria rainha Victoria e o rei Eduardo VII. Aos ingleses juntaram-se todavia muitos turistas russos, mesmo turistas americanos e alemães (200 para cada grupo depois de 1900), além dos franceses (490 famílias e 34 % em 1878; 39 % em 1892 e 49 % em 1911), cosmopolitismo indutor de recepções, festas oficiais, teatros, casinos, clubes e cafés, hipismo, ténis, golfe, polo, iates. Na continuidade, também multiplicação de sociedades imobiliárias (19 en 1914), de bancos (4 em 1870, 15 em 1914), de hotéis (passaram de 34 a 92), restaurantes (de 10 a 24) e cafés (de 10 a 141), a par da atracção de muitos trabalhadores imigrantes italianos, fixados nas aldeias do interior, como Le Cannet (passou de 1676 a 4166 habitantes, no período 1870-1914).

Nos princípios do século XX, são tema de postais ilustrados os hotéis Carlton, Majestic, Grande Hotel Gallia, Splendid, Regina, Continental, Gray e d´Albion, Méditerranée, do Parque, da Provença, bem como o Casino Municipal e o Casino Palm Beach (Jean Bresson, 1981).

4.4. Menton, principal destino de climatismo de saúde

Ainda em 1789, lorde Camelford (primo do primeiro ministro William Pitt) passou o inverno no Palais Carnolès (Menton), a convite do príncipe do Mónaco, quando Nice começava a se afirmar como estância de invernagem. Muito depois, em 1857, chegaram em busca de cura pelo clima dois médicos ingleses (Siordet e Price) e o pastor anglicano Morgan, seguidos em 1859 por James Henry Bennett, também médico inglês e tuberculoso, que promoveu Menton como destino de turismo de saúde, valorizando o seu clima no tratamento de doenças pulmonares, como antes o haviam feito os médicos Davis (1803), César Provençal (1845) e outros para a Riviera del Ponente ou Smolett e Boswell para Nice: mar, sol, protecção dos ventos do Norte por arco montanhoso de mais de mil metros de altura, amenidade climática, testemunhada pelos limoeiros, laranjeiras e palmeiras, isolamento, calma, rusticidade do lugar, não destruída pelo tremor de terra de 1887, e preços convidativos (embora de início com acesso difícil, por barco ou por estrada sinuosa); paisagens românticas dignas de ser pintadas, como o fizera John Mallard William Turner, aquando das suas viagens a Itália em 1819, 1829 e 1840. Destino terapêutico afirmado pelo *lobby* turístico-médico (15 médicos em 1877, dos quais 5 britânicos e 2 alemães; 24 médicos em 1891, sendo 4 britânicos, 2 alemães, 1 italiano, 1 holandês, e 16 outros franceses), em concorrência todavia com os Alpes, valorizados pelos suíços e alemães no tratamento pulmonar e polarizando importante clientela internacional, aristocrata e burguesa, como em Saint-Moritz ou em Davos (ar de montanha, frio e seco; também termas no primeiro caso).

Nos início do século XIX o município de Menton contava pouco mais que 3 mil habitantes, centrados no núcleo antigo, quando ainda não havia invernantes, mas 4904 em 1861 e 9944 em 1901 (separara-se de Roquebrune em 1848 e torna-se francesa em 1861). Em 1862, contam-se trezentas famílias invernantes, mas em 1869 mais de mil (Marc Boyer, 2011), quando chegou o comboio. Para os anos 80, refere-se o afluxo anual de muitas centenas de famílias com seus doentes e criados, sobretudo da Europa do Norte, que permaneciam desde os finais de Outubro aos de Abril ou princípios de Maio: em 1881 contavam-se 2300 estrangeiros na população recenseada, que entretanto crescera, rondando dez mil na viragem do século (milhares de ingleses residentes). Gente de diferentes cultos, protestantes,

anglicanos ou ortodoxos russos, com suas igrejas e bairros em torno das mesmas, e seus lugares de encontro e lazer.

Com a integração no império francês e o desenvolvimento como estância de turismo e cura, houve expansão do velho aglomerado para fora das muralhas, surgiram centenas de villas, além de apartamentos para alugar a estrangeiros, e dezenas de hotéis, incluindo palaces e hotéis de luxo, com todos os cuidados de higiene e outras comodidades (elevadores), à beira-mar e sobretudo nas colinas. Destaquemos o Winter Palace, o Riviera Palace, o Royal Westminster, o Hotel da Rússia e da Alemanha, os hotéis das Ilhas Britânicas, do Príncipe de Galles, Lutécia, Alexandra, Astória, Oriente, Imperial, de Veneza. Ao mesmo tempo urbaniza-se o lugar: esgotos, arruamentos e seus passeios, pontes e túneis, serviços de recolha de lixos e limpeza das ruas, melhorias no porto, gare ferroviária (1868), o combóio pondo Menton a apenas 23 horas de Paris e no ano seguinte ligando-a à rede italiana, passeio marginal (Promenade com árvores), teatro, igrejas de vários credos, campos de ténis, de críquete e de golfe (Sospel), hipódromo (Cap Martin), jardins de renome.

Menton reforçava a sua imagem de estância de turismo de saúde de luxo (estância médica e turística, nova, moderna), para uma clientela privilegiada, que importava cuidar, alojar e distrair: Bennet soubera entretanto que o bacilo da tuberculose fora isolado por Koch, o que viria a mudar o correspondente tratamento e a desvalorizar o papel do clima no tratamento dos doentes. O lugar era muito procurado pelos aristocratas ingleses e russos, além de alemães, holandeses, suecos e outros: cabeças coroadas, como a rainha Vitória e Eduardo VII, com a família e numerosa comitiva (1882), a imperatriz Eugénie (França), Alberto I da Bélgica, Alexandre da Rússia e em 1880, a grã-duquesa Anastácia (neta do imperador Nicolau I e tia do czar Nicolas II). A presença de turistas ingleses é atestada pela igreja anglicana, e a exploração do microclima local na construção de jardins com adaptação de plantas de climas tropicais, quentes e secos, oriundos do largo império; acresce a construção de uma casa de repouso para «pastores» doentes (Saint John House of Rest, depois adaptada a hotel). No caso dos turistas russos, ressalta a construção de uma capela ortodoxa no cemitério do velho castelo pelo conde Protassov-Bechmetieff, inaugurada em 1886; depois a edificação (1892) da igreja ortodoxa de Notre-Dame, na rua Paul Morillot, restaurada em 1958; e por parte de Anastácia, a fundação da Associação ortodoxa russa Santa-Anastácia, com casa de repouso para jovens tuberculosos (inicialmente incluía a clínica Hermitage, vendida em 1908 e seguida pela construção de um novo edifício, a actual Casa da Rússia), a par da criação de um grupo financeiro de ajuda aos russos doentes (1882).

A internacionalização do local exigia diversão, que cabia aos casinos, contando para tal com as receitas do jogo a dinheiro, proibido em França em 1837 mas não

no Principado do Mónaco, onde se situava Menton: nos finais dos anos 50 no Clube Filarmónico, depois no Clube dos Estrangeiros, seguido pelo Grande Casino de Menton (Casino Villarey, inaugurado em 1887, de estilo arabizante, com café, sala de leitura, sala de espectáculos e sala de jogo, na praça Honorine, que não existe mais), explorado pelo município desde 1898, e a partir de 1909 no monumental Kursaal (Palais de l'Europe), centro da vida mundana local, nomeadamente de encontro dos estrangeiros, junto dos novos jardins Biovès (concertos, espectáculos de ballet, teatro, music-hall, biblioteca, campo de patinagem, restaurante, e capacidade de atracção alargada a Nice e Cannes).

Dinamismo definitivamente destruído pela IGG: os russos desaparecem com a Revolução de 1917; os alemães e os austro-húngaros foram derrotados e empobrecidos e não eram mais bem-vindos. Menton polarizara todavia alguns visitantes ilustres como Elisée Reclus (geógrafo, que lhe deu o título de «pérola da França»), Auguste Rodin (escultura), Franz Liszt e Charles Gounod (música), Vicente Blasco Ibañez (escritor; Villa Fontana Rosa, jardim com cerâmicas espanholas), Jean Cocteau (vários contributos para a valorização do lugar), etc. Aos invernantes mais ou menos doentes, seguiram-se outros turistas, em busca de sol e praia, nomeadamente os americanos. Em 1933 surgiu um novo casino, com sala de dança, soirées de gala, cinema, piscina de água do mar, solário, além das salas de jogos preferidas pelos noctívagos, mas o seu sucesso foi uma vez mais destruído pela nova guerra mundial, tal como o Casino des Rochers Rouges, na fronteira com Itália, em 1940.

Os casinos e a correspondente animação ressentiam-se do prestígio alcançado pelo Principado do Mónaco, onde os jogos de fortuna e azar tinham sido legalizados em 1854 (proibidos por quase toda a Europa e na Rússia), tendo justamente como destino os ricos estrangeiros que frequentavam a região: construção moderna, obra do arquitecto da Ópera de Paris, inaugurada em 1878 e aumentada na viragem do século com incorporação do teatro/sala de ballet; exploração pela Sociedade dos Banhos de Mar desde 1898, tornando-se importante fonte de rendimento para a Casa Grimaldi e a economia do Mónaco. Acrescem os hotéis de luxo, como o Hotel de Paris (edifício de 1864, próximo do Casino), o Hotel Metrópole (ainda do século XIX) e o Hotel Hermitage, directamente ligado às Thermes Marins, do início do século XX; grandes festas de príncipes e grão-duques; ballets de Serge de Diaghilev (vindo do Ballet Imperial e com companhia em Paris), com actuação permanente durante a estação desde 1911, e participação do notável dançarino Nijinski, interrompida com a IGG e a revolução russa mas retomada até 1929 (Diaghilev morreu nesse ano em Veneza), renovada com colaborações de Coco Chanel, Stravinsky, Max Ernst, Joan Miró, Debussy, Prokofiev, Cocteau, Colette, e prolongada com os «Ballets russos de Monte-Carlo» (fusão dos ballets

da Ópera de Monte-Carlo e da Ópera russa de Paris). Toda uma clientela de cabeças coroadas, membros da família dos czars, aristocratas, representantes da alta sociedade, embaixadores da Rússia, Espanha, América, os Rothschild (Ephrussi-Rothschild possuíam duas villas em Monte-Carlo, a Villa Soleil e a Villa Rose de France), artistas e escritores, e a presença habitual de jogadores russos, no tempo de Anton Tchékhov.

Actualmente, como lembrança do turismo de inverno de outrora, ressaltam em Menton a quase centenária Festa do Limão, no final da estação, original e única, com ruas e carros decorados à base de citrinos, segundo diferentes temáticas anuais, e exposição de esculturas cítricas no Jardim Biovès (iluminação nocturna e música), a par do Festival Internacional das Orquídeas no Palais de l'Europe, bem como a igreja anglicana Saint-John de 1868 e a igreja ortodoxa de 1892 e não menos o culto dos jardins: Fontana Rosa (1922, escritor Vicente Blasco-Ibañez), jardim da villa Maria Serena, Palais Carnolès (colecção de citrinos, além do palácio que fora residência estival dos príncipes do Mónaco: Menton foi dos Grimaldi, soberanos do Mónaco, de 1346 a 1848, depois do reino da Sardenha e a partir de 1861 da França), Serre de la Madona (1924; Lawrence Johnston), Val Rahmeh (jardim botânico com importantes aclimatações), La Citronneraie (dezenas de espécies), Les Colombières (arqueologia, no meio de oliveiras e ciprestes)...

4.5. Além da fronteira, San Remo, na Riviera dei Fiori

Na Idade Média existia a aldeia de La Pigna: alcandorada, defendida por muralhas com suas portas e por um velho castelo, ruelas estreitas e escarpadas, com uma praça central (Piazza San Siro) e no topo da colina, o santuário barroco da Madonna della Costa; população vivendo do mar e da agricultura, com destaque para as produções de azeite, vinho, citrinos, favorecidas pelas condições climáticas de eterna Primavera (proximidade do mar, anfiteatro natural entre os cabos Verde e Nero; protecção pelos Alpes Marítimos; Monte Bignone, 1.300m). Domínio do bispado de Génova, cedido nos finais do século XIII às famílias Dória e De Mari, cidade livre e em crescimento na segunda metade do século XV, construção da fortaleza de Santa Tecla, de defesa da costa contra os piratas (depois prisão e por último museu), também domínio francês nos princípios do século XIX, seguido de retorno à Casa de Sabóia (1814), anexação pelo Reino da Sardenha e integração na Itália unificada...

Desde os meados século XIX, sobretudo com o caminho-de-ferro a partir de 1872, Sanremo registou um forte crescimento em função do turismo, afirmando-se como destino de Inverno para a aristocracia e a alta burguesia continentais, vindas particularmente dos climas frios, da Grã- Bretanha à Rússia. Como noutros

casos, suportado pela publicação de um libro do médico Panizzi aqui residente, sobre os efeitos extraordinários do clima local na cura da tuberculose, o qual foi traduzido e difundido em Inglaterra e induziu a vinda imediata de muitos ingleses, não obstante a carência de hotéis adequados, com expressão na toponímia e na própria urbanização (villas no meio de parques privados, fechados aos olhares estranhos). Um destino que se torna elegante, cosmopolita e de fama internacional, como outros da Riviera Francesa: reis e rainhas, príncipes herdeiros, cabeças coroadas, a nobreza e grandes industriais do Continente; compositores, como Tchaikovsky (1877); escritores como Italo Calvino (um dos mais importantes da Itália do século XX); outros visitantes notáveis, como Alfredo Nobel (químico, sueco; faleceu em San Remo em 1896), Ignacio Altamirano (poeta, historiador e político mexicano, que morreu em San Remo em 1893), e os habituais aventureiros que habitualmente perseguem aqueles...

Destaquemos a presença da imperatriz Maria Alexandrovna (Corso da Imperatriz), mulher de Alexandre II da Rússia (em 1864, após a unificação italiana e no inverno 1874 – 1875), com numeroso séquito, incluindo Leon Tolstoï, e que ocupou quase todo o Hotel de Nice, aconselhada pela condessa Adele Roverizio di Roccasterone, mulher do banqueiro Antonio Rubino, o imperador da Alemanha Frederico Guilherme, a imperatriz da Áustria (Sissi) entre 1870-1890, o czar Nicolau II, o rei Nicolau I do Montenegro, Mohammad Ali Shah Qajar, Xá da Pérsia de 1907 a 1909, e que aqui morreu em 1925, e outros nobres russos, mesmo Tchaikovsky. Visitantes atraidos pelas paisagens, de socalcos de citrinos e flores, e pela amenidade dos invernos, com potenciais efeitos de cura e bem-estar, como em Menton, já que igualmente protegida dos ventos frios do Norte pelos altos cimos dos Alpes. Na viragem do século, Sanremo contava uma comunidade russa de um milhar de pessoas, algumas estabelecidas de forma permanente, quando foi decidida a construção da igreja ortodoxa, que teve início em 1912.

A vilegiatura invernal traduziu-se na forte expansão urbana, de um e outro lado da cidade medieval, na invenção e criação de uma nova paisagem urbana, onde sobressaem os novos hotéis: Hotel des Londres, de 1861, ainda do tempo das diligências; Hotel des Ilhes Britanniques (depois Hotel Miramare) de 1870; Hotel Royal, de 1872, que persiste como hotel de 5* luxo, o único na costa entre Rapallo e Monte Carlo, no meio de um parque de 16 mil m2 e desde 1948 com uma larga piscina de água do mar, depurada e filtrada; Hotel Astoria West-End, de 1882; Grand Hotel des Anglais, ou simplesmente Grand Hotel, de 1888; Hotel Savoy, de 1899; ex-Hotel Riviera Palace de 1904, que alberga o Hotel Lolli Garisenda e os serviços de informação de turismo, a Azienda di Promozione Turística Riviera dei Fiori; Hotel Paris de 1897; ex-hotel de luxo Palazzo Bellevue, hoje ocupado pela Câmara... Importante oferta hoteleira, da segunda metade do século XIX e pri-

meiros decénios do seguinte, constantemente renovada e ampliada, muito embora certas unidades se mantenham apenas como unidades de 3 *.

Sobressaem também as muitas villas, elegantes e luxuosas, estilo Belle Époque, os seus parques e jardins exóticos, com espécies dos diferentes continentes e meios climáticos. São exemplos: villa Zirio, habitada pelo príncipe Frederico Guglielmo, coroado imperador da Alemanha como Federico III, num imenso parque-jardim, desenhado pelo mesmo jardineiro do Jardim Botânico Hanbury em La Mortola, perto de Ventimiglia, de Thomas Hanbury (palácio local de 1867), rico comerciante e filantropo londrino (seda e especiarias da China); villa Thiem ou villa Noseda, construída em 1882, num estilo neogótico, e pertença de Adolfo Thiem, barão alemão coleccionador de obras de arte italianas, algumas das quais se encontram na Villa Virgínia (1896), no corso dos Ingleses; villa Alfred Nobel, em estilo mourisco, residência do cientista sueco de 1891 a 1896, num parque (villa construída em 1874 e restaurada em 1892), hoje propriedade do distrito de Impéria, que a restaurou em 1993; villa Ormond, por reconstrução da villa Rambaldi, por uma antiga família suíça, bem como do parque com avenidas iluminadas, fontes e pequenos lagos, em substituição de um velho olival, e que em 1930 foi adquirida pelo município; villa Bel Respiro, de estilo neo-renascentista, sede actual do Instituto Experimental de Floricultura; castelo Devachan, de 1890, adquirido em 1905 pelo conde inglês Orazio Saville de Mexbourough, que vivera muitos anos na Índia e se tornara budista, primeiro conhecido por Villa Silvia Mexborough, e por último convertido em apartamentos de luxo, com parque secular, ténis e piscina; villa Angerer, estilo Arte-Nova, habitada regularmente pelo músico austríaco Leopold Angerer; villa Vista Lieta, antes Villa Agnese, da baronesa Agnese di Groppello, mulher do seu primeiro proprietário (cavaleiro inglês Dairjmpie), vendida em 1912 a um comerciante também inglês (Boyd), e cedida em 1933 ao governo italiano, etc. Desta fase ressaltam outras construções marcantes: casino municipal (1905, pretensamente concorrente do casino de Monte Carlo), hipódromo, campo de golfe desde 1931, nas colinas interiores, no meio de oliveiras (como convinha a uma clientela inglesa, escocesa, americana e também italiana: patrocínio da Casa Real), teleférico San Remo-Mont Bignone, Corso dos Ingleses, Corso da Imperatriz (construído entre 1869 e 1871), com as respectivas palmeiras (oferecidas pela czarina Maria Alexandrovna), e algumas estátuas (como a de Garibaldi, dos primeiros anos do passado século, e a da Primavera), ou o Corso Vittorio Emanuelle II; e os belos jardins, como os da rainha Elena, no topo da colina, acima de La Pigna, e no interior de parques residenciais, de villas e palácios, perto do Porto Sole (ex: Villa Zirio, Villa Ormond, Villa Nobel, Palazzo Bellevue).

Testemunham o cosmopolitismo do lugar e os seus credos a igreja presbiteriana já existente em 1884 e destinada à comunidade escocesa, num estilo algo

medievo-italiano; a igreja russa, de 1913, com as suas cúpulas multicores e cuja construção contou com uma subscrição feita em Sanremo, na Europa e na Rússia e coordenada pelo conde russo-romeno Giuseppe Tallevici. Também as novas práticas desportivas (ingleses: ténis, golfe, vela), sem esquecer o Casino (1905), espaço de jogos de fortuna e azar, de cultura, de música e de teatro (a juntar ao cinema Central, de 1924, como um velho teatro setecentista, e ao cinema Tabarin), no antigo jardim público Maria Vittoria (que fora propriedade dos Monges Cappuccini). Consagram Sanremo como centro climático invernal dos mais mundanos e exclusivos, em concorrência com a Côte d' Azur e o Principado do Mónaco.

A colónia de nobres russos invernando em Sanremo cresceu com a Revolução de Outubro e tornou-se residente (consulado, farmácia, padaria, revista). Outros exilados se lhes juntaram, com origem na península balcânica, como o rei Nicolau I do Montenegro e a rainha Milena, sua mulher, e uma nova clientela turística, numa altura em que se começava a afirmar a prática dos banhos de mar e a vilegiatura estival: ainda cabeças coroadas; alta sociedade internacional; aristocratas e ricos viajantes; classe média-alta e alta; actores e grandes nomes do *jet-set*; e também cientistas. Relembremos alguns: Mohammad Ali Shah Qajar, Xá da Pérsia; Edward Lear, artista e escritor; Giuseppe Moretti, escultor, nos anos 30; Luigi Pirandello em 1933-34. Sanremo tornava-se lugar de vilegiatura estival, para os amantes da praia, do mar, do sol e dos banhos, predominantemente italianos, não descurado nas outras estações, mesmo no inverno (temperaturas amenas), por visitantes, turistas e habitantes de residências secundárias, muitos de Milão e Roma, à imagem de Menton. Com a massificação turística estival, construção e especulação imobiliária, novo porto de recreio, acréscimo demográfico (máximo nos anos 70), desvalorização turística e retirada das clientelas em férias...

❦ ❦ ❦

Em todos estes lugares, de Cannes a oeste a San Remo a leste, novos afluxos russos com as perturbações políticas e sociais do início do século XX, avolumados com a Revolução de Outubro de 1917 e os novos refugiados: nos finais dos anos 20 seriam 100-150 mil os «russos brancos» instalados em França (71928 refugiados e 10972 ex-russos naturalizados franceses, em 1931; 63457 e 13810, respectivamente, em 1936), de origens sociais diversas e sobretudo de proveniência urbana, com colónias importantes em Paris e na Côte d´Azur; no departamento dos Alpes-Marítimos (Kira Kaurinkoski, 1999), 156 russos foram recenseados como estrangeiros em 1918, 1982 em 1919, mais de 2 mil em 1923, 5312 em 1930, mas apenas 3699 em 1936, dos quais 2652 em Nice; outros chegavam da Alemanha ou partiam para os EUA, nomeadamente os judeus. A população de Nice elevava-se então a

242 mil habitantes, sendo 50.631 estrangeiros, primeiro os italianos (simples trabalhadores mas também oponentes de Mussolini e muitos fascistas, que os controlavam), logo depois os russos, instalados sobretudo no bairro da catedral ortodoxa Saint Nicolas (bairro Saint-Ettiénne, ou «bairro russo»: igreja como lugar de reencontro e relacionamento dos afastados da pátria), os mais afortunados também em Cimiez, outros no Mont Boron, entre o porto e a baía de Villefranche, na vizinha Beaulieu e mais além no Cap d´Ail.

Marie Pietri aponta doze a quinze mil russos brancos emigrados e refugiados residindo na Côte d'Azur (2005). Para Jean Jacques Depaulis (2009), a Riviera francesa passara de destino de vilegiatura imperial a terra de exílio dos «russos brancos»: a maioria pertencia à aristocracia e ao mundo intelectual, como anteriormente, estava familiarizada com a região (uns possuíam villas, alguns tinham interesses comerciais e financeiros) e a língua francesa era-lhes de certo modo familiar, por educação (estudos em Paris). No essencial uma elite, gente de nível de educação elevado mas sem emprego correspondente, nem meios adequados de sobrevivência: nobres que passam a comerciantes, empregados destes, taxistas, operários, professores nas escolas que criaram para os seus próprios filhos, funcionários dos hotéis, governantas, enfermeiras, domésticas (Kira Kaurinkoski, 1999, pp.137-139). E também gente sem possibilidades de retorno à pátria, o que estimulou a recriação de uma sociedade russa no exílio capaz de preservar o seu património cultural. Nos anos 30, de crise e ambiente sociopolítico algo xenófobo, os mais jovens e melhor formados, com diplomas nas escolas ocidentais, deixam Nice, demasiado provinciana, a favor de Paris e dos EUA, mais ainda depois da IIGG; poucos russos brancos voltaram para a Rússia, muito embora alguns da segunda geração visitassem o país, sobretudo nos anos 60-70, já com Brejnev, e bem mais depois de 1991.

4.6. A grande viragem: da vilegiatura invernal aos prazeres estivais do mar e da praia

Os anos 20, do pós-guerra até à crise económica de 1929 e a Grande Depressão, foram essencialmente para a Riviera, anos de substituição da vilegiatura invernal pela estival: a estação de inverno terminava com o Carnaval de Nice, os hotéis fechavam e o verão era vivido pelas elites francesas e inglesas nas praias frescas do Canal da Mancha ou mesmo da costa atlântica, como Biarritz ou as então aristocráticas San Sebastian ou Santander; na própria Riviera, as burguesias locais migravam no estio para as casas de campo que possuíam nas colinas próximas, no meio dos verdes dos cultivos, matos e florestas e bafejadas pelas brisas, claramente mais frescas e saudáveis do que a beira-mar, prolongando a tradicional vilegiatura

estival renascentista das cidades para as villas rurais, da Toscânia ou do Veneto. Mas os anos 20 foram igualmente, anos de larga substituição das velhas aristocracias turísticas inglesa e russa, além da francesa, pelos «novos grandes» do mundo e gente das artes, estrelas do *show-business*, com destaque para os americanos, muitos familiarizados com a Europa e com a Riviera pelas raízes coloniais, pela vilegiatura invernal, pela presença durante a guerra (os grandes hotéis tendo funcionado como hospitais) e pela vida cultural, festiva, boémia, mundana, burguesa e moderna de Paris (Anos Loucos), em contraste com os EUA (Montparnasse era então a capital literária dos americanos).

Com os turistas do Novo Continente começava a moda das férias estivais junto do Mediterrâneo, *o culto do sol, as estadas na praia, as festas nos areais, os banhos de mar por prazer, a natação (fatos de banho cada vez mais curtos;* apenas calção), *práticas* seguidas desde logo por Coco Chanel (Gabrielle Bonheur Chanel, estilista francesa) e Rudolph Valentino (italiano radicado nos Estados Unidos), um dos primeiros símbolos sexuais do cinema norte-americano, e rapidamente estendidas à aristocracia da velha Europa, que antes frequentava Brighton, Deauville ou Le Touquet. Modos de vida lembrados por John Dos Passos (escritor americano, neto de emigrante madeirense; *The best Times,* 1966/*La belle vie*, 1993): Paris e a Côte d'Azur, o jazz e os bistrots, como os lagos italianos, as festas de Barcelona, os passeios... Alguns anos mais tarde, o Sunday Tribune de Chicago (1938, 11 de Setembro) fala da Riviera francesa como uma vasta colónia de nudistas, onde só os nativos usam roupa. Não que os banhos de mar não tivessem sido praticados muito antes na Riviera, nomeadamente em Nice, mas no Inverno: Tobias Smollett, médico escocês, ainda em 1765 (virtudes terapêuticas do banho frio), muitos outros nos meados do século seguinte (estrangeiros dos hotéis da Promenade des Anglais, junto da beira-mar), contra o que se manifestava Jules Michelet (1861) (ao ar livre, ao sol e ao vento e à vista de todos, mulheres e homens), mas sobretudo banhos revitalizantes nos princípios do século XX, na praia da Tour Rouge, em face do Velho Nice, e na do Lazareto: estadas curtas na praia, banhos rápidos, discrição (cabines), protecção do sol (vulgaridade das peles escuras, como actualmente entre os chineses).

Gente jovem e bonita, obcecada pela beleza do corpo, um corpo elegante e dourado pelo sol, moldado pela prática da natação e vela, além do golfe, ténis, pólo; gente que se convidava mutuamente, para os seus salões e piscinas; gente que procurava esquecer a guerra, recuperar o tempo perdido, viver plenamente, criar um mundo novo, de revolução intelectual e cultural, de desporto, de descontracção, liberdade e criatividade, da música e do espectáculo (jazz), de novas modas e novos lazeres, de vanguarda e emancipação feminina, e também de fuga à Lei Seca (período 1920-1932, que proibia o fabrico e comercialização de bebidas

alcoólicas); um mundo algo fechado e de isolamento face aos Outros. Foi precedida por James Gordon Bennett Jr: milionário, editor do New York Herald, herdado em 1872, e fundador do *Paris Herald em 1877, desportista e* amante de iates (Namouna, na baía de Villefranche-sur-Mer em 1883, cruzeiros no Mediterrâneo com Randolph Churchill e o filho Winston; moderno Lysistrata em 1900, já então com banho turco e uma vaca residente garantindo leite fresco), senhor da sumptuosa villa Namouna Cottage com os seus vinte quartos e jardim em socalcos, na beira-mar de Beaulieu, e cliente habitual do La Reserve (restaurante em 1880, com telefone desde 1891, e pequeno hotel em 1905, hoje unidade de 5*), casado com Maud, baronesa de Reuter, cunhada de Paul Julius Reuter da agência Reuters.

A península do Cabo de Antibes simboliza claramente a valorização estival do litoral, das praias e do banho de mar no Mediterrâneo pelos novos turistas americanos (espaços até então sazonalmente desertos). No início dos anos 20, chegam Cole Porter e Linda, sua mulher, músicos afortunados (ele, compositor de jazz, conhecera a região durante a guerra enquanto soldado) e alugaram o Château de la Garoupe. Depois os seus amigos nova-iorquinos Gerald e Sara Murphy (desde 1921 em Paris, Gerald como aluno de Fernand Léger/cubismo), igualmente muito ricos e amantes de festas com os amigos, que se instalaram em 1923 no Hotel du Cap e a partir de 1925 de forma quase permanente na Villa América/*Villa Diana* (e pouco Paris): Gerald Clary Murphy era natural de Boston, com raízes irlandesas (Mark Cross Company, de artigos de couro); Sara Sherman Wiborg era de Cincinnati, com vivência na Alemanha (família ligada à indústria química) e experiência de vida de praia (grande mansão The Dunes, desenhada em 1895, terminada em 1910 e demolida em 1941, em Wiborg Beach/East Hampton, desde os finais do século XIX um *resort* das classes abastadas, para onde regressaram no início dos anos 30). Os Murphy convidam para Cap de Antibes muitos outros artistas e escritores, seus compatriotas ou amigos de Paris. Desde logo, Francis Scott Fitzgerald e Zelda (escritor, autor de Tender is the Night/*Tendre est la nuit,* publicado em 1934; The Great Gatsby/Gatsby le Magnifique, 1925), na Villa Picolette (1924 e 1926) e na Villa Saint Louis, depois Hotel Belles Rives, em Juan-les-Pins; Isadora Duncan (dançarina), Josephine Baker (nome artístico de Freda Josephine McDonald, cantora e dançarina norte-americana, naturalizada francesa em 1937), Ernest Hemingway, Dorothy Parker (escritora); também Picasso, Cocteau, Stravinsky, Fernand Léger, Rudolf Valentino, Mistinguett (Jeanne Bourgeois, cantora francesa) e outros (Grant Richards, 1928).

A nova animação estende-se à vizinha Juan-les-Pins, descoberta em 1880 pelo duque da Albânia, filho da rainha Victória, um pinhal junto de praias de areia idílicas, com acesso por combóio (estação da linha Paris-Lyon-Méditerranée remon-

tando a 1883), famoso pelo seu Festival de Jazz, que foi promovido por Frank Jay Gould (homem de negócios, herdeiro de enorme fortuna pela exploração dos caminhos-de-ferro dos Estados Unidos) e Florence, sua mulher. Gould chegara à Europa com projectos de investimento em hotéis e casinos. Construiu em 1926 o Hotel Le Provençal: Palace, em estilo Arte Deco, no meio de jardins e pinhal, com 290 quartos, praia privada, campo de ténis, club house, haras e funcionando apenas de Abril a finais de Setembro, e que rivalizava com o Hotel du Cap-Eden Roc; e também o pequeno hotel Alba, junto daquele, para familiares e amigos. Recuperou igualmente o anterior casino de madeira e animou um cabaret (e ainda o Palais de la Méditerranée, em Nice, inaugurado em 1929, e que fechou em 1978, sendo depois adquirido e transformado em hotel pelos Taittinger, dos champanhes). Florence (Florence La Caze, natural de San Francisco, mas com filiação francesa), mulher das letras, promoveu uma intensa vida social, no seu hotel Meurice em Paris, na sua villa La Vigie (de 1912, e adquirida em 1928) em Juan-les-Pins e depois na villa Le Patio em Cannes. Paralelamente, Edouard Baudoin (um dos agentes de desenvolvimento de Deauville e concessionário do casino municipal) dinamiza o velho casino (Casino Éden Beach), promove espectáculos de cabaret e de jazz, atrai todo o Gotha das finanças, da imprensa, do espectáculo, músicos e artistas, muitos deles americanos (depois os artistas de Hollywood), que também privilegiam o Grande Hotel Provençal. A atmosfera de Juan-les-Pins era claramente *cool* e boémia, como a de Nova Orleães, com relevo para os eventos de jazz e outros concertos na praça aberta no pinhal da beira-mar, e que continuam a assegurar a fama do lugar: festa de casamento de Sidney Bechet em 1951, com presença de «estrelas» famosas, orquestra na rua, dançarinos e jornalistas; Festival Internacional de Jazz, desde 1960 e anual, criado em homenagem a Sidney Bechet, clarinetista, saxofonista e compositor de jazz americano e que foi o primeiro festival de jazz da Europa; presença de Armstrong, Ray Charles, Georges Benson, Duke Ellington, Ella e Scott Fitzgerald, Sydney Bechet, Douglas Fairbanks (actor e produtor de cinema norte-americano), Marilyn Monroe, Frank Sinatra e tantos outros...

Mais a oeste, o casal Henry Clews Jr (banqueiro-escultor de Nova Iorque, emigrado em França desde 1914, aluno de Rodin e apreciador de Don Quixote/Cervantes), abandona Paris onde se tinha instalado, a favor de um clima mais ameno, primeiro no Hotel du Cap depois em 1918 no Château de la Napoule (hoje residência para artistas), que adquirem a Daisy, princesa de Pless, reconstroem, tal como o seu jardim, e habitam-no durante duas décadas, organizando grandes festas medievais, de encontro de americanos expatriados e a alta sociedade europeia, nomeadamente Winston Churchill e Lady Cunard (escritora e activista política, de origem inglesa; musa de muitos escritores e artistas). Uma vez mais, lugares de

encontro de muitas personalidades dos meios literários e artísticos, em particular a G*eração Perdida*, grupo de celebridades literárias americanas vivendo na Europa, nomeadamente em Paris, entre o fim da Primeira Guerra Mundial e o começo da Grande Depressão e que valorizou o jazz como música tradicional norte-americana (Francis-Scott Fitzgerald escreve então a novela Tales of the Jazz Age).

4.7. Exclusividades do Cabo de Antibes, Saint-Jean-Cap-Ferrat e Cap Martin-Roquebrune

As elites endinheiradas da Europa (franceses, ingleses, irlandeses, suíços, alemães, também escandinavos), América do Norte, Próximo Oriente, e desde os finais do passado século, da Europa de Leste e Rússia, em busca de privacidade (vantagem dos cabos onde o combóio passa longe) num quadro cosmopolita, continuam a privilegiar a as pequenas penínsulas da Côte d´Azur, à margem do caminho-de-ferro: investimentos a médio e longo prazo, discretos e confidenciais, na base da segunda residência de prestígio e de festa, da valorização do património, por exemplo, pela proximidade do novo porto para grandes iates, no caso do Port Vauban, com 2 mil lugares, para iates de mais de cem metros, ou do novo centro de congressos e a recuperação do Le Provençal.

Penínsulas que souberam combinar, desde os finais do século XIX, uma oferta hoteleira de grande prestígio com a de villas privadas sumptuosas, baixas densidades, espaços verdes e largos horizontes, que continuam a marcar as paisagens e a vida social, mesmo com a construção posterior de novas unidades hoteleiras, sempre pequenas e de muitas*. Assim sucede nos cabos de Antibes, Saint-Jean-Cap-Ferrat e Cap Martin-Roquebrune, onde a vilegiatura estival se sobrepôs à invernal.

A pequena península do cabo de Antibes (apenas 3,7 km2) conta actualmente cerca de 2mil propriedades urbanas e uma população residente da ordem dos 1500, a que corresponde um baixa densidade populacional e largos espaços verdes na sua extremidade marítima, sublinhada pelo Grand Hotel, o domínio de La Croë e o de La Garoupe, que muito contribuíram para a sua valorização, e o pequeno Hotel Imperial Garoupe, em frente da baía da Garoupe (5*, 35 quartos, parque arborizado, relvados, praia privada, piscina, salas de conferências e uma villa privativa com serviço hoteleiro). Guy de Maupassant frequentava este litoral, com o seu iate Le Bel Ami, e em 1876 residira na villa Le Bosquet, depois na villa de Adolphe d'Ennery, tal como Claude Monet, em 1888, e Nicolas I do Montenegro (morreu em Antibes em 1921). Nos meados do século XIX, o Cap de Antibes era uma simples garrigue despovoada. O início da sua valorização turística remonta à segunda metade do século XIX. Multiplicaram-se as villas dispersas no meio de

parques, com densidades crescentes nas áreas que se afastam do litoral do cabo, seja na direcção do farol e da vila de Antibes ou na de Juan-les-Pins: Villa Thuret, de Gustave Adolphe Thuret (1857), botânico francês, numa parcela de 7ha, onde, com recurso a solo importado, foi criado um parque botânico de aclimatação com 3,5ha, estatal desde 1875 e do INRA desde 1946; villa Thenard, junto daquela e da mesma época, do barão Louis-Jacques Thenard, amigo de Gustave Thuret; villa Eilenroc, em estilo neoclássico no meio de um parque de 11ha, construída entre 1860 e 1867 por Charles Garnier, *designer* da Ópera de Paris, para Hugh-Hope Loudon, ex-governador das Índias holandesas, vendida em 1873 a James Wyllie (escocês) e em 1908, a Coleridge Kennard, depois aos Sudreau, em 1927 a Louis Dudley e Helene Beaumont, e em 1982, legada por esta à vila de Antibes (Fundação Beaumont) e aberta ao público (como a villa Kérylos e a villa Ephrussi de Rothschild, a leste de Nice); villa Les Chênes Verts de 1865 e de Adolphe d'Ennery, do mundo do teatro e da ópera, habitada a seu convite por Jules Verne, em 1905 vendida a Sophie Desplans, filha do médico de Napoleão III, modernizada em 1938 para o casal Paul Dreyfus-Rose, adquirida em 1953 pelo industrial Jean Joannon e adaptada a espaço de recepções; Villa Soleil (1869) de Hippolyte de Villemessant, fundador do Fígaro, para escritores em busca de inspiração, homens de negócio e aristocratas russos (o conde de Pletscheyeff, o príncipe Soltykoff e o conde Nicholas Stroganoff), num parque de uma dezena de hectares, vendida em 1887 a Antoine Sella, hoteleiro italiano do Piemonte, que a converteu no Grande Hotel du Cap, ampliado em 1914 com a construção do pavilhão Eden Roc, como casa de chá à beira-mar, depois também restaurante e suítes (hotel do Cap Éden Roc em 1920), refúgio predilecto de cabeças coroadas e homens de negócio riquíssimos, estrelas de cinema, *jet-set* internacional; Villa Le Chêne Roc, dos anos 1880, habitada por Pablo Picasso em 1924, aumentada nos anos 50, a pedido de Boma Estène, proprietário da mesma e gestor do Hotel Belles Rives, como dependência deste, etc.

Ao nível da hotelaria, destaque para o Grande Hotel du Cap, com três unidades (o Hotel du Cap, no meio de pinhal e jardins tropicais, com 117 suítes; o Eden-Roc e duas villas privadas, a Villa Eleana e a Villa Les Cèdres), campos de ténis, spa, centro de *fitness*, piscina de água do mar aquecida (vilegiatura invernal), e uma lista de hóspedes de prestígio: família Kennedy (verão de 1938; Avenida Kennedy), duques de Windsor, Winston Churchill, Charles De Gaulle; F. Scott Fitzgerald, Ernest Hemingway, Marc Chagall, Marlene Dietrich, Orson Welles, Elizabeth Taylor e Richard Burton, para além de empresários de sucesso com passados obscuros pretendendo integrar a alta sociedade, como o personagem Jay Gatsby (bilionário, contrabandista e herói de guerra norte-americano, em The Great Gatsby, 1925), imortalizado por Fitzgerald como o Hotel dos Estrangeiros

em «Tender Is the Night». *M*uitos anos depois (1969), o hotel foi adquirido por Rudolf August Oetker, grande industrial alemão da Oetker Group (alimentação), com quase uma dezena de hotéis de grande prestígio, da América às Seychelles. Também o hotel Belles Rives, à beira-mar, igualmente de 5*, como uma mansão Arte Nova, com 43 quartos, casas de banho em mármore de Carrara, praia privada e pontão para banho de sol.

Com a nova presença dos americanos multiplicaram-se as villas de muitos quartos e salões, miradores, parques, jardins de inverno e piscinas, como convinha a uma sociedade abastada, culta, livre e algo nómada, num processo que se prolonga por todo o século. O Château de la Garoupe, no meio de um parque à beira-mar, cuja construção remonta aos anos 1910, para Charles Mac Laren (escocês, 1º barão Aberconway de Wales, proprietário de terras e industrial), visitado pelo duque de Connaught em 1919, fora alugado a Cole Porter (músico estadunidense, de família abastada). Em 1927 foi construído o Château de la Croë, próximo da villa Eilenroc (2 mil m2, 3 mil incluindo os anexos para o pessoal permanente, da ordem das 3 dezenas), em estilo vitoriano, num parque de 7ha, que se estende até ao mar, para William Pomeroy Burton, aristocrata inglês, também proprietário da Villa Barbara, no Cap Martin, presidente da Associated Newspapers Limited: arrendado em 1938, pelo Duque de Windsor (Eduardo VIII, do Reino Unido, abdicara do trono em 1936, sendo seu sucessor Jorge VI, para casar com Wallace Simpson/Bessie Wallis Warfield, norte-americana e sua amante, enquanto casada com Ernest Aldrich Simpson, depois sua esposa), que integrara a vida social fechada da Riviera e promovera sumptuosas recepções, reunindo a realeza e a elite política, incluindo Winston Churchill. Os duques de Windsor mudaram-se para Paris, deixando o Château de la Croë em 1952 (morte do duque em 1972). Os châteaux de la Garoupe e de la Croë continuam como lugares de refúgio dos grandes do mundo: residências de multimilionários, parcelas muradas no meio de pinheiros de Alepo e oliveiras seculares, junto de um litoral recortado e de pequenas arribas calcárias, um mundo de pequenas veredas como o caminho dos contrabandistas. Acresce o domínio La Dilecta dos anos 20, num parque de mais de 5ha, com capacidade de alojamento para 18 pessoas, piscina aquecida, sauna, ginásio, campos de ténis, actualmente orientado para a realização de eventos do mais alto nível e com toda a privacidade.

Também se adquirem e remodelam algumas villas anteriores e se constroem outras, muitas vezes menos ostentatórias, em correspondência com novos loteamentos e a densificação geral dos espaços. Recordem-se desde logo as villas habitadas pelos Murphy (Villa América, vendida em 1950 a um industrial suíço, depois à família Tissot, que a reconstruiu e por fim a vendeu a um russo) e Fitzgerald (Villa Picolette) ou por Hemingway (Villa Paquita, depois da partida dos Fitzge-

rald); o *cottage* (pequena casa de campo) da villa Eilenroc, de 1924 e dos Beaumont, ampliado várias vezes; o *mas* (casa de quinta) Notre-Dame, do conde de Vergennes, de 1925, ampliado em 1927; a Casa Estella de 1927 e de Lloyd Osborne, remodelada em 1940 para Aubrey Cartwright (Nova Iorque), visitada regularmente pelos duques de Windsor, Herman Rogers, Priscilla Norman, com casas próximas; o *mas* Saint-Christophe da mesma época, de Brun-Champein, aumentado em 1930; a villa Les Roches Fleuries, de 1928, depois villa Le Beaurevoir, de Hobé, em 1933 vendida a John Coats, em 1936 residência estival de Diarmid Campbell-Johnson, renovada e ampliada em 1937; a villa Les Triangles, construída em 1929, para o casal Georges Nietzsche, funcionário da Universidade da Pensilvânia; o *mas* da Girouette de 1931 e de Maurice Lautard (Nice); o solar *Eden-Roc, de* 1933 e do marquês de Cholmondeley, frequentado pelos Windsor; a Villa Le Chaland, de 1934 e Mlle Cruziat, num lote da Garoupe; o *mas* Soleil Levant, em 1934, para uso estival da condessa de Vergennes, também proprietária do *mas* Notre-Dame, próximo; a villa Lilliput, edificada em 1936 para o conde Antoine Sala, almirante, e ampliada em 2002; a villa *do* barão Duncan Orr Lewis em 1937 (canadiano); ampliação e renovação da villa *Les Roches Fleuries em* 1936 et 1937; villa de *La Cassine*, de 1937 e do conde de Martel; Villa Tanah Merah, de 1937; a villa *Sous le Vent*, de 1937 e de Sidney Allen (americana), acabada no pós-guerra pelo novo proprietário (banqueiro) e então ocupada por algumas semanas pelo general de Gaulle; a Villa Aujourd'hui (Villa Today), de 1938 e de Audrey Chadwick (Miami), adquirida por volta de 1950 por Jack Warner, co-fundador da Warner Brothers (acolheu estrelas de cinema como Charlie Chaplin e Ava Gardner); a Villa *Les Flots, de* 1939 e do cantor Georges Milton, actor de music-hall e de cinema; o *mas* dos Deux Frères (1951) de Louis Barache; a Villa la Folie (1952) do major Willoughby Rollo Norman; a Villa du Bord de Mer, também dos Norman, etc. Na zona de Jean-Les--Pins, ressalta o Château de l'Horizon de 1932 e da actriz americana Maxine Elliott, depois do Príncipe Ali Khan (casamento com Rita Hayworth), que com a Villa Roc (castelo do século XIX), foram adquiridos pelo Marquês de Cholmondeley, e por último pela família real saudita; o Château du Croûton, mais tarde Château de Juan-les-Pins, que remonta aos meados do século XIX, e pertenceu à rainha Émilie de Saxe, adquirido em 1914 por Richard Hudnut, habitado no verão pelo casal Natacha Rambova e Rudolph Valentino, seu genro, de novo vendido em 1934 a Henri Logut, arquitecto de Antibes, e em 1954 dividido em apartamentos, depois ampliado em altura, enquanto o jardim era loteado.

A leste da baía de Villefranche destaca-se o Cap-Ferrat, onde foram construídas villas privadas, de que relembramos algumas das mais antigas: villa Scoglietto/Petit Rocher, que pertenceu a Charlie Chaplin e David Niven; villa Vigie de 1898, de Emile Crozet- Fourneyron, industrial de Lyon; Château Saint-Jean, de 1899,

neo-gótico, no meio de um parque, com porto privado, de Carlo Wedekind, banqueiro ítalo-alemão, comprado em 1909 pela princesa húngara Wilma Lwoff-Parlaghy; villa Leopolda, com o seu parque de 8ha, mandada edificar em 1900 por Leopoldo II, rei dos belgas, para a sua amante Blanche Zélia Joséphine Delacroix/Caroline Lacroix, cedida em 1909 ao rei Alberto I e mais tarde adquirida por Lily e Edmond Safra (banqueiro libanês); villa Sylvia de 1902, de Ralph Curtis, pintor americano, comprada nos anos 50 por Pacha Ibrahim Hussein (família real do Egipto); villa Maryland de 1904, de um amigo pessoal de Eduardo VII; mais além, na ponta Saint-Hospice, em 1914-1917, a Fiorentina, num parque de 22ha, da condessa Thérèse de Beauchamp (Fiorentina, em homenagem ao palácio do conde Vitali, seu pai, em Cannes; avenida de ciprestes ligando à praia), vendida em 1920 a Edmund Davis (mas adquirindo a Leopolda), magnata australiano (minas de diamantes na África do Sul), que por sua vez a vendeu em 1939 a um membro dos Cavendish (Enid Kenmare), que a restaurou depois da guerra como uma villa neo-Palladio, sob orientação de Roderick Cameron, seu filho (autor de *The Golden Riviera,* 1975*),* que entretanto se instalou no Le Clos Fiorentina (habitualmente ocupado por Hubert de Givenchy), recebendo a princesa Grace Kelly, David Niven, Frank Sinatra, Helmut Newton, Elizabeth Taylor, Richard Burton, e a vendeu a Mary e Harding Lawrence, presidente da Braniff International Airlines, seus proprietários até 1990; Villa Maryland, do armador britânico Arthur Stanley Wilson, da Wilson Line Shipping Company, que recebia Winston Churchill; villa Primavera, adquirida por Haring Philips, da Philips e frequentada por Giscard d'Estaing em 1979; villa Les Bruyères que remonta a 1908 e foi comprada a seguir à IGG pelo duque de Connaught, filho da rainha Victoria, que a manteve até 1942; villa La Mauresque, que fora do confessor de Leopoldo II, num parque de 4ha, com enorme piscina, à beira-mar, adquirida por Somerset Maugham em 1928 e que a manteve até à morte em 1965, e onde recebeu visitantes ilustres como os duques de Windsor, Winston Churchill, barão Beaverbrook, Harpo Marx (comediante americano) ou Aga Khan. Um pouco mais além, a Villa Kérylos, em estilo grego, de 1902 (Beaulieu-sur-Mer) e do arqueólogo francês Theodore Reinach, casado com Fanny Kann, filha de Betty Ephrussi e prima de Maurice Ephrussi, marido de Béatrice de Rothschild, ou a villa Ephrussi (villa Ilhe-de-France), da própria baronesa Béatrice Ephrussi de Rothschild, mulher do barão de Ephrussi, banqueiro judeu, edificada entre 1905 e 1912, em estilo renascentista: palácio com mobiliário antigo, pinturas, esculturas, porcelanas, jardins classificados como Notáveis Jardins de França e com a villa, reconhecida como Monumento Nacional desde 1996, e propriedade da Academia de Belas Artes (1934, doação por morte), como museu e jardins paisagísticos; espaço de concertos, no quadro do festival anual Azuriales (ópera) e mesmo de eventos mundanos, mediante aluguer ocasional.

Ao nível dos hotéis de luxo, releva-se o Grand Hotel du Cap, mandado construir em 1908 pela Companhia hoteleira dos Centros de Turismo Automóvel, numa parte do terreno que fora adquirido antes por Leopoldo II: luxuoso, reconhecido como Palace desde 2011, com 73 quartos, sendo 24 suítes, 7 hectares de jardins em socalcos, o restaurante La Veranda e o Le Cap, com uma estrela Michelin (adega com garrafas de Château d'Yquem, desde 1854, e de Château Lafite Rothschild, de 1799); acresce uma piscina sazonal olímpica e horizonte infinito, com água do mar aquecida (clube Dauphin desde 1939), acessível pelo funicular, e algumas piscinas associadas a quartos. O hotel explora igualmente a Villa Rose-Pierre, no meio de um hectare de pinhal, com piscina interior, várias salas, espaço privado de balneoterapia, hammam e sauna, duche sensorial, *remise en forme* (spa premiado), além do clube infantil. A história do Grand Hotel du Cap foi marcada pela IGG e pela viragem da vilegiatura invernal de longas estadas da realeza, aristocracia, políticos, músicos e estrelas de cinema, para o turismo estival. Depois da IIGG, reabriu igualmente para as elites, os ricos e famosos da época: casas reais da Europa, chefes de estado, aristocratas, banqueiros e industriais, escritores e artistas, e gente famosa; Winston Churchill, Paul Deschanel (presidente francês, 1920), George W. Bush, Bill Clinton, princesa Louise, duquesa de Argyll, filha da rainha Vitoria, príncipe Arthur seu irmão, duque de Connaught e Strathearn; Aristotle Onassis, Somerset Maugham, Charlie Chaplin, Picasso, Frank Sinatra.... Relevante também o Panorama Palace (1904), com centena e meia de quartos com casa de banho e campo de ténis, além de barcos de passeio, e hóspedes de renome como Paris Singer, filho do inventor americano Isaac Merrit Singer, Isadora Duncan, dançarina também americana, ou Prokofiev, compositor russo, em 1908; depois da IGG, em 1921, novos donos e novo nome, Hotel Bedford; em 1999 foi renovado, combinando então 78 quartos e suítes no edifício principal (Royal Riviera, 5*) e 16 na Villa l'Orangerie. Igualmente, a Voile d´Or, antigo hotel do Parque, reconstruído no início do passado século e retomado em 1925 pelo capitão inglês Powell, amante de golfe: entre os seus hóspedes depois da IIGG, Somerset Maugham, David Niven, Peter Selers, Rod Stewart ou Richard Chamberlain, e nos finais dos anos 60, muitas estrelas de Hollywood.

As encostas costeiras entre os núcleos principais da costa a leste de Nice foram sendo salpicadas por outras villas, com alguma concentração em Cap-Martin, um pouco abaixo da aldeia de Roquebrune, entre o Mónaco e Menton, a caminho da fronteira com a Itália. O desenvolvimento do lugar, sempre desde os finais do século XIX, parte do loteamento e abertura de um antigo domínio de caça, urbanizado a partir de 1889 por uma sociedade imobiliária inglesa representada por George Calvin White (uísques Black&White). Desde logo, a construção em 1891 do Grande Hotel du Cap, à beira-mar mas funcionando apenas para vilegiatura

invernal (meados de Novembro a finais de Abril), com ligação fácil à gare de Menton, e da villa la Pointe, em estilo arabizante, para concertos e competições de esgrima (depois restaurante, destruído com os bombardeamentos de 1940): o hotel foi ampliado de 1902 a 1904, para quase três centenas de quartos, e dotado de todo o conforto (electricidade, água corrente nos quartos, aquecimento central, elevador, jardins iluminados). Frequentaram-no Eduardo VII de Inglaterra, os imperadores da Áustria, Francisco-José I e Elisabeth (Sissi), e a ex-imperatriz Eugénie (Avenida da Imperatriz). Com a IGG, o Grand Hotel du Cap perdeu a sua rica clientela, depois sofreu um grande incêndio em 1932, quando já funcionava durante todo o ano, e não apenas para a vilegiatura invernal, e por último foi convertido em apartamentos em co-propriedade (parte em 1947 e a restante em 1959).

Além do Hotel, igualmente a construção de villas de aristocratas, homens de estado e de negócio, escritores e artistas, como residências de vilegiatura invernal ou mais tarde casas de férias estivais. Recordemos algumas: villa Cyrnos de 1892 e da ex-imperatriz Eugénie de Montijo, esposa de Napoleão III, frequentada pela condessa de Pourtalès e o duque Montebello; villa Aréthuse de 1893 e de Georges de Montgomery, diplomata, filho de Hilbert Compte de Pembroke de Montgomery (castelo de Pembroke no Pays de Galles), em estilo neoclássico e inspirada no Petit Trianon de Versailles (também possuidor de um palácio veneziano, por parte da mulher), arrendada durante muitos anos à princesa Ouroussoff, viúva do embaixador russo em Paris, comprada depois pelo príncipe Danilo do Montenegro, aí residindo até 1924 (villa Augusta), depois na villa Torreca, nas encostas de Roquebrune, vendendo aquela a Pomeroy Burton, da Associated Newspapers Limited (Villa Barbara), que a manteve até à construção do Château de la Croë, no Cap d´Antibes; Villa Cynthia, também de 1893, do espiritualista britânico George King, alugada ocasionalmente a hóspedes prestigiosos, como Joseph Pulitzer (do New York World), o príncipe Henry de Pless e a duquesa de Westminster, adquirida em 1912 por Ernesta Stern, proprietária da vizinha Torre Clementina, no início dos anos 30 comprada pela condessa Naddège de Louvencourt e nos anos 70 dividida em apartamentos; villa Zamir, de 1897, em estilo neoclássico, num lote de 3ha, convertido em parque com espécies tropicais raras, do banqueiro parisiense Albert Kahn, ocupada ocasionalmente pela baronesa Alphonse de Rothschild, a condessa de Lonyay ou o imperador do Japão e frequentada pela imperatriz Eugénie, sua vizinha, o doutor Leyds, representante oficial da república Bóer para a Europa, e o rei de Wurtenberg; villa Casa del Mare, de 1904, nos anos 50 ocupada por Silvana Mangano; Villa Cypris, de 1909, em estilo bizantino, edificada para Robert Douine, director dos Grands Magasins du Louvre, em Paris; villa Torre Clementina, do mesmo ano, do banqueiro parisiense Louis Stern, de

inspiração oriental e com belos jardins (conjunto protegido desde 1974), e nos anos 1980 adquirida e restaurada por Frederick R. Koch (americano); Villa Les Rochers, construída em 1905 para a família White (uísques Black&White); Casa Mónica (L'éclaircie), também de 1905, do americano Walter Livingstone, depois da IGG adquirida pelo conde Mortimer Megret, muitas vezes ocupada por Umberto II de Itália, filho de Victor Emmanuel III, no exílio, e nos anos 60 dividida em apartamentos; Villa Palazzo Del Mare, de 1906, e de Digby Wentworth (descendente do conde de Strafford), adquirida (?) por Mobutu Sese Seko, do Zaire, e rebaptizada villa Maria Irina; villa La Zoraide (anterior a 1910) de Daisy Fellowes (Marguerite Séverine Philippine Decazes de Glucksberg, filha do duque Decazes e de Isabelle Singer, herdeira de uma enorme fortuna/sociedade Singer), casada em 1910 com o príncipe Jean de Broglie, depois viúva e em 1919 de novo com Reginald Fellowes, banqueiro da City e primo de Winston Churchill...

Algumas outras villas do Cap-Martin são posteriores à IGG, casos da Villa La Pausa, de 1927, num parque de 2,6ha, mandada edificar por Coco Chanel e Hugh Grosvenor, duque de Westminster, que funcionou como centro de vida social, frequentado pelo Príncipe Rainier e a Princesa Grace do Mónaco, pelo duque de Windsor, bem como Greta Garbo, Salvador Dali e Jean Cocteau, vendida em 1953 a Emery Reves (agente literário), casado com Wendy, modelo nova-iorquina; Villa Barbara, de William Pomeroy Burton, presidente da Associated Newspapers Ltd; Villa E-1027, de 1926-29, em estilo modernista, de Eileen Gray (arquitecta-decoradora), amiga de Corbusier, e que lembra a villa Aujourd'hui, no cabo de Antibes, e a villa Brasília, no cabo Ferrat, desenhada por Niemeyer em 1970; villas das famílias Nasi, ligada aos Agnelli (FIAT), Grundig, Dolce Gabana. Relembre-se que o lugar fora prestigiado pelas elites russas: no cemitério de Roquebrune-Cap Martin foram enterrados a grã-duquesa Xenia Alexandrovna Romanov (1875-1960), filha de Alexandre III e de Maria Feodorovna e irmã de Nicolau II, e o marido, o grão-duque Alexander (Sandro) Mikhailovitch Romanov (1866-1933), neto do czar Nicolau I, assim como o Príncipe Nikita Aleksandrovitch, seu filho, que morreu em 1974, em Cannes (até à Revolução de Outubro a família passava habitualmente as férias em Ai-Todor, na Crimeia, uma outra Riviera, aristocrática mas bem menos internacional, de onde vários membros dos Romanov saíram num navio de guerra britânico enviado pelo rei Jorge V, do RU, em 1919).

Apesar de certos excessos, há quem lamente o não retorno à Belle Époque e às construções utópicas das velhas aristocracias russa e inglesa, quando se multiplicaram os castelos medievais, os pequenos Versailles, os pequenos Trianons, as villas como as de Pompeia (fascínio pela Antiguidade e por Itália), árabes, bascas, todo um mundo de fantasia e exotismo, alargado aos seus parques e jardins, como a villa Ephrussi em Saint-Jean-Cap-Ferrat, a villa Kérylos em Beaulieu, ou o

château do Inglês, delírio indo-barroco, em Nice (1856, coronel Smith, no retorno das Índias). Depois da IGG e sobretudo de IIGG, quando muda a clientela em favor dos escritores e artistas, também mudaram os modelos arquitecturais, que exemplificamos com as villas E1027 de Eileen Gray, em Roquebrune, a La Voile, de Norman Foster, e a Nara Mondadori, desenhada por Óscar Niemeyer (1968), ambas no Cap-Ferrat.

4.8. Por último, a mítica Saint-Tropez

A atracção de Cannes é reforçada pela proximidade de Saint-Tropez: vilarejo algo próspero e fortificado já no século XV, pequeno porto provençal com uma modesta frota de pesca e cabotagem, algum comércio de longo curso; labirinto de pequenas ruas de casas altas de côr ocre, com suas pequenas praças, como a praça das Lices com a sombra dos grandes plátanos e a Place aux Herbes. Foi descoberto em 1887 por Guy de Maupassant e em 1892 por Paul Signac («O cais»), que atraíram Matisse («Um verão em Saint-Tropez), Bonnard e Albert Marquet (grandes nomes do fauvismo e do pontilhismo), Paul Poiret, J. Cocteau, Colette (de 1925 a 1938): todo um mundo de artistas e intelectuais parisienses, sobretudo no verão, quando dotado apenas de um pequeno hotel, que retornaram logo a seguir à IIGG, seguidos por Picasso, Jean-Paul Sartre ou Boris Vian, também escritor, nos anos 50, Jacques Prévert (poeta), Françoise Sagan e sobretudo Brigitte Bardot na década de 1960 (comprou a La Madrague), que popularizou o lugar através dos filmes «E Deus criou a mulher» e «O polícia de Saint-Tropez»: o topless tornou-se então banal na praia de Pamplona (quase 5km de areia fina, acompanhados de pinheiros marítimos, com villas dispersas, onde desde 1946 surgiram dezenas de estabelecimentos de praia) ou nos iates ancorados no porto ou na baía, mas o nudismo apenas na praia Tahiti; os nudistas preferem a privacidade de certos *resorts* como Cap d'Agde, no Languedoc (Béziers), desenvolvido desde os anos 1970, ou o domínio naturista de Heliópolis, na ilha do Levante, uma das ilhas d´Or (na costa de Hyères), que remonta a 1931.

A península de Saint-Tropez tornou-se um pequeno paraíso dos artistas da Nova Vaga, das estrelas de Hollywood e da televisão, estilistas, publicitários, todo um *jet set* associado ao *showbiz*: «belos e famosos», algo hippie-chique, que pretendem «ver e serem vistos» e que no verão frequentam igualmente Ibiza, a Sardenha ou Capri, atraindo muitos paparazzi. Em torno, uma natureza que cedo foi protegida (Conservatoire du littoral), o que evitou grandes projectos imobiliários e desse modo manteve a exclusividade do destino: ligações marítimas para os lugares de veraneio vizinhos e bem mais económicos, como Saint-Maxime e Port Grimaud, a «Veneza provençal» (cidade lacustre privada, dos anos 60 a 2000; 2 400 aloja-

mentos, mais de 2 mil lugares para barcos, 7 km de canais, o dobro de cais, catorze pontes, uma dúzia de ilhas, um total de 75 hectares); hotéis de renome como o velho Byblos (Hotel Biblos Spirit Palace) e o Les Caves du Roy, inaugurado com Brigitte Bardot e Gunter Sachs em 1967, além do Hotel de Paris, que remonta aos anos 30, também lugar de encontro nos anos 60 e 70 de cantores e estrelas do cinema, e do Hotel de La Ponche, igualmente um lendário refúgio boémio de luxo (Simone Duckstein, 2008) ou o Hotel Château de la Messardière, num edifício do séc. XIX, renovado em 1989, com praia privada e spa; clubes exclusivos, como o Club 55, um mundo estival de ricos e famosos (franceses, italianos, ingleses, alemães, russos; Elton John, CR7), ou o Palmier; comércio de luxo, sazonal (Louis Vuitton, Kenzo, Givenchy, Bulgari, Chanel...); villas sumptuosas, como a Mandala, no meio de um parque protegido, que fora de Catherine Schneider, herdeira de uma família de industriais e uma das esposas de Roger Vadim, comprada em 2012 por Bernard Tapiè, multimilionário francês (imprensa, imobiliário, iate e jacto privados); regata na baía (Les Voiles de Saint-Tropez), nos finais de Setembro (participação de grandes veleiros, de mais de 50m de comprimento); Internacional Polo Cup Saint-Tropez (Polo Club); vida nocturna animada, ao longo de todo o verão, na tradição dos anos 80, de Eddie Barclay, Günther Sachs (ex-marido de Brigitte Bardot), mantida pelo milionário anglo-francês Tony Murray (Andrew Sykes Group/ar-condicionado e London Security/extintores); festas privadas (convidados que chegam em helicópteros), no iate de algum bilionário ou na Les Caves du Roi; eventos como as Noites Brancas, com centenas de convidados (nomeadamente actores e músicos como Franck Dubosc, Francis Huster, Beatrice Rosen, Jean-Marc Cerrone), Claude Lelouch, Audrey Dana, Christian Vadim, na praia de Pamplona, a sul de Saint-Tropez e a leste de Ramatuelle; concertos de música clássica, comédia (e jazz na praia), como aquando do festival de Verão Les Nuits du Château de la Moutte, edifício dos meados do séc. XIX, do ex-secretário de Napoleão III e da filha de Franz Liszt, lugar tradicional de encontro de artistas (escritores, músicos) e políticos, e no séc. XX tornado espaço do festival.

Marcaram decisivamente a ambiência social de Saint-Tropez as presenças de Roger Vadim e Brigitte Bardot e outras estrelas do cinema e também da canção: Errol Flyn (actor australiano naturalizado cidadão estadunidense em 1942), Gérard Philippe, Jane Fonda, Michèle Morgan, Gilbert Bécaud, Eddie Barclay, também Claudia Schiffer, Sylvester Stallone, Elton John, Johnny Hallyday, Romy Schneider, Juliette Gréco. Continuaram a frequentar Saint-Tropez os filhos de Carolina do Mónaco, a rainha Silvia Renata Sommerlath (rainha consorte da Suécia desde 1976), a actriz Uma Thurman, Tom Cruise, Denzel Washington e Penélope Cruz, Mohamed al-Fayed, a família Opel, a de Olivier Mitterrand (sobrinho de François Mitterrand)...

Há contudo toda uma outra clientela europeia de Saint-Tropez, homens de negócio bastante ricos, proprietários de villas dispersas na paisagem envolvente, tanto na La Reserve de Ramatuelle (13ha entre os cabos Camarat e Taillat, pequeno hotel-spa e uma dúzia de villas) como no domínio dos Parcs, em torno do castelo Borelli, dos finais do século XIX, que desde meados do século XX, após loteamento, passou a reserva de milionários em busca de tranquilidade entre iguais (praias privadas; convívio «privado»), longe de certa «vulgaridade» das clientelas que deram fama a Saint Tropez e dos seus modos de vida mundanos (a gente do showbiz, os Mulliez ou os Thomas Leclercq)): Bernard Arnault, Norbert Dentressangle, Stéphane Courbit, Mohamed al-Fayed, Martin Bouygues, Vincent Bolloré, François Pinault, Jérôme Seydoux, Gérard Mulliez, da Auchan, Lindsay Owen-Jones, inglês ligado a Liliane Bettencourt, Albert Frère (belga)...

E todo um outro mundo, o dos príncipes sauditas e o dos novos-ricos do Leste, que contam com a requalificação de algumas unidades hoteleiras locais como Palaces (Byblos, La Messardière e La Reserve), as marinas e a calma estival das águas do Golfo para os seus iates (casos dos iates de Roman Abramovitch), mas cuja presença desagrada aquela elite burguesa tradicional, com as suas extravagâncias hedonistas (duches de champanhe de grandes marcas, danças *sexy*, música techno, barulho e confusão, mesmo prostituição).Turistas que prolongam o mito festivo da Riviera, nascido com os ricos aristocratas no século XIX e renovado com os novos-ricos do início deste século, oligarcas ou simplesmente multimilionários das listas da Forbes (o máximo demográfico de Saint-Tropez verificou-se todavia nos anos 80), que encontramos noutros pequenos lugares únicos da costa italiana, como em Portofino, destino sofisticado, exclusivo, de multimilionários com seus iates de luxo: antiga vila de pescadores (+- 500 habitantes), a 35 km de Génova (aeroporto), 8 km de Santa Margarida (caminho-de-ferro), com acesso por autocarro e ferries a partir de Rapallo, também barcos-táxis, frequentada nos primeiros anos 90 do século XIX por alguns ingleses e alemães e nos anos 60 e 70, lugar de encontros românticos de estrelas de Hollywood; Hotel Splendido, 5*, antigo convento, depois villa particular, e hotel-butique em 1901, com hóspedes ilustres como os Duques de Windsor, e extensão desde 1998 ao Splendido Mare (várias casas junto do porto), com serviço regular de ligação entre as duas unidades.

4.9. Turismo residencial e da «Terceira Idade»

Entretanto, afirmou-se o turismo residencial e acentuou-se o peso da população idosa em toda a Riviera, por mudança de residência dos reformados do Norte, nacionais e estrangeiros, mais sentido nas pequenas comunas. Em 2012 (INSEE), a população da comuna de Nice ascendia a 343.629 habitantes, dos quais 66.298

com 65 e + anos (224.6005 alojamentos, sendo 74,3% principais, 12,8% secundários ou ocasionais e os restantes vagos) e a de Cannes, a 73.603 habitantes, 21.238 com 65 e + anos (70.782 alojamentos, 53,6% principais e 40,9% secundários). Antibes contava 75.568 habitantes (31,5% como 60 e + anos) e 59 884 alojamentos (31,1% secundários). Em Saint Tropez, então com apenas 4452 habitantes, existiam 6447 alojamentos, 61,5% secundários ou ocasionais, valor pouco superior a Saint-Jean- du-Cap-Ferrat (1889 habitantes, 2073 alojamentos, dos quais 55,8% secundários ou ocasionais).

Menton, nos primeiros anos 60 (Léone Guéron, 1966), contava 20 mil habitantes, o dobro do valor do início do século, e 72 mil turistas (hotéis, apartamentos mobilados e parques de campismo), sobretudo no verão e da classe média (famílias francesas do Norte); mas igualmente na baixa-estação, em ligação com as residências secundárias (então cerca de 1400), de reformados franceses e também ingleses, alemães, belgas, holandeses, já que muitas vezes alugadas sazonalmente. Como em muitos outros velhos lugares de turismo de inverno da Riviera do Mediterrâneo, do seu notável parque hoteleiro do passado distante, sobrevivem algumas unidades como hotéis de 3*, clubes de férias e conjuntos de apartamentos, enquanto outras foram adaptadas a condomínios de apartamentos de luxo, como o Palácio de Inverno e o Palácio Riviera (1898), com seus parques privados, o hotel Alexandra (que remonta a 1885) (Dominique Gorzala, 2011) ou o hotel Príncipe de Galles (1865, e para a guarda do Príncipe de Galles Alberto Eduardo de Saxe-Coburgo-Gotha durante as suas estadas de inverno). Meio século depois, em 2013, a população residente na comuna elevava-se a 28100 habitantes, cerca de ¼ com 65 e + anos: contavam-se então 26766 alojamentos, sendo apenas metade principais (INSEE).

A massificação e residencialização turística foram facilitadas com a acessibilidade por caminho-de-ferro e, paralelamente, por alguma desvalorização e secundarização da sua oferta hoteleira, igualmente evidente em Juan-les-Pins (PLM, desde 1883), a oeste de Antibes, a cuja comuna pertence, e na proximidade de Cannes: dispõe de largas praias de areia, com importante oferta ao nível da restauração, facilidades de parqueamento e sombras no pinhal. A democratização turística do lugar traduz-se nas dificuldades de concessão da exploração do Casino Eden Beach, explorado até então pelo Grupo Partouche (risco de fechar em 2016?), bem como na pequena história de reabertura do simbólico Hotel Provençal (remonta a 1927), que fechara em 1973, sendo seu proprietário Alexandre Reza, joalheiro parisiense. O projecto previa a sua adaptação a Residência de grande luxo, exclusiva, pelo novo proprietário, Cyril Dennis (inglês, com fortuna feita nas Docklands de Londres nos anos 1980, e no Mónaco), através do consórcio Provençal Investments SA, pretensamente para os mesmos clientes da Tour

Odéon no Mónaco e das villas de prestígio de Saint-Jean Cap Ferrat e do Cap d'Antibes, sem esquecer a clientela do Festival de jazz: spa muito moderno, praia privada e equipada, campo de ténis, campo de golfe de 9 buracos perto de Sophia Antípolis, museu do jazz, helicóptero e iate de serviço, com ligação a Saint-Tropez, Cannes ou Monte Carlo, e mesmo deslocação, uso de chalés e passe para as pistas de esqui em Courchevel, como membros do Optimum Club. Mas o projecto foi atrasado e readaptado com a crise financeira de 2008. Entretanto mantiveram-se *Garden Beach Hotel (*4*, 175 quartos e suítes, recentemente vendido pelo Grupo Partouche: complexo Casino Éden, que combinava as funções hoteleira e de casino); o Hotel Belles Rives, de 5*, como um palácio Arte Deco, à beira-mar, com 43 quartos, praia privada, bar com piano e acompanhamento musical à hora do chá aos domingos, evocando os anos 20; o Hotel Juana, de 5*, num edifício histórico, com 40 quartos, piscina exterior e centro de *fitness*; o Hotel Sainte Valérie de 4*, 30 quartos e piscina exterior. Também surgiram novas unidades, destacando-se o AC Hotel Ambassadeur Antibes-Juan Les Pins/Marriott, 4*, com 221 quartos, praia privada, 2 piscinas e um centro de *fitness*, ou o Hotel Hélios, da mesma categoria, com 65 quartos, e muitas outras unidades de nível inferior, ao encontro da procura turística dominante. E multiplicaram-se as villas e apartamentos por toda a comuna de Antibes a que pertence: em 2013, 75 mil habitantes (19 mil de 65 e + anos), 60,5 mil residências, das quais apenas 61,7% principais (INSEE).

Centremo-nos todavia na pequena comuna de Cap d'Ail, na fronteira oeste do Mónaco (bairro de Fontvieille), actualmente com um pouco menos de 5 mil habitantes, e um bom exemplo desta evolução no sentido do turismo residencial democratizado e da densificação urbana dos lugares: 4741 habitantes em 2012, dos quais 1056 com 65 e + anos, 1012 imigrados, sendo 702 estrangeiros; 3626 alojamentos, 32,7% como residências secundárias ou ocasionais. Em 1921, Cap d'Ail fora reconhecida como estância climática (comuna independente desde 1906). O lugar desenvolveu-se a partir dos finais do século XIX, como um *resort* de vilegiatura invernal à beira-mar, com uma pequena vertente de turismo de saúde, sobretudo para doentes pulmonares, em encostas secas e pedregosas, agrícolas e de pasto pobre, beneficiando da nova acessibilidade pelo combóio (Nice 1864, Mónaco 1868 e Vintimille 1869) e a estrada Baixa-Corniche, terminada em 1883, depois também a Média-Corniche (avenida Prince Rainier III): hospital (villa Sanitas), construído pelo doutor Onimus em 1880 (tratamentos de hidroterapia com água do mar e água doce, electroterapia e massagens), adquirido em 1893 pela condessa Vanden Osten e adaptado a hotel do Cap Fleuri, que conheceu vários proprietários e mais recentemente foi convertido em residência para a terceira idade. A iniciativa partiu do barão de Pauville (Charles Alfred Léon Nicolle) que, em 1879, adquiriu um pouco mais de duas dezenas de hectares junto das

pequenas praias de Mala e Marquet, para a edificação de um hotel de luxo, no meio de um parque de 4ha, infra-estruturação do terreno restante (sistema viário, rede de esgotos, iluminação pública a gás) e sua divisão em grandes lotes para construção de villas privadas (1881 e 1884). Assim surgiu o hotel Éden Palace, inaugurado em 1897, com excelente vista, já que a 90m de altura, centena e meia de quartos, todos com casas de banho, energia eléctrica, elevador, e serviços regulares de ligação à nova gare da PLM, ampliado em 1910 com um edifício anexo, mas sem acesso à praia, condição limitante quando a partir dos anos 20 se afirma o turismo balnear. E igualmente o bairro residencial La Mala.

A partir de 1885, os terrenos a urbanizar e vender passaram para o Comptoir d'Escompte de Paris, a que sucedeu desde 1897 a Compagnie du Littoral de la Méditerranée, sociedade imobiliária de Auguste Thomas, director do hotel Éden, que adquiriu mais uma dezena de hectares para um novo hotel familiar (hotel Radium, construído por volta de 1908, fechado no pós-guerra) e um outro loteamento turístico, estruturado por um pequeno centro comercial: bairro do Cap-Fleuri, onde se localizou a câmara, a igreja em 1909 e a escola no ano seguinte. Acresce a Villa Le Roc Fleuri, primeiro hotel restaurante (1910: Hotel Réserve du Cap-Fleury), nos anos 20 da marquesa Buccico e a partir de 1921, residência de uma família de médicos (Cottenot). No total, menos de uma centena de villas luxuosas, de estilos variados, em parcelas de mil a três mil m2, fechadas por muros e grades metálicas, algumas com acesso directo às praias Mala e Marquet, mesmo a pequenas praias privadas (escadas de pedra), e parques botânicos, de aclimatação de espécies exóticas, pertença sobretudo de uma antiga burguesia da indústria, das finanças, da política, para vilegiatura invernal (sol, luz, horizonte, paisagem). Complementarmente, foi construído em 1901 um campo de tiro aos pombos e um passeio à beira-mar de 3,6Km, por adaptação do velho caminho dos trabalhadores alfandegários.

Algumas villas são actualmente protegidas como património cultural, umas mais aristocráticas, como o Château Malet ou Château de l'Ermitage, o Château des Terrasses e a villa Primavera, outras mais burguesas e familiares, poucas regionalistas e menos ainda modernas: o Château de l'Ermitage, de 1896 e de Edward Malet, embaixador de Inglaterra em Berlim e genro dos duques de Bedford, também proprietário em 1880 do domínio de Saint-Laurent na vizinha Eze (fechado), foi visitado pela rainha Victória e a princesa Beatriz logo em 1897, o rei Eduardo VII, o rei Leopoldo II (Bélgica), a imperatriz Eugénie (França) e muitos outros aristocratas (fortemente bombardeado durante a IIGG); o Château des Terrasses, da mesma época e do banqueiro britânico William Mendel, nos anos 30 do vice-cônsul de Inglaterra (Buckingham) e desde 2001 do município, fora alugado pelo duque Alexandrovitch (tísico), irmão do czar Nicolau II, que aqui recebeu a impe-

ratriz Maria Feodorovna (mãe), a rainha Victória (prima), o príncipe de Galles, o presidente francês Félix Faure e o príncipe Alberto I do Mónaco; a villa Primavera remonta apenas a 1911 e ao capitalista parisiense *Alphonse Lenoir*, amante da arte greco-egípcia, como atesta a sua decoração (dividida em apartamentos em 1955).

Tendo em conta a data de construção, atente-se à sucessiva multiplicação de villas em Cap d'Ail, que acompanhou a de outros lugares da Riviera, pelo menos até à IGG: villa Seguy, 1882, de M. Seguy, redactor do jornal Fígaro, que terá acolhido a família real de Inglaterra em 1939; villa Lumière, de 1902 e de Auguste Lumière (a família possuiu 3 villas, incluindo a villa Perles Blanches e a villa Hélios, a que subsiste); villa Les Funambules, de 1904, então como villa Gioia Mia, adquirida em 1911 por Sacha Guitry (teatro, cinema), afilhado do czar Alexandre III, que lhe deu o novo nome e a habitou durante 30 anos; villa Papillon, do mesmo ano e do médico Gaston Raoul Paillote (de Nogent-sur-Marne); villa Castel Mare, também de 1904 e do príncipe Reuss, da Áustria; villa Les Violettes, de 1905 e de Jeanne Jeanbernat (Paris), com casa de porteiros (hoje villa Carpe Diem), adquirida em 1962 por William Wavell Wakefield, barão Wakefield de Kendal (inglês, ligado ao rugby); villa Les Mouettes, também de 1905 e de Léonie Elizabeth Miroy (Paris); villa Mirasol, de 1908 e da escritora Gabrielle Reval, habitada pela marquesa de Sévigné e por Joséphine Baker; villa Capponcina, de 1926, no sítio do anterior campo de tiro aos pombos, e do capitão Edouard Moulyneux, com campo de ténis, comprada a seguir à IIGG pelo lord Beaverbrook, diplomata e director do Daily Express (jornal londrino), e frequentemente visitada por Winston Churchill; villa Les Roches, de 1927 e do conde d'Orgeix, e em 1950 da ex-esposa de Jean Camille, conde Offenbach; villa The Rock, de 1950 e do príncipe Jean Louis de Faucigny-Lucinge, genro do banqueiro Émile Beaumont, barão d'Erlanger, com acesso directo ao mar, etc.

As villas do Cap d'Ail também foram no passado já distante lugar de encontro de gente ilustre do mundo da política, da finança, sobretudo da indústria, da literatura e das artes: príncipes russos exilados, nobres (William Maxwell Aitken, anglo-canadiano, milionário, amigo de Winston Churchill), políticos (o próprio Winston Churchill, o príncipe de Galles, a princesa Grace do Mónaco), autores e actores, como Sacha Guitry (Alexandre Georges-Pierre Guitry, cineasta russo radicado em França), André Malraux e Josiane Clotis (1941, na villa Les Camélias), Cecile Sorel (Céline Émilie Seurre, condessa de Ségur pelo casamento com o conde de Ségur-Lamoignon, comediante), Colette (Sidonie Gabrielle Colette, escritora, com salão literário), Gabrielle Réval (Gabrielle Logerot, romancista casada com o poeta e romancista Fernand Fleuret), Joséphine Baker (Freda Joséphine McDonald, norte-americana com raízes negra e índia, naturalizada francesa em 1937, actuante no teatro de revista, estrela da Folies Bergère, apoiante

de Martin Luther King e concorrente de Mistinguett, vedeta francesa mais elitista), Jean-Claude Pascal (Jean-Claude Villeminot; estilista, actor e também escritor, filho de industriais do têxtil), Greta Garbo (actriz sueca) e Jean Cocteau (dramaturgo, encenador de teatro francês), etc.

Depois da IIGG, o Hotel Éden e o seu anexo foram divididos em 80 apartamentos (1947), como sucedera ao hotel Radium logo após a IGG, e como sucedeu também com algumas das melhores villas: actualmente, contam-se apenas 260 quartos de hotel, mas 900 residências secundárias, incluindo mais de 70 villas no bairro turístico mais antigo, e 180 apartamentos em residências de turismo, com destaque para Pierre et Vacances (Jean Nouvel; 1987). Junto da fronteira desenvolveram-se os bairros residenciais populares de Saint-Antoine e das Salines, com guarda de fronteira e algum comércio e oficinas, habitados desde logo por imigrantes italianos, e sempre muito dependentes do Principado em termos de emprego (comuna dormitório) e económicos, em particular com os aterros de Fontvieille (22ha), a partir dos finais dos anos 1970 (instalação da marina, habitação social, indústria, estádio), o que possibilitou também a Cap-d'Ail a construção de um porto de recreio, uma praia equipada, novos alojamentos e um novo hotel (Marriott, 174 quartos e 12 suítes, 2/3 da capacidade hoteleira local). Os dois conjuntos urbanos, distantes de cerca de 2km, estão ligados pela Baixa-Corniche (estrada de Eze ao Mónaco), o único elemento estruturante do lugar, e junto do qual se situam os edifícios públicos. A proximidade com o Mónaco assegura uma constante revalorização do património e rendimentos potenciais através de alugueres de curta duração, que nos últimos anos têm interessado muitos compradores, nomeadamente nos antigos edifícios de prestígio, mas sobretudo nos comuns, para os que residem e trabalham na região, mesmo os russos (muitos outros em Menton).

4.10. Os novos afluxos russos: turistas e turismo residencial

Em 2013 avaliam-se em 2 mil os residentes permanentes russos na Côte d'Azur, em muitas centenas as suas residências secundárias e em muitos milhares os turistas russófonos que a frequentam. Aos turistas árabes multimilionários somaram-se, com efeito, nos últimos decénios, os novos-ricos russos: o mercado russo esteve quase fechado até aos anos 90, mas conheceu em seguida uma grande explosão. Países da ex-URSS, com 282 milhões de habitantes, sendo 144 milhões na Rússia; mercado não europeu mas relativamente próximo (9/10 da Rússia e destes 76% de Moscovo e 18% de Saint-Petersburgo) e com boas perspectivas de crescimento, até 2014; muitos dias de férias e feriados (Natal ortodoxo a 7 de Janeiro e férias de inverno; férias segmentadas); estadias médias e longas, visitan-

tes algo jovens (tal como os chineses), maioritariamente em lazer, sem nunca descurar o *shopping,* sobretudo em Paris (em complemento da procura dos americanos, japoneses e cada vez mais também dos chineses), mas não menos na Côte d´Azur; despesas no estrangeiro elevadas, em segundo lugar depois dos chineses; aquisições imobiliárias de prestígio, das villas com história, das velhas aristocracias, aos mais sofisticados apartamentos das modernas torres do Mónaco, de muitas dezenas de milhões de euros, mesmo centenas...

Em 2013, segundo o Crédit Suisse, 35% da riqueza russa cabia a 110 magnatas. Moscovo era a cidade europeia que contava maior número de milionários. Alguns dos novos-ricos da ex-URSS fixaram residência em Londongrad (Londres), junto de importante praça financeira, onde multiplicam e subtraem a certa incerteza as suas fortunas. Muitos são amantes de futebol e investem em clubes, casos de Rybolovlev no Mónaco, Abramovich no Chelsea, ou Ousmanov no Arsenal, outros jogaram no controle de informação pela posse de jornais de grande tiragem (Pougatchev, ex-proprietário do France Soir), ou adquiriram edifícios de escritórios em Londres, grandes hotéis em Paris, um palace em Porto-Vecchio (Córsega) e participações em empresas, nomeadamente na indústria do luxo. Quase todos apreciam os automóveis desportivos das melhores marcas, os grandes iates, e não menos as férias de luxo na Côte d'Azur (como em Courchevel, nos Alpes franceses, e nas estâncias suíças de maior prestígio) ou em Marbelha, as melhores villas das Rivieras lacustres (lagos alpinos, nomeadamente Como e Maggiore) e mediterrâneas, italiana (de Sanremo a Portofino-Santa Marguerita e na Costa Amalfitana), francesa e espanhola, lugares onde promoviam comummente festas particulares ostentatórias e mundanas, com grandes espectáculos de fogo-de-artifício, a dar nas vistas.

Muitos russos encaram a Côte d´Azur como um dos lugares de vilegiatura, e também de residência, onde se devem mostrar aos outros milionários do mundo, retomando o caminho aberto por Alexandra Feodorovna, em 1857, e seguido por outros czares, princesas, grão-duques, condes e condessas, também pelos russos «brancos» fugindo à Revolução, como o testemunham as igrejas ortodoxas, as escolas internacionais, os colégios russos, os novos programas de rádio em russo, o cinema russo, as lojas de produtos alimentares russos. Por toda a Riviera, os velhos proprietários imobiliários foram cedendo perante as novas ofertas dos milionários russos, bastante generosas, até pelos custos de transmissão das heranças, brutalmente valorizadas e como IMI elevados.

Investimentos que os novos compradores consideram seguros e rendíveis, sobretudo em períodos de grande flutuação nos mercados de divisas e títulos e de desvalorização do rublo, ou de instabilidade política, interna e nas relações com o exterior. Fazem-no do mesmo modo que transferem parte das suas fortunas para

o Reino Unido e a Suíça, e para estados americanos como Nova Iorque, New Jersey, Florida ou Califórnia, tal como outros bilionários do Próximo-Oriente, da China ou da Índia. Mas sem esquecer a vertente prestigiante da posse de residências de férias numa das regiões outrora privilegiada pela velha aristocracia imperial: reconhecimento e afirmação de estatuto social e estima pessoal, que explicam grandemente a vertente algo ostentatória entre as grandes fortunas de poucos anos, os novos «barões» das matérias-primas, da indústria pesada, dos transportes, da construção civil, da banca ou do comércio da distribuição.

Seguem as elites endinheiradas da Europa (franceses, ingleses, irlandeses, suíços, alemães, também escandinavos), América do Norte e Próximo Oriente, em busca de alguma privacidade (vantagem dos cabos onde o combóio passa longe) num quadro cosmopolita. Repetem, com algum atraso, a posse de patrimónios em lugares algo discretos, por outros oligarcas e ditadores: o château de l´Horizon (Vallarius) fora adquirido, em 1979, pelo futuro rei Fahd, e depois tornado residência privada do rei Abdallah da Arábia saudita; a villa Marina Irina ou Villa del Mare, no Cap Martin, foi mandada edificar por Mobutu Sese Seko, ex-presidente do Zaire; Saddam Hussein, do Iraque, possuiu duas mansões, uma nas colinas de Grasse, outra nas de Cannes; a Sorrentina, num parque de mais de uma dezena de hectares, fora de Adnan Khashoggi, negociante de armas da Arábia Saudita, associado a Muammar al-Kadhafi. Também elegeram a Riviera para residir Denis Sassou-Nguesso, presidente do Congo Brazzaville, Omar Bongo e Teodoro Obiang Nguema, ex-presidentes do Gabão, Robert *Mugabe, do Zimbabué,* Jean-Claude Duvalier, do Haiti.

Para os novos-ricos das antigas repúblicas soviéticas possuir uma villa nos sempre exclusivos Cap-Ferrat, Cap d'Antibes e Cap Martin dignifica o seu sucesso. Metade das villas do Cap-Ferrat pertencerá a cidadãos da ex-URSS, ao lado de algumas velhas famílias europeias, adquiridas através de sociedades civis imobiliárias com sede no Luxemburgo e contas bancárias de paraísos fiscais secretos, investimentos todavia cada vez mais escrutinados pelos riscos de branqueamento de capitais. Enquanto Putin promovia a defesa do património ortodoxo da Côte d´Azur, toda uma nova geração de oligarcas (russos, ucranianos, chechenos ou do Cazaquistão) procurava a Riviera e a privacidade e segurança dos seus Cabos, investindo somas vultosas em casas de sonho, sobretudo à beira-mar, muitas construídas pelos ingleses e por outros russos, ainda na segunda metade do século XIX ou já no início do seguinte. Gente caprichosa, original, extravagante, exótica, algo barroca e ávida no possuir e mais ainda no consumir: gosto dos excessos, como nos mega-iates, nos automóveis de modelos algo exclusivos, nas festas abundantes em caviar, lagosta e vinhos excepcionais, nos duelos de consumo de champanhe de grandes marcas e preços, nas decorações dos seus espaços com dezenas de milha-

res de flores de corte, a importar expressamente da Holanda, na privatização ocasional do uso dos lugares, como a Villa Ephrussi. Algo que tende a desaparecer com a nova geração, bem menos gregária, mais sensível à arte, à cultura, ao património, às paisagens, ao ambiente, às tradições, às relações com os outros, que paga não com maços de notas mas com cartão American Express Platinum. Não mais apenas turistas festivaleiros, espaventosos e apreciadores de residências secundárias sumptuosas, grandes iates e jactos de luxo, investidores em negócios acordados em muitos casos nos seus próprios iates, sem se preocupar com a rendibilidade a curto prazo, mas também turistas bem menos ricos, mais educados, viajados e falando inglês, que despendem somas mais modestas e criteriosas e com muito maior dispersão territorial: quadros superiores, com salários e não grandes negócios e enormes fortunas; investimentos à margem dos paraísos fiscais, cuidadosamente atentos a potenciais rendimentos por aluguer por curtos períodos ou mais-valias, inclusive com recurso a empréstimos bancários.

Entre os novos proprietários destacam-se os bilionários das listas da Forbes, muitos tendo fixado primeiramente residência em Londres e na Suíça, mas também as classes médias, atraídos uns e outros pela qualidade de vida, estabilidade, anonimato: SCI; regimes fiscais especiais com majorações dos impostos mas garantindo anonimato absoluto; mundanismo, proximidade do aeroporto de Nice, heliportos, e no caso do Mónaco, ausência de direitos de sucessão directa, nível de fiscalidade imobiliária, e mais ainda confidencialidade e novas facilidades na obtenção do direito de residência, a par da possibilidade de rendimentos através de alugueres por períodos curtos e da sua revalorização a curto ou médio prazo (ofertas limitadas; imobiliário de luxo como activo estratégico). Como compradores de grandes mansões, os oligarcas Boris Berezovski, Roman Abramovich, Rybolovlev, Prokhorov, Deripaska, Pougachev, Blavatnik, muitos deles coleccionadores mundiais de imobiliário de prestígio, em Moscovo, Nova Iorque, Florida (mansões nos condomínios fechados), Xangai, Londres, Paris (hotéis particulares), Dubai, Mónaco, em particular no bairro Le Carré d´Or, um dos mais valorizados, Cannes (villas Belle Époque), nas encostas da Califórnia ou na Croix des Gardes, bem como no Cap-d'Antibes, em Saint-Jean-Cap-Ferrat, Beaulieu e Villefranche, no meio de parques privados e com largos horizontes marítimos. Nalguns casos, villas que no passado foram propriedade de antigos invernantes aristocratas russos, como a Villa La Tropicale (Cannes), construída no século XIX para o Príncipe Lobanov-Rostovsky, ministro dos Negócios Estrangeiros do czar Alexandre II.

Recordem-se algumas das aquisições russas mais mediáticas. Boris Berezovski, próximo de Ieltsin, amigo de Roman Abramovitch, muito crítico de Vladimir Putin, e exilado em Londres desde 2003, com estatuto de refugiado político (acusado de branqueamento de dinheiro, nomeadamente através da Suíça e do Luxem-

burgo), adquiriu ainda em 1996, à família Francis Bouygues, duas propriedades no Cap d'Antibes, o Château de la Garoupe e o Clocher de la Garoupe, no parque do mesmo, regularmente frequentadas pelo presidente Ieltsin e a filha Tatiana Borisovna Diatchenko. O Château de la Garoupe fora ampliado em 1950 pelos Norman, herdeiros dos primeiros proprietários, e remodelado em 1985 para Francis Bouygues (grande empresário da construção civil); nos meados do século, surgem novas construções no seu parque, promovidas pelos proprietários do domínio (herdeiros directos), com início na Loggia du *Clos,* de 1940. E*ncontramos referências ao* velho Pavilhão du Clocher, de Charles Benjamin Bright McLaren, primeiro Barão Aberconway, proprietário de terras e industrial, aumentado em 1950 por Anthony Norman (aristocrata e militar) e também remodelado em 1985 por Francis Bouygues; e ao Cottage de la Garoupe, depois villa La Tourelle, em 1952, como residência secundária de Anthony Norman. Sempre no cabo d'Antibes, Roman Abramovitch (residente britânico e dono do Chelsea desde 2003) adquiriu por sua vez, em 2004, o vizinho Château de la Croë: construído em 1927 em estilo vitoriano, para um aristocrata inglês, William Pomeroy Burton, presidente da Associated Newspapers Lt, fora comprado pelo magnata Aristotle Onassis (cunhado e concorrente de Stavros Niarchos, ambos nos estaleiros gregos); por volta de 1970, ocorreu um grande incêndio, a que se seguiram décadas de abandono. O magnata russo recuperou-o entre 2008 e 2010, com grande luxo: 8 suítes, 12 quartos, 3 salões, 2 casas de jantar, piscina na cobertura, sala de cinema para 20 pessoas, spa moderno, piscina ecológica de 400m2, alimentada por cascata; por último, a estrutura residencial foi ampliada em 2014, com três pavilhões com suas próprias piscinas, para os convidados (o Provençal, o Luisiano e a Granja), incluindo o seu filho Arkady (pavilhão Luisiano). A presença de Roman Abramovitch é comummente denunciada pela dos seus mega-iates: Pelorus 115m, Ecstasea 86m, Sussurro 50m e principalmente o moderno Eclipse (2010, 163,5m), ultrapassado apenas pelo Azzam (180m e um salão de 550m2), da família real dos Emirados Árabes Unidos, mais precisamente do xeique Khalifa bin Zayed Al Nahyan. Os châteaux de la Garoupe e de la Croë continuam, pois, como lugares de refúgio dos grandes do mundo: residências de multimilionários, parcelas muradas no meio de pinheiros de Alepo e oliveiras seculares, junto de um litoral recortado e de pequenas arribas calcárias, um mundo de pequenas veredas como o caminho dos contrabandistas, à margem dos fluxos turísticos; aqui decorreu a grande festa do casamento da própria filha de Roman Abramovitch. Na lista dos novos proprietários russos no Cap-d'Antibes, figuram igualmente: Arcadi Alexandrovitch Gaydamak e a L'islette (Villa Pellerin) (1997), Melnichenko e a Villa Altair, Telman Ismaïlov (Bakou/Azerbaijão) e a villa l'Istana (1999), que fora do dono da Tissot: investimentos a médio e longo prazo, discretos e confidenciais, na

base da segunda residência de prestígio e de festa, da valorização do património, contando para tal com a proximidade do novo porto para grandes iates (Port Vauban, 2 mil lugares, iates de mais de cem metros) e do novo centro de congressos, a recuperação do Hotel Le Provençal, a par da proximidade de Cannes e Nice, mesmo do Mónaco.

Em Saint-Jean-Cap-Ferrat, uma das pequenas penínsulas costeiras mais elitistas, poucas famílias europeias resistiram às suas ofertas (Thyssen, aço, alemã; Marnier-Lapostolle, cognac, francesa; Ferrero, chocolates, italiana; Mondadori, edição, comunicação, italiana). Mudou muito o ambiente social local, em comparação com o do pós-guerra: não mais Gregory Peck ou David Niven, Somerset Maugham ou Jean Cocteau, Tony Curtis ou Roger Moore. O La Voile d´Or, antigo Hotel du Parc, reconstruído nos inícios do passado século e retomado em 1925 pelo capitão inglês Powell, amante de golfe, depois da IIGG contava entre os seus hóspedes, Somerset Maugham, David Niven, Peter Selers, Rod Stewart ou Richard Chamberlain, e nos finais dos anos 60 ainda dezenas de estrelas de Hollywood. Chefes de estado, aristocratas e gente famosa, também no Grande-Hotel-Palace, de 1908, num parque de 7ha, como Paul Deschanel (presidente da França em 1920), George W. Bush, Bill Clinton, princesa Luísa e duquesa de Argyll, filha da rainha Vitoria, príncipe Arthur seu irmão, duque de Connaught e Strathearn. E ainda no Royal Riviera (5*), que também remonta ao início do século XX (1904). O Grande-Hotel foi entretanto adquirido por capitais do Leste, e o hotel Metrópole, da vizinha Beaulieu-sur-Mer, por capitais do Cazaquistão, via Ilhas Caimão (2004), para reconversão em hotel de luxo (reconstrução e ampliação), com apoio expresso do comércio local (potencial retorno de uma clientela abastada). Serguei Pougatchev, «o banqueiro de Putin», comprou entre 1997 e 1999, duas villas em Saint-Jean-Cap-Ferrat (além do château Gairaut, nas alturas de Nice, construído entre 1900 e 1904 por Joseph Giordan, milionário local, rodeado de jardins em socalcos, e de um chalé em Valberg, estância de esqui no Mercantour, no *hinterland* próximo, equipada com canhões de neve); Alexander Sabadsh, de Saint-Petersburgo, a Villa La Desirade; Askar Alshinbayev, do Cazaquistão mas residente em Londres, junto do Regent's Park, com notável fortuna petrolífera, duas villas na ponta do mesmo cabo, em 2006, não longe do Grande Hotel e onde promoveu trabalhos considerados faraónicos; Gavril Yushvaev (empresa Wimm-Bill-Dann, de leite e sumos, de Moscovo), a villa Primavera; Gueorgui Khatsenkov, ex-dirigente da Pravda, duas villas na vizinha Beaulieu-sur-Mer e em Roquebrune-Cap-Martin. Mikhaïl Prokhorov pretendera adquirir em 2008 a Leopolda que fora de Leopoldo II, em Villefranche-sur-mer (Villa des Cèdres), no meio de um parque de 8ha, com oliveiras, citrinos, resinosas, muitos ciprestes, vários edifícios (2700m2 habitáveis), dominando a baía de Beaulieu e o Cap Ferrat.

Por sua vez, Mikhaïl Viktorovitch Slipentchouk, adquiriu uma villa em Cannes, perto da igreja ortodoxa Saint-Michel Archange; Mansur Sadekov, dono da Volga-Petroleum, duas villas e o clube de Ténis de Cannes (2012); Alexander Pogorelski, uma villa em Cimiez (Nice); Ilia Traber (actividades do porto de Saint--Petersburgo), um duplex numa residência de luxo também em Cimiez; Alexeï Fedorichev, importante produtor (na Rússia, Ucrânia e Lituânia) e exportador de adubos, um apartamento no Mónaco; uma dezena de outros milionários russos adquiriu unidades na Marina Baie des Anges (complexo de muitas centenas de apartamentos construídos desde finais dos anos 60, numa área de 16ha, 1/3 mantido como espaço verde, e classificado em 2001 como Património Arquitectural do século XX), casos de Sergueï Rubinstein (Odessa), que em 1995 fizera a sua festa de casamento com 400 convidados no vizinho Club Med. Alexandros Kazarian (Tbilissi, Geórgia), investiu no Atoll Beach, à beira do porto de Saint-Laurent-du--Var, a oeste do aeroporto de Nice, criado por Vladimir Ponomarenko, pioneiro da diáspora russa na Côte d'Azur. Alguns outros russos deram preferência (2006) ao domínio da Chaume, antiga exploração agrícola de mais de 400ha, com árvores centenárias, terras de cultivo, incultos e pastagens, zona de caça grossa, nas alturas (entre 800 e 1600m) de Entrevaux, aldeia medieval longe do mar, dos olhares e dos comportamentos bling-bling, onde visavam construir um hotel de gama muito alta e uma aldeia provençal em pedra.

O principado do Mónaco destaca-se na atracção de investimentos imobiliários russos, ainda pelo clima mas sobretudo pela qualidade de vida local, segurança, tranquilidade, estabilidade e vantagens fiscais, conforto e modernidade dos imóveis, perspectivas de valorização dos mesmos, mundanismo (casinos, marina, eventos de prestígio internacional, culturais e desportivos, gastronomia de chefes de renome, como Alain Ducasse, no Hotel de Paris), venda de produtos de grande luxo (diamantes; Louis Vuitton, Bulgari, Dior ou Yves Saint-Laurent), fortemente taxados na Rússia, acolhimento em geral, onde não faltam restaurantes com ementas em cirílico, guia turístico também em cirílico, comércio com empregados falando a língua de Tolstoï e de Pouchkine, mesmo rádio local na sua língua, etc. Além dos russos, muitos outros turistas multimilionários ucranianos, azeris e do Cazaquistão, igualmente conhecidos pelos gastos vultosos e caprichosos, logo atrás dos turistas do Golfo (aniversário de casamento: 20 mil euros em flores para uma suíte de 250m2 e contratação de uma cantora americana; baby-sitter para o cão). No conjunto, asseguravam mais de 10% das dormidas, logo depois dos franceses, italianos e ingleses (sem contar os congressistas), e estadas médias superiores. Aos turistas multimilionários juntava-se, todavia, toda uma classe média-alta, de Moscovo e também de *Saint-Petersburgo e outras grandes cidades da ex-URSS, com outro olhar sobre o dinheiro, o luxo e a ostentação, bem mais discreta e bem menos exube-*

rante. *Acresce* a população russa que escolheu o Mónaco para residir (38 em 2002, 86 em 2009 e 347 em 2013): homens de negócio, empresários da hotelaria, advogados, notários, agentes imobiliários, quadros técnicos e administrativos, com suas famílias e empregadas (75 alunos na escola russa, no ano 2012-2013, com sucursal em Menton, onde aliás residem muitas famílias russas). A Chik Radio assume dirigir-se a 500 famílias residentes e a 20 mil turistas visitando anualmente o Mónaco.

Entre os residentes russos do Mónaco destacamos Dmitry Rybolovlev, senhor de uma enorme fortuna, instalado primeiro na Suíça e só depois no Principado: até 2010, patrão da Uralkali, principal produtor de potássio da Rússia, privatizada em 1992; desde finais de 2011, «senhor» do ASM (Association Sportive de Monaco Football Club) e sócio da Société des Bains-de-Mer, empresa estatal que gere os casinos e os principais lugares de diversão do Principado, já com 150 anos; património imobiliário relevante, que inclui a Maison de l'Amitié em Palm Beach (Florida), que fora de Donald Trump, um solar no Havai, antes de Will Smith (produtor de televisão e ex-basquetebolista estadunidense), um apartamento no Central Parque de Nova Iorque, um hotel particular em Paris na rua do Eliseu, dois chalés de luxo em Gstaad (Suíça), um apartamento no hotel Moskva, na praça Vermelha, um centro comercial também em Moscovo, a ilha Skorpios na Grécia, que fora de Athina Onassis, filha do armador Aristote Onassis, uma colecção de quadros de Degas, Van Gogh, Modigliani, Picasso, Chagall e outros e de móveis antigos, o iate My Anna, de 67 m, acções no Banco de Chipre (afectadas pela crise do mesmo), e por último, uma cobertura de 3300m2, a 170m de altura, no topo da moderna torre Odéon, na zona leste do Mónaco, por 300 milhões de euros (?). Dmitry Rybolovlev reside entretanto num edifício Belle Époque (cobertura de 2mil m2, com vidros blindados, câmaras de vigilância e elevador privado), não longe da praça do Casino e do Hotel de Paris, que fora de Edmond Safra (banqueiro libanês enriquecido com os petrodólares do Golfo, os fundos dos cristãos libaneses e dos iranianos exilados após a revolução de 1979, e proprietário da Villa Leopolda, em venda por 500 milhões de euros?). Mas muitos outros oligarcas russos escolheram o Mónaco para residir: Andreï Melnitchenko (Eurochim, iate A, de Aleksandra, no porto Hércule), Leonid Novitsky (piloto de ralis), Sergueï Pougatchev (banqueiro de Putin, Hédiard: mercearia fina de 1865 em Paris; France Soir, Château de Gairant, na parte alta de Nice), Vasily Klyukin, antigo banqueiro de Moscovo, trabalhando no Mónaco no imobiliário (arquitectura), que pretende fazer turismo no espaço (segmento prometido pela Virgin Galactic e pela Space Expedition Corporation) na companhia de Leonardo Di Caprio, antes de Brad Pitt-Angelina Jolie, Michael Schumacher ou Paris Hilton, bem como David Iakobashvili, da Geórgia (imóvel Saint

James), Vladimir Semenikhin (cônsul honorário do Cazaquistão), etc. (Bérangère Martinelli, 2015).

Cannes também atrai de novo toda uma clientela estival muito rica vinda da Rússia, da Ucrânia ou do Cazaquistão (além da oriunda dos países do Golfo, nomeadamente da Arábia saudita, do Qatar ou do Koweit: grupos familiares alugando dezenas de quartos): encontramo-la nos seus seis Palaces (o Carlton e o Martinez, os mais famosos, propriedade do Qatar; Majestic, Marriott, Five Seas e Grande Hotel), nas mais de duas dezenas de hotéis de 4*, nas muitas villas sumptuosas, nos seus portos de amarração de grandes iates, nos seus casinos, em particular no Palácio dos Festivais (construção futurista de 1982, com casino, restaurante, salas de conferências e de jogo; lugar de festivais, como o festival de arte russa ou o festival cultural do Azerbaijão; espectáculos múltiplos, de música, ballet, dança, teatro, folclore, exposições de pintura, sem esquecer a internacionalização e o prestígio do seu festival anual de cinema), nos estabelecimentos de animação nocturna, nas lojas de luxo da Croisette (Chomet, Chopard, Rolex, Chanel, Prada, Louis Vuitton, Dior), famosas pelos roubos de milhões de euros de que foram vítimas em 2013 (relógios, jóias, casacos de peles) e pelo Festival de Shopping, nos automóveis de marcas valiosas, como Mercedes, Audi, BMW, Bentley, Porsche, Lamborghini, Ferrari, Jaguar, Rolls-Royce, estacionados na avenida marginal... Um mundo de vipes, e na continuidade, de caçadores de autógrafos, paparazzi, e «pretensas celebridades».

Os investimentos russos também se orientam para a hotelaria e a restauração: Mikhaïl Viktorovitch Slipentchouk, e o restaurante La Vignette Haute, em Auribeau-sur-Siagne (Cannes); grupo do Cazaquistão (Metrópole Holdings, registado nas ilhas Caimão) e o velho hotel Metrópole de Beaulieu-sur-Mer, 4*, com projectos de renovação como pequeno Palace, o que não foi permitido pelos critérios de urbanismo vigentes; e sobretudo Leonard Blavatnik, bilionário russo-americano, residente em Londres e Nova Iorque, o Grande Hotel do Cap-Ferrat e a residência Eiffel (também o Hotel Vendôme em Paris e villas em Megève), em Beaulieu-sur-Mer, perto da Villa Kérylos (dos inícios do século XX, em estilo grego, mandada edificar por Theodore Reinach, arqueólogo, e sua mulher Fanny Kann, filha de Maximiliano Kann e Betty Ephrussi), actualmente museu. As vendas de hotéis são todavia raras na região e muitas as dificuldades de remodelação/requalificação, menos ainda de ampliação, como no caso do hotel Metrópole. As oportunidades de negócio têm vindo a mobilizar igualmente a classe média e das províncias, activa na região em função da clientela da sua nacionalidade, que se dispersa entre Menton e Théoule, a sul de Cannes (escolas russas e escolas internacionais): uso da língua e da escrita, acções de promoção, compra e venda de propriedades, respectivos registos, melhor utilização dos contextos burocráti-

cos e financeiros, outras compras e serviços (bens de luxo; serviços específicos, mesmo únicos);

As estadias russas explodiram a partir de 2004, com pequeno recuo em 2009 em virtude da crise, rapidamente ultrapassado, e máximo em 2013: turistas que além de frequentarem os hotéis possuem e alugam villas e apartamentos de luxo, nomeadamente em Nice (40%), Cannes (20%), Mónaco (13%) e Antibes (10%), como na Espanha e na Itália, onde alguns também fixam residência. Os interesses imobiliários dos novos-ricos russos mantiveram-se por toda a Côte d´Azur, não obstante a crise financeira de 2008, que reduziu as suas fortunas (Jean-Jacques Depaulis, 2009), quintuplicando os valores dos mesmos relativamente ao início do século, e animando a economia da região, entretanto muito afectada pela retirada de certos príncipes árabes. Nalguns casos, donos de PME, quadros superiores de sociedades internacionais com sede em Moscovo ou em Saint-Petersburgo, arquitectos, advogados, os chefes de família trabalhando sobretudo na Rússia mas mantendo aqui mulher e filhos: facilidade das deslocações aéreas, com novos voos diários directos Nice-Moscovo e preços decrescentes, tornados acessíveis a famílias menos ricas, além do novo combóio Nice-Moscovo desde 2010, com reabilitação da ligação ferroviária histórica entre Moscovo e Nice, como antes de 1917, ao longo de 3 mil km, semanal e em pouco mais de 45 horas, comodidades de luxo e facilidades para jovens, seniores e famílias).

Até 2014, manteve-se um certo imperialismo russo sobre a Côte d'Azur, se bem que menos exuberante (não que os outros ricos do Mundo a tivessem desprezado). São todavia outros os «russos» (Rússia, Arménia, Cazaquistão, Ucrânia) que procuram e sobretudo investem no imobiliário da Côte d'Azur; não necessariamente aquisições de bens de prestígio e luxo, de alguns milhares e mesmo dezenas de milhares de euros: compradores cada vez mais atentos aos preços, que renegoceiam com conhecimento do mercado; turistas *com outro olhar sobre o dinheiro, o luxo e a ostentação, bem mais discretos do que os precedentes*. Cannes, Mónaco e Saint-Tropez tornaram-se demasiado caros, o que leva muitos russos a preferir a Grécia, o Montenegro e a Croácia e mesmo Marrocos e a Tunísia, nomeadamente os da classe média-alta (médicos, juristas, funcionários, trabalhadores por conta d´outrem), de gastos bem mais discretos. Outros ficam além da fronteira, em Sanremo, destino igualmente privilegiado no passado distante pelas elites czaristas de São Petersburgo e Moscovo (turismo e saúde, um milhar de pessoas), como o atesta a igreja ortodoxa do Cristo Salvatore, dos inícios do século XX, junto da estação ferroviária e da Avenida da Imperatriz (Maria Aleksandrovna, mulher de Alessandro II), com suas palmeiras, oferta da mesma. Os que continuam abastados (empresários, capitalistas) são atraídos por outros paraísos de milionários também famosos: Golfo Pérsico/Dubai e as suas ilhas artificiais; destinos mediter-

râneos também exclusivos como Marbelha, Costa Esmeralda, Toscânia ou Corfu; igualmente a Florida e sobretudo Saint Barth (Saint-Barthélemy), no Caribe (Antilhas francesas); note-se que o banco central russo avalia em mais de cem biliões de euros o montante de capitais evadidos do país em 2014, ano de crise nas relações com a Europa ocidental, na continuidade do problema ucraniano. São-no igualmente por viagens excepcionais e personalizadas, que interessam toda uma outra clientela ultra rica e sofisticada, ou pelo menos pretensiosa, nomeadamente a das economias emergentes, do Próximo e Médio-Oriente, da China, do Japão, da América, até da África, a mesma do comércio dos produtos de grande luxo (grandes iates, aviões particulares, automóveis, jóias e peles).

Em Sanremo a presença dos turistas da Europa de Leste (e do Norte) tornara-se cada vez mais numerosa (ao contrário dos italianos, em declínio desde 2008), de Abril a Setembro: muitos novos-ricos russos, mas também a sua nova classe média, com estadas de uma a duas semanas ou simplesmente de passagem para a Côte d`Azur; alguns outros da Arménia, Azerbaijão, Cazaquistão, ou simplesmente dos países balcânicos (Bulgária, Roménia, Sérvia) e da Turquia (ligação aérea Génova-Ancara). Uns atracavam os seus iates na nova marina de Porto Sole (grandes iates privados e *charters*; mais de oitocentos lugares), enquanto os dos cruzeiros desciam no velho porto comercial. No geral, desenvolviam-se esforços de adaptação da oferta com vista à fidelização desta nova clientela (como por quase toda a Itália), tida como muito importante pelo nível das despesas e pelos ritmos de crescimento verificados até então: menus em cirílico, canais de televisão em russo nos quartos. Em 2016, esperavam-se em Sanremo cerca de 3 mil turistas russos, muitos com casas de férias, pelos esforços de promoção junto dos turistas de Sampetersburgo.

A cidade, destino privilegiado da Riviera dei Fiori, conta cerca de meia centena de milhares de habitantes, 28,9% de 65 e + anos, é acessível por combóio e auto-estrada e servida pelo aeroporto de Nice, dispõe de praias privadas e devidamente cuidadas, de uma marina bem protegida e com comodidades modernas (Porto Sole), para grandes iates, além do Porto Vecchio, o mais movimentado, por embarcações de pesca e pequenos barcos de recreio; igualmente de campo de golfe de 18 buracos, centro hípico, comércio de luxo (roupas, jóias, antiguidades), eventos culturais e desportivos múltiplos. Neste campo, o Festival de música de Sanremo, desde 1951; a Orquestra sinfónica, com muitos concertos; óperas e peças de teatro ao longo do ano, no Teatro Ariston e no Casino; Festa das Flores, como um Carnaval de barcos decorados; Concurso Estival de Fogo de Artificio; ciclismo, automobilismo, vela, etc. Beneficia também das envolventes: Parque Natural de Sanremo, zona arqueológica de Pian del Re, campos socalcados e aldeias, com seus cultivos de flores, além dos cultivos tradicionais mediterrâneos, santuários

grandiosos como o Santuário del Sacro Cuore, em Bussana, aldeias medievais, novas populações criativas (artistas sobretudo estrangeiros, com seus ateliers e lojas). E sobretudo, dispõe de uma importante oferta hoteleira, do passado (segunda metade do século XIX e primeiros decénios do seguinte) mas constantemente renovada e ampliada. Entre os seus hotéis históricos, sobressaem: Grand Hotel de Londres, de 1860, na beira-mar, a 300m do casino, com piscina de água salgada, 130 quartos; Royal Hotel Sanremo, de 1872, luxuoso (5*), com 16 mil m² de jardins tropicais, no passeio marítimo, perto do Casino, com spa moderno, piscina exterior, ginásio, praia privada, campo de ténis, 126 quartos; Sanremo Grand Hotel & des Anglais (4*), de 1888 (Giuseppe Conio, com fortuna em Inglaterra), como um antigo palácio italiano, no meio de um jardim, no Corso da Imperatriz, perto do Casino e da Ópera, com 98 quartos e hóspedes de renome como Winston Churchill, Gabriele D'Annunzio, Guglielmo Marconi, Carlo Alberto Salustri (Trilussa, poeta satírico); Hotel Miramare Continental Palace (4*), num parque com 10 mil m², acesso privado à praia vizinha, 59 quartos; Best Western Hotel, 4*, dos finais do século XIX, ao lado do Casino, 85 quartos; Lolli Palace Hotel (3*), numa villa de estilo Arte Nova, rodeado por enormes palmeiras, na famosa Promenade da Imperatriz, a 50 metros do mar, perto do Casino, da principal área comercial e do centro histórico, ao lado da residência de Inverno da antiga imperatriz russa, Maria Alexandrovna, e na proximidade da igreja ortodoxa russa, 52 quartos; Hotel de Paris, estilo Arte Nova, próximo da igreja russa e do Casino, com praia privada apenas a 500m, 28 quartos; Hotel Paradiso, 4*, construído em 1926, com 600m² de jardim, grande piscina, 41quartos; mais além, Hotel Eveline Portosole, no passeio pedonal à beira-mar, dentro dos parques públicos das Villa Ormond e Villa Zirio, em frente da marina de Porto Sole, 20 quartos; Villa Sapienza, num antigo convento, com acesso directo a praia privada e um jardim interior com palmeiras e árvores centenárias, 35 quartos, etc.

Remate:
Velhas e novas elites turísticas, as mesmas segregações territoriais

Na estrutura social da Europa, destacou-se a aristocracia fundiária (hegemonia social e cultural até IGG), com grande peso na velha Europa oriental, tanto na Prússia como nos impérios austro-húngaro e russo, assim como no Mezzogiorno italiano ou na península ibérica (muitos milhares de hectares), seguida pela afirmação da alta burguesia dos negócios industriais, financeiros, das comunicações e comerciais (empresários, banqueiros, comerciantes), também a burguesia culta, com poder e influência: cargos políticos e servidores públicos, profissões liberais, intelectuais. Aristocracias fundiárias e novas burguesias com hábitos culturais privilegiando a distinção e a separação social, a diferenciação relativamente ao povo, pela origem social ou pelas facilidades económicas: hierarquia social e exclusividade, educação formal, gostos requintados, formas de vida, ao nível da habitação (velhos solares/castelos, quintas e herdades, como na Gasconha, Toscânia, Vale do Douro, no Noroeste ou no Alentejo; grandes mansões urbanas e villas em condomínios fechados, mais ou menos elitistas), e igualmente pelos consumos (conforto, serviçais, estilos de vida, alimentação e bebidas, actividades de lazer, práticas de desporto, moda, coleccionismo, mesmo filantropia.

Nos últimos decénios, países árabes do Próximo Oriente produtores de petróleo e gás, a CEI, com destaque para a Rússia, a China e também a India, registaram um grande aumento do número de milionários e a concentração da riqueza pelos mesmos: indústrias extractivas e transformadoras, novas tecnologias, telecomunicações, construção civil e imobiliário, banca, comércio de distribuição, turismo, num quadro de crescimento económico, privatização, internacionalização e mundialização, com ritmos algo perturbados pela crise financeira, desvalorização de recursos, desaceleração exportações e conflitos políticos. Segundo a Forbes, em 2014 contavam-se 1.645 ultra-ricos, contra 793 em 2009: daqueles, 85 dispunham de tanta riqueza como metade da população; 442 bilionários (em dólares) nos Estados-Unidos, 110 na Rússia e 168 na China (internet, indústria automóvel, imobiliário residencial e comercial, finança, diversão, distribuição) (95 em 2012, 110 em 2011, pela desvalorização do mercado de acções, mas 122 na parte continental, 39 em Hong Kong e 26 em Taiwan, em 2013. A desigualdade nos patrimónios e rendimentos foi reforçada pelas políticas monetárias pós-crise, que alimentaram

a valorização das acções e do imobiliário das grandes cidades, a par de investimentos públicos não reprodutivos e muitas vezes com processos de corrupção na sus atribuição empresarial, tanto nos países em desenvolvimentos como nos emergentes, e acumulação de enormes volumes de dívida nalguns bancos centrais. Entre os beneficiários mais conhecidos, alguns foram objecto de processos-crime, como Boris Berezovsky, que teve imenso poder político no governo Yeltsin mas não se entendeu com Putin e acabou exilando-se em Londres, ou Mikhail Khodorkovski, ex-proprietário da Yukos (gigante do petróleo da Rússia) ou ainda Liu Zhijun, ligado à construção dos comboios de alta velocidade na China.

Em que medida esta nova burguesia valoriza e repete as práticas e os lugares de turismo da alta burguesia do mundo ocidental, do passado e actual? O comportamento turístico dos novos bilionários russos, árabes, chineses ou indianos difere realmente dos do velho mundo, mesmo dos menos ricos? As nossas análises foram centradas na Europa ocidental como destino, pela proximidade do Médio Oriente e da Rússia, pelas velhas relações coloniais, casos da India e mesmo da China, e sobretudo pela nossa familiaridade com as práticas e lugares de turismo dos fluxos europeus mais elitistas, no passado e actuais, embora na certeza de que se repetem na América do Norte, nas suas principais cidades, com destaque para Nova Yorque, como nas suas rivieras atlântica e do Pacífico (Florida/Miami; Califórnia) ou em destinos de jogo e fantasia (Las Vegas, Disnaylândia).

2. A nova grande burguesia é cosmopolita, planetária (o mundo é o seu quintal), ao nível dos negócios, dos impostos, do trabalho, das residências, da educação, da cultura, dos casamentos, e não menos da vilegiatura e dos lazeres. O gotha de hoje, a alta sociedade, as famílias da velha aristocracia e sobretudo da grande burguesia, as novas elites, já não são regionais e nacionais, mas continentais, mesmo globais: um beautiful people, que valoriza o mundo como espaço de reconhecimento e de negócio, de riqueza económica e de riqueza social (pela rede de relações), mesmo se continua a valorizar as casas de família, castelos e solares, com seus parques e jardins, velhas mansões urbanas ou à beira-mar. Busca estar entre iguais, com os semelhantes, nos casinos, nos clubes de golfe, associados aos diferentes campos, ou nos clubes de caça (como outrora os ingleses em Pau), de criadores de cavalos de desporto (Normandia), de equitação, de pólo, de ténis, de colecionadores de automóveis antigos: lugares fechados a sócios com direito de admissão reservado e pagamento de jóias e quotas anuais, de modo a garantir a proximidade sociológica, de gostos, maneiras e valores, com as formas inerentes de se vestir e comportar (elegância discreta), a preservação do ambiente social, o cultivo e o enriquecimento das relações sociais, a reprodução das posições mais elevadas, mesmo internacionais, cosmopolitas, sem promiscuidades e comporta-

mentos indesejados. Espaços de reconhecimento, de concentração dos poderes de classe, também de influência de políticos com poder de decisão, e de protecção, defesa e valorização dos seus patrimónios. Capital relacional, redes pessoais, relações possíveis com os semelhantes, sociabilidade mundana, exclusividade e privacidade, o ver e ser visto mas por iguais, tanto nas praias privadas como nas viagens de descoberta, aventura, caça grossa nas florestas tropicais...

Segregação nos «espaços de vida», tanto nos de residência habitual como nos de lazer, vilegiatura e turismo (valorização material e simbólica), com criação de lugares reservados, com margens bem delimitadas e ambientes sociais controlados, mesmo no meio dos espaços já privilegiados. Mecanismos que tendem a atravessar todas as classes, por desconfiança mútua e desejo de estar entre iguais, bem expressos na diferenciação dos territórios urbanos (compartimentação; separatismo social e espacial; desigualdades territoriais, estudados por Eric Maurin: 2004), e igualmente nos lazer e turismo, nos clubes de férias de diferentes níveis (como o Club Med ou o Royal Holiday, com os seus múltiplos destinos) e nos resorts de turismo integrado e turismo residencial (casos de La Zagaleta em Marbelha, da Quinta do Lago no Algarve, e num outro nível, dos Moinhos do Mar, na Ericeira), associando hotéis, residências particulares, espaços de lazer como campos de golfe ou de ténis, piscinas, restauração, a produção e conservação do ambiente imobiliário e de zonas verdes). Guetos hiper-selectivos, não necessariamente fechados por muros, sebes verdes ou metálicas, portões e porteiros-guardas permanentes, e desse modo reservados aos habitantes e inacessíveis aos outros. Guetos de ricos, dos que combinam riqueza económica e riqueza social, simbolizada pelas próprias entradas. Algo como as gated communities, ou conjuntos residenciais fechados, mais ou menos vastos, separando espaço residencial e espaço público exterior (muros e barreiras restringindo os acessos, dispositivos técnicos de videovigilância interna, ou pessoal especializado, mesmo guardas armados), desde os anos 1990 nos Estados-Unidos e desde o início do século em França: privatização do espaço colectivo e da sua qualidade, não dependente dos serviços públicos e com economia dos custos dos mesmos para as autarquias; medo do Outro, garantia de segurança dos bens, pessoais ou colectivos, como piscinas, campos de ténis, jardins, e de segurança pessoal, quando a criminalidade tende a aumentar em muitas regiões de turismo, mesmo nas mais elitistas e burguesas; regulamentos quanto a usos do espaço e a comportamentos; acesso restrito, reservado apenas a visitantes autorizados. Segregação extrema igualmente nas viagens, com repúdio dos *charters* e das low cost e opção pelas ofertas muito sofisticadas de certas companhias: salões luxuosos para os tempos de espera; espaço e conforto das cadeiras; grau de privacidade, com cabines individuais; quartos com cama dupla, pijamas e duches nos voos de longo curso; limpeza e

decoração das casas-de-banho; qualidade da comida, mesmo caviar, e vinhos e champanhes de grandes colheitas; serviços de limusina em terra; estadas em hotéis-palaces, com mordomos e tratamentos personalizados, dos palaces indianos aos ranchos de luxo de Montana, passando pelo Gili Lankanfushi, no atoll North Malé, das Maldives, o Hotel Alfonso XIII, em Sevilha, o Gritti Palace, em Veneza, ou o La Mamounia, de Marraquexe.

3. Sobressaem lugares de concentração de riqueza económica, cultural, social e simbólica, e de perpetuação da mesma. Lugares chiques, fechados, mesmo muralhados, e vigiados, com grandes mansões, de centenas de m2 de construção, muitos quartos, grandes *halls,* salas de jantar e sobretudo grandes salões luxuosamente mobilados e decorados, para recepções, festas, saraus de música, bailes, e obviamente portas de serviço. Lugares de qualidade: qualidade natural, paisagens, largos horizontes, espaços verdes cuidadosamente cuidados, jardins; qualidade arquitectural, sem lugar para a densificação das construções e a degradação do património; equipamentos em co-propriedade, com custos elevados de manutenção, e que asseguram os próprios valores imobiliários privados; qualidade social, vizinhos que se reconhecem e que «convêm», gente com prestígio nos negócios, na administração, na política, nas artes e letras. Lugares tranquilos, espaços de paz e defesa das condições de vida; enclaves de lazer super luxuosos e caros, novos ou afirmados como destinos de veraneio ou de esqui ou como refúgios em áreas rurais com história, cultura, paisagens. São a fórmula dominante nos modernos *resorts* de golfe, combinando espaços desportivos, clube de golfe, hotéis de muitas * e villas privadas.

Exemplifiquemos com o Domínio Terre Blanche Hotel, SPA e Golfe Resort, junto da aldeia de Tourettes, região de Fayence, não longe de Cannes, propriedade aristocrática (266ha de floresta, castelo) que pertencera desde 1979 a Sean Connery, adquirida em 1999 por Dietmar Hopp (industrial alemão, da área da informática), que a transformou num *resort* exclusivo (aberto em 2004), com dois percursos de golfe de 18 buracos, clube de golfe, hotel de 5* com 115 suítes, serviço personalizado, produtos Bulgari, e villas luxuosas, em seis áreas residenciais, com lotes que vão de 2700 a mais de 10mil m2, adquiridos por gestores, administradores de empresas, reformados, muitos deles ingleses, outros escandinavos e alguns russos, no geral amantes de golfe, e obviamente restaurantes, piscina infinita, campos de ténis, clube infantil, spa com oferta de cuidados de saúde e bem-estar sofisticados, heliporto. *Resor*t ultra-protegido, como um bunker (aspecto muito apreciado pelos russos): entrada única controlada durante 24 horas, limitando o acesso e a circulação a estranhos; propriedade rodeada por uma cerca de 2m de altura, com câmaras de videovigilância cada 20m, detectores de radar infravermelhos.

Exemplifiquemos igualmente com os Jardins de Sperone (130ha), junto do estreito de Bonifácio e das ilhas Lavezzi, no meio de larga extensão de mato mediterrâneo, acessível através do aeroporto internacional de Figari, a 25km. Remonta ao início dos anos 60, por iniciativa de Jacques Dewez, piloto de automóveis e empresário de imobiliário, quando Jean Castel promove a ilha do Cavallo e o príncipe Aga Khan a Costa Esmeralda, na vizinha Sardenha, mas de evolução largamente perturbada pelas lutas autonomistas e/ou mafiosas. Espaço à beira-mar, tranquilo, seguro, bem protegido de intrusos, com campo de golfe de 18 buracos; aldeia-condomínio de mais de uma centena de villas em madeira importada, numa perspectiva ecológica, com suas próprias piscinas, algumas de grande luxo e escondidas no mato mediterrâneo; ausência de circulação automóvel; famílias de renome, de publicitários a banqueiros. Relembremos algumas: Bernard Roux e Jacques Séguéla, publicitários, Bruno Roger (banco Lazard, banco de investimento franco-americano, Paris), Klaus Diederichs e Isabelle Seillier, da JP Morgan, tal como Isabelle Seillier; François Perigot, Olivier Bouygues, do grupo homónimo, Bernard Kouchner, político e um dos primeiros proprietários, Renaud Donnedieu de Vabres, antigo ministro da cultura, Jean Bousquet, PDG de Cacharel, Marc Sulitzer, consultor de empresas, família Frydman (ex-dona de Marionnaud), Laurence Chavane, jornalista do Figaro, Pavel Gusev, jornalista (chefe de redacção do diário Moskowski Komsomolets), o proprietátio da Casa del Mar, de Porto-Vecchio, também russo. Em suma, um mundo de gente do dinheiro, da política, do desporto (futebolistas, corredores de automóvel), da publicidade, da música, da televisão e do cinema, que anima o lugar com grandes festas (as villas alugam-se por 20 mil ou mais euros por semana?).

Alguns domínios privados de prestígio são exclusivamente residenciais, mesmo se as vilas podem ser alugadas (forte procura estrangeira), como nos Les Parcs de St Tropez, que remontam aos meados do passado século: duzentos hectares e uma centena de villas luxuosas, de estilos coloniais, neo-provençais e outros, com as suas próprias piscinas, mesmo casas para os serviçais e jardins; alamedas e relvados cuidadosamente conservados, praia exclusiva, longe dos olhares dos paparazzis; segurança 24 horas (guardas à entrada, guardas nocturnos coadjuvados por cães, câmaras de videovigilância); e dominando o conjunto, o Château de Borelli, com sua larga torre, junto da Baía des Canoubiers, construído entre 1895 e 1900 por Philippe Octave Borelli, de Marselha (regressado do Egipto), tal como o jardim com palmeiras, e habitado pela família até 1928, mas desde 1960 integrado no aldeamento, restaurado e dividido em apartamentos em 1988. Entre os proprietários, homens de negócio, selectos e discretos, que desejam tranquilidade e convívio não vulgar, entre eles, como Bernard Arnault (LVMH, de artigos de luxo), Jean-Marie Nusse (Clairefontaine), Norbert Dentressangle (transportes, logís-

tica), Stéphane Courbit (médias e televisão), Gérard de Villiers (escritor), François Pinault (comércio retalhista; Gucci; Kering) ou o milionário belga Albert Frère (barão desde 1994, com Alberto II).

4. Muitos afortunados escolhem para as férias ilhas luxuosas e exclusivas: natureza, paisagens paradisíacas, muito verde, palmeiras tropicais balançando ao vento, e águas cristalinas, azul-turquesa, praias de areia branca, bom clima, sossego e privacidade, conforto e comodidade, mordomias, luxo e requinte. Uma ilha privada é vista como um lugar privilegiado de calma e intimidade, entre familiares e amigos, longe dos olhares do público comum, e dos males do mundo moderno, um símbolo de *status,* um luxo supremo, mesmo uma excentricidade, apenas ao alcance dos mais abastados, por compra ou apenas por aluguer por um curto período de férias: os novos Robinson Crusoë, magnatas do petróleo, estrelas do espectáculo ou do desporto, homens de negócios, e igualmente as empresas turísticas e de cruzeiros, com o desenvolvimento de ilhas-resort, nuns casos como retiro privado noutros com fins de exploração para um pequeno nicho de mercado. As ilhas figuram, com efeito, entre os lugares de férias de grande luxo, a par dos castelos e casas senhoriais de prestígio: na Velha Europa, nas Seychelles, Maldivas, Caraíbas, Barbados, Ilhas Virgens britânicas ou Porto Rico e Belize, mesmo no Dubai, onde foram gastos milhões de dólares a construir artificialmente um grupo de ilhas (Mundo, cada ilha um país; ilhas-palmeira), que atraíram compradores de renome mundial, desde Michael Schumacher ou Rod Stewart, a Jolie-Pitt e aos Beckham, mas muito menos os novos-ricos do Próximo Oriente, da Rússia, da China ou da India, que não valorizam o isolamento, a solitude, a privacidade ou o ecologismo, para além de certos *resorts* de luxo para encontros curtos e mundanos, nomeadamente no Índico.

As elites da cultura continuam a evitar os lugares da moda, preferem ficar entre iguais, com certa tranquilidade e anonimato. Na ilha de Ré, em frente de La Rochelle: Philippe Sollers e Julia Kristeva, Philippe Besson, Claude Angeli (Le Canard enchaîné), Sylviane Agacinski, Régine Deforges, Dan Franck, Hélène Carrère d'Encausse, Anne Wiazemsky... Na margem das regiões muito frequentadas, como em Saint-Paul-de-Vence (BHL, Bernard-Henri Lévy, escritor), no Luberon (Mazarine Pingeot, escritora, filha de Mitterrand), em Porquerolles (Nicolas Baverez, ensaísta) ou na Córsega (Jean d'Ormesson, escritor). Também em Maiorca, destino conhecido como de turismo de massa, onde subsistem lugares que se afirmam desde a sua descoberta turística como exclusivos de uma certa elite das artes, verdadeiros guetos insulares, numa base algo cultural. Desde logo, Valldemossa (2 mil residentes, ruas estreitas com cafés, restaurantes e galerias de arte), na serra Tramontana (cimos acima dos mil metros, casos do Puig Major, com

1.443m, do Puig de Massanella, com 1.348 m, da Serra d'Alfàbia com 1.069 m, do Teix, de 1.064m e do Galatzó, de 1.026 m), 18km a noroeste de Palma, declarado em 2011 como Património Mundial da Humanidade como Paisagem Cultural: Palácio do Rei Sancho, construído no século XIV como residência de inverno dos reis de Maiorca (mandada edificar por Jaime ll de Maiorca nos princípios do século XlV, para o filho Sancho, com problemas de asma, e no caminho para o couto real do Teix), desde 1399 mosteiro de La Cartuja, vendido nos anos 30 do século XIX a Joan Sureda Bimet (ligações à banca), que o possuiu até 1931 (actualmente hotel-boutique); visitantes em descoberta e aventura, e também por motivos de saúde. Desde logo, Frédéric Chopin (compositor; «Um céu azul-turquesa, um mar como lápis-lazúli, montanhas de esmeralda, ar do paraíso») e George Sand (Amantine-Lucile-Aurore Dupin, escritor; A Winter in Majorca, 1855), no inverno de 1838-39, quando as propriedades religiosas passaram para o Estado; mais tarde, o arquiduque Luís Salvador de Hapsburg (conde de Neuendorf; Áustria), que, em 1867, comprou vastas extensões de terra (flora e fauna, história e cultura) e fixou residência em Miramar (3 km a oeste da aldeia de Deia: Miramar, Son Marroig, grande parte pertença do actor Michael Douglas, outra hoje museu; lugares de festivais & concertos e abertos ao público). A hospitalidade e a paixão pela pintura e a literatura levaram Joan Sureda Bimet a convidar e receber Rubén Dario (poeta da Nicarágua, casado desde 1896 com a pintora Pilar Montaner), no inverno de 1907 (livro El oro de Mallorca), com Gabriel Alomar (poeta futurista) e Santiago Rusiñol (pintor) (novelas e poemas) e de novo em 1913, e muitos outros artistas e escritores, nomeadamente da América Latina (Santiago Rusiñol, Joaquín Sorolla, Joaquín Mir, etc.).

Mais além (16km a norte de Valldemossa), a aldeia de Deia de Graves (pequena praia): cerca de 700 habitantes, casas tradicionais de pedra, vários pequenos museus e um Festival Internacional de Música. Desde os anos 20 do passado século, um lugar mágico com uma atmosfera boémia: um círculo restrito e endinheirado, de escritores, poetas, pintores, e actualmente, sobretudo de modelos, Djs, cineastas, estrelas do rock &roll; gente endinheirada e com espírito alternativo, algo excêntrica, que compra ou aluga casa ou frequenta os hotéis e os bons restaurantes e bares. Dois hotéis de luxo, com * Michelin: o La Residencia, num edifício que remonta ao século XVI e dispõe de spa, massagens ao ar livre, peças de arte a forrar as paredes, 2 piscinas exteriores, dois campos de ténis, antes propriedade de Richard Branson; e o hotel Es Moli. Entre os visitantes, desde logo Anaïs Nin, nos anos 1920 (Angela Anaïs Juana Antolina Rosa Edelmira Nin y Culmell), ensaísta, filha de pais cubanos; Robert Graves (1895-1985), poeta e novelista inglês (ainda em 1929, e depois em 1946, tendo aqui fixado residência até a morte em 1985), e o seu próprio filho Tomás (músico); também Claribel Alegría,

poeta da Nicaragua, Cristina Peri Rossi, novelista do Uruguay (A nave dos loucos, 1984), Bob Bradbury (pintor norte-americano), Joanna (ceramista norte-americana), Simon Finch (artista plástico), Richard Branson (Virgin) e os seus músicos...

Muitos outros convergiram, desde o início do passado século, para Pollensa: jovens artistas argentinos e uruguaios estudando em Paris, convidados pelo pintor Hermenegildo Anglada Camarasa, natural de Barcelona, instalado em Paris desde 1894 (companheiro de Degas e de Toulouse-Lautrec; Montmartre, Moulin Rouge, Casino de Paris, ambientes boémios) e em Maiorca, no Puerto de Pollensa, a partir de 1914 (até 1936 e depois de 1947, até à morte em 1959), que visitara e estabelecera laços com pintores em Buenos Aires e no Uruguai (1910): desde logo Tito Cittadini Podesta, seu discípulo em Paris (em Pollença desde 1913, até à morte em 1960). A partir dos finais da guerra, chegaram a Pollença outros pintores argentinos, igualmente bolseiros na Cidade das Luzes: Felipe Bellini (desde 1921, primeiro em Deià), Mariano Montesinos (1925-1936, também primeiro em Deià), Francisco Vecchioli (entre 1920 e 1921), bem como Roberto Montenegro, mexicano, Carlos Alberto Castellanos (uruguaio), sem esquecer Roberto Ramaugé (argentino), desde 1919 até à Guerra Civil, e de novo em 1964. Hermenegildo Anglada Camarasa adquiriu a Fortaleza de Albertcutx (1628; abandonada nos meados do século XIX), na Punta Avançada, pequena península entre o Port de Pollença e Formentor, recuperou-a e adaptou-a a lugar de encontro de intelectuais (pintores, poetas, músicos) e de festas luxuosas de vários dias, os visitantes chegando de barco, até à sua reapropriação militar (castelo; casas; terraços, jardins, palmeiras, oliveiras, pinheiros; campos de ténis, piscinas, pequeno porto, miradores). Devolvida nos anos 80, mas em ruinas, foi adquirida em 1989 por John Ogden (britânico, fotógrafo, televisão), que a restaurou e a tornou a vender a um banqueiro inglês: um exclusivo complexo residencial, um oásis de luxo, com vistas espectaculares para o mar e a costa, sem problemas de segurança, e privacidade absoluta; acesso por terra por uma estrada privada com cancela; 17 quartos, duas piscinas, heliporto. Entre os anterires convidados, Andrés Segóvia (guitarra clássica), Sorolla (pintor valenciano), Anglada Camarassa (pintor das Baleares), Santiago Russinyol (pintor catalão), Tito Cittadini (pintor de Buenos Aires), Reinaldo Luza y Madico (desenho da moda, Lima-Peru).

Hermenegildo Anglada Camarasa também recebeu, ao longo dos anos 20, Adan Diehl, neto do primeiro embaixador da Alemanha em Buenos Aires, poeta, amante das artes, beleza, paisagem, vida e cultura, companheiro de estudos de Titto Cittadini e Ricardo Güiraldes (novelista e poeta argentino), casado com Maria Elena Popolicio, filha do Reitor da Universidade de Buenos Aires e herdeira de grande fortuna. Em 1926, o casal decidiu comprar parte da península de For-

mentor, propriedade da família Costa i Llobera (de Pollensa), próxima do promontório (farol e miradouro), um mundo quase despovoado e pouco conhecido, com pinhal (corte de madeira, contrabando), e de acesso por terra muito difícil (estrada sinuosa pela pequena península, de 3-12km de largura e altitude máxima de 384m, no Puig Fumat), e fazer construir uma casa para juntar amigos e artistas, depois dois hotéis, um de verão e outro de inverno, tendo começado pelo hotel de inverno: muito moderno, como o edifício de uma fazenda (sem varandas), com 3 pisos, jardim até a praia, esculturas, lagos e fontes, campos de ténis, minigolfe. Inaugurado em Agosto de 1929, com uma grande festa, os convidados chegando por terra ou por mar nos seus iates ancorados em frente do hotel, foi ponto de encontro de escritores, artistas, intelectuais e políticos: 1931, «semana da Sabedoria», ocasião para debater, pensar, partilhar, descansar, ou simplesmente viver, num quadro paisagístico único. A crise económica mundial afectou as elites turísticas de então, incluindo Adan Diehl, que não conseguiu o pagamento dos empréstimos (10 anos, a taxa de juro de 1%) contraídos junta da Banca Argentina e de Maiorca.

Lugar romântico e tranquilo, o hotel de Formentor (5*, 122 quartos, 5 restaurantes, sauna, hammam, massagens, 1.200ha de maquis, passeios a cavalo, vela), atraiu toda uma outra elite: Conde Keyserling, filósofo e escritor alemão, Grace Kelly, o príncipe Rainier de Monaco, os duques de Windsor, Winston Churchill (1935), Ava Gardner, Audrey Hepburn, Elizabeth Taylor, Charlie Chaplin, David Niven, Peter Ustinov, Gary Cooper, Cary Grant, Douglas Fairbanks, John Wayne, Claudia Cardinale, Jane Birkin, Rainaldo Luza (moda) e muitos outros.

5. A história do turismo, lembrada por Marc Boyer, nomeadamente nos seus escritos sobre a Côte d´Azur, evidencia a clara ligação às elites, que antes alternavam sazonalmente a residência urbana (hotéis particulares, palácios) e a residência nos seus domínios fundiários (castelos, solares). Depois, a partir do século XVIII, houve diversificação da migração e dos destinos de lazer: descoberta e vivência do mundo económico e cultural que então importava (Europa ocidental, com destaque para a França, os Alpes, a Itália); passagem do verão nas estâncias termais mais mundanas, de Bath a Spa, Baden-Baden, Saint Moritz ou Montecatini, ou à beira-mar, de Brighton a Ostende, Trouville ou Biarritz e San Sebastian, a que se juntavam os invernos no Sul, longe dos frios húmidos e continentais, em lugares soalheiros e amenos, como Pau e a Provença, ou ao abrigo dos Alpes, mas um pouco afastados da beira-mar e das suas brisas (onde os locais construíram as suas residências de verão, então mais frescos que a costa e algo rurais e verdes), como convinha a saúdes frágeis (sistemas respiratório e pulmonar débeis, mesmo doentes), como os litorais de Hyères a Nice (sul da França, no caminho de Itália),

as rivieras italianas do golfo de Génova até Rapallo, a costa amalfitana e a vizinha Capri, e já no Adriático, Opatja, mais próxima de Viena de Áustria, passando pelas rivieras dos lagos alpinos, também abrigadas, amenas e rodeadas de altos cimos, com os seus largos horizontes; e por último, destinos marítimos exclusivos para estadas estivais, muitos antes inventados como lugares prestigiados de invernagem, sobretudo das elites inglesas, largamente endinheiradas e amantes da natureza, uma natureza vegetal construída com a aclimatação de espécies importadas de outros «mundos», como citrinos, palmeiras, cedros, sequóias, camélias, buganvílias, mas também elites francesas e de toda a Europa até aos Urais, como na Côte d´Azur, nomeadamente em Nice e Cannes, sucessivamente mais acessíveis. Lugares de despesas sumptuárias de uma classe bastante rica, que ostentava a sua riqueza nas villas luxuosas e de arquitecturas ousadas, nos castelos, com seus jardins e parques, nos grandes hotéis de muitas estrelas, nos casinos, nos clubes, nas festas, nos iates (regatas), nas «promenades» à beira-mar (Promenade des Anglais; Croisette), nos campos de ténis, golfe e equitação, depois nas competições automóveis, a que escapavam apenas os cabos, algo únicos e florestados, tardiamente urbanizados e na base de Palaces isolados no meio de grandes parcelas. Para alguns, lugares de animação e perdição mundanas.

O comportamento dos novos bilionários não difere significativamente dos milionários do velho mundo, da nobreza e da grande burguesia da Revolução industrial mais ou menos nobilitada (concessão de novos títulos nobiliários para homens de negócio, profissionais liberais, administradores de grandes empresas e advogados ou obtenção dos mesmos por casamento), largamente gastadoras em conforto e diversão, em particular pelo desporto entre iguais (clubes, como os de ténis, alpinismo, desportos de inverno, golfe, automobilismo, ainda antes da IGG), coleccionismo de quadros de pintores de renome, posse de grandes iates, alguns cavalos de corrida, coutos de caça, palácios no campo, mecenato social e cultural. Não menos pela educação sofisticada dos filhos, condição de *status* de elite, capital social/relacional, prolongado com as associações de antigos alunos.

Como lembra o próprio M. Boyer, o elitismo não perdeu dinamismo nem capacidade de inventar novos lugares e novas práticas. Todavia, reencontramos actualmente, no essencial, as mesmas práticas e os mesmos lugares, como na cosmopolita Côte d´Azur, muito valorizada e frequentada pelas novas elites endinheiradas do mundo árabe e da Rússia, sobretudo no verão: o caminho-de-ferro, e depois o automóvel, mesmo o avião, permitiram uma certa democratização, embora não dos seus cabos e encostas mais prestigiadas. A Riviera francesa não foi marginalizada mas largamente internacionalizada, tal como o não foram as rivieras dos grandes lagos alpinos: o lago Como (Lario) foi redescoberto pelos novos oligarcas russos do século XXI, em busca das melhores villas centenárias (grandes mansões,

com jardim e todo o conforto interior, segregação residencial) e dos hotéis luxuosos da Belle Époque, desde logo Bellagio (lugar de passagem dos turistas do Grand Tour, no caminho de Itália) ou Tremezzo. Também não o foram certos destinos de montanha, como Cortina de Ampezzo (Veneto; Dolomites; Património da UNESCO), cedo destacada com lugar de esqui das elites, como o atestam os seus velhos hotéis de luxo (Cristallo, Grande Hotel Savoia, Miramonti Majestic Grande Hotel e outros), tão procurados pelos novos milionários russos em busca de diversão, mesmo quando se instalam na Costa Esmeralda (Sardenha).

6. A CEI conta mais de uma centena de bilionários (Forbes) (em paralelo com 468 na Europa e 152 na China): petróleo, gás natural, carvão, ferro e aço, alumínio, níquel, banca e seguros, transportes, construção naval, telecomunicações, média, imobiliário, comércio de distribuição. Alguns bilionários do Leste residem no exterior, como Viktor Vekselberg, natural da Ucrânia, e Andreï Melnichenko, russo-finlandês, residentes na Suíça, Roman Abramovich, em Londres, tal como Askar Alshinbayev, do Kazaquistão, ou Dmitri Rybolovlev, de Perm (Rússia), no Mónaco. Alguns investem em clubes de futebol: Alicher Ousmanov do Uzbquistão e o Arsenal, Roman Abramovich e o Chelsea, Dmitri Rybolovlev e o clube de Monaco, Leonid Fedoun e o Spartak de Moscovo ou Sergei Galitsky e o clube de Krasnodar, sua terra natal. Também o fazem em colecções de obras de arte, caso de Andreï Melnichenko, natural de Baku, ou no teatro e música, caso de Alexeï Mordachov (Bolchoï). Iskander Makhmudov, natural de Boukhara, Uzbquistão, é reconhecido como o Bill Gates russo, pela sua participação em obras de caridade, Vladimir Potanine aderiu à iniciativa lançada por Warren Buffet e Bill Gates, de cedência de grande parte da sua fortuna igualmente para obras de caridade, afirmando comportamentos e valores do mundo ocidental. Muitos participam nos fluxos de turismo na Europa ocidental: a título meramente exemplificativo, Vladimir Potanine é frequentador habitual de Courchevel, Roman Abramovich do cabo de Antibes. A Côte d´Azur, lugar da vilegiatura aristocrática russa, afirmou-se de novo como destino de férias dos novos multimilionários russos e de toda uma classe média superior (do Mónaco a Saint-Tropez), de certo modo uma nova elite social, já não *bling-bling* (Boris Berezovski, Serguei Pougatchev, Arcadi Gaydamak, Abramovich, Rybolovlev, Prokhorov, Deripaska, Pougachev, Blavatnik, etc.) mas bem mais calma e discreta, sem deixar de ser bastante consumista e valorizar a diversão: não mais as anteriores extravagâncias, os fogos-de-artifício nas varandas das suas villas, do Cabo de Antibes ou do Cabo Ferrat, os consumos de champanhe de grandes marcas nas *boîtes* de Saint Tropez ou a ostentação das colecções de Rolls e de Bentley e de grandes iates, sustentados por volumosas contas *offshore*. Clientela que, sobretudo, valoriza o conjunto montanha, mar, belas villas e exce-

lentes hotéis, actividades culturais, desportivas, vida nocturna, moda, com grandes marcas de luxo, «passado czarista», prestígio social, que atraiem igualmente os italianos e os britânicos, além dos franceses, antes também os ditadores africanos e os «princípes» do Golfo, e cada vez mais os chineses das grandes metrópoles como Xangai, Pequim e Cantão, em busca sobretudo de ar puro, mundanismo, ocidentalização e não menos dos jogos de fortuna e azar dos seus Casinos.

Mantém-se algum preconceito quanto aos afluxos destes novos turistas, em particular os turistas russos na Europa ocidental, que lembra as ideias dominantes um século antes na Côte d' Azur, então um mundo de invernantes ricos, doentes à margem da vida mundana, a realeza, a aristocracia (príncipes ingleses, alemães, belgas) e a grande burguesia internacional (banqueiros, comerciantes), médicos, livreiros, também escritores e artistas, em vilegiatura de vários meses, desde Setembro ou desde Dezembro até fins de Março, mesmo de Abril, com máximos em Janeiro-Fevereiro: em 1861, os ingleses (viviam entre si, com os seus médicos, comerciantes, prolongando a habitual mentalidade colonialista) e os franceses asseguravam 61 % dos invernantes de Nice, seguidos pelos russos e alemães, uns ocasionais outros que voltavam regularmente, todos os anos, acabando por adquirir villas; em 1880 contam-se ao todo 32897 invernantes, com domínio dos franceses, seguidos pelos ingleses, italianos, americanos e só depois os russos (13 mil franceses, 6 mil ingleses, 2500 russos, 2 mil alemães e austríacos, cerca de 2500 americanos e 2500 russos, contra uma população total de 66279 habitantes). Na Belle Époque, registara-se a passagem decisiva de estadias curativas a estadias mais activas e festivas, de uma população cosmopolita, exótica e frívola, e a afirmação de Nice como espaço de diversão, vida mundana, estatuto e reconhecimento.

À imagem da rainha Vitória, a família imperial russa chegava em comboio especial, como em 1879: comitiva de 70 pessoas, com um total de 530 malas; 6 carruagens, quartos, salões, sala de jantar, salas de trabalho, escritórios, como um palácio sobre carris; a viagem de Nice a Saint Petersburgo demorava 4 dias. O alojamento fazia-se em villas e apartamentos mobilados (famílias e numerosa criadagem), depois em grandes hotéis, com destaque para a colina de Piol, face à de Cimiez (ocupada pelos ingleses), que se tornara lugar de estadia estival das elites de Nice (ricos comerciantes e industriais, como os Bermond e os Peillon), bem como do pintor Joseph Fricero, casado com uma filha bastarda do czar Nicolau I, e na proximidade da estação da SNCF: villa dos Bermond, alugada no inverno de 1856 à imperatriz Alexandra Féodorovna, viúva de Nicolau I e mãe do czar Alexandre II, e no inverno de 1864-1865, a este (e Maria Alexandrovna), onde foi construída a igreja Saint-Nicolas e Sainte Alexandre (1859); construção do château des Ollières, do príncipe Lobanov-Rostovski que fora ministro do cazar Alexandre II, do «château» de Valrose, num parque de uma dezena de hectares com lagos, está-

tuas, ilha artificial e isba, do barão Paul Georgevitch Von Derwies, enriquecido com a construção dos caminhos-de-ferro da Rússia, hoje da Universidade de Nice Sophia Antipolis, do Palais de Printemps, do conde Leliwa de Rohozinkio, do antigo palácio da Princesa Kotschuby, no bairro das Baumettes (1878), actualmente museu des Beaux-Arts Jules Chéret, do Palais de Marbre (ville Les Palmiers, que em 1905 fora adquirida pelo barão Alexandre von Faltz-Fein, oficial de Nicolau II, que lhe acrescentou uma sala de baile no lado oeste), do Palais Righi e sobretudo do Grande Hotel do Parque Impérial (1902), largamente frequentado pelos Romanov, tal como da catedral ortodoxa Saint-Nicolas (1912); parque da Cité Imperial, parque Valrose, bairro do Piol e boulevard Tsaréwitch; a sul, a catedral ortodoxa (1912) e o cemitério de la Caucade (1867). Nas vésperas da IGG contavam-se 600 propriedades de russos em Nice.

Os encontros decorriam desde 1867 no casino, transformado no «Cercle de la Mediterranée» em 1872, também no Clube Masséna e no Clube Athénée, desde 1878, mais literário e artístico, e nos salões mundanos, muitas vezes privados, em villas sumptuosas no meio de luxuosos parques: recepções faustosas, encontro, dança, soirées musicais, mesmo ópera. Os salões russos eram claramente aristocráticos (Paul Gonnet, 1970; Martine Arrigo-Schwartz, 2002): uma elite desocupada, decadente, mundana e superficial, inconsciente das realidades internacionais e sem visão do mundo; uma nobreza arcaica com educação francesa (francófanos) mas no espirito do século XVIII (pré-Revolução), contrastando com a dos finais do século XIX; gente tida como algo arrogante, pretensiosa, grosseira, pouco culta, faustosa, de excessos, formalista, irracional, sentimental, apaixonada, demasiado exuberante e excêntrica; invernantes gastadores, dominados pelo desejo de se divertir, sem limites; gente vulgar, de excessos, de luxos visíveis, de aparências, de que os ingleses se afastavam; também um mundo de pintores, artistas, e igualmente de cortesãs, divas, extravagantes e aventureiras, em busca de homens, dinheiro, peles e jóias.

Com a IGG e a Revolução de Outubro, os turistas russos desapareceram da Côte d´Azur: 156 russos em Nice em 1918, 1982 em 1919, mais de 2 000 em 1923 e 5312 em 1930, então refugiados; Nice, lugar de exílio e morte. Reaparecem nos finais do século: em Julho de 1994, os russos ocupavam 28 quartos do hotel Negresco (famílias, como no início do século, com estadas prolongadas, grandes consumos de caviar e champanhe e recrutamento de limusinas e chauferes); em 1999, contavam-se dois voos semanais Moscovo-Nice; desde Setembro de 2010, foi retomada a ligação Moscovo-Nice por comboio, ao longo de mais de 3 mil km, em pouco mais de 50 horas, como antes da IGG.

Nice e a Côte d`Azur testumunham um passado de esplendor do império e no imaginário dos russos de hoje reafirmaram-se como lugar de «peregrinação»

(catedral, Museu Marc Chagall), animado pelas Festas russas (1996 e 1998, em comemoração do 150º aniversário da chegada da imperatriz Alexandra Féodorovna), os festivais de música, teatro e cinema russo em Cannes (2011), as festas anuais na villa Ephrussi de Rothschild, no cabo Ferrat: novos-ricos, com grandes fortunas e formas de possuir e gastar próprias, destacando-se pelos gastos vultosos na compra de automóveis, iates, aviões particulares, obras de arte, objectos pessoais como joias, relógios, perfumes, «moda»; também no aluguer e mais ainda na aquisição de vivendas, além de velhos «châteaux» (caso de Serguei Pougatchev e o «château» Gairaut em Nice), sobretudo no cabo de Antibes («château de la Croe», que remonta a 1907 e Pommery Burton) e no cabo Ferrat, como prestígio e reconhecimento, à imagem da velha aristocracia, e como investimento, e pelos respectivos pagamentos com «malas de notas», designadamente dólares; igualmente pela frequentação de clubes, casinos de jogos de fortuna e azar, espectáculos, recepções, restaurantes «estrelados», espaços de vida mundana...

Para os russos de hoje, a região goza de uma imagem de exotismo (vegetação aclimatada, fantasias arquitecturais com elementos árabes, como no Alhambra Palace, ou indianos, coríntios, góticos, paladianos, como no Château de l'Anglais ou na Villa Beau Site, no Mont Boron), distinção, ostentação, fausto, esplendor, prestígio, exclusividade, superioridade, identidade e diferenciação, algo imperiais e históricos, também de cosmopolitismo, liberdade, jogo, valores que tanto importam às novas elites políticas e económicas, em busca de reconhecimento social. Do mesmo modo que Paris, com relevo para o segmento de turismo cultural, como nos finais do século XIX, no prolongamento das novas relações de amizade dos dois países, das novas ligações por caminho-de-ferro, e não menos da vida cultural e mundana, das Exposições internacionais, do património construído e das novas urbanizações da Cidade das Luzes, etc.

7. As regiões turísticas dominantes no turismo internacional continuam a ser as mais antigas, os destinos clássicos, e bem menos os destinos emergentes (não obstante o forte crescimento do nordeste asiático e do mar da China), mantendo-se uma certa regionalização dos fluxos internacionais, e a secundarização paralela das deslocações transcontinentais, como sublinham Olivier Dehoorne e alii (2008). As incertezas quanto à continuação da presença na Europa destas novas clientelas árabes, russas, chinesas, mesmo indianas, marcam o dinamismo a curto-médio prazo das regiões eleitas: crises económicas e políticas, sobretudo nas áreas emissoras; perturbações nas relações internacionais; insegurança nos destinos, traduzida nomeadamente no atentado terrorista de Nice, já em 2016; concorrência de outras regiões turísticas mais económicas, sobretudo quando o turismo se difunde pelas classes médias das regiões emissoras. Na continuidade, quando

diminuem os fluxos turísticos, as áreas de maior afluxo e de turistas mais gastadores multiplicam as iniciativas de fidelização, promoção e adequação das ofertas aos diferentes segmentos de mercado de que dependem largamente, os novos-ricos das economias emergentes mais dinâmicas, de que nos ocupámos neste estudo.

As descidas dos preços do petróleo reduziram e fragilizaram economicamente as clientelas oriundas dos países árabes do Próximo Oriente, no Mediterrâneo ocidental, em Paris, Londres ou nos Alpes. A valorização do dólar e a descida do euro favoreceram inversamente os fluxos estivais de turistas do Golfo, em busca de frescura, nas cidades, na montanha, à beira-mar, e em lugares de liberdade e diversão, tidos como seguros e culturalmente abertos e acolhedores: cerca de metade dos turistas sauditas preferem a Europa para passar as férias de verão (RU, nomeadamente Londres, onde residem muitos árabes, França, Alemança, Suiça, Áustria). Gente que, como turistas, se destaca pelos quotidianos pretensiosos e os consumos ostentatórios, a par de hábitos próprios, que desagradavam as populações e os hoteleiros, levando a restrições quanto à obtenção de visas de entrada: em Salzburg e em destinos suiços, a hotelaria local procurou adaptar-se às exigências e sensibilidades destes turistas, ricos, gastadores, viajando com famílias numerosas e serviçais, que privilegiam suítes, umas ao lado das outras, moradias e apartamentos, com hábitos alimentares próprios, em particular durante o Ramadão, práticas religiosas regulares e múltiplas ao longo do dia, e que também discutem habitualmente os preços, desrespeitam as regras ambientais, cozinham nos quartos e nos parques, prestam pouca atenção aos lixos, usam burqas... No presente, com os atentados terroristas e a pressão dos refugiados da Síria e do Iraque, acentua-se uma certa islamofobia e afirmam-se destinos alternativos, desde logo a vizinha Turquia e o Sul da Ásia, menos o Egipto ou a Tunísia, marcados desde 2011 pelas «Primaveras árabes» e a correspondente instabilidade e insegurança. A própria Arábia Saudista, Abu Dabi, o Qatar, o Bahrein e sobretudo o Dubai esforçam-se por diversificar a respectiva base económica, criando e promovendo uma oferta turística relevante e sofisticada, mesmo em contexto de desaceleração económica e de redução dos investimentos.

Encontrar turistas russos no exterior tornara-se comum durante *o boom* económico da primeira década de 2000: enquanto a elite bilionária, mesmo milionária, desfrutava de Londres, Paris ou a Côte d'Azur, a classe média procurava *resorts* mais acessíveis, nomeadamente em Itália e na Espanha. Com a crise financeira mundial de 2008, houve desaceleração do crescimento, redução do PIB (9% em 2009) e das saídas, mas a retoma fez-se sentir em seguida até 2014, com paralelo aumento no número de turistas russos na Europa. A economia da Rússia recuou de novo em 3,7% em 2015, e continuou a regredir em 2016: volatilidade dos preços do petróleo e gás natural nos mercados internacionais, deterioração das relações

com a EU e sanções impostas por esta (prolongadas até Junho de 2017 e com impactos nos dois sentidos), forte desvalorização do rublo (o seu valor face ao dólar norte-americano, registou perdas de 44% em 2014 e de 20% em 2015), inflação e degradação do poder económico da nova classe média. A crise na Ucrânia e as dificuldades económicas tiveram expressão nos fluxos de turistas da CEI que anualmente procuravam os destinos da Europa Ocidental e que se haviam avolumado progressivamente desde os anos 90 do passado século, com algumas desacelerações pontuais. Com as novas dificuldades internas e as crises económicas globais desapareceram muitos operadores, muitas agências, muitas ofertas, muitos potenciais clientes, nomeadamente da classe média que começava a viajar além-fronteiras e se vê empobrecida: em 2015, as viagens de russos ao exterior diminuíram cerca de 34%, a maior queda dos últimos 20 anos (segundo a União da Indústria de Viagens da Rússia); no inverno, o número de turistas russos na estância de esqui de Sölden (Áustria) caiu 20%, e em Courchevel, 20 a 30%; reduções da mesma ordem verificaram-se na região de Paris, no sul de França, Alemanha, Espanha, mesmo nas vizinhas Grécia e Bulgária, e prosseguiram por 2016. Inversamente, afirmou-se o turismo interno, nomeadamente na Crimeia, em Sochi, mesmo em Vladivostok. Acresce que os russos que ainda viajam para a Europa gastam bastante menos (em 2014, para a Global Blue, os seus gastos caíram 17%; em Janeiro de 2015 a queda fora de 51%), o que tem fortes impactos nos balanços dos Palaces e das lojas de marcas de luxo habitualmente frequentadas.

Em 2016 houve recuperação de parte do declínio económico, com um ganho de 14%, redução da inflação (4% em 2017?) e esforços de diversificação da estrutura da economia, suportada durante décadas pelo sector energético (23% em 1996-1999, 50% em 2011-2014, 33% em 2015, segundo a Morgan Stanley, citada pela Bloomberg), com eleição de novas actividades como motores de crescimento (agricultura, indústria agro-alimentar, produtos químicos e farmacêuticos, tecnologias da informação, turismo doméstico), a par da reorientação geral para Leste, pela Sibéria e ao encontro da China: a Rússia figura entre os principais países exportadores de petróleo para o mercado asiático; são também cada vez mais os turistas russos a visitarem a China e os turistas chineses na Praça Vermelha (Moscovo), aproveitando a desvalorização do rublo e um acesso mais fácil aos vistos. Persiste o afastamento de parte significativa das suas elites económicas dos destinos de eleição da Europa ocidental, agravado com o crescente sentimento de insegurança alimentado pela multiplicação de actos terroristas, sobretudo em França (Paris, Nice), e na continuidade, muitos impactos económicos negativos nas regiões que vinham sendo bastante procuradas pelas novas burguesias turísticas russas, o que não significa que tenham desaparecido, mesmo em lugares de menor presença habitual, como Lisboa ou San Sebastian. Relembre-se, a propósito, que

em 2014 a Comuna de Bérgamo publicara um conjunto de acções de bom acolhimento do turismo russo, de lazer ou de negócios (investimentos empresariais).

No caso da China, depois de um período de forte crescimento, a economia desacelera. Até 2010 e durante três décadas, o PIB cresceu em média 10% ao ano: 2007, 13%; 2010, 10,4%; 2012, 9,3%; 2014, 7,4%; 2015, 6,8% e 2016, 6,3% (previsão do Fundo Monetário Internacional). Rápido crescimento económico, baseado em níveis de investimento muito altos, de quase metade do PIB (sobretudo com empréstimos de bancos estatais), importações, nomeadamente da Europa (automóveis, produtos de luxo), além dos países produtores de petróleo e de matérias-primas (efeitos nos preços das mesmas), produções para exportação, afectadas pela crise 2008-09, em detrimento do consumo das famílias; igualmente, alguns projectos antieconómicos, como no sector da construção, crescimento rápido da dívida das empresas, redução dos empréstimos estatais, crédito «paralelo», instabilidade financeira, desvalorização do yuan, redução das taxas de juro, empobrecimento de accionistas; e na continuidade, desaceleração do crescimento económico, redução das importações, criação de zonas de comércio livre (Xangai) e promoção do consumo interno (no caminho da sustentabilidade). Entretanto, emergência de uma oligarquia milionária e de uma volumosa classe média motivada por viagens de longo curso para a Europa (a par dos EUA). Para 2015, previa-se que entre 100 e 130 milhões de chineses passariam férias no estrangeiro (2010, 54 milhões), na Ásia e no Velho Continente: chineses entre os 30 e os 45 anos, provenientes das grandes cidades e habituados a níveis de vida elevados (licenciados, rendimento anual entre 24 e 50 mil euros, casa e carro próprios); circuitos de descoberta de muitos locais simbólicos, de prestígio, em pouco tempo, sobretudo cidades famosas pela arte, cultura, história e compras, como Paris e Londres, também de paisagens, como as da Provença ou as alpinas; serviços personalizados e ajustados, dos aeroportos às ementas, passando por motoristas, mordomos, guias privados, itinerários individualizados (viagens temáticas, em particular nas principais regiões vitivinícolas, históricas e/ou de natureza), com tempo para compras (joalharia, alta-costura, também vinhos de renome), prática de golfe e passagem por casinos, condicionados na China. Itália, França, Alemanha, Suíça, os mais ricos também Londres, e ainda a Espanha, Portugal e a Grécia.

No início de 2015, a Rolands Berger Consultants sublinhava que o crescimento económico na China permitiu uma melhoria dramática e rápida em termos de rendimento disponível das famílias, reflectindo-se no orçamento reservado ao turismo; nos próximos anos, 85% da classe média alta e afluente planearia fazer pelo menos uma viagem ao estrangeiro. Distinguiam-se 2 grupos, com motivações, comportamentos e características diferentes: turistas sem experiência prévia (cerca de 85%), que optam por circuitos na Europa, visitando o maior número de

países num curto período de tempo; turistas viajados (15%), que valorizam experiências mais profundas, mesmo viagens temáticas e/ou «à medida», nomeadamente na Europa ocidental. Entretanto, o Governo da China criou a certificação «Welcome Chinese», com um conjunto de regras de bom acolhimento dos turistas chineses por parte dos hotéis, restaurantes, museus ou lojas, tendo em conta as diferenças culturais, e que começam a ser adoptadas: cartão Visa Chinês, canal de TV, jornais e *website* em mandarim, pequeno-almoço chinês, ou ainda chaleiras para o chá nos quartos; pessoal falhando mandarim, nos estabelecimentos comerciais...Inversamente, ainda em 2013, preocupado com a imagem do país que os turistas chineses levam para o exterior, promoveu campanhas educativas na televisão, seguidas pela criação de uma espécie de lista negra dos viajantes «não civilizados», nomeadamente não respeitadores do património e dos costumes dos destinos visitados. Mais recentemente, fez publicar um novo código de conduta dos passageiros de avião, estabelecendo multas para quem não desligar o celular, gritar, fumar a bordo, invadir as cadeiras da Executiva ou da primeira classe, enfrentar comissários...

Em 2016, o turismo emissor chinês elevar-se-á a 120 milhões, alguns para a Europa (a ONU prevê que 100 milhões de chineses farão turismo em destinos europeus em 2020), em função das ligações aéreas directas, adequação da oferta e segurança, com os inerentes impactos económicos (gastos médios muitos elevados em compras tax free), compensando nomeadamente o afastamento e a redução das compras por parte dos turistas russos (vestuário e moda, relojoaria e joalharia). Paralelamente, muitos chineses adquirem empresas, designadamente na Alemanha, França, Reino Unido, Suiça, pela rendibilidade financeira, acesso a *know-how* e posicionamento estratégico, enquanto outros privilegiam castelos, palácios, quintas vinhateiras, cadeias hoteleiras de prestígio, *resorts* e campos de golfe, que também motivam presenças, mesmo a fixação da residência da família, sobretudo se na proximidade de universidades e centros de investigação de prestígio mundial. Por um lado turismo de lazer, cultural e de compras, por outro turismo de negócios e turismo residencial, com muito significado por toda a Europa Ocidental, vertente que as políticas nacionais dos «vistos gold» têm procurado captar.

No que respeita à India, saliente-se que, em 2015, a economia cresceu 7,5% e as previsões do FMI apontam o mesmo valor médio para 2016-17: ao contrário do mercado chinês, não se registará desaceleração do crescimento económico (7% para o período 2014-2019) nem problemas financeiros, que perturbem os fluxos de saída de turistas (4, 6% para o período 2016-2019); e igualmente ao contrário do mercado russo, em que as projecções apontam para a estagnação dos afluxos turísticos à Europa (0,9% para o período 2014-2019). O país conta 1.3 biliões de

habitantes, logo a seguir à China, uma população relativamente jovem e que envelhece lentamente, e regista aumento do rendimento das famílias, sobretudo da classe média (indústrias tecnológicas), que deseja viajar. É elevado o peso da UE no seu comércio externo (bens e serviços; 20%), com décadas de crescimento (França, Alemanha e UK) e o UK é o principal destino europeu para os estudantes indianos e conta muitos trabalhadores emigrantes residentes, no prolongamento de intensas relações históricas e coloniais e das novas relações empresarias (quadros técnicos altamente especializados; Jaguar Land Rover adquirida em 2008 por Tata Group; 375 mil chegadas em 2013).

A Europa vem sendo muito procurada pelos turistas indianos, sobretudo desde 2004 (facilidades de Vistos de entrada; espaço Schengen; zona euro e taxas de câmbio favoráveis; proximidade relativa, face à concorrência dos EUA), e regista acentuado aumento das entradas (2 milhões em 2014, representando cerca de 14%), sobretudo desde 2009. No conjunto, 44% em viagens de negócios e 40% de férias (circuitos), a par de visitas a familiares e amigos (estadas mais longas), principalmente para o RU, mas também para a França, Alemanha, a Suíça e a Áustria, pelo ambiente natural, a Itália, pelo património e a cultura, bem como a República Checa, bem menos para a Europa Central e Oriental (largamente frequentadas pelos turistas russos algo vizinhos, como no passado): cidades como Paris, Londres, Amesterdão, Praga, Viena, Innsbruck, Budapeste, Roma ou Veneza, Barcelona, Madrid e ainda Saint-Petersburgo; imagens dos destinos, nomeadamente influenciadas pelo cinema (Bollywood e a atracção dos Alpes, da Riviera Francesa e de Itália); «sítios», destinos de praia e de compras (lembranças, mas não bens de luxo, ao contrário das elites turísticas russas e chinesas); facilidades das ligações aéreas, tal como entre os turistas chineses que procuram a Europa... Segundo a UNWTO, em 2020, contar-se-ão 50 milhões de turistas indianos viajando para o estrangeiro, 2/3 para a Ásia e o Médio Oriente e 1/5 para a Europa.

Referências bibliográficas

Albin, Michel (2004), *Que veulent donc les Bretons?*. Genève, Editions des Syrtes.

Aledo Tur, Antonio (2005), «Los otros immigrantes: residents europeos en el sudeste español», in Fernández-Rufete, José y Modesto Jiménez (eds), *Movimientos Migratorios Contemporáneos*. Murcia: Fundación Universitaria San Antonio, 161-80.

Alouche, Richard (1970), *Evolution d'un centre de villégiature, au Liban (Broummana)*. Beirute, Dar el-Machreq.

Amic, Charles (2011), «Présence et influence anglaises à Hyères, station d´hivernants, des années 1760 à l´entre-deux guerres mondiales». Nice: *Recherches Régionales, Alpes Maritimes et Contrées limitrophes*, 197: 18-25 (colóquio 250 ans de présence britannique sur la Riviera). www.departement06.fr/documents/Import/decouvrir-les-am/recherchesregionales197-03.pdf

Andreeva-Jourdain, Ekaterina (2012), «Les pratiques touristiques des Russes en France. Analyse comparée du XIXe siècle à nos jours». Angers: *ESO, Travaux & Documents*, 33: 25-28.

Aron, Raymond (1970), «Avez-vous lu Veblen?», *Introduction à Thorstein Veblen. Théorie de la classe de loisir* (1899), Gallimard, p. XIII.

Arrigo-Schwartz, Martine (2002), «Regards littéraires sur la colonie russe de Nice à la Belle Époque». Nice: *Recherches Régionales, Alpes Maritimes et Contrées limitrophes* 162. www.departement06.fr/documents/Import/decouvrir-les-am/rr162-colonierusse.pdf.

Arrigo-Schwartz, Martine (2007), «Regards croisés sur une villégiature Belle Époque à Nice. Des romans décadents aux images «champagne». Nice. Les crises dans l'histoire des Alpes-Maritimes, *Cahiers de la Méditerranée*, 74: 97-114. URL. http://cdlm.revues.org/2423.

Arrigo-Schwartz, Martine (2008), *Ame slave au pays bleu*. Nice, Serre Éditeur.

Atout France (2013). *Analyse du potentiel touristique des classes moyennes russes et ukrainiennes*. Paris: Éditions Atout France.

Aubry, Bruno (2005), *Parrains de la Côte: 100 ans de caïdat en Provence*. Marselha, L'Écailler du Sud.

Aubry, Bruno (2010), *Les milliardaires de la Côte. Vie et mœurs des super-riches de Monaco à Saint-Tropez*. Paris, Ed. L´Archipel.

Aubry, Bruno e alii (2008), *Guide des faits divers de la Provence*. Paris, Le Cherche Midi.

Augier, P. (1981), *Quand les grands ducs valsaient à Nice*. Paris, Fayard.

Bachemont, Andrée (2012), «Hôtels et palaces de Cannes à la Belle Epoque», *Colloque Tradition et grandeur de l´hôtellerie de luxe sur la Côte d´Azur* www.departement06.fr/documents/Import/decouvrir-les-am/recherchesregionales203_10.pdf.

Banik, Arindan e Fernando Padovan (2014), «India em transformação: o novo crescimento económico e as perspectivas pós-crise». UFParaná: *Rev. Sociologia Política*, 22-50: 67-93.

Barbaza, Ivette (1966), *Le paysage humain de la Costa Brava*. Paris, Armand Colin.

Barth (docteur) (1841), *Notice topographique et médicale sur la ville d'Hyères*, Paris, éditions Béchet Jeune et Labé.

Belle, Else (2014), «Aix-les-Bains, carrefour de villégiatures: thermalisme, climatisme, sports d'hiver et bords de lac». In *Situ. Revue des patrimoines*, 24. URL: http://insitu.revues.org/11132; DOI: 10.4000/insitu.11132.

Ben Jeddou, Mohamed e Claudine Dauphin (2012), Nosologie et Paysage: l'émergence d'une Ville des Tuberculeux (1874-1946) dans la Vallée sylvestre de Davos dans les Alpes grisonnes», SIG 2012, *Conférence Francophone*, Versailles, ESRI France 2014.

Bennett, James Henry (1861), *Winter and Spring on the Shores of the Mediterranean, ou Mentone and the Riviera as a winter climate* (2016), Reink Books.

Benoist, Lindsay (2013), «Tradition et transformation de l´hôtellerie de luxe a Saint-Raphael», Nice: *Recherches Régionales, Alpes Maritimes et Contrées limitrophes* 203. www.departement06.fr/documents/Import/decouvrir-les-am/recherchesregionales203_09.pdf

Blanche, Bianchi (1964), *La saison d'hiver à Cannes de 1870 à 1914*. Cannes: Meyerbeer.

Boigne, Condessa de (1806), *Mémoires de la Comtesse de Boigne, née d´Osmond (Récits/Mémoires d´une tante)*. Paris, Plon (1907) (ou Paris, Mercure de France, 1999, vol. I).

Bonilla, Juan (2007), *La Costa del Sol en la hora Pop*. Sevilha: Fundacíon Jose Manuel Lara.

Bourdeau Philippe (2006) (dir.), *La montagne, terrain de jeu et d'enjeux. Débats pour l'avenir de l'alpinisme et des sports de nature*. L'Argentière-La Bessée: Editions du Fournel.

Bourdeau Philippe (2007) (dir.), *Les sports d'hiver en mutation. Crise ou révolution géoculturelle?* Paris: Editions Hermès-Lavoisier.

Bourdeau, Philippe (2007a), *Les sports d'hiver et le tourisme de montagne en question(s)*. Grenoble: Institut de Géographie Alpine, Territoires-PACTE.

Bourdeau, Philippe (2009), *La Décroissance pour repenser le tourisme*. Université de Grenoble, UMR PACTE CNRS, L´Autre Voie, nº 5 (em colaboração com Libéra Berthelot). www.deroutes.com/AV5/bourdeaulib5.htm.

Boyer, Marc (1999), *Le tourisme en l'an 2000*. Presses Universitaires Lyon, Editions Jean-Paul Gisserot.

Boyer, Marc (2002), *L'invention de la Côte d'Azur. L'hiver dans le midi*. La Tour-d'Aigues (França): Editions de l'Aube.

Boyer, Marc (2005), «Les hivernants sur la Côte d´Azur à la Belle Epoque». Nice: *Recherches Régionales, Alpes-Maritimes et Contrées limitrophes*, 46: 65-71. www.departement06.fr/documents/Import/decouvrir-les-am/rr179-russe.pdf

Boyer, Marc (2005), *Histoire générale du tourisme du XVIe au XXIe siècle*. Paris: Editions L'Harmattan.

Boyer, Marc (2010), *L´hiver dans le Midi (XVIIe-XXIe siècles)*. Paris: Ed. L´Harmattan.

Boyer, Marc (2011), «La grande saison d'hiver dans le Midi fin XVIIIe début XXe. Menton, le séjour le plus parfait». Nice: *Recherches Régionales, Nice/Alpes-Maritimes et Contrées limitrophes*, 200: 9-13.

Boyer, Marc (2011), «Les hivernants (surtout britanniques) sur la Riviera». Nice: *Recherches Régionales, Alpes-Maritimes et Contrées limitrophes*, 197. www.departement06.fr/documents/Import/decouvrir-les-am/recherchesregionales197-10.pdf.

Boyer, Marc (2011), «Menton, le séjour le plus parfait». Nice: *Recherches Régionales, Alpes Maritimes et Contrées limitrophes*, 200: 9-13.

Bresson, Jean (1981), *La fabuleuse histoire de Cannes*. Paris: Editions du Rocher.

Buccianti, L. (1975), *Tourisme et villégiature dans la montagne libanaise: deux exemples précis: Bhamdoun-Gare et Bhamdoun*. Mémoire en Géographie, Université Libanaise.

Buccianti-Barakat, Liliane (2006), «Tourisme et développement au Liban: un dynamisme à deux vitesses». Universidade de Québec em Montréal, *Téoros, Revue de Recherche en Tourisme*, 25-2: 32-39. URL: http://teoros.revues.org/1459.

Bui, Doan (2011), «Marrakech, la lumineuse». Paris: *Le Nouvel Observateur*, 21 Julho.

Cameron, Roderick (1975), *Golden Riviera*. Littlehampton Book Services Ltd., Worthing (RU).

Campos, Bruno de (2015), «Índia: de colónia britânica ao desenvolvimento económico nacional», *XI Congresso Brasileiro de História Económica e 12ª Conferência Internacional de História de Empresas*, Universidade Federal de Santa Catarina, www.researchgate.net/publication/280570774.

Casado-Díaz, M. Á., Kaiser, C. e Warnes, A.M. (2004), «Northern European retired residents in nine southern European areas: characteristics, motivations and adjustment». Brunel University|Uxbridge|Middlesex, *Ageing and Society*, 24: 353-381.

Catálogo Penthes (2014-2015), *La Suisse par les Russes. Regards artistiques et historiques 1814-2014*. Ed. Werner Jeker-Atelier du Nord, Domaine de découvertes, musée des Suisses dans le Monde.

Cavaco, C. (1983), *A Costa do Estoril. Esboço geográfico*. Lisboa: Editorial Progresso Social e Democracia, SARL, colecção Ciência e Técnica, 6.

Cavaco, Carminda (1999), «Turismo rural e turismo de habitação em Portugal». Lisboa, CEG, EPRU: *Desenvolvimento Rural. Desafio e Utopia*, 50: 293-312.

Cavaco, Carminda (2003), «Permanências e mudanças nas práticas e nos espaços turísticos». Coimbra: *TERN. Turismo em Espaços Rurais e Naturais*, Ed. IPC, 25-38.

Cavaco, Carminda (2006), «Práticas e lugares de turismo». Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, *Desenvolvimento e Território: espaços rurais pós-agrícolas e novos lugares do turismo e lazer*, 299-362.

Cavaco, Carminda (2010), «Do turismo às viagens..., das massas aos nichos». Faro, *Revista da Universidade do Algarve*, 2-4.

Cervera, Suzanne (2003), «La Villégiature dans le Haut Pays des Alpes-Maritimes entre 1880 et 1939». AMONT, Association Montagne et Patrimoine: *Pays Vésubien*, 4: 3-27.

Chichkine, Mikhail (2005), *Dans les pas de Byron et de Tolstoï: du lac Léman à l´Oberland bernois* (tradução de Colette Kowalski). Paris: Les Éditions Noir sur Blanc, Ess Docs Recits.

Chichkine, Mikhail (2007), *La Suisse russe*. Paris, Fayard.

Clarke (docteur) (1846), *The sanative influence of climate*. Londres, Murray.

Clary, Daniel (1974), *Tourisme et villégiature sur la côte normande*. Caen, thèse d'Etat.

Clerc-Huybrechts, Valérie (2008), *Les quartiers irréguliers de Beyrouth. Une histoire des enjeux fonciers et urbanistiques dans la banlieue Sud*. Beirute: Presses de l´Ifpo, Institut Français du Moyen-Orient.

Comune di Bergamo 13 (s/d), *Bergamo città accogliente: il turista russo*. ENIT e Ministério da Cultura e do Turismo.

Corbin, Alain (dir.) (1995), *L'Avènement des loisirs: 1850-1960*. Paris, Aubier.

Craven, Lady (1814), *Travels in France. Letters from the Right Honorable Lady Craven: To His Serene Highness the Margrave of Anspach, during her travels through France, Germany and Russia em 1785 e 1786*. A.J. Valpy.

Cremnitzer, J.-B. (2005), *Architecture et Santé. Le temps du sanatorium en France et en Europe*. Paris, Picard (Collection architectures contemporaines dirigée par Gérard Monnier).

Dagher, D. (1996), «Un tourisme à sauver». Beirute: *Le Commerce du Levant* 5388: 23-24.

Danielson, Arnold G. (2012), *A Traveler´s History of Cote d´Azur*. Boston, SDP Publishing Solutions LLC.

Dauphin, C. e M. Ben Jeddou (2007-2012), «De colonie Walser (XIIIe siècle) à Ville des Tuberculeux (1874-1946), l'anthropisation de la Vallée sylvestre de Davos dans les Alpes grisonnes: archives, prospections et constitution d'un Système d'Information géographique», Projet Davos.

Davie, M. F. (1993), «L'infrastructure hôtelière au Liban. État des lieux et inadaptation du parc dans un Moyen-Orient en paix». Beirute: *Annales de Géographie (Beirute)* 14: 129-153.

Davie, M. F. (1994), «Guerres, idéologies et territoires: l'urbanisation récente de la côte libanaise entre Jbayl et Saïda». Paris: *Annales de Géographie*, 575: 57-73.

Davie, M.F. (1997), «Beyrouth-Est et Beyrouth-Ouest»: territoires confessionnels ou espace de guerre?». Beirute: Beyrouth Regards croisés, Urbama, Urbanisation du Monde Arabe (Tours), Coll. Ville du Monde Arabe, 2: 17- 49.

Dehoorne, Olivier, Pascal Saffache e Corina Tatar (2008), *Le tourisme international dans le monde: logiques des flux et confins de la touristicité*. Schoelcher (Martinique): Université des Antilles et de la Guyanne, Études caribéennes 9-10, URL: http://etudescaribeennes.revues.org/882; DOI: 10.4000/etudescaribeennes.882

Del Rosso, L. (2003), *Cap-d´Ail (Alpes Maritimes)*. L´Inventaire. Paris: Association pour le patrimoine en Provence, coll. Images du patrimoine.

Delanoë, Igor (2012), «Présence et implantation des Russes à Villefranche et Nice à travers les médias francophones niçois (1856-1893)». Nice: *Cahiers de la Méditerranée*, 85: 93-102. URLhttp://cdlm.revues.org/6693.

Denis, Alphonse (1841), *Promenades pittoresques à Hyères ou Notice historique et statistique sur cette ville, ses environs et les îles*. A Toulon & à Paris et à Brest, Bellue.

Denis, Alphonse e R. Chassinat (1882), *Hyères ancien et moderne*, 4ᵉ edição, aumentada e revista, Hyères, H. Souchon, 1882, 672-XII p. Reedições: Marseille, Laffite 1975 e 1995.

Denis, Amaranthe Alphonse Dugommier (1853), *Promenades pittoresques à Hyères, ou Notices historiques et statistiques sur cette ville, ses environs et les îles* (terceira edição, bastante aumentada). Londres: British Library, Historical Print Editions.

Depaulis, Jean-Jacques (2009), *Novaritchs: les nouveaux princes de la Côte*. Paris: Editions du Moment.

Dermy, Eléonore (1999), «Du boulevard Tsarévitch au cimetière de Caucade». Paris. Regard sur l´Est, dossier Migrations, émigration, immigration.

Desai, Padma e Bhagwati, Jagdish (1975), «Socialism and Indian Economic Policy». Amesterdão: Elsevier Ltd (Elsevier Science Publisher B.V.), *World Development* 3-4: 213-221.

Desert, Gabriel (1983), *La Vie quotidienne sur les plages normandes du Second Empire aux années folles*. Paris: Hachette.

Desponds, L. (1993), *Leysin: histoire et reconversion d'une ville à la montagne*. Yens-sur Morges: Editions Cabédita, Collection Sites et Villages.

Dewailly, B. (2002), «L'espace public vu par le prisme du pouvoir: quelques éléments de réflexion à partir d'un cas tripolitain», in David, J.C. (dir.), *Les espaces publics dans le Monde Arabe*. Lyon: Géocarrefour, 77-3: 297-305.

Dewailly, Bruno et Jean-Marc Ovazza (2004), «Le tourisme au Liban: quand l'action ne fait plus système», in Berriane M. (dir.), *Tourisme des nationaux, tourisme des étrangers: quelles articulations en Méditerranée?*, Florence: Institut Universitaire Européen de Florence.

Di Meo, G. (1998), *Géographie sociale et Territoires*. Paris: Éd. Nathan, Coll. Université.

Diputación de Barcelona y SERHS Tourism (2013), *Estudio de Mercados Clave: hábitos y percepciones del turista ruso en Cataluña*, realizado por GAPS, empresa especializada en opiniones, actitudes y comportamentos, www.gaps.cat.

Dolženko, G.P. (1988), *Histoire du tourisme dans la Russie pré-révolutionnaire et en URSS*. Rostov sur le Don: Éditions de l'Université de Rostov.

Donadey, Audrey (1998), *La présence russe à Nice de 1770 à nos jours*. Aix-en-Provence (Mémoire de maîtrise).

Dos Passos, John (1993), *La belle vie*. Paris: Gallimard, Collection L'Étrangère.

Downes, J. (1936), «How Tuberculosis Spreads in a Rural Community». American Public Health Association (United States): *American Journal of Public Health*, 26: 30-36.

Duckstein, Simone (2008), *Hotel de La Ponche. Un autre regard sur Saint-Tropez*. Paris: Ed. Le Cherche Midi.

Duplouy, Joseph (1860), *Nice, la Caisse d'Epargne, les banques*. Bruxelas: Editions Pro Civitate.

El Khoury, E. (1999), Évolution des complexes touristiques balnéaires et de montagne au Mont Liban. Université François Rabelais de Tours – Université libanaise, tese de Terceiro Ciclo.

ENIT e Ministério da Cultura e do Turismo (2013), *Bergamo città accogliente: il turista russo*. Comune di Bergamo 13; informação.

Equipe des Historiens cannois (1964), *Des précisions sur l'histoire du tourisme cannois. Documents, Textes et Mémoires. Pour servir à l'histoire de Cannes et de sa région*. Nice. Imprimerie Meyerbeer.

Équipe MIT (2002), *Tourismes 1. Lieux communs*. Paris: Belin, coll. Mappemonde.

Euromonitor International (2014), *L´Italia fra asset strategici e criticità strutturali. Tendenze del Turismo e l´opportunità BRIC*, Roma.

Fayad, M. (1996), «L'autre visage de la culture libanaise après la guerre civile». Paris: Le Liban Second, Babel, Maison des cultures du Monde, Internationale de l'imaginaire, 6: 53-64.

Fazio, Hugo (1992), *La Unión Soviética: de la Perestroika a la desintegración*. Bogotá, Ediciones Uniandes y ECOE.

Fédorovski, Vladimir (2004), *Diaghilev et Monaco*. Mónaco: Editions du Rocher.

Fellon, P. N. (1834), *Hyères en Provence ou Guide des Voyageurs*. Marseille: Typographie de Freissat Aine et Demonchy.

Fraser, R. (1973), *The Pueblo. A Mountain Village on the Costa del Sol*. London: Allen Lane.

Freyssac, Marie (2013), *Ma vie chez les milliardaires russes*. Paris: Ed. Stock (Hachette).

Fricero, Emmanuel (1958), *Nicolas Alexandrovitch: le grand-duc héritier de Russie*. Nice: Imprimerie Meyerbeer.

Galan, Robert (2010), *La grande histoire de l'aviation en 501 petites histoires*. Toulouse: éditions Privat.

Gargia, Massimo (2001), *Extravagances. Les folies de la jet-set*. Neuilly-sur-Seine: Éditions Michel Lafon.

Gatier, Pierre-Antoine, Svetchine, Luc e Obolensky, Alexis (2010), *Les églises russes de Nice*. Arles: Éditions Honoré Clair.

General Office of the State Council (2013), *Nouvelle stratégie décisive du tourisme en Chine. Lignes directrices pour le tourisme et les loisirs nationaux (2013-2020)*. http://cf.cdn.unwto.org/sites/all/files/pdf/the_outline_for_national_tourism_and_leisure_2013-2020.pdf.

Gerbaldo, Paolo (2009), *Dal Grand Tour al Grand Hôtel. Ospitalità, lusso e distinzione sociale nel turismo moderno*. Perugia: Morlacchi Editore.

Germiniasi, Marzia (2014), *Bergamo città accogliente: il turista russo*. Università degli Studi di Bergamo, colab. Maria Chiara Pesenti.

Gigase, Marc (2006), «Navigation à vapeur et essor touristique au XIXe siècle dans l´arc lémanique». Société vaudoise d'histoire et d'archéologie (SVHA): *Revue historique vaudoise*, 114: 149-161.

Giroir, Guillaume (2012), Le luxe en Chine. Paris: Editions ESKA, *Monde chinois*, 29-1.

Glasze G. (2000), Les complexes résidentiels fermés au Liban. Beirute: Observatoire de Recherche sur Beyrouth et la Reconstruction, *Lettre d'information* 13: 6-11.

Glasze G. (2003), «L'essor global des complexes résidentiels gardés». Paris: Association des Etudes Foncières, *Revue Études Foncières*, 101: 8-13.

Glasze, G. (2000), *Les centres résidentiels fermés au Liban*. Beirute: Lettre de l'OBR; CERMOC.

Gonnet, Paul (1970), La vie mondaine à Nice de 1860 à 1881 (Cercles et salons). Nice: *Cahiers de la Méditerranée*, 1-1: 108-112.

Gopelan, Sasidaran (2013), *Mapping India-UE tourism flows*. Bangalore: Indian Institute of Management.

Gorzala, Dominique (2011), «L´epopée des Casinos de Menton de 1848 à 1934». Nice: *Recherches Regionales. Alpes Maritimes et Contrées Limitrophes*, 200, 45-47. www.departement06.fr/documents/Import/decouvrir-les-am/recherchesregionales200_08.pdf

Guéron, Léone (1966), «Le tourisme à Menton». Aix-en-Provence: Méditerranée, *Revue géographique des pays méditerranéens*, 7-1: 51-64.

Guimarães, Alexandre Queiroz (2012), «A Economia Política do Modelo Económico Chinês: o Estado, o mercado e os principais desafios». Curitiba: Universidade Federal do Paraná, *Revista de Sociologia e Política*, 20-44: 103-120.

Huete Nieves, Raquel (2008), «Tendencias del turismo residencial: el caso del Mediterráneo Español». México: Universidad Autónoma del Estado de México (UAEM), El periplo sustentable, 14: 65-87.

Huete, Raquel e Alejandro Mantecón (2011), «Más allá del turismo: mobilidade residencial europea y nuevos núcleos urbanos». Madrid: *Boletín de la Asociación de Geógrafos Españoles* 56: 111-128.

Huete, Raquel e Alejandro Mantecón (2013), «La migración residencial de noreuropeos en España». Universidad Autónoma del Estado de México (UAEM): Convergencia, *Revista de Ciências Sociales*, 61: 219-245.

Huggard, W.R. (1907), «Introduction», in *Davos as a Health Resort: A Handbook*. Davos Printing Company Ltd: 1-35.

Jacquemin, Odile (1999), *Une ville en images: Hyères-les-Palmiers*. Hyères: Mémoire à lire, territoire à l'écoute.

Jacquemin, Odile (2012), *Deux siècles d'histoire d'un paysage entre terre et mer: Hyères de 1748 à nos jours*. Hyères: Mémoire à lire, territoire à l'écoute (tese de doutoramento em História da Arquitectura, Versailles-Guyancourt, 2006)

Jens, I. e Jens, W. (2006), *Madame Thomas Mann. La Vie de Katharina Pringsheim (1883-1980)*. Paris: Editions Jacqueline Chambon.

Jevakhoff, Alexandre (2013), Les Russes blancs. Paris: Éditions Tallandier.

Juillard, Etienne (1957), «La côte des Maures. Son évolution économique et sociale depuis cent ans, étudiée dans la région de Saint Tropez». Grenoble: *Revue de géographie alpine*, 45-2: 289-350.

Karr, Jean-Baptiste Alphonse (1855), *Histoires normandes*. Paris: Librairie Nouvelle.

Karr, Jean-Baptiste Alphonse (1855), *Les Soirées de Sainte-Adresse*. Paris: M. Lévy.

Kaurinkoski, Kira (1999), «Les communautés russe et italienne de l´entre-deux-guerres: similitudes et différences». Nice: *Cahiers de La Méditerranée*, 58-1: 133-155.

Kessel, Joseph (1927), *Nuits de Princes*. Saint-Nazaire: Les Éditions de France.

Khoury E. (1996), «Où est Beyrouth?». Paris: Le Liban Second, Maison des cultures du Monde, Internationale de l'imaginaire 6: 19-26.

King, R., Warnes, A. e Williams, A.M. (2000), *Sunset Lives: british retirement migration to the Mediterranean*. Oxford, Berg.

Korliakov, Andrei (2009), *Le Grand Exode russe: Europe 1917-1939*. Paris, YMCA-PRESS.

Kovshanova, Olga (2007), *The Development of the Russian Luxury Tourism Market in Parisian 4 and 5 Star Hotels. How to increase the occupancy rate of Russians in Paris luxury hotels?*, Paris, tese de mestrado na Escola Internacional de Gestão Hoteleira Maxim.

Krugman, Paul (1997), El mito del milagro asiático, en el internacionalismo moderno. Barcelona: *Crítica*, Grijalbo Mondadori.

La Cerda, Alexandre de (1997), *Histoire et Anecdotes du Casino de Biarritz*. Biarritz, Ed. Casino de Biarritz.

La Cerda, Alexandre de (1998), *Napoléon III, Eugénie et la Chapelle Impériale de Biarritz*. Biarritz, CBR eds.

La Cerda, Alexandre de (1999), *La Tournée des grands-ducs: les Russes sur la Côte Atlantique*. Biarritz, Ed. Atlantica.

La Cerda, Alexandre de (2000), *Nathalie de Serbie, la reine errante*. Biarritz: Ed. Atlântica.

La Cerda, Alexandre de (2008), *Le Pays Basque d'Antan*, Paris, HC Editions.

La Cerda, Alexandre de e Marissal, Claude (aguarelas) (2006). *Bordeaux: Sud-Ouest Editions*, Couleurs de Biarritz.

Laborde, Pierre (1984), *Biarritz, huit siècles d'histoire, 200 ans de vie balnéaire*. Biarritz, Imprimerie Ferrus.

Laborde, Pierre (2004), L'incidence des crises politiques et économiques sur une station touristique internationale: l´exemple de Biarritz. Universidade do Porto/ Faculdade de Letras: *Estudos de homenagem a Luís de Oliveira Ramos*, 613-622.

Laggoune, Amine (2016), « Les Russes de Cannes (1879-1939): d'une communauté d'hivernants à une population de réfugiés ». Nice: *Recherches Régionales, Alpes-Maritimes et Contrées limitrophes*, 210: 55-96.

Lama, Arsenio Villar (2013), "La mercantilización del paisaje litoral del mediterráneo andaluz: el caso paradigmático de la Costa del Sol y los campos de golfe". Universidades de Andalucía: *Revista de Estudios Regionales*, 01: 215-242.

Le Crédit Suisse (2014), *Global Wealth Report 2014*. Le Crédit Suisse,

Leclerc, Stéphane (2008), Tourisme por tous. Quetigny/Paris: *Alternatives Economiques*, 271: 59-61.

Leclerc, Stéphane (2008), Une histoire du tourisme. D'un luxe de riches à un loisir de masse. Quetigny/Paris: *Alternatives Economiques*, 271. www.alternativeseconomiques.fr/page.php?controller=article&action=htmlimpression&id_article=38022&id_parution=735

Lee, Edwin (1841), *Memoranda on France, Italy and Germany with remarks on climates, medical practice, mineral waters*. London: Saunders and Otley, Conduit Street, cap VII: 90-107 (comparação com os climas de Nice e de Génova).

Lee, Édwin (1857), *Notices sur Hyères et Cannes [electronic resource]: suivies d'observations sur l'influence du climat dans la phthisie pulmonaire*, University of Glasgow. Library.

Lèques, P. (1967), *La vie mondaine à Nice de 1860 à 1881*, tese DES, Nice.

Leroy, Béatrice (2005), *Histoire du Pays Basque*. Paris. Editions Jean-Paul Gisserot.

Liégeard, Stéphen (1887), *La Côte d'azur*. Paris: Maison Quantin. Novas edições: La Côte d'Azur, Paris, Ancienne maison Quantin, Librairies-imprimeries réunies, 1894. e La Côte d'Azur, Nice, Éditions Serre, 1988.

Lorrain, Pierre (2012), *La Russie des oligarques*. Paris: Calmann- Lévy.

Lubanski, Aleksander (1865), *Guide aux stations d'hiver du littoral méditerranéen: Hyères, Cannes, Nice, Menton, Monaco*. Lacroix, Verboeckhoven et Cie.

Lüthi, D. (2005), «L'influence du bon air sur l'architecture. Une guérison formelle? Apparition du sanatorium alpin en Suisse, 1880-1914». Grenoble: *La revue de géographie alpine* 1: 43-52.

Mallat, H. (1997), *Le droit de l'urbanisme, de la construction, de l'environnement et de l'eau au Liban*. Beirute: Bruylant, Delta et L.G.D.J.

Mangin, Nathalie (1994), «Les relations franco-allemandes et les bains mondains d'Outre-Rhin». Paris/Armand Colin: *Histoire, économie et société*, 13-4: 649-675. www.persee.fr/doc/hes_0752-5702_1994_num_13_4_1718

Marnier, J. (1850), *Souvenirs de 1832. Mon départ d'Hyères*. Paris: Guiraudet et Jouaust.

Martinelli, Bérangère (2015), *Les relations entre la Russie et la Côte d´Azur*. CMB, Companhie Monesgasque de Banque, 3a ed.

Martínez, Carmelo Pellejero (2009), «Tourism on the Costa del Sol», in : Luciano Segreto, Carles Manere & Manfred Pohl (eds.), *Europe at the Seaside: the economic history of mass tourism in the Mediterranean*. Oxford, Berghaln Books.

Matar, E. M. (1997), *Tourism demand in Lebanon*, tese de mestrado na Universidade Americana de Beirute.

Maurin, Eric (2004), *Le ghetto français. Enquête sur le séparatisme social*. Paris: Le Seuil.

Medici, T.C. (2003), «La tuberculose et l'idéal de l'habitat moderne». Groupe Médecine & Hygiène: *Revue médicale suisse*, 552: 1-8.

Melnixelnik, Alexandre (2003), «Portrait-robot d'un touriste russe à Paris», Association Française de Psychologie Politique: *Les cahiers psychologie politique*. URL: http://lodel.irevues.inist.fr/cahierspsychologiepolitique/index.php?id=1367

Merchak, J. T. (1972), *Le tourisme sur le littoral du Liban-Nord*. Mémoire en Géographie. Université Libanaise.

Michelet, Jules (1861), «La renaissance par la mer» in *La Mer*. Paris: Hachette e Éditions Gallimard (1983): 288-290.

Miller, Q. (1992), *Le sanatorium: architecture d'un isolement sublime*. École polytechnique fédérale de Lausanne, Département d'architecture.

Ministère du Tourisme (1996), *Le Liban, un Avenir: le Tourisme*. Beirute. Plan de Reconstruction et de Développement Touristique du Liban. Dossier de Communication.

Moaward, Marie-Hélène (2007), *Les facteurs explicatifs de la consommation ostentatoire des produits de luxe – Le Cas Du Liban*, tese de doutoramento em Gestão, Universidade Paris XII, Val de Marne (497 p.).

Molina, Sérgio (2003), *O Pós-Turismo*. São Paulo: Editora Aleph.

Montclos, Brigitte de (2009), *Moscou, splendeurs des Romanov*. Mónaco: Grimaldi Forum.

Nienhaus, E. (1907), «The high mountain treatment of phtisis», in *Davos as a Health Resort: A Handbook*, Davos Printing Company Ltd: 83-101.

O'Reilly, K (2007), «Intra-European Migration and the mobility-enclosure dialectic». Londres: *Sociology*, 41(2): 277-293.

O'Reilly, K. (2000), *The British on the Costa del Sol*. Londres: Routledge.

O'Reilly, Karen (2008), «Los efectos desiguales de la globalización de la migración en el contexto de nuevas formas de movilidad», in: M. García y K. Schriewer (eds.), *Ni turistas ni migrantes: movilidad residencial europea en España*. Alguazas (Murcia, Espanha): Ediciones Isabor, 49-70.

O'Reilly, Karen y Michaela Benson (2009), «Lifestyle migration: escaping to the Good Life?», in M. Benson y K. O'Reilly (eds.). *Lifestyle migration. Expectations, Aspirations and Experiences*. Ashgate: 1-13.

Observatoire Valaisan du Tourisme (2013), *Tendances de marché 2013: Russie*. Sierre: Département de la formation et sécurités, département de l´économie, de l´énergie et du territoire.

Ockrent, Christine (2014), *Les oligarques, le système Poutine*. Paris: Laffont.

Paque, Nathalie (2013), Portugal: Nouvel «Eldorado» des retraités français. Actualités. La fiscalité au Portugal, Junho 4

Parra, Julio (2013), *Perestroika. Principales problèmes de la economía sovietica y su incidência en el final de la URSS*, Bogotá. www.rebelion.org/docs/169450.pdf.

Perrin, Thierry Paquot (dir.) (2009), *Ghettos de riches. Tour du monde des enclaves résidentielles sécurisées*. Paris: Éditions Perrin.

Peyron, Martine (2012), *Hyères 1892, séjour de la reine Victoria: saga familiale d'hôtels historiques, de Costebelle, Marseille à Casablanca. Montpellier*: ed. do autor.

Pietri, Marie (2005), «La communauté Russe des Alpes Maritimes entre les deux guerres». Nice: *Recherches Régionales, Côte d'Azur et contrées limitrophes* 179, WWW.DEPARTEMENT06.FR/DOCUMENTS/IMPORT/DECOUVRIR-LES-AM/RR179-RUSSE.PDF.

Pinçon, Michel e Monique Pinçon-Charlot (2007), *Les ghettos du gotha. Comment la bourgeoisie défend ses espaces*. Paris: Seuil (reedição Paris: Points, 2010).

Poivre d'Arvor, Patrick (autor), Weiss, Stéphane (autor), Boëlle,Yvon (fotografia) (2010), *La Bretagne vue par Patrick Poivre d'Arvor*. Paris, Editions Hugo et Compagnie.

Prost-Tournier, Jean-Marc (1974), «Le Liban, premier pays touristique du Moyen-Orient arabe». Lyon: *Revue de géographie de Lyon*, 49-4: 369-376.

Razvozjaeva, Elena (2007), «L'Histoire du tourisme russe en France, 1885-1914». Paris, *Bulletin de L'Institut Pierre Renouvin*, 1-25: 159-175. URL: www.cairn.info/revue-bulletin-de-l-institut-pierre-renouvin1-2007-1-page-159.htm.

Reichler, Claude (2013), *Les Alpes et leurs imagiers. Voyage et histoire du regard*. Lausanne: Presses Polytechniques et Universitaires romandes, col. Le Savoir suisse, eBook (PDF).

Richards, Grant (1928), *The Coast of Pleasure: Chapters Practical, Geographical and Anecdotal on the Social, Open-air and Restaurant Life of the French Riviera*. Nova Iorque: Harper & Brothers.

Rodríguez, V., Fernández-Mayoralas, G. e Rojo, F. (1998), «European Retirees on the Costa del Sol: a Cross-National Comparison». Institute of British Geographers*: International Journal of Population Geography*, 4 (2): 91-111.

Rodríguez, Vicente; Gloria Fernández-Mayoralas, Maria Ángeles Casado Díaz, Andreas Huber (2005), «Una Perspectiva Actual de la Migración Internacional de Jubilados en España», in: Vicente Rodríguez, Maria Ángeles Casado Díaz (eds), *La Migración de Europeos Retirados en España*, Madrid: CSIC, 15-46.

Rousseau, Monique (2008), *Aux quatre coins de Biarritz, ces maisons qui ont une histoire*. Biarritz: Atlantica Eds.

Rousseau-Plotto, Etienne (2001), *Stravinsky a Biarritz (1921-1924): un compositeur russe en exil*. Paris, Séguier.

Ruffieux, Roland e Claude Reichle (1998), *Le voyage en Suisse. Anthologie des voyageurs français et européens de la Renaissance au XXe*. Le Voyage en Suisse, ePub eBook, 2016.

Saussure, Horace-Bénédict de (1779), *Voyages dans les Alpes, précédés d´un essai sur l'histoire naturelle des environs de Genève*. Neuchâtel: Samuel Fauche.

Schibler, W. (1907), «The Davos Peasantry», in *Davos as a Health Resort: A Handbook*. Davos: Davos Printing Company Ltd, 39-45.

Semenov, Maksim (2005), «La Russie, un marché potentiel considérable». Paris: *Revue Espaces, Tourisme & Loisirs*, 223: 22-27.

Semenov, Maksim (2005), «Pour être fidélisés, les touristes russes doivent être mieux accueillis!». Paris: *Revue Espaces, Tourisme & Loisirs* 224: 35-37.

Senn, Alfred Erich e Nancy Hartmann (1968), «Les révolutionnaires russes et l´asile politique en Suisse avant 1917». Paris: Éditions de l'EHESS (Editions de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales), *Cahiers du monde russe et soviétique*, 9 (3): 324-336. www.persee.fr/doc/cmr_0008-0160_1968_num_9_3_1757.

Silverstein, Michael, J. Abheek Singhi, Carol Liao, David Michael (2013), *O Prémio de 10 Triliões de Dólares. Cativando a classe emergente da China e da Índia*. São Paulo (Brasil): DVS Editora.

Spengler, L. e Neumann (s.d), *Sanatorium de la Schatzalp. Davos. Traitement des affections pulmonaires*, Imprimerie de Davos.

Stiglitz, Joseph (1999), «El papel del gobierno en el desarrollo económico». Bogotá: *Cuadernos de economía*, V, XVIII, 30: 347-366.

Stiglitz, Joseph (2003), *El malestar en la globalización*. Bogotá, Ediciones Taurus.

Stiglitz, Joseph E. (2002), *Globalization and Its Discontents/ La Grande désillusion*. Paris: Fayard.

Taylor, Alexandre (1845), *L'influence curative du climat de Pau et des eaux minérales des Pyrénées sur les maladies*. West Strand: John W. Parker.

Tejon, José Luiz, Roberto Panzarani e Victor Megido (2010), *Luxo for all. Como atender aos sonhos e desejos da nova sociedade global*. São Paulo: Editora Gente.

Thuin, Véronique (2001), «La construction de l'Hôtel du Parc Impérial», Centre de la Méditerranée Moderne et Contemporaine (CMMC), Laboratoire de recherche de l›Université de Nice-Sophia Antipolis, *Cahiers de la Méditerranée*, 62: 233-248. URL: http://cdlm.revues.org/66.

Thuin, Véronique (2007), «Construction et grande dépression à Nice dans les années 1880», Centre de la Méditerranée Moderne et Contemporaine (CMMC), Laboratoire de recherche de l'Université de Nice-Sophia Antipolis, *Cahiers de la Méditerranée*, 74: 169-178. URL: http://cdlm.revues.org/2663.

Tucoo-Chala, Pierre (1979), *Pau, ville Anglaise*. Monein: Editions des Regionalismes, Princi Negue (2006).

Vários (2005), Catálogo da exposição «Le paysage en Provence, du classicisme à la modernité: 1750-1920 ». Montréal.

Vários (2012), *Analyse du potentiel touristique des classes moyennes russes et ukrainiennes*. Paris: Éditions Atout France, Agence de développement touristique de la France. Collection Marketing touristique.

Vários (2016), *Les touristes chinois: comment bien les accueillir? Guide pratique à l'usage des professionnels du tourisme français*. Paris: Éditions Atout France, Agence de développement touristique de la France. Collection Marketing touristique.

Veblen, T (1970), *Théorie de la classe de loisir* (trad. fr. de L. Evrad). Paris, Gallimard.

Veblen, Thorstein (1899), *The Theory of the Leisure Class. An Economic Study of Institutions* (tradução em francês: Théorie de la classe de loisir, 2015, PDF).

Veblen, Thorstein (2007), *Théorie de la classe de loisir (1899)*. Paris, Gallimard.

Vermex, Jean-Claude (2009), *Le Léman. Une culture lacustre. Les patrimoines*. Grenoble, Editions Le Dauphiné Libéré.

Vernex, Jean-Claude (1993), «L´invention des lieux touristiques», in Le Globe, *Revue genevoise de géographie*, 133: 15-28.

Vernex, Jean-Claude (1996), *Histoire des bains. Cent ans de baignades dans nos lacs. Léman, Annecy, Bourget*. Genève, Ed. Nicolas Junod.

Viard, Jean (2002), *La France des temps libres et des vacances*. La Tour-d'Aigues: Éditions de l´Aube, Datar (dir. em colaboração com Françoise Potier e Jean-Didier Urbain).

Vichy, Diane de (1767-1768), *Un hiver en Provence. Lettres... à ses enfants* (introdução, índice, anexos e notas de par Jean-Noël Pascal). Saint-Etienne, Centre d'études foréziennes, 1980 (Inventaires et documents, 7).

Volp, Jean-Claude (2011), Tourisme et hôtellerie mentonnais durant les trente glorieuses (1945-1976). Nice: *Recherches Régionales. Alpes-Maritimes et Contrées limitrophes*, 200: 61-64.

Warnes, Tony, Russell King and Allan Williams (2005), «Migraciones a España tras la Jubilación» in Vicente Rodríguez, Maria Ángeles Casado Díaz, Andreas Huber (eds), *La Migración de Europeos Retirados en España*. Madrid: CSIC, 47-68.

Washburn, Dan (2014), *The Forbidden Game: Golf and the Chinese Dream*. Londres, Oneworld Publications (Le jeu interdit: le golf et le rêve chinois).

Williams, A. M. e Hall, C. M. (2002), «Tourism, Migration, Circulation and Mobility: the contingencies of time and place» in Williams, A. M. and Hall, C. M. (eds), *Tourism and migration: new relationships between production and consumption*. Londres: Kluwer Academic Publishers, 1-60.

Wyzewa, Théodore de (1915), «Un chapitre de l'histoire des «atrocités» allemandes. Le départ des baigneurs russes (août 1914). Paris: *Revue des Deux Mondes*, 28: 526-549.

Xiao L. (2004), La consommation et les attitudes ambivalentes des élites chinoises vis-à-vis des produits de luxe occidentaux (Une étude exploratoire). Saint Malo: *Actes du 20ème congrès de l'AFM*, 1-24.

Young, Arthur (1931), *Voyages en France pendant les années 1787, 1788 et 1789* (tradução e crítica de Henri See). Paris: Librairie Armand Colin.

Zoppe, Mariella (2012), «Versilia: Il paesaggio del turismo». Florença: *Ri-Vista ricerche per la progettazione del paesaggio*, 186-193.